

**20**

2020

**Revista  
de História  
da Sociedade  
e da  
Cultura**

CENTRO DE HISTÓRIA  
DA SOCIEDADE E DA CULTURA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA





CENTRO DE HISTÓRIA  
DA SOCIEDADE  
E DA CULTURA

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
UID/HIS/00311/2020



Governo da República  
Portuguesa

#### **Estatuto editorial / Editorial guidelines**

A *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, fundada em 2001, é uma revista de periodicidade anual, cujos artigos são sujeitos a avaliação prévia por parte de uma comissão de arbitragem externa. Publica textos de natureza histórica (desde a Antiguidade à Época Contemporânea), noticiário de atividades científicas e recensões críticas de livros. Aceita artigos de investigadores integrados e de colaboradores do Centro de História da Sociedade e da Cultura, bem como de quaisquer outros historiadores externos à instituição, estimulando especialmente a participação de todos aqueles que, de qualquer modo, mantêm colaboração ou desenvolvem atividades em rede com o referido Centro de investigação.

The *Journal of History of Society and Culture*, founded in 2001, is a peer reviewed scientific publication published once a year. The Journal publishes historical scholarly articles (since the Antiquity until the present), news of scientific activities and book reviews in the field of History. It accepts articles from affiliated members and collaborators of the Center for the History of Society and Culture, as well as from any other historians currently outside the Institution, especially encouraging the participation of those who, in any way cooperate or develop network activities with the above-mentioned research Center.

#### **Director / Director**

Irene Vaquinhas – CHSC da U. Coimbra / irenemcv@fl.uc.pt

#### **Conselho Editorial / Editorial Board**

Ana Maria Jorge [CEHRU, U. Católica Portuguesa (Portugal), secretariado.cehr@fliisboa.ucp.pt]; António Oliveira [CHSC, U. Coimbra (Portugal), 0312925901@netcabo.pt]; Fernando Catroga [CHSC, U. Coimbra (Portugal), fcatroga@hotmail.com]; Fernando de Sousa [CEPESE, U. Porto (Portugal), cepese@cepese.pt]; Irene Vaquinhas [CHSC, U. Coimbra (Portugal), irenemcv@fl.uc.pt]; João Paulo de Oliveira Costa [CHAM, U. Nova de Lisboa (Portugal), cham@fchsh.unl.pt]; Mafalda Soares da Cunha [CIDEHUS, U. Évora (Portugal), cidehus@uevora.pt]; Maria Manuela Tavares Ribeiro [CEIS XX, U. Coimbra (Portugal), ceis20@ciuc.pt]; Maria Alegria Marques [CHSC, U. Coimbra (Portugal), mfmf@fluc.pt]; Maria Helena Coelho [CHSC, U. Coimbra (Portugal), coelhomh@gmail.com]; Maria José Azevedo Santos [CHSC, U. Coimbra (Portugal), mazeveido\_santos@yahoo.com]; Zulmira Santos [U. Porto (Portugal), zcoelho@letras.up.pt].

#### **Avaliadores externos / External referees**

Adeline Rucquo [École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (França), rucquoai@free.fr]; Alice Raviola [U. Turim (Itália), aliravi@yahoo.it]; Ana Isabel Buescu [U. Nova de Lisboa (Portugal), anabuescu@netcabo.pt]; Ana Leonor Pereira [CEIS XX, U. Coimbra (Portugal), aleop@ciuc.pt]; Ângela Barreto Xavier [ICS, Lisboa (Portugal), angela.xavier@ics.ul.pt]; Avelino Freitas Meneses [U. Açores (Portugal), ameneses@ua.pt]; Bernardo Vasconcelos e Sousa [U. Nova de Lisboa (Portugal), bves@fcsh.unl.pt]; Cristina Scheibe Wolff [U. Federal Santa Catarina (Brasil), cristiwolff@gmail.com]; Domingo González López [U. Santiago de Compostela (Espanha), domingoluis.gonzalez@usc.es]; Evergton Sales Souza [U. Federal da Bahia (Brasil), evergton@yahoo.com.br]; Fernanda Rollo [U. Nova de Lisboa (Portugal), fernandarollo@netcabo.pt]; Fernando Bouza Alvarez [U. Complutense, Madrid (Espanha), ortegal@eucmax.sim.ucm.es]; Francisco Contente Dominguez [U. Lisboa (Portugal), fdcominges@mac.com]; Francisco García Fitz [U. Cáceres (Espanha), dirdptohist@unex.es]; Helena Maria Gomes Catarina [U. Coimbra (Portugal), hcatarina@ciuc.pt]; Hermínio Vasconcelos Vilar [U. Évora (Portugal) hmav@uevora.pt]; Inês Amorim [U. Porto (Portugal), inesamorimflup@gmail.com]; Isabel dos Guimaraes Sá [U. Míño (Portugal), isabelsa@ics.uminho.pt]; Isabel Drummond Braga [U. Lisboa (Portugal), isabeldrumondbraga@hotmail.com]; João Paulo Avela Nunes [U. Coimbra (Portugal), j.pavelas@fluc.pt]; João Rui Pita [U. Coimbra (Portugal), jrpta@ciuc.pt]; Jorge Alves [U. Porto (Portugal), jorge.f.alves@sapo.pt]; José Augusto Pizarro [U. Porto (Portugal), pizarro@letras.up.pt]; José M. Amado Mendes [U. Coimbra (Portugal), jamendes@universidade-autonoma.pt]; Laura Mello e Souza [U. São Paulo (Brasil), laurams@usp.br]; Luís Miguel Duarte [U. Porto (Portugal), lduarte@letras.up.pt]; Luís dos Reis Torgal [U. Coimbra (Portugal), lrorgal@netcabo.pt]; Luisa Trindade [U. Coimbra (Portugal), trindade.luisa@gmail.com]; Magda Pinheiro ([ISCTE-IUL, Portugal), magda.pinheiro@iscte.pt]; Manuel Ferreira Rodrigues [U. Aveiro (Portugal), mfr@ua.pt]; Maria Amélia Polónia [U. Porto (Portugal), amelia.polonia@gmail.com]; Maria de Fátima Nunes [U. Évora (Portugal), mfn@uevora.pt]; Maria Helena Santana [U. Coimbra (Portugal), mahesa@netcabo.pt]; Maria João Vaz [ISCTE-IUL (Portugal), maria.vaz@iscte.pt]; Maria José Moutinho Santos [U. Porto (Portugal), mjsantos@letras.up.pt]; Maria Marta Lobo [U. Minho (Portugal), martalobo@ics.uminho.pt]; Maria Rita Robles Monteiro Garnel [UNL (Portugal), rgarnel@netcabo.pt]; Mário Jorge Barroca [U. Porto (Portugal), mbarroca@letras.up.pt]; Nuno Gonçalo Monteiro [ICS, Lisboa (Portugal), Nuno.Monteiro@iscte.pt]; Paula Pinto Costa [U. Porto (Portugal), gfec@letras.up.pt]; Paulo Almeida Fernandes [CEAUCP-CAM (Portugal), paulojorgefernandes@sapo.pt]; Ramon Villares [U. Santiago de Compostela (Espanha), hmravipa@usc.es]; Raquel Henriques [U. Nova de Lisboa (Portugal), raquelhs10@gmail.com]; Rui Bebiano [U. Coimbra (Portugal), ruibebeiano@gmail.com]; Stéphane Boisselier [U. Poitiers (França), stephane.boisselier@univ-poitiers.fr]; Stuart Schwartz [U. Yale (EUA), stuart.schwartz@yale.edu]; Susana Serpa Silva [U. Açores (Portugal), sserpasilva@sapo.pt].

#### **Coordenador científico do volume / Volume editor**

Armando Norte / armandonorte@gmail.com

#### **Coordenação Editorial / Editor Coordinator**

Carla Rosa / gapci@fl.uc.pt

#### **Coordenação Técnica e Administrativa / Technical and Administrative Coordination**

Sónia Nobre [CHSC, U. Coimbra (Portugal)] / sonianobre@uc.pt

#### **Propriedade / Ownership**

Centro de História da Sociedade e da Cultura

#### **Endereços / Address**

Arquivo da Universidade de Coimbra, Rua São Pedro, nº 2, 3000-370 Coimbra, Portugal

**Normas para a submissão de artigos:** <http://chsc.uc.pt/publicacoes/revista-de-historia-da-sociedade-e-da-cultura/normas-de-edicao/>; <http://chsc.uc.pt/en/publications/journal-of-the-history-of-society-and-culture/editorial-norms/> • **Telefone/Phone:** (351) 239859900

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra – IUC

**Design e paginação:** Fig - Indústrias Gráficas, S.A.

**Depósito legal:** 168142/01 • ISSN 1645-2259

#### **Direitos de autor / Copyright ©**

Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

[https://doi.org/10.14195/1645-2259\\_20](https://doi.org/10.14195/1645-2259_20)

20  
2020

Revista  
de História  
da Sociedade  
e da  
Cultura

CENTRO DE HISTÓRIA  
DA SOCIEDADE E DA CULTURA  
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



# Índice

Editorial ..... 9

## Artigos

Como un pollo de golondrina: vejez y masculinidad en la Antigua Roma  
Like a young swallow: old age and masculinity in Ancient Rome ..... 13  
SARA CASAMAYOR MANCISIDOR

Colonización y emigración en *Pax Iulia*  
Colonization and emigration in *Pax Iulia* ..... 29  
JOSÉ ORTIZ CÓRDOBA

A carreira da Índia e o problema da entrada na barra do rio Tejo: perigos à navegação durante os séculos XVI-XVII  
The carreira da Índia and the problem of the access to the Tagus river rill: navigation obstacles during the sixteenth and seventeenth centuries ..... 53  
MARCO OLIVEIRA BORGES

Los puertos asturianos en el siglo Ilustrado: el combate contra una debilidad crónica  
The ports of Asturias in the Age of the Enlightenment: coming to grips with a chronic weakness. ..... 79  
MANUEL-REYES GARCÍA HURTADO

Viúva Mallen e Companhia(s): Mariana Bourgeois, mulher e editora no século XVIII  
Widow Mallen and Company: Mariana Bourgeois, woman editor in the eighteenth century. ..... 103  
JOÃO FARIA-FERREIRA

Los mecanismos de la emblemática en Portugal: el camino al Cielo a través de los azulejos de la Igreja de São Salvador de Coimbra  
The procedures of emblematics in Portugal: the path to Heaven through the glazed tiles of the Church of the Holy Saviour in Coimbra. ..... 115  
CARME LÓPEZ CALDERÓN

Partidos políticos e opinião pública: a luta entre aparelho partidário e caciquismo dentro do Partido Regenerador (1870-1910)	
Political parties and public opinion: the struggle between party apparatus and caciquism in the «Regenerador» Party (1870-1910) .....	149
PATRÍCIA GOMES LUCAS	
Visões do Império: a coleção fotográfica da brigada de estudo e construção do caminho de ferro de Moçâmedes (c. 1907 – c. 1914)	
Visions of the Empire: the photo collection of the survey and construction brigade of the Moçâmedes railway (c. 1907 – c. 1914) .....	171
HUGO SILVEIRA PEREIRA	
As condições de vida do operariado bracarense segundo a imprensa (1910-1926)	
Labourers' living conditions in Braga according to the press (1910-1926) ..	197
DÉBORA VAL ESCADAS	
Refugiados espanhóis em Castro Laboreiro (1936-1939)	
Spanish refugees in Castro Laboreiro (1936-1939) .....	221
FÁBIO ALEXANDRE FARIA e MARIA JOÃO VAZ	
A Arte (Nacional) ao Serviço do Império nas Grandes Exposições do século XX	
Empire and (National) Art in Great Exhibitions of 19th Century .....	243
MARIA JOÃO CASTRO	
“Funcionários independentes, honestos e prestigiados, porque assim o exige uma sã burocracia”. A situação do funcionalismo e a eficiência da Administração Pública em debate (1945-1967)	
“Independent, honest and prestigious Civil Servants as required by a sound bureaucracy”. The conditions of Civil Servants and the efficiency of Public Administration under debate (1945-1967) .....	263
ANA CARINA AZEVEDO	
A geometria que Almada leu. Fontes bibliográficas para a compreensão do vocabulário geométrico tardio de Almada Negreiros	
The geometry that Almada read. Bibliographic sources for understanding the late geometric vocabulary of Almada Negreiros .....	283
SIMÃO PALMEIRIM e PEDRO FREITAS	

Jornais e lutas políticas na Revolução de Abril Newspapers and political battles in the April revolution .....	299
PEDRO MARQUES GOMES	
Caderno Temático História das Universidades .....	321
Introdução .....	323
ARMANDO NORTE	
<i>Modus faciendi librum.</i> Escritores, compiladores, traductores y autores del libro manuscrito en la Baja Edad Media e inicios de la Edad Moderna <i>Modus faciendi librum.</i> Writers, compilers, translators and authors of the manuscript book in the Late Middle Ages and Early Modern Age. ....	327
PABLO ALBERTO MESTRE NAVAS e MARÍA DEL CARMEN ÁLVAREZ MÁRQUEZ	
O Rei, a universidade e o “bom regimento dos regnos”. A normatização moral do oficialato académico nos estatutos universitários manuelinos (c. 1503) The King, the University and “the good governance of the kingdoms”. The moral regulation of the academic officials in the university statutes of king Manuel I (c. 1503).....	347
RUI MIGUEL ROCHA	
“Todos os textos de canones... ”: From the book inventories of the Portuguese <i>studium generale</i> library to the identification of some civil and canon law books “Todos os textos de canones... ”: Dos inventários da livraria do Estudo Geral português à identificação de alguns livros de direito civil e canónico ...	367
ANDRÉ DE OLIVEIRA LEITÃO	
O ensino do Hebraico em Portugal e o seu lugar na <i>humanitas</i> universitária The teaching of Hebrew in Portugal and its place in university <i>humanitas</i> ..	381
SOFIA CARDETAS BEATO	
A Real Mesa Censória e o Colégio Real dos Nobres da Corte: revisão e censura de um projeto civil, literário e educativo The Real Mesa Censória and the Royal College of Nobles of the Court: Review and censorship of a civil, literary and educational project.....	397
ANA CRISTINA ARAÚJO	

Estudo sobre o modelo de formação dos tradutores do Seminário de S. José de Macau	
A Study on the Model of Translator Training of the St. Joseph's José Seminary of Macao .....	419
MINFEN ZHANG	
Mobilidade e expertise na contratação dos primeiros professores do Instituto Superior Técnico	
Mobility and expertise in the process of hiring the first group of teachers in Instituto Superior Técnico (Lisbon) .....	443
ANA CARDOSO DE MATOS e MARIA DA LUZ SAMPAIO	
Moral and civism in higher education: a teaching programs analysis of the discipline Brazilian Problems Study at UFPR (1971-1984) .....	467
RUDIMAR GOMES BERTOTTI e GISELE RIETOW BERTOTTI	
Candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial: processo, protagonistas e princípios	
University of Coimbra's World Heritage Application: process, players and principles .....	489
JOANA CAPELA DE CAMPOS	
<b>Recensões</b> .....	509
<b>Notícias</b> .....	537
Provas de Qualificação, Teses de Doutoramento e/ou 3º Ciclo e Dissertações/Relatórios de Mestrado e/ou 2º Ciclo orientadas ou coorientadas por investigadores integrados do CHSC em 2018-2019.....	549

## Editorial

O presente número da Revista do Centro de História da Sociedade e da Cultura, relativo ao ano de 2020, foi preparado e publicado no decurso da atual pandemia, cujos efeitos a longo prazo são ainda imprevisíveis. Coincidiendo com algumas mudanças técnicas nos parâmetros da publicação, em cumprimento de requisitos internacionais, em particular a sua integração na plataforma de gestão editorial da OJS (Open Journal System), obrigou a um trabalho organizativo redobrado por parte do seu Coordenador Científico, o Doutor Armando Norte, bem como da técnica superior do Gabinete de Apoio a Projetos e Centros de Investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Dra. Carla Rosa, que generosamente nela investiram e a quem reconhecemos o inestimável serviço prestado.

A exemplo de números anteriores, este volume divide-se entre um número significativo de artigos, catorze na sua totalidade, e um dossier temático subordinado ao título “Sobre a história das universidades. Ou da busca pelo saber universal”, proposto pelo coordenador do volume e seu principal responsável, constituído por nove estudos e um texto introdutório ao assunto objeto da *call for papers*. A encerrar o número, notícias, recensões críticas sobre obras recentemente publicadas e o elenco das dissertações de mestrado, de teses de doutoramento e de provas de qualificação de 3º Ciclo orientadas por Investigadores desta unidade de I&D no decurso do período compreendido entre 1 de Setembro de 2019 e 31 de Julho de 2020.

Os artigos publicados seguem, como habitualmente, um alinhamento cronológico, que se estende desde o século I d.C., na antiga Roma, à actualidade, em pleno século XXI. As problemáticas, os contextos históricos, as metodologias, as perspetivas disciplinares, os objetos de estudo e as áreas geográficas caracterizam-se por uma grande diversidade, distribuindo-se pela

história económica, história social, história cultural, história política e administrativa, história da arte e história de género.

Diversos são também os idiomas dos textos (inglês, espanhol e português), bem como a nacionalidade e a filiação institucional dos autores dos artigos. Respondendo aos desafios colocados aos centros de investigação de intensificação de diálogo interdisciplinar e interuniversitário, bem como de articulação estreita com a formação avançada e a disseminação do conhecimento científico, este volume conta com a colaboração de investigadores de várias universidades estrangeiras, caso de Espanha (Coruña, Granada, Salamanca, Santiago de Compostela, Sevilha), da China (Shangai International Studies University), do Brasil (Pontifícia Universidade Católica do Paraná), mas também portuguesas, como a de Aveiro, Católica, Coimbra, Évora, ISCTE, Lisboa (tanto a Clássica como a Universidade Nova), Minho, para além de um leque representativo de unidades I&D – CEGOT, CHAM, CH/UL, CEF da UC, CIDEHUS, CIES, IHC –, entre os quais se inclui, naturalmente, o CHSC. Constitui um testemunho seguro do caminho de internacionalização que a revista tem trilhado e da permanente adaptação aos exigentes critérios de qualificação que pautam as publicações internacionais.

No ano em que se completam vinte anos sobre a sua fundação, a Revista de História da Sociedade e da Cultura conseguiu impor-se como uma publicação de referência entre os periódicos da especialidade, um espaço de publicação para jovens investigadores e tem prestado um contributo significativo ao desenvolvimento da ciência histórica. Todo este trabalho é o resultado de um percurso solidário e empenhado de autores, coordenadores, membros do Conselho Editorial, avaliadores externos, a que se associa, em termos institucionais, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, principal suporte financeiro, e a Imprensa da Universidade, editora da revista.

*Irene Vaquinhas*

Coordenadora Científica do CHSC

irenemcv@fl.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0003-1889-165X>

# **ARTIGOS**



# Como un pollo de golondrina: vejez y masculinidad en la Antigua Roma

*Like a young swallow: old age and masculinity in Ancient Rome*

**SARA CASAMAYOR MANCISIDOR**

Universidad de Salamanca

saric@usal.es

<https://orcid.org/0000-0002-4021-2695>

Texto recibido em / Text submitted on: 03/09/2019

Texto aprobado em / Text approved on: 10/07/2020

**Resumen.** Socialmente, la vejez es percibida como una etapa que resta valor a las personas.

En el caso del género, acontece un proceso de androginización que difumina los rasgos de lo masculino y femenino, por lo que los varones deben renegociar los términos desde los que se construye la masculinidad para adaptarla a sus capacidades. El artículo analiza este fenómeno en la Roma antigua. Describimos cómo el cuerpo del *senex* podía ser visto como no masculino, convirtiendo al viejo en un sujeto más cercano a las mujeres que a los *uiri*. Desgranamos las características que debía tener una buena vejez para los romanos e ilustramos cómo los ancianos renegociaron su masculinidad, creando un modelo de *senex* sabio, moderado, autónomo y autoritario.

**Palabras clave.** Vejez, masculinidad, antigua Roma.

**Abstract.** Old age is socially perceived as a stage that decreases the value of people. In the case of gender, it subjects people to a process of androgenization that blurs the characteristics of the masculine and the feminine. Thus, men must renegotiate the terms from which masculinity is constructed to adapt it to their situation. This paper analyzes this issue in ancient Rome. We describe how the body of the *senex* could be seen as non-masculine, placing the old man closer to women than to *uiri*. We settle the characteristics that a good old age must have had for ancient Romans, and show how the elderly renegotiated their masculinity, creating a model of wise, moderate, autonomous and authoritarian *senex*.

**Keywords.** Old age, masculinity, ancient Rome.

## Introducción: vejez, masculinidad y la antigua Roma

Desde el momento en el que nacemos hasta nuestra muerte el cuerpo humano está en constante transformación. En las sociedades occidentales actuales este proceso de envejecer, que es visto como positivo en la infancia porque conduce a la adultez, adquiere connotaciones negativas en la vejez, de manera que debe ocultarse recurriendo a los cosméticos o incluso negando la propia ancianidad (HURD 1999; LUND y ENGELSRUD 2008). La negatividad

que se asocia a la vejez afecta a la construcción y gestión de las identidades de género, de forma que mujeres y hombres pierden las principales características físicas, psicológicas y sociales que el patriarcado les había atribuido en la juventud. Mientras que este proceso de androginización o de-generización puede resultar positivo para las mujeres, que ganan en libertad (FREIXÁS 1997: 35)<sup>1</sup>, en el caso de los hombres ocurre lo contrario, ya que en ellos la ancianidad, al verse como opuesta a la masculinidad hegemónica, definida por la fuerza y la autonomía, les hace perder poder en sociedad, cambiando su rol dominante por la subordinación a las generaciones jóvenes y la marginalización (CALASANTI y KING 2018; SANDBERG 2011).

Si bien los cambios que la vejez produce en la masculinidad normativa han sido estudiados por la Sociología y la Gerontología en las sociedades actuales, aún está pendiente aplicar una perspectiva histórica. En el caso de la Antigüedad, aunque los estudios sobre la vejez cuentan con una trayectoria de más de dos décadas a sus espaldas, y además están centrados en su mayoría en los varones de la élite, los *senes* apenas han sido abordados desde la perspectiva de género fuera de la constatación del estereotipo de *senex libidinosus* (AUGOUSTAKIS 2008; BERTMAN 1989). Por otro lado, las nociones de feminidad y masculinidad se encuentran íntimamente ligadas a la sexualidad, y la androginización a la que hacíamos referencia unas líneas más arriba conlleva una negación de la sexualidad en la ancianidad, la cual como veremos también se presuponía en la antigua Roma. Todo ello hace que la relación entre género y vejez en las sociedades pasadas sea una cuestión aún pendiente de abordar<sup>2</sup>.

El objetivo de las siguientes páginas es mostrar cómo el concepto de *virtus* o masculinidad se veía alterado por el cuerpo anciano y cómo los *senes* renegociaban los términos sociales desde los que se definía la masculinidad romana, creando una nueva basada en tres pilares fundamentales: la autonomía, la sabiduría y el mantenimiento de la jerarquía doméstica. Para ello nos apoyamos tanto en la Sociología Gerontológica como en la Historia de la Vejez y la Historia de las Masculinidades. La primera nos permite testar la aplicabilidad de las inferencias actuales sobre la vejez masculina a la antigua Roma, mientras que las otras dos ofrecen un marco de partida dentro del cual estudiar la masculinidad de los *senes*. Comenzamos analizando cómo el cuerpo envejecido suponía un desafío a la masculinidad hegemónica y presentando ejemplos de *senes* a los que la vejez ha androginizado. Incapaces de ocupar el papel dominante y

<sup>1</sup> Para el caso de la Antigüedad, esta mayor libertad ha sido referida para Oriente Próximo (Domínguez 2002: 195; Harris 2000: 108-112), Grecia (Gentile 2009: 1; Iriarte 2015: 23; Mirón 2002: 65) y Roma (Nikolopoulos 2003: 54), no sin las consiguientes críticas (Dickie 2001: 90; Pratt 2000: 42).

<sup>2</sup> Una reciente excepción en Muñoz 2018.

activo, se convierten en seres sometidos a la voluntad de otras personas, más cercanos a las mujeres y los niños que al *uir*. A continuación, exponemos las características que para los romanos debía tener una buena vejez y, a través del ejemplo de Vestricio Espurina, tres veces cónsul en el s. I d.C., describimos los mecanismos mediante los cuales los varones crearon un nuevo modelo de masculinidad adaptado a las capacidades del cuerpo envejecido. Al realizar este cambio, la *uirtus* pasaba de estar caracterizada por la fuerza física y el vigor sexual a estarlo por la sabiduría, la templanza, la autonomía y la capacidad de ostentación del poder en el ámbito doméstico.

### **El cuerpo envejecido como un desafío para la masculinidad**

A pesar de que hace dos milenios las posibilidades de llegar a la vejez probablemente fuesen menores que en la actualidad, los *senes* formaban parte de la cotidianidad de la población romana. Tim Parkin (1992: 134; 2003: 50) ha calculado que el 6-8% de la población romana alcanzaría la vejez, lo que en época imperial arroja una cifra de 5-12 millones de *senes* y *uetulae*<sup>3</sup>, si bien no sabemos qué porcentaje correspondería a hombres y cuál a mujeres, asunto que la historiografía sigue debatiendo (GARNSEY 1999: 100; PARKIN 1992: 103-105.). En la antigua Roma, la palabra usada para masculinidad era *uirtus* (*uir*=hombre). *Uirtus* era un adjetivo personificado por el adulto de la élite: fuerza física, cuerpo atlético, capacidad oratoria, actitud viril<sup>4</sup>... No obstante, y como señala Lin Foxhall, los varones que no pertenecían a la élite debieron regirse por el mismo modelo de masculinidad: “[T]hough dominant, ‘hegemonic’, masculine ideologies may have been elite in origin, it would be too simple to say that they remain located amongst the elite, or that other males are starkly emasculated by their exclusion from the most concentrated arenas of power” (FOXHALL 1998: 4).

Como hemos señalado, la definición de masculinidad se encuentra estrechamente ligada al cuerpo, a sus características y su aspecto externo. Y el cuerpo es también un aspecto central de la vida de las personas en la vejez. Es al mismo tiempo invisible, alejado de los estándares sociales de belleza y funcionalidad, e hipervisible, ya que es una de las características principales por las que clasificamos a alguien como viejo/a (TWIGG 2004: 62). Si se nos pidiera que pensásemos en una persona vieja, a nuestra cabeza acudiría una

<sup>3</sup> Tim Parkin (1992: 5) ha calculado cifras de 1 millón de habitantes para Roma ciudad, 5-8 millones para toda Italia, y 50-60 millones para el conjunto del Imperio.

<sup>4</sup> Para la definición de *uir* y *uirtus*, *vid.* McDONNELL 2006: 2 y ss.

imagen principalmente basada en el aspecto físico: arrugas, calvicie, canas, postura encorvada, dificultad de movimiento, falta de dientes... Una imagen a la que además dotaríamos de connotaciones negativas y que probablemente no coincidiría con la descripción de muchas de las personas ancianas de nuestro entorno ni con la vejez que esperamos vivir. Como proceso biológico, la vejez es el resultado de un inevitable deterioro orgánico que comienza hacia los 25 años y que en la ancianidad avanza de forma acelerada, provocando desgaste musculo-esquelético, cardiovascular, endocrinológico y cerebral, al tiempo que se alteran ciertas características físicas: pérdida de elasticidad de la piel, tiempos de reacción más prolongados, menor agudeza visual, etc. Este proceso de envejecimiento y su aceleración en la vejez no pasaron inadvertidos para los escritores de la Antigüedad, quienes encontraron la causa en la progresiva sequedad que sufría el cuerpo humano (ARIST. *Log.* 5.466a-466b; CIC. *Sen.* 10.32; DION. HAL. *Ant. Rom.* 4.31.4; GAL. *Nat. Fac.* 2.8; HIPPOC. *Mul.* 111 y *Nat. Mul.* 1<sup>5</sup>). Además, casi todos los autores, con excepción de Cicerón, trataron la vejez como una enfermedad incurable (CIC. *Sen.* 11.35; LUCR. 3.445-469; MART. 6.70; PLAUT. *Men.* 755-760; SEN. *Ep.* 108.28; TER. *Phorm.* 575), una perspectiva que la Gerontología ha conservado hasta hacer poco tiempo.

Una de las características que más aparece asociada a la vejez en la Antigüedad es la debilidad, tanto física como moral, esta última como agravamiento de un mal carácter que ya había quedado patente en la juventud (CEL. *Med.* 2.10.4; CIC. *Sen.* 5.14 y 9.27; GAL. *Anim.* 10; OV. *Met.* 7.478; PETRON. *Sat.* 27.1-2; VERG. *Aen.* 2.509-511 y 12.131-132). Junto a ella otro mal caracterizado como común en los *senes* es la pérdida de facultades mentales, sobre todo la memoria, por lo que convenía ejercitárla aprendiendo cosas nuevas y rememorando las ya sabidas (CIC. *Sen.* 7.21; SEN. *Ep.* 68.14 y 76.1-2). Los textos de época romana hacen referencia también a diversas enfermedades o condiciones físicas degenerativas asociadas a la vejez: pérdida de piezas dentales, arrugas, pérdida de visión, dificultad motriz, etc. (CATULL. 97; CEL. *Med.* 2.1.22, 2.8.33, 3.17.1a, 5.26.31c y 6.6.32; CIC. *Sen.* 11.35-27; MART. 1.72, 3.43, 3.93 y 5.43; Prop. 2.18.20; Tib. 1.6.75-85). Además, el cuerpo envejecido era visto como andrógino, difuminando las características que diferenciaban a mujeres y hombres en la adultez. De este modo, aplicando el pensamiento fisiognómico acerca de la masculinidad (GLEASON 1995: 8), los *senes* eran individuos intermedios entre el varón adulto y la mujer, y por lo tanto menos masculinos.

Un resumen de todos los males que podían acontecer en la vejez nos lo

---

<sup>5</sup> Los textos clásicos han sido consultados en las ediciones de Gredos y Loeb.

proporciona Juvenal:

«Dame larga vida, Júpiter, dame muchos años». Esto pides con semblante saludable, sólo esto pides también con el macilento. Pero ¡de cuántos y cuán persistentes males está llena una larga vejez! Contempla, ante todo, el rostro deformado y las mejillas flácidas donde antes hubo piel y unas arrugas como las que se rasca una mona ya madre en la boca revejida donde Tábraca extiende sus sombríos bosques. Muchas son las diferencias entre los jóvenes, aquél es más guapo que este y de rasgos diferentes, este es mucho más fuerte que aquél. Uno solo es el aspecto de los viejos: les tiemblan la voz y los miembros y tienen la cabeza ya calva y las narices mojadas como las de los niños; el pobre tiene que partir el pan con la encía desdentada. Tan pesado para su esposa e hijos y para sí mismo que cansaría a Coso el cazatestamentos. No son los mismos los placeres del vino y de la comida cuando el paladar está embotado (...). Es preciso que le griten para que su oreja oiga qué visitante le anuncia el esclavo o qué hora le dice que es. Además, la poquíssima sangre que le corre por el cuerpo ya helado sólo se calienta con la fiebre, lo asedian en formación todo tipo de enfermedades; si me preguntaras sus nombres, más fácilmente te contaría cuántos amantes ha tenido Opia, cuántos enfermos se cargó Temisón en un solo otoño, a cuántos socios ha estafado Básilo, a cuántos pupilos Hirro, a cuántos tíos devora Maura la larga en un solo día, cuántos discípulos se cepilla Hamilo; más rápidamente repasaría cuántas casas de campo posee ahora el barbero que de joven me cortaba la barba recia y chirriante. Aquel anda delicado de la espalda, este de los riñones, este otro de la rabadilla; aquel otro ha perdido los dos ojos y envidia a los tuertos; los labios pálidos de este otro reciben la comida de los dedos ajenos y por su parte él, que solía sonreír a la vista de la comida, solo la abre como un polluelo de golondrina, hacia el que vuela con el pico lleno su madre en ayunas. Pero peor que cualquier pérdida de facultades físicas es la demencia, que ni recuerda los nombres de los esclavos ni reconoce la cara del amigo con el que cenó la noche anterior ni a los hijos que ha engendrado, a los que ha educado (JUV. 10.188-245).

Tal y como señala este autor, los peores males que podía acarrear la vejez eran la demencia y la dependencia. Ambas convertían al poderoso *uir* en un individuo que ya no era autónomo y quedaba a merced de las atenciones y los deseos de las mujeres y el personal esclavo. Se alteraban por lo tanto las relaciones de poder que, empleando el cuerpo como expresión visual del género, colocaban al varón en la cima de la sociedad (MONTSERRAT 1998: 153).

Contribuye a subrayar la marginalidad del anciano dependiente la comparación con el pollo de la golondrina, tanto por la animalización como por la situación de indefensión de la cría. Otra forma de restar masculinidad a los ancianos era comparar a los *senes* con niños (CATULL. 17; HOR. *Sat.* 2.3.245-260; JUV. 10.90 y 13.33; PLAUT. *Merc.* 290-295; SEN. *Ep.* 12.1-5; SUET. *Galb.* 14). De hecho, este fenómeno de la vejez como segunda infancia tenía incluso su propio término, *repuerascere* (PARKIN 2011: 29). Así, mientras el niño se veía como un proyecto de hombre al que hay que modelar, el viejo simbolizaba la perdida irrevocable de las características de la masculinidad, alterando tanto las normas de género como de edad.

Las fuentes escritas aluden a la necesidad de ayuda para alimentarse y desplazarse (LUC. *Dial. Mort.* 6; MART. 9.90; SEN. *Contr.* 7.4; SEN. *Ep.* 55.1; VERG. *Aen.* 2.27). En una de sus cartas, Plinio el Joven hace referencia al fallecimiento de Domicio Tulo, un *senex* dependiente cuya situación vital repugnaba al escritor. En la misma misiva halaga el ejemplar comportamiento de la esposa de Tulo, cuyo nombre no conocemos, quien cuidó de él durante su vejez:

Esa esposa excelente y tan sacrificada, y que tantos más méritos había hecho ante su marido cuando más había sido criticada por haberse casado con él. Pues parecía poco decoroso que ella, una mujer de noble linaje, de una conducta ejemplar, en el ocaso de la edad, que había enviudado hacía ya mucho tiempo y de cuyo matrimonio había tenido hijos, se hubiese casado con un rico anciano y tan disminuido físicamente, que podía causar repugnancia a una esposa con la que se hubiese casado cuando era joven y estaba sano. Pues descoyuntado y deformado en todos sus miembros, tan sólo disfrutaba de sus enormes riquezas con la mirada, y ni siquiera se podía mover en el lecho a no ser con la ayuda de alguien; más aún, incluso se hacía frotar y lavar los dientes (algo repugnante y miserable); él mismo solía decir, cuando se lamentaba de las humillaciones de su debilidad física, que a diario se veía obligado a chupar los dedos de sus esclavos. Sin embargo, vivía y deseaba vivir, reconfortado principalmente por su esposa, que con si devota dedicación había cambiado las anteriores críticas provocadas por su matrimonio en gran admiración (PLIN. *Ep.* 8.18.8-10).

A Plinio le sorprende que Tulo quisiera seguir viviendo dado su estado físico. Necesitaba ayuda para desplazarse, comer y la higiene personal, y a pesar de que seguía en posesión de sus facultades mentales, había perdido su autonomía. En este sentido, el cuerpo dependiente era visto como no masculino,

debido a su posición pasiva y a que otras personas actuaban constantemente sobre él moviéndolo, alimentándolo y limpiándolo. El cuerpo dependiente recibe, no da, y por lo tanto en el esquema romano penetrador-penetrado era no masculino, cercano a las mujeres y a los hombres que adoptaban el rol pasivo en el sexo (PARKER 1997; WALTERS 1997). Además, el cuerpo dependiente era propenso a perder el control sobre sí mismo, tanto en lo que respecta a las facultades mentales como a las habilidades físicas básicas como el movimiento, el habla o el control de los esfínteres, y una de las características de la *virtus* romana era la capacidad de autocontrol de las emociones y las necesidades corporales (CIC. *Sen.* 12.39-44; SEN. *Ep.* 58.29-37; WILLIAMS 1999: 138 y ss.). El *uir* debía ser capaz de mantener la integridad corporal y hacerlo de forma autónoma. Por lo tanto, un hombre dependiente como Tulo se convertía en un ser abyecto, por cuanto que la sociedad lo relacionaba con el asco, lo obsceno, lo hediondo, la muerte, la falta de humanidad y la incapacidad para respetar las normas sociales (GILLEARD y HIGGS 2011).

Nos encontramos también en las fuentes escritas con alusiones a la “locura de la vejez”, un término en el que, dado que en ocasiones resulta imposible hacer un diagnóstico médico, tienen cabida tanto situaciones de demencia y enfermedad de Alzheimer como otros episodios esporádicos o crónicos de patologías psiquiátricas, e incluso la creencia de que los ancianos siempre están de mal humor (APUL. *Apol.* 53; CIC. *Sen.* 7.21 y 11.36; HOR. *Sat.* 2.3.245-260; JUV. 2.112; SEN. *Ep.* 12.2). Ya hemos visto cómo Juvenal aludía a la pérdida de memoria, al igual que hacen otros autores (CATULL. 17; PLIN. *NH* 7.24). Areteo de Capadocia (*SD* 1.6) distinguía en el siglo I d.C. entre tres tipos de locura: transitoria, permanente y provocada por la vejez, ésta última irreversible.

## **Renegociando la masculinidad en la vejez: tiempo de sabiduría y familia**

Si, como hemos visto, en la Roma antigua la vejez se percibía como un momento de pérdida de masculinidad y por lo tanto de poder, ¿qué podían hacer los *senes* para tratar de ralentizar los efectos de la ancianidad y conservar su posición social? Podemos obtener respuesta a esta pregunta analizando un ejemplo de buena vejez presente en las fuentes, el de Espurina, amigo de Plinio el Joven:

Gayo Plinio a Calvisio Rufo. No sé si habré pasado en mi vida algún momento más grato que el que he vivido no hace mucho en casa de Espurina; hasta tal punto que, en mi vejez, si el destino me permitiese llegar a ella, no quisiera

imitar a nadie antes que a él. No hay en efecto nada mejor planificado que aquella manera de vivir. Pues, del mismo modo que me agrada sobremanera el curso de las estrellas, así también me place una vida perfectamente organizada, especialmente en la vejez. En cierto sentido, en los jóvenes no resulta incoherente una vida relajada y, por así decirlo, desordenada; en cambio, a los ancianos les conviene una existencia plácida y organizada, ya que en su caso cualquier actividad excesiva resulta inoportuna y la ambición repelente. Espurina observa escrupulosamente esta regla; más aún, consigue que esas cosas triviales – triviales si no ocurriesen a diario – sucedan con un cierto orden y, por así decirlo, de forma cíclica. Por la mañana permanece en la cama durante una hora, a continuación pide las sandalias y recorre a pie una distancia de tres millas para ejercitarse tanto su cuerpo como su espíritu. Si le acompañan algunos amigos, mantiene con ellos conversaciones muy eruditas; si no, se hace leer un libro, a veces incluso en presencia de sus amigos, si ellos no ponen reparos. Luego se sienta, y continúa la lectura del libro, o mejor aún la conversación; después se sube a un carro, acompañado de su esposa, un singular ejemplo para su sexo, o de alguno de sus amigos, como de mí mismo recientemente. ¡Qué agradable, qué dulce retiro! ¡Cuánta tradición hay allí! ¡Qué hechos, a qué grandes hombres escuchas! ¡De qué grandes principios te imbuyes!; aunque él ha impuesto a su modestia una justa medida: no dar la impresión de que está enseñando. Después de un recorrido de siete millas, hace a pie una milla más, luego se sienta otra vez o se retira a su habitación y a su escritura. Escribe, en efecto, en latín y griego cultísimas poesías líricas, que tienen un asombroso encanto, una asombrosa dulzura, una asombrosa delicadeza, cuyo valor aumenta la personalidad del autor. Cuando se le anuncia la hora del baño (a media tarde en invierno, una hora antes en verano), da desnudo un paseo al sol, si no hace viento. Después juega a la pelota con ardor y durante mucho tiempo, pues también combate la vejez con este tipo de ejercicio. Después del baño se acuesta un rato y aplaza el momento de la comida; entretanto escucha mientras alguien le lee alguna cosa más trivial y agradable. Durante todo este tiempo sus amigos tienen libertad para hacer las mismas cosas u otras diferentes, si así lo prefieren. Se pone una cena tan sencilla como bien servida, en una vajilla de plata pura y antigua; también utiliza para uso corriente una vajilla de Corinto, que le agrada mucho, aunque no le apasiona. Con frecuencia la cena se enriquece con representaciones escénicas, para que los placeres de la mesa se vean sazonados por los intelectuales. La cena se prolonga algo en la noche, sobre todo en verano, sin que a nadie le parezca excesivamente larga, a causa

de la amenidad con que ésta se desarrolla. El resultado es que Espurina ha conservado a los setenta y siete años intactos el sentido de la vista y del oído; además, un cuerpo ágil y lleno de vigor y de la vejez tan sólo la prudencia (PLIN. *Ep.* 3.1.1-20).

Espurina llevaba un día a día moderado y ordenado, estilo de vida asociado al *uir*. Dedicaba buena parte de su tiempo a dar paseos a pie o en carro y jugar con la pelota, actividades recomendadas en la vejez porque no suponían un gran esfuerzo físico pero evitaban el anquilosamiento y la enfermedad (CEL. *Med.* 4.26.5; CIC. *Sen.* 15.58; PETRON. *Sat.* 27.1-2; SEN. *Ep.* 83.3-4). En línea con Plinio, Marcial (6.70) alaba al anciano Cota, que a sus más de sesenta años jamás había caído enfermo. De la misma forma, caminar con paso firme, ni rápido ni lento, era indicador de masculinidad (O'SULLIVAN 2011: 16), por lo que las fuentes destacan la capacidad de los *senes* de desplazarse a pie y dar largas caminatas, como hace Espurina (CIC. *Off.* 1.131 y *Sen.* 11.34; JUV. 3.25-29; MART. 4.78; PLAUT. *Mil.* 628-630; SEN. *Ep.* 94.8-9 y 114.3).

La dieta de Espurina era austera, ya que en la ancianidad era recomendable reducir la cantidad de comida y evitar aquellos alimentos que causaban una digestión pesada, moderando también el consumo de vino (CIC. *Sen.* 11.36 y 14.46; GAL. *Anim.* 10 y *Nat. Fac.* 2.8; MACROB. *Sat.* 7.13.4; WILKINS 2015: 65). De la misma forma, era aconsejable cesar la actividad sexual, una decisión favorecida por la supuesta pérdida de apetito que acontecía en la vejez (CIC. *Sen.* 12.42; OV. *Am.* 1.9.4; PROP. 3.5.23-24; TIB. 1.4.27-39). Este celibato voluntario se contrapone a la figura del *senex* libidinoso típico de las comedias de Plauto (*Asin.* 934, *Bacch.* 1160, *Merc.* 264, 305-315 y 1015-1025), al que se le reprocha mostrar una conducta impropia para su edad. Al mismo tiempo, se evitaba que la disfunción erétil se convirtiera en una forma de restar masculinidad al *senex* – aunque no obstante se empleaba con fines satíricos – ya que, si en la vejez no había espacio para la sexualidad, la pérdida de las facultades físicas para llevarla a cabo no era un problema sino una ventaja. Se trata, por otro lado, de una frugalidad y moderación que deben entenderse como virtudes típicamente romanas, que aunque se mostraban como especialmente deseables en la vejez debían manifestarse en todas las etapas vitales, y que se consideraban una cualidad característica de los varones de la élite. Es por ello que los textos presentan esta renuncia a la opulencia como una elección gustosa, ayudada por un cuerpo envejecido que no necesita con tanta intensidad de las cosas placenteras (CIC. *Sen.* 3.7 y 14.47; HOR. *Epist.* 1.6.25-30 y 2.2.55). Para Peter Garnsey (1999: 70-80) la contención en el comer y el beber era una vía mediante la cual los romanos de la élite expresaban su diferencia con respecto

al resto de la población, ya que para ellos se trataba de una abstinencia voluntaria, frente a la obligada de las personas pobres, que no tenían qué comer. El mismo criterio podría aplicarse a la sexualidad, cuya falta de control alude a una menor capacidad de razonamiento, a la elección de satisfacer instintos cercanos a lo animal en vez ocuparse de tareas más elevadas (CIC. *Sen* 12.42).

Espurina también dedicaba parte de su día a la lectura, la escritura, la conversación o el disfrute de la música, acciones recomendadas para evitar la pérdida de facultades mentales. Séneca (*Ep.* 26.1-4) se alegraba de que, mientras que su cuerpo se mostraba debilitado por la vejez, su mente seguía activa. Es por ello que declara que no recurrirá al suicidio como forma de escapar de una mala vejez siempre y cuando su inteligencia permanezca intacta (SEN. *Ep.* 58.29-37). Este mismo autor hace referencia al *senex* Aufidio Baso, quien aún estando en una situación que podríamos calificar como terminal conservaba su integridad gracias a una mente clara y un ánimo fuerte (SEN. *Ep.* 30.1-3). Mantener sólidas relaciones familiares y de amistad era considerada en Roma otra de las claves de vivir una buena vejez, siendo un *senex* rodeado de la esposa, los hijos y los nietos (DIO CASS. 56.3.3-5; MART. 4.13; OV. *Met.* 3.133-135 y 6.500; PLIN. *Ep.* 8.10 y 8.18.1-2; TIB. 1.7. 55 y 1.10.40-45). Esta era, por otro lado, una forma de mantener la *virtus*. A pesar de estar retirado de la esfera pública, Espurina recibía visitas de personajes importantes, pudiendo no sólo conservar su estatus frecuentando a hombres poderosos, sino también obtener beneficios para los negocios que tuviera y establecer alianzas políticas que ayudasen a los miembros de su familia. La literatura romana insiste además en la capacidad de los *senes* de enseñar a las generaciones venideras gracias a los conocimientos acumulados a lo largo de la vida, convirtiéndolos así en personas imprescindibles para el correcto funcionamiento cívico, tanto en lo que respecta a los asuntos políticos como a los económicos (CIC. *Sen.* 3.9, 5.17, 9.28-29 y 14.46; PLUT. *Mor.* 797e; SEN. *Ep.* 68.14). Mostrar capacidad de interactuar socialmente, y hacerlo además en movimiento, se percibía como símbolo de una buena vejez, contraria al aislamiento de quienes habían quedado confinados al lecho y por lo tanto no eran capaces de cumplir con sus responsabilidades sociales (CATULL. 17; PLIN. *Ep.* 8.18.7-10; PLUT. *Mor.* 788a; SEN. *Ep.* 67.2; HERSKOVITS y MITTENESS 1994: 331). En el ámbito familiar, se consideraba un logro personal reunir a una amplia familia que sintiera admiración por el *senex* o la *uetula*:

El divino Augusto, entre otras muestras de ejemplos excepcionales, conoció a un nieto de su nieta, nacido el año en el que él murió, Marco Silano. (...) Quinto Metelo Macedónico, además de dejar seis hijos, dejó once nietos y,

entre nueras, yernos y todos los que lo saludaban llamándole padre, veintisiete. En las Actas del templo del divino Augusto, se encuentra que (...) Gayo Crispino Hílaro (...) ofreció un sacrificio en el Capitolio junto con sus ocho vástagos, entre los que dos eran hijas, sus veintisiete nietos, sus dieciocho bisnietos y sus ocho nietas, formando una procesión que superó a todas las habidas hasta entonces (PLIN. *NH* 7.13.58-60).

El *uir* debía mantener el poder efectivo sobre su familia (CIC. *Sen.* 17.61; HOR. *Sat.* 2.3.215-220; PLIN. *Ep.* 8.14.6; SEN. *Ep.* 30.1-3; TIB. 1.7.55 y 1.10.40-45; VAL. MAX. 2.1.9-10). A pesar de haber perdido la vista, Apio Claudio seguía ejerciendo como *paterfamilias* con firmeza:

Apio, anciano y además ciego, con cuatro hijos y cinco hijas, gobernaba tanto su casa como su hacienda. Mantenía su espíritu siempre tenso igual que un arco, y, ni siquiera, ya cansado por la edad, sucumbía. Mantenía su autoridad, el mando sobre los suyos. Le temían sus siervos, le respetaban sus hijos, pero todos le querían. En su casa estaban vigentes las costumbres patrias y la disciplina (CIC. *Sen.* 11.37).

Al contrario que *senes* como Domicio Tulo y otros ejemplos que encontramos en las fuentes (APUL. *Met.* 5.9.8-5.10.1-2; CATULL. 17; HOR. *Sat.* 2.5.70-73), Apio mantenía su autonomía y autoridad, ocupando lo alto de la jerarquía doméstica y sin caer bajo el dominio de mujeres ni esclavos. Igualmente son alabados los hombres que en la vejez seguían ostentando puestos políticos y contribuyendo al correcto funcionamiento del Estado (CIC. *Sen.* 4.10; TAC. *Ann.* 3.31.3 y 11.21; VAL. MAX. 8.7.1 y 8.7.4). Ejercer dicho dominio con dureza los alejaba también de la acusación de delicadeza, atributo característico de las mujeres y los ancianos androginizados (CIC. *Tusc.* 2.47-48; PLUT. *Mor.* 784a; WILLIAMS, 1999: 127 y ss.). Un poder en la familia, y en la sociedad en general, que podía ser puesto en peligro por el entorno. En este sentido, las acusaciones de locura y senilidad que aparecen mencionadas en los textos pudieron en ocasiones estar motivadas por el deseo de las nuevas generaciones, y en especial los hijos varones, de hacerse con el control efectivo del patrimonio familiar. Así, por ejemplo, Séneca (*Contr.* 2.3) cuenta que un hijo, que había violado a una mujer y, a pesar de haber sido perdonado por el padre de ésta, no había obtenido el perdón de su propio padre, lo acusó de demencia para evitar ser condenado. Este mismo autor (SEN. *Contr.* 2.4) refiere otro caso en el que un anciano fue acusado de demencia por su hijo. Se trata de un hombre que, una vez fallecido uno de sus hijos, reconoció al

vástago que éste tuvo con una prostituta. Uno de los hermanos del fallecido quiso entonces que su padre fuera declarado incapaz para evitar que adoptase al nieto y perder parte de la futura herencia.

En el ejemplo de Apio, así como en el de otros *senes* (CIC. *Cat.* 2.9.20 y *Sen.* 11.36; PLIN. *Ep.* 1.12.3-11 y 2.1.4; SEN. *Ep.* 30.1-3; TAC. *Ann.* 1.46.3; VAL. MAX. 8.7.4 y 8.7.ext. 9) percibimos un fenómeno que Elizabeth Herskovits y Linda Mitteness (1994: 333) han estudiado para las sociedades occidentales industrializadas, pero que puede aplicarse también a la Antigüedad: el de la gradación de las personas viejas atendiendo a la naturaleza de su condición física/mental. Si bien Apio y otros ancianos ciegos o con problemas de movilidad tendrían dificultades para realizar sin ayuda actividades cotidianas como calzarse, conservaban los conocimientos necesarios para llevarlas a cabo, mientras que los *senes* que padecían demencia habían olvidado cómo hacerlo, y por lo tanto habían perdido la capacidad de comportarse de acuerdo a las normas sociales incluso en su vertiente más básica. De esta forma, socialmente se procedía a una gradación de los *senes* dependiendo de las capacidades sociales que conservasen, y por lo tanto de su utilidad para el Estado (HERSKOVITS y MITTENESS 1994: 334). Por ello los autores romanos que escriben desde su vejez o que tratan de dar de ésta una visión eminentemente positiva resaltan la capacidad de los *senes* de transmitir conocimiento a las generaciones futuras y de mantener el control sobre el grupo familiar, por cuanto que ello les concedía un valor cívico.

No obstante, también nos encontramos con *senes* que parecen no aceptar su ancianidad y se esfuerzan por parecer jóvenes, adoptando actitudes que socialmente no son vistas como propias de la vejez o tratando de ocultar los signos físicos del envejecimiento (CIC. *Sen.* 11.36; MART. 4.78 y 10.83; PLAUT. *Merc.* 290-295 y 305-315; SEN. *Ep.* 13.17 y 122.7). Nos enfrentamos aquí a actitudes de ocultación y negación que pueden deberse al miedo que genera en el ser humano la proximidad de la muerte – y por lo tanto los *senes* se comportan como cuando eran jóvenes para crearse una ilusión de futuro y bienestar (CIC. *Sen.* 21.77) –, y/o que pueden estar influidas por las actitudes marginadoras que la sociedad romana tenía con respecto a la población anciana, las cuales como señalábamos en la sección introductoria llevan a rechazar la propia vejez para mantener la posición social previa.

En resumen, tanto las características físicas como morales de un *senex* podían convertirlo en un hombre no masculino. Perdida la fuerza física y el vigor sexual, la clave para mantener la *virtus* consistía en conservar la autonomía y el poder simbólico y efectivo sobre la sociedad, en especial sobre el grupo doméstico, mostrándose útiles para el correcto funcionamiento cívico. Por

ello, los *senes* debieron adaptar las características de la masculinidad romana a un modelo que se ajustase a la vejez, el cual puede resumirse en las siguientes palabras de Cicerón: “La ancianidad es llevadera si se defiende a sí misma, si conserva su derecho, si no está sometida a nadie, si hasta su último momento el anciano es respetado entre los suyos” (CIC. *Sen.* 11.38).

Richard Alston (1998) y Myles McDonnell (2006) sugieren que puede rastrearse un cambio cronológico en la definición de masculinidad en Roma, el cual se da en época tardorrepublicana, en el que se empieza a premiar la *auctoritas* como síntoma de *virtus* por encima de la pura fuerza física. Este cambio coincide con un momento en el que Roma cada vez se enfrentaba en menos conflictos bélicos y por lo tanto la masculinidad personificada por el guerrero resultaba menos real. De la misma forma, la existencia de períodos prolongados de paz propiciaría que una mayor parte de los varones romanos alcanzase la vejez, lo que también pudo dar lugar a la necesidad de crear una masculinidad que se adaptase al *senex*. Es precisamente a partir de época tardorrepublicana cuando los escritores comienzan a hablar de las bondades de la ancianidad, de la necesidad de vivir una buena vejez y de las cosas que son buenas para los jóvenes y las que lo son para los viejos, diferenciando entre dos masculinidades: la de la adulterez, caracterizada por la fuerza física y el vigor sexual, y la de la vejez, definida por la templanza y la sabiduría. Sin duda, estas masculinidades similares pero no iguales entrarían en conflicto en espacios compartidos como el doméstico o el político (TAC. *Ann.* 3.31.3; BERTMAN 1976; COKAYNE 2003: 153 y ss.; DIXON 1999; ISAYEV 2007). Mientras los *senes* se esforzarían por mantener su posición dominante aludiendo a su buen hacer, los varones adultos intentarían ocupar las esferas de poder a costa de expulsar a los ancianos, tachándolos de conservadores, de ser débiles y de haber perdido capacidades mentales (SEN. *Contr.* 2.3-4; SEN. *Dial.* 1.13.5).

## Conclusiones

A lo largo de las anteriores páginas hemos visto cómo el ciclo vital transformaba la masculinidad de los romanos para adaptarla a las capacidades de la vejez y que los *senes* pudieran mantenerse en la cúspide de la jerarquía social tratando de eludir la androginización con la que la medicina caracterizaba a la ancianidad. En la vejez, la *virtus* ya no estaba centrada en la fuerza física y el vigor sexual, sino en la *auctoritas* sobre los hombres más jóvenes y sobre la familia, en no perder la capacidad de dominar a los demás. No obstante, y a pesar de la adaptación de la masculinidad hegemónica para ajustarla a las

vivencias de los *senes*, se aprecia también cómo no todos los ancianos romanos podían cumplir con el modelo, sino sólo quienes podían mantenerse física y mentalmente activos y conservaban su autonomía. Aquellos a los que el envejecimiento conducía a la pasividad producían rechazo social y se convertían en objeto de mofa. Vemos de este modo cómo el modelo pasivo-activo seguía siendo el que definía la masculinidad romana, aunque ya no centrado en el dominio físico sino en el simbólico.

## Bibliografía

- ALSTON, Richard (1998). "Arms and the man. Soldiers, masculinity and power in Republican and Imperial Rome", en Lin Foxhall y John Salmon (eds.), *When Men Were Men. Masculinity, power and identity in classical antiquity*. Londres-Nueva York: Routledge, 205-223.
- AUGOUSTAKIS, Antony (2008). "Castrate the he-goat! Overpowering the paterfamilias in Plautus' *Mercator*". *Scholia: Studies in Classical Antiquity*, 17, 37-48.
- BERTMAN, Stephen (1976). *The Conflict of Generations in Ancient Greece and Rome*. Ámsterdam: Grüner.
- BERTMAN, Stephen (1989). "The Ashes and the Flame: Passion and Aging in Classical Poetry", en Thomas M. Falkner y Judith de Luce (eds.), *Old age in Greek and Latin Literature*. Nueva York: State University of New York, 157-171.
- CALASANTI, Toni y KING, Neal (2018). "The dynamic nature of gender and aging bodies". *Journal of Aging Studies*, 45, 11-17.
- COKAYNE, Karen (2003). *Experiencing Old Age in Ancient Rome*. Londres: Routledge.
- DICKIE, Mathew W (2002). *Magic and Magicians in the Greco-Roman World*. Londres-Nueva York: Routledge.
- DIXON, Suzanne (1999). "Conflict in the Roman Family", en Beryl Rawson y Pauel Weaver (eds.), *The Roman Family in Italy: Status, Sentiment, Space*. Oxford: Claredon Press, 149-167.
- DOMÍNGUEZ CONTRERAS, Fermín (2002). "Estatus jurídico y edades de las mujeres en el Código de Hammurabi", en Pilar Pérez Cantó y Margarita Ortega López (eds.), *Las edades de las mujeres*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 183-196.
- FOXHALL, Lin (1998). "Introduction", en Lin Foxhall y John Salmon (eds.), *When Men Were Men. Masculinity, power and identity in classical antiquity*. Londres-Nueva York: Routledge, 1-9.
- FREIXÁS FARRÉ, Anna (1997). "Envejecimiento y género: otras perspectivas necesarias". *Anuario de Psicología*, 73, 31-42.
- GARNSEY, Peter (1999). *Food and society in classical antiquity*. Cambridge: Cambridge

- University Press.
- GENTILE, Kristen (2009). *Reclaiming the Role of the Old Priestess: Ritual Agency and the Post-Menopausal Body in Ancient Greece*. Tesis doctoral, Ohio State University.
- GILLEARD, Chris y HIGGS, Paul (2011). "Ageing abjection and embodiment in the fourth age". *Journal of Aging Studies*, 25, 135-142.
- GLEASON, Maud W (1995). *Making Men. Sophist and Self-presentation in Ancient Rome*. Princeton: Princeton University Press.
- HARRIS, Rivkah (2000). *Gender and Aging in Mesopotamia: The Gilgamesh Epic and Other Ancient Literature*. Norman: University of Oklahoma Press.
- HERSKOVITS, Elizabeth J. y MITTENESS, Linda S (1994). "Transgression and sickness in old age". *Journal of Aging Studies*, 8, 327-340.
- HURD, Laura (1999). "We're not old!": Older Women's Negotiation of Aging and Oldness". *Journal of Aging Studies*, 13:4, 419-439.
- IRIARTE GOÑI, Ana (2015). "Semblanzas de semi-ciudadanías griegas. Sobre críos, ancianos y féminas", en Ana Iriarte Goñi y Luís de Nazaré Ferreira (coords.), *Idades e género na literatura e na arte da Grécia antiga*. Coímbra: Impresa de Universidade de Coimbra, 9-30.
- ISAYEV, Elena (2007). "Unruly Youth? The Myth of Generation Conflict in Late Republican Rome". *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, 56, 1-13.
- LUND, Anne y ENGELSRUD, Gunn (2008). "I am not that old": inter-personal experiences of thriving and threats at a senior centre". *Ageing & Society*, 28, 675-692.
- MCDONELL, Myles (2006). *Roman Manliness. Virtus and the Roman Republic*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MIRÓN PÉREZ, M. Dolores (2002). "Niñas y ancianas en la antigua Olimpia", en Pilar Pérez Cantó y Margarita Ortega López (eds.), *Las edades de las mujeres*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 53-66.
- MONTSERRAT, Dominic (1998). "Experiencing the male body in Roman Egypt", en Lin Foxhall y John Salmon (eds.), *When Men Were Men. Masculinity, power and identity in classical antiquity*. Londres-Nueva York: Routledge, 153-164.
- MUÑOZ GONZÁLEZ, David (2018). "Masculinidad hegemónica y alteridad: los «viejos» en la *Ilíada*", en Carla Rubiera Cancelas (ed.), *Las edades vulnerables. Infancia y vejez en la Antigüedad*. Gijón: Ediciones Trea, 131-246.
- NIKOLOPOULOS, Anastasios D. (2003). "Tremuloque gradu aegra senectus: Old Age in Ovid's 'Metamorphoses'". *Mnemosyne*, 56, 48-60.
- O'SULLIVAN, Timothy (2011). *Walking in Roman Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PARKER, Holt N. (1997). "The teratogenic grid", en Judith P. Hallett y Marilyn B. Skinner (eds.), *Roman sexualities*. Princeton: Princeton University Press, 47-65.
- PARKIN, Tim (1992). *Demography and Roman Society*. Baltimore: The Johns Hopkins

- University Press.
- PARKIN, Tim (2003). *Old Age in the Roman World. A Cultural and Social History*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- PARKIN, Tim (2011). "The Elderly Children of Greece and Rome", en Christian Krötzl y Katariina Mustakallio (eds.), *On Old Age: Approaching Death in Antiquity and the Middle Ages*. Turnhout: Brepols Publishers, 25-40.
- PRATT, Louise (2000). "The Old Women of Ancient Greece and the Homeric Hymn to Demeter". *Transactions of the American Philological Association*, 130, 41-65.
- SANDBERG, Linn (2011). *Getting Intimate. A Feminist Analysis of Old Age, Masculinity & Sexuality*. Linköping: Linköping University.
- TWIGG, Julia (2004). "The body, gender and age. Feminist insights in social gerontology". *Journal of Aging Studies*, 18, 59-73.
- WALTERS, Jonathan (1997). "Invading the roman body: manliness and impenetrability in Roman thought", en Judith P. Hallett y Marilyn B. Skinner (eds.), *Roman sexualities*. Princeton: Princeton University Press, 29-43.
- WILKINS, John (2015). "Medical Literature, Diet, and Health", en John Wilkins y Robin Nadeau (eds.), *A Companion to Food in the Ancient World*. Oxford: Blackwell, 57-66.
- WILLIAMS, Craig A. (1999). *Roman Homosexuality: Ideologies of Masculinity in Classical Antiquity*. Nueva York-Oxford: Oxford University Press.

# Colonización y emigración en *Pax Iulia*<sup>1</sup>

## Colonization and emigration in *Pax Iulia*

JOSÉ ORTIZ CÓRDOBA

Universidad de Granada

joseortiz@ugr.es

<https://orcid.org/0000-0003-3737-1115>

Texto recibido em / Text submitted on: 15/07/2019

Texto aprobado em / Text approved on: 25/06/2020

**Resumen.** En este trabajo estudiamos las dinámicas de movilidad existentes en la colonia *Pax Iulia* (Beja, Portugal) tomando como base la documentación epigráfica de la ciudad. Partiendo de la fundación de la colonia, abordaremos aspectos relacionados con los tipos de movilidad existentes, la procedencia de sus protagonistas y las causas que motivaron sus desplazamientos.

**Palabras clave.** Emigración, inmigración, colonización, *Lusitania*, *Pax Iulia*.

**Abstract.** In this work we study the dynamics of mobility that exist in the Pax Iulia colony (Beja, Portugal) based on the epigraphy of the city. Starting from the foundation of the colony, we will approach aspects related to the types of mobility that exist, the origin of its protagonists and the causes that motivated their displacement.

**Keywords.** Emigration, immigration, colonization, *Lusitania*, *Pax Iulia*.

## Introducción

*Pax Iulia* es una de las cinco colonias romanas fundadas en *Lusitania* en el periodo transcurrido entre la dictadura de César y el advenimiento del Principado. Plinio la menciona como *Colonia Pacensis*, indicando igualmente su condición de capital conventual (*NH.*, IV, 117). La ciudad también aparece referida como *Pax Iulia* en la obra de Ptolomeo (II, 5, 4), en la documentación epigráfica (*CIL* II, 47 48, 54 54; *CIL* VI, 32682) y en las emisiones monetales, donde se recoge la abreviatura *PAX IVL* (*RPC* I, 52-53). Sobre la ceca de *Pax Iulia*: GARCÍA-BELLIDO y BLÁZQUEZ 2001: 315-316; RIP-

<sup>1</sup> Ayuda puente doctores Plan Propio. Departamento de Historia Antigua, Universidad de Granada. E-mail: joseortiz@ugr.es / ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3737-1115>. Este trabajo se enmarca dentro de las líneas de estudio del grupo de investigación HUM-215 dirigido por el Prof. Dr. C. González Román y deriva de la tesis doctoral *Las colonias romanas de Hispania y los movimientos de población (siglos I-II d.C.)*, defendida en la Universidad de Granada en marzo de 2019. Asimismo, forma parte del proyecto de investigación *Veterani et milites en las colonias romanas de Hispania*, otorgado a quien suscribe estas líneas por el Plan Propio de Investigación de la Universidad de Granada en el marco del Programa de Proyectos de Investigación para Jóvenes Investigadores.

OLLÈS 2010: 69-70) acompañada de una figura femenina que podría ser una personificación de la *Pax* (FARIA 1999: 40). Sin embargo, Estrabón (III, 2, 15) la menciona como *Pax Augusta*, nomenclatura que ha suscitado un amplio debate en la historiografía. El geógrafo griego es el único que se refiere a la ciudad de esta manera, toda vez que en los itinerarios tardoantiguos, tanto en el Antonino (*Itin. Ant.*, 425.6; 427.3; 431.4-5; 431.7) como en el Anónimo de Rávena (*Ravenn.*, 306.7), ésta aparece mencionada bajo la forma *Pace Iulia* (ROLDÁN 1975: 256; TIR, J-29 s.v. *Pax Iulia*).

La colonia romana se levantó sobre el solar ocupado actualmente por la localidad portuguesa de Beja, aprovechando para ello una elevación natural del terreno que permitía controlar el territorio circundante, una amplia región de penillanura, la llamada tierra de los *barros* de Beja, junto a la orilla del Guadiana, caracterizada por la fertilidad de sus tierras (GORGES 2010: 142-150). Inicialmente se la consideró como una fundación *ex novo* (MANTAS 1993: 489 y 491), propuesta descartada de forma reciente tras el descubrimiento en la parte más alta de la ciudad, ocupada por el castillo medieval, de diversos restos de la Edad del Hierro (LOPES 2003: 81-98). Sobre el *oppidum* indígena se instaló la colonia romana, hecho que implicó la transformación tanto de su estructura urbana, en la que podemos destacar la muralla, levantada en época de Augusto (AE 1989, 368), o el foro, situado en la parte más alta de la ciudad (LOPES 2010: 189-199), como del territorio circundante, donde se ha registrado la existencia de al menos dos centuriaciones (LOPES 2003: 272-292; GORGES 2010: 144-150). La ciudad romana asumió desde su fundación un papel importante en la red provincial de comunicaciones, que permitía unir *Pax Iulia* con otros centros urbanos como *Ebora* o *Myrtilis* (LOPES 2003: 72-79; GORGES 2010: 148-150). Asimismo, el *Digesto* nos permite saber que la colonia disfrutaba del importante privilegio jurídico que suponía el *ius Italicum* (Dig. L, 15, 8).

Sin embargo, no existe unanimidad en la historiografía a la hora de establecer la fecha fundacional de la colonia. Aunque contamos con diferentes propuestas (al respecto véase el estado de la cuestión realizado en nuestra tesis doctoral: ORTIZ 2019: 338-342), nosotros nos inclinamos por seguir la tesis enunciada por F. Vittinghoff (1951: 109, nota 4) y retomada posteriormente por A. M. Faria (1989: 101-109; 1999: 38; 2001: 352; 2006: 226). Según la misma, la colonia *Pax Iulia* habría sido establecida por Octaviano en el periodo 31-27 a.C. Esta conclusión podría extraerse, según Faria, a partir de tres argumentos: la pertenencia de los habitantes de la ciudad a la tribu *Galeria*, empleada de forma recurrente por Octaviano/Augusto en sus promociones hispanas; la cronología de las acuñaciones de la ceca local, que

remiten a época de Augusto y que habrían sido realizadas para conmemorar la *deductio*; finalmente, la presencia del epíteto *Pax* en el nombre oficial de la colonia. Dicho término no fue nunca empleado por César y su significado remite más bien a la propaganda desplegada por Octaviano tras la victoria de *Actium*. Cuenta, asimismo, con paralelos en otras ciudades fundadas en esta misma coyuntura como colonia *Octavanorum Pacensis Classica Forum Iulii* (Fréjus) o colonia *Veneria Iulia Pacensis Restituta Tertianorum* (Aleria) (MANTAS 1993: 492; FARIA 1989: 104; 2006: 226).

A los razonamientos empleados por A. M. Faria nosotros creemos que pueden sumarse otras evidencias que consideramos interesantes y que podrían respaldar su propuesta. Entre ellas se encuentra el notable número de *Caii Iulii* documentados en la epigrafía pacense (IRCP, 233, 239, 246, 265, 267, 291, 302, 305). Su onomástica, en el contexto propuesto para la fundación de la colonia, podría relacionarse con la figura del *Princeps*, que antes de su proclamación como *Augustus* adoptó el nombre de su padre. De esta manera, los *Caii Iulii* documentados en *Pax Iulia* podrían estar reflejando el establecimiento de lazos clientelares con el fundador de la ciudad (MANTAS 1993: 492, nota 136). De igual modo, la vinculación de la colonia con el emperador podría plantearse también a partir de la inscripción AE 1989, 368, donde se constata que Augusto habría sufragado parte de la construcción de las murallas de la ciudad en el año 2 a.C. Finalmente, cabe destacar el disfrute del *ius Italicum* por parte de *Pax Iulia*, un privilegio que en *Hispania* ha sido documentado únicamente en fundaciones coloniales llevadas a cabo por el *Princeps*, una circunstancia que, consideramos, reforzaría la propuesta de una fundación ejecutada por Octaviano/Augusto. Es posible, no obstante, que el *ius Italicum* hubiese sido concedido a *Pax Iulia* con posterioridad a su fundación, ya que este privilegio no aparece en la obra de Plinio, sino en el volumen L del *Digesto*, que recoge la información recopilada por el jurista Paulo a comienzos del siglo III d.C.

La nueva colonia *Pax Iulia* se articuló a partir del asentamiento de un contingente de población foránea que conformó la base de la nueva comunidad cívica. La llegada de estos inmigrantes de origen principalmente itálico generó importantes transformaciones en la ciudad. Tras su designación como capital conventual, un hecho que habría tenido lugar en el periodo comprendido entre Augusto y los Flavios, ya que como tal aparece mencionada por Plinio (*NH*, IV, 117). Una síntesis sobre la división conventual hispana en OZCÁRIZ 2009: 333-334), *Pax Iulia* se convirtió en el punto de referencia para las ciudades de la zona, a la vez que sus habitantes comenzaron también a proyectarse fuera de ella. El trabajo que ahora presentamos pretende estudiar

las dinámicas de movilidad existentes en *Pax Iulia* a partir del análisis de la documentación epigráfica. Desde un punto de vista metodológico hemos empleado dos conceptos de movilidad a la hora de recopilar esa información. El primero y más abundante es aquel mediante el cual la movilidad se define por su carácter de migración, es decir, de permanencia en el lugar de destino, hecho que lo diferencia del segundo tipo de movilidad que hemos detectado, que viene marcada en este caso por su carácter transitorio y el consecuente retorno de sus protagonistas a su lugar de origen.

Para el estudio de estas dinámicas hemos revisado los distintos *corpora* provinciales hispanos y las diversas bases de datos informáticas existentes sobre la epigrafía latina de la Península Ibérica y de las provincias del Imperio. Los criterios empleados para detectar la presencia de inmigrantes en *Pax Iulia* han sido tres:

- a. La mención de una *origo* de carácter foráneo. Este término indica la comunidad cívica a la que está adscrita el individuo que lo emplea, que generalmente suele ser diferente a la del lugar de hallazgo de su inscripción (Sobre la *origo*: LASSÈRE 2005: 128-136; GONZÁLEZ y MOLINA 2011: 1-14; GRÜLL 2018: 139-150).
- b. La presencia de una tribu ajena a los habitantes de la colonia. Los *cives* de *Pax Iulia* fueron inscritos en la tribu *Galeria* (WIEGELS 1985: 84). En consecuencia, la existencia en la ciudad de individuos con una adscripción tribal diferente permite suponer para ellos un origen foráneo.
- c. La onomástica. Destaca la aparición en la epigrafía pacense de una serie de gentilicios cuyo origen parece remitir a un horizonte no hispano (SCHULZE 1966; CONWAY 1967). Su presencia, que en ocasiones resulta excepcional en la epigrafía de la Península Ibérica, es particularmente importante para tratar de identificar a los miembros del primer censo colonial.

Por otro lado, la detección de la emigración protagonizada por los *cives* de *Pax Iulia* se ha realizado a partir de la *origo*, toda vez que la tribu propia de los habitantes de la ciudad, la *Galeria*, conforma una tribu muy común en *Hispania* desde época de Augusto.

Teniendo en cuenta todos estos criterios hemos elaborado un *corpus* epigráfico compuesto por 19 inscripciones que aluden a 21 personajes y que conforma la base documental de este trabajo.

## 1. Inmigración

La fundación de *Pax Iulia* implicó el establecimiento de un grupo de colonos de origen foráneo. Por desgracia, la información que poseemos actualmente no nos permite determinar con certeza si este grupo de población estuvo compuesto por militares veteranos o por inmigrantes de origen civil, por lo que algunos autores han considerado hipotéticas las propuestas realizadas sobre la composición social de la *deductio* (LE ROUX 1982: 51, nota 48). A pesar de estas limitaciones documentales, entre las que destaca la ausencia de cualquier mención a unidades militares en la epigrafía pacense, son varios los autores que han defendido un origen castrense para la colonia (GARCÍA-GELABERT 1994: 1198; OLIVARES 1998: 224). En este sentido, a partir de la identificación establecida por J. C. Saquete (1997: 39-41) entre las dos legiones fundadoras de *Augusta Emerita* y las unidades que, bajo la misma numeración, lucharon junto a Marco Antonio entre los años 43 y 31 a.C., A. M. Faria ha formulado una propuesta similar para el caso de *Pax Iulia*. De esta manera, según el citado autor, los colonos asentados en la colonia pacense habrían sido veteranos de Marco Antonio (FARIA 1999: 38-39; 2006: 227). Este hecho permitiría explicar la ausencia de referencias a unidades militares en las inscripciones de *Pax Iulia* y su territorio, pudiendo argumentarse que estos soldados, a diferencia de los colonos emeritenses, no habrían participado en las guerras cántabro-astures, por lo que no podrían exhibir este hecho como un atenuante que disculpare su anterior respaldo a la causa de Antonio. Por ello habrían optado por omitir cualquier referencia a sus unidades en la epigrafía de la colonia (SAQUETE 1997: 43-46; FARIA 1999: 39). De esta manera, no es que no existieran veteranos asentados en *Pax Iulia*, sino que éstos habrían silenciado el nombre de sus legiones por su pasada vinculación con Antonio (FARIA 1999: 39). El posible origen militar de *Pax Iulia* podría desprenderse también de la posesión del *ius Italicum*, dado que en Hispania aquellas colonias que fueron beneficiadas con este importante privilegio, como *Augusta Emerita*, *Ilici* o *Acci*, configuraron su cuerpo cívico a partir del asentamiento de veteranos de las guerras civiles (OLIVARES 1998: 224; FARIA 1999: 39). Todas estas consideraciones han sido rechazadas, sin embargo, por V. G. Mantas, quien, aunque atribuye la fundación de *Pax Iulia* a Octaviano, considera que la ciudad habría sido establecida a partir de un contingente de población civil y con la categoría inicial de municipio de derecho latino en el periodo 29-28 a.C., promocionando posteriormente al *status de colonia civium Romanorum* en los años 15 o 2 a.C. (MANTAS 1993: 492 y 496; 1996: 51-54). De igual modo, descartó el carácter militar activo

de *Pax Iulia* basándose en la tardía construcción de la muralla colonial y en la ausencia en la epigrafía pacense de referencias que puedan relacionarse con veteranos del ejército (MANTAS 1993: 496).

El asentamiento en *Pax Iulia* de un contingente de población foránea no habría sido incompatible, en cualquier caso, con la incorporación al censo colonial de algunos elementos de origen indígena. Esta integración parece desprenderse de un pasaje de Estrabón (III, 2, 15) que alude a las “ciudades mixtas” fundadas en *Pax Iulia*, *Augusta Emerita* y *Caesar Augusta*. El contenido de este pasaje ha llevado incluso a considerar la existencia en *Pax Iulia* de una realidad de tipo dipolitano en la que habrían convivido ciudadanos romanos e indígenas romanizados (GALSTERER 1971: 52, nota 9; ENCARNAÇÃO 1990: 43-45; 2015: 17-29; MANTAS 1996: 52). Esta situación ha intentado justificarse también a partir de la epigrafía, donde contamos con dos inscripciones que resultan curiosas. La primera de ellas, *CIL II*, 52 (= *IRCP*, 233), alude a la existencia en *Pax Iulia* de un posible doble senado según se desprende de la expresión *utriusque sen[atus]* recogida en su última línea<sup>2</sup>. Se trata de una evidencia limitada que, sin embargo, no resulta extraña en la Península Ibérica, donde la presencia de dos senados en una misma ciudad ha sido documentada en *Singilia Barba* y *Valentia*.

El segundo epígrafe al que hemos aludido es el epítafio de *Asinia Priscilla*, descubierto en el concelho de Moura<sup>3</sup>. Esta mujer aparece identificada como *PAC C R.* Parece claro que el desarrollo de la primera abreviatura es *Pac(ensis)*. Sin embargo, existen diversas propuestas para las otras dos letras, que han sido restituidas como *C(oniu?) R(arissima?)* (*AE* 1989, 370) o bien como *C(ivis) R(omana)* (*ALFENIM* 1988). Entre los autores que apoyan esta segunda propuesta se encuentra J. d'Encarnação, que ha empleado esta interpretación para sugerir la posible existencia en *Pax Iulia* de dos comunidades diferentes, una romana y otra indígena, con distinto estatuto político-social. Para este autor resulta curioso que *Asinia Priscilla* pusiera tanto empeño en identificarse como pacense y como ciudadana romana cuando su epítafio procedía de una zona que pudo haber formado parte del *ager* colonial. Este interés en resaltar su ciudadanía romana dentro de los propios límites territoriales de *Pax Iulia* podría indicar, a su juicio, que en ella existían otros habitantes que no gozaban de este privilegio jurídico (ENCARNAÇÃO 1990: 44; 2015: 21). Otros autores, sin embargo, consideran redundante esta interpretación (CANTO 1997: 153, nº 182).

<sup>2</sup> *CIL II*, 52: *C(aius) Iulius C(ai) f(ilius) [- -] / IIvir bis praefectus fabr(um? - -) / utriusque sen[*

<sup>3</sup> *AE* 1989, 370: *D(is) M(anibus) s(acrum) / Asin(ia) Pr/iscilla / Pac(ensis) c(oniu?) r(arissima?) an/n(orum) XXXI h(ic) s(ita) e(st) / A(- -) H(- -) u(xori) p(iissimae) p(onendum) c(uravit) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*

La posible incorporación de población indígena a la nueva colonia podría deducirse también a partir de los numerosos *Caii Iulii* documentados en la epigrafía pacense, como hemos subrayado anteriormente. La adopción de este nombre de gran prestigio reflejaría la romanización de ciertos sectores de la sociedad indígena, algo que para J. d'Encarnação sería también aplicable al caso de *M. Upius Obiddus* (*HEp* 2, 1990, 747). Este personaje fue identificado inicialmente como un colono de origen itálico (ENCARNAÇÃO 1986: 103, nº 138a). Sin embargo, en un reciente trabajo donde ha realizado un nuevo estudio de la inscripción a partir de una fotografía inédita, este autor concluye que se trataría más bien de un indígena romanizado (ENCARNAÇÃO 2016: 196-200).

### 1.1. Los primeros colonos y sus descendientes

A pesar de las limitaciones referidas, la documentación epigráfica nos permite constatar la existencia de un grupo de individuos que pudieron haber participado en la *deductio* fundacional de *Pax Iulia*. Ante la ausencia de referencias militares y de indicaciones de origo su identificación ha sido realizada a partir de su onomástica, donde destaca la presencia de varios gentilicios de origen itálico (sobre la inmigración itálica en *Lusitania* a partir de los estudios onomásticos: NAVARRO 2000: 281-297; CADIOU y NAVARRO 2010: 253-292).

Siguiendo estos parámetros creemos que uno de los primeros colonos pudo haber sido *C. Cosconius*, cuya inscripción funeraria procede de los alrededores de Beja<sup>4</sup>. Ha sido fechada durante en el siglo I d.C., aunque recientemente J. d'Encarnação (2015: 20) ha considerado más apropiado situarla a finales del siglo I a.C. Se trata de un texto muy breve en el que destaca la ausencia de *cognomen* en la onomástica de su protagonista, hecho que vendría a corroborar la temprana cronología de la inscripción. Este personaje fue incorporado entre los *cives* de *Pax Iulia*, como muestra su pertenencia a la tribu *Galeria*. Su peculiar onomástica permite plantear un origen foráneo, ya que el *nomen* *Cosconius* remite al ámbito itálico (SCHULZE 1966: 175) y su presencia en *Hispania* es limitada (ABASCAL 1994: 125; NAVARRO y RAMÍREZ 2003: 154).

Consideraciones similares pueden realizarse en los casos de *L. Cornelius Mitulus*<sup>5</sup> y de *Q. Peticius Rufus*<sup>6</sup>, cuyas inscripciones remiten a un marco

<sup>4</sup> AE 1997, 768: *C(aius) Cosconius / C(ai) f(ilius) Gal(eria) h(ic) s(itus) e(st)*

<sup>5</sup> AE 1986, 279: *L(uci) Cornelii / Mituli*

<sup>6</sup> IRCP, 271: *Q(uinto) Peticio T(iti) f(ilio) / Rufo / mater filio*

cronológico situado entre finales del siglo I a.C. y comienzos del siglo I d.C. Se trata, como en el ejemplo anterior, de textos muy breves que aportan escasos datos sobre sus protagonistas. De hecho, en el caso de *L. Cornelius Mitulus* la inscripción sólo recoge su onomástica. En ella destaca el *cognomen Mitulus*, que únicamente ha sido documentado en otra ocasión más, procedente en este caso de la ciudad itálica de Puteoli (CIL X, 2300). Esta circunstancia llevó a M. A. Dias a considerar a *Mitulus* como un inmigrante de origen itálico (ALVES DIAS 1983. Igualmente, MANTAS 1996: 46). En relación a la fecha de este epígrafe, tanto la redacción en genitivo del *nomen*, claramente romano, como la ausencia de otras referencias de tipo religioso, onomástico, biográfico o funerario, han permitido a esta autora datar la pieza a mediados del siglo I a.C., propuesta con la que se ha mostrado de acuerdo J. d'Encarnação (2016: 203). Por su parte, la información recogida en el epitafio de *Q. Peticius Rufus* indica que fue su madre quien se lo dedicó. Por lo demás, la onomástica del difunto permite sugerir una procedencia itálica, dado que el *nomen Peticius* se concentra mayoritariamente en esta región (OPEL III, p. 134), pudiendo incluso haber tenido un origen etrusco (SCHULZE 1966: 208). En *Hispania* su presencia se limita a cuatro casos, procedentes todos ellos de ciudades lusitanas (ABASCAL 1994: 196-197; NAVARRO y RAMÍREZ 2003: 260).

Junto a estos personajes, que hemos identificado como miembros del primer censo colonial, contamos con otro pequeño grupo de inscripciones que aluden a varios individuos que podemos considerar como descendientes de los primeros colonos. Podría ser el caso de *C. Albius Albicus*<sup>7</sup>, de cuya inscripción, actualmente perdida, sólo conocemos las dos primeras líneas. A partir del texto conservado sabemos que se trataba de un ciudadano romano de pleno derecho, como certifica su pertenencia a la tribu *Galeria*. El análisis de su onomástica permitió a J. d'Encarnação (IRCP, 297) sugerir la posibilidad de que fuese un descendiente de emigrantes itálicos, ya que el gentilicio *Albius*, documentado en Italia entre campanos, vestinos, volscos, latinos y sabinos (CONWAY 1967: 558), tiene escasa proyección en *Hispania*, donde se concentra principalmente en *Lusitania* (ABASCAL 1994: 74; NAVARRO y RAMÍREZ 2003: 79). Sin embargo, se mostraba prudente en sus conclusiones, entre otras razones porque desconocemos la fecha de este epígrafe.

De igual modo, podría incluirse en este grupo el epitafio de *Cornelia Avita*, fallecida en *Pax Iulia* a los 38 años y homenajeada por sus padres, *L. Cornelius Rufinus* y *Iulia Rufina*<sup>8</sup>. Su inscripción, que ha sido fechada entre

<sup>7</sup> IRCP, 297: C(aius) Albius C(ai) f(ilius) / Gal(eria) Albicus / -----?

<sup>8</sup> IRCP, 329: Cornelia / L(ucii) f(lilia) Avita an(norum) XXIX h(ic) s(ita) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) / Cornelius

finales del siglo I y comienzos del II d.C., fue realizada en mármol local y su cuidada ejecución podría denotar influencias exteriores a la región, según expuso J. d'Encarnaçāo (*IRCP*, 329). La onomástica de los miembros de esta familia es perfectamente latina y en ella constan gentilicios y cognomina bien documentados en la Península Ibérica y en el propio *conventus Pacensis*. Ambos elementos, las características formales de la inscripción y la onomástica de los individuos documentados en ella, llevaron a J. d'Encarnaçāo a plantear la posibilidad de que se tratase de una familia de colonos itálicos, aunque por la fecha de la inscripción podemos suponer que serían más bien algunos de sus descendientes.

Finalmente, también podríamos relacionar con la *deductio* fundacional de la colonia la inscripción del legionario *M. Antonius Augustanus* (FARIA 1999: 39), encontrada en *Bracara Augusta*<sup>9</sup>. Este personaje era natural de *Pax Iulia*, tal y como certifican su *origo* y su pertenencia a la tribu *Galeria*. Sirvió durante dieciocho años en la centuria de *Mamilius Lucanus* de la *legio VII Gemina*. Tras su fallecimiento, que tuvo lugar a los 45 años, su heredero, *Sempronius Graecinus*, probablemente miembro de la misma legión, le dedicó la inscripción. Aunque la misma ha sido parcialmente regrabada, tanto los formularios epigráficos empleados como la unidad militar permiten situarla entre los años 75 y 96 d.C. (TRANOY y LE ROUX 1989-1990: 196). Precisamente, la datación de la inscripción y los dieciocho años de servicio acreditados por *M. Antonius Augustanus* podrían indicar su pertenencia a la primera leva de hombres con la que fue levantada la *legio VII Gemina* en época de Galba (TRANOY y LE ROUX 1989-1990: 196; PALAO 2006: 109-110). Este personaje ha sido identificado a partir de su onomástica como descendiente de alguno de los colonos instalados durante la *deductio* de *Pax Iulia* (MANTAS 1996: 54; FARIA 1999: 39). En ella destaca el *nomen Antonius*, único ejemplo conocido de este gentilicio en la epigrafía pacense (NAVARRO y RAMÍREZ 2003: 91). Su uso podría indicar una posible relación con el triunviro M. Antonio, bajo quien habrían combatido las legiones asentadas en *Pax Iulia* si seguimos la propuesta enunciada por A. M. Faria. Se trata del único militar conocido en la epigrafía pacense si exceptuamos el testimonio de un pretoriano fallecido en Roma (*CIL VI*, 32682).

---

Rufinus pater et / Iulia Rufina mater f(aciendum) c(uraverunt)

<sup>9</sup> CIL II, 2425: *M(arcus) Antonius M(arci) f(ilius) / Gal(eria) Augustanus / Pace miles leg(ionis) / VII Gem(inae) Fel(icis) / |(centuria) Mamili / Lucani an(norum) / XLV aer(orum) XIX / h(ic) s(itus) e(st) / Sempronius / Graecinus / heres f(aciendum) c(uravit)*

Onomástica	Cron.	Origo	Domicilio	Tribu	Lugar de hallazgo	Status	Función Social	Referencia
<i>Caius Albius Albus</i>		Possible descendiente de itálicos	<i>Pax Iulia</i>	Galeria	Beja (Portugal)	<i>Civis Romanus</i>		IRCP, 297
<i>Marcus Antonius Augustanus</i>	75-96 d.C.	<i>Pacensis</i>	<i>Bracara Augusta</i>	Galeria	Braga (Portugal)	<i>Civis Romanus</i>	<i>Miles legionis VII Geminae; centuriae Mamillii Lucanii</i>	CIL II, 2425
<i>Cornelia Avita</i>	Transición siglo I al II d.C.	Probablemente itálica o descendiente de itálicos	<i>Pax Iulia</i>		Beja (Portugal)	<i>Civis Romana</i>		IRCP, 329
<i>Lucius Cornelius Mitulus</i>	Mediados del siglo I a.C.	Probablemente itálico	<i>Pax Iulia</i>		Castro Verde (Beja)	<i>Civis Romanus</i>		AE 1986, 279
<i>Cornelius Rufinus</i>	Transición siglo I al II d.C.	Probablemente itálico o descendiente de itálicos	<i>Pax Iulia</i>		Beja (Portugal)	<i>Civis Romanus</i>		IRCP, 329
<i>Caius Cosconius</i>	Siglo I d.C.	Probablemente itálico	<i>Pax Iulia</i>	Galeria	Freguesia de Baleizão (Beja, Portugal)	<i>Civis Romanus</i>		AE 1997, 768
<i>Iulia Rufina</i>	Transición siglo I al II d.C.	Probablemente itálica o descendiente de itálicos	<i>Pax Iulia</i>		Beja (Portugal)	<i>Civis Romana</i>		IRCP, 329
<i>Quintus Peticus Rufus</i>	Comienzos del s. I d.C.	Probablemente itálico	<i>Pax Iulia</i>		Beja (Portugal)	<i>Civis Romanus</i>		IRCP, 271

**Tabla 1.** Posibles colonos o descendientes de colonos relacionados con la *deductio* de *Pax Iulia*.

## 1.2. Inmigración posterior a la fundación de la colonia

Con posterioridad a la fundación de la colonia la llegada de población foránea a *Pax Iulia* se redujo notablemente. Para este periodo contamos sólo con tres inscripciones. Dos de ellas aluden a inmigrantes procedentes de otras ciudades de *Lusitania*. Se trata de *M. Iulius Avitus*, originario de *Olisipo*<sup>10</sup>, y de *Iulia Quintilla*, natural de *Ebora*<sup>11</sup>. Sus inscripciones apenas aportan datos so-

<sup>10</sup> IRCP, 296: *M(arcus) Iulius / Avitus O/lisip(onensis) annor(um) / XXX h(ic) s(itus) e(st)*

<sup>11</sup> IRCP, 295: *Iulia Q(uinti)f(ilia) Quin/tilla Eborense / annorum XXXII h(ic) s(ita) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) / Q(uintus) P(etronius) Mater(nus) matri*

bre sus protagonistas más allá de los años de fallecimiento y de la *origo*. Las causas que motivaron sus desplazamientos son igualmente desconocidas. No obstante, en el caso de *M. Iulius Avitus* el hallazgo de su epitafio en la zona de Monte da Chaminé ha permitido plantear la posibilidad de que se tratase de un minero, dado que este lugar no está muy lejos de la zona minera de Vipasca y queda a medio camino entre ésta y *Pax Iulia* (HALEY 1991: 93).

La tercera de las inscripciones a las que nos referíamos con anterioridad, fechada a caballo entre los siglos II y III d.C., alude en este caso a un inmigrante de origen extrapeninsular. Se trata de *C. Blossius Saturninus*, que aparece dedicando el epitafio de su hija<sup>12</sup>. Este personaje presenta una azarosa trayectoria vital que le habría llevado a desplazarse en primer lugar desde su ciudad natal, la colonia *Iulia Neapolis* (*Africa Proconsular*), hasta la ciudad lusitana de *Balsa*, un importante puerto situado al sur de esta provincia. Allí debió instalarse en condición de *incola*, tal y como se indica claramente en su inscripción (*incola Balsensis*). Este término hace referencia a los habitantes de una *civitas* que no están adscritos a ella y, en consecuencia, no forman parte de su lista de *cives*. Posteriormente, *C. Blossius Saturninus* optó por trasladarse a *Pax Iulia*, ciudad que ofrecía mayores posibilidades de promoción política, económica y social. Su plena integración en esta ciudad queda puesta de manifiesto en la adopción de la tribu *Galeria*, propia de los *cives pacenses*. Ésta vendría a sustituir a la tribu *Arniensis* empleada por los habitantes de *Iulia Neapolis* (*CIL VIII*, 971 y 24098). Sin embargo, en el caso de *C. Blossius Saturninus* la antigua tribu no habría sido totalmente olvidada, ya que el término *Areniensis* presente en su inscripción podría entenderse como un adjetivo derivado de la misma. El fenómeno del cambio de tribu, que habría requerido de la correspondiente autorización decurional, solía estar ligado al ejercicio de cargos políticos en la colonia o municipio a dónde el ciudadano en cuestión se había trasladado (FORNI 1966: 139-155). Por desgracia, la información que poseemos no nos permite saber si *C. Blossius Saturninus* accedió a las magistraturas locales en *Pax Iulia*, aunque su cambio de tribu constataría tanto su plena integración en la ciudad como su buena disposición económica, algo que, sin duda, habría influido en su nueva posición.

<sup>12</sup> IRCP, 294: ----- / [---] ann(orum) XXXIII / G(aius) Blossius Satu/rninus Galeria / Napolitanus Afe/r Ar{e} niensis Inc[o]/la Balsensis fili/ae pientissimae / h(ic) s(ita) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)

Onomástica	Cron.	Origo	Domicilio	Tribu	Lugar de hallazgo	Status	Función Social	Referencia
<i>Caius Blossius Saturninus</i>	Transición siglo II al III d.C.	<i>Napolitanus Afer et Incola Balsensis</i>	<i>Pax Iulia</i>	<i>Galeria</i>	Beja, (Portugal)	<i>Civis Romanus</i>		IRCP, 294
<i>Iulia Quintilla</i>	Siglo II d.C.	<i>Eborensis</i>	<i>Pax Iulia</i>		Beja, (Portugal)	<i>Civis Romana</i>		IRCP, 295
<i>Marcus Iulius Avitus</i>	Siglo I d.C.	<i>Olisiponensis</i>	<i>Pax Iulia</i>		Monte da Chaminé (Concelho de Beja)	<i>Civis Romanus</i>	¿Minero?	IRCP, 296

**Tabla 2.** Inmigración posterior a la fundación de la colonia.

## 2. Emigración

Los ciudadanos de *Pax Iulia* participaron también en la corriente emigratoria que se proyectó sobre diversos puntos de la propia Península Ibérica y sobre otras provincias y ciudades del resto del Imperio. Las inscripciones relativas a la emigración de los habitantes de *Pax Iulia* que hemos reunido en este trabajo han sido recopiladas a partir de la presencia de la *origo Pacensi/s* en dichos epígrafes. Este elemento conforma, como ya señalamos en la introducción, nuestra guía más fiable.

### 2.1. Hacia las provincias hispanas

En el caso de la Península Ibérica la movilidad protagonizada por los *cives* de *Pax Iulia* tuvo un escaso alcance geográfico, ya que se encuentra limitada a la propia provincia de *Lusitania* y a un testimonio procedente de *Bracara Augusta*, ciudad situada en la *Hispania Citerior*, aunque muy cerca de la frontera lusitana. Dentro de la primera, la colonia pacense parece tener una fluida relación con *Augusta Emerita*, capital provincial y principal centro receptor de población en la región (EDMONDSON 2004a: 321-368). En ella se establecieron durante los siglos I y II d.C. tres individuos originarios de *Pax Iulia*, dos de los cuales eran mujeres. La más antigua de estas inscripciones es el epitafio de *Claudia Maria*, que tras su muerte fue honrada por un personaje llamado *T. Claudius Artemidorus*, posiblemente un liberto, cuya relación exacta con la difunta desconocemos<sup>13</sup>. Algo más de información poseemos en el caso de *Cretonia Maxima*, cuya inscripción ha sido fechada entre finales del siglo I y comienzos del siglo II d.C.<sup>14</sup>. Esta

<sup>13</sup> CIL II, 517: *Claudiae Mariae Pac[e]n[si] / Ti(berius) Claud(ius) Artemidorus*

<sup>14</sup> AE 1971, 147: *D(is) M(anibus) s(acrum) / Cretonia Maxima Pap(eria) / Pacensis an(norum) LXXX h(ic) s(ita)*

señora falleció a los 80 años en *Augusta Emerita* y fue enterrada junto a su hijo, *P. Aplanius Marcius*. La fórmula final de la inscripción (*mater sibi et filio faciendum curavit*) señala que fue *Cretonia Maxima* quien se encargó de hacer el monumento para sí misma y para su hijo, lo que indicaría que éste habría fallecido antes que su madre. Las causas que motivaron el traslado de *Cretonia Maxima* desde *Pax Iulia* hasta la capital lusitana son desconocidas, aunque J. d'Encarnaçāo considera que pudo deberse a la celebración de un matrimonio con un *Aplanius* de *Augusta Emerita* (ENCARNAÇÃO 2002-2003: 129; 2010: 103). Como consecuencia de esta unión *Cretonia Maxima* habría sido inscrita en la tribu *Papiria*, propia de los *cives* de la capital lusitana. Este hecho, frecuente en el mundo romano en el caso de los hombres, no lo es tanto en el ámbito femenino, cuyos ejemplos en la Península Ibérica son escasos. El hijo de *Cretonia Maxima* habría nacido ya en Mérida y formaría parte del cuerpo cívico de la colonia, tal y como señalan su pertenencia a la tribu *Papiria* y su identificación como *Emeritensis*. Ambos personajes fueron enterrados en las cercanías de Badajoz, lo cual permite suponer que poseían alguna propiedad rural en el *territorium* de la colonia emeritense.

El último de los tres pacenses conocidos en *Augusta Emerita* es *Q. Baebius Florus*<sup>15</sup>. Su epítafio fue dedicado por sus padres, *P. Iulius Hermetion* y *Iulia Daphne*. Llama la atención, sin embargo, que en esta dedicatoria el hijo porte un nombre totalmente distinto al de sus progenitores. La onomástica de *P. Iulius Hermetion* y de *Iulia Daphne*, particularmente sus *cognomina* griegos, permiten suponer que se trataría de dos libertos manumitidos, quizás de la misma familia. Su paternidad sobre *Q. Baebius Florus* está fuera de duda, toda vez que éste aparece referido como *filius pientissimus et optimus*. Esta singular situación ha sido relacionada por J. Edmondson con la posibilidad de que *Hermetion* y *Daphne* hubiesen dado a su hijo biológico en adopción a un ciudadano de *Pax Iulia*, de tal manera que éste habría tomado la onomástica de su padre adoptivo. No obstante, sus progenitores no habrían perdido el contacto con él y por eso habrían decidido conmemorar su muerte con la erección de un altar en *Augusta Emerita* (EDMONDSON 2004b: 360).

Más allá de la capital provincial hemos localizado referencias a individuos de origen pacense en ciudades de cierta entidad como *Norba Caesarina* o *Mirobriga*. En la primera de ellas falleció durante la segunda mitad del siglo I d.C. *L. Fabius Verecundus*<sup>16</sup>, mientras que en la segunda conocemos el

---

est / s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) P(ublius) Aplanius Marci(anus) Pap(eria) Emerite(nsis) / an(norum) XXXIII h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) / mater sibi et f(ilio) f(aciendum) c(uravit)

<sup>15</sup> CIL II, 516: D(is) M(anibus) S(acrum) / Q(uintus) Baebius Florus / Gal(eria) Pacensis / ann(orum) XX h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) / P(ublius) Iul(ius) Hermetion pater / et Iulia Daphne mater / filio piissimo / et optimo fecer(unt)

<sup>16</sup> AE 1991, 960: L(ucius) F(ab)ius / V[er]ecundus P(acens) is an(norum) LX / h(ic) s(itus) e(st) / -----

testimonio de *C. Attius Ianuarius*<sup>17</sup>. Su inscripción, datada en el siglo II d.C., recoge el legado testamentario dispuesto por este *medicus*, cuyo contenido ha sido objeto de distintas interpretaciones por parte de la historiografía (al respecto: ENCARNAÇÃO 2017: 86-123). Uno de los elementos que más debate ha generado tiene que ver con la expresión *medicus Pacensis* que figura en la cuarta línea de la inscripción. Algunos autores, argumentando que el adjetivo *Pacensis* determinaría a la palabra *medicus*, han considerado que *Ianuarius* sería un médico público contratado por *Pax Iulia* (ENCARNAÇÃO en IRCP, 144) o bien un *medicus* formado en la colonia pacense que, posteriormente, habría optado por trasladarse a *Mirobriga* para ejercer su profesión (RÉMY 2010: 88-89). Por el contrario, otros autores se han decantado por una interpretación más simple del texto, prefiriendo considerar el término *Pacensis* como la *origo* de este médico (STANLEY 1990: 251 y 258, nº 82; ALONSO 2011: 89 y 96; SÁNCHEZ 2015: 248), postura con la que nosotros coincidimos<sup>18</sup>. Resulta igualmente difícil determinar la naturaleza de su profesión, ya que ha sido considerado tanto un médico público (MANGAS 1971: 274; ENCARNAÇÃO en IRCP, 144; RODRÍGUEZ 1999: 60) como un especialista privado (RÉMY 1991: 325; 2010: 88-89). Sea como sea, la realidad es que este personaje aparece documentado en *Mirobriga*, ciudad donde realizó una dedicatoria en honor de Esculapio y legó en su testamento una cantidad de dinero desconocida con el objetivo de celebrar unas *Quinquatrias*, fiestas organizadas tradicionalmente en honor de Minerva, patrona de los médicos, una divinidad que, en este caso, habría cedido su lugar a Esculapio. Esta dedicatoria, que fue ejecutada por su heredero, *Fabius Isas*, refleja la existencia de una estrecha relación entre este *medicus* y la ciudad de *Mirobriga* que ha sido explicada de dos maneras. Por un lado, planteando la existencia allí de un santuario dedicado a Esculapio que podría haber funcionado como centro de peregrinación (ENCARNAÇÃO en IRCP, 144); por otro, sugiriendo la posibilidad de que *Ianuarius* se hubiese instalado en *Mirobriga* para ejercer su profesión (STANLEY 1990: 251; RÉMY 2010: 88-89; ALONSO 2011: 97). Por desgracia, desconocemos si este traslado tuvo un carácter definitivo, opción por la que parece decantarse B. Rémy (2010: 89), o temporal, postura defendida por M. Ángeles Alonso (2011: 97).

El resto de inscripciones que hemos reunido en este apartado proceden de centros urbanos de menor entidad y en algunos casos de nombre desconocido. En este grupo debemos encuadrar las inscripciones de [-]

<sup>17</sup> IRCP, 144: *Aesculapio / deo / C(aius) Attius Ianuarius / medicus Pacensis / testamento legavit / ob merita splendi/ dissimi ordinis / [qu]od ei quinquatri/[du]um praestiterit / Fabius Isas heres / fac(iendum) cur(avit)*

<sup>18</sup> También B. Rémy (1991: 325) consideró en un primer momento el origen pacense de *C. Attius Ianuarius*, una propuesta corregida posteriormente (REMY 2010: 88-89).

*M(arcus) [ - - - ], Modesta y Asinia Priscilla.* La primera de ellas se encontró en Ribera del Fresno (Badajoz), cuyo topónimo en época romana no conocemos. La inscripción presenta varias lagunas que dificultan su reconstrucción. Pese a ello, sabemos que se trata de la inscripción funeraria de un personaje natural de *Pax Iulia* cuya onomástica no podemos restituir por completo<sup>19</sup>.

Las otras dos inscripciones proceden del concelho de Moura, cuyo nombre en época romana desconocemos, aunque no podemos descartar que sus tierras hubiesen formado parte del territorio de *Pax Iulia* (ENCARNAÇÃO 2015: 21). La más antigua de ellas es el epítafio de *Modesta*<sup>20</sup>, encontrado en la freguesia de Santo Amador y que ha sido fechado en la segunda mitad del siglo I d.C. Esta mujer, hija de *Modestus*, falleció a la temprana edad de doce años. Llama la atención que tanto el padre como la hija porten una onomástica compuesta por un sólo elemento. A pesar de ello, ambos personajes parecen bastante romanizados si nos atenemos a la simbología con la que fue decorada el soporte, una palma en pie como símbolo de la victoria sobre la muerte, y a las fórmulas usadas en la inscripción, entre las que destaca *te rogo praeteriens dic sit tibi terra levis* por su escasa frecuencia en el *conventus Pacensis* (ENCARNAÇÃO 1990: 47).

Por su parte, la inscripción de *Asinia Priscilla* remite al siglo II d.C. y conforma también un epítafio, dedicado en este caso por el marido de la difunta<sup>21</sup>. El texto de esta inscripción está marcado por la presencia de varias abreviaturas – *PAC C R* – de difícil desarrollo (*vid. supra*). Tampoco ha sido restituida en la sexta línea la identidad del esposo de *Asinia Priscilla*, para cuya onomástica se han propuesto los *nomina A(sinius)* (ALFENIM 1988; ENCARNAÇÃO 1990: 42-45, nº 1) y *A(elius)* (CANTO 1997: 153, nº 182) y el *cognomen H(onoratus)* (ALFENIM 1988). En cualquier caso, la escasa difusión del *nomen Asinius* en *Hispania* llevó a J. d'Encarnação (1990: 44) a pensar que *Asinia Priscilla* podría incluirse en la categoría de ciudadanos descendientes de emigrantes.

Finalmente, conviene señalar el testimonio de *L. Marcius Pierus*<sup>22</sup>, ya que su movilidad presenta una naturaleza diferente al no ser un desplazamiento de carácter definitivo. Este personaje fue sevir augustal en *Pax Iulia* y en *Ebora*, ciudad esta última donde fue homenajeado *aer[e] conlato* y *ob merita eius*

<sup>19</sup> HEpOL, 11960: ----- / *M(arco) [ - - - ] / Pacen[sis? - - - ] / L(ucius) Arrunt(ius) Trop[himus] / be(ne) me(renti) f(aciedum) c(uravit) h(ic) s(itus) [ - - - ]*

<sup>20</sup> CIL II, 970: *Modesta Mo/desti filia / Pacensis / ann(orum) XII / [h(ic) s(ita)] e(st) te r(ogo) p(raeteriens) d(icas) s(it) / [t(ibi) t(erra) l(evis)] mater f(ecit)*

<sup>21</sup> AE 1989, 370: *D(is) M(anibus) s(acrum) / Asin(ia) Pr/iscilla / Pac(ensis) c(oniux?) r(arissima?) an/n(orum) XXXI h(ic) s(ita) e(st) / A(- - -) H(- - -) u(xori) p(iiissimae) p(onendum) c(uravit) / s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*

<sup>22</sup> IRCP, 241: *[L(ucio) M]arcio Piero / [P]acensi / [Au]gustali col(oniae) Pacensis / et municipii Eborensis / amici ob merita eius / aer[e] conlato posuerunt / L(ucius) Marcius Pierus / honore contentus / in pensan [sic] remisit*

por un grupo de *amici*, un honor que *L. Marcius Pierus* aceptó gustosamente corriendo con los gastos derivados del mismo (*honore contentus impensam remisit*). Desde el punto de vista de la organización del culto imperial esta inscripción vincula las dos poblaciones mencionadas, ya que el mismo augustal era el encargado de satisfacer el culto en ambas comunidades. Este hecho habría implicado el desplazamiento de *L. Marcius Pierus* entre estas ciudades para llevar a cabo las ceremonias derivadas de su responsabilidad.

Fuera de la provincia de *Lusitania* la emigración encontrada en *Pax Iulia* tuvo escaso impacto. Únicamente contamos con una inscripción procedente de *Bracara Augusta* (*Hispania Citerior*), ciudad donde falleció *M. Antonius Augustanus*. Este *miles* de la *VII Gemina*, al que ya nos hemos referido anteriormente por su posible relación con la *deductio* de *Pax Iulia*, habría sido reclutado en época de Galba (PALAO 2006: 172) o a comienzos de la dinastía Flavia (LE ROUX 1982: 198). Su desplazamiento y posterior fallecimiento en *Bracara Augusta* debieron producirse durante su periodo de servicio. Los motivos de su presencia en esta ciudad son desconocidos, aunque se han planteado dos posibilidades: su asignación como escolta de un funcionario o bien su participación en trabajos de construcción y mantenimiento de la red viaria de la zona (TRANOY y LE ROUX 1989-1990: 196). En este sentido, debe señalarse la importante relación que la *VII Gemina* mantuvo con las capitales conventuales del noroeste hispano, donde han aparecido diversos testimonios de esta unidad (PALAO 2006: 291-297). La presencia de militares en *Bracara Augusta* debe ponerse en relación con el papel administrativo desempeñado por esta ciudad en la región, a raíz de lo cual recibió un notable número de inmigrantes (ANDREU 2008: 365-370), aunque tampoco debemos obviar su cercanía respecto al sector minero de Tréminas.

## 2.2. Hacia las provincias extrapeninsulares

La movilidad de los pacenses fuera del territorio hispano resulta excepcional, ya que la documentación epigráfica revisada constata un solo individuo en esta situación. Se trata de *M. Iulius N(a)evianus*, que sirvió durante 16 años en las cohortes pretorianas, concretamente en la centuria de *Gavius* de la *V cohorte*. Este *Pacensis* falleció en Roma a los 35 años de edad en una fecha que oscila entre finales del siglo I y comienzos del II d.C.<sup>23</sup>. La ausencia de cualquier referencia a la *honesta missio* induce a pensar que su muerte se produjo mientras se encontraba en activo. Los 16 años de servicio indicados en la inscripción deben considerarse acorde con las normas estipuladas por Augusto para los miembros del pretorio

<sup>23</sup> CIL VI, 32682: *D(is) M(anibus) / M(arcus) Iulius M(arci)f(ilius) N(a)evianus / Pace Iulia mil(es) coh(ortis) / V pr(aetoriae) |(centuria) Gavi militavit / annis XVI vixit annis / XXXV*

(DURRY 1968: 262-264 y 290-293). Se trata del máximo temporal previsto, aunque en algunos casos, como ocurrió con *C. Marcius Salvianus* (CIL VI, 208), pretoriano procedente de *Norba Caesaria*, el periodo de servicio podía extenderse algunos años más.

Onomástica	Cron.	Domi-cilio	Tribu	Lugar de hallazgo	Status	Función Social	Referencia
<i>Marcus Antonius Augustanus</i>	75-96 d.C.	<i>Bracara Augusta</i>	Galeria	Braga (Portugal)	<i>Civis Romanus</i>	<i>Miles legionis VII Geminae; centuriae Mamillii Lucanii</i>	CIL II, 2425
<i>Asimia Priscilla</i>	Segunda mitad del siglo II d.C.	<i>Ignotus</i>		Castro dos Ratinhos (Moura, Portugal)	<i>Civis Romana</i>		AE 1989, 370
<i>Caius Attius Ianuarius</i>	Siglo II d.C.	<i>Mirobriga</i>		Santiago do Cacém (Portugal)	?Libertus?	<i>Medicus</i>	IRCP, 144
<i>Quintus Baebius Florus</i>	Mediados siglo II d.C.	<i>Augusta Emerita</i>	Galeria	Mérida	<i>Civis Romanus</i>		CIL II, 516
<i>Claudia Maria</i>	Finales siglo I d.C.	<i>Augusta Emerita</i>		Mérida			CIL II, 517
<i>Cretonia Maxima</i>	Siglos I-II d.C.	<i>Augusta Emerita</i>	Papiria	Finca “La Pinela” (Badajoz)	<i>Civis Romana</i>		AE 1971, 147
<i>Lucius Fabius Verecundus</i>	Segunda mitad siglo I d.C.	<i>Norba Caesaria</i>		Cáceres (Extremadura)	<i>Civis Romanus</i>		AE 1991, 960
<i>Marcus Iulius N(a)evianus</i>	Siglos I-II d.C.	Roma		Roma	<i>Civis Romanus</i>	<i>Miles cohortis V praetoria; centuriae Gavii</i>	CIL VI, 32682
<i>Lucius Marcius Pierus</i>	Época altoimperial	<i>Pax Iulia</i>		Beja (Portugal)	Libertus	<i>Augustalis in colonia Pacense et in municipio Eborense</i>	IRCP, 241
<i>Modesta</i>	Segunda mitad siglo I d.C.	<i>Ignotus</i>		Freguesia de Santo Amador (Moura, Portugal)			CIL II, 970
<i>[ - ] M(arcus) [ - - ]</i>		?Fornacis?		Ribera del Fresno (Badajoz)			HEPOL, 11960

**Tabla 3.** Emigrantes originarios de *Pax Iulia*.

## Conclusiones

La documentación epigráfica estudiada nos ha permitido constatar la existencia de diferentes dinámicas de movilidad entre los habitantes de *Pax Iulia*. Estas dinámicas están conformadas por los dos procesos tradicionales que podemos encontrar en este tipo de trabajos: la inmigración y la emigración. La primera está representada por nueve inscripciones. Seis de ellas aluden a inmigrantes asentados durante la fundación colonial o a individuos que podemos identificar como sus descendientes. El origen de estos primeros pobladores parece ser principalmente itálico según se desprende de su onomástica, donde contamos con gentilicios poco frecuentes en *Hispania* (Tabla 1). Carecemos, sin embargo, de evidencias que permitan determinar con certeza las ciudades de origen o conocer la naturaleza, militar o civil, de estos primeros colonos. Pese a ello, contamos con algunos indicios que hacen posible plantear un origen militar para *Pax Iulia*, como la posesión por parte de la ciudad del *ius Italicum*, privilegio otorgado en *Hispania* únicamente a colonias de fundación castrense, y la presencia en *Bracara Augusta* de un *miles* de la *VII Gemina* cuya onomástica, donde destaca el *nomen Antonius*, remitiría al conocido triunviro, con cuyas antiguas legiones pudo haber sido fundada, a semejanza de lo ocurrido en *Augusta Emerita*, la colonia pacense. Se trata de una conclusión provisional, dado que hasta el momento carecemos de referencias epigráficas de militares en *Pax Iulia*. De todo lo expuesto se desprende que la primera fase de la colonia estuvo marcada por la llegada de un grupo de inmigrantes de origen itálico que conformó el núcleo de la nueva *civitas*. Buena parte de sus inscripciones proceden del territorio pacense, donde parece que fueron instalados estos primeros colonos. Así ocurre en los casos de *C. Cosconius*, *L. Cornelius Mitulus* y *C. Albius Albicus*. La llegada de estos colonos no excluye, en cualquier caso, la posible incorporación al censo colonial de algunos elementos de origen indígena, algo que podría desprenderse del importante número de *Caii Iulii* documentados en la ciudad.

Con posterioridad a la *deductio* la inmigración que se proyectó sobre *Pax Iulia* se redujo notablemente, ya que para el periodo imperial sólo contamos con tres inscripciones. Dos de ellas aluden a inmigrantes procedentes de la propia *Lusitania*, *Iulia Quintilla*, natural de *Ebora*, y *M. Iulius Avitus*, originario de *Olisipo*, mientras que el tercer epígrafe menciona a *C. Blossius Saturninus*, único inmigrante de origen extrapeninsular registrado en *Pax Iulia* en este periodo. Se trata de un personaje de procedencia norteafricana que decidió instalarse en *Pax Iulia* entre los siglos II y III d.C. tras haber pasado previamente por la ciudad de *Balsa*, donde residió como *incola*.

Las causas que motivaron el desplazamiento de estos inmigrantes hasta *Pax Iulia* son diversas. Dentro de ellos debemos distinguir dos grupos. Por un lado estarían los colonos fundacionales, instalados en *Pax Iulia* tras el final de las guerras civiles. Por otro, encontramos a los inmigrantes de época posterior, para los que la información que poseemos es limitada. No obstante, contamos con dos casos donde podemos plantear la existencia de una movilidad de carácter económico. Así pudo suceder con *M. Iulius Avitus*, un posible minero identificado en Monté da Chaminé. Su inscripción podría también relacionarse con el *sodalicium bracarorum* existente en *Pax Iulia*, que ha sido vinculado con la actividad minera (HALEY 1991: 27; HOLLERAN 2016: 113 y 117). El otro caso es el de *C. Blossius Saturninus*, cuyo traslado desde *Iulia Neapolis* a *Balsa* y, posteriormente, a *Pax Iulia* quizás pudo haber estado vinculado con el comercio.

Frente a su modesto carácter como núcleo receptor, *Pax Iulia* ejerció un activo papel como centro emisor de emigrantes, ya que buena parte de las inscripciones reunidas en este trabajo aluden a pacenses domiciliados fuera de su ciudad natal. Se trata de una movilidad de corto alcance geográfico, ya que sus principales centros de destino fueron otras ciudades de *Lusitania*. Dentro de ellas destaca *Augusta Emerita*, donde conocemos la presencia de tres individuos originarios de *Pax Iulia*: *Q. Baebius Florus*, *Claudia Maria* y *Cretonia Maxima*. La relación entre ambas ciudades sería consecuencia del papel de *Augusta Emerita* como capital provincial, ya que en *Hispania*, al igual que sucedía en otros puntos del Imperio, las élites locales se proyectaron hacia las capitales provinciales con el fin de mejorar su posición social y progresar en su carrera pública. Otras ciudades lusitanas que recibieron emigrantes pacenses fueron *Norba Caesarina* y *Mirobriga*. Fuera de la provincia de *Lusitania* la emigración de los pacenses resulta prácticamente irrelevante. Contamos sólo con dos inscripciones, ambas alusivas a militares, procedentes de *Bracara Augusta* (*Hispania Citerior*), donde estuvo destinado *M. Antonius Augustanus*, soldado de la *VII Gemina*, y de Roma, ciudad en la que *M. Iulius N(a)evianus* sirvió en las cohortes pretorianas.

Las causas que determinaron la emigración de los habitantes de *Pax Iulia* son diversas, aunque no disponemos de información concluyente para todos ellos. Dentro de este apartado contamos con ejemplos de movilidad laboral, como pudo ser el caso del *medicus C. Attius Ianuarius*, documentado en la ciudad de *Mirobriga*; de desplazamientos generados a raíz del ejercicio de responsabilidades religiosas, como sucedió con *L. Marcius Pierus*, cuyas obligaciones como *sevir augustal* en *Pax Iulia* y *Ebora* le habrían obligado a desplazarse entre ambas ciudades; y, finalmente, de trasladados vinculados al

servicio en el ejército, como ya hemos subrayado en los casos de *M. Antonius Augustanus* y de *M. Iulius N(a)evianus*. Sin embargo, en esta última categoría *Pax Iulia* presenta importantes diferencias respecto a lo que sucede en otras colonias lusitanas, donde la principal causa de movilidad exterior entre sus habitantes fue el servicio en el ejército (ORTIZ 2018: 83-116). Finalmente, no deben obviarse otros factores para el desarrollo de la emigración, como el establecimiento de alianzas matrimoniales, algo que pudo suceder con *Cretonia Maxima*. Su caso es particularmente interesante porque esta mujer fue admitida entre los *cives* de *Augusta Emerita*, adoptando incluso la tribu *Papiria*. Se trata de un proceso que también tenemos documentado en la propia *Pax Iulia*, protagonizado en este caso por *C. Blossius Saturninus*, que fue inscrito en la tribu *Galeria* tras su establecimiento en la colonia.

## Bibliografía

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994). *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Murcia.
- ALARCÃO, Jorge de; ÁLVAREZ MARTÍNEZ, José Mª; CEPAS PALANCA, Adela; CORZO SÁNCHEZ, Ramón (eds.) (1995). *Tabula Imperii Romani (TIR). Hoja J-29: Lisboa. Emerita-Scallabis-Pax Iulia-Gades*. Madrid.
- ALFENIM, Rafael (1988). “Uma ara funerária do Castro dos Ratinhos (Moura)”. *Ficheiro Epigráfico*, 26, nº 118.
- ALONSO ALONSO, Mª. Ángeles (2011). “Los *medici* en la epigrafía de la Hispania romana”. *Veleia*, 28, 83-107.
- ALVES DIAS, Mª. Manuela (1983). “Epitáfio de um *olisiponense* na área do Concelho de Beja (*Conventus Pacensis*)”. *Ficheiro Epigráfico*, 5, nº 18.
- ANDREU PINTADO, Javier (2008). “Sentimiento y orgullo cívico en Hispania: en torno a las menciones de *origo* en la Hispania Citerior”. *Gerión*, 26, nº 1, 349-378.
- CADIOU, François y NAVARRO CABALLERO, Milagros (2010). “Les origines d'une présence italienne en Lusitanie”, in J. G. Gorges y T. Nogales Basarrate (eds.), *Naisance de la Lusitanie romaine (I a.C. – I d.C.)*. Toulouse-Mérida, 253-292.
- CANTO, Alicia (1997). *Epigrafía Romana de la Beturia Céltica*. Madrid.
- CONWAY, Robert Seymour (1967). *The italic dialects*. Cambridge.
- DURRY, Marcel (1968). *Les Cohortes Prétoriennes*. París.
- EDMONDSON, Jonathan (2004a) “Inmigración y sociedad local en *Augusta Emerita*, 25 a.C.-250 d.C.”, in J. G. Gorges, E. Cerrillo y T. Nogales Basarrate (eds.), *V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana: las comunicaciones*. Madrid, 321-368.
- EDMONDSON, Jonathan (2004b). “Los monumentos funerarios como espejo de la so-

- ciedad emeritense: secretos y problemas sociofamiliares a la luz de la epigrafía”, in T. Nogales Basarrate (ed.), *Augusta Emerita. Territorios, Espacios, Imágenes y Gentes en Lusitania Romana*. Mérida, 341-371.
- ENCARNAÇÃO, José de (1986). “Inscrições romanas do *conventus Pacensis*. Aditamento”. *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1: 99-109.
- ENCARNAÇÃO, José de (1990). “Epigrafia romana de Moura”, in *Moura na época romana. Catalogo*. Moura, 41-59.
- ENCARNAÇÃO, José de (2002-2003). “A menção da tribo nas epígrafes. Identificação e territorialidade”. *Anas*, 15-16, 127-132.
- ENCARNAÇÃO, José de (2010). *Epigrafia: As Pedras que Falam*. Coimbra.
- ENCARNAÇÃO, José de (2015). “Sociedade e cultura em *Pax Iulia*, através da epigrafía”, in *O sudoeste peninsular entre Roma e o Islão*. Mértola, 17-29.
- ENCARNAÇÃO, José de (2016). “Os Romanos de Castro Verde (*Conventus Pacensis, Lusitania*)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 19, 195-210.
- ENCARNAÇÃO, José de (2017). “O Testamento do *medicus Pacensis*”. *Antrope*, 7, 86-123.
- FARIA, António Marques de (1989). “Sobre a data da fundação de *Pax Iulia*”. *Conimbriga*, 28: 101-109
- FARIA, António Marques de (1999). “Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2, nº 2, 29-50.
- FARIA, António Marques de (2001). “*Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia*”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4, nº 2, 351-362.
- FARIA, António Marques de (2006). “Novas notas historiográficas sobre *Augusta Emerita* e outras cidades hispano-romanas”. *Revista portuguesa de Arqueología*, 9, nº 2, 211-238.
- FORNI, Giovanni (1966). “Doppia tribù di cittadini e cambiamenti di tribù romane. Probabile connessione com l'esercizio dei diritti politici in municipi e colonie”. *Tetraonyma*, 139-155.
- GALSTERER, Hartmut (1971). *Untersuchungen zum Römischen städtewesen auf der iberischen halbinsel*. Berlin.
- GARCÍA-BELLIDO, Mª. Paz; BLÁZQUEZ CERRATO, Cruces (2001). *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos*. Vol. II. *Catálogo de cecas y pueblos que acuñan moneda*. Madrid.
- GARCÍA-GELABERT, Mª. Paz (1994). “La colonización romana en Hispania y África en época de César y Augusto”, in *L'Africa Romana. Atti del X Convegno di Studio Oristano, 11-13 dicembre 1992*, Vol. III. Sassari, 1189-1205.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Rafael y MOLINA GÓMEZ, José Antonio (2011). “Precisiones a las menciones de *origo* con la fórmula *domo + topónimo/gentilicio* en la

- epigrafía romana de *Hispania*". *Emerita*, LXXIX, nº 1, 1-29.
- GORGES, Jean-Gérard (2010). "Remarques sur la colonie *Pax-Iulia* et l'organisation territoriale de la cité", in J. G. Gorges y T. Nogales Basarrate (coords.), *Origen de la Lusitania romana (siglos I a.C.-I d.C.): VII Mesa Redonda Internacional sobre la Lusitania Romana*, (Toulouse, 8-9 noviembre 2007). Mérida, 141-171.
- GRÜLL, Tibor (2018). "Origo as identity factor in Roman epitaphs", in G. Cupcea y R. Varga (eds.), *Social Interactions and Status Markers in the Roman World*. Oxford, 139-150.
- HALEY, Ewan Woodruff (1991). *Migration and economy in Roman Imperial Spain*. Barcelona.
- HOLLERAN, Claire (2016). "Labour mobility in the Roman world: the case of the Spanis mines", in L. Tacoma y L. DeLigt (eds.), *Migration and Mobility in the Early Roman Empire*. Leiden, 95-137.
- LASSÈRE, Jean-Marie (2005). *Manuel d'Épigraphie Romaine*. París.
- LE ROUX, Patrick (1982). *L'armée romaine et l'organisation des provinces iberiques d'Auguste a l'invasion de 409*. París.
- LOPES, Mª. da Conceição (2003). *A cidade romana de Beja: percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*. Coimbra.
- LOPES, Mª. da Conceição (2010). "O recinto Forense de *Pax Iulia* (Beja)", in T. Nogales Basarrate (coord.), *Ciudad y foro en Lusitania romana*. Badajoz, 189-200.
- LÖRINCZ, Barnabás (ed.) (2000). *Onomasticum Provinciarum Europae Latinarum, vol. III: Labareus-Pyhtea (OPEL III)*. Viena.
- MANGAS MANJARRÉS, Julio (1971). *Esclavos y libertos en la España romana*. Salamanca.
- MANTAS, Vasco Gil (1993). "As fundações coloniais no território português nos finais da República e inícios do Império", in *II Congresso Peninsular de História Antiga: Coimbra, 18 a 20 de outubro de 1990*. Coimbra, 467-500.
- MANTAS, Vasco Gil (1996). "Em torno do problema da fundação e estatuto de *Pax Iulia*". *Arquivo de Beja*, 2-3, 41-62.
- NAVARRO CABALLERO, Milagros (2000). "Notas sobre algunos gentilicios romanos de *Lusitania*: una propuesta metodológica sobre la emigración itálica", in J. G. Gorges y T. Nogales Basarrate (eds.), *Sociedad y cultura en Lusitania romana. IV Mesa Redonda Internacional*. Mérida, 281-297.
- NAVARRO CABALLERO, Milagros; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (coords.) (2003). *Atlas antropónímico de la Lusitania romana*. Mérida-Burdeos.
- OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos (1998). *Conflictó político y promoción jurídica de comunidades en el Occidente romano (133 a.C.-177 d.C.)*. Alicante.
- ORTIZ CÓRDOBA, José (2018). "Reclutamiento y unidades militares en las colonias romanas de *Lusitania*". *Studia Historica. Historia Antigua*, 36, 83-116.

- ORTIZ CÓRDOBA, José (2019). *Las colonias romanas de Hispania y los movimientos de población (siglos I-II d.C.)*. Universidad de Granada. Tesis Doctoral.
- OZCÁRIZ GIL, Pablo (2009). “Organización administrativa y territorial de las provincias hispanas durante el Alto Imperio”, in J. Andreu Pintado, J. Cabrero Piquero e I. Rodà de Llanza (eds.), *Hispaniae. Las provincias hispanas en el mundo romano*. Tarragona, 323-338.
- PALAO VICENTE, Juan José (2006). *Legio VII Gemina (Pia) Felix. Estudio de una legión romana*. Salamanca.
- RÉMY, Bernard (1991). “Les inscriptions de médecins dans les provinces romaines de la Péninsule Ibérique”. *Revue des Études Anciennes*, 93, nº 3-4, 321-364.
- RÉMY, Bernard (2010). *Les médecins dans l'Occident romain*. Burdeos.
- RIPOLLES ALEGRE, Pere Pau (2010). *Las acuñaciones provinciales romanas de Hispania*. Madrid.
- RODRÍGUEZ NEILA, Juan Francisco (1999). “El trabajo en las ciudades de la Hispania romana”, in J. F. Rodríguez Neila, C. González Román, J. Mangas y A. Orejas (eds.), *El trabajo en la Hispania romana*. Madrid, 9-118.
- ROLDÁN HERVÁS, José Manuel (1975). *Itineraria Hispana. Fuentes antiguas para el estudio de las vías romanas en la Península Ibérica*. Madrid.
- SÁNCHEZ LEÓN, Mª Luisa (2015). “Las curias municipales en Lusitania durante el Alto Imperio”, in C. Berrendonner, M. Cébeillac-Gervasoni y L. Lamoine (coords.), *Le quotidien municipal dans l'Occident romain: actes du colloque international tenu à la Maison des sciences de l'homme, Clermont-Ferrand et à l'IUFM d'Auvergne, Chamalières, 19-21 octobre 2007*. Clermont-Ferrand, 247-260.
- SAQUETE CHAMIZO, José Carlos (1997). “Las élites sociales de Augusta Emerita”. *Cuadernos Emeritenses*, 13.
- SCHULZE, Wilhelm (1966). *Geschichte lateinischer Eigennament*. Berlín.
- STANLEY, Farland H. (1990). “Geographical mobility in Roman Lusitania: an epigraphical perspective”. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 82, 249-269.
- TRANOY, Alain; LE ROUX, Patrick (1989-1990). “As necrópoles de Bracara Augusta. B. Les inscriptions funéraires”. *CARQ*, 6-7, 187-230.
- VITTINGHOFF, Friedrich (1951). *Römische Kolonisation und Bürgerrechtspolitik unter Caesar und Augustus*. Mainz.
- WIEGELS, Rainer (1985). *Die Tribusinschriften des römischen Hispanien*. Berlín.



# A carreira da Índia e o problema da entrada na barra do rio Tejo: perigos à navegação durante os séculos XVI-XVII

*The carreira da Índia and the problem of the access to the Tagus river rill: navigation obstacles during the sixteenth and seventeenth centuries*

**MARCO OLIVEIRA BORGES**

Universidade de Lisboa, Centro de História

marcoliveiraborges@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1547-4554>

Texto recebido em / Text submitted on: 23/10/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 08/06/2020

**Resumo.** Em finais do século XVI, devido a obras de fortificação, os canais de navegação da barra do rio Tejo começaram a assorear, a estreitar e a apresentar uma profundidade menor, afetando fortemente a navegação, sobretudo dos navios da carreira da Índia, caracterizados pelas suas grandes dimensões. O maior problema verificou-se na carreira de São Gião (São Julião), que é o canal Norte de navegação e o principal para os navios que se deslocavam para Lisboa, ficando mais sujeito a ser palco de encalhes e de naufrágios. Este estudo pretende contribuir para a discussão destes assuntos, tentando ao mesmo tempo compreender quando é que a carreira da Alcáçova, o canal Sul, terá começado a ser usada pela navegação para se entrar no Tejo e em que condições.

**Palavras-chave.** Carreira da Índia, barra do rio Tejo, canais de navegação, assoreamento, naufrágios.

**Abstract.** In late sixteenth century, due to fortification works, the navigation channels of the Tagus river rill began to silt, to narrow and to present a smaller depth, strongly affecting the shipping, especially carreira da Índia's ships, themselves characterized by its large dimensions. The largest concern was the carreira de São Gião (São Julião), the northern navigation channel, and the most important one for vessels on their way to Lisbon, which became more susceptible of being the stage of beaching and shipwrecks. This study aims to contribute to the discussion of these subjects, while attempting, at the same time, to understand when the carreira de Alcáçova, in the South channel, started being used by navigation to enter the Tagus river, and under which conditions.

**Keywords.** Carreira da Índia, Tagus river rill, navigation channels, silting, shipwrecks.

## Introdução

Em inícios da Época Moderna, Lisboa e Sevilha afirmaram-se como grandes centros dos empreendimentos ultramarinos ibéricos e destinos finais de retorno das duas grandes carreiras marítimas comerciais desse tempo: a carreira da Índia

e a carreira das Índias Ocidentais<sup>1</sup>. Se do Índico vinham sobretudo grandes carregamentos de especiarias, mas também outros ricos produtos e muitos escravos<sup>2</sup>, das Índias de Castela chegava principalmente ouro e prata. No entanto, e olhando apenas o caso português, o assoreamento da barra do Tejo ajudou à ocorrência de diversos acidentes quando já se estava tão perto de atingir o termo da viagem, levando a grandes preocupações e à tomada de medidas para se tentar resolver o problema. Não podendo abordar desde já o assunto na sua totalidade, nomeadamente no que diz às sondagens levadas a cabo no Tejo, às diferentes perspetivas em confronto naquela altura e ao auxílio prestado pelos pilotos de Cascais, deixaremos um olhar mais alargado para outro momento, focando-nos agora sobretudo nas dificuldades que apareciam à navegação e no modo de entrada dos navios na barra, incluindo com o auxílio de galés<sup>3</sup>.

Após cerca de seis meses de viagem desde o Índico até à costa portuguesa, depois de muitos perigos enfrentados, vindo com as populações de bordo bastante reduzidas, doentes e extremamente cansadas, excessivamente carregados e não raras vezes em mau estado de conservação, os navios da carreira da Índia tinham ainda de enfrentar um último grande teste. O derradeiro obstáculo que surgia era, precisamente, a sempre difícil e perigosa entrada na barra do Tejo, estando condicionada por diversos fatores da geografia física que levavam a que a sua demanda nem sempre fosse possível efetuar em segurança e de forma direta. Isto fazia com que as armadas fossem obrigadas a aguardar em Cascais pelas condições ideais para se rumar a Lisboa, tornando aquele espaço uma escala final de todos os navios que rumavam à capital (BORGES 2012: 61-81). Este último aspetto é bem conhecido para finais da Idade Média, e para quem está familiarizado com a história marítima local e a navegação no Tejo, mas, de certo modo, tem escapado a visões mais gerais.

<sup>1</sup> Sobre a carreira da Índia, cf., e.g., MATOS 1994; DOMINGUES 1998; GUINOTE, FRUTUOSO, LOPES 1998; GODINHO 2005; DOMINGUES 2015: 111-125; GODINHO 2016: 221-227. Para a sua congénere castelhana, cf., e.g., CABALLERO JUÁREZ 1997; RODRÍGUES LORENZO 2012.

<sup>2</sup> Sobre a presença de escravos nos navios da carreira da Índia, cf. CALDEIRA 2017: 47-65, 89-90 e 132-133; BORGES 2020: 21-36.

<sup>3</sup> Desde o ano letivo 2009/2010, altura em que fizemos um trabalho sobre a carreira da Índia para o Seminário de Descobrimentos e Expansão, que temos vindo a reunir dados e a estudar os problemas da navegação no Tejo.



Fig. 1. Pormenor da entrada da barra do rio Tejo (TEIXEIRA 1648).

## 1. Fatores da geografia física

Os fatores que mais constrangiam a navegação no trecho costeiro de aproximação à barra e a passagem da vertente oceânica para a fluvial, no decorrer das viagens rumo a Lisboa, estavam relacionados com os ventos, com as marés, com a força das correntes, com a batimetria e morfologia irregular do leito do rio, muito influenciadas pelos cachopos que se formam à entrada do Tejo<sup>4</sup>. De facto, a entrada na barra trazia inúmeros perigos, exigindo dos pilotos e “dos mareantes um vasto conhecimento e domínio dos ciclos das marés, do movimento das correntes e do regime dos ventos, assim como do funcionamento hidrológico e das características topográficas da barra, pois os riscos de naufragar eram elevados” (FIALHO e FREIRE 2006: 3-4). A isto deve ser acrescentado que as hipóteses de se naufragar cresciam, claramente, em situações de borrasca, com o cansaço e doença das tripulações, fustigadas por longas viagens, bem como nos casos em que os navios vinham sobrecarregados e em mau estado, situações

<sup>4</sup> Sobre o tema, cf. BOIÇA 1998: 25-27 e segs.; MOREIRA 1998: 51-59; FREIRE 2012: *passim*; BETTENCOURT et. al. 2018: 137-138.

que, de uma forma geral, marcaram bastante o quotidiano da carreira da Índia.

Testemunha de inúmeros naufrágios ao longo dos séculos, é devido ao movimento das marés que a entrada da barra de Lisboa se mantém desimpedida, permitindo a sua navegabilidade. Com a força das águas oceânicas, durante a enchente e a vazante, neste último caso sendo acompanhada pelas que o rio transporta, ocorrem correntes fortíssimas que geram um duplo fenômeno: a drenagem dos canais de navegação e a distribuição das areias e outros depósitos para as margens ou para as áreas profundas do leito do rio (BOIÇA 1998: 25-26). Desde cedo que os mareantes se familiarizaram com estes aspectos, aprendendo a franquear a barra e a temê-la, conduzindo as embarcações pelos canais navegáveis que se abrem entre duas formações pétreas e arenosas, isto é, os referidos cachopos (Id.: 25-26).

## 2. Os canais da barra do Tejo

A entrada no Tejo fazia-se por três canais ou carreiras distintas. Aproximadamente a Sudoeste da ponta de São Julião, existe um baixio de pedra, o cachopo Norte, formando com a costa deste quadrante um canal de navegação estreito e pouco profundo: a carreira de São Gião ou barra pequena (Id.: 26). Outro baixio, de maiores dimensões, o cachopo Sul ou do Alpeidão, ganha forma ao longo da barra, delimitando, juntamente com o cachopo Norte, um canal grande e profundo, conhecido por carreira da Alcáçova<sup>5</sup> ou barra grande. Era o canal preferencial para se sair do Tejo, aproveitando-se o período em que a maré vazava (FIGUEIREDO 1614: 66; PIMENTEL 1681: 418), se bem que, por vezes, a saída fosse bastante demorada e necessitasse do auxílio do reboque feito por galés ou outras embarcações. Um bom testemunho disso é a descrição de D. João de Castro, relativa ao momento em que a armada da Índia de 1538 se preparava para largar do Tejo:

Sabbado, seis dias do mes dabril de 1538, nos fizemos a vella de Bethlem; o vento era de todo calma, mas aiudandonos a maré e alguns bateis que nos hião reuocando, fomos surgir antre Sao Giao e Sancta Catherina; e logo depois do meio dia começou a ventar o vento noroeste, e cada vez hia refrescando e fazendose mais largo; duas oras ante sol posto tirou a capitania hum tiro e se fez a vella, e todos fizemos o mesmo; quando nos ouuemos fora da carreira dalcaçova era noite de todo; e a este tempo ouuimos tres

<sup>5</sup> A designação “Alcáçova” surge por desse local se ter como ponto de referência de máxima distância o castelo de São Jorge, visível em linha reta (MOREIRA 1998: 55; Id. 2010: 144).

tiros, mas não vimos nem soubemos ao presente de que naao se tirarão (*Obras completas de D. João de Castro* 1968, I: 125).

Apesar de ser o canal do Tejo mais largo e o mais apropriado para a saída da barra, a carreira da Alcáçova tinha os seus perigos, não estando isenta de ser palco de um acidente, como aconteceu, por exemplo, em 1610, com a nau *Nossa Senhora do Livramento*, que, indo para a Índia e sendo capitaneada por Manuel Teles de Távora, perdeu-se na Cabeça Seca (FALCÃO 1859: 189).

Por fim, entre o cachopo Sul e a Trafaria abre-se mais um canal, embora estreito e de reduzida profundidade, não sendo navegado por navios de grande porte. Por vezes referido como canal do Torrão, ou do Barreiro, por ali circulavam, e ainda circulam, pequenas embarcações (BOIÇA 1998: 26).

Neste contexto, apenas dois canais de entrada da barra do Tejo estavam disponíveis a navios de grande porte, como era o caso dos que faziam a carreira da Índia. Nas indicações do cosmógrafo-mor Manuel Pimentel, era mencionado que, com vento favorável, os navios podiam entrar pela carreira da Alcáçova seguindo certas marcas da paisagem natural e cultural marítima, mas que também se poderia vir a bordejar (PIMENTEL 1699: 428-429). No entanto, salientava que esta última prática teria de ser feita com bordos pequenos. Opostamente, pela carreira de São Gião, Manuel Pimentel referia que apenas era viável entrar com bom vento e maré<sup>6</sup>, não se devendo bordejar. Sendo um espaço mais estreito, acabava por não ser possível bordejar na carreira de São Gião (ALMEIDA 1835: 25), algo que a ser tentado levaria certamente a um acidente. Assim, a entrada nesta carreira deveria ser realizada com vento de Norte e Noroeste (VASCONCELOS 1960: 89).

Olhemos mais pormenorizadamente a necessidade de vento favorável e a influência das marés e das correntes. Levantando âncora do fundeadouro de Cascais, do espaço em frente ao Mosteiro de Santo António do Estoril ou da área próxima do forte de Santo António, tornava-se indispensável acautelar o tempo de percurso pelos pontos mais críticos da barra, sendo que a entrada pela carreira de São Gião deveria ser feita em “meya agoa chea” (Id.: 88), portanto, a caminhar para a preia-mar, aproveitando-se a força máxima das correntes junto à fortaleza de São Julião da Barra, área onde as águas do Tejo e do Atlântico se encontram, sendo o principal ponto a vencer (BOIÇA 2008: 17). Ao mesmo tempo, havia que evitar o estofo da maré: “o tempo de paragem entre a enchente e a vazante, fugindo-se ao fluxo desta e à calma de ventos

<sup>6</sup> “E pelas mesmas marcas, que aqui vão apontadas, se pode bordejar, e sair por Alcaceva fora sendo vento de bordejar. Mas pela barra de S. Gião se ha de entender que se não pode entrar senão com bom vento, e maré” (PIMENTEL 1699: 429).

que, durante esse curto período, habitualmente se regista” (Id. 1998: 30-31). Para atestar ainda mais a complexidade da navegação nesta área, refira-se que as correntes do Tejo não se movimentam uniformemente no tempo e no espaço. É que num mesmo trecho costeiro, enquanto em certas áreas é o fluxo de início de vazante que prevalece, noutras é a fase terminal de enchente que ainda se faz sentir. Neste sentido, esta variação, nomeadamente durante as marés vivas, tinha que ser devidamente prevenida, pelo que era necessário saber com relativa precisão os ciclos exatos das marés, mormente quando se navegava pela carreira de São Gião (Id.: 31).

Por seu turno, na grande época da navegação à vela, o sucesso das deslocações também estava fortemente dependente dos ventos, que, como vimos, não raras vezes eram impeditivos de deixar prosseguir as viagens. Porém, para o caso do Tejo, que dados históricos concretos dispomos sobre esse assunto associados à entrada na barra? Em julho de 1572, a nau que trazia D. Luís de Ataíde, ex-vice-rei da Índia, esteve retida em Cascais durante 17 dias seguidos, não tendo podido entrar no Tejo. Os “grandes ventos nortes que foi causa nunca vista” (SOARES 1953: 64)<sup>7</sup>, foram adiando a continuação da viagem e a chegada a Lisboa. Tendo chegado ao porto cascalense no dia 3, somente a 20 de julho é que a nau conseguiu entrar no rio, “a boca da noute”, mas acabou por ter de ancorar em Almada. O desembarque de D. Luís de Ataíde acabaria por ter lugar apenas na manhã seguinte.

Num outro caso, ocorrido em 1595 e devido às condições meteorológicas adversas que se faziam sentir, perto de 18 navios da armada do Mar Oceano, liderada por D. João Forjaz Pereira, 5.º conde da Feira, só conseguiram entrar no Tejo após cinco tentativas e alguns dias depois das outras unidades dessa força naval terem entrado (SALGADO 2009: 121).

Mesmo quando o vento permitia que os navios se deslocassem nas melhores condições para a barra do Tejo, a súbita mudança de direção poderia trazer sérios problemas à navegação. Em outubro de 1621, quando retornou de arribada a Lisboa, a nau *Conceição* teve essa experiência, ficando registado o acontecimento através do p.º Jerónimo Lobo:

Nesta paragem nos vimos en grande perigo, porque de repente indo nós entrando com as vellas tensas se mudou o vento fresco com que hiamos

<sup>7</sup> Embora o autor indique que D. Luís de Ataíde chegou a “Cascais com as mais naos com que vinha”, não eram os outros navios da Índia, pois só um chegou em julho, podendo ser embarcações vindas de outras partes ultramarinas (cf. GUINOTE, FRUTUOSO e LOPES 2002: 130). Igualmente em 1572, mas já em setembro, uma violenta tempestade açoitou Lisboa, provocando a quebra das amarras de vários dos 32 navios de uma frota estacionada na capital, atirando uns contra os outros (GUEDES 1988: 44).

entrando e pondo-se por proa de tal sorte pegou as vellas aos mastros que não foi posivel amaina-las com a presa que convinha, indo-nos encostando a Cabeça Secca [Bugio] donde estavamos já tam perto que com huma pedra lhe podiamos chegar; e como o lugar era tão apertado entre os cachopos e a Cabeça Seca, era o receo e bulha igual ao perigo, mas lançadas as vellas abaixo e botado no fundo huma ancora aseguaramos então a nao do perigo mas não do resseo que podiamos ter de noite na qual se o vento refrescase por ser a vezinhansa da Cabesa Seca tanta e a carreira d'Alcaseva tinha estreitado sincuenta braças com a area que despois que nos partimos, en rezão da invernada que loguo se seguiu saidos que fomos e durarão largo tempo, deceo com as agoas do monte, era o perigo manifesto de ir a nao cacea pera os baxos refrescando o vento de noite; e pera o evitar puzerão duas ancoras a pique em rezão de qualquer successo que a nao tivesse de noite, mas foy Deos Nosso Senhor servido que a passamos sem sobresalto algum de tempo (LOBO 1971: 163-164).

Todavia, não foi só a mudança do vento que tornou mais perigosa a presença da nau naquele sítio. Conforme refere o trecho, e para além de se estar na vizinhança da Cabeça Seca, a carreira da Alcáçova tinha estreitado 50 braças durante o último inverno, pelo que havia o receio de que, durante a noite, mesmo com a nau presa ao fundo do rio com a ajuda de três âncoras, o vento pudesse deslocá-la e ocorresse algum acidente contra aquele banco de areia e pedras. Estando-se perante uma área de baixos movediços, sendo que durante temporais o mais certo é que ocorressem alterações bastante significativas na sua disposição, podendo tornar obsoletas as “conhecenças” ou balizas visuais usadas como referência e os enfiamentos para se entrar no Tejo, havia que recorrer a sondagens recorrentes para que se pudessem captar mudanças a fim de prevenir acidentes (BOIÇA 1998: 25-27 e segs).

### **3. Entrar no Tejo pelo canal Norte e pelo canal Sul**

Já foi indicado que existiam dois canais principais de navegação no Tejo e aduzidos alguns exemplos que atestam as dificuldades de entrada/saída da barra. Em todo o caso, qual seria o canal que, dentro do período em estudo, estaria a ser usado para se entrar no Tejo? Seriam ambos aconselhados ou havia algum tipo de preferência? O que dizem as fontes históricas e as fontes cartográficas? O que poderá vir a dizer a arqueologia subaquática?

Muito embora tenha chegado a ser indicado não existirem dados sobre

o processo de entrada no estuário do Tejo, se bem que se tenha reconhecido a importância dos pilotos da barra durante o século XVII (GODINHO 2005: 191), a verdade é que para a década de 1530 já surgem dados pormenorizados. Com base no regimento do guarda-mor das naus da Índia e armadas de 1534, por essa altura a entrada das naus vindas do Índico era feita pela carreira de São Gião. Com efeito, este processo requeria a ajuda dos pilotos de Cascais e do referido guarda-mor, cabendo a este balizar a entrada no Tejo com o auxílio de 2 caravelas daqueles pilotos, fundeadas em sítios estratégicos, indicando posteriormente, através do seu próprio batel, disposto junto a São Gião, o enfiamento correto para as naus seguirem:

Pera que has ditas naos emtrem mais seguramente ho dito guoarda mor  
mamdar por huma caravela [...] a pomta de quemtallarrana [Ponta de Rana]  
amcorada he outra a pomta do cachopo outrosj emcorada he em cada  
huma dellas estara hum pilloto dos de cascais que bem sajbão as pomtas  
homde se am de emcorar as quais estarão asy emcoradas ate as naos serem  
da pomta de são Jyhão pera demtro he ho dito guoarda mor estara no seu  
batell no mejo da barra a pomta de são Jyão com huma bamdeira pera as  
naos vyrem direitas a elle he como a nao derradeira emtrar se vira com elas  
(NEVES 2004: 540).

Portanto, o dispositivo de apoio começava bem fora da barra, colocando-se uma caravela fundeada na Ponta de Rana, imediatamente a Oeste da praia de Carcavelos, bem como outra algures na área do cachopo Norte, fazendo assim com que se pudesse demandar o Tejo pela área mais segura à navegação, contando-se ainda com o apoio do batel do guarda-mor, a fazer de baliza para que as naus da Índia seguissem o enfiamento certo até estarem para lá de São Gião.

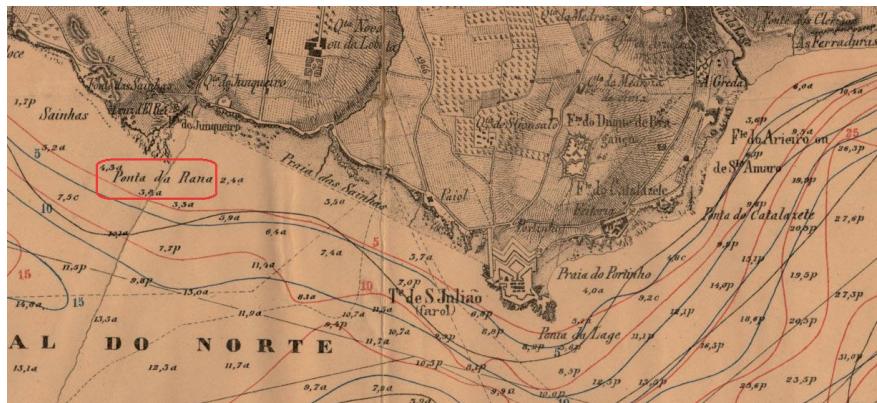


Fig. 2. Área costeira entre a Ponta de Rana, a Oeste, e a barra do Tejo, a Este (SILVA 1879).

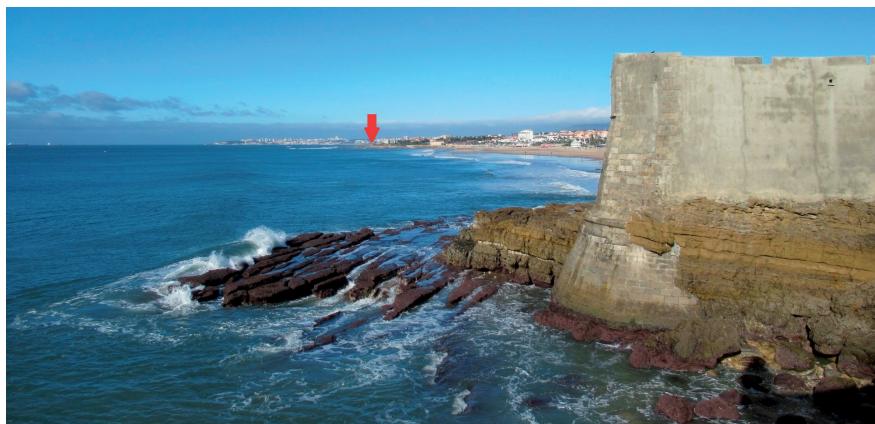


Fig. 3. Vista da fortaleza de São Julião da Barra para a praia de Carcavelos e Ponta de Rana, esta última indicada com a seta.

Fotografia: Marco Oliveira Borges

Numa carta de um atlas de 1586 (fig. 4), da autoria do cartógrafo e piloto neerlandês Lucas Janszoon Waghenaeer, que percorreu atenciosamente a costa portuguesa, aparece o topónimo “Craecke diep” na área da carreira da Alcáçova, significando “fundo das carracas”. As carracas eram navios de grande porte, sendo uma designação dada geralmente às naus portuguesas, sobretudo por autores estrangeiros<sup>8</sup>. Mas qual a razão para esta denominação figurar no canal Sul da barra do Tejo, excluindo-se o étimo “Alcáçova”? Seria este, por essa altura, o canal preferencial para a entrada/saída de navios de maior dimensão?

<sup>8</sup> “Na Espanha se chamão naos as que na Italia chamão carracas, e na Alemanha urcas” (OLIVEIRA 1991: 76).

Porque razão o autor usou esse nome quando em outras fontes – históricas e cartográficas – o local surge indicado como carreira da Alcáçova? Estava-se perante uma mera substituição do étimo, dando-se conta do local preferencial para os navios entrarem/sairem, ou a perigosidade face a naufrágios, e possíveis acidentes ali ocorridos, também havia levado a que fosse incluída? Estas questões ganham ainda mais interesse visto que Lucas Jansz Waghenaeer, contrariamente ao canal Sul, e baseado nas suas observações diretas, mas também em fontes portuguesas, registou o nome da entrada Norte próximo daquele que vem em outras fontes, surgindo como “Gielis diep”, ou seja, “fundo de Gião”.

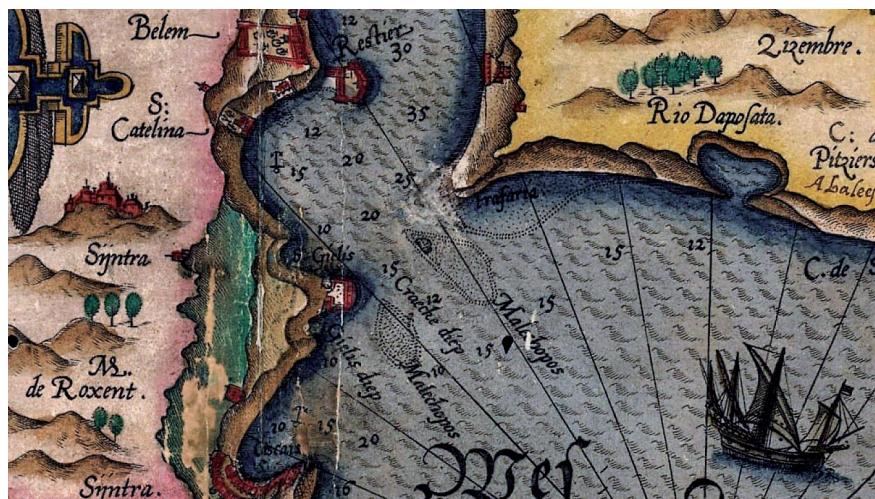


Fig. 4. Pormenor dos cachopos da barra do Tejo (WAGHENAEER 1586).

Posteriormente, outros autores viriam a reproduzir semelhante topónimo em espécimes cartográficos, pelo menos até finais do Século XVII. Assim, um mapa de finais do século XVII, por exemplo, também grafia o topónimo “fundo das carracas” na mesma área, se bem que não fazendo qualquer alusão à carreira de São Gião, ainda que a mesma seja visível (fig. 5).



Fig. 5. Costa entre o cabo Espichel e a Ericeira, destacando-se a entrada da barra do Tejo (HALMA 1700).

No *Livro de Marinharia. O Manuscrito de Praga*, apontado como sendo de c. 1568, é referido o modo de aproximação à barra para se entrar pela carreira de São Gião:

ir ao longo da costa dando-lhe honra e vai ao longo de São Gião e de fora dá honra [a Rana] e traz metida nossa [...] por Santa Marta pera ires salvo da Rana e dá honra a São Gião por amor do agulhão que está só aguado à ponta de dentro de São Gião (*Livro de Marinharia. O Manuscrito de Praga* 2009: 255).

Um documento de 1605, que mostraria de forma detalhada a forma como os pilotos da barra deveriam auxiliar os navios da carreira da Índia a entrar pela carreira de São Gião, mas que parece estar perdido, foi elaborado por António de Pina, guarda-mor do porto de Cascais (MACHADO 1741: 353).

Por sua vez, uma planta da barra de Lisboa da autoria de Leonardo Turriano, de c. 1607, mostra igualmente que os enfiamentos náuticos que se deveriam seguir para entrar pela carreira de São Gião estavam dependentes das estruturas e do conhecimento geográfico da costa de Cascais, mormente do farol da Guia e da marca de Santa Marta (fig. 6), situada no local que mais tarde viria a ser conhecido por Ponta do Salmodo.

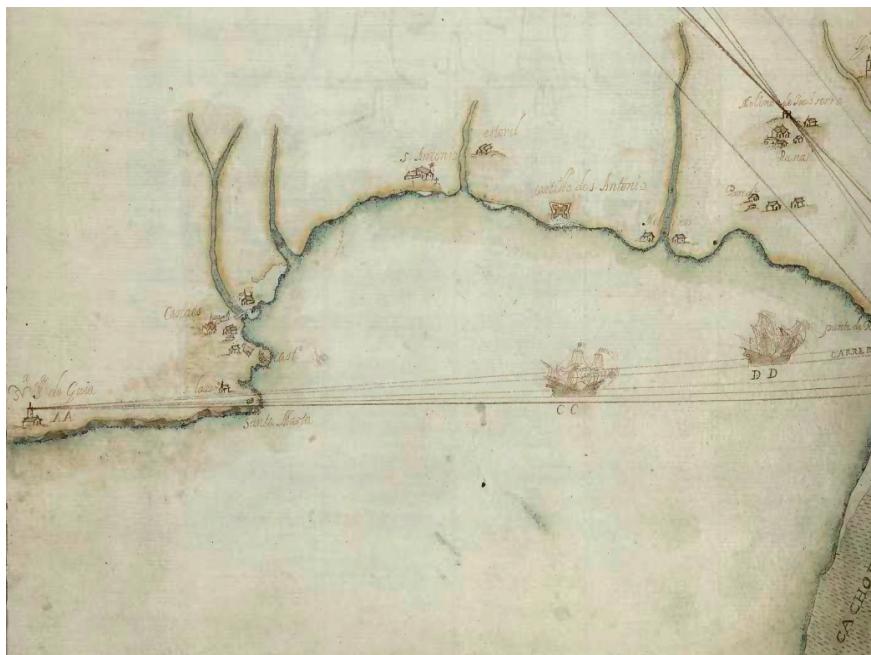


Fig. 6. Enfiamentos para a entrada na barra do Tejo pela carreira de São Gião (TURRIANO 1622).

A entrada pela carreira São Gião era bastante problemática, sendo que tudo havia piorado a partir de finais do século XVI, com a acumulação de areia, acabando por se ligar o processo de assoreamento daquela área da barra às obras de fortificação que se realizaram em 1582, na fortaleza de São Julião da Barra, com a edificação dos baluartes de São Filipe e São Pedro, tendo sido necessário entulhar uma furna rochosa por onde corria a maré (MOREIRA 1998: 51; Id. 2010: 145). Acresce que, a partir de 1590, começaram a ser lançadas grandes quantidades de pedra solta no areal da Cabeça Seca, para se construir a fortaleza de São Lourenço, situação que veio alterar ainda mais as dinâmicas da entrada do estuário do Tejo. Paralelamente, com o aumento das dimensões e calado dos navios da carreira da Índia, tudo se complicou para a navegação. Neste sentido, a partir da década de 1590 começou a ser efetuado um seguimento mais regular das variações morfológicas do leito do rio, através de sondagens, de modo a conhecer as mudanças e a tentar evitar acidentes (VASCONCELOS 1960: 82-90; MOREIRA 1998: 51-58).

Contudo, estavam para muito breve dois acidentes que viriam a fazer soar o alarme. A 3 de outubro de 1594, a armada do Consulado, vinda dos Açores e estando sob liderança de D. João Forjaz Pereira, aportou em Cascais, onde esperava

receber ordens dos governadores do Reino. Porém, no dia seguinte, conforme indica D. Juan de Silva, “les cargou [...] viento de manera que con protestos delos pilotos determino Don Juan Pereyra de meterse dentro dela barra” (MNM, ms 391, fl. 343)<sup>9</sup>. Acontece que um dos galeões, comandado por Fernão de Mesquita de Forjaz, “diziendo quele falso el viento, dio fondo junto delos cachopos donde poco despues toco y se hizo pedazos y del se salvou poca gente, porque la mayor parte se ahogo” (Ib.). Outro dos galeões desta armada, supostamente o *São Barnabé*, também embateu nos cachopos quando se preparava para entrar na barra, acabando por perder o leme. Esta situação fez com que muitas pessoas, testemunhando o acidente anterior e igualmente com receio de ver naufragar o navio em que vinham, se atirassem à água, acabando por morrer afogadas (SOARES 1953: 304-305; SALGADO 2009: 118-119 e 246). Melhor sorte que o anterior, este último acabou por encalhar na praia de Belém, sendo que no final do ano seguinte, depois de recuperado e apetrechado, já estava a navegar.

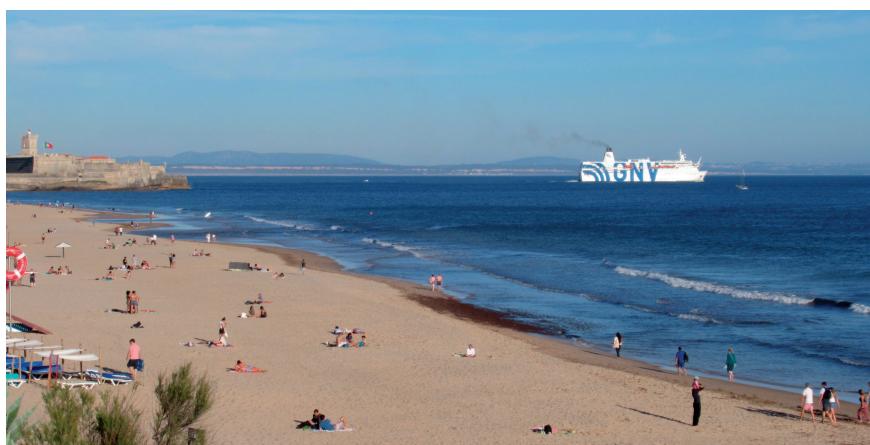


Fig. 7. Vista da praia de Carcavelos para a entrada da barra do Tejo.

Fotografia: Marco Oliveira Borges

O receio de acidentes à entrada do Tejo era cada vez maior, mesmo entre os experientes pilotos da barra. Em setembro de 1597, e apesar das divergências de pensamento, a realidade é que as diversas sondagens efetuadas mostraram que os movimentos de areias tinham voltado a assorear a carreira de São Gião, de tal modo que ao piloto da barra Gaspar Martins, secundado por outros pilotos, era atribuído o seguinte pensamento:

<sup>9</sup> Agradecemos ao comandante Augusto Salgado a cedência da digitalização deste documento.

[...] se não atrevia a meter Nao da India por esta carreira, por ser baixa, e não ter fundo bastante, e por ser estreita e não se poder ancorar nella e assi mais por ser torta, e não poderem rebocar as Gales as Naos [...] (VASCONCELOS 1960: 89).

Gaspar Martins acrescentava que na área da Ponta de Rana existia uma pedra que se destacava, sendo que duas naus já haviam tocado na dita, inferindo-se que tivesse sido recentemente, pelo que convinha “guardarensse della, como fizerão sempre quando a carreira era mais larga, porque sempre esteve no mesmo lugar; e por ser agora a carreira mais estreita fica mais perigosa” (Id.: 89). Seria esta referência às 2 naus, na verdade, uma alusão aos 2 galeões acidentados em 1594? Se assim for, o que nos parece uma hipótese verosímil – pelo menos em relação a um dos casos –, ao apanhar vento desfavorável, o primeiro galeão terá ancorado para evitar um acidente, mas, entretanto, terá embatido na tal pedra – se é que se tratava mesmo de uma pedra/rocha – ou já em parte do cachopo, acabando por se desfazer pouco depois algures entre a Ponta de Rana e a praia de Carcavelos, para onde também se estendia o cachopo Norte.



Fig. 8. Vista para a Ponta de Rana.

Fotografia: Marco Oliveira Borges

Neste seguimento, Carcavelos deverá ter sido palco da grande tragédia daquele ano, levando à morte de muitas pessoas por afogamento. Os trabalhos de arqueologia subaquática naquela área poderão, num futuro próximo, vir a trazer algumas luzes sobre o assunto.

As constantes alterações dos fundos, mormente o assoreamento de algumas

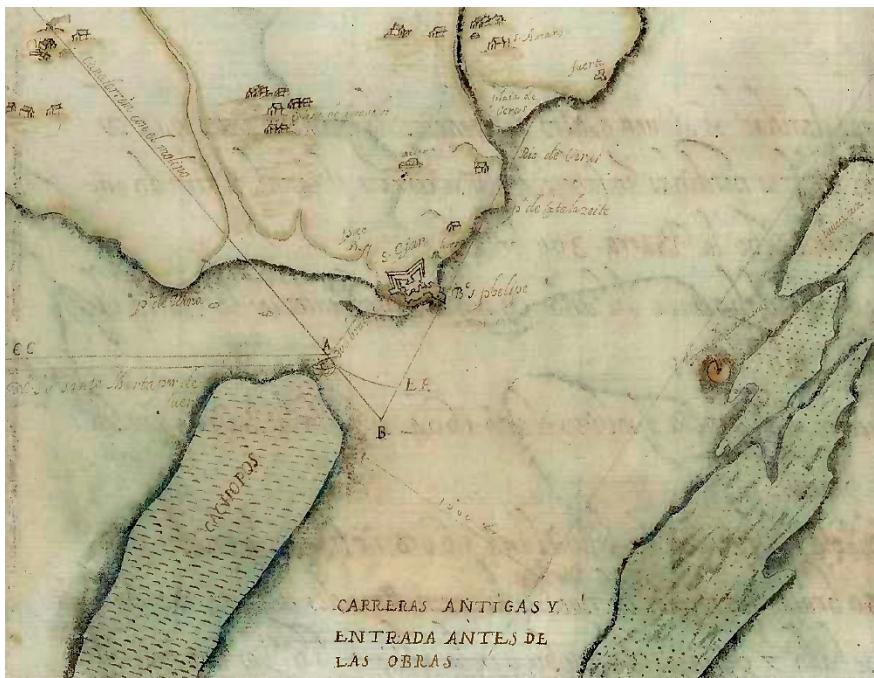
áreas, e o estreitamento da barra, agravaram-se durante os primeiros anos do século XVII. Por esta altura, Luís Mendes de Vasconcelos também reconhecia os perigos para se entrar e sair do Tejo:

[...] entrar pela barra dentro é impossível, porque a entrada por respeito dos cachopos e Torre de S. Gião, não é muito fácil, e a saída é muito dificultosa, porque só com certos ventos se pode sair; e nenhum capitão será tão imprudente que se meta com a Armada onde não tenha segura a retirada, quando lhe não suceda o seu intento como desenhava (VASCONCELOS 1990: 150).

O problema foi mais grave no canal Norte, até porque era mais estreito e só podia ser demandado com os navios tendo vento pela popa, excluindo-se o bordejo. Talvez por isso mesmo é que no roteiro da navegação da Índia de Aleixo da Mota, que será de algures do primeiro quartel do século XVII, seja dada preferência à entrada pela carreira de Alcáçova, mas sempre com o auxílio dos pilotos de Cascais:

[...] antes que chegue a vêr a terra requeira ao mestre que lhe faça todas as ancoras lestes e as talingue nas amarras fazendo-se lestes conforme ao tempo que trouxer, e que antes commetta a entrada da barra pela carreira d'Alcaseva que pela de são Gião, e que sobre isto faça os regimentos necessarios e que não venha velejada mais que com o traquete e que se houver de surgir o mande tomar primeiro que surja, e que se não meta em mandar a nau tanto que os pilotos chegarem a ella, até estar certa defronte do forte e casa da India e com isto dou fim a este roteiro (*Roteiros portuguezes da viagem de Lisboa à Índia nos séculos XVI e XVII* 1898: 167).

O próprio testemunho do p<sup>e</sup>. Jerónimo Lobo, sobre a nau *Conceição*, mostra que se estava a seguir pela carreira de Alcáçova. A mudança repentina da direção do vento fez com que o navio, navegando entre o cachopo Norte e o Sul, se aproximasse bastante do Bugio e que estivesse em risco de encalhar ou naufragar (LOBO 1971: 163-164).



**Fig. 9.** Canais de navegação da barra do Tejo antes das obras de fortificação. Note-se como são indicadas 300 braças a separar a fortaleza de São Julião do cachopo Norte (TURRIANO 1622).



**Fig. 10.** Aspetto da entrada da barra do Tejo, c. 1607. Note-se como a carreira de São Gião surge bastante mais estreita e uma nau entra na barra pela carreira da Alcáçova (TURRIANO 1622).

Recorrendo ao naufrágio da nau *Nossa Senhora dos Mártires*, em 1606, junto à fortaleza de São Julião da Barra, tudo aponta para que também tenha entrado no Tejo pela carreira de Alcáçova. Sob forte temporal de Sul, a 14 ou a 15 de setembro daquele ano, a nau perdeu as amarras em Cascais, não tendo tido outra alternativa senão tentar entrar no Tejo com maré vazia. Uma vez que pela carreira de São Gião só era aconselhado entrar com vento de feição, ou seja, de Norte, e com maré, seria suicídio qualquer nau de grande porte demandar aquele canal nas condições vividas pela *Nossa Senhora dos Mártires* (ALVES et al. 1998: 184). De qualquer forma, naquelas circunstâncias, a entrada a Sul não deixava de ser bastante perigosa. Apanhar um momento de vazante com temporal de Sul é o que de pior existe para se entrar no Tejo, sendo que o efeito cumulativo dos dois elementos desfavoráveis traduzia-se no agravamento da ondulação e no aumento da sua irregularidade. Mas entre o provável suicídio, com a entrada a Norte, e a hipótese arriscadíssima de seguir pela carreira de Alcáçova, o mais provável é que tenha sido tentada esta última (Id.: 185).

Assim, tendo muito verosimilmente entrado pelo canal Sul, seguindo um trajeto Sudeste-Noroeste, a nau viria a perder o leme e a desgovernar-se, devido à violenta ação conjugada entre a corrente de vazante e o mar de Sul, sendo de crer que se tenha rompido no extremo Leste da penedia de São Julião da Barra, mais concretamente no esporão conhecido por Ponta da Laje. Neste contexto, a maré, o mar e o vento tê-la-ão continuado a arrastar rapidamente contra a fortaleza. Contudo, antes de se despedaçar contra os rochedos, a cerca de 100 metros deles, a nau terá dado de quilha no fundo rochoso, perdendo uma importante parte do fundo da carena do casco, o que terá levado a romper a quilha em vários pontos, caindo à água nesse preciso local uma parte substancial da sua carga e dos aprestos, mormente algumas peças de artilharia (Id.: 185). Face às condições oceânicas e atmosféricas do momento do acidente, a parte mais substancial dos destroços ter-se-á espalhado pela praia de Carcavelos, imediatamente a Oeste da fortaleza de São Julião da Barra. No entanto, com o virar da maré, os destroços que ainda estariam a flutuar, nomeadamente a pimenta, ter-se-ão espalhado a montante (Id.: 185-186).

Se olharmos para o caso do encalhe e naufrágio da nau *São Francisco Xavier*, ocorrido em outubro de 1625, junto ao cachopo Sul, temos mais um testemunho que aponta para que a entrada que estava a ser tentada por essa altura era a carreira de Alcáçova. Curiosamente, vimos que Aleixo da Mota, piloto desta nau e a quem foi imputada a culpa pela sua perda – juntamente com o mestre Manuel Fernandes Teixeira, cavaleiro da Ordem de São Bento

de Avis –, sugeria, no tal roteiro, a entrada de navios pela carreira de Alcáçova<sup>10</sup>.

#### 4. As galés de reboque

É muito provável que, antes de seguirem viagem para Lisboa, os pilotos de Cascais tivessem o cuidado de verificar se as naus da Índia estavam em condições de entrar na barra e fazer o resto do percurso sob o seu auxílio. Por outro lado, nalguns casos, à chegada a Cascais deve ter sido prontamente indicado que não era possível fazer o restante trajeto, mesmo com a ajuda dos pilotos locais, tendo as naus de ser rebocadas por galés. Como a saída da barra também constituía um grande perigo e, por vezes, não era possível sair sem auxílio, as galés ou outros navios também poderiam entrar em ação nestas situações.

A primeira referência que encontrámos a esse tipo de apoio entre Cascais e Lisboa remete-nos para 1565, ano em que a nau *Santo António* (200 tonéis), capitaneada por Jorge de Albuquerque, foi rebocada daquele porto para a capital a mando do cardeal D. Henrique. Jorge de Albuquerque regressava do Brasil, tendo a nau passado por diversas dificuldades durante a viagem: esteve sujeita a ventos contrários e a tempestade, encalhou, vinha a meter muita água e com falta de mantimentos, tendo ainda sido atacada por uma nau de corsários franceses ao largo dos Açores, mas que também trazia ingleses, escoceses e portugueses embarcados. Já muito desfeita, na alvorada do dia 3 de outubro a nau encontrava-se muito próxima do cabo da Roca, tendo sido rebocada para o porto de Cascais por uma barca pequena que seguia para a Atouguia. Chegaram ao anteponto oceânico de Lisboa ao pôr do sol, tendo a nau ficado amarrada pela popa da barca. No dia seguinte foi rebocada rio acima por uma galé vinda da capital (BRITO (s.d.): 113-150).

Para 1567, sabe-se que o cardeal D. Henrique ordenou o envio de galés para apoiarem uma nau da Índia que, vindo em torna-viagem, havia chegado a Sesimbra (*Cartas e alvarás dos Faros da Casa Vimieiro* 1968: 104-105). Esta seria a nau *São Rafael*. No entanto, apenas a partir do período da Monarquia Hispânica começam a surgir dados mais esclarecedores sobre o apoio das galés. Logo após a tomada de Lisboa, em 1580, alguns destes navios ficaram estacionados na capital, tendo como missão participar na defesa da cidade, mas também nas situações em que a falta de vento fazia com que os navios de maior porte tivessem de ser rebocados, na recolha e na largada do Tejo, sobretudo as naus da Índia (SALGADO 2009: 208). Em novembro desse

<sup>10</sup> Em breve teremos publicado um estudo sobre a viagem e o naufrágio da nau *São Francisco Xavier*.

ano, um documento assinado pelo marquês de Santa Cruz mencionava que se deveriam tornar a armar 7 ou 8 galés no Reino de Portugal com os 50.000 cruzados disponíveis para tal, sendo que as mesmas teriam de operar no rio Tejo, para apoiar a saída das armadas da Índia e, no verão, deslocar-se iam para Sul para guardar a costa do Algarve (CASAS DE BUSTOS 1997: 285).

Reportando-se ao verão de 1589, Jan Huygen van Linschoten refere que as naus da Índia ao chegarem a Cascais estiveram em perigo de ser tomadas pela força naval liderada por Francis Drake, que estava a chegar àquela área, mas acabaram por conseguir entrar no Tejo antes de uma ofensiva, sendo que a entrada foi feita a reboque de galés (LINSCHOTEN 1997: 336). Mas a utilidade do reboque das galés não se confinava apenas à barra do Tejo ou ao trajeto entre Cascais e Lisboa, tanto mais que alguns navios chegaram a ser auxiliados desde Setúbal ou do cabo da Roca (*Filipe II de Espanha [...] 2000: 312-313*).

Por volta de 1595, D. Juan de Silva endereçou algumas cartas ao rei onde era manifesta a urgência em Lisboa ter 3 ou 4 galés ligeiras para ajudarem os navios grandes a entrarem e a saírem da barra. Outra razão para essa extrema necessidade estava relacionada com os corsários que vinham atacar embarcações nas imediações da barra do Tejo, sendo que numa das ocasiões em que o conde manifestou essa situação ao rei as naus da Índia encontravam-se entre o porto de Cascais e o forte de Santo António, alarmadas com um possível ataque inimigo que as incendiisse (VICENTE MAROTO 2007: 550).

Para a armada que em abril de 1601 ia partir do Tejo rumo ao Índico, sabese que 3 galeões, capitaneados por António de Melo e Castro, foram rebocados de Lisboa até ao ancoradouro de Santa Catarina da Ribamar (*Memórias das armadas da Índia* 1990: 262). A 15 de junho de 1603, vinda da ilha Terceira, chegou a Cascais a nau capitânia *São Jacinto*. No entanto, só entrou na barra pelo dia 18 e a reboque de duas galés. Mesmo com essa ajuda, o casco da nau acabou por tocar nos cachopos (*Roteiros portuguezes [...] 1898: 89*). Três anos volvidos, a galé *Santiago*, de D. Diego Brochero, deslocou-se até Cascais para tentar rebocar a nau *Salvação*, mas devido à forte tempestade que se fazia sentir as operações fracassaram (*Nossa Senhora dos Mártires [...] 266 e 267*). Num outro caso, ocorrido a 16 de outubro de 1611, a nau *Nossa Senhora dos Remédios* chegou a Lisboa às 9 da noite, atoada a uma galé (FALCÃO 1859: 188). Dois anos depois, pelo mês de agosto, o rei indicava que importava que as galés de Lisboa saíssem da barra para garantir a segurança e a entrada das naus da Índia e de outras partes ultramarinas no Tejo. Como havia falta de infantaria para as guarnecer, o monarca ordenava que embarcassem os seus criados e que fossem vencidos os soldos para aquela ocasião (BA, 51-VIII-5, 67).

Não sabemos quanto tempo demorava o reboque de uma nau da Índia entre Cascais e Lisboa, sendo que isso estaria dependente das condições oceânicas, do número de galés rebocadoras, da condição física da chusma e de outras variáveis. No entanto, em 1581, Filipe II referiu que a viagem que fez de Lisboa até Cascais, de galé e com bom tempo, demorou 3 horas (*Cartas de Felipe II a sus hijas* 1998: 57). Tendo em conta que o trabalho de reboque implicava um grande esforço físico, ainda para mais tratando-se de naus de grande tonelagem e que vinham sobre carregadas da Ásia, é evidente que as viagens entre o porto cascalense e a capital ainda demorariam mais tempo. Assim, para ter chegado à capital pelas 9 da noite, é muito provável que a nau *Nossa Senhora dos Remédios* tenha saído a reboque de Cascais algures entre as 5 e as 6 da tarde, ou até antes.

Acrescente-se que as galés também ficavam sujeitas aos ciclos da maré, tendo de esperar para entrar na barra. Assim parece ter sido no dia 22 de setembro de 1619, quando Filipe III, estando em Cascais, quis entrar na barra com maré vazia e numa fase tardia do dia, mas os remadores tiveram dificuldades. Os embarcados passaram a noite a bordo como muita descomodidade e enjoados, chegando a Lisboa apenas na manhã do dia seguinte (SILVA 2008: 299).

Face a estes casos acima indicados, e confirmando a intuição de Rui Landeiro Godinho quando abordou a entrada da *São Jacinto* na barra (GODINHO 2005: 191), o auxílio prestado por galés era algo que fazia parte da rotina de apoio à carreira da Índia, se bem que – até agora – só encontramos documentado a partir de 1567.

## Conclusão

Até inícios do século XVII as fontes históricas mostram que o canal de navegação usado para as naus da Índia entrarem no Tejo era a carreira de São Gião, vindo indicada pelo menos desde 1534, isto numa altura em que se estaria a reorganizar a forma como deveria ser feita a entrada na barra. Muito embora seja o canal mais estreito e menos profundo, era por São Gião que circulavam os navios de maior calado, sendo esse facto devido, sobretudo, a uma melhor conjugação dos fatores naturais nessa área, dos ventos e da força da maré (BOIÇA 2008: 16-17).

Tudo indica que a entrada pela carreira de Alcáçova tenha sido mais procurada a partir de inícios de Seiscentos, certamente devido a um maior assoreamento da carreira de São Gião, sendo que os casos das naus *Nossa Senhora dos Mártires* e *São Francisco Xavier* ajudam a fortalecer essa posição. Contudo, a escolha do canal de entrada também estaria condicionada pelos

fatores climatéricos e oceânicos. Se uma nau chegasse a Cascais já em setembro, outubro e novembro, como aconteceu com estas duas, arriscava-se a apanhar temporais de Sul, o que fazia com que a entrada a Norte tivesse de ser evitada. Não obstante, é de crer que, em condições normais e sem tempo de Sul, a preferência dos pilotos da barra permanecesse pela entrada a Norte, se bem que houvessem discordâncias quanto ao assunto. Devido ao seu estado de assoreamento, vimos que, em 1597, Gaspar Martins chegou a referir que não se atreveria a meter uma nau da Índia pela carreira de São Gião.

Quanto ao sugestivo topónimo “fundo das carracas”, e pese embora o que acima foi dito, é possível que na década de 1580 a carreira de Alcáçova já tivesse algum movimento de entrada, dependendo das condições de mar e da própria preferência dos pilotos, até porque, para além dos navios da carreira da Índia, muitos outros, portugueses e estrangeiros, deslocavam-se para Lisboa, ainda que para estes casos os dados documentais conhecidos sejam muito pouco ou nada esclarecedores quanto à forma de se entrar no Tejo. É também no início da década de 1580, mais precisamente em 1582, que se construíram os baluartes de São Filipe e São Pedro, na ponta da fortaleza de São Julião da Barra, começando o assoreamento a manifestar-se mais ativamente naquela área.

Apesar das dúvidas, decerto que o canal Sul também deverá ter sido palco de muitos dos naufrágios que surgem documentados para a barra do Tejo, havendo diversas alusões a acidentes nos cachopos e, mais explicitamente, na Cabeça Seca. Daí que se espere que a arqueologia subaquática venha a fornecer dados sobre este e outros assuntos relacionados, até porque estão em curso trabalhos naquela área, estando alguns inclusivamente ligados com os prováveis vestígios da nau *São Francisco Xavier*.

O auxílio de galés também foi importante, fazendo, a partir de certa altura, parte da rotina de apoio à carreira da Índia. Contudo, há que averiguar melhor este assunto, sendo que, no contexto dos navios vindos da Ásia, só encontrámos informações para um período a partir de 1567.

## Fontes manuscritas

Biblioteca da Ajuda, cód. 51-VIII-5, fl. 67.

Biblioteca Nacional de Portugal, Cód. 12892, TURRIANO, Leonardo (1622).

*Dos discursos de Leonardo Turriano el primero sobre el fuerte de San Lourenço de Cabeça Ceca en la boca del Taxo el segundo sobre limpiar la barra del dicho río y otras diferentes.*

Museo Naval de Madrid, ms 391, fl. 343.

## Fontes cartográficas

- HALMA, François (1700). *Nova Portugalliae tabula, juxta recuntiores hispaniae et portugalliae* (Library of Congress).
- SILVA, Francisco Maria Pereira da (1879). *Plano hydrographico da barra do porto de Lisboa* (Biblioteca Nacional de Portugal).
- TEIXEIRA, João (1648). *Demonstração da barra de Lisboa* (Museu de Marinha).
- WAGHENAER, Lucas Jansz (1586). *Speculum nauticum super navigatione maris Occidentalis [...]* (Biblioteca Nacional de Portugal).

## Fontes impressas

- ALMEIDA, António Lopes da Costa (1835). *Roteiro Geral dos Mares, Costas, Ilhas, e Baixos Reconhecidos no Globo. Extrahido das Descripções, e Diários dos Mais Celebres e Acreditados Navegadores, e Hydrografos*, pt. I. Lisboa: Na Typografia da Academia.
- BRITO, Bernardo Gomes de (s.d.). *História trágico-marítima*. Anot., coment. e acomp. de um texto por A. Sérgio, vol. II. [s.l.]: Editorial Sul.
- Cartas de Felipe II a sus hijas* (1998). F. Bouza (ed.). Madrid: Ediciones Akal.
- Cartas e alvarás dos Faros da Casa Vimieiro* (1968). M. Alice Beaumont (ed.). Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- FALCÃO, Luís de Figueiredo (1859). *Livro em que se contém toda a fazenda e real património dos reinos de Portugal, Índia e ilhas adjacentes*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- FIGUEIREDO, Manuel de (1614). *Hydrographia, exame de pilotos [...]*. Lisboa: Impresso por Vicente Alvarez.
- Filipe II de Espanha, rei de Portugal. Colectânea de documentos filipinos guardados em Arquivos portugueses* (2000). Vol. II. F. Ribeiro da Silva. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.
- LINSCHOTEN, Jan Huygen van (1997). *Itinerário, viagem ou navegação para as Índias Orientais ou portuguesas*. Ed. prep. por A. Pos e R. Manuel Loureiro. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Livro de Marinharia. O Manuscrito de Praga* (2009). A. Teodoro de Matos, J. Manuel Teles e Cunha (eds.). [s.l.], EPAL – CEPCEP.
- LOBO, Jerónimo (1971). *Itinerário e outros escritos inéditos*. [Lisboa]: Livraria Civilização – Editora.
- MACHADO, Diogo Barbosa (1741). *Bibliotheca lusitana*, t. 1. Lisboa: Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca.

- Memórias das armadas da Índia* (1990). J. C. Reis (ed.). Macau: Edições Mar-Oceano.
- Obras completas de D. João de Castro* (1968). Vol. I. A. Cortesão, Luís de Albuquerque (eds.). Coimbra: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- OLIVEIRA, Fernando (1991). *O livro da fábrica das naus*. Lisboa: Academia de Marinha.
- PIMENTEL, Luís Serrão (1681). *Arte practica de navegar e regimento de pilotos [...]*. Lisboa: Na Impressão de Antonio Craesbeeck de Melo.
- PIMENTEL, Manoel (1699). *Arte practica de navegar, & roteiro das viagens, & costas maritimas do Brasil, Guine, Angola, Indias e ilhas orientaes, e occidentaes*. Lisboa: Na Officina de Bernardo da Costa de Carvalho.
- Roteiros portuguezes da viagem de Lisboa à Índia nos séculos XVI e XVII* (1898). G. Pereira (ed.). Lisboa: Imprensa Nacional.
- SOARES, Pero Roiz (1953). *Memorial de [...]*. Leit. e rev. de M. Lopes de Almeida. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- VASCONCELOS, Luís Mendes de (1990). *Do Sítio de Lisboa. Diálogos*. Org. e notas de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte.

## Bibliografia

- ALVES, Francisco et al. (1998). “Arqueologia de um naufrágio”, in *Nossa Senhora dos Mártires. A última viagem. Expo'98 Lisboa, Pavilhão de Portugal*. Lisboa: Verbo, 183-215.
- BETTENCOURT, José et. al. (2018). “Entrar e sair de Lisboa na Época Moderna: uma perspectiva a partir da arqueologia marítima”, in João Carlos Senna Martinez et al. (coords.), *Meios, vias e trajectos. Entrar e sair de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 146-161.
- BOIÇA, Joaquim (1998). “Zapar e arribar a Lisboa na época da navegação moderna”, in *Nossa Senhora dos Mártires. A última viagem. Expo'98 Lisboa, Pavilhão de Portugal*. Lisboa: Verbo, 23-31.
- BOIÇA, Joaquim (2008). *Farol Museu de Santa Marta*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- BORGES, Marco Oliveira (2012). *O porto de Cascais durante a Expansão Quatrocentista. Apoio à navegação e defesa costeira*. Dissertação de Mestrado em História Marítima: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BORGES, Marco Oliveira (2020). “Escravos na torna-viagem da carreira da Índia (1504-1610): da permissão limitada ao transporte descontrolado

- e à difusão pelo Atlântico". *Global Journal of Human-Social Science (D): History, Archaeology & Anthropology*, vol. 20, issue 1, version 1.0, 21-36.
- CABALLERO JUÁREZ, José António (1997). *El régimen jurídico de las armadas de la carrera de Indias. Siglos XVI y XVII*. México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- CALDEIRA, Arlindo Manuel (2017). *Escravos em Portugal. Das origens ao século XIX*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- CASAS DE BUSTOS, Rocio (1997). "Las Azores en la política de Felipe II. Su documentación en el Archivo General de Simancas". *Arquivos insulares (Atlântico e Caraíbas)*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 275-295.
- DOMINGUES, Francisco Contente (1998). *A carreira da Índia*. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios.
- DOMINGUES, Francisco Contente (2015). "A carreira da Índia. Percursos comparativos de uma empresa marítima", in Amândio Barros (ed.), *Os descobrimentos e as origens da convergência global*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 111-125.
- FIALHO, António; FREIRE, Jorge (2006). *Cascais na rota dos naufrágios. Museu do Mar – Rei D. Carlos. Exposição. Catálogo*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- FREIRE, Jorge (2012). *À vista da costa: a paisagem cultural marítima de Cascais*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia: Universidade Nova de Lisboa.
- GODINHO, Rui Landeiro (2005). *A carreira da Índia. Aspectos e problemas da torna-viagem (1550-1649)*. Lisboa: Fundação Oriente.
- GODINHO, Rui Landeiro (2016). "Carreira da Índia", in Francisco Contente Domingues (dir.), *Dicionário da Expansão Portuguesa. 1415-1600*, vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, 221-227.
- GUEDES, Lívio da Costa (1988). *Aspectos do Reino do Algarve nos séculos XVI e XVII. A «Descrição» de Alexandre Massaii (1621)*. Pref. de Carlos Bessa, sep. do Arquivo Histórico Militar, n.º 57 e 58. Lisboa: Arquivo Histórico Militar.
- GUINOTE, Paulo; FRUTUOSO, Eduardo; LOPES, António (1998). *Naufrágios e outras perdas da «Carreira da Índia». Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação.
- GUINOTE, Paulo; FRUTUOSO, Eduardo; LOPES, António (2002). *As armadas da Índia, 1497-1835*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- MATOS, Artur Teodoro de (1994). *Na rota da Índia. Estudos de História da Expansão Portuguesa*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

- MOREIRA, Rafael (1998). "As máquinas fantásticas de Leonardo Turriano: a tecnologia do Renascimento na barra do Tejo", in *Nossa Senhora dos Mártires. A última viagem. Expo'98 Lisboa, Pavilhão de Portugal*. Lisboa: Verbo, 51-67.
- MOREIRA, Rafael (2010). "Leonardo Turriano en Portugal", in Alicia Câmara, Rafael Moreira y Marino Viganò, *Leonardo Turriano, ingeniero del rey*. [Madrid]: Fundación Juanelo Turriano, 121-201.
- NEVES, Bruno Gonçalves (2004). "A carga e a descarga das naus da Índia", in *Actas do Colóquio Jornadas do Mar 2004 – O Mar: um oceano de oportunidades*. Almada: Escola Naval, 530-548.
- RODRÍGUES LORENZO, Sergio M. (2012). *La carrera de Índias (la ruta, los hombres, las mercancías)*. Esles de Cayón.
- SALGADO, Augusto (2009). *Portugal e o Atlântico. Organização militar e acções navais durante o período Filipino (1580-1640)*. Dissertação de Doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa. Faculdade de Letras: Universidade de Lisboa.
- SILVA, F. Ribeiro da (2008). "A viagem de Filipe III a Portugal: itinerários e problemática", in *Quinhentos/Oitocentos (Ensaios de História)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 269-307.
- VASCONCELOS, Frazão de (1960). *Subsídios para a história da carreira da Índia no tempo dos Filipes*. Lisboa: O Mundo do Livro.
- VICENTE MAROTO, María Isabel (2007). "Don Juan de Silva, conde de Portalegre, capitán general del Reino de Portugal", in Maria de Fátima Reis (coord.), *Rumos e escrita da História. Estudos em homenagem a A. A. Marques de Almeida*. Lisboa: Edições Colibri, 541-555.



# Los puertos asturianos en el siglo Ilustrado: el combate contra una debilidad crónica

*The ports of Asturias in the Age of the Enlightenment: coming to grips with a chronic weakness*

**MANUEL-REYES GARCÍA HURTADO<sup>1</sup>**

Universidad de A Coruña, Facultad de Humanidades y Documentación

reyes@udc.es

<https://orcid.org/0000-0002-4263-164X>

Texto recibido em / Text submitted on: 26/06/2019

Texto aprobado em / Text approved on: 25/06/2020

**Resumen.** La España del siglo XVIII asiste al renacimiento de su política naval con la creación de importantes infraestructuras militares (arsenales) e inversión tecnológica (navíos de línea). Sin embargo, por lo que respecta al ámbito costero desde la óptica civil, el análisis del estado de los puertos que no tenían un estricto interés estratégico y militar, es decir, los comerciales y pesqueros, se aprecia una situación en la que se alternan la destrucción y el deterioro con las reiteradas peticiones de los gremios de marineros para mejorar los muelles, diques y construcciones anexas. En Asturias podemos afirmar que la práctica totalidad de las demandas de auxilio serán atendidas administrativamente (elaboración de proyectos, planificación de impuestos para sufragar las obras, frecuentes visitas de los ingenieros militares), lo que no equivale a que se ejecutaran de manera completa, perfecta o siquiera que garantizaran una perdurableidad en el tiempo que fuera más allá de algunos lustros.

**Palabras clave.** Política naval, Puertos, Ingeniería, Asturias.

**Abstract.** In the eighteenth century Spanish naval policy experienced a renaissance with the building of important military infrastructures (arsenals) and investment in technology (ships of the line). As regards the country's coasts from a civil perspective, however, an analysis of its commercial and fishing ports, which were not strictly of any strategic or military interest, paints a picture in which their deterioration and ruination alternated with the repeated requests of the sailors' guilds for improvements to be made to quays, docks and associated outbuildings. In Asturias, it can be claimed that practically all the requests for assistance were heeded by the administration (the drafting of projects, the planning of taxes to defray building costs, the frequent visits of military engineers, etc.), although this does not mean to say that they were fully met or guaranteed their sustainability for more than a few decades.

**Keywords.** Naval policy, ports, engineering, Asturias.

<sup>1</sup> Trabajo realizado en el marco del Proyecto I+D+i del Programa Estatal de Investigación, Desarrollo e Innovación orientada a los Retos de la Sociedad, “Culturas urbanas: Dinámicas en ciudades y villas del litoral noroccidental ibérico” (ref. HAR2015-64014-C3-2-R), del Ministerio de Economía y Competitividad de España, con una cofinanciación del 80% FEDER.

De todas las ingenierías, aquella que desarrolla su labor en, bajo, sobre y con el concurso y oposición del agua es la que más dificultad conlleva. Tanto es así que con la llegada de la nueva dinastía Borbón, quien diseña lo que será el futuro cuerpo de ingenieros, Jorge Próspero de Verboom, afirma taxativamente que los españoles no conocen las técnicas para construir en el agua y no confía en ningún español para estas tareas, que se encomiendan a flamencos o franceses, hombres que están acostumbrados desde hacía siglos a luchar y vencer al medio acuático (GALINDO DÍAZ 2002; CÁMARA MUÑOZ 2005, 2015, 2016 y 2017; GARCÍA HURTADO 2017).

Nuestro objetivo es exponer el debate que se suscita en torno a los problemas que plantea el estado de las infraestructuras portuarias en el siglo XVIII, los proyectos que se elaboran, los intereses encontrados entre las distintas poblaciones costeras y en el seno de las mismas (terrestres – quienes no viven de manera directa del mar – contra marineros), los conflictos jurisdiccionales, la lucha por la obtención de los recursos económicos que permitan llevar a cabo las obras, etc. (MONGE MARTÍNEZ 1998; FISCHER y JARVIS 1999; DELGADO BARRADO y GUIMERÁ RAVINA 2000; FORTEA PÉREZ y GELABERT GONZÁLEZ 2006; O'FLANAGAN 2008; LE MAO 2015). Pues aunque en función de la localidad, la época o hechos puntuales se pueda achacar la responsabilidad del resultado a unos factores u otros, lo que es indudable es lo que existió sobre el terreno o se edificó sobre las aguas, que lamentablemente no se compadece con las necesidades que debía afrontar España, no solo como imperio ultramarino, sino como territorio donde la extensión de sus costas y el número de súbditos que tenían su medio de subsistencia en el mar hubiera exigido una mayor atención. Y esto era así porque no se trata de una cuestión solo económica o social, sino que tiene una profunda naturaleza estratégica, como sí pondrán de manifiesto los afectados.

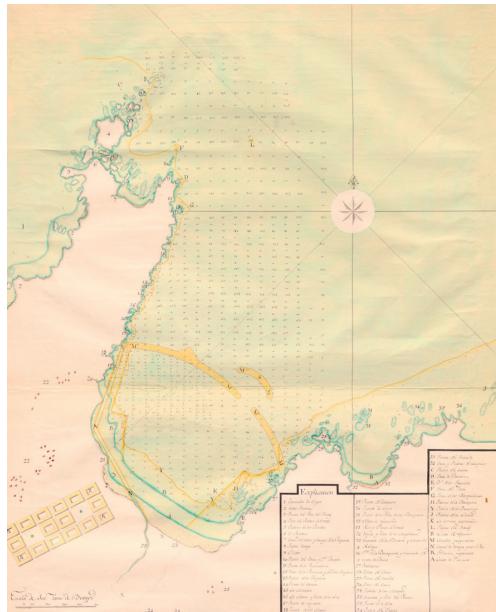
Podríamos achacar a la falta de planificación racional, de estudio de las necesidades estratégicas y económicas españolas a la hora de formular una suerte de política global costera o portuaria (que por otro lado no existió jamás), de las posibilidades de la Hacienda de sostener las edificaciones, los muelles, los diques, y las naves, en que tantos reales se invirtieron, pero que no se previó el coste de mantenimiento, que puede ser igual o más elevado que el de construcción (GARCÍA HURTADO 2016). Esbozemos un ejemplo de las consecuencias de esta manera de actuar a golpe de decisión a corto plazo. La Armada no contaba con recursos para poder llevar a cabo el carenado, la limpieza del casco, de sus embarcaciones. Era más grave todavía. Aunque hubiera dispuesto de los recursos económicos no poseía el número de diques que hubieran sido necesarios y, lo que era algo insalvable y a lo que nunca se

prestó atención, no disponía de buzos (GARCÍA HURTADO 2020). Esto es una paradoja, ya que España fue el primer Estado en crear academias para los buzos, pero también la primera en fracasar: el arsenal de Ferrol, la joya de la Armada, contaba con un buzo (anciano y enfermo), cuando las ordenanzas señalaban que cada navío debía disponer de uno. ¿Cuántas Marinas llevaron a cabo el hundimiento de sus propias naves porque no podían hacerse cargo de ellas? Esta idea suicida incluso se convierte en un sistema de defensa que se desarrolla en los planos por parte de los ingenieros. Ni que decir tiene que se trataba de una ruina desde el punto de vista moral, material y económico (las naves hundidas había que sacarlas a flote después, y eso suponía tener que emplear tecnología punta de la época, lo que conllevó que los pecios se dejaran en su sitio, con el peligro que suponía para la navegación y para la botadura de las naves – Archivo del Museo Naval de Madrid, en adelante AMNM, 0016-C-0006; Cartoteca del Centro Geográfico del Ejército de Madrid, Ar.J-T.5-C.4-160).

España crea una Armada desde la nada tras la Guerra de Sucesión que crece de manera exponencial, pero que no dispone de garantía alguna de un servicio de mantenimiento al nivel del capital invertido. Sin embargo, esta no era su mayor lacra. Los historiadores hemos olvidado que el principal problema de la Armada fue que no dispuso nunca de tripulación, de marineros, capacitados, integrados y, diríamos hoy, proactivos. Todos eran obligados a través de la fórmula de la matrícula de mar, lo que determinaba que se mirara con repulsión el Real Servicio y se utilizaran toda suerte de artimañas para escapar del embarque (VÁZQUEZ LIJÓ 2006). Por si estas dos fallas no fueran suficientes (incapacidad para conservar la flota y marinería reacia y escasa), hay un tercer elemento que a nuestro juicio se ha ocultado de manera vergonzante. Cuando en 1717 se crea la Academia de Guardias Marinas de Cádiz y en 1726 Felipe V decreta que España se divide en tres departamentos marítimos, con capitales en Cádiz, Ferrol y Cartagena, se inicia un período en que a la par que se transforman los puertos de Ferrol y Cartagena, también se establecen en ellos academias para formar a la oficialidad naval. Los programas de estudio eran avanzados, los profesores algunos de los mejores científicos de la época, pero el alumnado nunca estuvo a la altura. Primaba más el apellido que la inteligencia, el favor real que el mérito, de modo que el grado y el empleo no tenía por qué llevar aparejado un mayor conocimiento. Y esto es eludible en la infantería o en la caballería, pero el cuerpo científico por excelencia es la Armada: un combate naval se gana con cálculos matemáticos, conocimientos astronómicos y meteorológicos, aunque no se tuviera valor, sin embargo este no lograría nunca nada por sí solo (GARCÍA HURTADO 2012). El panorama no es tan idílico como se presenta habitualmente. Y si esta era la situación del

instrumento que garantizaba la estabilidad y la perduración del imperio y la seguridad de las rutas comerciales con América y el Pacífico, podemos empezar a imaginar cuál era el estado de los puertos.

Hemos estudiado el arsenal de Ferrol, pero no lo que se ve sobre el agua, sino lo que esta oculta. Era el mayor arsenal de España, el más moderno y el que poseía mayor capacidad para garantizar en su seno la seguridad de las naves. Sin embargo, nunca se supo cómo colocar las embarcaciones en su interior, que estaban más seguras fuera que dentro, solo se podía salir de él con una de las treinta y dos direcciones de la rosa de los vientos (es decir, más que un arsenal era una prisión) y jamás se alcanzó una profundidad en las excavaciones que fuera óptima. Si Ferrol hubiera sido un arsenal magnífico (todavía existe y es anatema negar sus bondades), no existirían otros proyectos que se diseñan no al mismo tiempo, sino cuando ya se ha concluido y está operativo, lo que explicaría que no se habían cubierto todas las expectativas ni resuelto todos los problemas de funcionamiento. No de otro modo se explica la propuesta para establecer otros arsenales al oeste y al sur de Ferrol, a menos de 200 kilómetros en ambos casos. Nos referimos a los proyectos para crear un “Nuevo Ferrol” en la concha de Artedo o para hacer de las islas Cíes el gran arsenal atlántico peninsular (Cartoteca del Archivo General Militar de Madrid, en adelante CAGMM, PO-02-13).



**Fig. 1.** Detalle del Proyecto de puerto para la concha de Artedo, firmado por Miguel de la Puente el 30 de noviembre de 1786. AMNM, E-35-4.

Con todo lo que hemos indicado hasta ahora simplemente pretendíamos esbozar el panorama de la construcción portuaria a la que la Corona prestó atención exclusivamente, la militar. Si la Armada padeció todas las carencias expuestas, no fue capaz de mantener lo que se le entregó, a nadie se le escapará que la situación de los pequeños puertos civiles, pesqueros, comerciales, va a ser muy lamentable, tanto porque a la Corona no le preocupan más que como enclaves en los que refugiarse de manera puntual por el estado del mar o ante una situación de peligro, como porque hasta 1786 cuento rodea las labores de reconstrucción o mejora de los puertos estaba sometido a un complejo sistema de luchas administrativas entre los gremios, las autoridades locales, las regionales y diversas secretarías en Madrid. Hay que aguardar a esa fecha para que, como debió ser desde un primer momento, la Secretaría de Marina pase a centralizar, controlar y coordinar todas las tareas relativas a la construcción portuaria. Ahora bien, para las pequeñas poblaciones esto supone un problema añadido, porque su voz no llegará a la Corte. El mejor ejemplo es Gijón, que cuenta con apoyos de personalidades como Jovellanos y de su amigo Mazarredo, secretario de Marina. El resto de puertos asturianos se verán relegados. Más aún, a diferencia de las infraestructuras militares que corren totalmente a cargo del Estado, cualquier intervención en los puertos civiles recaía totalmente sobre la población de su entorno, lo que venía a concluir en un círculo vicioso: un pequeño pueblo pesquero precisa de al menos una mísera y débil infraestructura para llevar a cabo su labor marinera, pero al mismo tiempo la inexistencia de la misma reduce sus ingresos, provoca pérdida de población y a su vez una disminución de las rentas. ¿Cómo reparar entonces un muelle? Extendiendo la obligación de contribuir con impuestos a un área en torno al puerto, al considerar que sirve también a individuos que se dedican a otros cometidos, pues por él salen sus productos o llegan materias primas y suministros. Sobre el papel esto es sencillo, ejecutarlo era un infierno legal (GARCÍA HURTADO 2019).

Dado que toda la costa cantábrica es muy extensa, nos vamos a centrar en los puertos del Principado de Asturias (es fundamental ADARO RUIZ-FALCÓ 1986) por su posición central en la cornisa norte de España, y por ser la zona más cercana a la capital del Departamento (Ferrol) y contar con numerosas poblaciones pesqueras. Hemos llevado a cabo la recopilación de toda la cartografía portuaria del siglo XVIII y principios del XIX existente, que se conserva en el Archivo del Museo Naval de Madrid, en la Cartoteca del Archivo General Militar de Madrid, en la Cartoteca del Centro Geográfico del Ejército, en el Archivo General de Simancas y en la Biblioteca Nacional de España. Los mapas que hemos estudiado suman casi un centenar. El propio

número de mapas y proyectos dedicados a cada uno de los puertos es por sí mismo una declaración explícita de la importancia que se les concede, y esto es más válido si cabe en el siglo XIX. Debemos tener en cuenta que no se trata de realidades constructivas, sino muchas veces, especialmente en el XVIII, de proyectos de construcción o de reforma. Tanto es así que podemos afirmar que durante el siglo XIX muchas de las actuaciones portuarias no fueron más que una ejecución sobre el terreno de lo que ya se había dibujado en el XVIII.

Hay ciudades que son lo que son su puerto. Sus fases de crecimiento, de expansión, coinciden exactamente con la etapa que en ese momento esté viviendo su puerto. Esto es fácilmente comprensible hoy día porque son un factor de generación de riqueza, de empleo, un polo de atracción de empresas y de población. Pero esto ha sido así siempre. El ejemplo más claro es la ciudad de Ferrol, que por una decisión política en 1726, que sea cabeza de uno de los tres departamentos marítimos de España, en la misma se va a ubicar un arsenal y un astillero. Así, pasa de ser un pequeño puerto de pescadores a ser la principal ciudad de Galicia y una de las más pobladas del norte de España en menos de medio siglo (MARTÍN GARCÍA 2003). Un ilustrado que ocupó altas responsabilidades en el Estado, que en paralelo a su hermano luchó toda su vida porque su ciudad de nacimiento tuviera un puerto funcional, nos referimos a Jovellanos y Gijón, vio frustradas todas sus iniciativas, informes, reuniones, cartas, presiones, etc. Nada de lo que él aspiró a ver se verificó en la realidad hasta un siglo más tarde. En un momento de hartazgo escribirá que los gobernantes, los políticos, son incapaces de comprender que hay inversiones económicas que no son elevadas cuando son necesarias y que sus efectos van a ser multiplicadores. Dicho de otro modo, invertir dos millones de reales en un puerto o en un tramo de carretera es una garantía de futuro. Sin embargo, esa misma cantidad destinada a construir un edificio para la administración, y aquí podemos incluir casi cualquier materia a la que destinaba recursos la Corona en el Antiguo Régimen, era dilapidar, malgastar, derrochar. Jovellanos lo expresó a finales del xviii con total claridad:

“Esta ilusión es tan general y tan manifiesta que se puede manifestar también sin el menor recelo que ninguna nación carecería de los puertos, caminos y canales necesarios al bienestar de sus pueblos, solo con haber aplicado a estas obras necesarias y útiles los fondos malbaratados en obras de pura comodidad y ornamento [antes ya había criticado que la guerra sea el primer destino del gasto público]” (JOVELLANOS 1795: 140).

Debemos contemplar los puertos como los cimientos de una ciudad.

Nunca analizamos, comentamos o valoramos lo que se halla bajo la superficie de la tierra cuando admiramos un edificio, y mucho menos la submarina cuando nos hallamos en un muelle. Sin embargo, lo que está oculto a la vista es fundamental. No se suele alabar la tecnología subterránea ni la belleza de su disposición. Del mismo modo, cualquier ciudad portuaria corre el peligro de ser contemplada sobre el nivel del mar cuando lo que la hace singular, única, original, una proeza técnica, es aquello que el agua esconde. Sin los muelles, sin las dársenas, sin los diques, ese puerto sería otro y el hábitat humano también. ¿El puerto elige el poblamiento o a la inversa? Incluso hoy la primacía es del puerto. En el pasado de manera indiscutible.

Por limitaciones de espacio, y porque lo que señalaremos es aplicable a otros puertos del Cantábrico, nos vamos a centrar en un par de enclaves de la costa asturiana, donde saldrán a la luz intrigas, envidias, corrupción, conflictos entre administraciones, subidas de impuestos para financiar las obras (algunas durarán más de un siglo y en las mismas se suceden las construcciones y las demoliciones – por la naturaleza o por el hombre). Será una constante el lamento de las localidades sobre la insuficiencia de numerario para llevar a cabo las reformas en sus puertos, aludiendo a la pobreza de Asturias, a la inclemencia del tiempo que impide hacerse a la mar o al destino de los impuestos a fines distintos de los que los habitantes desearían.

Antes de analizar la situación concreta de sus muelles, es necesario que presentemos las tres poblaciones que vertebrarán las siguientes páginas. Luanco, Candás y Lastres se encuentran en la zona central y oriental de Asturias. Todas se ubican en una zona que geomorfológicamente se denomina “rasas costeras” y que atraviesa de manera transversal la costa cantábrica (FLOR 1983). Consiste en una plataforma litoral que oscila entre los pocos centenares de metros y los cinco kilómetros de ancho, a una altura inferior a los 300 metros de altitud. Esto determina que los enclaves portuarios, así como sus hábitats poblacionales, tengan unos emplazamientos con una orografía muy complicada por su elevada pendiente y la desigualdad del terreno. En escasos metros se pasa de esa planicie costera al nivel del mar. Lo que por un lado facilita las comunicaciones terrestres este-oeste, por otro complica el poblamiento que se efectúa en esas laderas que descienden hacia el océano, disponiéndose en una suerte de anfiteatro. Aprovechando pequeñas ensenadas y calas se construyen muelles, malecones, en los que resguardar las embarcaciones o simplemente como barreras para disminuir el azote de los temporales, cuando las aguas del océano alcanzan hasta las viviendas. Estas estructuras debían hacer frente al Cantábrico, para lo que no estaban preparadas, porque habían sido levantadas sin ciencia (SUÁREZ VICTORERO ROBLEDO 1896: 92-93), por falta de

mantenimiento y siempre por la hostilidad del océano.

El concejo de Gozón, del que forma parte Luanco, en 1684 contaba con 489 vecinos (1921: 14) y su gremio marinero tenía un papel muy activo en la defensa de sus intereses, como se muestra en 1687 cuando solicita al ayuntamiento que se restaure la cabeza del muelle, destruida en los temporales invernales. En 1806 Luanco poseía 400 vecinos, mayoritariamente vinculados al mar y “poco acaudalados” (CARTAÑÀ MARQUÈS 2003). Todavía en la segunda década del siglo XX “suspira la localidad por un puerto” (1921: 16). Candás contaba con 1.084 habitantes en 1751 y menos del 10% estaban profesionalmente vinculados con el mar (SUÁREZ ÁLVAREZ 2013: 403, 409-410). Es de las tres localidades la que económicamente tiene una menor dependencia marítima. A principios del siglo XIX se afirma que es una “villa de poca consideración” y que contaba con un pequeño muelle que solo podía albergar pinazas y pequeños pataches, que precisaban de la marea para acceder y salir (CARTAÑÀ MARQUÈS 2003). Por su parte, Lastres en el siglo XVII, su época de esplendor, poseía más de 800 vecinos (SUÁREZ VICTORERO ROBLEDO 1896: 107). Su vinculación con la actividad pesquera era de tal intensidad que su decadencia viene marcada directamente por la ruina de su muelle y su situación a lo largo del XVIII (id.: 108-111), hasta el punto de poder afirmarse que la desaparición de su puerto como enclave mercantil motivó la instalación de muchos de sus habitantes dedicados al comercio en Galicia y que utilizaran otros puertos para aquellas embarcaciones que no podían atracar en Lastres. Su desplome será enorme, hasta el punto de que en el siglo XIX el número de vecinos será de unos 150 (ídem: 115). Y así, en 1806, el puerto será abandonado, “quedando a la merced del furibundo mar” (id.: 121).



Fig. 2. Ubicación de Asturias en el norte de España. Localización de los puertos de Luanco, Candás, Gijón y Lastres en Asturias. Elaboración propia.

Las causas que explican el declive y despoblación de estos puertos son de

tres tipos. En primer lugar, las guerras marítimas durante el siglo XVIII y el corso dificultan las actividades pesqueras y comerciales (disminuye la pesca y la captura de ballenas). En segundo lugar, la implantación del sistema de la matrícula de mar por la Real Armada ejerce una enorme presión, pues desincentivaba e impedía desarrollar las labores marineras de manera estable, con las consecuencias obvias para el grupo familiar (en Luanco se pasa de 141 pescadores en 1754 a 126 en 1781 y en Candás de 109 a 88; IVER MEDINA 2013: 6-7) y para los gremios, que desde mediados del siglo XVIII pierden la fortaleza de siglos anteriores (NÚÑEZ FERNÁNDEZ 1993: 13-15). Finalmente, y es el aspecto que deseamos exponer, el deterioro de las infraestructuras portuarias les impide disponer de un lugar en el que proteger sus embarcaciones o al que arribar de manera segura, y de este modo poder desarrollar una actividad económica.

## 1. Luanco

El 11 de julio de 1744 José Antonio de Colosía Mier y Noriega, ministro de Marina de la provincia de Avilés (“juez conservador de los muelles de este departamento”), escribe al marqués de la Ensenada para notificarle el acuerdo adoptado por el concejo de Luanco. Señala que el diputado del gremio de mareantes de Luanco le ha informado que el invierno pasado el mar destruyó 11 pies (1 pie es igual 0,27 metros) en la parte central del muelle, amenazando con derruirse el conjunto si no se actuaba con rapidez. Colosía envía a Luanco un perito para que determine la gravedad del destrozo y realice una estimación del presupuesto que exigirá devolver el puerto a un estado de seguridad. Notificados los vecinos de Luanco si preferían hacer frente al importe de la reparación mediante subasta o por su propia cuenta (es decir, por administración, abonando al maestro, oficiales y obreros sus jornales) optan por la segunda opción, con la pretensión de que los trabajos estén culminados antes del 1 de noviembre, a fin de estar protegidos de las tempestades invernales (carta del ministro de Marina, José de Colosía, al marqués de la Ensenada, 11 de julio de 1744; Archivo General de Simancas, en adelante AGS, Secretaría de Marina, en adelante SM, leg. 385). Las actuaciones de Colosía reciben su aprobación el 22 de julio.

Ya el 3 de julio Colosía había encargado al maestro arquitecto José Muñiz que se dirigiera a Luanco y examinara el muelle. El día 5 se reúnen los dos citados en Luanco con el escribano José Gutiérrez Jove, que toma declaración a Muñiz. Según este en el muelle se detectan las siguientes averías: “rompimiento y abertura de diez y seis pies de distancia a la cabeza del citado muelle (...) hacia la parte de dicha

cabeza del muelle había desplomados y arruinados once pies de largo por quince de alto... al otro lado de dicha abertura y hacia la parte de la iglesia de dicha villa se hallan otros quince pies también desplomados". En total, se habían venido abajo cuarenta y un pies de largo con quince pies de alto. El maestro recomienda comenzar lo antes posible e intervenir desde los cimientos, pues de otro modo el conjunto amenaza ruina, singularmente la cabeza del muelle. La urgencia viene determinada por el deseo de aprovechar los meses de verano, pues en caso contrario el destrozo será mucho mayor tras el paso del invierno, lo que además de impedir el uso del muelle para cualquier tipo de embarcación, elevará el coste y la complejidad de las obras. Lo único que hay que reedificar totalmente es el frente hacia la parte del mar, donde se deben emplear sillares, aprovechando aquellos que sean útiles de los derruidos para economizar. Incluso detalla cómo se debe proceder técnicamente (AGS, SM, leg. 385).



**Fig. 3.** Plano de la concha de Luanco, 1785. M.N.M., E-36-9. Detalle. 1. Muelle existente. 2. Muelle proyectado.

Muñiz ofrece hacerse cargo de la obra por un importe de 6.000 reales,

exigiendo que se le dé cantera, un cable y una polea para poder subir los materiales. Se compromete a entregar una fianza y a terminar la obra para el 1 de noviembre, si el 1 de agosto recibe 2.000 reales, otro tanto el 20 de septiembre y la última parte el 1 de noviembre.

Luanco es el mejor ejemplo de una población que hace frente a sus problemas sin buscar el auxilio de las autoridades del Principado ni de la Corona. Eso sí, el precio que pagarán por ello, singularmente el gremio de mareantes, será elevadísimo. Las continuas reparaciones que debieron efectuar en los muelles de mar y de tierra durante la primera mitad del siglo XVIII les endeudaron enormemente, pues hipotecarán todas sus propiedades. De poco sirvieron que asumieran deudas por 86.000 reales, 2.500 ducados y 8.000 reales (AGS, SM, leg. 385). El océano se llevó sin misericordia al mismo tiempo las piedras del muelle y las monedas que las habían sufragado. Así pues, su situación económica era bastante complicada. Para mayor abundamiento, y como una ironía del destino, estaban obligados a contribuir económicamente a la mejora de los muelles de Gijón (2 reales por carga de pescado fresco y salado) y Lastres (2 maravedís en libra de todos los géneros y 8 reales por millar de sardinas).

En el último tercio del siglo Luanco solicitará a la Corona su apoyo para reconstruir su muelle en 1770, 1775 y 1779. También exponen que la situación de su puerto era de extrema gravedad y corría serio peligro de desaparecer por completo. Aprovechan para plantear que cesen los arbitrios con que contribuían a Gijón y Lastres y que pasaran a invertirse en su propio puerto. Nada se les concede. Por tanto, es lógico que el agravamiento de la situación con el paso de los años, la inexistente intervención sobre el muelle, es decir, que su estado continúe deteriorándose, llegue un momento en que concejo y gremio de mar se unan y elaboren una representación solicitando que se repare y construyan nuevas infraestructuras. Esto tiene lugar el 12 de septiembre de 1785. La situación que se vive en Luanco es casi terminal, no solo en su puerto sino en la propia localidad: la marea penetra ya hasta la calle principal, con lo que esto conlleva para los cimientos de los edificios; la subsistencia de una cuantiosa población de marineros y carpinteros de ribera está en juego; numerosas lanchas de pesca están expuestas a graves riesgos; las pérdidas económicas por la caída del comercio para la Real Hacienda se estiman en 500.000 reales, debido a que el puerto no garantiza la seguridad de las embarcaciones. Pero no desean plantear un panorama negativo, sino que dan a conocer a la Corona las enormes posibilidades del puerto de Luanco si se invierte en su mejora: capacidad para proteger en él más de 200 buques de 500 a 600 toneladas (esta cifra es, a todas luces, exagerada); magnífico anclaje; posibilidad de fondear en dos lugares en su ensenada; protegido por el cabo de Peñas de las tempestades; punto de abrigo para los barcos que transitan esta costa.

Ahora sí toma cartas en el asunto la Armada. Un personaje a quien debemos algunos de los mejores mapas de la costa asturiana de los años 1785 y 1786, el capitán de navío e ingeniero de la Armada Miguel de la Puente, elabora un plano en el que se representa el actual puerto y el futuro proyectado. Su fecha es 28 de diciembre de 1785, cuando remite el plano, el informe y el coste de la obra. El presupuesto era muy elevado, 1.143.184 reales, aunque sería una inversión rentable pues podrían amarrarse 100 embarcaciones de 100 a 300 toneladas. No exento de defectos, Puente estima que Luanco es uno de los mejores abrigos de la costa. En este punto se inicia un agrio debate en el que Gijón va a ser objeto de aceradas críticas (también tuvo poderosos defensores). Para algunos autores Puente es el responsable de que Gijón viera paralizadas las obras de su puerto en 1790 (momento en que los recursos que se le destinaban se encaminan al puerto de Ribadesella) y que hasta muy avanzado el siglo XIX no contara con una infraestructura a la altura del relieve de su población y necesidades. Un hombre solo no pudo lograrlo, pero sí es cierto que en Asturias las autoridades del Principado y numerosos concejos no vieron nunca con buenos ojos, cuando no directamente sabotearon e intrigaron, el papel preponderante y central que Gijón se encaminaba a tomar a marchas forzadas (AGS, SM, leg. 385).

Ahora bien, el problema era el mismo que en otros puertos. Ni Luanco ni el concejo de Gozón podían hacer frente al importe presupuestado mediante arbitrios. Se piensa en la creación de nuevos arbitrios que supusieran 14.000 reales anuales, aplicar el sobrante de la alcabala, incluir la aportación del Principado, pero ni de este modo era factible financiar la obra. La paralización del expediente determina nuevamente a villa y gremio de mar a dirigir otra representación al rey el 9 de octubre de 1789. El argumentario es el mismo que en 1785, aunque sería válido para cualquier otro puerto o fecha. La única nota original es que, para incrementar el dramatismo, el estado del puerto había empeorado.

La respuesta que mereció, fuera notificada o no, fue: “Que se tratará en finalizando las obras de Ribadesella; si antes no se propone arbitrios aceptables” (AGS, SM, leg. 385). Luanco estaba en manos de su gremio. En 1847 Luanco y su gremio solicitan 18.000 reales para efectuar diversas reparaciones. La respuesta fue la misma de siempre. Este puerto no se puede decir que contara con apoyo institucional precisamente.

## 2. Candás

Los marineros de Candás, como los de otros puertos asturianos durante los siglos XV y XVI (por ejemplo, Luarca), practicaban en los inicios de la Edad Moderna la pesca de ballenas (CASTAÑÓN FERNÁNDEZ 1964; RODRÍGUEZ

RODRÍGUEZ 2006), una captura que resultaba muy rentable por el aprovechamiento intensivo que se realizaba de la misma (barbas, grasa – aceite, pintura –, etc.), en un primer momento en la proximidad del litoral y con el paso del tiempo teniendo que navegar hasta las costas de Inglaterra e Irlanda en los siglos XVI y XVII, cuando no más al norte. En la primera década del XVII el rector del colegio de san Gregorio redacta un manuscrito, que no se imprime hasta 1695, donde leemos:

“Hay pez tan monstruoso en este mar de Asturias que solamente las barbas se venden en mucho dinero, y el pez trae de provecho a los que lo pescan más de 1.000 ducados, y lo más es de la grasa, que llaman saín, con que se alumbría la gente común de esta tierra. Este pez se llama ballena” (CARTAVOLLO 1695: 10).

Por los beneficios que obtenían de las ballenas debían pagar a la catedral de Oviedo un diezmo, obligación que estuvo acompañada de numerosos pleitos entre los pescadores y la iglesia ovetense. En el XVIII persiste esta pesca, a mucho menor nivel, y ya en el XIX es casi inexistente.

El siglo XVIII será para Candás, como lo fueron el XVI y el XVII (Archivo Municipal, carpeta 0, papeles sueltos, actas del 4 al 16 de septiembre de 1590; Archivo Histórico de Asturias, en adelante AHA, sección de protocolos, caja 2.166; caja 2.167, 22 de junio de 1615; caja 2.200, 17 de junio y 7 de noviembre de 1656), una continua lucha contra el Océano Cantábrico para defender, mantener, reconstruir, reedificar, mejorar y ampliar lo que para la población era un elemento imprescindible para su subsistencia, pero que los materiales y las técnicas empleados hasta entonces no habían permitido más que algunos paréntesis de tranquilidad y sumergir en las aguas de su dársena todos sus recursos. No va a ser, por tanto, un período distinto a los siglos XVI y XVII, pero a diferencia de para aquellos contamos con más información documental y gráfica.

Desde inicios del siglo la señal de alarma se hace escuchar: “los muelles están con mucho riesgo de caerse, en particular los de la parte del mar, porque el de tierra ya está arruinado y del de mar le faltan algunos cantos”. El regente de la Real Audiencia autoriza el 7 de agosto de 1728 a Candás que emplee en la reedificación lo que obtenga de la imposición de 32 maravedís en cada cántara de vino consumida y 4 maravedís por cada azumbre (AHA, Candás, caja 2.296). La necesidad debía ser imperiosa o lo obtenido exiguo para ejecutar la obra, pues en 1735 se hacen acreedores de un préstamo de 55.000 reales que les conceden las religiosas de San Pelayo de Oviedo, ofreciendo como garantía todos sus bienes (casas y embarcaciones). A pesar de que la Corona les había permitido cobrar 2 maravedís por cada libra de pescado consumido, 2 reales

en cada carga vendida y 2 reales por fanega de sal consumida, la suma era insuficiente para hacer frente al préstamo, ni tan siquiera a sus intereses. Por si la situación no fuera de por sí desplorable, finalizados los trabajos en el muelle un temporal lo devolvió a su anterior estado ruinoso. Las fuentes municipales describen estos años finales de la tercera década del siglo como “los años malos del hambre”, en que muchos pescadores abandonan la localidad para asentarse en otros puertos y la miseria reina por doquier (Archivo Municipal, 11 de diciembre de 1760, en un informe referido a 1737).

Como una solución, los vecinos, tras numerosas discusiones, acuerdan solicitar el 18 de julio de 1737 un nuevo crédito de 38.229 reales con la Obra Pía de Piloña, hipotecando sus fincas. El ayuntamiento ya hemos citado que contaba con diversos impuestos que destinar al pago de los préstamos, pero Candás recibe otro golpe. La Corona decide que el 50% de los ingresos de todos esos impuestos se destinan a la reparación de los puertos de Ribadesella y Llanes y de la parte que restaba a Candás un 4% a otros puntos de la costa. Así pues, todo parecía confabularse contra Candás, sin muelle, sin recursos, endeudada, en franco despoblamiento...

Nadie iba a sacar a Candás de su estado, al menos no un extraño. Esto explica el singular papel que adopta Rodrigo González Villar, regidor perpetuo por juro de heredad y procurador general del concejo de Carreño, quien va a adoptar en Asturias y en la Corte el papel protagonista como gran defensor de los intereses del gremio de pescadores y, por ende, del puerto de Candás. Su determinación le llevó a obtener el 27 de enero de 1734 del ayuntamiento un poder para llevar a cabo cuantas actuaciones considerara oportunas, y consta que se desplazó hasta Madrid, gastando de sus bienes unos 10.000 reales. Los resultados de su comisión no debieron ser favorables a Candás, pues ya hemos visto que solicitó préstamos en 1735 y 1737 (AHA, cajas 2.207 y 2.209).

El primer plano de Candás está fechado en 1763 (CAGMM, O-01/02) y Llobet realiza otro en 1765 (CAGMM, O-01/03). Ambos comparten la característica de que tienen por finalidad el establecimiento de una batería para la protección de Candás de las incursiones de los corsarios y de la amenaza inglesa, ya se tratara de etapas de guerra abierta o no, pues el acoso a las naves pesqueras no conocía más que de oportunidades de hacerse con un botín. No se proponen representar la disposición y características de su puerto, pero podemos conocer cuál era su estado en estos años. Llobet afirma que la rada de Candás tiene un tenedero “bueno y su fondo [es] capaz de recibir en tiempos urgentes cualquier género de embarcaciones” (CAGMM, O-01/03). Ahora bien, el puerto no estaba terminado a la altura de 1763: “A. Puerto que quedando en seco en marea baja recibe solo los barcos y embarcaciones que puedan entrar en marea alta, y hay

muelle aunque en parte arruinado; parece tratan sus vecinos de su recomposición” (CAGMM, O-01/02 y O-01/03, leyenda A). Una explicación a su situación es que si fuera restaurado (han pasado tres décadas desde los préstamos), pero que una vez más el océano hubiera triunfado sobre el hombre.

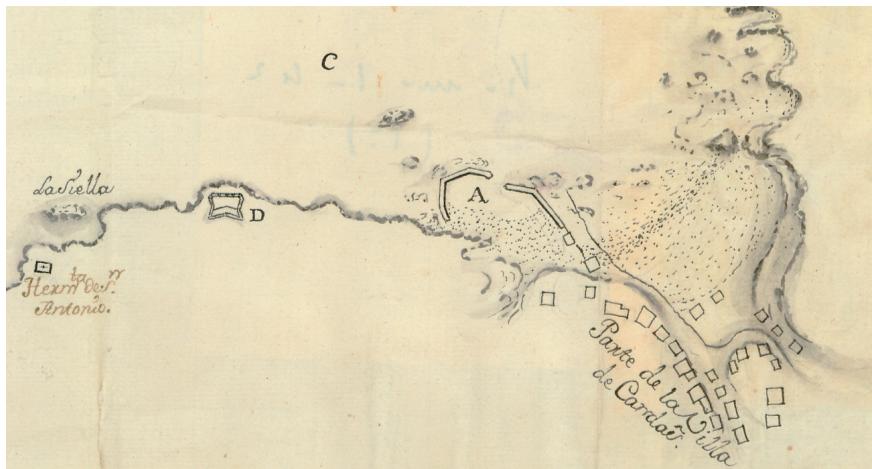


Fig. 4. Demostración de la rada y puerto de Candas en el principado de Asturias, s.f. (1763). CAGMM, O-01-02.

En cualquier caso, había que volver a reparar el puerto. El único estamento que faltaba por implicarse en la defensa de Candás era el eclesiástico, y ahora entra en escena. El cura de Candás remite una instancia, fechada el 3 de enero de 1767, ni más ni menos que al secretario de Marina, Julián de Arriaga, en la que expresa con detalle el lamentable estado del puerto y solicita su auxilio (AGS, SM, leg. 378). En el expediente consta una anotación del 30 de enero en el que se solicita que la Corona otorgue alguna ayuda a Candás y Arriaga lo envía para su dictamen al marqués de Someruelos, del Consejo de Castilla. En solo una semana ya estaba redactada la respuesta y en unos términos extremadamente duros:

“Este recurso del cura de Candás tiene contra sí la presunción de injusto (respecto de lo que expone de haberse repetidamente negado) ocultando los motivos de no haberlo conseguido; y no siendo este eclesiástico parte legítima para semejante instancia, me parece no haber motivo para hacer mérito de ella.

Vuestra Excelencia podría despreciarla o resolver como sea de su mayor agrado” (AGS, SM, leg. 378).

La opción fue, consta al margen de la carta, la primera: “despreciada”. Así pues, con el transcurso del tiempo, el deterioro del muelle prosigue, así como la imposibilidad de Candás de hacer frente a su reparación persiste, por lo que se expide una nueva representación a la Corte, pero ahora desde la villa. El 25 de octubre de 1769 Benito Miranda Carreño, regidor y alférez mayor de la villa de Candás, es quien efectúa un nuevo intento para que la Corona intervenga a su favor. El panorama que dibuja es desolador, pero advierte que de no actuar ahora el coste a corto plazo será mucho mayor, con el grave perjuicio para la población y para la Real Hacienda (AGS, SM, leg. 378).

Enfoca el problema de un modo que la inacción de la Corona, además de demostrar ingratitud, no es inteligente a medio plazo, pues si los hombres de Candás no pueden hacerse a la mar no habrá ingresos para la Real Hacienda, y lo que hoy tiene un precio el océano provocará que cada invierno se vaya incrementando. Dicho de otro modo, lo que solicitan es una inversión que será rentable para todos, no es una donación. Tras un largo paréntesis de un año y medio, el 17 de abril de 1771 la representación de Miranda Carreño se le envía al regente de la Audiencia de Asturias, a la sazón Teodomiro Caro de Briones, para que dé a conocer su parecer sobre este tema.

El regente ordena al arquitecto Pedro de Lizardi, en Avilés en ese momento, que se traslade a Candás y estudie el estado de su puerto, las obras necesarias, el presupuesto y cuanto estime de interés para resolver este problema. Lizardi lleva a cabo su cometido de una manera exhaustiva. Analiza los muelles (fracturados), la dársena (repleta de materiales procedentes de los reiterados destrozos, que además de hacer peligrar la navegación podía imposibilitarla), los puntos de rotura, etc., y elabora un magnífico plano que refleja cómo se encontraba el puerto de Candás en 1771 y las obras que proyectaba realizar en el mismo para garantizar su funcionamiento y seguridad. Lo que contempló era el resultado de numerosas intervenciones, llevadas a cabo con la mejor de las intenciones y siempre costosas, pero que el avance de la arquitectura hidráulica y los conocimientos actuales podían enfrentar el reto con unas garantías hasta ese momento desconocidas. Su memoria informa de la situación del puerto y advierte de que el coste de la reparación se incrementará si esta se retrasa, que ahora es de 544.200 reales y alcanzaría los 2.500.000 reales (AGS, SM, leg. 378).

Todo anunciaba que la cada vez más pequeña Candás (ahora contaba con unos 200 vecinos, eso sí, casi todos marineros), por fin, iba a contar con un puerto en condiciones. Lizardi remite su plano y su proyecto (fechado el 10 de junio de 1771) a Caro de Briones, y este lo traslada a Arriaga el 26 de junio, para que adopte una decisión. Desde el punto de vista técnico el trabajo estaba realizado. Como siempre, el principal obstáculo es de dónde obtener una can-

tidad tan elevada para sufragar las obras. Arriaga informa el 17 de septiembre al marqués de Someruelos que Miranda Carreño, como apoderado de la villa, había solicitado que se destinaran a Candás todos los importes con que desde ella se contribuía a la reparación de otros puertos asturianos. Esta idea ya la había expuesto en 1769, pero ahora añade la petición de que el expediente de la actuación en el puerto de Candás se apruebe con todas las formalidades, es decir, garantizando la inversión y confirmando la dirección de la obra.

Someruelos dirige a Arriaga el 28 de septiembre un extenso informe que es una exacta radiografía del estado de los arbitrios asturianos y su aplicación a las obras en los puertos. Se aprueba por la Corona la reparación y se informa al regente que saque a subasta pública la obra conforme al proyecto de Lizardi, que el 12 de diciembre fue informado positivamente por Jorge Juan y Santacilia, aunque juzgó "regular" el presupuesto (AGS, SM, leg. 378). Si los arbitrios de Candás no fueran suficientes, los vecinos podrían proponer otros, pero en modo alguno debían ser extensivos a otras localidades, ya que debían recaer exclusivamente sobre Candás. Todo está encauzado, pero ese diciembre los temporales azotaron la villa. Parecía que la naturaleza se obstinaba en subrayar su protagonismo (Archivo Municipal del Ayuntamiento de Carreño, oficio del gremio de mareantes al ayuntamiento de Carreño, 26 de diciembre de 1771).



**Fig. 5.** Puerto de Candás, 1771. Pedro Ignacio de Lizardi. AGS, Mapas, Planos y Dibujos (en adelante MPD), 06,088. Se aprecian que continúan las mismas zonas derruidas y la colmatación del puerto por la acumulación de escombros y la acción del oleaje y las mareas.

A petición del regente, Lizardi elabora el pliego de condiciones y normas que debían tener presentes los empresarios que desearan optar a la ejecución del proyecto, fechado en Avilés el 4 de febrero de 1772. Pero el principal enemigo de Candás, como de todos los puertos asturianos, no fue el Océano Cantábrico, sino su debilidad económica. El regente solicita a Candás información sobre el importe de la suma de los arbitrios, y la respuesta que obtiene es de 3.000 reales al año como máximo, y si se les concediera algún otro puede que alcancaran los 600 ducados. Estas cifras le llevan a tomar la decisión de paralizar el proceso de sacar a subasta la obra, “por considerar como imposible hallar asentista que quisiera entrar”, sobre lo que consulta a Arriaga (Oviedo, 12 de febrero de 1772; AGS, SM, leg. 378). Es más, incluso sugiere que se emplee a Lizardi, a quien tiene en alto concepto, en las obras del resto de puertos y obras públicas en Asturias (AGS, SM, leg. 378, Oviedo, 12 de febrero de 1772), es decir, que abandone esta empresa. La Secretaría de Marina no duda en desvincularse de este proyecto. Al margen de la carta citada se anota: “Véase qué hay en esto y cómo nos podemos evadir de esta correspondencia”. Y ciertamente hizo mutis por el foro. Silencio administrativo. Ni la insistencia del regente en otra misiva a Arriaga, el 9 de diciembre, donde le recuerda que corresponde a Marina la competencia de reparación de puertos y que aguarda su decisión desde el 12 de febrero sobre sacar a subasta o no la obra de Candás, surte ningún efecto.

Nuevamente Candás, pero solo el gremio de mar, recurre a un préstamo en 1777, en esta ocasión de 115.000 reales, en las condiciones habituales (hipotecando sus bienes), que les concede una vecina de Cangas de Tineo, doña Catalina Villamil Ron. Obvia decir que esto no aliviaba la situación económica del gremio, pero sí que permitía al menos llevar a cabo labores de mantenimiento, de subsistencia, del puerto. Sin apoyos del Principado ni de la Secretaría de Marina, son los vecinos de Candás quienes toman la iniciativa. El 24 de octubre de 1779 encontramos una escritura para las obras del muelle (Archivo Histórico Provincial de Protocolos, en adelante AHPP, caja 2.227). La mejor prueba de que las obras avanzan es el plano de Miguel de la Puente fechado en octubre de 1785, donde se aprecian los muelles, que siguen el diseño de Lizardi.



**Fig. 6.** Plano de la concha de Candás, 1785. MNM, E-35-11. Detalle. 19. Muelles de la dársena.

Ahora bien, los trabajos no habían terminado, ya sea porque la dársena no estaba totalmente limpia o por desperfectos provocados por los temporales, pues hay documentación de los años 1787 (AHPP, caja 2.228, Candás, 9 de enero de 1787, ante Bernardo Prendes Hevia) y 1789 (tres escrituras de poder otorgadas por el gremio del mar a favor de Lorenzo Pérez Sierra, para asuntos relacionados con la obra de reparación del muelle; AHPP, caja 2.228, 22 de febrero, 26 de abril, 10 de junio de 1789, ante Bernardo Prendes Hevia) que son una prueba de que Candás seguía luchando por disponer de un puerto. El siglo concluye con los dos muelles en pie, pero el transcurso del tiempo, es decir, la acción del mar, les afectó y comenzaron a deteriorarse. Tras reiteradas y persistentes quejas y reclamaciones de ayuda, la mediación de dos diputados, Felipe de Canga-Argüelles y Ventades en 1849 y Andrés de Capua y Lanza en 1862, los recursos estatales llegarán y se reedificarán los muelles, se limpiará la dársena y se restaurará el malecón.

### 3. Lastres

Lastres es posiblemente, junto con Gijón, la población asturiana de la que poseemos más y mejor información documental y cartográfica (un estudio

en profundidad en GARCÍA HURTADO 2019). Esto es una prueba de la importancia que se le dio a este enclave, pero también, y esto sí que fue definitivo, de los innumerables problemas burocráticos que tuvo que hacer frente. Tanto es así que la mejor prueba de que no contaba con el favor de las autoridades del Principado es que el principal puerto del siglo XVI, uno de los más importantes del XVII, en el siglo XIX no dispondrá de un mediocre muelle al que amarrar y que cobije las ya escasas lanchas de pesca. Si esto aconteció no fue, en modo alguno, porque los vecinos de Lastres no lucharan durante más de un siglo por lograr ver cuando miraban al horizonte una estructura que les protegiera a ellos, a sus viviendas y a sus barcos del furioso azote del Cantábrico. La obstinación de este, las luchas intestinas entre las localidades costeras por ser destinatarias de los arbitrios, las maniobras para contar con el apoyo del Principado en un momento dado y avanzado el siglo de la Secretaría de Marina, etc. eran cuestiones que excedían el ámbito geográfico, técnico y económico. La política, más cruel si cabe cuando las arcas andan escasas, no fijará sus ojos en este pequeño y singular enclave costero. La circunstancia de que Lastres participará en el último tercio en la disputa por lograr que se construyera allí el muelle refugio de Asturias fue uno de sus últimos intentos por ocupar un lugar de relieve portuario. Ahí perdió ante Gijón, pero tuvo posibilidad de resarcirse al poco tiempo. El motivo fue la sede de la Ayudantía de Marina que había estado en Lastres hasta que por una epidemia de cólera en 1855 se ubicó en Villaviciosa, al fin y al cabo donde también se encontraba la Junta de Sanidad. El 3 de abril de 1883 los vecinos de Lastres solicitan que retorne a su localidad la ayudantía. El comandante de Marina de Gijón no apoya esta petición porque estima que sería perjudicial para los marineros y comerciantes de Tazones y Villaviciosa, además de que este último enclave marcaba una tendencia de crecimiento con respecto a Lastres, como demostraba el volumen comercial de uno y otro puerto.

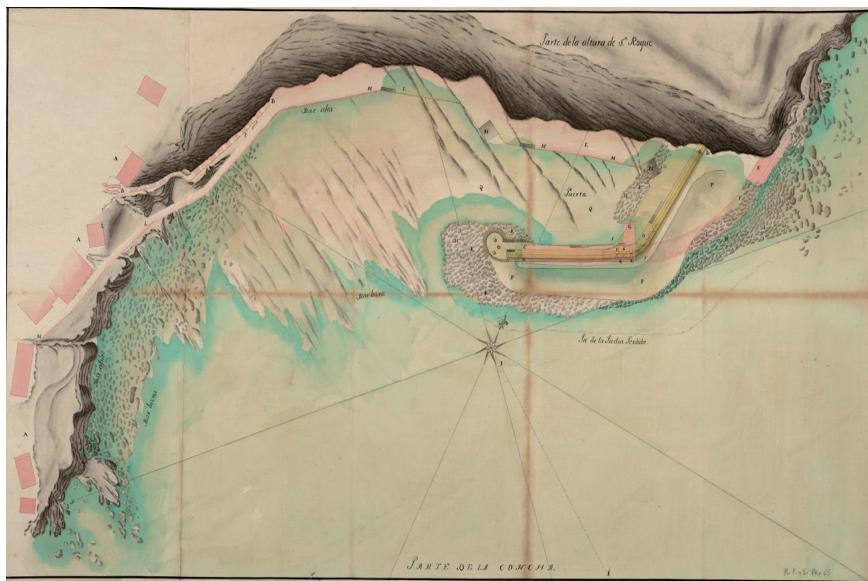


Fig. 7. Puerto de Lastres, 1768. AGS, MPD, 14,065. Detalle.

## Conclusión.

Lastres, Luanco y Candás son tres poblaciones costeras que ejemplifican perfectamente lo que sucede durante el siglo XVIII en las infraestructuras portuarias de la España cantábrica. Frente a modelos constructivos basados en la experiencia y donde lo habitual es que los propios vecinos se encarguen del diseño y erección de los diques y elementos de contención del océano, en el siglo Ilustrado van a intervenir en el análisis, diseño y ejecución de las obras que debían cobijar las embarcaciones los técnicos más cualificados del momento, los ingenieros militares. Ahora bien, los procesos constructivos se dilatan de manera constante por problemas de financiación, conflictos jurisdiccionales o la acción de la naturaleza. Esto determina que podamos afirmar que durante toda la Edad Moderna la población marinera vive una suerte de castigo de Sísifo, por el cual nunca llegarán a contar con un estado óptimo de sus puertos (este término es excesivo, pues muchas veces no estamos más que ante una mera muralla de piedras lanzadas sin ciencia o débiles estructuras de madera, cuando no se trata de simples arenales donde zabordan las embarcaciones), pues ya sea porque la construcción se paraliza, lo que culmina con el deterioro de lo ya levantado sobre las aguas, o porque los proyectos no se verifican sobre el lecho marino, lo que les condena a la miseria y a sus enclaves a la despoblación, su vida es tan insegura sobre el océano como en tierra. Pero lo que sí

significa un punto de inflexión, que se verifica en el siglo XIX, es todo el volumen de planos, mapas, diseños, etc. que, aunque en algunos casos con más de un siglo de retraso, van a definir el perfil artificial de las localidades litorales de una manera ya permanente (la tecnología constructiva y los avances de la ingeniería hidráulica coadyuvan a esto) y que es casi exactamente la misma que la actual.

Pese a que estas pequeñas poblaciones litorales denunciaron a lo largo de todo el siglo XVIII un trato privilegiado hacia Gijón, el principal puerto asturiano, que aparentemente gozaba de la protección de las autoridades del principado y de Madrid, así como de los recursos que eran detraídos de la reparación de otros muelles, este no experimentó una evolución mucho más positiva que ellas (GARCÍA HURTADO en prensa). Las tensiones entre las diferentes jurisdicciones, los intereses contrapuestos de las distintas localidades, no desaparecen por el simple hecho de que desde 1786 la Secretaría de Marina se encargue de todas las obras portuarias. Incluso podemos afirmar que tuvo consecuencias negativas para las infraestructuras de menor coste (también inferior número de beneficiarios), y que factores como la crisis bélica finisecular, que concentra todos los esfuerzos políticos y materiales, el último impulso que la Corona proporciona económicamente para contar con una flota con la que librarse la batalla final contra el Reino Unido y las enormes necesidades materiales y laborales de los arsenales peninsulares y de La Habana, todo contribuye a que las demandas de unas comunidades reducidas y menguantes de marineros del Cantábrico sean desatendidas. Esto no quiere decir que no se invirtieran cuantiosos caudales en los muelles asturianos (en Lastres se calcula en casi un millón de reales; SUÁREZ VICTORERO ROBLEDO 1896: 120-121), sino que no se adopta un plan sistemático y coherente que consolide las actuaciones y, como venía sucediendo durante toda la Edad Moderna, el océano dejará constancia sobre la costa, una y otra vez, de su debilidad material portuaria, una situación crónica de la que el siglo Ilustrado fue consciente, pero incapaz de solventar.

## Bibliografía

- (1921). *Reglamento de la Sociedad “Unión Gozoniega” e Historia de “Gozón”*. Habana: Imprenta La Habanera de Solana Hnos. y Cª.
- ADARO RUIZ-FALCÓ, Luis (1986). *El puerto de Gijón y otros puertos asturianos*. 4 vol. Gijón: Cámara Oficial de Comercio, Industria y Navegación.
- CÁMARA MUÑOZ, Alicia coord. (2005). *Los ingenieros militares de la monarquía hispánica en los siglos XVII y XVIII*. Madrid: Ministerio de Defensa.
- CÁMARA MUÑOZ, Alicia coord. (2015). *Ingeniería de la Ilustración*. Madrid: Fundación

Juanelo Turriano.

- CÁMARA MUÑOZ, Alicia coord. (2016). *El dibujante ingeniero al servicio de la monarquía hispánica (siglos XVI-XVIII)*. Madrid: Fundación Juanelo Turriano.
- CÁMARA MUÑOZ, Alicia y REVUELTA POL, Bernardo coords. (2017). *La palabra y la imagen. Tratados de ingeniería entre los siglos XVI y XVIII*. Madrid: Fundación Juanelo Turriano.
- CARTAÑÀ MARQUÈS, Elisenda (2003). “Descripción y reconocimiento de la costa de Asturias en 1806. Un informe del ingeniero militar Thomas Pasqual de Maupoey”. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, vol. VIII, 477. <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-477.htm> (consultado en 2020.06.08).
- CARVALLO, Luis Alfonso de (1695). *Antigüedades y cosas memorables del Principado de Asturias*. Madrid: Julián de Paredes.
- CASTAÑÓN FERNÁNDEZ, Luciano (1964). “Notas sobre la pesca de la ballena en relación con Asturias”. *Boletín del Instituto de Estudios Asturianos*, 51, 39-62.
- DELGADO BARRADO, José Miguel y GUIMERÁ RAVINA, Agustín eds. (2000). *Los puertos españoles: historia y futuro (siglos XVI-XX)*. Madrid: Fundación Portuaria.
- FISCHER, Lewis R. y JARVIS, Adrian eds. (1999). *Harbours and Havens: Essays in Port History in Honour of Gordon Jackson*. Liverpool: Liverpool University Press.
- FLOR, Germán (1983). “Las rasas asturianas: ensayos de correlación y emplazamiento”. *Trabajos de Geología*, 13, 65-81. <http://geol.uniovi.es/TDG/Volumen13/TG13-04.PDF> (consultado en 2020.06.08).
- FORTEA PÉREZ, José Ignacio y GELABERT GONZÁLEZ, Juan Eloy eds. (2006). *La ciudad portuaria atlántica en la historia: siglos XVI-XIX*. Santander: Universidad de Cantabria.
- GALINDO DÍAZ, Jorge Alberto (2002). *El conocimiento constructivo de los ingenieros militares españoles del siglo XVIII*. Barcelona. Tesis doctoral dirigida por Margarita Galcerán Vila y José Luis González Moreno-Navarro, leída en la Universitat Politècnica de Catalunya.
- GARCÍA HURTADO, Manuel-Reyes (2012). “El pensamiento naval español en el siglo XVIII”, in Manuel-Reyes García Hurtado (ed.), *La Armada española en el siglo XVIII. Ciencia, hombres y barcos*. Madrid: Sílex, 121-182.
- GARCÍA HURTADO, Manuel-Reyes (2016). “El mantenimiento de las estructuras portuarias en el siglo XVIII: Un modelo de análisis”, in Manuel-Reyes García Hurtado y Ofelia Rey Castelao (eds.), *Fronteras de agua. Las ciudades portuarias y su universo cultural (siglos XIV-XXI)*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela - Universidade da Coruña, 359-391.
- GARCÍA HURTADO, Manuel-Reyes (2017). “Ce que cache l'eau: la darse de l'arsenal espagnol de Ferrol dans la seconde moitié du XVIII<sup>e</sup> siècle”. *The Northern Mariner/Le marin du nord*, XXVII, 3, 245-265.

- GARCÍA HURTADO, Manuel-Reyes (2019). "Piedra sobre roca. Las poblaciones portuarias asturianas en el siglo XVIII entre proyectos y el Atlántico", in Manuel-Reyes García Hurtado (ed.), *Soltando amarras. La costa atlántica ibérica en la Edad Moderna*. A Coruña: Universidad da Coruña, 15-50.
- GARCÍA HURTADO, Manuel-Reyes (2020). "The greatest treasure of the Spanish armada in the eighteenth century: From the Battle of Rande (1702) to the diving schools (1787)", in Sünne Juterczenka (ed.), *The Sea: Maritime Worlds in the Early Modern Period*. Kóln: Böhlau, en prensa.
- GARCÍA HURTADO, Manuel-Reyes (en prensa). "Las desventuras del puerto de Gijón de 1742 a 1817. Resistir a los hombres y al océano".
- IVER MEDINA, Paz (2013). *Asociaciones de pescadores en el centro costero de Asturias. Cofradías, Gremios y Rulas en los siglos XIX y XX. Candás, Luanco, San Juan de la Arena*. Trabajo de fin de máster realizado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Oviedo, dirigido por el profesor Jorge Uría González. [http://digibuo.uniovi.es/dspace/bitstream/10651/19334/6/TFM\\_Paz%20Iver%20Medina.pdf](http://digibuo.uniovi.es/dspace/bitstream/10651/19334/6/TFM_Paz%20Iver%20Medina.pdf) (consultado en 2020.06.08).
- JOVELLANOS, Gaspar Melchor de (1795). *Informe de la Sociedad Económica de esta Corte al Real y Supremo Consejo de Castilla en el expediente de Ley Agraria*. Madrid: Imprenta de Sancha.
- LE MAO, Caroline (2015). *Les villes portuaires maritimes dans la France moderne: XVIe-XVIIIe siècles*. Paris: Armand Colin.
- MARTÍN GARCÍA, Alfredo (2003). *Una sociedad en cambio. Ferrol a finales del Antiguo Régimen*. Ferrol: Edicións Embora.
- MONGE MARTÍNEZ, Fernando (1998). "Los estudios sobre historia portuaria. Una perspectiva crítica y metodológica". *Hispania. Revista española de historia*, vol. 58, 198, 307-326.
- NÚÑEZ FERNÁNDEZ, Eduardo (1993). *Asociacionismo marinero en Asturias. Volumen I. Gremios, Cofradías, Pósitos y Sociedades de Mareantes*. Candás: Ayuntamiento de Carreño.
- O'FLANAGAN, Patrick (2008). *Port Cities of Atlantic Iberia, c. 1500-1900*. Aldershot (R.U.) - Burlington (EE.UU.): Ashgate.
- RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, Manuel Ramón (2006). "La caza de ballenas", in Javier Rodríguez Muñoz (coord.), *Asturias y la mar*. Oviedo: Editorial Prensa Asturiana, 31-48.
- SUÁREZ ÁLVAREZ, Patricia (2013). "Familia y sociedad en un concejo marítimo del noroeste peninsular: el municipio asturiano de Carreño en 1753". *Estudios Humanísticos. Historia*, 12, 397-416.
- SUÁREZ VICTORERO ROBLEDO, Juan Antonio (1896). *Descripción Geográfico-Histórica del Concejo de Colunga en el Principado de Asturias*. Villaviciosa: Imprenta de la Opinión.
- VÁZQUEZ LIJÓ, José Manuel (2006). *La matrícula de mar en la España del siglo XVIII. Registro, inspección y evolución de las clases de marinería y maestranza*. Madrid: Ministerio de Defensa.

# Viúva Mallen e Companhia(s): Mariana Bourgeois, mulher e editora no século XVIII

*Widow Mallen and Company: Mariana Bourgeois, woman editor in the eighteenth century*

**JOÃO FARIA-FERREIRA**

Universidade de Aveiro

joaoafariaferreira@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3421-2223>

Texto recebido em / Text submitted on: 01/12/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 16/10/2020

**Resumo.** Mariana Bourgeois, a Viúva Mallen, foi uma mulher invulgar que, no século XVIII, aproveitando-se da sua condição social, fundou a sua própria oficina de impressão no Porto. Neste trabalho procura-se, através de pesquisas nos arquivos, traçar uma biografia (familiar, social e profissional) de Mariana e de suas muitas companhias (Francisco Mallen, seu marido; João Roberto Bourgeois, seu irmão; entre outros) e expor a complexa rede familiar e comercial que une todos estes. Deste modo, pretende-se contribuir para futuras investigações sobre a história dos livreiros franceses em Portugal, com ainda tantas personagens por explorar.

**Palavras-chave.** Viúva Mallen, Francisco Mallen, livreiros franceses em Portugal, história da edição, história do livro.

**Abstract.** Mariana Bourgeois, the Widow Mallen, was an unusual woman who, in the eighteenth century, taking advantage of her social status, founded her own printing workshop in Porto. In this work, by searching through the archives, we'll draw a biography (familiar, social and professional) of Mariana and her many companies (Francisco Mallen, her husband, João Roberto Bourgeois, her brother, among others) and expose the complex family and commercial network that unites all of them. In this way, we intend to contribute to future investigations on the history of the French booksellers in Portugal, a subject with still so many more characters to explore.

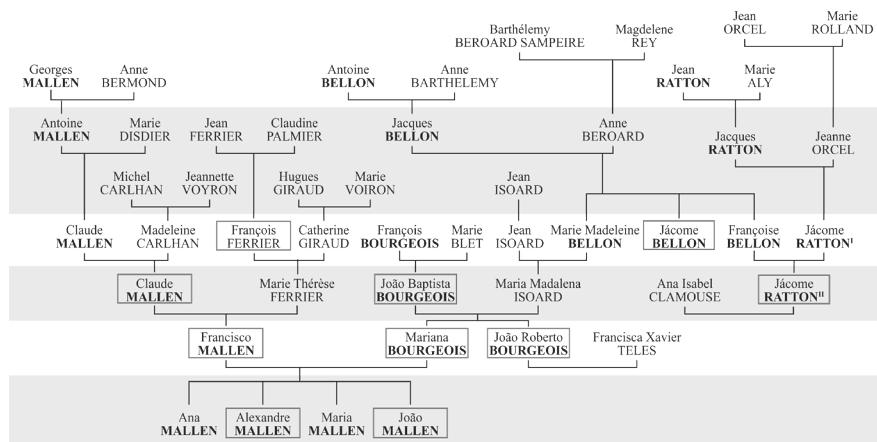
**Keywords.** Widow Mallen, Francisco Mallen, French booksellers in Portugal, publishing history, book history.

São ainda muitos os livreiros de origem briançonesa que viveram e trabalharam em Portugal nos séculos XVIII e XIX que estão por estudar. Efetivamente, existem muitos casos relevantes e interessantes para além dos Bertrand – não necessariamente pela longevidade do negócio, mas pelas características excepcionais de alguns desses livreiros. Neste pequeno contributo para a história das gentes do livro, apoiado pelos grandes trabalhos investigativos de Georges Bonnant, Fernando Guedes e Manuela D. Domingos, entre outros,

pretendeu-se trazer à luz a história de uma mulher que, apesar da época em que viveu, fez uso da sua condição social e das suas ligações familiares para se tornar a única mulher a liderar a sua própria oficina de impressão no Porto setecentista<sup>1</sup>: Mariana Bourgeois, a Viúva Mallen<sup>2</sup>.

Até hoje, pouco foi dito sobre os Mallen. Maria Adelaide Meireles foi, até agora, a única investigadora a debruçar-se com um pouco mais de atenção sobre a Viúva Mallen e a sua oficina tipográfica portuense. Sobre o seu marido, Francisco Mallen, também são escassas as referências: José Pinto Loureiro faz-lhe a mais breve das entradas, falando do perdão que o livreiro recebera em 1769 (AHMC, Registros, T. 54: fl. 427v), que lhe permitiu que pudesse “continuar como mercador de livros” (LOUREIRO 1954: 72).

Tornou-se então imperativa a pesquisa nos arquivos em busca de elementos que, quando juntos, pudessem pintar um retrato mais completo da família Mallen e da sua presença no mercado livreiro. Decidiu-se tentar iluminar a família através da vida de Mariana Bourgeois, que liga as várias personagens desta complexa rede familiar e comercial numa “des pages les moins connues de l’histoire de l’édition”, como refere Bernard Lescaze (como citado em DOMINGOS 2000: 19).



<sup>1</sup> Fernando Guedes, inclusive, achou o caso “estranho”: “uma Viúva Mallen & Filhos sem que anteriormente tivesse aparecido algum Sr. Mallen” (GUEDES 2012: 95).

<sup>2</sup> Segundo Meireles (1995) só duas mulheres foram impressoras no Porto durante o século XVIII: a Viúva Emery, que deu continuidade ao negócio do marido, Vicente Emery; e a Viúva Mallen, que começou a imprimir em 1793, sob “Viúva Mallen, Filhos e Companhia”.

## 1. Mariana, filha e neta<sup>3</sup>

Mariana terá nascido no ano de 1755, entre o mês de janeiro e o fatídico dia 1 de novembro, data do grande Terramoto que destruiu a cidade de Lisboa, onde seus pais, João Baptista Bourgeois e Maria Madalena Isoard, viviam. Infelizmente para esta investigação, os livros paroquiais da igreja de São Paulo de Lisboa foram também vítimas da catástrofe, e o registo de batismo de Mariana Bourgeois terá sido destruído e nunca reescrito<sup>4</sup>.

A família Bourgeois não é como a de outros franceses ligados ao mercado livreiro no século XVIII, e as suas origens são o primeiro caso de exceção a assinalar: João Baptista Bourgeois<sup>5</sup> é natural de Bernay, departamento de Eure, na Alta Normandia, e veio para Portugal como comerciante. O costado briançonês de Mariana vem então de sua mãe, Maria Madalena Isoard<sup>6</sup>, natural da vila de Monestier de Briançon (hoje Le Monêtier-les-Bains, do departamento dos Altos Alpes), na antiga província do Delfinado<sup>7</sup>, casada com Bourgeois a 13 de maio de 1753 (ANTT, Paróquia de São Paulo, L. C1, Cx. 15: fls. 14v-15), na já mencionada igreja de São Paulo. As ligações familiares desta Isoard (por vezes, Izoard) também são notáveis: filha de Maria Madalena Bellon, é, por via de seu avô materno, Jacques Bellon, sobrinha de Jácome Bellon e Jácome Ratton<sup>1</sup>, e, portanto, prima de Jácome Ratton<sup>II</sup>, o grande comerciante e industrial dos séculos XVIII e XIX em Portugal<sup>8</sup>. Mas não é só sangue e afinidade que os liga: João Baptista Bourgeois foi, de 1758 a 1764, no Porto, sócio do primo de sua mulher na firma “Ratton, Bonifas, e Companhia” (RATTON 1813: 24).

<sup>3</sup> Apenas “Mariana”, pois às crianças, no seu batismo, é dado apenas o(s) nome(s) próprio(s). Como jovem menina, seria normal ser considerada sempre na sua relação com o homem: pai, avô ou até irmão.

<sup>4</sup> João Roberto Bourgeois (n. 27.04.1754), seu irmão, viu, ao contrário do que aconteceu com Mariana, o seu batismo reassentado nos livros paroquiais, já no ano de 1759.

<sup>5</sup> Jean Baptiste “le Bourgeois” nasceu em 09 de junho de 1722, foi batizado no mesmo dia, e faleceu no dia 20 de abril de 1772.

<sup>6</sup> Marie Magdelene “Hysouard”/Isoard nasceu em 03 de março de 1736, foi batizada no mesmo dia, e faleceu no dia 16 de maio de 1786. Seus padrinhos de batismo foram Jacques Ratton (não se sabe se Jacques ou Jácome Ratton<sup>1</sup>) e Marie Isoard. A aceitar a lógica de Guedes (2012: 22), entendendo que a coincidência de nomes significa obrigatoriamente uma relação familiar (o que, através de uma procura metódica nos livros paroquiais de Monestier e de Briançon, se prova falso), podemos apontar como dado de interesse a existência de apelidos como Barthelemy, Beroard e Rey na ascendência de Maria Madalena.

<sup>7</sup> Como disse François Grasset em 1754: “Le commerce de la librairie en Espagne et au Portugal, de même (sic) que celui de beaucoup de villes d’Italie, est presque tout entre les mains des français, tous sortis d’un village situé dans une vallée du Briançonnais, dans le Dauphiné.” (como citado em BONNANT 1961: 197).

<sup>8</sup> Para este trabalho, e de forma a conseguir distinguir os três Jacques/Jácome Ratton, definiu-se que seriam, do mais velho para o mais novo: Jacques Ratton (avô), Jácome Ratton<sup>I</sup> (pai) e Jácome Ratton<sup>II</sup> (filho); este último foi o que ficou mais famoso e é autor de *Recordações de Jacome Ratton sobre Ocorrências do seu Tempo em Portugal de Maio de 1747 a Setembro de 1810*.

Ao que tudo indica, os Bourgeois mudaram-se para o Porto pouco depois do Terramoto, e em 1759 nasce uma outra filha do casal, Rosa<sup>9</sup>. Lá viveram na Rua das “Quongostas”<sup>10</sup>, a mesma em que viviam Jácome Bellon, o dito tio materno de Maria Madalena Isoard, e sua mulher Maria Purat.

Mais tarde, em 1769, João Baptista Bourgeois fica interessado em “reabilitar a fábrica de papel da Lousã, determinando para o efeito as suas condições” (CAMPOS 2009: 146), pelo que lhe foi vendida pela Coroa. Bourgeois, no entanto, não sobreviveria o suficiente para tão grande empreendimento, falecendo, em Monestier<sup>11</sup>, no dia 19 de abril de 1772 (ADHA, 5 MI 193, 1770-1773, imag. 75).

Mas, efetivamente, nenhuma destas famílias ficou conhecida pela sua ligação ao mercado livreiro: dos Isoard só se conhece a ligação, por via de casamento, com os Borel, sendo conhecida a união entre Maria Madalena Izoard<sup>12</sup> e João Francisco Borel (CURTO, DOMINGOS, FIGUEIREDO & GONÇALVES 2014: 639); e dos Bellon, ainda que reputados negociantes, não há nota de algum membro ter sido mercador de livros. Portanto, ainda que a maior parte destes franceses tenha ligações a Monestier de Briançon, verificou-se uma maior heterogeneidade dos tipos de negócios, assim como no que toca à origem destes clãs: os Bourgeois, como já foi dito, originários do Norte de França; e os Ratton, se recuarmos ao avô paterno de Jácome Ratton<sup>11</sup>, originalmente de Besançon, departamento de Doubs, na região de Borgonha-Franco-Condado (ADHA, 5 MI 192, 1710-1714: fl. 3v.).

## 2. Marianne Mallen, esposa<sup>13</sup>

No dia 8 de agosto de 1770 (ADP, Paróquia da Sé, L. C18: fl. 81v; Paró-

<sup>9</sup> Rosa nasceu no dia 04 de setembro de 1759 e foi batizada no dia 08 do mesmo mês (ADP, Paróquia da Sé, L. B26: fl. 196); é afilhada de Jácome Bellon e sua mulher Maria Purat, tios-avós do lado materno.

<sup>10</sup> Antiga Rua das Congostas, atual Rua de Mouzinho da Silveira, na Baixa do Porto, freguesias da Sé e São Nicolau.

<sup>11</sup> A ideia de que “morreu inesperadamente” (CAMPOS 2009: 146) deve ser problematizada, visto que, se acreditarmos no seu assento de óbito, Bourgeois mudou-se para Monestier em 1770, onde residiu até ao seu falecimento.

<sup>12</sup> Esta Maria Madalena não pode ser a mãe de Mariana, visto que se casou com João Francisco Borel em Monestier no dia 27.11.1766 (ADHA, 5 MI 193, 1764-1768, imag. 81) – numa altura em que a outra Isoard ainda era casada com João Baptista Bourgeois –, e por ser esta filha de um Joseph, e a outra filha de um Jean.

<sup>13</sup> “Marianne Mallen” foi como assinou no sumário matrimonial do irmão, João Roberto, denunciando um respeito pela sua língua materna, visto que o nome é francês, um processo inverso daquele que era habitual para os franceses em Portugal. Nesta secção explora-se a relação de Mariana com Francisco Mallen, assim como a história deste livreiro.

quia de Massarelos, L. C6: fl. 151v), Mariana, na altura com cerca de 16 anos, casou, na capela do Corpo Santo de Massarelos, com Francisco Mallen, mercador de livros. Francisco, natural de Briançon, nasceu em 2 de novembro de 1741 (ADHA, 5 MI 104, 1741-1742: fl. 42), filho do médico da vila, Cláudio Mallen<sup>14</sup> e de sua mulher Maria Teresa Ferrier<sup>15</sup>, e já estará em Coimbra como mercador de livros no decénio de 1760 (LOUREIRO 1954: 38). O sumário matrimonial (ou processo de casamento) do casal poderia elucidar melhor sobre a vinda de Mallen para Portugal, mas esta documentação não se encontra nem no Arquivo Distrital do Porto, nem no Arquivo da Diocese do Porto. O documento mais antigo descoberto até hoje que nos situa Francisco Mallen em Coimbra é de 1769, e trata-se do “registo da graça e perdão de Francisco Mallen” (AHMC, Registros, T. 54: fl. 427v).

É-nos também desconhecida a morada da família entre 1770 e 1776, sendo possível que tenham ido morar na cidade de Coimbra. Temos mais certezas da residência do casal Mallen em Coimbra a partir de 1776 e até 1779, ano em que, pelo que nos é dito por Francisco quando testemunha no sumário matrimonial de seu cunhado João Roberto Bourgeois, é morador na freguesia da Encarnação, Lisboa (ANTT, Câmara Eclesiástica de Lisboa, Sumários Matrimoniais, m. 1083, n.º 20). Sabemos, pelos livros de batismos da Sé Nova de Coimbra, que tiveram na cidade três filhos: Ana, Alexandre e Maria. Durante este período, viveram ao Arco de Almedina, lugar de residência de outros livreiros franceses, como os Ginioux. Aliás, por documentos notariais (AUC, L. 1, V-1E-9-3-20: fls. 61v e 97.), sabe-se que, em 1778, Pedro Borel é assistente em casa de Francisco Mallen, revelando-se então uma relação entre estas duas famílias. Sobre a livraria de Mallen em Coimbra, é possível que se tenha situado ao Arco de Almedina, ou nas suas imediações (Rua das Fangas, Rua de Quebra Costas, Rua da Calçada<sup>16</sup>). Em Lisboa, apesar de Mallen não ser contemplado nas investigações de Curto et al. (2014), conseguiu-se apurar que, segundo a última página da Écloga de *Durindo, e Floro* (Oficina Luisiana, 1780), a sua livraria lisboeta se situaria “defronte do Chafariz de Loreto”.

Procurada a documentação da Real Mesa Censória, encontrou-se um processo de buscas de livros em casa de Francisco (ANTT, Real Mesa Censó-

<sup>14</sup> Claude Mallen, natural de Briançon, e filho de Claude Mallen e Madeleine Carhan, nasceu no dia 14 de setembro de 1714, foi batizado no dia seguinte, e faleceu no dia 06 de dezembro de 1743; era afilhado de Antoine Arduin, mercador de Briançon, e Marie de Bayle, senhora nobre casada com André Pleure.

<sup>15</sup> Marie Thérèse Ferrier nasceu no dia 20 de setembro de 1723, e foi batizada no mesmo dia. Foi filha do mercador e segundo cônsul de Briançon, François Ferrier e sua mulher Catherine Giraud. Foi casada em segundas núpcias com Marcellin Berard.

<sup>16</sup> As atuais Rua Fernandes Tomás, Rua de Quebra Costas e Rua Ferreira Borges, respetivamente.

ria, cx. 177). No mês de julho de 1779, por ordem da Real Mesa Censória, foram efetuadas buscas de livros proibidos nas lojas, armazéns e casas de alguns livreiros franceses em Lisboa, dos quais: Francisco Rolland, João José Du-beux, Paul Martin<sup>17</sup>, “Borel, Borel & Companhia”<sup>18</sup>, Viúva Bertrand e Filhos, João Baptista Reyced e Francisco Mallen<sup>19</sup>. Neste episódio, que durou menos de dez dias, a Real Mesa Censória conseguiu criar um total ambiente de terror entre a comunidade de livreiros franceses, levando dois para a cadeia.

Francisco Mallen testemunha num outro processo (ANTT, Real Mesa Censória, cx. 176), a 26 de novembro de 1777, em Coimbra, onde se diz mercador de livros dessa cidade e confessa que não vende muitos livros em português na sua loja. Sabemos que os catálogos destes livreiros eram, muito provavelmente, compostos na sua maioria por livros franceses (DOMINGOS 2002: 33-39), mas é curiosa a confissão de Francisco.

Não se sabe com certeza em que ano a família se mudou definitivamente para o Porto, mas em 1788 já viviam no Bairro e freguesia de São Pedro de Miragaia (MEIRELES 1995: 39), lugar onde Francisco, “sem juízo há tempos” (ADP, Paróquia de Miragaia, L. O9: fl. 343), haveria de falecer, a 13 de abril de 1788.

### 3. Viúva Mallen, editora

Mariana surge, ainda em 1788, poucos meses antes da morte de Francisco, como “curadora da Pessoa de seu marido” (ADP, 7.º Cartório Notarial do Porto, Notas para escrituras diversas, L. 376: fl. 116.), na altura já “mentecapto”, quando passa procurações, no dia 26 de janeiro (e em casa de Manuel Bellon), a Jácome Bellon, em Lisboa, e Bento Rodrigues de Macedo, da cida-de de Coimbra (MEIRELES 1995: 39).

Não sabendo ainda em concreto como Mariana entrou no mercado da impressão, podemos afirmar que em 1793 já saem de sua oficina várias obras<sup>20</sup>. Desconhece-se quem será a “Companhia” em “Viúva Mallen, Filhos

<sup>17</sup> Estes dois últimos foram presos na Cadeia do Castelo de Lisboa.

<sup>18</sup> Diogo Borel era o sócio que se encontrava à época em Portugal, e depois de serem encontrados quarenta volumes, de onze obras diferentes, em sua livraria, teme vir a ser preso como os seus colegas de profissão, Dubeux e Martin. O seu processo é interessante pela eloquência da carta que Borel dirige à Rainha, onde se defende de um possível encarceramento.

<sup>19</sup> Nas casas destes últimos três não foram encontradas nenhuma das obras proibidas.

<sup>20</sup> No Anexo 1 deste trabalho listam-se onze obras, das doze mencionadas na Relação feita por Meireles (1995: 28-29), publicadas sob a chancela da Viúva Mallen. No entanto, só foram encontradas obras publicadas desde 1794, o que nos deixa adivinhar que a obra em falta seja de 1793.

e Companhia”, mas sabe-se que serão, já desde 1794, impressores do Tribunal da Relação do Porto.

A produção editorial da “Viúva Mallen, Filhos e Companhia” não é extensa, sendo no entanto bastante variada em temáticas: dividindo as obras por temas gerais, com as mesmas classificações usadas por Domingos (2002: 34-35), podemos observar que o tema mais prevalente é a Teologia (com cinco obras publicadas), seguido de Belas-Letras (com três), de Ciências e Artes (com duas) e História (com apenas uma<sup>21</sup>). Se, por outro lado, for observada a produção da oficina, podemos notar que se publicaram três livros anualmente, com a exceção de 1795 e 1798, onde apenas se publicou uma obra.

Analizando os títulos e seus autores surgem também outros dados relevantes. Não nos parece coincidência, por exemplo, que tenha sido publicada a obra *Discurso a favor das sciencias no governo monarchico*, da autoria de José Manuel Ribeiro Vieira de Castro, homem que era, à altura, o Desembargador do Tribunal da Relação do Porto. É também curiosa a relação com o médico portuense José Bento Lopes, visto que pela Oficina da Viúva Mallen se publicaram duas obras desse autor (uma tradução e um original). A diversidade das produções iniciais não se verifica em 1797, quando já só se publicam obras teológicas de referência.

Em 1798, Manuel Bellon vende a Mariana e João Agathon, um francês, “uma porçaõ de livros impreços juntamente de huma oficina com três prelos e mais moveis anexos” (ADP, 8.º Cartório Notarial do Porto, Notas para escrituras diversas, L. 371: fl. 78v), por “sete contos oitocentos oitenta mil novecentos e quinze reis”, venda que é feita “fiada por tempo de nove anos” (MEIRELES 1995: 39-40). É por essa escritura que damos conta que Mariana e família residiam na Rua das Virtudes.

Do contrato de sociedade assinado entre Agathon e Mariana, no mesmo dia de 7 de maio de 1798, Meireles (1995) retirou as seguintes informações:

- A sociedade seria conhecida pelo nome de João Agathon;
- nella teriam de existir todos os livros de conta necessários: um livro de facturas de venda, um de conta corrente, um caixa e “os mais auxiliares”;
- todos os anos teria de ser feito o balanço e a a [sic] Mariana Mallen assistia o direito de examinar toda a escrita;
- seria à custa dos dois sócios o conjunto das despesas necessárias à sociedade. Nessas despesas estavam incluídas as que res-

<sup>21</sup> Considerou-se, então, o *Discurso a favor das sciencias no governo monarchico* como uma obra de História, ainda que não seja errado colocá-la como uma das Belas-Letras.

peitassem a alimentação de João Agathon, à dos filhos de Mariana Mallen e à de “seos servos”, bem como o aluguer da casa;

– os sócios poderiam levantar, cada um deles, a quantia de cento e quarenta e quatro mil réis, mas Mariana Mallen teria a seu cargo o vestuário e outras coisas necessárias a seus filhos, empregados da casa;

– por morte de um dos sócios, o outro ficaria com a possibilidade de continuar a sociedade ou dá-la por finda, procedendo à liquidação das contas;

– os lucros seriam repartidos em parcelas iguais. (p. 40).

Depois de 1798, portanto, deixa de ser mencionada a Viúva Mallen nas publicações da sociedade, tendo sido impresso em 1798, já sob “Oficina de Viúva Mallen, e Agathon”, o livro *Queixas de Clorindo*, uma obra poética, acabando aqui o envolvimento mais direto de Mariana nos negócios da imprensa, ainda que com todos os direitos e deveres acima mencionados.

#### 4. Mariana Bourgeois, irmã<sup>22</sup>

A verdade é que no dia 9 de dezembro de 1799, um ano depois de firmar sociedade com Agathon, é passado passaporte a Mariana e sua filha, Ana Mallen, com destino à cidade do Rio de Janeiro, para lá “viver na companhia de seu Irmaõ, e Tio Joam Roberto Bourgeois ali estabelecido em Caza de Comercio” (AHU, Código 808, Passaportes 1798-1806: fl. 68). A partir daqui perde-se o rastro da Viúva Mallen. É possível que não tenha regressado mais a Portugal, e que tenha acabado por falecer no Brasil.

É importante referir que João Roberto foi, juntamente com Paulo Martin (um outro francês, nascido em Portugal e filho de livreiro), um dos primeiros livreiros especializados a estabelecer-se no Rio de Janeiro (NEVES 2002). Foi casado com Francisca Xavier Teles, uma brasileira (que à época se encontrava no Recolhimento de Nossa Senhora da Encarnação e Carmo), em 19 de novembro de 1781 (ANTT, Paróquia de São Julião, L. C3, Cx. 10)<sup>23</sup>, e partiu para o Brasil no ano seguinte. Pelo passaporte que lhe é emitido em 1782 podemos tentar reconstruir a imagem de João Roberto: “estatura ordinária, Rosto comprido, claro, olhos castanhos, e uza de cabelleira” (AHU, Código

<sup>22</sup> Aqui surge Mariana com seu nome de solteira, numa tentativa de relevar a relação com seu irmão, João Roberto Bourgeois, que marcou o final da sua vida, com a ida (talvez permanente) da Viúva Mallen para o Brasil.

<sup>23</sup> Desse casamento foram testemunhas Jácrome Ratton<sup>II</sup> e Gabriel Daupiás.

805, Passaportes 1782-1787: fl. 12v). Sabe-se que terá regressado a Portugal em 1794 ou 1795, por lhe ter sido concedida autorização (em 14 de março de 1795) para voltar ao Rio de Janeiro, onde “recolhe á sua casa naquela Cidade” (AHU, Código 807, Passaportes 1791-1798: fl. 127). Para além de livreiro, foi também Administrador das Cartas de Jogar (NEVES & FERREIRA 2014: 40). Veio a falecer, inesperadamente, no início de 1814.

## 5. Alexandre e João Mallen, filhos

Ainda que em forma de um muito breve apontamento, é importante referir o que se sabe até o momento sobre a descendência do casal Mallen; esperando que tal possa suscitar uma futura investigação da família.

Alexandre, sabe-se, foi livreiro, continuando, portanto, no negócio de família: faz-se-lhe menção na *Gazeta de Lisboa*, onde anuncia vários livros à venda na sua loja no Largo de São Domingos, no Porto (MEIRELES 1995: 40). João Mallen terá sido negociante, mas o seu feito mais notável foi o seu serviço prestado à nação francesa, como vice-cônsul<sup>24</sup>.

## 6. Conclusões

Este trabalho começou por se questionar se se pode falar de exemplo de emancipação feminina no caso de Mariana Bourgeois. É difícil responder. A verdade é que Mariana fez mais do que a típica viúva endinheirada da época; e para isso fez um fantástico uso das suas ligações familiares. Mas também é um facto que, com maior ou menor facilidade, cumpriu o que lhe era imposto como mulher. Ficam ainda muitas dúvidas por esclarecer: Porque foi Mariana para o Brasil, tendo aberto sociedade um ano antes de partir? Voltou para Portugal, ou faleceu mesmo no Brasil? Qual a influência que teve nos negócios do marido, na sociedade com Agathon, e com o seu irmão?

É também necessário avaliar o impacto dos Bourgeois-Mallen no comércio livreiro e na impressão de livros em Portugal no século XVIII. Confianto nos dados levantados por Meireles (1995: 28-29), a oficina de Mariana Bourgeois foi a 6ª mais prolífera das portuenses setecentistas; e com negócios em Lisboa e Coimbra, Francisco Mallen não parece ser um pequeno livreiro. Uma investigação aprofundada desta rede complexa de contactos, e das vidas

<sup>24</sup> Surge em vários periódicos o seu nome e a sua ação como vice-cônsul, como na *Gazeta Official* do Porto, n.º 27, 1828: 3.

de todas as personagens aqui tratadas, seria muito benéfica para os estudos de história da edição e do livro, assim como para todos os interessados na história desse curioso povo alpino que dominou o mercado livreiro português no século XVIII.

#### **Abreviaturas:**

- ADHA – Archives Départementales des Hautes-Alpes.  
ADP – Arquivo Distrital do Porto.  
AHMC – Arquivo Municipal Histórico de Coimbra.  
AHU – Arquivo Histórico Ultramarino.  
ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
AUC – Arquivo da Universidade de Coimbra.

#### **Fontes impressas**

RATTON, Jácome (1813). *Recordações de Jácome Ratton sobre Ocorrências do seu Tempo em Portugal de Maio de 1747 a Setembro de 1810*. Londres: H. Bryer.

#### **Fontes Manuscritas:**

- ADHA, *Registres de l'état-civil*, Briançon, Livro de 1741-1742, fl. 42.  
ADHA, *Registres de l'état-civil*, Le Monêtier-les-Bains, Livro de 1710-1714, fl. 3v.  
ADHA, *Registres de l'état-civil*, Le Monêtier-les-Bains, Livro de 1764-1768, imagem 81.  
ADHA, *Registres de l'état-civil*, Le Monêtier-les-Bains, Livro de 1770-1773, imagem 75.  
ADP, 7.º Cartório Notarial do Porto, Notas para escrituras diversas, Livro 376, fl. 116.  
ADP, 8.º Cartório Notarial do Porto, Notas para escrituras diversas, Livro 371, fl. 78v.  
ADP, Paróquia da Sé, Registros de batismos, Livro B26, fl. 196.  
ADP, Paróquia da Sé, Registros de casamentos, Livro C18, fl. 81v.  
ADP, Paróquia de Massarelos, Registros de casamento, Livro C6, fl. 151v.  
ADP, Paróquia de Miragaia, Registros de óbitos, Livro O9, fl. 343.  
AHMC, Registros, Tomo 54 (B56/8), fl. 427v.  
AHU, Código 805, Passaportes 1782-1787, fl. 12v.  
AHU, Código 807, Passaportes 1791-1798, fl. 127.  
AHU, Código 808, Passaportes 1798-1806, fl. 68.  
ANTT, Câmara Eclesiástica de Lisboa, Sumários Matrimoniais, maço 1083, n.º 20.  
ANTT, Paróquia de São Julião, Registros de Casamentos, Livro C3, Caixa 10.  
ANTT, Paróquia de São Paulo, Registros de Casamentos, Livro C1, Caixa 15, fls. 14v-15.

ANTT, *Real Mesa Censória*, Caixa 176 (MF2756).

ANTT, *Real Mesa Censória*, Caixa 177.

AUC, *Cartório Notarial de Coimbra*, Notas para escrituras diversas, Livro de Notas Nº1, V-1E-9-3-20, fl. 61v.

AUC, *Cartório Notarial de Coimbra*, Notas para escrituras diversas, Livro de Notas Nº1, V-1E-9-3-20, fl. 97.

## Bibliografia

- BONNANT, Georges (1961). «Les libraires du Portugal au XVIIIe siècle vus à travers leurs relations d'affaires avec leurs fournisseurs de Genève, Lausanne et Neuchâtel». *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, VI(23-24), 195-200.
- CAMPOS, Maria do Rosário Castiço de (2009). “A Fábrica de Papel da Lousã e o processo de industrialização em Portugal”. *Revista Da Faculdade de Letras*, III(10), 145-150.
- CURTO, Diogo Ramada, DOMINGOS, Manuela D., FIGUEIREDO, Dulce, & GONÇALVES, Paula (2014). *Gentes do livro: Lisboa, século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- DOMINGOS, Manuela D. (2000). *Livreiros de setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- DOMINGOS, Manuela D. (2002). *Bertrand: uma livraria antes do terramoto*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- GUEDES, Fernando (2012). *Livreiros franceses do Delfinado em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Editorial Presença.
- LOUREIRO, José Pinto (1954). “Livreiros e livrarias de Coimbra do século XVI ao século XX”. *Arquivo Coimbrão*, 12, 1-106.
- MEIRELES, Maria Adelaide (1995). *Os livreiros no Porto no século XVIII*. Porto: Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas.
- NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das (2002). “João Roberto Bourgeois e Paulo Martin: livreiros franceses no Rio de Janeiro, no início do oitocentos”, in *X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ*. Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em <http://bit.do/neves2002> (consultado em 30 de novembro de 2019).
- NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das, & FERREIRA, Tania Maria Tavare Bessone da Cruz (2014). “Booksellers in Rio de Janeiro: The book trade and circulation of ideas from 1808 to 1831”, in A. C. S. da Silva & S. G. Vasconcelos (eds.), *Books and Periodicals in Brazil 1768-1930: A Transatlantic Perspective* (35-51). Nova Iorque, Estados Unidos da América: Legenda.

## Anexo 1

Autor	Obra	Ano de publicação
Abade Bartolomeu Soares de Lima Brandão	<i>Obras poeticas</i>	1794
Samuel Foart Simons	<i>Observações sobre a cura da gonorrhea virulenta</i> (trad. José Bento Lopes)	1794
n/s	<i>Voz de Jesu Christo</i>	1794
José Manuel Ribeiro Vieira de Castro	<i>Discurso a favor das sciencias no governo monarchico</i>	1795
José Bento Lopes	<i>Anno medico, que contém as observações meteorologicas e medicas, feitas na cidade do Porto em 1792</i>	1796
Thomas Yriarte	<i>Fabulas Literarias</i>	1796
n/s	<i>Officio da Semana Santa</i>	1796
Fr. Francisco Larraga & Francisco Santos e Grosin	<i>Promptuario da Theologia Moral – Tomo I</i>	1797
Fr. Francisco Larraga & Francisco Santos e Grosin	<i>Promptuario da Theologia Moral – Tomo II</i>	1797
n/s	<i>Index Biblico do Antigo, e Novo Testamento</i>	1797
n/s	<i>Queixas de Clorindo, ou reprehençam amigavel das modas extravagantes. Parte segunda.</i>	1798

# Los mecanismos de la emblemática en Portugal: el camino al Cielo a través de los azulejos de la Igreja de São Salvador de Coimbra

*The procedures of emblematics in Portugal: the path to Heaven through the glazed tiles of the Church of the Holy Saviour in Coimbra*

CARME LÓPEZ CALDERÓN<sup>1</sup>

Universidad de Santiago de Compostela

carme.lopez@usc.es

<https://orcid.org/0000-0001-7144-8951>

Texto recibido em / Text submitted on: 30/11/2019

Texto aprobado em / Text approved on: 16/06/2020

**Resumen.** En el segundo tercio del siglo XVIII la Igreja de São Salvador de Coimbra reviste sus naves y coro con un rico programa iconográfico pintado sobre azulejos y atribuido a Salvador de Sousa Carvalho. El conjunto se basa en las estampas ejecutadas por Gottfried Bernhard Göz y Joseph Sebastian Klauber para ilustrar la obra *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi*, escrita por el benedictino Coelestin Leuthner y publicada en Augsburgo en 1733, poniendo así de manifiesto la estrecha relación que el arte barroco portugués mantiene con el género de la emblemática. En este artículo analizamos la adaptación que el ciclo pictórico acomete de estos referentes impresos, evidenciando cómo la selección, reordenación y recombinación de las fuentes son mecanismos clave para la formulación de un discurso original que, en este caso, se destina a mostrar al devoto cuál es el camino que conduce al cielo.

**Palabras clave.** Igreja de São Salvador de Coimbra, azulejos, emblemática, *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi*, Salvación.

**Abstract.** The naves and choir of the Church of the Holy Saviour in Coimbra were decorated in the second third of the 18<sup>th</sup> century with an astonishing iconographic programme painted on *azulejos* and attributed to Salvador de Sousa Carvalho. The cycle is based on the emblematic compositions executed by Gottfried Bernhard Göz and Joseph Sebastian Klauber to illustrate the book *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi*, written by the Benedictine monk Coelestin Leuthner and published in Augsburg in 1733. These panels thus exemplify the close relation that exists between Baroque Portuguese art and the genre of emblems. In this article I delve into the adaptation made by this pictorial ensemble, evincing how selection, redistribution and recombination of printed models are the key procedures to offer an original discourse, that, in this case, aims at showing the devout which is the path leading to heaven.

**Keywords.** Church of the Holy Saviour in Coimbra, glazed tiles, emblematics, *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi*, Salvation.

<sup>1</sup> Este texto fue realizado en el marco del Programa de axudas á etapa posdoutoral da Xunta de Galicia (Consellería de Cultura, Educación e Ordenación Universitaria) y del proyecto de investigación Ayuda para la consolidación y estructuración de unidades de investigación competitivas y otras acciones de fomento en las universidades del SUG (ED421B 2020/10).

La Igreja de São Salvador de Coimbra, cuyas primeras referencias documentales se remontan al siglo XI y establecen su vinculación con el monasterio benedictino de Vacariça (MAMEDE 1990: 23), recibe, en el segundo tercio del siglo XVIII, un interesantísimo conjunto de azulejos que reviste sus naves y coro (fig. 1) y que ha sido atribuido al pintor Salvador de Sousa Carvalho (GONÇALVES DOS SANTOS 2013: vol. III, 479)<sup>2</sup>.

Formado por un total de veinte paneles (fig. 2), el ciclo pone de manifiesto el impacto que los emblemas – género logo-íónico cuyo nombre y estructura canónica triple proceden del *Emblematum liber* de Andrea Alciato, publicado en Augsburgo en 1531 – ejercieron sobre el arte barroco portugués, al tiempo que evidencia uno de los rasgos que caracteriza la emblemática aplicada en Portugal: habitualmente no se trata de creaciones *ex novo*, sino de la transposición de modelos impresos, generalmente, en el extranjero. Así lo demuestran los estudios que, especialmente en los últimos años, se han venido desarrollando en este campo de investigación y que comprenden, entre otros, los siguientes ejemplos:

- Los azulejos que en la actualidad se exhiben en los jardines de la Casa-Museu Bissaya Barreto de Coimbra representan emblemas tomados de la obra de Benedictus van Haeften titulada *Schola Cordis* (Amberes, 1629) (ARAÚJO, en prensa).
- Esta misma fuente sirvió de modelo a los azulejos de la sacristía de la Igreja do Convento de Santo António do Varatojo (Torres Vedras) (GARCÍA ARRANZ 2018), así como a las pinturas de la bóveda del presbiterio de la Igreja de Nossa Senhora da Conceição en Covilhã (MENDES 2010).
- Por su parte, el *Pia Desideria* de Hermann Hugo (Amberes, 1624) tiene su eco en los azulejos tanto de la Casa de la Hermandad de la Iglesia de Santa Cruz da Ribeira de Santarém, como de la Sala del Capítulo del antiguo Convento de Santa Marta de Lisboa (MONTEIRO 1995-1999).
- Asimismo, en los casetones del presbiterio de la capilla de Nossa Senhora da Esperança en Abrunhosa (Sátão, Viseu) hay emblemas basados en la obra de Hugo, en este caso combinados con otros procedentes del *Mundus Symbolicus* de Filippo Picinelli y Augustin Erath (Colonia, 1681) (LÓPEZ CALDERÓN 2013).
- El *Mundus Symbolicus* también sirvió de modelo para algunos de los azulejos del presbiterio-rotonda de la Iglesia de Nossa Senhora da Tocha (Cantanhede); los restantes se inspiran en las composiciones emblemáticas del *Pancarpium Marianum* de Jan David (Amberes, 1607) y de las *Litaniae Lauretanae* de Franciscus Xavier Dornn (Augsburgo, 1750) (LÓPEZ

<sup>2</sup> Sobre este pintor, nacido en Lisboa hacia 1727 y muerto en Coimbra en 1810, véase GONÇALVES DOS SANTOS 2013: vol. I, 299-339.

CALDERÓN 2017).

- El panel de azulejos que recubre la capilla bautismal de la Catedral de Braga mimetiza una de las empresas del libro *Idea de el Buen Pastor*, debido a Francisco Núñez de Cepeda (Lyon, 1687) (GARCÍA ARRANZ 2005).
- Los diecinueve paneles de la nave de la Igreja do Convento de Jesus de Setúbal, cuatro de los cuales hoy ya no existen, son copia fiel de otras tantas estampas de las *Elogia Mariana* de Augustus Casimirus Redelius (Augsburgo, 1732) (FALCÃO 1990).

Ahora bien, estas deudas respecto a fuentes impresas no implican una falta de originalidad por parte de los artistas y, especialmente, de los comitentes lusos: al margen de casos excepcionales como el de la Igreja de Nossa Senhora do Terço en Barcelos, en donde las empresas que João dos Prazeres dedica a san Benito en *O Principe dos Patriarcas S. Bento* (Lisboa, 1683) son reelaboradas para transmitir distintos puntos de la regla benedictina (GARCÍA ARRANZ 2009: 145-147), la mayoría de estos programas iconográficos exigen, aun siendo totalmente fieles a sus modelos impresos, un proceso previo de selección de los emblemas, dado que normalmente la superficie en la que se van a aplicar es limitada e impide transferir todos los que componen la obra de partida. Asimismo, a la hora de ubicarlos en el nuevo soporte, es frecuente que se altere su orden inicial, de manera que, si bien no siempre es posible esclarecer la lógica subyacente tras la nueva distribución – como sucede, por ejemplo, con las invocaciones de la letanía lauretana en la iglesia referida de Setúbal –, cabe pensar que la nueva colocación no responde a un criterio aleatorio, sino a la intención de propiciar o enfatizar un discurso determinado. Desde luego, conjuntos en el que conviven varios referentes, como los ya mencionados de Tocha y Abrunhosa, hacen incuestionable el deseo de su promotor de transmitir un mensaje concreto y coherente que, fruto de la selección, traducción, redistribución, combinación y recontextualización de fuentes precedentes, solo puede ser definido como ‘original’<sup>3</sup>. Sin duda, este es también el calificativo que merece el ciclo que engalana la nave y coro de la Igreja de São Salvador, basado en las estampas concebidas inicialmente para ilustrar la *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* de Coelestin Leuthner (Augsburgo, 1733) (figs. 3-4)<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Precisamente Ojeda (2017), entre los “mecanismos de la inventiva” que reconoce en aquellas obras de arte colonial que se basan en fuentes grabadas, incluye la Traducción – “la recreación de un diseño grabado en términos de una técnica distinta; es la traducción de un lenguaje artístico, el gráfico, a otro” –, la Instalación – “la presentación significativa de una obra de arte en el espacio; es instalación que agrega valor semántico” – y la Combinación – “el uso de dos o más grabados en la confección de una sola composición”. Estos mecanismos son igualmente visibles en el arte barroco portugués inspirado en estampas, ya sean de naturaleza descriptivo-narrativa o simbólico-emblemática.

<sup>4</sup> Decimos “inicialmente” porque estas mismas estampas fueron reutilizadas en la obra del mismo autor titulada

## De Augsburgo a Coimbra: las estampas de Klauber-Göz en São Salvador

En 1733 ve la luz en Augsburgo la obra *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi*, escrita por el benedictino Coelestin Leuthner<sup>5</sup>. En la llamada al lector dispuesta tras la dedicatoria, la licencia y la aprobación del censor, el propio autor explica el origen y contenido de su libro:

Incialmente había pensado expresar la Vida, Doctrina y Pasión de Cristo mediante símbolos y publicar solamente las imágenes. Para que el ojo y la curiosidad no se hartasen tanto que nada llegase al alma y la voluntad, [me] pareció que el valor de la obra habría de ser mayor y más provechoso si añadiese unas breves consideraciones y estas fuesen elaboradas a partir de los comentarios de los Santos Padres, intérpretes de la Sagrada Escritura, y de las enseñanzas de los ascetas. El propio Verbo habla en todas ellas, de la misma manera que piadosísimos escritores, como Merlon Horstius, Pinellus[?], [y] el autor del Libro de *Imitatione* presentan a Cristo hablando con el alma creyente. Apliqué y escogí estos símbolos, que no son míos, de las mejores obras de simbología y obligué a muchos [símbolos], que en otro tiempo fueron destinados a usos profanos, a servir a Cristo (LEUTHNER 1733: s.p. [Lectore Benevolo])<sup>6</sup>.

---

*Coelum Christianum* (Augsburgo, 1749), en la que la serie cristológica de la *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* se enriquece con treinta y tres nuevas ilustraciones dedicadas a la Virgen María, los apóstoles, los evangelistas y cinco santos presentados como “potentísimos patrones ante graves necesidades”: el Ángel Custodio, san Judas Tadeo, san Dimas, san Juan Nepomuceno y san Antonio de Padua. Teniendo en cuenta que los azulejos de São Salvador han sido datados ca. 1750-1760 por Simões (2010: 211), el modelo pudo ser cualquiera de ambos libros, si bien, atendiendo a dos copias conservadas en la Biblioteca de la Universidad de Coimbra (signaturas 1-(a)-3-1 y CF D-2-22), solo tenemos certeza de la llegada a esta ciudad del volumen publicado en fecha más temprana. Independientemente de lo anterior, dado que la parte cristológica es idéntica en ambos casos, a efectos de análisis iconográfico ambas obras nos proporcionan las mismas herramientas para la interpretación de los azulejos. Sobre la obra *Coelum Christianum*, véase Stoll (2010).

<sup>5</sup> Nacido en 1695 en Traunstein y muerto en 1759 en Wessobrunn (Baviera), Coelestin Leuthner cursó sus estudios en el Colegio de los Jesuitas de Múnich y en la Universidad Benedictina de Salzburgo, orden en la que él mismo ingresó en 1717. Entre 1723 y 1733 fue profesor de retórica en el Liceo Episcopal de Frisinga, momento en que, como deja constancia su frontispicio, escribió la *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi*. Posteriormente impartió clases en la Universidad de Salzburgo y fue superior de la Iglesia de Peregrinación de Vilgertshofen (KRAUS 1985; WESTERMAYER 1883).

<sup>6</sup> “Cogitaveram primū Vitam, Doctrinam, ac Passionem Christi symbolis exprimere, & solas imagines in publicum dare. Ne verò oculus tantū, & curiositas pasceretur, quin ad animum ac voluntatem quidquam penetraret, visum est salubrīus, ac majus operae pretium fore, si adderem breves Considerationes, eásque ex appositis SS. Patrum, Interpretum sacrae Scripturæ, & Ascetarum documentis concinnatas. Loquitur ubique ipsum Verbum, eo modo, quo à piissimis scriptoribus, ut Merlone Horstio, Pinello, Authore Libri de *Imitatione*, Christus cum anima credente loquens introducitur. Symbola ea, quae mea non sunt, desumpsi & applicavi ex optimis Symbolographorum monumentis, & multa, profanis olim usibus destinata, servire Christo coegi”. Aquí y a la largo de todo el artículo, las traducciones al español de los fragmentos procedentes de la *Vita, Doctrina,*

Por lo tanto, la obra está formada por un total de cien *consideraciones* – meditaciones o reflexiones – en las que Cristo se dirige directamente al lector para explicarle, en apenas tres párrafos, qué enseñanza moral ha de extraer de los distintos episodios de su vida y de la doctrina que les transmitió a sus discípulos. Las cien imágenes que las ilustran encierran una potentísima carga simbólica, fruto de combinar distintos niveles de representación: en primer lugar, ocupando la zona central de la estampa, se figura una escena de carácter narrativo que se acompaña de la cita bíblica que la identifica, dispuesta en la zona superior, y de cuatro versos que, ubicados en la zona inferior, anuncian la lección a aprehender. La estructura triple resultante evoca la apariencia canónica de la emblemática, codificada ya en el *Emblematum liber* de Alciato: un mote o lema (*inscriptio*), una imagen (*pictura*) y un epigrama (*subscriptio*). En segundo lugar, bordeando dicha escena, se añaden tres emblemas *stricto sensu*, aunque reducidos a mote e imagen, y cuya relación se ofrece al final de la obra, en el *Index symbolorum*. Si bien Leuthner solo indica que seleccionó “estos símbolos, que no son míos, de las mejores obras de simbología”, omitiendo sus títulos, una de sus fuentes posiblemente fuese la *Symbolographia* del jesuita Jacob Bosch (Augbsurgo y Dilinga, 1701): una copiosísima enciclopedia en la que los emblemas, divididos en cuatro clases – sacros, heroicos, éticos y satíricos – y en su mayoría ilustrados, también se limitan a la *inscriptio* y *pictura*. Finalmente y en tercer lugar, algunas ilustraciones de la parte doctrinal se completan con una escena que se desarrolla en el segundo plano y se corresponde con las palabras que Cristo comunica en el primero. En el caso de las estampas de las Bienaventuranzas, dicha escena secundaria es, en realidad, un pasaje del Antiguo Testamento acompañado de una cartela identificativa, de modo que los juegos tipológicos subyacentes hacen que en estos ejemplos el simbolismo alcance las cotas más elevadas de complejidad<sup>7</sup>.

Aunque solo sesenta y tres de las cien estampas aparecen firmadas, cabe pensar que todas ellas fueron inventadas por Gottfried Bernhard Göz y grabadas

---

*Passio Domini nostri Iesu Christi* de Coelestin Leuthner son nuestras.

<sup>7</sup> Stoll (2010: 7) parece interpretar la intención inicial de Leuthner de “expresar la Vida, Doctrina y Pasión de Cristo mediante símbolos” como el deseo de crear un libro de emblemas en sentido estricto, de ahí que se sorprenda del escaso protagonismo que estos tienen en la obra final y lo ponga en relación con un creciente desinterés hacia el género. Por nuestra parte, y al margen de la ya mencionada estructura tripartita de las escenas narrativas, consideramos que Leuthner, al emplear la palabra “symbola” en la llamada al lector, se refiere a imágenes simbólicas en un sentido más amplio; de hecho, el título de la obra sigue indicando *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi, Symbolicis figuris expressae...* En esta misma línea y solo por citar un ejemplo, las *Litaniae Lauretanae* de Dornm (1750), publicadas en la misma ciudad que el libro de Leuthner aunque casi veinte años después, combinan “figuras simbólicas y bíblicas” – “Symbolicis ac Biblicis Figuris”, según reza su título –, pero carecen de emblemas canónicos. En consecuencia, creemos que la novedad respecto a su propósito original que nuestro autor comenta en el lector benevolo podría afectar simplemente a los textos – las *consideraciones* – añadidos a las estampas, de manera que las ilustraciones que integran la obra podrían ser las que ya desde un principio tuvo en mente.

en cobre por Joseph Sebastian Klauber, labor en la que posiblemente intervino su taller a tenor de las diferencias estilísticas y cualitativas que se aprecian entre ellas (STOLL 2010: 8-14).

Precisamente, hace ya casi cincuenta años Robert Smith (1972: 193) señalaba que el grupo de grabadores asentado en Augsburgo en el segundo tercio del siglo XVIII – entre los que citaba expresamente a Göz y a los hermanos Klauber, Joseph Sebastian y Johann Baptist – había ejercido una destacada influencia sobre la arquitectura y la talla ejecutada en Braga y sus proximidades en el período comprendido entre 1750 y 1765. Según este estudioso norteamericano, la repercusión de esta escuela vendría confirmada por la existencia de varias de sus estampas en locales diversos, por ejemplo, “56 peças de duas versões da ladainha de Nossa Senhora” (ib.: 325, nota 152) conservadas, entre decenas de otras, en el “arquivo do Mosteiro de Singeverga, colecionadas pelo abade resignatário Fr. Gabriel de Sousa, principalmente recolhidas na zona do antigo mosteiro beneditino de Bustelo (Penafiel)” (ib.: 193).

Justamente, las imágenes de la letanía lauretana grabadas por los Klauber para ilustrar la obra de Dornn (1750) han sido puestas recientemente en relación con sendos programas iconográficos: ocho de los paneles azulejares de la ya referida Igreja de Nossa Senhora da Tocha, datados en 1763, y las cuatro pinturas de las cubiertas de las naves laterales de la Igreja do Mosteiro de Santa María de Pombeiro, ejecutadas en el trienio de 1764-1767 (LÓPEZ CALDERÓN 2017 y 2017a). La diferencia entre ambos conjuntos estriba, además de en el soporte y técnica escogidos, en el grado de literalidad respecto al modelo impreso: mientras que en el primero de ellos se produce una notable simplificación en las *picturae*, seleccionándose solo algunos de los motivos y prescindiéndose de las figuras divinas y humanas, en el segundo la mimesis es absoluta, manteniéndose tanto los personajes como las inscripciones a ellos asociados.

A ambos ciclos cabe sumar ahora el que se desarrolla en la Igreja de São Salvador de Coimbra, el cual, al beber de una fuente distinta, vendría a demostrar que los artistas de Augsburgo no solo repercutieron a nivel formal sobre las obras arquitectónicas y escultóricas del barroco final portugués, sino que sus composiciones también fueron importantes en términos iconográficos.

La Tabla 1 muestra la correspondencia entre los paneles de azulejos que decoran la iglesia y las estampas que ilustran la *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* de Leuthner.

Al igual que sucedía con las pinturas de Pombeiro, los azulejos de São Salvador acusan una fortísima dependencia respecto a sus referentes grabados, de manera que, prescindiendo tan solo de los epigramas, mantienen sus mismas escenas narrativas, emblemas y citas bíblicas principales. Esta estrecha vincu-

lación se hace evidente en las abreviaturas de los textos que se encuentran en los azulejos, dado que presentan unas inconsistencias que solo se justifican al conocer las estampas desde las que se transfieren. Simplemente por mostrar un ejemplo, la cita bíblica correspondiente a la octava bienaventuranza recibe en la estampa que la ilustra (nº 27, vid. fig. 3) varias abreviaturas y prescinde de la “v.” de versículo, exigencias todas ellas motivadas por el espacio disponible en el papel; reza entonces: “B. qui persecut. patiunt<sub>3</sub> ppter Iust. Matth. 5.10”. El panel correspondiente (nº 3, vid. fig. 4) mantiene exactamente las mismas palabras, a pesar de que la superficie disponible habría permitido, al menos, desarrollar la palabra “Beati” e incorporar la “v.”, tal y como hace el panel nº 12 (fig. 5) a imitación de la estampa nº 26 (fig. 6): “Beati pacifici etc. Matth. 5.v.9”. Huelga decir que dicho “etc.” también se traslada a los azulejos.

No obstante lo anterior, se constatan dos simplificaciones respecto a las imágenes impresas que conviene reseñar: en primer lugar, los paneles de las bienaventuranzas (nos. 3, 11, 12, 22) conservan los pasajes veterotestamentarios figurados como segundo plano de la escena central, pero omiten las cartelas que los identifican, dificultando sobremanera su correcta interpretación si se desconoce su fuente de inspiración. En segundo lugar, los dos paneles que ocupan la zona superior de la nave lindante con el presbiterio prescinden de cualquier texto y emblema y reproducen únicamente la escena central: en el lado del evangelio (panel nº 14), la Curación del paralítico – no la Resurrección de Lázaro (cfr. SIMÓES 2010: 211) – y, en el de la epístola (panel nº 7, fig. 7), el Milagro de la conversión del agua en vino. Curiosamente, este último episodio es el escogido en la obra de Leuthner para referir las Bodas de Caná, elección que no debió de satisfacer en Coimbra puesto que se optó por representar también el momento del banquete (panel nº 13, fig. 8). Esta escena carece, por tanto, de correspondencia en las ilustraciones de Klauber-Göz, pero no así los tres emblemas que la acompañan: son aquellos que completan este tema en la serie grabada (estampa nº 13, fig. 9). En esta misma línea, la Expulsión de los mercaderes del templo (panel nº 20) muestra una escena diferente a la de la estampa (nº 73), pero mantiene sus mismas tres composiciones emblemáticas.

Consecuentemente, este trasvase de emblemas supone una novedad interesante que demuestra cómo la fidelidad a los modelos impresos no implica necesariamente una copia ciega de los mismos, sino un uso consciente que, probablemente, viene motivado por la idoneidad de sus significados. Dicho con otras palabras y aplicado a nuestro caso: el criterio principal que habría llevado al responsable del ciclo de São Salvador a acudir a la serie grabada de la *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* habría sido de naturaleza conceptual, no estética, dado que la elección de estas imágenes vendría dada

por sus contenidos antes que por su forma.

Esta intencionalidad parece venir confirmada por otros tres cambios que introducen los paneles respecto a las estampas. El primero, y menos relevante, tiene que ver con la adición en dos de ellos – la Entrada de Cristo en Jerusalén (nº 6, vid. figs. 18-19) y la Curación del paralítico (nº 14) – de alguna figura nueva, motivada porque los grabados tienen un desarrollo fundamentalmente vertical mientras que los paneles, por su ubicación, ocupan una mayor superficie horizontal que hay que llenar. Las otras dos modificaciones, sin duda más significativas, afectan a su número y distribución. Como ya se señaló, de las cien ilustraciones que componen la obra de Leuthner, solo diecinueve tienen su eco en los azulejos. Aunque trasladar todas ellas habría sido prácticamente imposible habida cuenta de la superficie parietal disponible, ya a simple vista resulta evidente que su selección no fue aleatoria: el programa se centra en aquellos años de la vida de Cristo en que predica su doctrina, omitiéndose los pasajes correspondientes tanto a su infancia – temática que se concentra en el presbiterio, cuyos paneles beben de otros referentes y serían ligeramente anteriores<sup>8</sup> –, como a su Pasión y muerte. A la hora de mostrar estos episodios, los paneles no respetan el orden de la serie grabada, cuyo fundamento no es otro que la cronología en que se sucedieron los acontecimientos según los relatan las Escrituras. El ciclo azulejar propone una nueva organización que, además, tuvo que ser pensada antes de pintar los paneles, porque las dimensiones de cada uno varían en función del lugar que ocupa dentro de la iglesia. En consecuencia, la localización actual de cada panel responde forzosamente al plan inicial del promotor<sup>9</sup>, no pudiendo ser el resultado de una reubicación posterior, que, de lo contrario, podría haberse producido al aplicar los azulejos por primera vez, o bien al recolocarlos a principios de la década de 1980 tras haber sido levantados y almacenados en 1945 (MATIAS y OLIVEIRA 2003).

### El amino al cielo: el discurso tras los paneles de São Salvador

Aunque todavía no hemos sido capaces de descubrir el criterio que tuvo en mente el responsable del programa a la hora de distribuir los azulejos a lo

<sup>8</sup> Mamede (1991: 4) fecha estos azulejos en 1743, dato que parece haber llevado a Matias y Oliveira (2003) a hacer extensible esta cronología a toda la iglesia cuando afirman “1743 – A igreja é revestida com painéis de azulejos azuis e brancos de temática bíblica e do Salvador do Mundo”.

<sup>9</sup> Desconocemos quién está detrás de este programa iconográfico. Teniendo en cuenta la fecha en que han sido datados los azulejos y el listado de párocos, priores, curas y encomendados que sirvieron a esta iglesia (MAMEDE 1990: 28), si el conjunto se hubiese debido a uno de ellos, el responsable podría haber sido el prior João Gonçalves de Aguiar o el prior João António de Souza Negrão.

largo de las naves y coro de la iglesia, sí creemos poder definir la enseñanza que pretendía transmitir a través de ellos, la cual no es otra que la gran preocupación del período en los países del orbe católico: mostrar al devoto qué camino lo conduce al cielo y lo aparta del infierno.

Ante la imposibilidad de detenernos en todos los paneles y emblemas, analizaremos a continuación algunos ejemplos y sus textos para comprobar cómo funciona este discurso, que, por tanto, justificaría por qué fueron estas, y no otras, las diecinueve estampas seleccionadas para conformar el programa de São Salvador.

En este sentido, resulta significativo el panel que, ubicado en el lado del evangelio, recibe al devoto nada más entrar en la iglesia: el Ayuno de Cristo en el desierto (panel nº 8, estampa nº 11, figs. 10-11). En la meditación correspondiente, Cristo, dirigiéndose a los hombres, expresa:

Deseaba enseñarte con qué alas te elevas hacia Dios: con la oración y el ayuno. Ambos vencen al diablo, debilitan la fuerza de las tentaciones, estimulan el alma hacia el estudio de la virtud. No te asombres de que hasta ahora estés clavado en la suciedad si todavía para ti no resulta familiar la oración con el ayuno (LEUTHNER 1733: s.p. [Consideratio XI])<sup>10</sup>.

De los tres emblemas que completan la escena, dos son especialmente elocuentes de la enseñanza que emana de este pasaje: el ave del paraíso con el mote *Non mihi de terra cibus* (“La comida de la tierra no es para mí”), que enfatiza la necesidad de ayunar en la tierra para disfrutar de los bienes celestiales, y el ave que vuela de vuelta hacia los polluelos con el grano y el lema *Abstinet, ut pascat* (“Se abstiene para alimentar”), que ejemplifica a Cristo: se abstiene de comer para alimentar a sus hijos, es decir, para mostrarles que al cielo se llega mediante la oración y el ayuno.

Todos los paneles van a tratar de oración y de ayuno, entendiendo este ayunar no sólo como el abstenerse de la comida, sino como el refrenar los sentidos y pasiones que inclinan hacia los vicios y apartan de la virtud. De hecho, en la misma *consideratio* del Ayuno de Cristo, se afirma que “el principal camino que sirve de victoria al hombre frágil [es] sacar el combustible de las llamas” (*Ibid.*)<sup>11</sup>. Esto es: el hombre debe alejarse de aquellos placeres que incitan al vicio, porque solo siendo virtuoso puede acceder a la Gloria.

<sup>10</sup> “Cupiebam docere te, quibus alis te levares ad Deum: Oratione, & jejunio. His Diabolus vincitur, his tentationum vis infringitur, his animus ad virtutis studium excitatur. Non mirare, te adhuc haerere in sordibus, si nondum tibi oratio cum jejunio familiaris sit”.

<sup>11</sup> “[Ut scires], quae homini fragili prima sit victoriae via, subtrahere flammis fomitem”.

Justamente el panel de enfrente (nº 1, estampa nº 29, figs. 12-13) se encarga de recordar lo difícil que resulta llegar al cielo, en la medida en que se corresponde con el camino estrecho:

Hijo mío, a través de mi ley yo no hice más estrecha la vía del cielo, pero mostraré cuán estrecha realmente es. La vía a la gloria es pureza y santidad: puesto que en verdad Adán cayó a causa del placer, y en él todos vosotros caísteis al pecado y a toda concupiscencia, es necesario que en tan grande propensión al mal el hombre sea reconducido a la virtud a través de la vía estrecha, a través de la mortificación y refreno de los sentidos. No hay otro remedio para vuestra enfermedad que la cruz y la estrecha continencia [...] Estrecha es la puerta, y pocos son los que la encuentran; en efecto, muchos son los llamados, pocos los elegidos. El mundo quedó destruido con el diluvio: Noé escapó con pocos. Ardieron en Sodoma: Lot se salvó con menos aún. Marcha el pueblo hacia la tierra de promisión, llegan dos; muchos desean ocupar el cielo, unos pocos lo obtienen. Tú, hijo, vive con poco, para que merezas ser hallado entre pocos y salvado (LEUTHNER 1733: s.p. [Consideratio XXIX])<sup>12</sup>.

En este caso, el emblema de la pirámide con el mote *Altior, angustior* (“Cuanto más alta, más estrecha”) insiste en lo angosto que es el camino al cielo, mientras que los otros dos enfatizan la consiguiente necesidad de quedarse solo con la virtud y rechazar el resto para poder transitar por él: la serpiente, que deja su piel y *Per angusta renascor* (“Renazco a través de la estrechez”), y el aveSTRUZ, que según la tradición come hierro y por eso *Moles me coelestibus arcet* (“El peso me aparta del cielo”).

Consecuentemente, para avanzar por esta vía el hombre debe ser como el paralítico al que Cristo curó (panel nº 14, estampa nº 36): debe dejar de tener paralizados los miembros, levantarse y coger la camilla; es decir, debe coger la cruz – o paciencia – y avanzar hacia la virtud<sup>13</sup>. Los paneles proponen

<sup>12</sup> “Non ego, fili mi, per legem meam feci viam coeli angustiorem, sed quā angusta reapse sit, declaravi. Via ad gloriam est puritas & sanctitas: cūm verò per voluntatem & libertatem lapsus sit Adam, & in eo vos omnes in peccatum, ac omnem concupiscentiam, necesse est, in tanta ad malum proclivitate hominem ad virtutem reduci per arcta, per mortificationem, & sensuum refraenationem. Nec aliud est remedium morbo vestro, quām crux, & arcta continentia [...] Angusta porta, & pauci sunt, qui inveniunt eam: multi nimirum vocati, pauci electi. Perit diluvio mundus: evadit Noë cum paucis. Conflagrant Sodomae: Salvatur Loth cum paucioribus. Proficiscitur populus ad terram promissionis: perveniunt duo: cupiunt multi occupare coelum, obtinent pauci. Tu, fili, vive cum paucis, ut inter paucos inveniri, salvarique merearis”.

<sup>13</sup> “Erexii paralyticum, cūm dixi: surge, tolle lectum tuum, vade in domum tuam. Fili mi, surge! an non paralysi resoluta sunt membra tua? [...] Lectus tuus consuetudo tua est, in qua tamdiu jaces: tolle hunc, & contrariis te virtutibus impede totum. Lectus tuus deinceps patientia sit, crux mea sit, tolle crucem meam, fac tuam” (LEUTHNER 1733: s.p. [Consideratio XXXVI]).

distintos modos de lograrlo.

En primer lugar, mediante el rechazo de los bienes mundanos, como sugiere la primera bienaventuranza: “Bienaventurados los pobres de espíritu, porque de ellos es el reino de los cielos” (panel nº 11, estampa nº 20, figs. 14-15). En concreto, como se deriva de la meditación correspondiente, la pobreza hay que entenderla en un doble sentido: no ansiar lo que no se tiene, pero sobre todo despreciar lo que se tiene al anteponer siempre a Cristo:

Coloqué la primera bienaventuranza en la pobreza. Conoce mi liberalidad: prometo lo eterno a quienes abandonan lo temporal [...] Llamé bienaventurados no tanto a quienes son pobres en cuanto a la hacienda, sino de espíritu [...] Serás pobre de espíritu, aunque poseas riquezas, si eliges perderlas antes que por su culpa violar la justicia: si estás preparado a soportar pacientemente su pérdida en favor de Cristo y de la fe ortodoxa. Mira, ¿acaso eres pobre de espíritu si para vigilar tus riquezas descuidas las divinas? (LEUTHNER 1733: s.p. [Consideratio XX])<sup>14</sup>.

En este caso los emblemas insisten en el rechazo de los bienes terrestres como condición para alcanzar el cielo: un ave atada, con el mote *Pondus mihi debe, volabo* (“Quítame el peso, volaré”), o el ave del paraíso, que según la tradición nunca se apoya en la tierra, con el lema *Procul à terrestribus axem contigit* (“Lejos de lo terrestre toco el cielo”).

La renuncia y abandono de los bienes terrestres vendría enfatizada, lógicamente, por los paneles de la Vocación de san Mateo (panel nº 15, estampa nº 37) y la Expulsión de los mercaderes del templo (panel nº 20, estampa nº 73), y también por la segunda bienaventuranza: “Bienaventurados los que lloran, porque ellos serán consolados” (panel nº 19, estampa nº 22). Al respecto, como explica su *consideratio*, conviene llorar por los pecados y por estar lejos de la patria celeste, pero también como contrapunto a la risa, esto es, al disfrute de lo terrestre:

Ay de vosotros, que ahora reís con el mundo, que dirigís vuestros días hacia las riquezas, hacia las simplezas de las delicias, sin acordaros de vuestra alma, sin acordaros de que los intereses deben serme devueltos, sin

<sup>14</sup> “Primam beatitudinem posui in paupertate. Agnosce liberalitatem meam: temporalia relinquenter promitto aeterna [...] Beatos vocavi, non qui censu tantum essent pauperes, sed qui spiritu [...] Eris in spiritu pauper, licet opes possideas, si optes has potius perdere, quam earum causâ justitiam violare: si earum jacturam patienter ferre paratus sis pro Christo, & fide orthodoxa. Vide, num spiritu pauper sis, si, ut opibus tuis invigiles, divina negligis?”

acordaros de la muerte, ni de la eternidad, ni de mí (LEUTHNER 1733: s.p. [Consideratio XXII])<sup>15</sup>.

En esta misma línea, según relatan las Escrituras (Mateo, 6: 25-34) y refleja el panel nº 4 (estampa nº 28, figs. 16-17), el Señor enseña a sus discípulos que no deben preocuparse por lo material, porque lo que es necesario para vivir – a saber: comida y vestido – lo proporciona Dios y basta entonces confiar en Él. Lo compara con lo que sucede con las aves – que no siegan ni siembran, pero comen – y con los lirios – que crecen sin trabajar ni hilar –, de ahí que aquellas y estos se figuren junto a Cristo en la estampa y en el azulejo. Igualmente, en este mismo pasaje (Mateo, 6: 34) Cristo afirma que no hay que preocuparse por el mañana, puesto que ya traerá sus preocupaciones, reflexión que justifica el emblema de los gorriones con el lema *Alimur, nec crastina cura remordet* (“Somos alimentados y no nos atormentan las preocupaciones del mañana”).

Junto con el rechazo de los bienes mundanos el camino al cielo exige el rechazo de las vanidades y, por tanto, la adopción de una actitud humilde, de ahí el panel de la Entrada de Cristo en Jerusalén (nº 6, estampa nº 72, figs. 18-19):

Hasta ahora había avanzado siempre de pie: ahora soy llevado por un asno y parezco proveer la pompa. ¿Pero cuál? La que sin duda fuese ejemplo de humildad. No entro en un caballo adornado con fáleres, no me siento en un carro de oro con un montón de nobles y magnates acompañándome, no reluce en mí la púrpura, no suenan las trompetas ante mí, como acostumbra hacerse por orden de un rey de la tierra. Soy llevado por un asno, porque mío es el territorio de la tierra, para mostrar que mi reino no es de este mundo, sino espiritual, donde solo la humildad dará la corona (LEUTHNER 1733: s.p. [Consideratio LXXII])<sup>16</sup>.

Además de ser humilde, hay que ser pacífico y refrenar la ira, tanto en uno mismo como respecto a las discordias entre los demás, favoreciendo así la caridad que es la madre de todas las virtudes. De ahí la tercera bienaventuranza: “Bienaventurados los pacíficos, porque Hijos de Dios serán llamados” (panel

<sup>15</sup> “Vae vobis, qui ridetis nunc cum mundo, qui ducitis in bonis, in nugis, in deliciis dies vestros, immemores animae vestrae, immemoris reddenda rationis, immemores mortis, aeternitatis, & mei”.

<sup>16</sup> “Incesseram hucusque pedes semper: nunc asinā vehor, & pompam adornare videor. Sed qualem? Quae nimur ipsa humilitatis esset documentum. Non equo phalerato ingredior, non curru aurato sedeo cum nobilium ac magnatum me comitantium turba, non fulget in me purpura, non clangunt ante me turbae, ut fieri solet jussu regum terrae. Asina vehor, cum meus sit orbis terrae; ut ostendam, regnum meum non esse de hoc mundo, sed spirituale, ubi coronam daret sola humilitas”.



nº 12, estampa nº 26, vid. figs. 5-6)<sup>17</sup>. Los emblemas que completan la escena insisten en la idea de tranquilidad – el sol reflejado en el lago, con el mote *Clarior in placido* (“Más claro en lo plácido”), y el caduceo de Mercurio, con el lema *Deo placebo, quia diligo pacem* (“Agrado a Dios porque amo la paz”) – y en la recompensa que ello proporcionará: el cielo – la luna con el mote *Quies mihi regna paravit* (“La tranquilidad me proporcionará los reinos”). En esta misma línea, el pasaje veterotestamentario que enriquece la composición y cuya identificación viene facilitada por la cartela que incluye el grabado muestra la separación de Abraham y Lot, quienes deciden ocupar territorios distintos para evitar que su riqueza suscite disputas entre ello y entre sus pastores (Génesis, 13:8).

El camino de virtud que conduce al cielo y que permite al hombre clarear y transformarse en un hombre nuevo – es decir: transfigurarse a imitación de Cristo (panel nº 9, estampa nº 69)<sup>18</sup> – no sólo es estrecho, sino que además quien lo transita sufre persecuciones; persecuciones que, como refiere la octava bienaventuranza, cuando se sufren por cumplir la ley de Dios tienen el cielo como recompensa (panel nº 3, estampa nº 27)<sup>19</sup>. Precisamente por ello es necesario perseverar hasta el fin, tal y como se desprende del milagro de la conversión del agua en vino en las bodas de Caná (paneles nos 7 y 13, estampa nº 13, vid. figs. 7, 8 y 9):

Rehuía causar el milagro, todavía no, decía, ha llegado mi hora. Válete de la misma señal cuando en la vía de la perfección sientas que te fatigas y te inviten a descansar. No es esta la hora de la gloria, hora del descanso y merced. Esta es la hora del trabajo y del combate. Estimúlate a ti mismo y di a la desidia que te tienta: no ha llegado mi hora. Ordené a la gente: llenad las hidrias de agua. Obedecieron: las llenaron hasta arriba [...] No merece premio quien nopersevere hasta el fin. El verdadero siervo de Dios nunca dice “basta” (LEUTHNER 1733: s.p. [Consideratio XIII])<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> “Verè pacificus ille est, qui in se ipso quietus eandem animi levitatem exemplò & verbò transfundit in alios, animos exacerbatos sedat, discordes unit. Quàm multi sunt, qui aliorum dolorem jam ardenter augent, dum ex stultâ compassionē querelas jungunt conquerentibus, aut visa auditave referendō iram novam accendent, Vae talibus! In uno enim malo innumerā peragunt, quia seminando discordiam, charitatem, quae virtutum omnium mater est, extinguent” (LEUTHNER 1733: s.p. [Consideratio XXVI]).

<sup>18</sup> “Cupio te quoque transfigurari, fili mi, in similitudinem claritatis meae. Sit ergo facies tua lucida sicut sol, sit intentio purissima: sit vestis alba sicut nix, sit vita tua candida [...] Quando transfiguraberis tandem fili? quando mutaberis in virum alium” (LEUTHNER 1733: s.p. [Consideratio LXIX]).

<sup>19</sup> “Non omnis persecutio beatum facit, ô fili, sed quae propter justitiam suscipitur, quae sine culpa toleratur, quae odiò pietatis ac virtutis infligitur [...] Certum tene, fili, quia omnes, qui piè volunt vivere, persecutionem patientur [...] Mecum patere, si vis mecum regnare” (LEUTHNER 1733: s.p. [Consideratio XXVII]).

<sup>20</sup> “Tergiversabar edere miraculum: nondum, inquietabam, venit hora mea. Eádem testerá tu utere, cum in via

De la misma manera que hay que perseverar en la práctica de la virtud, también es preciso perseverar en la oración. Así lo enseña la parábola del amigo que pide pan de noche (panel nº 2, estampa nº 50, figs. 20-21):

Para enseñar el modo de orar, presenté a un hombre que de noche pidió panes al amigo [...] El amigo [...] se los dio [...] porque no cesó de batir y porque al serle negado, no se alejó. Aquel, que no quería dar, [lo] hizo, porque este no cesó en el pedir. ¿Cuánto más daré yo, que soy la misma bondad, que soy el que te anima a que pidas, que soy el que se indigna contigo si no pides? (LEUTHNER 1733: s.p. [*Consideratio L*])<sup>21</sup>.

Los emblemas que complementan la escena insisten en la necesidad de perseverar, como sucede con la prensa, que durante el tiempo que es necesario *Urget, dum extorqueat* (“Oprime para exprimir”), el hierro en el yunque, que *Repetito flectitur ictu* (“Se dobla por el movimiento repetido”), o el ciervo que *Instat, ut obtineat* (“Insiste para obtener”) el agua de la fuente.

La perseverancia en la oración también vendría dada por la curación de los dos ciegos (panel nº 5, estampa nº 39, figs. 22-23), quienes insisten rogándole a Dios que los cure y ejemplifican el proceso que debe experimentar el hombre: debe abrir los ojos y ver la luz para poder entender la clemencia y poder de Dios y, por tanto, para confiar en la eficacia de la oración.

Te pido perseverancia, hijo, si de mí deseas obtener algo [...] Les pregunté a los ciegos que me seguían: ¿creéis que puedo hacerlo? Exigía fe, pedía reconocimiento de mi poder [...] Hijo, ¿qué temes? ¿Por qué meoras de una forma tan tímida y lánguida? ¿Acaso es que desconfías de mí? [...] Si crees que yo puedo, ¿por qué nooras de modo más ardiente, para que lo desee? Iluminé a ambos [ciegos] y se abrieron sus ojos para que vieran la luz del sol y reconociesen mi clemencia hacia ellos. ¿Cuándo, hijo mío, se abrirán tus ojos? (LEUTHNER 1733: s.p. [*Consideratio XXXIX*])<sup>22</sup>.

---

perfectionis te fatigari, & ad quiescendum invitari sentis. Non hic est hora gloriae, hora quietis, ac mercedis: hic hora est laboris, atque certaminis. Excita ergo te ipsum, & dic desidiae te tentanti: nondum venit hora mea. Jussi demum: implete hydrias aquâ. Paruerunt: impleverunt usque ad summum [...] Praemium non meretur, qui ad exitum non perseverat. Verus Dei servus nunquam dicit: sufficit”.

<sup>21</sup> “Ut orandi modum docerem, hominem induxi, qui ab amico noctu panes peteret [...] Dedit amicus amico [...] quia pulsare non destitit: quia & cum esset negatum, non se avertit. Ille, qui nolebat dare, fecit, quia iste in petendo non defecit. Quantò magis ego dabo, qui sum ipsa bonitas? qui te exhortor, ut petas? Qui etiam paene indignor tibi, si non petas?”.

<sup>22</sup> “Perseverantiam à te peto, fili, si quid à me impetrare concupiscis [...] Tamdiu me sequentes caecos interrogavi tamen, creditis, quia hoc possum? Exigebam fidem, petebam agnitionem potentiae meae [...] Fili, quid trepidas? Cur tam timidè, aut tepidè meoras? Nonne, quia diffidis mihi? [...] si credis, me posse cur non ardentius oras,

Igualmente la curación del leproso (panel nº 16, estampa nº 31) daría muestras de la eficacia de la oración hecha con humildad, confianza y veneración:

Aprende, hijo, el eficaz método de orar. Magníficamente pide el leproso: Señor, si quieras, puedes limpíarme [...] Oh, si tú sabes, o quieras, derramar tan magníficas preces a Dios, con tanta humildad, veneración, confianza, reconocimiento de suprema majestad, ¿qué no obtendrías de su voluntad? Como inmediatamente sané al leproso, así te liberaría de tu enfermedad (LEUTHNER 1733: s.p. [*Consideratio XXXI*])<sup>23</sup>.

Por ello, considerando esta eficacia, el hombre debe hablarle a Dios mediante la oración, así como también mediante la confesión de los pecados y la acción de gracias, dejando entonces de estar mudo como el endemoniado al que Cristo cura en el panel nº 17 (estampa nº 40, figs. 24-25)<sup>24</sup>, o como la alondra de su emblema que *Dum cedit noctua, canto* (“Canto cuando marcha la lechuza”). Solo así puede evitar al cuervo que, como ave carroñera, *Pascitur in mutis* (“Se alimenta de los callados”).

## Conclusión

El programa iconográfico que reviste la nave y coro de la Igreja de São Salvador de Coimbra constituye un ejemplo paradigmático tanto del impacto ejercido por la emblemática sobre el arte barroco portugués, como del tipo de asimilación de este género llevada a cabo, de manera mayoritaria, en el país luso. Al respecto, y como cada vez más estudios ponen de manifiesto, con frecuencia la emblemática aplicada portuguesa tiene su punto de partida en fuentes grabadas, fundamentalmente foráneas, que son seguidas casi literalmente en los soportes a los que se transfieren, generalmente paneles de azulejo, pero también cubiertas de madera. En concreto, el modelo empleado en la Igreja de São Salvador – las estampas de Göz y Klauber que en primer lugar ilustraron la

---

ut velim? Illuminavi utrumque, & aperti sunt oculi eorum, ut & viderent lucem solis, & ut cernerent meam erga se clementiam. Quando, fili mi, aperientur oculi tui?”.

<sup>23</sup> “Disce, fili, efficacem orandi methodum. Magnificè petit leprosus: Domine, si vis, potes me mundare [...] O si tu scires, aut velles tam magnificas preces ad Deum fundere, tanta humilitate, veneratione, fiducia, majestatis supremae agnitione: quid non ab ejus voluntate obtineres? Nonne pridem, ut confessim sanavi leprosum, ita te morbis tuis liberasssem”.

<sup>24</sup> “Curavi hominem daemoniò mutò infestatum. Quoties tu te mutum invenis? Si mutus es in oratione, mutus in Dei laude, in agendis gratiis, mutus in miseriae tuae coram me expositione, mutus in peccatorum confessione, mutus in arguendis aliorum, quantum licet, tuaque interest, peccatis, mutus in juvando quà precibus, quà consiliis proximo, nónne signum est daemonis te mutum facientis!” (LEUTHNER 1733: s.p. [*Consideratio XL*]).

*Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* de Coelestin Leuthner – supone una adición a los repertorios emblemáticos de cuyo impacto en Portugal se tenía constancia hasta la fecha, si bien cabe señalar que otras composiciones de su grabador – perteneciente a la escuela de grabadores de Augsburgo – ya se habían relacionado con sendos ciclos del norte y centro del país.

Ahora bien, como este artículo evidencia, la fidelidad a las fuentes grabadas no impide que estas sean sometidas a una cierta reelaboración para favorecer su adaptación al nuevo contexto en que se insertan. Para acometer dicha reelaboración, la emblemática aplicada portuguesa parece emplear tres mecanismos básicos: la selección, la reordenación y la recombinación de los referentes impresos, que en el caso de São Salvador se ponen directamente al servicio del fiel: buscan contestar a la pregunta de cómo actuar para acceder a la gloria eterna. Y la respuesta que ofrecen parece clara: oración y virtud son las claves del camino que conduce al cielo.

## Fuentes

- ALCIATO, Andrea (1531). *Emblematum liber*. [Augsburgo: Heinrich Steyner].
- BOSCH, Jacob (1701). *Symbolographia sive de Arte Symbolica sermones septem...* Augustae Vindelicorum & Dilingae: Apud Joannem Casparum Bencard.
- DAVID, Jan (1607). *Paradisus sponsi et sponsae: in quo messis myrrhae et aromatum ex instrumentis ac misterijs passionis Christi colligenda, ut ei commoriamur et pancarpium Marianum septemplici titulorum serie distinctum...* Antuerpiae: Ex Officina Plantiniana, Apud Ioannem Moretum.
- DORNN, Franciscus Xavier (1750). *Litaniae Lauretanae ad Beatae Virginis, caeliique Regiae Mariae, honorem, et gloriam...* Augustae Vindelicorum: Sumptibus Joannis Baptistae Burckhart.
- HAEFTEN, Benedictus van (1629). *Schola cordis sive aversi à Deo cordis ad eumdem reductio, et instructio*. Antuerpiae: Typis Hieronymi Verdussi.
- HUGO, Hermann (1624). *Pia desideria emblematis elegiis & affectibus SS. Patrum illustrata*. Antuerpiae: Typis Henrici Aertssenii.
- NÚÑEZ DE CEPEDA, Francisco (1687). *Idea de el Buen Pastor copiada por los SS. Doctores representada en empresas sacras...* Tercera impression. Leon: a costa de Anisson, Posuel, y Riga.
- PICINELLI, Filippo y ERATH, Augustin (1681). *Mundus symbolicus, in emblematum universitate formatus, explicatus, et tam sacris, quam profanis eruditonibus ac sententiosis illustratus...* 2 vols. Coloniae Agrippinae: Sumptibus Hermanni Demen.
- PRAZERES, João dos (1683). *O Principe dos Patriarcas S. Bento. Primeiro tomo de sua vida*,

*discursada em emprezas Politicas e Predicaveis.* Lisboa: António Craesbeeck de Mello.  
REDELIUS, Augustus Casimirus (1732). *Elogia Mariana Olim A. C. Redelio Belg: Mechl:*  
*S.C.M.L.P concepta...* [Augsburgo]: s.n.

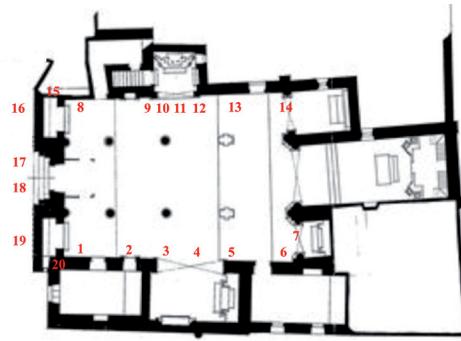
## Bibliografía

- ARAÚJO, Filipa (en prensa). “An open-air emblem book: the enigmatic case of the Baroque tiles in the Garden of the Bissaya Barreto House Museum (Coimbra)”, in Paulette Choné et al. (eds.), *Selected Proceedings of the 11th International Conference of the Society for Emblem Studies* (Nancy, 3-7 July 2017). Tours: Presses Universitaires François-Rabelais.
- FALCÃO, José António (1990). “Azulejeria setecentista do Real Convento de Jesus de Setúbal. Alguns aspectos históricos e iconográficos”, in Juan José Martín González (ed.), *Relaciones artísticas entre la Península Ibérica y América: Actas del V Simposio Hispano-Portugués de Historia del Arte* (11-13 mayo 1989). Valladolid: Universidad de Valladolid, 103-109.
- GARCÍA ARRANZ, José Julio (2005). “Una empresa de Núñez de Cepeda en azulejos: la decoración cerámica de la capilla bautismal de la Catedral de Braga (Portugal)”. *Norba-Arte*, 25, 129–148. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2274998.pdf> (consultado em 2020.06.08).
- GARCÍA ARRANZ, José Julio (2009). “Azulejos and Emblematics in Eighteenth Century Portugal: the Hieroglyphic Programmes of Masters António and Policarpo de Oliveira Bernardes”, in Luís Gomes (ed.), *Mosaics of Meaning. Studies in Portuguese Emblematics*. Glasgow: University of Glasgow, 125–151.
- GARCÍA ARRANZ, José Julio (2018). “El programa emblemático en azulejos de la sacristía del convento de Santo António de Varatojo (Torres Vedras, Portugal)”. *De Arte*, 17, 77–94. <http://revpubli.unileon.es/ojs/index.php/dearte/article/view/5144> (consultado em 2020.06.08).
- GONÇALVES DOS SANTOS, Diana Teresa Fanha da Graça (2013). *Azulejaria de fabrico coimbrão (1699-1801). Artífices e artistas. Cronologia. Iconografia.* 3 vols. Tese de doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/72785> (consultado em 2020.06.08).
- KRAUS, Andreas (1985). “Leutner, Cölestin”, in *New German Biography*, vol. 14, 387. <https://www.deutsche-biographie.de/pnd122700449.html#ndbcontent> (consultado em 2020.06.08).
- LÓPEZ CALDERÓN, Carme (2013). “La emblemática como instrumento devocional: La capilla de Nossa Senhora da Esperança en Abrunhosa (Viseu, Portugal)”, in Ana

- Martínez et al. (eds.), *Palabras, símbolos, emblemas. Las estructuras gráficas de la representación*. Madrid: Turpín Editores, 299–311.
- LÓPEZ CALDERÓN, Carme (2017). “Emblemática aplicada en el distrito de Coimbra: la Iglesia de Nossa Senhora da Tocha (Cantanhede) y sus fuentes impresas”, in Blanca Ballester et al. (eds.), *Encrucijada de la palabra y la imagen simbólicas. Estudios de emblemática*. Palma: José J. de Oláñeta Editor, 433–442.
- LÓPEZ CALDERÓN, Carme (2017a). “Emblemática mariana aplicada en Portugal: fuentes foráneas para un discurso contrarreformista uniforme”, in Lúcia Rosas et al. (coords.), *Genius Loci. Lugares e significados. Places and meanings*, vol. I. Oporto: CITCEM, 371–382.
- MAMEDE, Eduardo Proença (1990). “Igreja do Salvador (Subsídios para o seu Estudo)”. *Munda*, 20, 23–39.
- MAMEDE, Eduardo Proença (1991). “Igreja do Salvador (Subsídios para o seu Estudo)”. *Munda*, 21, 3–6.
- MATIAS, Cecília y OLIVEIRA, Lina (2003). “Igreja de São Salvador”. *Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*. [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1599](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1599) (consultado em 2020.06.08).
- MENDES, Maria do Carmo Raminhas (2010). *Pintura Barroca e Emblema: imagética da Escola do Coração no tecto da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, na Covilhã (1675-1725)*. Tese de mestrado apresentada à Facultade de Letras da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/3914> (consultado em 2020.06.08).
- MONTEIRO, João Pedro (1995-1999). “Os Pia Desideria, uma fonte iconográfica da azulejaria portuguesa do século XVIII”. *Azulejo*, 3/7, 61–70.
- OJEDA, Almerindo (2017). “El uso de grabados en el arte colonial: una aproximación al corpus peruano”, in Manuel Alcántara et al. (coords.), *Arte. Memoria del 56º Congreso Internacional de Americanistas*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 585–594.
- SIMÕES, J. M. dos Santos (2010). *Azulejaria em Portugal no século XVIII, Edição revista e actualizada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SMITH, Robert (1972). *Frei José de Santo António Vilaça Escultor Beneditino do séc. XVIII*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- STOLL, Peter (2010). *Joseph Sebastian Klauber und die Kupferstiche des Coelum Christianum*. Augsburg: Universität Augsburg. urn:nbn:de:bvb:384-opus4-11642 (consultado em 2020.06.08).
- WESTERMAYER, Georg (1883). “Leutner, Cölestин”, in *General German Biography*, vol. 18, 497. <https://www.deutsche-biographie.de/pnd122700449.html#adbcontent> (consultado em 2020.06.08).



Fig. 1. Vista del interior de la Igreja de São Salvador, Coimbra.



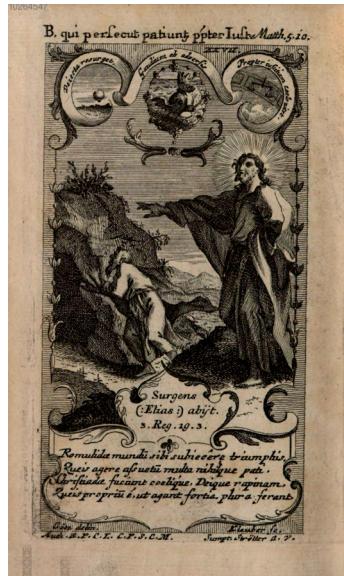
Nave

1. Camino al cielo
2. Parábola del amigo que pide pan de noche
3. Octava bienaventuranza
4. De nada sirve preocuparse
5. Curación del ciego
6. Entrada en Jerusalén
7. Bodas de Caná (Conversión del agua en vino)
8. Ayuno en el desierto
9. Transfiguración
10. Curación en sábado
11. Primera bienaventuranza
12. Tercera bienaventuranza
13. Bodas de Caná (Banquete)
14. Curación del paralítico

Coro

15. Vocación de san Mateo
16. Curación del leproso
17. Curación del endemoniado mudo
18. Curación del endemoniado
19. Segunda bienaventuranza
20. Expulsión de los mercaderes del templo

Fig. 2. Distribución en planta de los paneles de azulejo que decoran la nave y coro de la Igreja de São Salvador, Coimbra. La planta de la iglesia está tomada del SIPA, [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1599](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1599)



**Fig. 3.** Gottfried Bernhard Göz y Joseph Sebastian Klauber, “B. qui persecut. patiunt; ppter Iust”, en Coelestin Leuthner, *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* (Augsburgo, 1733). Intaglio. Bayerische Staatsbibliothek, Asc. 2863, estampa nº 27, urn:nbn:de:bvb:12-bsb10264547-2.



**Fig. 4.** Salvador de Sousa Carvalho (atribución), Octava bienaventuranza, Igreja de São Salvador, Coimbra. Pintura sobre azulejo. Segundo tercio del siglo XVIII.



**Fig. 5.** Salvador de Sousa Carvalho (atribución), Tercera bienaventuranza y detalle de su inscripción, Igreja de São Salvador, Coimbra. Pintura sobre azulejo. Segundo tercio del siglo XVIII.



**Fig. 6.** Gottfried Bernhard Göz y Joseph Sebastian Klauber, "Beati pacifici", en Coelestin Leuthner, *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* (Augsburgo, 1733). Intaglio. Bayerische Staatsbibliothek, Asc. 2863, estampa nº 26, urn:nbn:de:bvb:12-bsb10264547-2.



Fig. 7. Salvador de Sousa Carvalho (atribución), Conversión del agua en vino, Igreja de São Salvador, Coimbra. Pintura sobre azulejo. Segundo tercio del siglo XVIII.



Fig. 8. Salvador de Sousa Carvalho (atribución), Bodas de Caná, Igreja de São Salvador, Coimbra. Pintura sobre azulejo. Segundo tercio del siglo XVIII.



**Fig. 9.** Gottfried Bernhard Göz y Joseph Sebastian Klauber (atribución), “Christus mutat aquā in vinū”, en Coelestin Leuthner, *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* (Augsburgo, 1733). Intaglio. Bayerische Staatsbibliothek, Asc. 2863, estampa nº 13, urn:nbn:de:bvb:12-bsb10264547-2.



Fig. 10. Salvador de Sousa Carvalho (atribución), Ayuno en el desierto, Igreja de São Salvador, Coimbra. Pintura sobre azulejo. Segundo tercio del siglo XVIII.



Fig. 11. Gottfried Bernhard Göz y Joseph Sebastian Klauber (atribución), "Christus jejunat in eremo", en Coelestin Leuthner, *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* (Augsburgo, 1733). Intaglio. Bayerische Staatsbibliothek, Asc. 2863, estampa nº 11, urn:nbn:de:bvb:12-bsb10264547-2.



Fig. 12. Salvador de Sousa Carvalho (atribución), Camino al cielo, Igreja de São Salvador, Coimbra. Pintura sobre azulejo. Segundo tercio del siglo XVIII.

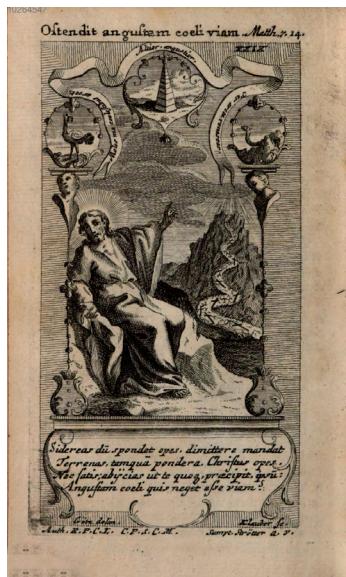


Fig. 13. Gottfried Bernhard Göz y Joseph Sebastian Klauber, “Ostendit angustam coeli viam”, en Coelestin Leuthner, *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* (Augsburgo, 1733). Intaglio. Bayerische Staatsbibliothek, Asc. 2863, estampa nº 29, urn:nbn:de:bvb:-12-bsb10264547-2.



Fig. 14. Salvador de Sousa Carvalho (atribución), Primera bienaventuranza, Igreja de São Salvador, Coimbra. Pintura sobre azulejo. Segundo tercio del siglo XVIII.

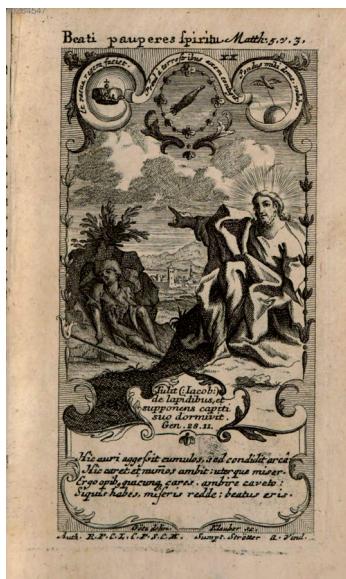


Fig. 15. Gottfried Bernhard Göz y Joseph Sebastian Klauber, "Beati pauperes spiritu", en Coelestin Leuthner, *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* (Augsburgo, 1733). Intaglio. Bayerische Staatsbibliothek, Asc. 2863, estampa nº 20, urn:nbn:de:bvb:12-bsb10264547-2.



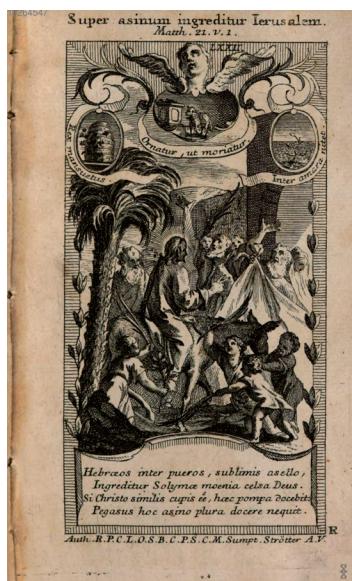
Fig. 16. Salvador de Sousa Carvalho (atribución), De nada sirve preocuparse, Igreja de São Salvador, Coimbra. Pintura sobre azulejo. Segundo tercio del siglo XVIII.



Fig. 17. Gottfried Bernhard Göz y Joseph Sebastian Klauber, "Prohibet nimiā provictu curam", en Coelestin Leuthner, *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* (Augsburgo, 1733). Intaglio. Bayerische Staatsbibliothek, Asc. 2863, estampa nº 28, urn:nbn:de:bvb:12-bsb10264547-2.



**Fig. 18.** Salvador de Sousa Carvalho (atribución), Entrada en Jerusalén, Igreja de São Salvador, Coimbra. Pintura sobre azulejo. Segundo tercio del siglo XVIII.



**Fig. 19.** Gottfried Bernhard Göz y Joseph Sebastian Klauber (atribución), “Super asinum ingreditur Ierusalem”, en Coelestin Leuthner, *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* (Augsburgo, 1733). Intaglio. Bayerische Staatsbibliothek, Asc. 2863, estampa nº 72, urn:nbn:de:bvb:12-bsb10264547-2



Fig. 20. Salvador de Sousa Carvalho (atribución), Parábola del amigo que pide pan de noche, Igreja de São Salvador, Coimbra. Pintura sobre azulejo. Segundo tercio del siglo XVIII.



Fig. 21. Gottfried Bernhard Gözy Joseph Sebastian Klauber, "Parabola amici importunè petentis", en Coelestin Leuthner, *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* (Augsburgo, 1733). Intaglio. Bayerische Staatsbibliothek, Asc. 2863, estampa nº 50, urn:nbn:de:bvb:12-bsb10264547-2.



Fig. 22. Salvador de Sousa Carvalho (atribución), Curación de los ciegos, Igreja de São Salvador, Coimbra. Pintura sobre azulejo. Segundo tercio del siglo XVIII.

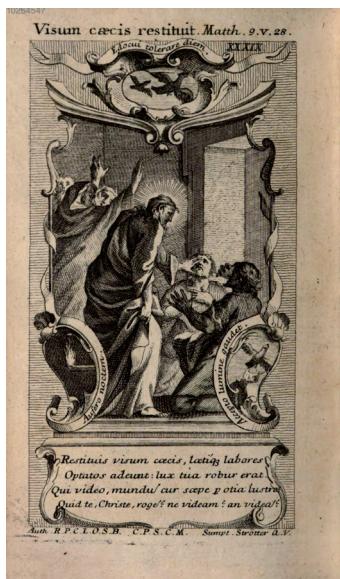


Fig. 23. Gottfried Bernhard Göz y Joseph Sebastian Klauber (atribución), “Visum caecis restituit” en Coelestin Leuthner, *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* (Augsburgo, 1733). Intaglio. Bayerische Staatsbibliothek, Asc. 2863, estampa nº 39, urn:nbn:de:bvb:12-bsb10264547-2.



**Fig. 24.** Salvador de Sousa Carvalho (atribución), Curación del endemoniado mudo, Igreja de São Salvador, Coimbra. Pintura sobre azulejo. Segundo tercio del siglo XVIII.



**Fig. 25.** Gottfried Bernhard Göz y Joseph Sebastian Klauber (atribución), “Daemoniacum mutum sanat”, en Coelestin Leuthner, *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu Christi* (Augsburgo, 1733). Intaglio. Bayerische Staatsbibliothek, Asc. 2863, estampa nº 40, urn:nbn:de:bvb:12-bsb10264547-2

**Tabla 1.** Correspondencia entre los paneles de azulejos que decoran la Igreja de São Salvador, Coimbra, y las estampas que ilustran la *Vita, Doctrina, Passio Domini nostri Iesu*

*Christi* de Coelestin Leuthner.

Posición en la iglesia [fig. 2]	Nº estampa	Escena central: Tema(s) y cita(s) bíblica(s)	Emblemas: pictura y mote
1 (nave)	29	Camino al cielo. (Ostendit angustam coeli viam. <i>Matt. 7.14</i> )	Avestruz. <i>Moles me coelestibus arcet</i> Pirámide. <i>Altior, angustior</i> Serpiente mudando la piel. <i>Per angusta renascor</i>
2 (nave)	50	Parábola del amigo que pide pan de noche ( <i>Parabola amici importunè petentis. Luc. 11.v.5</i> )	Ciervo hacia una fuente. <i>Instat, ut obtineat</i> Prensa. <i>Urget, dum extorqueat</i> Hierro en yunque. <i>Repetito flectitur ictu.</i>
3 (nave)	27	Octava bienaventuranza (B. qui persecut. patiunt <sup>3</sup> ppiter Iust. <i>Matth. 5.10</i> )  Segundo plano: Elías ( <i>Surgens (Elías:) abijit. 3.Reg. 19.3.</i> )	Pelota. <i>Dejecta resurget</i> Delfín entre truenos. <i>Gaudium ad adversis</i>  Libra (zodíaco). <i>Propter justitiam caelo nitet</i>
4 (nave)	28	De nadá sirve preocuparse (Prohibet nimiā provictu curam. <i>Matth. 6.25</i> )	Gorriones. <i>Alimur, nec crastina cura remordet</i> Rosa. <i>Nullo mea purpura constitit auro</i> Polluelos de cuervo. <i>Escam invocantibus</i>
5 (nave)	39	Curación de los ciegos ( <i>Visum caecis restituit. Matth. 9.v.28</i> )	Águila con polluelo hacia el sol. <i>Edocui tolerare diem</i> Antorcha. <i>Aufero noctem</i> Halcón volando. <i>Accepto lumine gaudet</i>
6 (nave)	72	Entrada en Jerusalén ( <i>Super asinum ingreditur Ierusalem. Matth. 21.v.1</i> )	Rey de las abejas. <i>Rex mansuetus</i> Cordero coronado para el sacrificio. <i>Ornatur, ut moriatur</i> Coral. <i>Inter amara nitet</i>
7 (nave)	13	Conversión del agua en vino ( <i>Christus mutat aquā in vinū. Ioā. 2.9.</i> )	Sin emblemas. Se aplican al panel de azulejos número 13 en el que se representa el banquete de las Bodas de Caná.
8 (nave)	11	Ayuno en el desierto ( <i>Christus jejunat in eremo. Matt. 4.2</i> )	Ave volviendo del campo hacia sus polluelos con los granos. <i>Abstinet, ut pascat</i> Ave del paraíso. <i>Non mihi de terra cibus</i> Luna. <i>Et soli famulantur astra</i>
9 (nave)	69	Transfiguración ( <i>Christus transfiguratur. Matth. 17.v.1</i> )	Lirio. <i>Cum candore corona</i> <i>Parhelion</i> [imagen del sol reflejada en una nube] en nube. <i>Omnia solis habet</i> Estrella vespertina. <i>Magnae lux prævia nocti</i>
10 (nave)	43	Curación en sábado ( <i>Manum aridam Sabbato curat. Matth. 12.v.10</i> )	Lluvia en el campo. <i>Arenti debita semper</i> Luna. <i>Medeor, dum cuncta quiescunt</i> Campana. <i>Aliis ferias, mihi mando laborem</i>

11 (nave)	20	Primera bienaventuranza (Beati pauperes spiritu. <i>Matth. 5.v.3</i> )  Segundo plano: Jacob ( <i>Tulit (:acob:) de lapidibus, et supponens capitii suo dormivit. Gen. 28.11.</i> )	<i>Corona. Et vacua regem faciet</i> <i>Ave del paraíso. Procul à terrestribus axem contigit</i>  <i>Ave atada. Pondus mihi debe, volabo.</i>
12 (nave)	26	Tercera bienaventuranza (Beati pacifici etc. <i>Matth. 5.v.9</i> )  Segundo plano: Abraham y Lot ( <i>Ne, quae so, sit iurgium inter me et te. Gen. 13.8.</i> )	<i>Luna. Quies mihi regna paravit</i> <i>Sol en un lago. Clarior in placido</i>  <i>Caduceo de Mercurio. Deo placebo, quia diligo pacem</i>
13 (nave)	13	[Bodas de Caná. No se corresponde con la escena de la obra de Leuthner]	<i>Grulla llevando a su madre. Scit matri servare fidem</i> <i>Sol naciente. Unda mea virtute rubet</i> <i>Abeja. Meliora reponit</i>
14 (nave)	36	Curación del paralítico ( <i>Paralyticum peccatis et morbo absolvit. Matth. 9.v.2</i> )	<i>Fuente de la que brota agua. Erigor, et mundor</i> <i>Flor abierta por el sol. Recreor, ut solvor</i> <i>Avecilla escapando de sus ataduras. Dant vincula rupta salutem</i>
15 (coro)	37	Vocación de san Mateo ( <i>Matthaeum à telonio vocat. Matth. 9.v.9.</i> )	<i>Nave que emerge tras desechar la mercancía. Emersit vacua</i> <i>Alondra escapando del campo. Alienā priūs, nunc aethera quaero</i> <i>Halcón regresando del cielo al dueño. A praeda ad Dominum</i>
16 (coro)	31	Curación del leproso ( <i>Curat Leprosum. Matth. 8.v.1</i> )	<i>Fuente de la que brota agua. Sordida pellit</i> <i>Lechuzas huyendo al nacer el sol. Impura fugat</i> <i>Sol naciente en la cumbre del monte. Vix tango et reddo nitorem</i>
17 (coro)	40	Curación del endemoniado mudo ( <i>Daemonicum mutum sanat. Matth. 9.v.32</i> )	<i>Gallo. Nox vocem fugitiva dedit</i> <i>Alondra alzando el vuelo por la mañana temprano. Dum cedit noctua, canto</i> <i>Cuervo sobre un cadáver. Pascitur in mutis</i>
18 (coro)	18	Curación del endemoniado ( <i>Christ⁹ ejicit daemones. Matth. 4.v.24</i> )	<i>León huyendo ante una antorcha. Perculus luce recessit</i> <i>Serpiente huyendo ante un lirio. Cedere suasit odor</i> <i>Lechuza huyendo al salir el sol. Lux invisa fugat</i>
19 (coro)	22	Segunda bienaventuranza (Beati qui lugent etc. <i>Matth. 5.v.5</i> )  Segundo plano: David y Joab ( <i>Melius est, ut incidam in manus Domini. 2 Reg. 24.14.</i> )	<i>Iris formado por el sol. Respexit lachrymas</i> <i>Sol después de la lluvia. Post nubila Phaebus</i>  <i>Alambique. A lachrymis mea gloria</i>
20 (coro)	73	Expulsión de los mercaderes del templo. No se corresponde con la escena de la obra de Leuthner ( <i>Ejicit vendentes è templo. Matth. 21.v.12</i> )	<i>Lechuzas huyendo al nacer el sol. Mihi soli</i> <i>Abeja y zángano. Ignavū genus à praesepibus arcet</i>  <i>Sol dispersando las nubes. Mihi purgo domum</i>

# Partidos políticos e opinião pública: a luta entre aparelho partidário e caciquismo dentro do Partido Regenerador (1870-1910)<sup>7</sup>

*Political parties and public opinion: the struggle between party apparatus and caciquism in the «Regenerador» Party (1870-1910)*

**PATRÍCIA GOMES LUCAS**

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de História Contemporânea

patricia.gomes.lucas@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6070-0816>

Texto recebido em / Text submitted on: 24/11/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 10/07/2020

**Resumo.** Durante a segunda metade do século XIX, o Partido Regenerador foi um elemento fundamental da política portuguesa, com intervenção governativa e parlamentar significativa. Neste artigo debruçamo-nos sobre o aparelho partidário e a imprensa afeta ao Partido Regenerador, elaborando um estudo de caso da relação dos Regeneradores com a opinião pública. Recorremos ainda aos sistemas de informação geográfica, obtendo uma representação gráfica da dispersão do partido no território nacional, que contribui para a sua análise espacial. Procura-se, assim, perceber se existia uma rede de centros locais, e se estes tinham uma ação sólida na mobilização de apoios para o partido; e se os jornais oficiais do Partido Regenerador obedeciam a uma estratégia coerente da parte da liderança partidária. Argumentamos ainda, recorrendo a documentação inédita, que a relevância deste tipo de meios de comunicação com o eleitorado foi enfraquecida face ao uso recorrente e eficácia do caciquismo na política portuguesa.

**Palavras-chave.** Partido Regenerador, opinião pública, imprensa, aparelho partidário, caciquismo.

**Abstract.** During the second half of the 19th century, the «Regenerador» Party was a fundamental element of Portuguese politics, with significant governmental and parliamentary intervention. In this article we focus on the party apparatus and the press assigned to the Regenerating Party, producing a case study of the relationship of the Regenerators with public opinion. We also applied geographic information systems, obtaining a graphic representation of the dispersion of the party in the national territory, which contributes to its spatial analysis.

In this way, one tries to understand if there was a network of local centres, and if they had a solid action in mobilizing support for the party; and whether the official newspapers of the Regenerating Party followed a coherent strategy from the party leadership. We argue, using unpublished documentation, that the relevance of this type of media in the communication with the electorate was weakened considering the recurring use and effectiveness of caciquism in Portuguese politics.

**Keywords.** «Partido Regenerador», public opinion, press, party apparatus, caciquism.

## **Os Regeneradores e a opinião pública**

As dinâmicas da opinião pública, da imprensa e dos partidos políticos relacionaram-se de forma significativa no Portugal oitocentista. No contexto social da época, em que o analfabetismo era expressivo e a ligação entre a política e a população decorria em moldes muito específicos, o estudo dos mecanismos utilizados pelos grupos políticos para chegar ao potencial eleitorado é relevante para a percepção das formas de fazer política antes do surgimento de partidos de massas.

O caso do Partido Regenerador, abordado neste artigo, torna-se especialmente relevante pelas características intrínsecas deste grupo político, que marcaram toda a sua história. O Partido Regenerador foi uma organização política portuguesa da segunda metade do século XIX e início do século XX, cujo aparecimento esteve intimamente ligado com as transformações políticas que se seguiram ao golpe da Regeneração, em 1851, nomeadamente com a doutrina de consenso e convergência de diferentes setores. Os Regeneradores ocuparam o governo em vários momentos ao longo da Monarquia Constitucional, com particular relevância a partir da década de 1870, tornando-se intervenientes centrais do Rotativismo português. Foram, no contexto da política portuguesa da época, claros representantes do modelo do “partido de notáveis” ou “partido de quadros”, tipologias abundantemente estudadas pela historiografia e pela ciência política (WEBER 1979: 48-49; DUVERGER 1970: 35).

Apesar de ser comumente reconhecido pela historiografia como representante do setor conservador dentro do liberalismo monárquico da época, o Partido Regenerador foi responsável por diversas medidas de caráter eminentemente inovador – nomeadamente o Código Administrativo de 1878, a Lei Eleitoral de 1878 e o Ato Adicional à Carta Constitucional de 1885<sup>1</sup> –, sendo por isso debatível a delimitação ideológica que dele tem sido feita (PRAÇA 1997: 56; SOUSA 1983: 159). A agravar essa indefinição ideológica do Partido Regenerador encontra-se o facto de o seu primeiro e único programa político ter sido apresentado apenas em janeiro de 1910, o que torna decisivas para a investigação historiográfica as formas de comunicação da mensagem política e de relação com a opinião pública (SOUSA 1912: 117-145).

Nos anos finais da Monarquia Constitucional, os Regeneradores – à ima-

<sup>1</sup> O Código Administrativo de 1878 dava significativos poderes aos órgãos periféricos, especialmente às Juntas Gerais de Distrito, sendo de tal forma inovador que foi recuperado pelo primeiro governo Republicano (CAETANO 1935); a lei eleitoral de 1878 foi a mais democratizante da história da Monarquia Constitucional, atribuindo o direito de voto a todos os homens com mais de 21 anos que fossem chefes de família, o que quase duplicou o censo (MÓNICA 1996: 1039-1084); o Ato Adicional à Carta Constitucional pôs fim ao pariato hereditário e criou o pariato eleutivo (FERNANDES 2012: 563-583).

gem de outros grupos políticos da época – enfrentaram um processo de fragmentação interna, que contribuiu para o seu desaparecimento total depois da implantação da República, em outubro de 1910.

O presente estudo, recorrendo especialmente à imprensa política e a documentação de arquivo maioritariamente inédita, em particular do Arquivo Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro, pretende avaliar, numa perspetiva mais ampla, o grau da ligação entre o Partido Regenerador e a opinião pública. Colocamos, nesse sentido, as seguintes questões: os jornais oficiais do Partido Regenerador obedeciam a uma estratégia coerente da parte da liderança partidária, ou a sua dispersão territorial era regida por indicações regionais e pessoalistas? Existia realmente uma rede de centros locais do Partido Regenerador, com uma ação sólida na mobilização de apoios para o partido? E qual era a relevância destes meios de comunicação com o eleitorado face ao uso recorrente do caciquismo na política portuguesa?

## Jornais partidários oficiais

A opinião pública é um conceito estudado para períodos tanto anteriores como posteriores ao que aqui consideramos (ALVES 2000; SARDICA 2012: 344-368). Não deixa, contudo, de ter um caráter ambíguo, pelos mecanismos complexos que a constituíam. A oralidade desempenhava um papel relevante e difícil de identificar, através de leituras públicas, da partilha de informações em espaços de sociabilidade, de comícios e *meetings*, que se haveriam de tornar cada vez mais comuns. Os panfletos, manifestos e proclamações eram também uma forma de espalhar a mensagem política e apelar à mobilização popular. A opinião pública foi, ao longo do século XIX, alargando o seu alcance e os tipos de população envolvidos, tornando-se progressivamente menos uma realidade exclusiva das elites.

A imprensa era, em meados do século XIX, o principal veículo da mensagem política que a documentação nos permite seguir. Continuava, ainda assim, condicionada por fatores que limitavam a difusão da mensagem política, sendo o primeiro e mais relevante o grau de analfabetismo da sociedade: em 1864 cerca de 88% da população era analfabeta; este número tendeu a diminuir ao longo das décadas seguintes mas, em 1900, ainda rondava os 78% (MARQUES e SOUSA 2003: 182)<sup>2</sup>. Também as condicionantes económicas reduziam o

<sup>2</sup> Ocorre, porém, que o analfabetismo nas zonas urbanas era sempre menor – Rui Ramos afirma que “cerca de metade a três quartos dos indivíduos que sabiam ler viviam nas cidades e nas vilas” – pelo que se comprehende que a imprensa tenha obtido melhores resultados nos espaços citadinos (RAMOS 1988: 1072).

alcance de uma parte da população aos conteúdos jornalísticos, uma vez que o preço dos jornais era muitas vezes incomportável<sup>3</sup>. Disto decorre que, até bastante tarde, a imprensa periódica era um meio de comunicação utilizado essencialmente entre elites.

No que concerne à forma como os jornais chegavam aos leitores, a grande maioria dos jornais era publicada em Lisboa, deixando a população das províncias com poucas opções, e conduzindo a que recebessem as notícias com um atraso significativo (TENGARRINHA 1989: 186).

Fora dos grandes centros urbanos, a imprensa regional, para além de reduzida, enfrentava dificuldades em consolidar-se, dado o menor público ao qual se podia dirigir, e à menor dinâmica da sociedade. Por vezes, os jornais regionais limitavam-se a republicar textos dos periódicos lisboetas, mas a lentidão do envio de informações para algumas regiões desatualizava por completo a relevância das notícias.

A situação viria a sofrer alterações a partir de meados do século XIX, especialmente, depois de 1864, com a fundação do *Diário de Notícias*, o primeiro jornal português de grande alcance em termos de público. O jornal tinha um preço reduzido (10 réis), era vendido em espaços públicos, graças à utilização dos famosos “ardinas”, e era composto numa escrita simples, que facilitava a leitura. O *Diário de Notícias* tinha ainda a particularidade de ser “um jornal que proclamava a sua isenção em termos políticos”, pelo que não dependia de apoios de figuras ligadas à política portuguesa, uma inversão face aos muito comuns jornais de opinião, “que traduziam as batalhas travadas no domínio político” (MIRANDA 2002: 23-26; TENGARRINHA 1989: 215).

Apesar dessas dificuldades, os anos que se seguiram ao golpe da Regeneração foram “a grande época de florescimento do jornalismo” em Portugal (TENGARRINHA 1989: 184). Em 1851 e 1866 surgiu nova legislação, que garantia um progressivo aumento da liberdade de imprensa e da redução das limitações à publicação de textos políticos (*Diário do Governo*, 24 maio de 1851 e 17 de maio de 1866). A imprensa política, que vinha de décadas anteriores – particularmente do período entre 1820 e 1823 – ganhou assim um novo fôlego, ao qual não foi alheio o interesse das organizações políticas em garantir meios de expressão das suas ideias: a imprensa era um espaço de debate com uma audiência mais vasta do que as galerias do Parlamento.

Num primeiro momento, procurámos identificar as publicações periódicas ligadas ao Partido Regenerador, traçando ao longo dos anos uma série de jornais

<sup>3</sup> A maioria dos jornais lisboetas custava entre 40 e 60 réis, aos quais se juntavam os custos de expedição quando se tratava de exemplares enviados para outras localidades. Para um termo de comparação, diferentes salários de profissões urbanas e rurais podem ser encontrados em MARTINS 1997: 486-487.

que apoiavam, de forma mais ou menos direta, este grupo político e os governos que liderou. Focámos, posteriormente, a investigação nos jornais oficiais do partido, ou seja, maioritariamente aqueles que, como principal garantia da sua ligação explícita à organização, referiam em título ou subtítulo a condição de órgãos Regeneradores em determinada localidade. Neste ponto da investigação enfrenta-se ainda o obstáculo da pouca solidez partidária da época: o mesmo jornal, em diferentes momentos, pode ter apoiado diferentes grupos políticos. A ocorrência de cisões dentro dos partidos levava consigo jornais, pela ligação próxima que as publicações muitas vezes tinham com determinadas figuras. A existência de um público reduzido para muitos dos periódicos levava-os a depender de apoios financeiros, que por vezes só eram possíveis em troca de espaço nas suas páginas para defender as ideias de um partido político. Esta relação íntima entre jornalismo e política era comum na época e considerada não só normal como benéfica para ambas as partes.

Por vezes, eram os próprios redatores do jornal a oferecer os seus serviços para a propaganda de um partido. Exemplo disso é a correspondência recebida por Fontes Pereira de Melo, de A. G. Ferreira de Castro, a respeito do patrocínio Regenerador para um periódico: “Excusado é repetir aqui o que ja disse a V. Ex.<sup>a</sup> em Lisboa com respeito ao Jornal da Noite, nem relembrar os sentimentos de respeito e gratidão que me levaram a oferecer expontaneamente a V. Ex.<sup>a</sup> a direcção da politica do jornal, representada por pessoa que merecesse a confiança de V. Ex.<sup>a</sup> e que de V. Ex.<sup>a</sup> recebêsse as instruções precisas” (BNP, Res., CFP, cx. 1, doc. 2, carta de A. G. Ferreira de Castro para Fontes Pereira de Melo)<sup>4</sup>. Esta associação entre os jornais e os partidos traduz-se também numa forma de acesso às ideologias partidárias defendidas, algo relevante neste caso pela ausência de um programa partidário.

No que se refere aos jornais oficiais do Partido Regenerador, o seu período de publicação manteve-se numa média de 5 anos, para o continente, e de cerca de 3 anos para as ilhas, o que é revelador da pouca duração da grande maioria destes periódicos (LUCAS 2019: vol. II, 41-44)<sup>5</sup>. A publicação destes jornais nem sempre era regular, e tinham um caráter essencialmente regionalista, enfrentando contrariedades políticas ou financeiras que ditavam o encerramento. Apesar de não ser possível averiguar o número de exemplares impressos destes jornais, tudo indica que a sua quantidade era reduzida.

<sup>4</sup> O autor é, com grande probabilidade, António Guilherme Ferreira de Castro, tenente de Artilharia, mais tarde proprietário e diretor do jornal *O Atlântico* (1880).

<sup>5</sup> Refira-se que este valor médio foi amplificado por casos excepcionais como *A comarca de Arganil: semanário regenerador*, *o Correio da Feira: órgão do Partido Regenerador e dos interesses da Feira*, *O Villacondense: órgão oficial do Partido Regenerador do concelho de Villa do Conde*, e o *Semana Thrysense: órgão do Partido Regenerador*, que perderam os subtítulos mas continuavam recentemente em publicação.

Um dos exemplos mais curiosos de jornais oficiais do Partido Regenerador foi, precisamente, *O Partido Regenerador*. Tratou-se do único jornal oficial do partido publicado em Lisboa, mas teve um período de publicação bastante reduzido: o jornal foi lançado a 1 de agosto de 1887, e o nº 27, o último, foi publicado a 31 de agosto do mesmo ano. Na verdade, apesar de procurar ser um meio de ampla dispersão, a sua criação cumpriu um propósito muito específico no contexto político da época: o jornal foi lançado para servir de meio de imprensa da fação Regeneradora que apoiou a nomeação de António de Serpa Pimentel para chefe do partido, e iniciou a sua atividade precisamente com a publicação do manifesto de apoio a Serpa assinado por 157 personalidades do Partido Regenerador. O diretor e editor d'*O Partido Regenerador* era Filipe de Carvalho, deputado Regenerador pela Horta entre 1874 e 1887, e o periódico fazia questão de ostentar sob o título a indicação de que era publicado “sob a chefia do conselheiro d'estado Antonio de Serpa Pimentel” (*O Partido Regenerador*, 1 de agosto de 1887: 1).

Ao contrário de *O Partido Regenerador*, os jornais oficiais do Partido Regenerador tratavam-se geralmente de periódicos que publicavam notícias relacionadas com o concelho onde eram produzidos, e que eventualmente davam conta de notícias de caráter nacional caso estas fossem particularmente importantes para a vida dos cidadãos. Eram, principalmente, os meios de os caciques locais do partido passarem informações aos seus correligionários: o *Jornal do Povo*, publicado na Guarda entre 1902 e 1910, apresentava-se como órgão de imprensa do “Centro Regenerador da Guarda – Hintze Ribeiro e José Cavalheiro”, dirigido por Alberto da Silva, que era em simultâneo o líder Regenerador local. O jornal tinha como função central transmitir aos apoiantes do partido na região da Guarda as novidades ocorridas no centro do poder, em Lisboa, comunicando as convocatórias de reuniões e os resultados delas obtidos, e dando conta das principais movimentações governamentais (*Jornal do Povo*, especialmente números de 1909).

Foi-nos possível identificar um total de 67 jornais oficiais do Partido Regenerador, com datas de início de publicação estendendo-se da década de 1870, ao final da Monarquia, em 1910. Para uma melhor avaliação da sua relevância em termos nacionais, optámos por uma transposição da informação para cartografia, recorrendo aos Sistemas de Informação Geográfica (SIG)<sup>6</sup>.

A divisão cronológica escolhida procura refletir diferentes momentos políticos do partido e da nação. Primeiro, entre 1870 e 1886, a liderança

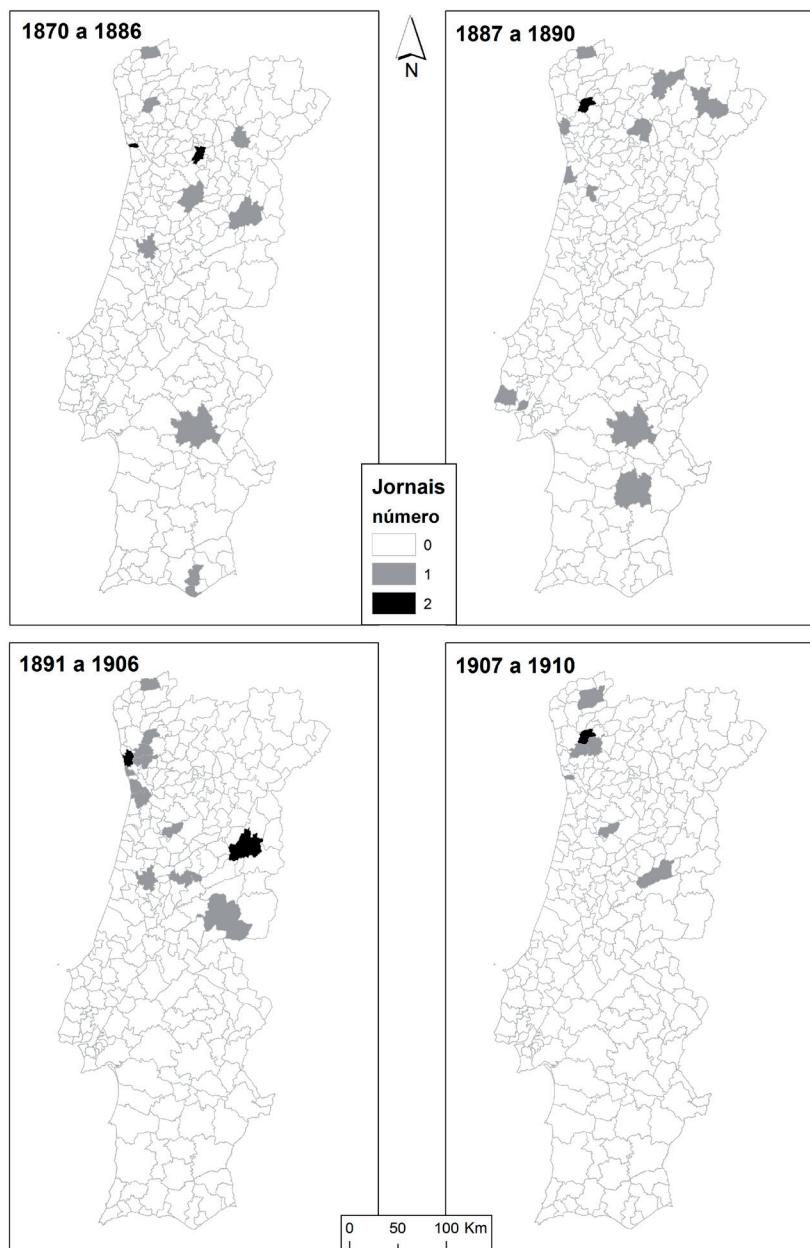
<sup>6</sup> Para além de um grande número de periódicos em território continental, foi-nos também possível identificar um número significativo nas ilhas, especialmente no arquipélago dos Açores, que não foram incluídos na cartografia por questões de ordem técnica.

dos Regeneradores esteve em grande medida nas mãos de Fontes Pereira de Melo, que durante esses anos desempenhou também funções de governação nacional. Em seguida, entre 1887 e 1890, abriu-se um novo momento dentro do Partido Regenerador, com a morte de Fontes e a consequente emergência da Esquerda Dinástica<sup>7</sup>. Na década de 1890 e início do século XX, o partido esteve, primeiro, sob a liderança oficial de António de Serpa Pimentel e, posteriormente, de Hintze Ribeiro, sendo, contudo, este político que de forma mais determinante influenciou os destinos do partido, que se manteve relativamente estável. Finalmente, a partir de 1907, o partido entrou num período de fragmentação acentuada e de instabilidade na liderança, o que coincidiu também com a agitação política dos últimos anos da Monarquia.

---

<sup>7</sup> A Esquerda Dinástica foi um grupo dissidente do Partido Regenerador, formado na sequência da morte de Fontes Pereira de Melo, em 1887, e em desacordo com a nomeação de António de Serpa Pimentel para a liderança do partido. A Esquerda Dinástica foi liderada por Augusto César Barjona de Freitas e chegou a eleger 9 deputados em 1889, desaparecendo, porém, em 1890, no contexto da crise do *Ultimatum*.

**Imagen 1.** Jornais oficiais do Partido Regenerador, organizados por concelho de publicação (1870-1910)



Fonte: LUCAS 2019: vol. II, 41-44.

Uma análise comparativa da evolução traduzida nos mapas [Imagem 1] leva-nos a considerar que, em primeiro lugar, o grau de cobertura da imprensa a nível nacional era francamente reduzido, sendo que a dispersão dos jornais pelo território não se mostra consistente. Em segundo lugar, contrariando o que seria de esperar do processo de consolidação de um partido político, houve uma progressiva redução no espaço geográfico coberto pelas publicações Regeneradoras. O momento de maior dinamismo parece ocorrer entre o final da década de 1880 e a década de 1890, mais ou menos no mesmo período em que a liderança dos Regeneradores estava formalmente nas mãos de Serpa Pimentel, apesar da influência que nos bastidores detinham políticos como Hintze Ribeiro e Lopo Vaz. Nos últimos anos da Monarquia, assistimos a uma diminuição da geografia abrangida, especialmente no que diz respeito ao Centro e Sul do país. Quanto aos concelhos onde se verificou a publicação de mais de um jornal em simultâneo, localizavam-se essencialmente na Beira (Lamego e Guarda) e na região Norte (Porto, Vila do Conde e Braga), o que podemos relacionar com as diferentes densidades populacionais do país.

O número de publicações e a sua dispersão no território nacional permite perceber que a imprensa oficial foi uma forma de comunicação utilizada pelo Partido Regenerador numa dimensão bastante circunscrita. A grande maioria dos periódicos tinha um intervalo de publicação reduzido, e o seu caráter regional não era colmatado pela quantidade de jornais em atividade simultânea. A imprensa, à época, tinha ainda um alcance limitado, que não sofreu melhorias visíveis ao longo do período estudado, sugerindo uma manutenção deliberada dos períodos nos mesmos moldes de atividade: tratava-se de uma forma de comunicação dirigida à élite, que não tinha verdadeiro impacto na vida partidária. A imprensa partidária regional traduzia-se, em grande medida, como uma ocupação intelectual para alguns apoiantes partidários, através da qual conseguiam mostrar serviço e visibilidade perante a cúpula do partido, obtendo em troca reconhecimento, nomeadamente através do acesso às assembleias-gerais do partido e da aproximação aos centros do poder da capital<sup>8</sup>.

## Centros locais

O lento processo de desenvolvimento dos partidos políticos durante a

<sup>8</sup> Na assembleia de fevereiro de 1909, a mais concorrida do Partido Regenerador, estiveram presentes os redatores de diversos jornais regionais do partido: *O Algarve* (de Faro), *Folha de Beja*, *Distrito de Vila Real*, *A Semana* (Lamego), *A Defesa* (Pombal), *O Alto Minho* (Monção), *Correio da Feira*, *Jornal do Povo* (Guarda), *Folha da Manhã* (Barcelos), *Correspondência de Coimbra*, *Distrito de Aveiro* (*Diário Popular*, 3 e 4 de fevereiro de 1909: 1).

segunda metade do século XIX refletiu-se, entre outros fatores, na sua fraca consolidação em termos de cobertura geográfica nacional. A isto vem juntar-se a circunstância de trabalharmos uma instituição sem fontes arquivísticas diretas: até ao momento não foram encontrados documentos produzidos pelo Partido Regenerador que nos permitam desenvolver conclusões sobre o real número de apoiantes do partido, ou elaborar uma listagem sistemática dos centros locais e dos seus períodos de atividade. Resta-nos, portanto, recorrer a outra tipologia de fontes, nomeadamente as publicações periódicas, para recolher informação partidária.

Os centros locais do Partido Regenerador eram, segundo alguma bibliografia, locais de encontro e convívio de membros e apoiantes do partido (RAMOS 1994: 115). Era nesse ambiente informal que se discutiam assuntos da governação, ou se formavam alianças mais tarde reavivadas no Parlamento. O mesmo ocorria na província, onde os centros partidários eram ponto de encontro de grupos de amigos com interesses políticos em comum.

O primeiro centro regional do Partido Regenerador do qual temos informação – não contando, evidentemente, com Lisboa, cuja existência acompanha todo o período de duração dos Regeneradores – foi fundado em Coimbra em 1870. A sua criação foi publicitada através de correspondência publicada no jornal *Revolução de Setembro*, onde se dava conta de ter ocorrido uma reunião política em Coimbra no dia 7 de agosto, que tinha tido a presidência de Augusto César Barjona de Freitas (*Revolução de Setembro*, 12 de agosto de 1870: 1). O evento tinha sido promovido através de cartas de convite, endereçadas por Barjona de Freitas, António de Carvalho Coutinho e Vasconcelos, António dos Santos Pereira Jardim, Lourenço de Almeida e Azevedo e Francisco Pedro da Silva, figuras relevantes em Coimbra, tanto do ponto de vista político como cultural<sup>9</sup>. A iniciativa era lançada em oposição a uma reunião semelhante, promovida por Miguel Osório Cabral, o influente local do Partido Histórico (MÓNICA 2004: 516-517). Segundo o que relatava o correspondente da *Revolução de Setembro*, na reunião Regeneradora tinham estado presentes mais de 100 pessoas, e tinham sido recebidas ainda 16 cartas de adesão. Um dos objetivos propostos por Barjona de Freitas foi o de se formar um centro

<sup>9</sup> António de Carvalho Coutinho e Vasconcelos fora deputado por Cantanhede, era à data professor de Química Orgânica na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, e viria a ser governador civil do distrito no ano seguinte. António dos Santos Pereira Jardim era irmão do futuro visconde de Monte São, e tornar-se-ia, poucos anos depois, professor de Jurisprudência na Universidade de Coimbra; Lourenço de Almeida e Azevedo fora membro da Junta Geral do Distrito de Coimbra, era professor da Faculdade de Medicina, chegando a seu diretor, e viria a ser nomeado por do Reino nos anos 80. Quanto a Francisco Pedro da Silva, apenas conseguimos apurar que era vereador da Câmara Municipal de Coimbra. Para mais informações sobre estas figuras ver SOARES 2006: 969-970; FERNANDES 2004: 272-273.

político, que iria filiar-se no centro Regenerador de Lisboa, na época ainda presidido por Joaquim António de Aguiar, oficializando assim a ligação do grupo de Coimbra ao Partido Regenerador. O centro contava à partida com 32 membros, sendo mais tarde nomeada uma comissão executiva composta pelos signatários dos convites que deveria dirigir os trabalhos (*Revolução de Setembro*, 12 de agosto de 1870: 1).

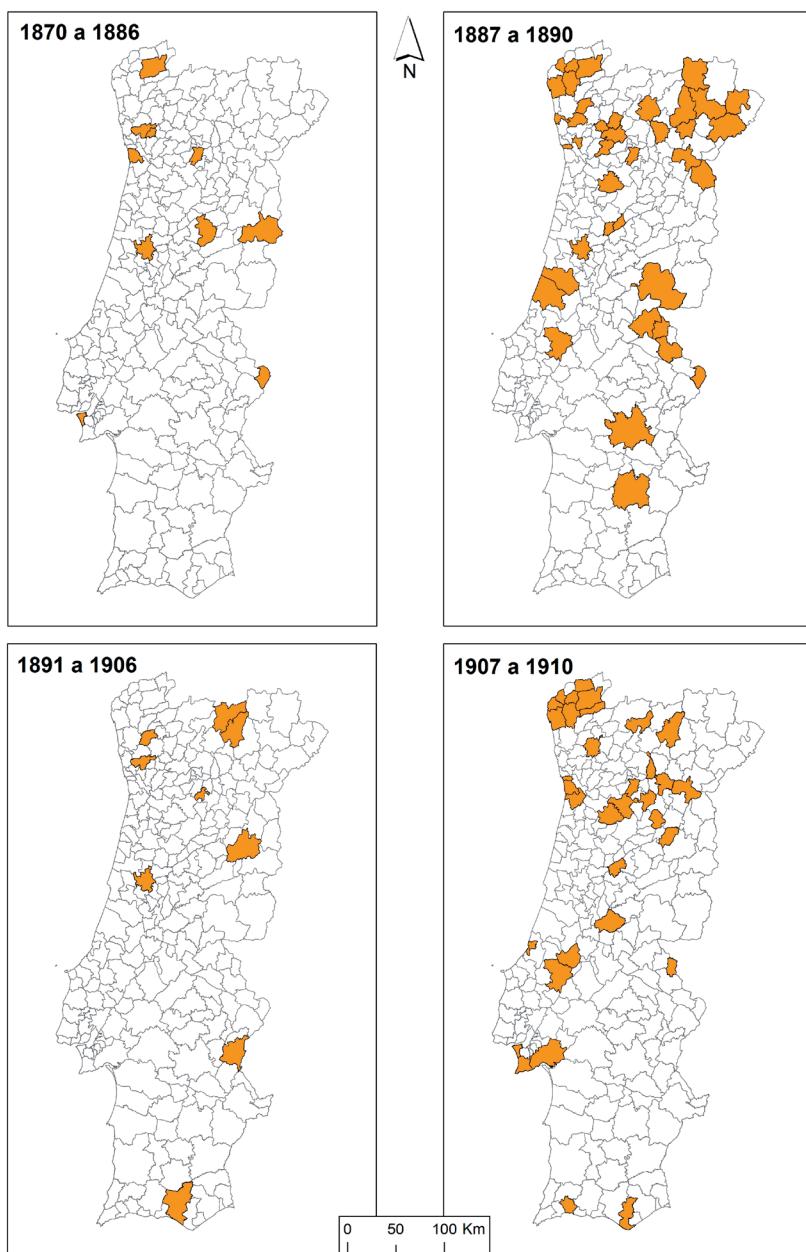
As informações sobre centros locais escasseiam na primeira metade da década de 1880, voltando a aparecer em 1887, aquando da morte de Fontes Pereira de Melo. Tendo em conta que o Partido Regenerador esteve no poder entre 1881 e 1886, parece-nos existir uma eventual relação entre os períodos em que os Regeneradores se encontravam no governo e a menor atividade dos centros locais do partido, dado que dispunham nesses períodos da estrutura periférica do Estado para prolongar a sua influência. Contudo, a forma como a informação sobre os centros locais é divulgada deve também ser tida em consideração numa análise do partido, porque está intimamente relacionada com momentos marcantes da vida partidária: as fontes revelam-nos a existência de um grande número de centros, porque estes publicamente anunciam os seus pésames pela morte de Fontes Pereira de Melo, ou felicitam a escolha do novo líder, António de Serpa Pimentel. O mesmo acontecerá em 1907, com a morte de Hintze Ribeiro e a eleição de Júlio de Vilhena, momento em que diversos centros enviam correspondência para os jornais do partido na capital, prestando homenagens. Sucedeu, todavia, que não temos forma de saber há quanto tempo estas agremiações políticas regionais existiam, o que confina a fiabilidade dos dados. No mesmo sentido, só temos informação da existência de centros Regeneradores em importantes localidades do país em datas um pouco tardias, como por exemplo o Porto, em 1887, ou Faro, em 1910, o que nos parece, na melhor das hipóteses, tardio ou mesmo pouco provável (*Revolução de Setembro*, 25 de janeiro de 1887: 1; *Diário Popular*, 18 de janeiro de 1910: 2).

Nos últimos anos da Monarquia Constitucional, o Partido Regenerador parece ter investido na organização da sua estrutura, nomeadamente no que diz respeito à convocação de membros do partido para iniciativas de relevância, como a escolha de novos líderes. Quando, em 1907, foi necessário proceder à escolha do sucessor de Hintze Ribeiro, a direção do partido convocou uma reunião geral dos Regeneradores, procedendo pela primeira vez na história desta organização a um recenseamento dos indivíduos com poder de voto (*O Popular*, 5 de outubro de 1907: 1). Dois anos mais tarde, quando Júlio de Vilhena pediu a demissão do cargo de líder dos Regeneradores, foi novamente convocada, através da imprensa da época, uma assembleia-geral, na qual deveriam tomar parte todos os ministros de Estado honorários, pares do Reino,

deputados, antigos deputados e antigos governadores civis que em data fixada no anúncio fizessem parte do Partido Regenerador (*Novidades*, 27 de dezembro de 1909: 1). Tratava-se da primeira reunião do partido onde se fazia uso de um critério semelhante para a definição do conjunto de membros com poder de voto, o que é revelador sobre a evolução do grau de maturidade do aparelho partidário, e da sua tentativa (ainda que pouco eficaz) de modernização e fixação do conjunto dos seus membros.

À semelhança do que fizemos com os jornais do partido, recolhemos informações sobre um conjunto de centros locais do Partido Regenerador, que posteriormente cartografámos através dos SIG, na tentativa de obter uma perspetiva mais ampla [Imagen 2] (LUCAS 2019: vol. II, 34-40). A divisão cronológica é análoga à que foi utilizada anteriormente para os mapas relativos às publicações periódicas.

**Imagen 2.** Dispersão nacional dos centros locais do Partido Regenerador (1870-1910)



Fonte: LUCAS 2019: vol. II, 34-40.

Nos primeiros anos em estudo, entre 1870 e 1886, ou seja entre o aparecimento das primeiras informações referentes a centros do partido e o momento imediatamente anterior à morte de Fontes Pereira de Melo, a rede de centros Regeneradores é muito reduzida, sendo a sua atividade essencialmente eleitoral. A dispersão geográfica dos centros não é coerente, surgindo casos pontuais nos distritos de Viana do Castelo, Porto, Viseu, Guarda e Coimbra, aos quais se juntam, mais a sul, um centro em Almada e um em Campo Maior. Aquando da morte de Fontes Pereira de Melo, em 1887, e da sua conturbada sucessão na liderança partidária, surgem informações sobre vários centros Regeneradores. Estes estariam com grande probabilidade em funções em anos anteriores, não tendo sido fundados naquele momento. Não temos, porém, fontes que nos confirmem essa hipótese, pelo que somos forçados a registá-los apenas a partir de 1887.

Neste segundo período vemos que existe uma maior atividade local do partido, nomeadamente no Norte do país, nos distritos de Viana do Castelo, Braga e Bragança, e na área entre os distritos de Portalegre e Castelo Branco. Verificámos ainda que existe uma coincidência entre as regiões com maior presença de centros locais e os círculos eleitorais com vitória Regeneradora nas eleições de 1887 e 1889, pelo menos no que diz respeito aos distritos de Viana do Castelo e Braga, e à região de Castelo Branco, o que sugere uma relação entre estrutura partidária local e eficácia eleitoral (ALMEIDA 1991: 271-273)<sup>10</sup>.

Entre 1891 e 1906, o partido parece entrar uma fase de inatividade no que se refere à dinâmica local, que pode na realidade ter-se ficado a dever à inexistência de momentos de agitação da vida interna do partido, durante os quais os centros locais comunicam mais intensamente com a imprensa do partido na capital. Isto leva-nos a colocar a questão, que fica sem resposta, de saber se alguns dos centros locais identificados em anos anteriores se mantinham em funcionamento, mas não surgindo nas fontes. Por fim, no último período em estudo, dispomos novamente de um maior conjunto de informação no que diz respeito aos centros locais, nomeadamente aquando do falecimento de Hintze Ribeiro e da eleição de Júlio de Vilhena. Mais uma vez se confirma o maior dinamismo dos centros dos distritos do Norte, como Viana do Castelo e Braga, mas também se observa uma maior atividade nos distritos da Guarda e de Viseu. A análise dos dados permite concluir que o Partido Regenerador não dispunha de uma estrutura sólida e organizada de centros locais, com participação eficaz nos momentos eleitorais ou de tomada de decisão interna do partido.

---

<sup>10</sup> As vitórias eleitorais nos círculos da Beira Baixa estiveram também associadas a alianças com o grande influente regional Manuel Vaz Preto.

Tendo em conta as conclusões obtidas anteriormente sobre a dispersão da imprensa periódica do partido, a que agora se somam estas sobre os centros locais, podemos assim responder às questões colocadas inicialmente: a existência e dispersão dos jornais oficiais do Partido Regenerador seguia um modelo essencialmente pessoalista, dependendo de determinados líderes ou grupos locais para garantir o seu financiamento, e retribuindo a estes através da divulgação de informações e do favorecimento da análise jornalística. Além disso, não existia uma rede de centros locais do partido a funcionar de forma coordenada e coesa, existindo sim alguns pontos dispersos no mapa cuja relevância eleitoral é sugerida, mas não comprovada.

A visão de síntese permite-nos concluir que o Partido Regenerador não recorria de forma constante à imprensa e aos centros para chegar aos seus membros e organizá-los, o que nos leva a colocar a questão: de que modo se produzia, então, a comunicação política entre a liderança do partido e os apoiantes e votantes?

### Influentes locais e caciquismo

A ideia apontada pela historiografia ao longo dos anos para responder à pergunta colocada anteriormente tem sido a de que os partidos políticos deste período histórico se amparavam sistematicamente numa rede de caciques e influentes locais, figuras com as quais o partido convivia numa relação assente nos interesses e na troca de favores.

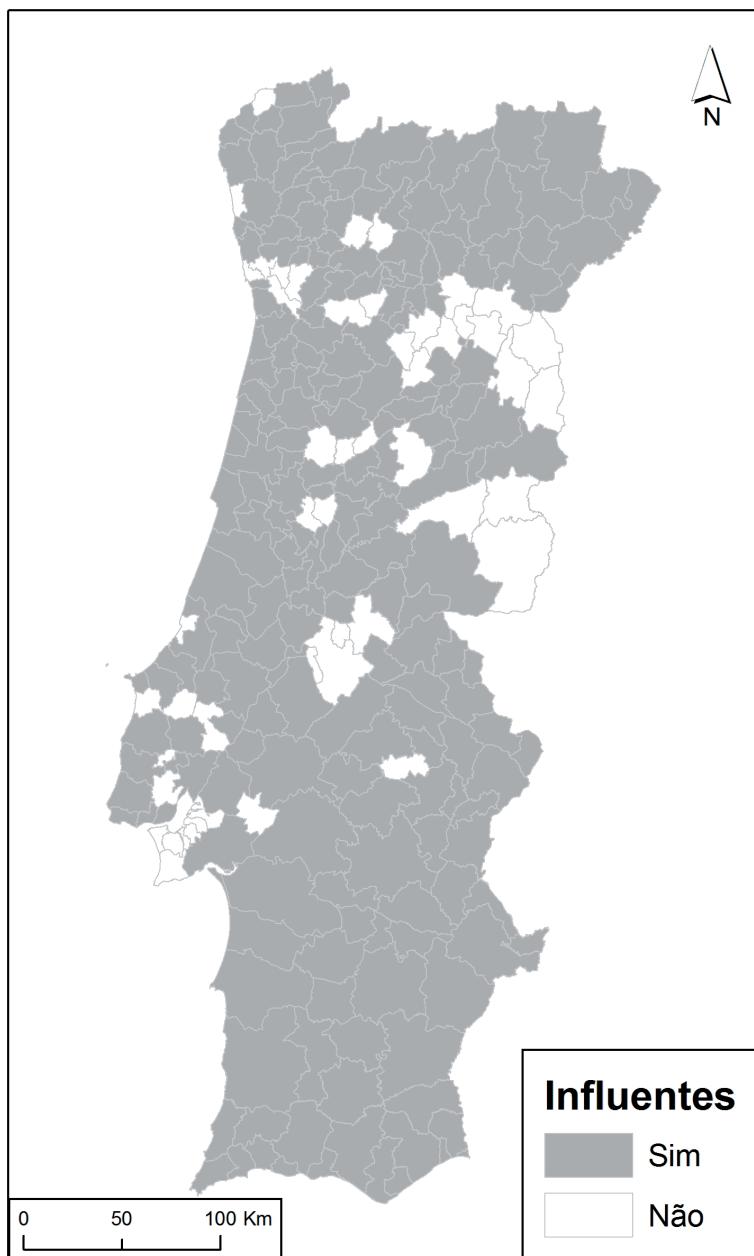
O cacique foi apresentado historiograficamente como “a personagem central das eleições oitocentistas” (ALMEIDA 1991: 129). Os caciques seriam, assim, fundamentais na história política portuguesa do século XIX, sendo muito mais do que meros subordinados dos grandes partidos no contexto local: serviam de intermediários entre o centro e a periferia, entre a liderança partidária e a população, mas mantinham, na maioria dos casos, uma capacidade de intervenção nas decisões que lhes permitia, por exemplo, influir na escolha dos candidatos a deputados por determinado círculo e exigir apoios ou favores em troca de votos<sup>11</sup>.

Dada a inexistência de documentação oficial do Partido Regenerador, recorremos a arquivos de figuras ligadas à sua liderança, que nos permitissem analisar de forma mais detalhada a importância do caciquismo na vida desta organização política.

<sup>11</sup> Sobre a importância do caciquismo na política local, e as características específicas das influências políticas no plano regional, ver o recente estudo de Nuno Pousinho para a região de Castelo Branco (POUSINHO 2016).

No espólio de Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro existe um manuscrito inédito intitulado *Cadastro das Influencias Políticas do Partido Regenerador*, constituído por uma lista extensa e geograficamente organizada de indivíduos identificados como caciques regionais do partido (BPARPD, AERHR, doc. 1.8.9.1, *Cadastro...* [1898-1899]). A recolha dos dados apresentados e sua incorporação nos SIG facultou-nos uma perspetiva mais rigorosa da cobertura real que esta forma de controlo político dava aos Regeneradores [Imagem 3]. Sublinhe-se que este documento, segundo a data atribuída por arquivistas, terá sido elaborado antes do falecimento de António de Serpa Pimentel, ou seja, quando Hintze Ribeiro não era ainda o líder oficial do Partido Regenerador. Contudo, era ele quem controlava a comunicação entre a cúpula partidária e os influentes locais, pelo que este documento é também prova da importância que Hintze Ribeiro tinha nos bastidores do partido enquanto Serpa Pimentel era ainda o líder oficial dos Regeneradores.

**Imagen 3. Influentes do Partido Regenerador [1898-1899]**



Fonte: BPARPD, AERHR, doc. 1.8.9.1, *Cadastro das Influencias Políticas do Partido Regenerador [1898-1899]*.

A análise dos dados permite verificar que a rede de influentes do Partido Regenerador produzia uma cobertura quase global dos concelhos do país, em total disparidade com o que observámos para a imprensa e os centros locais do partido.

Segundo o mapa, as regiões onde, à data, o Partido Regenerador dispunha de um menor sistema de influências políticas eram as Beiras Alta e Baixa, especialmente a zona fronteiriça dos distritos de Castelo Branco e da Guarda, e a região limítrofe do distrito de Lisboa, especialmente no que diz respeito à Península de Setúbal. Esses dados são também interessantes para se perceber algumas questões de natureza local: em Castelo Branco imperava ainda Manuel Vaz Preto, um indivíduo muito autónomo em termos políticos, cujo caciquismo regional se fizera sentir com grande evidência nas décadas anteriores, e que condicionara de forma determinante as relações com os Regeneradores. Vaz Preto tinha, contudo, uma idade avançada, e fizera um acordo com os Progressistas para lhes deixar o seu legado político local, o que se refletia no escasso domínio de influentes Regeneradores na região (POUSINHO 2016: 114-118). Já em Setúbal pontificavam figuras independentes como Mariano de Carvalho e Augusto Fuschini, que obtinham apoios suficientes para conseguir chegar ao Parlamento em eleições intensamente controladas, como foi o caso do escrutínio legislativo de 1901.

Este documento inédito, cujo rico conteúdo pode ainda ser estudado sob diferentes perspetivas, nomeadamente do ponto de vista da prosopografia partidária, confirma o argumento historiográfico que coloca o caciquismo como principal forma de gestão política utilizada pelos líderes partidários portugueses numa fase avançada da Monarquia Constitucional, afastando os grandes partidos políticos dinásticos de qualquer aproximação à política de massas.

## Notas finais

Podemos, assim, concluir que o Partido Regenerador – como outros partidos monárquicos portugueses – não tinha interesse em investir numa rede de jornais e centros locais consistente, o que se refletia na limitada frequência das suas atividades, na irregularidade do seu funcionamento, e no impacto muito reduzido que tinham não apenas na vida partidária mas também no espaço social. Mais relevante ainda é pensarmos que o caciquismo foi tanto causa como consequência disso. A política de influências foi, até ao fim da Monarquia Constitucional, e mesmo depois disso, o principal meio de gestão partidária utilizado pelos líderes políticos<sup>12</sup>. As razões para

<sup>12</sup> O caciquismo num período posterior à Monarquia Constitucional foi estudado por Fernando Farelo Lopes (LOPES 1994).

a manutenção do caciquismo, em detrimento da construção de redes de centros locais e da procura ativa de militantes e adesões, parecem estar ligadas à evidente eficácia deste método na produção dos resultados desejados pelos governantes. Os partidos dinásticos, e como epítome o Partido Regenerador, eram máquinas políticas eficazes na medida em que se movimentavam numa sociedade com características muito específicas, em que o caciquismo era um mecanismo suficientemente seguro para atingir os seus objetivos políticos. A utilização do caciquismo e do clientelismo não era, além do mais, um exclusivo dos partidos da Regeneração, sendo prática corrente tanto em momentos anteriores como noutros países europeus<sup>13</sup>. Em suma, e aqui repousa o nosso argumento, o Partido Regenerador optou pela estratégia do caciquismo, em detrimento da construção de um aparelho partidário de caráter moderno e potencialmente mais democrático, porque aquele se revelou eficaz o suficiente para obter os resultados eleitorais pretendidos e, em última análise, para garantir o poder necessário à sua manutenção enquanto escolha governamental.

## Fontes e Bibliografia

### Fontes manuscritas

Biblioteca Nacional de Portugal, Reservados, Correspondência de Fontes Pereira de Melo, cx. 1, doc. 2, carta de A. G. Ferreira de Castro para Fontes Pereira de Melo, de 14 de setembro [1879].

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Arquivo Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro, doc. 1.8.9.1, *Cadastro das Influencias Políticas do Partido Regenerador* [1898-1899].

### Fontes impressas

PRAÇA, José Joaquim Lopes (1997). *Direito Constitucional Português*, vol. II. Edição fac-símile. Coimbra: Coimbra Editora.

SOUZA, António Teixeira de (1912). *Para a história da revolução*, vol. I. Porto: Typografia da Empresa Literaria e Typográfica.

<sup>13</sup> Um dos exemplos da utilização do clientelismo e da compra do voto em Portugal antes de 1851 foram as eleições de 1842, sob o Cabralismo, estudadas por Sandra Coelho (COELHO 2007). No que diz respeito ao estrangeiro, existem vários estudos nesse sentido para outros países europeus: VARELA ORTEGA 2001; DARDÉ 2012: 47-70; EISENSTADT e LEMARCHAND 1981. Portugal só se apresenta como caso relevante no que diz respeito à interferência direta do governo nos processos de caciquismo eleitoral, em igualdade com as parcialidades políticas da época, o que se deve à “vocação centralizadora” do Estado (ALMEIDA 1991: 26).

## Publicações periódicas

- Diário do Governo*, Lisboa (1851 e 1866).
- Diário Popular*, Lisboa (1872-1896; 1907-1910).
- Jornal do Povo*, Guarda (1909-1810).
- Novidades*, Lisboa (1885-1910).
- O Partido Regenerador*, Lisboa (1887).
- O Popular*, Lisboa (1896-1907).
- Revolução de Setembro*, Lisboa (1849-1892; 1900-1901).

## Estudos

- ALMEIDA, Pedro Tavares de (1991). *Eleições e caciquismo no Portugal oitocentista (1868-1890)*. Lisboa: Difel.
- ALVES, José Augusto dos Santos (2000). *A opinião pública em Portugal, (1780-1820)*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.
- CAETANO, Marcello (1935). *A codificação administrativa em Portugal (Um século de experiência: 1836-1935)*, separata da *Revista da Faculdade de Direito*. Lisboa: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade.
- COELHO, Sandra Maria Esteves (2007). “O Negócio da Urna” – As eleições de 1842. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- DARDÉ, Carlos (2012). “Eleições e recrutamento parlamentar em Espanha”, in Pedro Tavares de Almeida e Javier Moreno Luzón (coord.), *Das urnas ao hemiciclo: eleições e parlamento em Portugal (1878-1926) e Espanha (1875-1923)*. Lisboa: Assembleia da República, 47-70.
- DUVERGER, Maurice (1970). *Os Partidos Políticos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- EISENSTADT, S. N. e LEMARCHAND R. (dir) (1981). *Political clientelism, patronage and development*. London: Sage.
- FERNANDES, Paulo Jorge (2004). “AZEVEDO, Lourenço de Almeida e”, in Maria Filomena Mónica (dir.), *Dicionário Biográfico Parlamentar: 1834-1910*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa/ Assembleia da República, I, 272-273.
- FERNANDES, Paulo Jorge (2012). “Os Actos Adicionais à Carta Constitucional de 1826”. *História Constitucional*, 13, 563-583.
- LOPES, Fernando Farelo (1994). *Poder político e caciquismo na 1ª República Portuguesa*. Lisboa: Estampa.
- LUCAS, Patrícia Isabel Gomes (2019). *Partidos e política na Monarquia Constitucional: o caso do Partido Regenerador (1851-1910)*. Tese de Doutoramento em História Con-

- temporânea. 2 vol. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, e SOUSA, Fernando de (coord.) (2003). “Portugal e a Regeneração”, in Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.), *Nova História de Portugal*, vol. X. Lisboa: Editorial Presença.
- MARTINS, Conceição Andrade (1997). “Trabalho e condições de vida em Portugal (1850-1913)”. *Análise Social*, XXXII (142), 483-535.
- MIRANDA, Paula Cristina Galvão Mateus (2002). *As origens da imprensa de massas em Portugal: o Diário de Notícias (1864-1889)*. Dissertação de Mestrado em Estudos Históricos Europeus. Évora: Universidade de Évora.
- MÓNICA, Maria Filomena (1996). “As reformas eleitorais no constitucionalismo monárquico, 1852-1910”. *Análise Social*, vol. XXXI (139), 1039-1084.
- MÓNICA, Maria Filomena (2004). “CABRAL, Miguel Osório”, in Maria Filomena Mónica (dir.), *Dicionário Biográfico Parlamentar: 1834-1910*, vol. I. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa/ Assembleia da República, 516-517.
- POUSINHO, Nuno Manuel Camejo Carriço (2016). *Pretos e Brancos. Liberalismo e Caciquismo no distrito de Castelo Branco (1852-1910)*. Tese de Doutoramento em História Contemporânea. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- RAMOS, Rui (1988). “Culturas da alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à História da Alfabetização no Portugal contemporâneo”. *Análise Social*, XXIV (103-104), 1067-1145.
- RAMOS, Rui (coord.) (1994). *A Segunda Fundação (1890-1926)*, in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa.
- SARDICA, José Miguel (2012). “O poder visível: D. Carlos, a imprensa e a opinião pública no final da monarquia constitucional”. *Análise Social*, XLVII (203), 344-368.
- SOARES, Maria Isabel (2006). “VASCONCELOS, António de Carvalho Coutinho e”, in Maria Filomena Mónica (dir.), *Dicionário Biográfico Parlamentar: 1834-1910*, vol. III. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa/ Assembleia da República, 969-970.
- SOUSA, Marcelo Rebelo de (1983). *Os partidos políticos no direito constitucional português*. Braga: Livraria Cruz.
- TENGARRINHA, José (1989). *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- VARELA ORTEGA, José (2001). *Los amigos políticos: partidos, elecciones y caciquismo en la restauración (1875-1900)*. Madrid: Marcial Pons.
- WEBER, Max (1979). *O político e o cientista*. Lisboa: Editorial Presença.



# Visões do Império: a coleção fotográfica da brigada de estudo e construção do caminho de ferro de Moçâmedes (c. 1907 – c. 1914)

*Visions of the Empire: the photo collection of the survey and construction brigade of the Moçâmedes railway (c. 1907 – c. 1914)*

HUGO SILVEIRA PEREIRA<sup>1</sup>

Universidade Nova de Lisboa – CIUHCT

U. York – Department of History

hugojose.pereira@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7706-2686>

Texto recebido em / Text submitted on: 27/11/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 16/10/2020

**Resumo.** No início do século XX, o governo português iniciou a construção de um caminho de ferro no distrito de Moçâmedes, no sul da sua colónia de Angola. As obras e posteriormente a operação da ferrovia deixaram uma considerável coleção de fotografias, que são estudadas neste trabalho. Partindo do princípio de que, ao invés do que afirmavam os seus promotores, a fotografia é um documento iminentemente subjetivo, explícito neste artigo as representações contidas nas imagens, recorrendo a uma metodologia que combina semiótica com análise fotojornalística. Demonstro como a fotografia foi utilizada para construir uma imagem de Portugal como uma nação moderna e tecnológica de vocação imperial, que cumpria a sua parte da missão de *civilizar África e educar* os seus habitantes no modo de vida europeu, ainda que muitas vezes à custa de atitudes discriminatórias e racistas. Contribuo assim para o debate sobre a fotografia como instrumento de Império.

**Palavras-chave.** Fotografia, colonialismo, tecnologia, racismo, representações.

**Abstract.** In the beginning of the twentieth century, the Portuguese government began the construction of a railway in the Moçâmedes district, in the south of its colony of Angola. The works and afterwards the operation produced a fair collection of photographs, which is studied in this paper. Drawing from the assumption that, despite what its promoters touted, photography is a highly subjective document, I explain in this article the representations embedded in those images, using a methodology combining semiotics with photojournalism analysis. I show how photography was used to build an image of Portugal as a modern and technological nation with imperial leaning that did its part on the mission of *civilising Africa and educating* its inhabitants in the European ways, albeit many times with discriminatory and racist attitudes. Therefore, I add to the debate about photography as a tool of Empire.

**Keywords.** Photography, colonialism, technology, racism, representations.

<sup>1</sup> Financiado por Fundos Nacionais no âmbito do CIUHCT (UID/HIS/00286) e moldura legal criada pelo decreto-lei 57/2016 e pela lei 57/2017. Gostaria de agradecer ao Arquivo Histórico Ultramarino e ao Centro Português de Fotografia a cedência das imagens usadas neste artigo.

## Introdução

A literatura sobre o papel da tecnologia no colonialismo de meados do século XIX e inícios do século XX aponta o caminho de ferro, a navegação a vapor, o telégrafo, o quinino e as armas de fogo como principais instrumentos de Império (HEADRICK 1981:14). Mais recentemente, diversos autores adicionaram a fotografia àquela lista (RYAN 1997: 12-13; ver MARTINS 2014 e VICENTE 2015a para o contexto português). Neste artigo, contribuo para este último debate, através de um caso de estudo, analisando um conjunto de fotos produzidas no contexto do reconhecimento e construção de um caminho de ferro em Moçâmedes, no sul de Angola. Explico como a fotografia foi um importante elemento para demonstrar a agência colonial e *missão civilizadora* (JERÓNIMO 2015) de Portugal no sul de Angola e para patentear que era uma nação moderna, com vocação imperial e verdadeiramente *europeia* que investia em ciência e tecnologia como os países do centro da Europa (DIOGO, LAAK 2016: X). Neste sentido, abordo diversos aspectos ligados à implementação da ferrovia, à paisagem envolvente e à relação entre colonizadores e colonizados, considerando a ferrovia como um *hotspot* do processo colonial, onde as relações de dominação imperial e o impacto visual da tecnologia são mais evidentes.

A fotografia era uma atividade praticada em Portugal desde 1850, tendo conhecido um desenvolvimento considerável, tanto na metrópole como no ultramar, a partir da década de 1870 e principalmente no final de século, com a simplificação dos processos fotográficos (SENA 1998: 40-51 e 147). Como produto de ciência e tecnologia, era-lhe atribuída uma objetividade mecânica, que ia ao encontro da vontade da época de reprimir uma “wilful intervention of the artist-author and to put in its stead a set of procedures that would [...] move nature to the page through a strict protocol, if not automatically” (DASTON, GALISON 2007: 121). As imagens fotográficas eram tidas como completamente objetivas, ao contrário dos desenhos ou pinturas, manchadas pela subjetividade dos seus autores (RYAN 1997: 17, 62 e 214-215). A este respeito, o intelectual português oitocentista, Luciano CORDEIRO (1885: VIII), afirmava que a fotografia representava “o que se viu, não como o qual viu, mas como é”. Embora esta objetividade fosse mais ilusória que real, como veremos mais adiante, transformou a fotografia num instrumento de poder, de controlo e de produção de ideologia (KELSEY 2016: 90; OSBORNE 2003: 179).

A fotografia colonial (que, no caso português, era praticada desde a década de 1860) apresenta um conjunto de características específicas, que importa também ter em conta. No contexto colonial, a fotografia era considerada mais

um exemplo da superioridade tecnológica europeia, que, ao mostrar África como um território selvagem, justificava a missão europeia de *civilizar* o continente e os seus habitantes, naturalizando assim o processo imperial. Como instrumento objetivo, as suas imagens eram consideradas factos científicos, que, ao serviço da geografia, propagandeavam a fertilidade e riqueza mineral de África, e, ao serviço da antropologia e da etnografia, validavam os preconceitos em relação aos africanos, tidos como seres inferiores, carentes da orientação do europeu. Esta era a imagem criada pela fotografia, que, para muitos, constituiu o único contacto e a única experiência que alguma vez tiveram com as colónias, aqui residindo a importância da especificidade da fotografia colonial (DIAS 1991: 67-71 e 76; ROCHA, MATOS 2019: 167-172; RYAN 1997: 30-31, 40, 46, 72, 143; VICENTE 2015b: 18). Por estes motivos, a hermenêutica usada na análise de imagens fotográficas exige algumas reflexões prévias. Assumo desde logo que a objetividade da fotografia é uma falácia. Ainda que se possa argumentar que uma imagem preservou autenticamente um momento no espaço-tempo, todos os passos do ato fotográfico contribuíram para a tornar um documento subjetivo: antes do *clique*, o fotógrafo escolheu o assunto a retratar, o ângulo e a pose dos personagens, tendo em vista atingir certos objetivos; depois, a revelação e a escolha dos meios de divulgação trataram de difundir a mensagem construída pelo autor entre um público específico (DUBOIS 1992: 45). Assim, as imagens fotográficas não são neutras, nem o seu significado evidente. Pelo contrário, apresentam uma “deceptive appearance of naturalness and transparency concealing an opaque, distorting, arbitrary mechanism of representation” (MITCHELL 1986: 2). A este respeito, BARTHES (1972: 109-156), baseando-se na metodologia semiótica, argumenta que numa fotografia se podem encontrar três elementos distintos: o significante (o objeto retratado e/ou realçado pela legenda), o significado (a mensagem passada) e o signo (o mito criado pela composição).

Para interpretar estas imagens e aceder às mensagens e aos mitos criados, é necessário ter em atenção alguns elementos e seguir um conjunto de regras. Desde logo, existem dois elementos fulcrais para a interpretação de fotografias (que, porém, nem sempre estão disponíveis): o seu autor (formação, ligação com o objeto retratado) e a sua legenda, que de imediato direciona o olhar do observador para um certo ponto, pessoa ou representação que o fotógrafo deseja valorizar (FRANKLIN et al. 1993). Geralmente, importa também definir qual a audiência provável da imagem, se um grupo em particular (um governo, uma sociedade académica, uma família), se o público em geral (através da imprensa). De qualquer modo, mesmo que as imagens não se destinem a uma divulgação generalizada, revelam as representações do fotógrafo e, em

certa medida, do grupo social ao qual pertence (OSBORNE 2003: 185), que é o que procuro neste artigo. Por fim, há que ter em conta o contexto da época no qual fotografia e o seu autor se inserem. Para tal, torna-se essencial incluir documentação escrita coeva para identificar com mais precisão as representações presentes nas figuras, tendo em conta que a fotografia é indissociável da cultura escrita, a qual contribui para a construção dos significados da imagem (DANIELS, COSGROVE 1988: 2; VICENTE 2015b: 12). Neste sentido, não difere muito da análise documental propriamente dita, a qual deve cotejar documentos diversos (de diferentes entidades), de natureza distinta (quantitativos e qualitativos) de modo a conduzir a conclusões mais abrangentes. Por fim, convém ter em atenção o que não ficou plasmado nas fotografias, o que por qualquer razão foi omitido ou escondido.

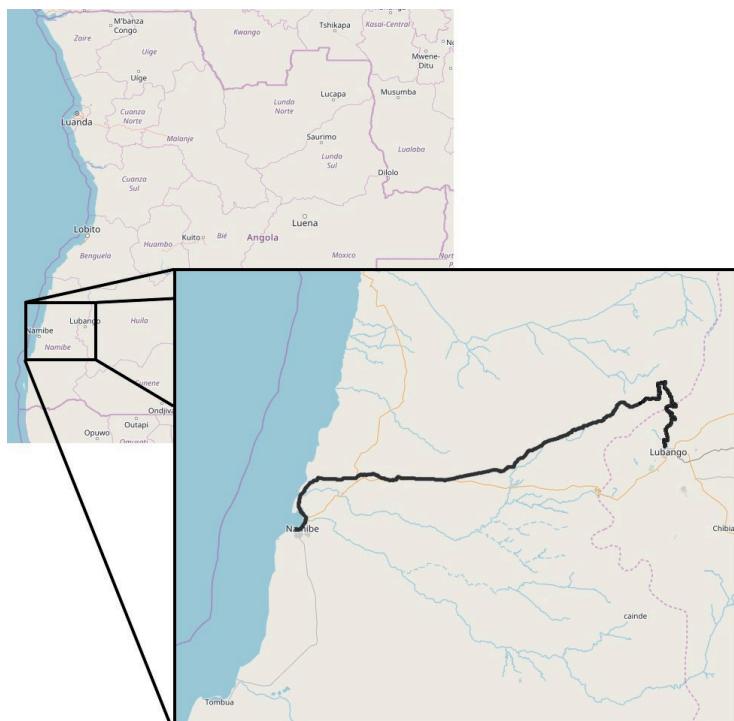
Para o caso em concreto do *corpus* deste artigo (fotografias do estudo e construção de uma via-férrea em Moçâmedes), além destas regras, adaptei uma metodologia específica, normalmente aplicada a estudos de fotojornalismo (BENETTI 2007: 112-113), mas que para os objetivos propostos satisfaz plenamente: categorizei as imagens em conjuntos com características similares, de acordo com o significante predominante, para depois proceder ao seu exame iconográfico (ver capítulo seguinte para mais detalhes).

## 1. O caminho de ferro de Moçâmedes e as fotos da brigada técnica

A história do caminho de ferro de Moçâmedes e do conjunto de fotografias analisado neste artigo não pode ser dissociada da história da colonização portuguesa do sul de Angola, onde o povoamento luso se fazia sentir mais assertivamente desde meados do século XIX, tanto no litoral (Moçâmedes e Porto Alexandre, atual Tômbua), como no planalto interior da Chela (São Januário e Sá da Bandeira, fundadas na década de 1880, atualmente Humpata e Lubango). A presença portuguesa foi fortemente hostilizada pelos povos locais, tendo-se registado vários combates entre europeus e africanos. Simultaneamente, Inglaterra e sobretudo a Alemanha procuravam estender a sua soberania política a estes territórios (ALEXANDRE, DIAS 1998: 420-425, 492-497 e 505; MARQUES 2001: 268-274). Neste sentido, um caminho de ferro era aventado como uma solução que não só facilitaria o povoamento e exploração dos recursos locais por europeus, reforçando a soberania portuguesa localmente, como poderia contribuir para a subjugação dos nativos.

As primeiras referências à construção de uma via-férrea de Moçâmedes ao *hinterland* angolano datam da década de 1880, quando Capelo e Ivens a propuseram

ao governo. Na sequência desta petição, o engenheiro Joaquim José Machado foi incumbido pelo ministro da Marinha e Ultramar, Ressano Garcia, do seu estudo prévio. Contudo, a construção nunca avançou por não ser uma prioridade do Estado. Até que, em 1905, na sequência do *massacre do Cunene* (uma humilhante derrota do exército português às mãos dos *kwamatos*), o governo decidiu contrair um empréstimo para proceder ao estudo e construção daquela via-férrea. Dois anos depois, foi criada a Direção do Caminho de Ferro de Moçâmedes (onde se inseria a brigada de estudos e construção), com o encargo de fixar no terreno a diretriz final da linha e proceder ao seu assentamento e operação. Diversas secções foram sucessivamente inauguradas entre 1907 e 1923, quando a linha chegou a Sá da Bandeira (fig. 1), graças ao contributo de vários engenheiros e técnicos auxiliares (NAVARRO 2018: 455-480).<sup>2</sup>



**Fig. 1.** Linha de Moçâmedes até Sá da Bandeira.

Fonte: sharemap.org e elaboração própria.

<sup>2</sup> Em meados do século XX, a linha foi prolongada até Serpa Pinto (Menongue).

Este processo deixou um vasto universo documental, que inclui correspondência oficial, desenhos técnicos, encomendas, relatórios diversos, estatísticas, etc. Só o Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) guarda mais de 80 caixas e maços, cada um com centenas de documentos. Adicionalmente, é possível encontrar um número considerável de fotografias, produzidas no mesmo contexto. No AHU e no Centro Português de Fotografia (CPF), reuni uma coleção com 203 imagens (originais em papel de gelatina e prata), que retratam diversos aspectos relativos à linha e ao território atravessado entre 1907 e 1914. Abrangem o estudo da ferrovia até ao planalto da Huíla e a construção e operação até à estação de Bela Vista (ao km 176, na subida da Chela), bem como detalhes da paisagem e habitantes locais (europeus e nativos)<sup>3</sup>.

As fotografias do AHU (97 ao todo) cobrem um período maior e estão espalhadas por vários relatórios enviados pelos engenheiros da obra ao ministério da Marinha e Ultramar. Por este motivo, ilustram sobretudo os trabalhos ligados à construção e operação ferroviária. Apenas uma mostra um aspecto da paisagem sul-angolana (rio) e mesmo assim para ilustrar as dificuldades advindas da elevada pluviosidade da região. Já os espécimes do CPF (106) estão reunidos em dois álbuns distintos. O primeiro faz parte da coleção particular da família Botelho, que viveu em Moçâmedes no início de Novecentos. Foi editado por M. Nunes de Oliveira em 1908 e conta com 47 imagens (e um mapa). O segundo álbum parece ter sido editado em 1910 como uma homenagem a um dos engenheiros da brigada, José Artur Fernandes Torres (a página de abertura apresenta dois retratos seus com o lema “Honra e Trabalho” e três fotos têm precisamente este homem como protagonista)<sup>4</sup>, e foca-se no biénio 1909-1910. É composto por 101 fotografias, mas 42 delas são reproduções de fotos do álbum anterior, capas ou mapas (ou seja, contém 59 originais)<sup>5</sup>. Estes dois álbuns, em termos de conteúdo, são mais variados que a coleção do AHU. A atividade ferroviária é naturalmente importante, mas justifica apenas um terço da amostra. As restantes imagens retratam a geografia local, os passatempos dos dirigentes da empreitada, as atividades dos colonos e os nativos (ver abaixo os detalhes da categorização da amostra). Por estas razões, pode supor-se a

<sup>3</sup> AHU, *Caminho de Ferro de Moçâmedes* (adiante CFM), cx. 287 1H e mcs. 271 1H, 275 1H, 278 1H e 283 1H. CPF, *Coleção Alcídia e Luís Viegas Belchior, Brigada de Estudo do Caminho de Ferro de Mossamedes, 1909/1910* (adiante CALVB-BECFM), PT/CPF/CNF-CALVB/0035; Família Botelho, *Brigada de Estudos do Caminho de Ferro de Mossamedes*, PT/CPF/BTL/0001. Ao todo, encontrei 246 fotos, mas 43 delas são duplicados, capas ou mapas.

<sup>4</sup> CPF, CALVB-BECFM, PT/CPF/CNF-CALVB/0035/000001, 28, 44 e 68. Além de engenheiro, Fernandes Torres foi também senador na I República, em representação da colónia de Angola (MARQUES et al. 2000: 424).

<sup>5</sup> Este último álbum está disponível online em [digitarq.cpf.arquivos.pt/DetailsForm.aspx?id=88242](http://digitarq.cpf.arquivos.pt/DetailsForm.aspx?id=88242), razão pela qual será mais usado neste artigo.

existência de dois públicos-alvo: as fotos *ferroviárias* destinavam-se aos olhos das autoridades públicas, ao passo que as restantes seriam para uso pessoal. Contudo, não oímos que a imprensa da época estava sempre interessada em publicar fotos das colónias (MARTINS 2014), pelo que os fotógrafos poderiam ter também esta preocupação em mente quando usavam as câmaras.

Por outro lado, há a certeza de que os autores das fotografias foram os membros da brigada, o que confere à amostra alguma homogeneidade (apesar das diferentes audiências, os autores e as suas representações eram os mesmos). As fotos não estão assinadas, mas um punhado delas identifica diversos técnicos como fotógrafos: o apontador Amaral, os condutores Peyroteo e Palma e o major Barata Feio (uma delas está presente em ambos os acervos, AHU e CPF). A fotografia fazia parte da formação técnica dos engenheiros, havendo, além disso, vários cursos e manuais para amadores (MACEDO 2009: 310-314; SENA 1998: 53-55 e 139), pelo que não surpreende ver técnicos auxiliares a manejarem máquinas fotográficas. Por fim, a maioria das fotos está legendada, o que enriquece igualmente o *corpus*, pelas razões que já aduzi.

Para analisar este universo iconográfico, dividi-o em categorias específicas: obra ferroviária, trabalho, operação, obra acessória, lazer, paisagem, colonização e etnografia. A categoria *obra ferroviária* inclui todas as imagens de estudos de terreno e de construções (estações, linha, obras de engenharia, tanto completas como em edificação), nas quais elementos humanos estão ausentes ou praticamente ausentes (figs. 3 e 6); em *trabalho*, inseri fotos com o mesmo carácter, mas onde a presença humana é mais forte (fig. 11); *operação* completa as categorias de temática ferroviária com fotografias do caminho de ferro em pleno funcionamento (figs. 4 e 5). *Obra acessória* abrange aquelas atividades de apoio à ferrovia, mas que podem ter uma funcionalidade autónoma, como por exemplo uma ponte-cais (fig. 7); *lazer* reúne diversões e momentos de confraternização entre os agentes ferroviários (fig. 9); em *paisagem*, agreguei acidentes orográficos e vegetação encontrados na região (fig. 8); *colonização* diz respeito a todas as estruturas da presença europeia no território, exceto o caminho de ferro (fig. 12); por fim, *etnografia* junta retratos dos povos autóctones em contexto não-laboral (fig. 10). Embora esta categorização siga em grande medida o olhar colonial, segue também o processo de produção da fonte, o que permite estabelecer uma metodologia de análise que aceda mais eficazmente à produção de representações dos homens que tiraram as fotografias.

Como seria de esperar, considerando o objetivo original da brigada, os aspetos ligados à ferrovia predominam com cerca de dois terços da amostra (fig. 2). Contudo, as imagens de detalhes etnográficos e paisagísticos têm uma presença considerável. Nesta diversidade reside a grande riqueza da amostra:

apesar de o objetivo principal ser a construção e operação de um caminho de ferro, os fotógrafos interessaram-se por mais aspectos do que aqueles ligados unicamente à sua missão, como veremos no capítulo seguinte.

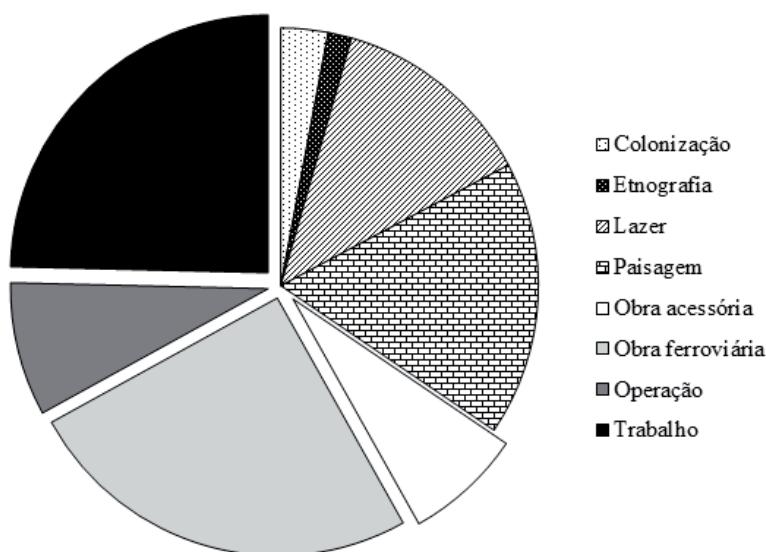


Fig. 2. Distribuição da amostra por categoria temática (legendas *cheias* concernem a atividade ferroviária enquanto legendas *em padrão* respeitam a todas as outras).

Fonte: Elaboração própria a partir das fontes indicadas na nota 3.

## 2. Significados iconográficos: *progresso, civilização, propaganda*

As fotografias recolhidas ostentam um simbolismo próprio e passam uma mensagem específica. Contudo, foram também produzidas com um objetivo mais instrumental. Aliás, desde o século XIX que a fotografia se tornara um instrumento profissional dos engenheiros, para os quais era fulcral documentar a construção de caminhos de ferro (e obras públicas em geral) de modo a avaliar a integridade dos edifícios, a evolução da empreitada e o desempenho dos maquinismos. Simultaneamente, era uma forma de mostrar aos seus superiores hierárquicos o bom andamento dos trabalhos (MATOS 2014; OLIVEIRA 2018: 698, 702, 707). As diversas imagens da amostra retratando obras de arte (pontes e viadutos), trincheiras, terraplanagens, edifícios ferroviários (oficinas, armazéns, cocheiras), locomotivas e comboios buscavam aquele fito. A figura 3 ilustra bem esta questão, com quatro imagens de quatro fases diferentes da

edificação da estação de Moçâmedes, desde o levantamento da estrutura, até ao acabamento do telhado e a pintura exterior.



Fig. 3. Estação de Moçâmedes em diversas fases da sua construção (1907-1910).

Fontes: AHU, CFM, mçs. 271 1H e 275 1H; CPF, CALVB-BECFM, PT/CPF/CNF-CALVB/0035/000012.

Estas fotos de *obra ferroviária* pretendiam atingir outros objetivos, menos técnicos e mais simbólicos. No século XX, as estações ferroviárias mantinham-se símbolos de *modernidade* e *progresso* (RICHARDS, MACKENZIE 1986: 334). Em Portugal, Pinheiro Chagas considerava-as o “templo do progresso material” (citado por ABRAGÃO 1956: 65). No contexto específico do sul de Angola, a sua robustez, evidenciada através da fotografia, contrastava com o aspeto inóspito do território (PEREIRA 2018: 159-160) e com a arquitetura vernacular, afirmando-se como uma marca indelével da presença portuguesa. As próprias legendas das imagens contribuem para este protagonismo, ao se focarem exclusivamente no edifício, obliterando quaisquer elementos que pudessem distrair o observador.

Papel semelhante e complementar era desempenhado por imagens de locomotivas e comboios, que, no início de Novecentos, ainda eram representantes máximos do *sublime técnico* (KASSON 1976: 162-180), especialmente no contexto colonial, caracterizado como selvagem, atrasado e carente de tecnologia. Adicionalmente, locomotivas, carruagens e vagões eram fomentadores de circulação e mobilidade, dois conceitos prometidos como garantes de

*progresso e civilização* pelo ideário saint-simoniano, que baseara o racional dos melhoramentos materiais oitocentistas e a formação técnica dos engenheiros nacionais (MACEDO 2009: 19). Estabelecer circuitos frequentes, fáceis e múltiplos era assim condição essencial para vencer as grandes distâncias que separavam povoados em Angola e favorecer a sua “coesão social”, a iniciativa empresarial e a ação colonizadora do Estado. A este respeito, o engenheiro colonial, Joaquim José Machado, considerava a locomotiva, a par da máquina a vapor, das estradas, do armamento ocidental, o meio mais eficaz para o “aperfeiçoamento intelectual” do indígena (citações retiradas de NAVARRO 2018: 262 e 320).

Especificamente sobre a região meridional de Angola, diversos colonialistas sustentavam uma retórica semelhante. Barahona e Costa, por exemplo, asseverava ser “inutil pensar na colonização dos planaltos do sul de Angola, enquanto não levarmos ali os caminhos de ferro” (COSTA 1901: 444). Já a Junta Consultiva do Ultramar, órgão consultivo do ministério respetivo, via num caminho de ferro partindo de Moçâmedes para o interior “mais uma evidente e irrecusável afirmação [...] do seu [de Portugal] empenho em contribuir para a grande empreza da civilização de África”<sup>6</sup>, enquanto a Junta Consultiva de Obras Públicas e Minas via na ferrovia “condição indispensável para o desenvolvimento da raça branca, sem a qual a prosperidade de qualquer colónia, e a própria civilização do continente africano não é possível”<sup>7</sup>.

Em Angola, os governadores-gerais, Ramada Curto e Ferreira da Costa, afinavam pelo mesmo diapasão, antevendo que o caminho de ferro de Moçâmedes seria “instrumento económico do seu [dos africanos] progresso e civilização” e “maravilhoso instrumento de desenvolvimento económico e civilizador de todo o sul da província”<sup>8</sup>.

A inserção dos nativos nos fluxos associados à ferrovia fazia também parte desta *missão civilizadora*, se bem que através de métodos expressamente discriminatórios e racistas. Foi neste sentido que, em 1907, a Junta Consultiva do Ultramar sugeriu a existência na linha de Moçâmedes de uma quarta classe de passageiros exclusivamente para negros, para que “o indígena rude e ignorante se habitue e affeçoe a ser transportado em caminho de ferro”<sup>9</sup>. A este respeito, importa acrescentar que os nativos eram admitidos às restantes classes, mas à primeira somente tinham acesso “pretos civilizados” e na condição de não

<sup>6</sup> AHU, CFM, cx. 279 1H, parecer de 10.8.1899.

<sup>7</sup> Revista de Obras Públicas e Minas, 249-250 (1890), 324.

<sup>8</sup> AHU, CFM, mç. 278 1H, relatórios de 26.1.1905 e 10.12.1906.

<sup>9</sup> Ibid., tarifas, parecer de 4.3.1907.

viajarem com passageiros brancos<sup>10</sup>.

Parte desta retórica encontra-se plasmada nas figuras 4 e 5. Na primeira, se bem que a legenda aponte para as estruturas circundantes (toma de água e barracão), a locomotiva, colocada ao centro da imagem, contrastando com a clareza da envolvente, toma o protagonismo. É passada a mensagem da inexorabilidade da máquina, veiculadora do *progresso*, mesmo em condições adversas como a vasta aridez da paisagem de Moçâmedes. A figura 4 retrata um comboio transportando negros, assim demonstrando a inclusão dos nativos nos melhoramentos materiais implementados pelos colonizadores portugueses. A menção na legenda às festas de Quipola sugere o alargamento das relações comerciais graças ao comboio e ao caminho de ferro, que facilitavam o transporte de potenciais consumidores para centros de produção, consumo e comércio (neste caso, a fazenda Quipola, a poucos quilómetros de distância de Moçâmedes).



Fig. 4. Aspetto da linha de Moçâmedes: locomotiva em toma de água (1907).

Fonte: AHU, CFM, mç. 275 1H.

<sup>10</sup> Ibid., vol. 1, proc. 7, exploração, ofício de Arnaldo Novais (da Junta Consultiva do Ultramar) de 7.10.1907.



Fig. 5. Comboio de passageiros (1908).

Fonte: AHU, CFM, mç. 275 1H.

A locomotiva não pode ser dissociada da infraestrutura por onde circula. Se a via-férrea sem a máquina de pouco vale, a máquina para circular e cumprir o seu papel precisa da via-férrea. Daí que o material fixo (a via propriamente dita) tenha também merecido a atenção do olhar dos seus construtores. De entre os seus elementos constituintes, as obras de arte ou de engenharia (viadutos, pontes, túneis) assumiam particular relevo, como *obras civilizadoras* (DREICER 2000: 139) que *domesticavam* a Natureza (DIOGO 2009), pela forma como permitiam atravessar obstáculos geográficos que durante décadas restringiam a mobilidade local. No caso da linha de Moçâmedes, tais obras não abundavam. Os engenheiros adaptaram a via o mais que puderam ao terreno, no sentido de diminuir o custo de construção, pelo que na maioria das vezes só foi exigida a construção de pequenos pontões. Todavia, algumas secções não puderam ser feitas sem obras de engenharia mais complexas, como foi o caso da travessia do rio Giraul, cerca de 15 km a norte de Moçâmedes, que exigiu a construção de uma ponte com algumas dezenas de metros de extensão. A figura 6 retrata a obra, que não pode, de todo, ser considerada muito volumosa ou imponente. De qualquer modo, representava a conquista de um acidente geográfico que, pelas condições climatéricas locais (chuvas abundantes em fevereiro e março que “caíam em verdadeiros lençóis de água [...] e produziam a sensação de que tudo ia ser arrastado pelas correntes que impetuosamente num

momento se formavam”<sup>11</sup>), se tornava imprevisível. Aliás, isto mesmo é realçado na legenda da foto, que indica que foi tirada pouco tempo depois da máxima cheia do rio. Implicita fica a ideia de resistência da ponte (e consequentemente do génio do engenheiro português) face ao clima adverso local. A retidão e paralelismo das linhas da obra, bem como ordem e precisão da mesma (conotados com *progresso* e *modernidade*), rivalizavam com a desordem e caos da paisagem envolvente (conotados com *barbarismo* e *primitivismo*), acentuando a agência *domesticadora* e *civilizadora* da ponte (cf. FORTIER-KRIEGEL 2005: 93 e 98; RYAN 1997: 40-42).



**Fig. 6.** Ponte sobre o Giraul (1910).

**Fonte:** AHU, CFM, mç. 271 1H.

Algo semelhante se pode dizer em relação à modesta infraestrutura portuária construída na localidade de Saco, 10 km a norte de Moçâmedes, que dava apoio logístico à linha. A figura 7 atesta a sua simplicidade, mas também a capacidade de receber vapores. Ficava assim demonstrada a conjugação necessária do caminho de ferro com um porto e com outra ferramenta de Império – o barco a vapor – que asseguravam a ligação com a metrópole e com os mercados fornecedores de produtos transformados e clientes de produtos coloniais.

<sup>11</sup> Ibid., cx. 287 1H, relatório de 30.4.1909.



Fig. 7. Ponte-cais do Saco (1909).

Fonte: AHU, CFM, mç. 287 1H.

A exaltação do papel da obra pública e sequentemente da capacidade do engenheiro no projeto colonial era destacada através de fotos da paisagem envolvente vista ao longo da linha ou desde o estaleiro de construção, que demonstravam o aspecto original do território antes da intervenção humana (fig. 8). A densa vegetação, o acidentado do terreno, as imponentes elevações orográficas contribuíam para um significado de exotismo, beleza e esplendor, mas também de perigo, dificuldades e inexorabilidade, além de desordem e ausência de *civilização*. Tais imagens confirmavam visualmente os relatos escritos sobre as colónias, como o do ministro da Marinha e Ultramar, Eduardo Vilaça, que, em 1899, falava no parlamento de “todos estes benefícios [diversas obras públicas], que são o producto de um trabalho difficult, violento e, por vezes, perigoso”<sup>12</sup>. Era igualmente uma recordação do que era o passado, em contraste com as imagens do caminho de ferro que representavam o futuro. A fotografia servia aqui como “a way of moving into the future by reorienting oneself to the past” (KELSEY 2016: 80).

<sup>12</sup> Diario da Camara dos Deputados (adiante DCD), 20.3.1899: 51.



Fig. 8. Aspetto da subida da Chela (1908).

Fonte: CPF, CALVB-BECFM, PT/CPF/CNF-CALVB/0035/000025.

As imagens de atividades de recreio e lazer reforçavam, por um lado, a representação de dureza de África, mas, por outro, aligeiravam-no, demonstrando que mesmo nos confins do sertão africano era possível aceder aos confortos e práticas da *civilização*. Por exemplo, uma das fotos do álbum de homenagem ao engenheiro Torres ilustra as dificuldades de higiene enfrentadas pelos membros da brigada, realçando, na legenda, que aquele era o primeiro banho tomado em um ano<sup>13</sup>. Outras, porém, realçam a abundância de caça, a possibilidade de realizar “memoráveis” e “domingueiros” almoços, a disponibilidade de tempo para devaneios poéticos<sup>14</sup> e, inclusivamente, o prazer de poder fazer a barba em plena selva (fig. 9).

<sup>13</sup> CPF, CALVB-BECFM, PT/CPF/CNF-CALVB/0035/000101.

<sup>14</sup> Ibid., PT/CPF/CNF-CALVB/0035/000047, 81, 83 e 84.



Fig. 9. Membro da brigada faz a barba, enquanto uma criança negra segura o espelho e o sabão (1908).

Fonte: CPF, CALVB-BECFM, PT/CPF/CNF-CALVB/0035/000078.

Esta última imagem abre portas para um importante aspecto da construção de ferrovias coloniais em particular e da presença portuguesa em África em geral: a relação com os negros. África era representada como a ausência de progresso, de tecnologia, de educação, de ambição e os seus habitantes nativos como ébrios, preguiçosos e com modos primitivos, que era preciso *educar* e *civilizar* (JERÓNIMO 2015: 60-61). Em finais do século XIX, os nativos eram descritos ou como uma “horda de selvagens e assassinos” (MESQUITA 1890: 24) ou como jazendo “mais ou menos profundamente immersos nas trevas da ignorancia e da selvageria”<sup>15</sup>. As poucas fotografias da brigada de Moçâmedes que retratam os locais acentuavam e legitimavam estas representações, demonstrando a simplicidade e fragilidade das suas casas e vestuário e a nudez das suas mulheres como se fossem provas do seu alegado atraso civilizacional e da necessidade de intervenção europeia. Numa das imagens, a postura dos retratados é mais submissa e ingénua, evidenciando espanto e temor na presença da câmara; noutra, a pose é claramente mais desafiante, com semblantes bem mais carregados, mostrando desprazer e oposição perante o fotógrafo (fig.

<sup>15</sup> Eduardo Vilaça, ministro da Marinha e Ultramar, DCD, 20.3.1899: 51.

10)<sup>16</sup>. Em qualquer dos casos, a mensagem passada através das imagens servia os intuições dos colonizadores: apresentava os africanos como criaturas exóticas e controladas pelos portugueses, que os colocaram sob o olhar da tecnologia ocidental, num exemplo do que James Scott chama a transcrição pública da dominação (apud LANDAU 2002: 156).



Fig. 10. Grupo de negros, chamados Huílas pelo fotógrafo (1908).

Fonte: CPF, CALVB-BECFM, PT/CPF/CNF-CALVB/0035/000038.

Independentemente da docilidade ou resistência dos nativos, estes foram usados largamente na construção ferroviária, tanto por uma questão de logística, como por uma questão ideológica. O assentamento de carris, a edificação de estações, pontes ou viadutos ou a abertura de túneis exigia uma massa volumosa de mão de obra indiferenciada (além de um conjunto menos numeroso de peritos). Trazer tais turbas da Europa para o contexto colonial seria extremamente dispendioso, pelo que se preferiu a solução mais prática e económica de empregar o nativo.

Além do mais, existia a noção de que a *civilização* dos negros passava pelo trabalho (JERÓNIMO 2015: 38-45). A construção ferroviária assumia assim

<sup>16</sup> CPF, CALVB-BECFM, PT/CPF/CNF-CALVB/0035/000023 e 67.

uma dupla vantagem: *civilizava* os nativos, colocando-os a trabalhar numa obra já em si *civilizadora*, como vimos, e intensiva em mão de obra. Aliás, a legenda de uma das imagens, com a expressão em latim “*Labor omnia vincit*” (o trabalho tudo vence) apontava precisamente nesta direção: pelo trabalho venciam-se os obstáculos geográficos à mobilidade e a percecionada ausência de *civilização* dos nativos<sup>17</sup>. A documentação escrita confirma esta orientação. Num desses documentos, um dos chefes de construção da linha de Moçâmedes, o engenheiro Cândido Osório, não tinha dúvidas nem pejos em afirmar que “obrigar os Cumatos [sic] a dar braços para a construção do caminho de ferro que há de concorrer para a sua civilização, seria uma providência de ótimos resultados para o nosso domínio e para o progresso e economia dos trabalhos”<sup>18</sup>. Neste sentido, não surpreende que as objetivas coloniais tenham também capturado momentos de trabalho. A figura 11 mostra um conjunto de perspetivas distintas, ilustrando a missão de *civilização* pelo trabalho.



**Fig. 11.** Aspectos do trabalho nativo na construção ferroviária (1908, 1909 e 1913).

**Fontes:** AHU, CFM, mçs. 275 1H, 283 1H e 287 1H; CPF, CALVB-BECFM, PT/CPF/CNF-CALVB/0035/000007.

<sup>17</sup> Ibid., PT/CPF/CNF-CALVB/0035/000046.

<sup>18</sup> AHU, CFM, mç. 275 1H, processo 29, relatório de 30.9.1907.

A desigual relação de poder entre colonizadores (dominadores) e colonizados (dominados) fica bem patente na primeira imagem, na qual o foco é colocado nos personagens centrais a cavalo, provavelmente dois membros da brigada ou pelo menos dois capatazes contratados, que controlam um conjunto de trabalhadores em seu redor. Na figura seguinte, o retrato de diversas mulheres carregando detritos para fora do aterro em construção transmite a mensagem de que a *lição do trabalho* e a *civilização* estendia-se a todos e não apenas aos homens, como os retratados na imagem subsequente: em tronco nu, junto a um conjunto de pedras partidas, ilustrando um dos preconceitos dos colonizadores portugueses face aos africanos, o do seu superior poder físico (cf. DIAS 1991: 72), ainda que muitos os considerassem também pouco aptos para o trabalho<sup>19</sup>. Por fim, a última figura traz ao observador um outro aspeto da construção ferroviária, as medições topográficas, mas na qual ao nativo cabia apenas a tarefa de cobrir o técnico, protegendo-o dos raios solares (evocando a condescendência e menorização dos indígenas já patente na figura 9). Aliás, esta é uma constante nas quatro imagens, a simplicidade das tarefas atribuídas aos africanos, reforçando o preconceito do seu primitivismo e falta de capacidade intelectual para trabalhos mais complexos. De realçar ainda o facto de as legendas de todas estas fotos (e de outras semelhantes que fazem parte da coleção) se focarem em aspectos técnicos da construção (execução de terraplanagens, aterros ou trincheiras para abrir o leito ferroviário) e de omitirem por completo os trabalhadores. Nas imagens os operários nativos estão presentes, mas nas legendas são inexistentes. É a réplica do que acontece nos relatórios de construção e operação, onde só os engenheiros, técnicos auxiliares, empreiteiros e capatazes (Figueiredo, Irmão & Companhia, Viúva Bastos & Filhos, Duarte de Almeida & Companhia, Lopes & Cruz, Jacinto José de Faria ou Francisco Duarte) têm nome; os indígenas não são nomeados, não passam de números, de mercadorias trocadas com os fazendeiros da região ou de massas monolíticas genéricas, sendo assim de algum modo desumanizados<sup>20</sup>. Manifestamente, o importante ali era a obra feita, a implementação do caminho de ferro e o avanço do progresso e da civilização e não os homens e mulheres que supostamente estavam a ser *civilizados*.

Para fechar, deixo uma palavra final sobre a última categoria de classificação das fotografias recolhidas: a colonização. As fotos ilustram diversos aspetos da presença portuguesa em Moçâmedes, desde explorações agropecuárias (fig.

<sup>19</sup> Ibid., mç. 281 1F, proc. 34, relatórios, 1912, 1.º semestre, relatório de 12.6.1912.

<sup>20</sup> Ver, por exemplo, relatórios em: AHU, CFM, cx. 271 1H, proc. 32, relatórios, 1910, 1.º semestre; mç. 278 1H, vol. 1, proc. 3, construção; vol. 2, proc. 3, construção; mç. 281 1F, procs. 33 e 34.

12), edifícios militares ou administrativos ou habitações coloniais<sup>21</sup>. Mais uma vez não deixa de ser sintomático o valor que técnicos de construção de um caminho de ferro deram a estas cenas, que nada tinham que ver com o seu trabalho. Certamente, o seu objetivo era transmitir a mensagem de possibilidade de se viver e trabalhar naquela região colonial, tal como as fotos de atividades de recreio já o faziam. De facto, já há muito que de Moçâmedes, sobretudo do planalto da Huíla, se elogiavam as suas particulares condições naturais para acolher europeus, nomeadamente, o seu “clima temperado, e onde o europeu não perde nem as formas individuaes nem as qualidades prolíficas da raça” (MACHADO 1890: 235). A fotografia era a prova insofismável de que tais relatos eram verdadeiros. Deste modo, estas imagens poderiam servir de propaganda na metrópole para convencer mais portugueses a emigrarem para Angola (em vez de procurarem outras paragens *estrangeiras* no Brasil) e se tornarem colonos em Moçâmedes (cf. MACHADO 1890: 221; MARQUES 1998: 385-390). O uso da fotografia como meio propagandístico das colónias na metrópole era comum desde pelo menos a década de 1880 (DIAS 1991: 69). No contexto analisado neste artigo, serviu uma vez mais esse fito.



**Fig. 12.** Aspetto de uma exploração agrícola em Moçâmedes (1909-1910).

Fonte: CPF, CALVB-BECFM, PT/CPF/CNF-CALVB/0035/000071.

<sup>21</sup> CPF, CALVB-BECFM, PT/CPF/CNF-CALVB/0035/000051, 59, 61, 65 e 95.

Concomitantemente, as figuras de estruturas coloniais (juntamente, como é óbvio, com as do caminho de ferro ou as dos nativos) constituíam-se como provas da colonização portuguesa da região e concorriam para a construção da mensagem de que Portugal ocupava efetivamente o território. Esta era uma preocupação particularmente importante ao longo dos anos da construção do caminho de ferro de Moçâmedes, considerando a cobiça de Inglaterra e sobretudo da Alemanha sobre os territórios meridionais de Angola (GUEVARA 2006: 355-462). Um caminho de ferro contribuía assim para afirmar a soberania nacional naquelas paragens e “de modo bem eloquente e enérgico, que não poderá a teimosia da Alemanha encontrar pretexto para negar o nosso domínio ali por falta de ocupação efetiva”<sup>22</sup>. A fotografia complementava esse esforço, concorrendo para atestar visualmente e divulgar esse domínio efetivo.

A análise dos significantes destas fotografias permitiu, como vimos, abordar aspectos interessantes não só da construção, mas do racional que a fundamentou. Todavia, é necessário mencionar o que não está presente nas imagens e que foi ocultado da vista do observador. No caso da linha, foram várias as queixas relativas à má qualidade da via e do seu material circulante, que redundaram numa operação lenta e inconstante e num resultado líquido quase sempre negativo (PEREIRA 2018: 165-166 e 169-178). De igual modo, as imagens não mostravam a violência exercida sobre as populações nativas (trabalho forçado, más condições de trabalho, discriminação no acesso aos comboios) e obscureciam a exercida sobre a própria natureza. Os registos fotográficos focavam-se nos aspectos positivos (aos olhos da época) da empreitada (o avanço das obras, o trabalho *civilizador* dos nativos, a paisagem envolvente, as provas de colonização nacional), no sentido de naturalizar o processo colonial (neste caso, a construção de uma ferrovia) e apresentá-lo aos olhos metropolitanos como legítimo e válido (cf. LANDAU 2002: 161).

## Conclusão

As fotografias da brigada de estudo e construção da linha de Moçâmedes, se bem que constituam uma amostra relativamente pequena de pouco mais de duas centenas de imagens, são um excelente exemplo do uso da fotografia como fonte histórica de pleno valor e não meramente como documento ilustrativo daquilo que a análise textual de documentos escritos fornece. No caso em concreto, adicionam a variável da cultura visual à historiografia do

<sup>22</sup> AHU, CFM, mç. 279 1H, *Negociações para o seu prolongamento*, ofício de 12.1.1912.

processo colonial português e à própria área da história da tecnologia. A sua subjetividade (contrariando a opinião vigente à época) permite ver muito mais do que o significante retratado (humano e não-humano) e possibilita estudar as sociedades humanas numa perspetiva histórica e, no caso da fotografia colonial, analisar o processo imperial visualmente e não apenas textualmente. No caso deste artigo, permitem ir muito além do que a mera ilustração pictórica da construção e operação de uma ferrovia nos confins de Angola.

Ao longo do texto, explicitei alguns dos significados inscritos nas fotografias, ao combinar os seus significantes, as legendas e documentos textuais coevos. Demonstrei a transmissão de uma mensagem de *progresso* e *modernidade* assente no caminho de ferro, nas suas estações e obras de arte e na ideia subjacente de *circulação*, que paulatinamente transformavam uma paisagem tida como bravia e insubmissa numa terra *civilizada* e *domesticada* pela tecnologia europeia, apta para receber mais colonos portugueses. No fundo, criava-se o mito de um território *europeizado*, que, contudo, não perdia o seu carácter *tropical*. As representações que recaíam sobre a paisagem africana estendiam-se de certo modo aos seus habitantes, como elementos *selvagens* e *atrasados*, que aguardavam e acolhiam passivamente os esforços *civilizadores* dos europeus. Este processo de *civilização* ou de *europeização* fazia-se através do uso da tecnologia ferroviária, mas sobretudo através da participação na sua construção. A *educação pelo trabalho* destinava-se a inculcar localmente o modo de vida europeu, assente no trabalho e percepção de um rendimento. Como escreveram CAPELO e IVENS (1886: 156), impunha-se

fazer-lhes, pelo gostoso exemplo da posse, criar afinco ao trabalho; infundir-lhes, pela amostra progressiva do bem-estar, o desejo do ganho e a noção de propriedade; ligar com tais princípios a ideia de família, da sucessão, da garantia do trabalho na descendência; constituir sociedades cujo modo de ser se afeiçoem ao que conhecemos nesse sentido, com princípios e necessidades idênticas aos nossos.

Ainda em relação a este ponto, importa salientar uma importante diferença em relação ao universo de documentos fotográficos de caminhos de ferro metropolitanos, no qual são raras as imagens que retratam os trabalhadores em ação<sup>23</sup>. Verdadeiramente se entendia que os portugueses já tinham apreendido a *lição do trabalho* e, portanto, documentá-la em fotografia não era uma necessidade premente. É, aliás notável que o álbum indicado na nota anterior

<sup>23</sup> Conheço apenas algumas fotografias de um álbum francês que ilustra a construção da linha da Beira Alta (<https://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=86846>).

foi editado por franceses, que possivelmente tinham preconceitos semelhantes aos que os portugueses tinham em relação aos africanos. Daí também a necessidade sentida pelos colonialistas portugueses de demonstrarem a sua aptidão colonial e a sua capacidade para implementar e gerir sistemas tecnológicos, à semelhança de outras nações europeias.

O facto de as imagens recolhidas apenas apontarem para o *sucesso colonial* da empreitada da linha reforça o valor das representações descritas e também o próprio valor da fotografia como produtor de ideologia. Gravadas na película, com um potencial para atingirem um público mais vasto, ficavam apenas as mensagens de que Portugal ia introduzindo o caminho de ferro em África com sucesso; os falhanços e os perigos associados à empreitada quedavam-se pelos relatórios e pela correspondência que os engenheiros enviavam para Lisboa e que se destinavam apenas para conhecimento do ministro tutelar da Marinha e Ultramar; de igual modo, a violência exercida sobre o africano era escondida pela narrativa legitimadora da *missão civilizadora*.

Tudo isto aponta para a construção de mitos relativos à agenda que as autoridades portuguesas (técnicas e políticas) tinham para as colónias nacionais, neste caso, Angola. Criava-se o mito de que Portugal, paulatinamente, ia cimentando a sua autoridade e soberania em África, cumprindo assim o seu papel de nação colonial e imperial de pleno direito. Por outro lado, a nação assumia-se como uma nação moderna e tecnológica, que abraçava o modelo económico e tecnocrático oferecido pelos países da Europa central – no fundo, Portugal afirmava-se como uma nação europeia no sentido ideológico da palavra, que abraçava a ciência e a tecnologia como provas de modernidade e *civilização*. Por fim, como corolário destas ideias, reforçava-se o mito da menoridade civilizacional dos africanos (que justificava atitudes racistas por parte dos colonos portugueses) e da indispensabilidade do homem branco, europeu (particularmente, do engenheiro) para o desenvolvimento, a *civilização* e o *progresso* de África. A fotografia foi fulcral para estas construções ideológicas, sendo assim também ela um instrumento de Império.

## Fontes

### Manuscritas

Arquivo Histórico Ultramarino, *Caminho de Ferro de Moçâmedes*, cxs. 271 1H, 279 1H e 287 1H, mç. 275 1H, mç. 278 1H, mç. 281 1F.

## Iconográficas

Arquivo Histórico Ultramarino, *Caminho de Ferro de Moçâmedes*, cx. 287 1H e mçs. 271 1H, 275 1H, 278 1H e 283 1H.

Centro Português de Fotografia, *Coleção Alcídia e Luís Viegas Belchior, Brigada de Estudo do Caminho de Ferro de Mossamedes, 1909/1910*, PT/CPF/CNF-CALVB/0035.

Centro Português de Fotografia, *Família Botelho, Brigada de Estudos do Caminho de Ferro de Mossamedes*, PT/CPF/BTL/0001.

## Periódicos

*Diario da Camara dos Deputados* (1860 e 1899).

*Revista de Obras Publicas e Minas* (1890).

## Publicadas

ABRAGÃO, Frederico de Quadros, ed. (1956). *Cem anos do Caminho de Ferro na Literatura Portuguesa*. Lisboa: CP.

CAPELO, Hermenegildo, IVENS, Roberto (1886). *De Angola à Contracosta: descrição de uma viagem através do continente africano*. Lisboa: Imprensa Nacional.

CORDEIRO, Luciano (1885). “O Nosso Album”, in José Augusto da Cunha Moraes (ed.), *Africa Occidental. Album Photographic e Descriptivo*. Lisboa: David Corazzi, VII-IX.

COSTA, Henrique Cesar da Silva Barahona e (1901). “O problema das obras públicas nas suas relações com o progresso e desenvolvimento dos nossos domínios africanos”. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 4-6, 429-458.

MACHADO, Joaquim José (1890). “Caminho de Ferro de Moçâmedes ao Bié”. *Revista de Obras Públicas e Minas*, 247-248, 219-296.

MESQUITA, Pedro Joaquim Ferreira de (1890). *Assumptos africanos. Caminho de ferro de Mossamedes ao Bihé. Compilação de artigos sobre a directriz d'esta linha e resposta a um folheto intitulado «O Futuro da Africa Portugueza»*. Lisboa: Tipografia Franco-Portuguesa.

## Bibliografia

ALEXANDRE, Valentim, DIAS, Jill, eds. (1998). “O Império Africano 1825-1890”, in Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (eds.), *Nova História da Expansão Portuguesa*, vol. X. Lisboa: Estampa.

- BARTHES, Roland (1972). *Mythologies*. Nova York: Noonday Press.
- BENETTI, Márcia (2007). “Análise do discurso em jornalismo: estudos de vozes e sentidos”, in Cláudia Lago e Márcia Benetti (eds.), *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 107-163.
- DANIELS, Stephen, COSGROVE, Denis (1988). “Introduction: iconography and landscape”, in Stephen Daniels e Denis Cosgrove (eds.), *The Iconography of Landscape. Essays on the symbolic representation, design and use of past environments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1-10.
- DASTON, Lorraine, GALISON, Peter (2007). *Objectivity*. Nova York: Zone Books.
- DIAS, Jill R. (1991). “Photographic Sources for the History of Portuguese-Speaking Africa, 1870-1914”. *History in Africa*, 18, 67-82.
- DIOGO, Maria Paula (2009). “Domesticating the Wilderness: Portuguese Engineering and the Occupation of Africa”, in Ana Cardoso de Matos, Maria Paula Diogo, Irina Gouzévitch, André Grelon (eds.), *Jogos de Identidade Profissional: os Engenheiros entre a Formação e a Acção*. Lisboa: Colibri, 471-482.
- DIOGO, Maria Paula, LAAK, Dirk van (2016). *Europeans Globalizing. Mapping, Exploiting, Exchanging*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- DREICER, Gregory K. (2000). “Building Myths: The ‘Evolution’ from Wood to Iron in the Construction of Bridges and Nations”. *Perspecta*, 31, 130-140.
- DUBOIS, Philippe (1992). *O Acto Fotográfico*. Lisboa: Vega.
- FORTIER-KRIEGEL, Anne (2005). “Les «grands sites» créés par les ouvrages d’art ferroviaires”. *Revue d’Histoire des Chemins de Fer*, 32-33, 93-100.
- FRANKLIN, Margery B., BECKLEN, Robert C., DOYLE, Charlotte L. (1993). “The influence of titles on how paintings are seen”. *Leonardo: Journal of the international society for the arts, sciences and technology*, 26:2, 103-108.
- GUEVARA, Gisela (2006). *As Relações entre Portugal e a Alemanha em torno da África (Finais do Século XIX e Inícios do Século XX)*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros.
- HEADRICK, Daniel R. (1981). *The Tools of Empire. Technology and European Imperialism in the Nineteenth Century*. Oxford: Oxford University Press.
- JERÓNIMO, Miguel Bandeira (2015). *The ‘Civilising Mission’ of Portuguese Colonialism, 1870-1930*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- KASSON, John F. (1976). *Civilizing the machine: technology and republican values in America, 1776-1900*. Nova York: Grossman.
- KELSEY, Robin (2016). “Is Landscape Photography”, in Gareth Doherty e Charles Waldheim (eds.), *Is Landscape...? Essays on the Identity of Landscape*. Londres: Routledge, 71-92.
- LANDAU, Paul S. (2002). “Empires of the Visual: Photography and Colonial Administration in Africa”, in Paul S. Landau e Deborah D. Kaspin (eds.), *Images and Empires. Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*. Berkeley: University of California Press, 141-171.
- MACEDO, Marta Coelho de (2012). *Projectar e construir a Nação. Engenheiros e território*

- em Portugal (1837-1893)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, ed. (2001). “O Império Africano 1890-1930”, in Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (eds.), *Nova História da Expansão Portuguesa*, vol. XI. Lisboa: Estampa.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, et al., eds. (2000). *Parlamentares e Ministros da 1.ª República (1910-1926)*. Porto: Afrontamento.
- MARTINS, Leonor Pires (2014). *Um Império de Papel. Imagens do Colonialismo Português na Imprensa Periódica Ilustrada (1875-1940)*. Lisboa: Edições 70.
- MATOS, Ana Cardoso de (2014). “Os testemunhos fotográficos da obra pública em Portugal”, in Inmaculada Aguilar e Sergi Doménech (eds.), *Fotografía y Obra Pública*. Valencia: Conselleria d'Infraestructures, Territori i Medi Ambient, 11-29.
- MITCHELL, W. J. T. (1986). *Iconology: image, text, ideology*. Chicago: University of Chicago Press.
- NAVARRO, Bruno J. (2018). *Um Império Projectado pelo “Silvo da Locomotiva”. O Papel da engenharia portuguesa na apropriação do espaço colonial africano. Angola e Moçambique (1869-1930)*. Lisboa: Colibri.
- OLIVEIRA, Eduardo Romero de (2018). “Photographic views of railroads: recording public works in nineteenth century Brazil”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 25:3, 695-723.
- OSBORNE, Brian S. (2003). “Constructing the State, Managing the Corporation, Transforming the Individual: Photography, Immigration and the Canadian National Railways, 1925-1930”, in Joan M. Schwartz e James R. Ryan (eds.), *Picturing Place. Photography and the Geographical Information*. Londres: Tauris, 162-191.
- PEREIRA, Hugo Silveira (2018). “O caminho de ferro de Moçâmedes: entre projeto militar, instrumento tecnodiplomático e ferramenta de apropriação colonial (1881-1914)”. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 18, 157-183.
- RICHARDS, Jeffrey, MACKENZIE, John M. (1986). *The railway station: a social history*. Oxford: Oxford University Press.
- ROCHA, Liliana Oliveira, MATOS, Patrícia Ferraz (2019). “Fotografias de Angola do Século XIX: o ‘Álbum Fotográfico-Literário’ de Cunha Moraes”. *Tempos e Espaços em Educação*, 12:31, 165-186.
- RYAN, James R. (1997). *Picturing Empire. Photography and the Visualization of the British Empire*. Chicago: University of Chicago Press.
- SENA, António (1998). *História da Imagem Fotográfica em Portugal – 1839-1997*. Porto: Porto Editora.
- VICENTE, Filipa Lowndes (2015b) “O Império da Visão: Histórias de um livro”, in Filipa Lowndes Vicente (ed.), *O Império da Visão. Fotografia no Contexto Colonial Português (1860-1969)*. Lisboa: Edições 70, 11-30.
- VICENTE, Filipa Lowndes, ed. (2015a), *O Império da Visão. Fotografia no Contexto Colonial Português (1860-1969)*. Lisboa: Edições 70.

# As condições de vida do operariado bracarense segundo a imprensa (1910-1926)

*Labourers' living conditions in Braga according to the press (1910-1926)*

DÉBORA VAL ESCADAS

Universidade do Minho

deboraval@live.com.pt

<https://orcid.org/0000-0001-5516-2283>

Texto recebido em / Text submitted on: 29/11/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 08/09/2020

**Resumo.** O movimento operário na I República é um assunto que, para Braga, não mereceu a devida atenção, desconhecendo-se qualquer investigação sobre o tema. Para realizar este estudo, utilizámos como fontes a imprensa generalista de Braga e a imprensa operária do Porto e de Lisboa, não existindo fontes de arquivo relevantes para a análise em questão. Uma das razões que levou o operariado a apoiar os republicanos na instauração do novo regime foi a promessa de melhores condições de vida, entre elas, a promessa de resolução da carestia de vida e de abolição do imposto sobre os géneros. Promessas que não tiveram concretização prática. A mudança de regime não melhorou as condições dos operários, o que explica a sua persistente contestação aos governos republicanos.

**Palavras-chave.** 1<sup>a</sup> República, movimento operário, condições de vida, Braga.

**Abstract.** The First Republic labour movement is a topic that, concerning Braga, didn't deserve proper attention, not knowing any investigation about this subject. To execute this paper, we utilized primary sources such as Braga generalist press, as well as Porto and Lisbon labour press, not existing primary manuscript sources at archives that are relevant to this study. One of the reasons that led labourers to support the republicans on the establishment of the republican government was the promise of better living conditions, among them, the promise to stop the rising prices of the essential supplies and to end the tax on them. Promises that weren't fulfilled. The change to a republican government didn't improve labourers' living conditions, which explain their persistent contestation against the republican governments.

**Keywords.** 1<sup>st</sup> Republic, labour movement, living conditions, Braga.

## Introdução

O estudo do movimento operário na I República começou a ser feito tardeamente, durante o período final do Estado Novo, em virtude do regime político então vigente. Nos anos 50 e 60, as obras que se publicavam eram memórias e testemunhos de quem vivenciou o movimento operário do período referido, como César Nogueira (1966) e Alexandre Vieira (1959), por exemplo. Foi a

partir dos anos 70, com a transição para um regime democrático, que começaram a aparecer estudos académicos sobre esta temática pelas mãos de César Oliveira (1972), Carlos da Fonseca (1975) e José Pacheco Pereira (1971) e, nos anos 80, fez-se uma tentativa de estruturar a investigação sobre o movimento operário, sobretudo por Maria Filomena Mónica (1985), Victor de Sá (1981) e João Freire (1988). Mais recentemente, têm-se feito iniciativas para organizar a investigação sobre este tema, como a criação do Centro de Documentação e Informação sobre o Movimento Operário e Popular do Porto, a organização de congressos e seminários, como o caso dos encontros Áreas Industriais e Comunidades Operárias (2011) e os *Congressos do Movimento Operário e dos Movimentos Sociais em Portugal* (2013, 2015, 2017 e 2019), e ainda a realização de dissertações de mestrado e doutoramento que abordam estudos de caso e temáticas mais específicas do movimento operário, preenchendo um vazio importante na historiografia, já que

a propósito da história do movimento operário em Portugal e das lacunas de que enferma o nosso conhecimento dele, esse desconhecimento só poderá ser anulado por intermédio de visões globais e exaustivas e completadas com monografias e estudos parcelares [sendo que] as possibilidades de uma história interpretativa são, deste modo condicionadas por um trabalho prévio que não está realizado (OLIVEIRA 1973: 18).

Não pretendemos aqui fazer a história da história do movimento operário, mas estas breves considerações servem para mostrar que sobre este tema ainda há lacunas a serem preenchidas. Assim, o movimento operário durante a I República é um assunto que, para a cidade de Braga, não mereceu a devida atenção, desconhecendo-se algum estudo sobre o tema, razão pela qual o estudamos na nossa dissertação de mestrado. Este artigo, que apresenta as condições de vida do operariado bracarense, retoma um capítulo dessa dissertação (ESCADAS 2017: 11-33).

Estudar o movimento operário implica juntar informação espalhada por diversas fontes documentais, parte das quais não relacionadas com o assunto, já que boa parte dessa documentação foi perdida ou destruída deliberadamente quer durante a I República, quer durante o Estado Novo (FONSECA 1990: 7-8), sendo que a imprensa é uma fonte fundamental para o estudo deste tema. No caso de Braga, apenas foram publicados três jornais operários durante a I República, sendo dois deles números únicos. Neste sentido, consultámos jornais operários do Porto e Lisboa, que mantinham correspondentes em Braga, e a imprensa generalista bracarense, que publicava informações sobre o

operariado da cidade. Devemos, contudo, ser críticos e cautelosos na análise da imprensa, pois os periódicos eram laudatórios da ideologia que propugnavam, transmitindo uma visão parcial e, por vezes, adulterada da realidade. Quanto às chamadas fontes de arquivo, como correspondência, moções de protesto, atas de reuniões de sindicatos, entre outras, são quase inexistentes no caso de Braga e, no contexto de uma dissertação de mestrado, pesquisar as atas da Câmara Municipal de Braga ou os passaportes do Governo Civil tornou-se uma tarefa incomportável pelas limitações de tempo, pelo que, no futuro, será outra lacuna a preencher.

## O horário de trabalho e os salários

Uma das razões que levaram o operariado a apoiar os republicanos na instauração do novo regime foi, precisamente, a promessa de melhores condições de vida, entre elas, a promessa de resolução da carestia de vida e de abolição do imposto sobre os géneros (OLIVEIRA 1990: 29-30). Promessas que não tiveram concretização prática. Logo em novembro de 1910, um articulista do semanário anarquista portuense *A Defesa Operária* fazia um balanço negativo sobre o primeiro mês de República:

O que economicamente se tentou, francamente, nada é; os géneros de primeira necessidade, cada vez mais caros; os senhorios, cada vez mais terríveis, e as leis de inquilinato aos miseráveis nada favorece, e serviram só de irritar o egoísmo egoísta e feroz dos senhorios; o patronato, cada vez mais virulento e espoliador. Até parece propósito. Aos operários todos aconselham *abstinência* neste momento, mas ao patronato ninguém pede moderação (*A Defesa Operária*, 20/11/1910: 1). Itálico no original<sup>1</sup>.

A mudança de regime não melhorou as condições dos operários, o que explicava a sua persistente contestação aos governos republicanos. O horário de trabalho foi um dos problemas que mais preocuparam os operários, a par da questão salarial, pois labutavam 10, 11 ou 12 horas por dia em fábricas “insalubres, com péssimas condições de instalação, com cheiros, fumos tóxicos, poeiras, etc.” (OLIVEIRA 1990: 55-56).

Em 1913, por exemplo, os industriais de construção civil de Braga decidiram manter as horas de trabalho, que estabelecia para a primeira época, de

<sup>1</sup> A abstinência referida diz respeito à opinião pública que aconselhava o operariado a não fazer reclamações, de maneira a não dificultar a consolidação da República.

maio a agosto, o horário das 5:45 h da manhã às 19 horas da tarde (*Comércio do Minho*, 22/04/1913: 2). Em 1919, mesmo depois da promulgação da lei do horário de 8 horas (Decreto n.º 5516 de 7 de maio de 1919), os operários da construção civil continuavam a trabalhar durante longos períodos de tempo, nomeadamente “das 6 às 19 horas, com os costumados descansos de meia hora ao almoço e duas ao jantar” (*Comércio do Minho*, 29/06/1919: 2). Estas longas horas de trabalho na construção civil originaram vários protestos nesta classe, que ao longo da I República realizou cinco greves e três reclamações por diminuição de horário<sup>2</sup>.

Não era só na construção civil que se praticavam longos horários. Vejamos estas referências: em 1913, os operários marceneiros conseguiram obter as 10 horas de trabalho, depois de uma greve vitoriosa (*Comércio do Minho*, 17/05/1913: 1-2). Em 1915, os operários metalúrgicos fizeram uma greve para diminuir o horário de 12 para 11 horas, não se sabendo qual o resultado da reivindicação (*Ecos do Minho*, 04/08/1915: 3). Em 1916, as costureiras trabalhavam 10 horas por dia (12 horas com duas de descanso), depois de as suas reclamações por diminuição de horário terem sido atendidas (*Ecos do Minho*, 11/01/1916: 2). Em 1917, o horário de verão das barbearias era das 7 da manhã às 9 da noite (*Comércio do Minho*, 22/05/1917: 2). Mas este horário ficou ainda mais extenso, pois em 1920 a classe reclama a diminuição de horário, para trabalharem das 7 da manhã às 9 da noite, “protestando pelo cumprimento do horário de trabalho” (*O Liberal*, 02/05/1920: 3). Em 1922, já depois da promulgação da lei das 8 horas, os operários tamanqueiros não laboravam o horário estipulado pela lei, “trabalhando desde as seis horas da manhã até às nove e dez da noite em virtude dos preços de mão-de-obra se encontrarem profundamente baixos” (*A Batalha*, 09/09/1922: 3).

Estas referências da imprensa generalista e operária são a única fonte de que dispomos para esta questão, uma vez que não foram encontrados nas estatísticas oficiais dados sobre o horário de trabalho. São exemplos significativos, testemunhando que os operários bracarenses sofreram continuadamente com a prática de longos horários imposta não só pelos patrões, mas também pelas vicissitudes económicas.

A questão do salário, isto é, a questão económica, era a principal preocupação do operariado, que “já por várias vezes [...] se tem visto forçado [...] a vir para a luta a fim de manter íntegros os salários que continuam a ser escassos para a satisfação das mais importantes exigências da vida” (*A Batalha*, 15/10/1925: 1). E era pela luta, de facto, que essa preocupação com a questão

<sup>2</sup> Por falta de espaço, apenas apresentamos as estatísticas das greves e reclamações para melhor contextualização das condições de vida dos operários. Para a análise desses dados, veja-se ESCADAS 2017: 111-180.

económica se manifestava. Em Braga, 32 das 79 greves realizadas durante a I República incluíam nos seus motivos o aumento salarial, correspondendo à percentagem de 40,5%, e 56 das 166 reclamações foram feitas pela mesma razão, correspondendo à percentagem de 33,7% (ESCADAS 2017: 142 e 163). As informações encontradas sobre os salários que o operariado bracarense recebia são escassas, mas não deixam de constituir um exemplo importante para verificarmos as suas condições de vida e trabalho.

Em 1911, os ferroviários do Minho e Douro ganhavam entre 120 a 800 réis por dia, conforme a sua categoria, vendo os seus salários ligeiramente aumentados depois de uma greve (*A Aurora*, 12/02/1911: 1). Em 1915, uma reclamação dos empregados jornaleiros das águas revela que estes operários auferiam 260 réis diários (*Comércio do Minho*, 12/08/1915: 3). Em 1917, os operários marceneiros ganhavam entre 100 a mais de 300 réis por dia (*Ecos do Minho*, 26/08/1917: 2). Para esse mesmo ano, o inquérito publicado no *Boletim do Trabalho Industrial* n.º 116, de 1917, dá-nos uma média dos salários recebidos pelos operários do concelho de Braga dos sectores da metalurgia, da indústria química, do vestuário, do calçado, da indústria da madeira e do mobiliário, e da tipografia (veja-se a tabela 1). Em 1918, os empregados dos Serviços Municipalizados (tração, água, luz e gás) auferiam em média 800 réis (*Ecos do Minho*, 02/04/1918: 2). Em 1922, os operários tamanqueiros recebiam em média 20 escudos por semana, o equivalente a cerca de 3300 réis por dia (*A Batalha*, 09/09/1922: 3).

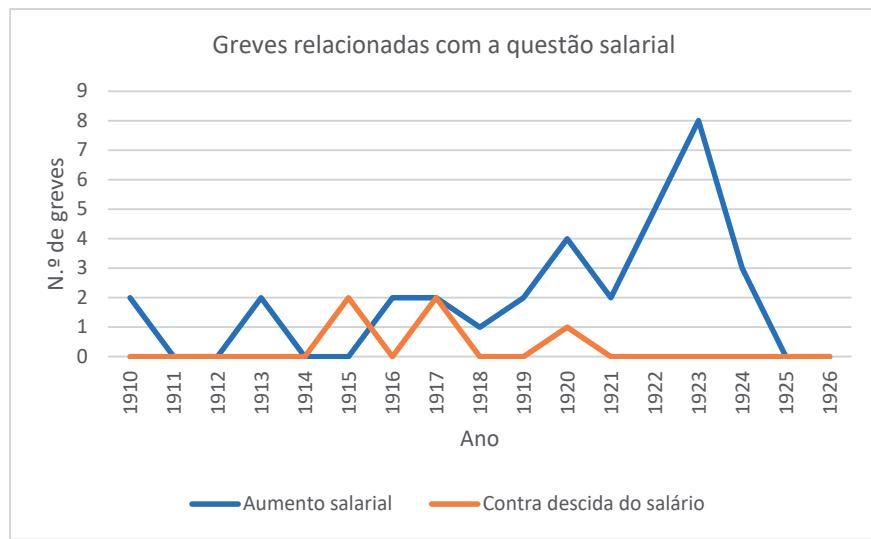
**Tabela 1 - Média dos salários (por dia) para o concelho de Braga em 1917**

Sector	Profissão	Idade	\$	Sexo
Metalurgia	Ajudante	Maior idade	\$40	M
	Amolador	Maior idade	\$40	M
	Amolador	Menor idade	\$16	M
	Carpinteiro	Maior idade	\$52,2	M
	Correeiro	Maior idade	\$80	M
	Cuteleiro	Maior idade	\$45,7	M
	Cuteleiro	Menor idade	\$11	M
	Cuteleira	Maior idade	\$20	F
	Cuteleira	Menor idade	\$10	F
	Eletroicista	Maior idade	1\$00	M
	Ferreiro	Maior idade	\$68,3	M
	Fogueiro	Maior idade	\$42,5	M
	Fundidor	Maior idade	\$54,2	M
	Fundidor	Menor idade	\$10	M
	Latoeiro	Maior idade	\$40	M
	Latoeiro	Menor idade	\$10	M
	Mestre e contramestre	Maior idade	1\$45	M
	Picheleiro	Maior idade	\$50	M
	Picheleiro	Menor idade	\$12	M
	Serralheiro	Maior idade	\$59,2	M
	Serralheiro	Menor idade	\$12	M
	Torneiro	Maior idade	\$46	M
	Torneiro	Menor idade	\$14	M
Indústria química	Fogueiro	Maior idade	\$40	M
Vestuário	Chapeleiro	Maior idade	\$53,6	M
	Chapeleiro	Menor idade	\$14,2	M
	Chapeleira	Maior idade	\$24,4	F
	Chapeleira	Menor idade	\$12	F
	Costureira	Maior idade	\$16	F
	Costureira	Menor idade	\$12	F
	Fogueiro	Maior idade	\$48	M
	Mestre e contramestre	Maior idade	\$90	M
	Mestre e contramestre	Maior idade	\$40	M
	Mestre e contramestre	Maior idade	\$80	M
Calçado	Sapateiro	Maior idade	\$55	M
	Sapateiro	Menor idade	\$06	M
	Sapateira	Maior idade	\$20	F
	Sapateira	Menor idade	\$08	F
	Fogueiro	Maior idade	\$85	M
Madeira e do mobiliário	Fogueiro	Menor idade	\$50	M
	Composer	Maior idade	\$40	M
	Composer	Menor idade	\$12,5	M
	Impressor	Maior idade	\$48,8	M
	Impressor	Menor idade	\$12	M
	Livreiro	Maior idade	\$36,5	M
Tipografia				

**Fonte:** elaboração própria com base na informação do *Boletim do Trabalho Industrial*, n.º 116 [1926], p. 120 e ss.

Note-se que, de acordo com esta tabela, os operários menores de idade recebiam cerca de  $\frac{1}{4}$  ou metade do que os operários maiores de idade auferiam. Porém, não foram encontradas reivindicações de aumento salarial feitas apenas pelos operários menores de idade – o que poderá indicar que esta seria uma prática aceite. Demais, estes números representam o ordenado de um dia de trabalho, o que não permite fazer uma análise comparativa entre os salários do operariado, pois não há dados relativos ao valor/hora que se recebia ou ainda dados que permitam fazer esses cálculos. Estas informações, ainda que sendo exemplos isolados, indicam-nos os baixos salários que o operariado de Braga auferia, o que explicava as suas constantes reivindicações de aumento salarial (veja-se o gráfico 1). Todavia, os salários mesmo que aumentados, acabavam por se tornar diminutos. Como esclarece José Pacheco Pereira, “o nível do salário do trabalhador português é baixíssimo, e se muitas vezes o salário nominal sobe, o salário real desce, na medida em que está estritamente ligado com o preço dos bens de consumo e, no caso do trabalhador português, particularmente da habitação e alimentação” (PEREIRA 1971: 16).

**Gráfico 1 - Greves relacionadas com a questão salarial, em Braga, durante a I República**



Fonte: ESCADAS 2017: 145.

As greves relacionadas com a questão salarial começaram a intensificar-se durante o período da I Guerra, devido ao problema da carestia de vida, que

de 1914 a agosto de 1917 sofreu um aumento de cerca de 66% (OLIVEIRA 1976: 89). O custo de vida subiu vertiginosamente no pós-guerra, não se verificando o mesmo para os salários, o que explica o elevado número de greves por aumento salarial neste período. Note-se que, depois de 1920, o operariado bracarense deixou de realizar greves contra a descida dos salários, apenas havendo duas reclamações por esse motivo, possivelmente porque os industriais já pagavam aos seus operários o mínimo possível ou não baixavam os salários por receio de que se declarasse uma greve. Quanto aos resultados das greves, os industriais acederam às reclamações de aumento salarial 19 vezes, tendo apenas recusado esses pedidos quatro vezes. Por outras palavras, o que explicava as constantes reclamações de aumento salarial era o facto de o salário recebido não acompanhar a carestia de vida, especialmente no período pós-guerra, como mostra a seguinte tabela:

**Tabela 2 - Evolução dos salários e do custo de vida**

Ano	Salário (índice)	Custo de vida (índice)
1914	100	100
1915	140	111,5
1916	167	137,1
1917	225	162,3
1918	270	292,7
1919	317	316,8
1920	400	551,6
1921	750	816,7

Fonte: PEREIRA 1971: 46.

Nestas circunstâncias, havia patrões que aumentavam o salário dos seus operários, sem estes terem feito qualquer reclamação. É o caso dos industriais da Taxa & Faria, importante fábrica de chapéus bracarense, que em 1915 “resolveram aumentar 10 por cento aos salários de todo o seu pessoal, atendendo à carestia da vida, que assoberba a população do país. O gesto altruísta dos importantes industriais é digno de louvor e imitação” (*Comércio do Minho*, 28/12/1915: 2). Apesar de esse ser um gesto de louvor, só foi noticiado mais um caso do género, desta vez de um industrial de marcenaria, cujos trabalhadores, em assembleia geral da respetiva associação de classe, iriam “agradecer [...] o aumento de salário feito aos seus operários em face da carestia de vida” (*Ecos do Minho*, 06/02/1917: 3). Estes casos de aumento espontâneo do salário foram os únicos noticiados, provando que eram os operários que teriam

de lutar para melhorar as suas condições de vida, não esperando que os seus patrões lhes oferecessem tais benefícios.

## A habitação e os bairros operários

A criação e a tentativa de criar bairros operários com habitações com condições mínimas de higiene que os trabalhadores pudessem pagar, foi uma preocupação partilhada pelo próprio operariado e pelos governos republicanos, apesar de já existirem bairros construídos por iniciativa privada. Aliás, terá sido a partir da República que o Estado se interessou em construir bairros operários, até porque “o regime republicano, confrontado com a crescente vaga de movimentos sociais e de greves, viu-se obrigado a contemporizar com as classes operárias, que constituíam um segmento importante da sua base social de apoio” (TEIXEIRA 1992: 76). Foi com o governo sidonista, com a tensão da questão social, que começaram as iniciativas do Estado de construir bairros operários, a começar pela publicação do Decreto n.º 4137, de 25 de abril de 1918. Contudo, tanto as iniciativas das Câmaras como do Estado não tiveram os resultados esperados e, não obstante ter aumentado o número de bairros operários de iniciativa privada, este crescimento não acompanhou o ritmo da industrialização, pelo que os trabalhadores continuaram a viver em condições miseráveis (MARQUES e RODRIGUES 1991: 211 e ss.). A imprensa operária narrava esses casos de miséria. O semanário anarquista portuense *A Comuna*, descrevia, de uma maneira geral, que

o proletário mora em caves profundas onde mal chega o ar, se é que ele lá chega, ou então em quintos e sextos andares onde chegam esfalfados e derradeiros e onde muitas vezes não têm uma cadeira confortável para descansarem um momento só que seja, e onde não existe mais do que uma ou duas divisões ou então umas três ou quatro, mas para duas e três famílias, com uma reles e malcheirosa pia dentro da casa, se é que não têm que fazer os despojos no pátio por nem pia terem em casa, ou então vai todas as manhãs uma carroça da câmara buscar-lhes os detritos que têm que guardar durante todo o dia dentro de uma tigela (*A Comuna*, 01/05/1921: 4).

Estas palavras não são exageradas. A introdução do decreto acima citado justificava a necessidade da construção de casas baratas e higiénicas para o operariado pelo facto de os operários serem compelidos “a viver em residências infectas, sem luz nem ar, e por isso gravemente nocivas à saúde dos que

as habitam” (*Diário do Governo*, 25/04/1918: 451). O decreto afirmava ainda que era a falta de casas baratas que levava à

junção de duas e três famílias em verdadeiros antros, sem as menores condições de asseio ou de conforto, a instalação de muitas pessoas em pequenos cubículos, ou até mesmo num único compartimento, por vezes numa promiscuidade de sexos que destrói todas as noções da moral, e isto sem que um raio de sol ou uma lufada de ar aí entre, porque essas habitações da miséria são, em geral, subterrâneas, ou levantam-se à beira de vielas húmidas e estreitas, onde escorrem os mais nauseantes detritos (*Diário do Governo*, 25/04/1918: 451).

Em Braga, os alvitres para a construção de um bairro operário começaram a ser noticiados em 1913: em setembro desse ano, a Federação das Associações Operárias decidiu, numa reunião, pedir à Câmara Municipal para não descutar os bairros operários (*Ecos do Minho*, 18/09/1913: 3). Mas a Câmara só dispensaria atenção à questão no ano seguinte. Em julho de 1914 noticiava-se que a Câmara Municipal iria dedicar uma parte do empréstimo de 650 contos à construção de um bairro operário, junto do cemitério, sendo a construção do bairro iniciada em outubro de 1914, aquando da inauguração das novas linhas dos elétricos (*Comércio do Minho*, 25/07/1914: 1-3; *Imparcial*, 24/10/1914: 2). A Câmara tinha a intenção de tornar este bairro operário o primeiro de muitos. Na inauguração da construção deste bairro operário, em outubro de 1914, o presidente da Câmara,

dirigindo-se ao sr. Aurélio Rodrigues, presidente da Associação [de Classe] das Quatro Artes da Construção Civil, disse que o lançamento da primeira pedra para aquele bairro era o início da obra que em favor do operariado o município tem o mais ardente desejo de realizar. [...] À maneira que os recursos o permitam, àquele seguir-se-ão outros bairros, onde o operariado encontrará habitação mórdica e relativamente cómoda e higiénica. [...] O sr. Aurélio Rodrigues, em nome das classes operárias, proferiu algumas palavras de agradecimento, levantando um viva à câmara de Braga, a que o sr. Lopes Gonçalves correspondeu com outro ao operariado, sendo levantados vivas ao sr. Lopes Gonçalves e à República (*Imparcial*, 24/10/1914: 2). Itálico nosso.

Apesar do contentamento dos operários e da Câmara Municipal, em 1916 este bairro ainda não estava concluído: foram apenas dez casas que se come-

çaram a construir, havendo ainda o risco de as casas desmoronarem se a sua construção não fosse terminada (*Ecos do Minho*, 09/05/1916: 2). Em 1919 a situação mantinha-se. Nas comemorações do 1.º de Maio, uma das reclamações do operariado foi precisamente que o município terminasse a construção do primeiro bairro operário (*A Batalha*, 06/05/1919: 3) Mais tarde, em agosto, “o vereador municipal sr. Manuel Ferreira Capa foi ao Porto avistar-se com o sr. ministro do trabalho, pedindo-lhe a construção de um bairro social nesta cidade” (*Comércio do Minho*, 31/08/1919: 2). O Ministro prometeu provisões mas, mais uma vez, nada foi feito.

Haveria justificação para o facto? A não-conclusão do bairro operário não foi causada pela falta de verba, uma vez que a Câmara contraiu empréstimos especificamente para o efeito: um, em 1914, como já vimos acima, e outro, em 1916, no valor de 30 mil escudos (*Ecos do Minho*, 14/09/1916: 2). Em 1913, um articulista d’*A Defesa Operária* asseverava que se os burgueses vivessem nas condições em que o operariado vivia, “decerto se apressariam a procurar remédio imediato para que a edificação de casas baratas e higiénicas, fosse um facto” (*A Defesa Operária*, 21/12/1913: 1). O mesmo articulista culpava, igualmente, os operários por esta situação:

Os operários, porém, são um bocadinho culpados, porque afeitos à passameira, esperam que terceiros lhes tratem do que tanto necessitam, em vez de também procurarem com o seu esforço, contribuir quanto possível, para darem um impulsozinho a esta importantíssima questão. Se todos cumprissem com o seu dever, estavam afiliados nas suas associações de classe, iniciando uma espécie de fusão das associações para entre todos e em harmonia com os capitais, contribuírem para a edificação de casas baratas. Por outro lado não lhes era difícil organizar cooperativas com o mesmo fim, incluindo cooperativas de consumo, cujos saldos apurados nas vendas, fossem obrigatoriamente destinados à construção de casas (*A Defesa Operária*, 21/12/1913: 1).

Todavia, o operariado movimentava-se para resolver a questão da habitação. Em setembro de 1922, os operários bracarenses promoveram uma reunião para organizar uma “sociedade por meio de ações a fim de construírem em Braga casas baratas para habitação de famílias pobres” (*Diário do Minho*, 05/09/1922: 1). Sabemos que, tal como a ação da Câmara Municipal, esta iniciativa operária de construir casas baratas também não viu resultados. Quer os operários, quer as Câmaras, quer os “capitais privados” não podiam construir sem a ajuda do Estado os bairros sociais. E, apesar da publicação de vários decretos e da

aparente boa vontade dos governos em ajudar, a falta de planeamento e a má administração das entidades políticas nesta questão fizeram com que os bairros operários em Braga não chegassem a ficar concluídos durante a I República.

## A crise de trabalho e a emigração

A crise económica explicava a crise de trabalho que se fazia sentir em Braga, sobretudo durante e após a I Guerra. Esta crise afetava em especial a indústria chapeleira, apesar de outros sectores também terem sofrido, como foi o caso da construção civil e da alfaiataria. Nesta situação, os industriais recorriam à diminuição de salários, à redução dos dias de trabalho ou ainda à paralisação das suas fábricas. Vejamos estes casos: em 1916, os operários chapeleiros não tinham “trabalho toda a semana, e outro tanto sucede aos alfaiates” (*Ecos do Minho*, 27/01/1916: 2); na fábrica de chapéus Taxa & Faria, os operários trabalhavam apenas quatro dias por semana porque as vendas de chapéus diminuíram devido à sua carestia (*Ecos do Minho*, 13/05/1916: 2).

Esta conjuntura chegava a ter consequências ainda mais graves, quando os operários eram despedidos e viam-se na situação de mendigar para se conseguirem sustentar. Foi o caso dos operários chapeleiros, que circulavam pela cidade “pedindo esmola aos comerciantes, proprietários e capitalistas” (*Comércio do Minho*, 15/05/1916: 3). A Fábrica Social Bracarense, outra chapelaria, também foi afetada por esta crise: em junho de 1916, 40 operários da dita fábrica andaram a esmolar pelas ruas da cidade por não terem trabalho (*Comércio do Minho*, 17/06/1916: 3). Poucas semanas depois, noticiava-se que 27 operários

foram despedidos do trabalho naquela importante casa industrial [e] entregaram ao sr. governador civil deste distrito uma representação em que expõem verem-se obrigados a estender a mão à caridade pública para não morrerem de miséria, com suas esposas e filhos, solicitando ao mesmo tempo providências para que tão confrangedora situação seja remediada o quanto possível. S. ex.<sup>a</sup> recebeu atenciosamente os pobres operários, a quem prometeu todo o auxílio dando-lhes um donativo com que possam minorar a sua miséria (*Ecos do Minho*, 06/07/1916: 2).

A mendicidade era, de facto, uma situação que os operários tentavam evitar ao máximo e que só as circunstâncias os obrigavam a tal. Em maio de 1916, a Associação de Classe dos Operários Chapeleiros decidiu que grupos de operários deixassem de esmolar pelas ruas, constituindo-se uma comissão

de cinco membros para angariar donativos, com a autorização do Governador Civil (*Ecos do Minho*, 16/05/1916: 2). Mesmo com a ajuda do chefe do distrito, a situação dos operários chapeleiros não melhorou, já que passados uns dias voltaram a “esmolar pelas ruas, por ter paralisado o trabalho nas fábricas em que se empregavam” (*Comércio do Minho*, 23/05/1916: 2).

Numerosos operários a mendigar pelas ruas de Braga seria uma cena digna de compaixão. Um articulista dos *Ecos do Minho* admitia que “a mendicidade do operário a quem se paralisou o trabalho, é-nos mais dolorosa que nenhuma outra” apelando ao Governo para que resolvesse a crise (*Ecos do Minho*, 16/06/1916: 1). Mas havia também quem pensasse que os operários poderiam resolver a sua situação, não se justificando o facto de pedirem esmola pelas ruas:

Claro está que não têm que fazer nas fábricas e oficinas, onde a crise de trabalho é cada vez maior, mas havendo em que雇用 a sua atividade em ramos diferentes daqueles a que se dedicam, não procuram por esse modo atenuar o mal que tão profundamente os afeta e a suas famílias. [...] se fossem convidar esses operários mendigos a irem dedicar-se aos serviços agrícolas, logo se recusariam a fazê-lo. [...] Há tantos operários honestos por aí, chefes de família exemplares, que vendo-se em luta com a situação difícil que a sua classe atravessava, se foram dedicar a outros géneros de trabalho para assim angariarem o indispensável à vida: esses são extremamente simpáticos, tornam-se dignos da benemerência pública, merecem que lhes dispensem o nosso auxílio (*Comércio do Minho*, 03/03/1917: 1).

A agricultura, efetivamente, sofria com a falta de mão-de-obra, a ponto de o Ministério do Interior, em maio de 1917, recomendar aos governadores civis e aos administradores do concelho que não passassem guias autorizando os operários a irem para Espanha, “visto fazerem falta no país para o serviço da agricultura” (*Comércio do Minho*, 17/05/1917: 2). Ainda assim, soluções foram tentadas para minorar as consequências desta crise para os operários. Em 1915, a Comissão Municipal Republicana pediu à Câmara Municipal que colaborasse no seu pedido ao Governo de uma subvenção, com o objetivo de ajudar os operários a lutarem contra a falta de trabalho e carestia de vida (*Comércio do Minho*, 12/01/1915: 2). Não há notícias sobre se o Governo atendeu este pedido – mas, como veremos agora, seria a nível da política local que se tentaria resolver este problema.

Em 1916, o Governador Civil reuniu-se com “numerosos cavalheiros, representando o capital, a propriedade, o comércio, a indústria, o funcionalismo e outros ramos da atividade local”, com o propósito de “valer às classes proletárias,

atenta a carestia de géneros e a falta de trabalho nalgumas indústrias” (*Comércio do Minho*, 20/05/1916: 3). Ficou resolvido que a comissão constituída nessa reunião nomeasse, por sua vez, comissões paroquiais e, através destas, fossem distribuídas senhas para a obtenção de géneros (*Comércio do Minho*, 20/05/1916: 3). Não foram convidados representantes das classes proletárias à reunião, o que é curioso, pois eram as principais interessadas no assunto. A justificação para este facto seria, na perspetiva do semanário anarquista *A Aurora*, uma falsa filantropia da parte da burguesia:

As lamentações de dó pela miséria alheia não são mais do que uma máscara de ódio e repugnância que nutrem contra a classe que luta há milhares de anos para se emancipar das garras do capitalismo opressor; [...] Nada de ilusões, quando o capitalismo vem ao encontro do trabalhador exausto não é para lhe dar energia de que careça mas para retardar a marcha que lhe aproxima o fim do seu império. [...] Quando muito, fará coro com esses filantropos de exploração, e o seu nome brilhará nas colunas dos jornais como um benemérito da humanidade inscrevendo-se com cinco tostões para socorrer a miséria dos filhos dos seus explorados (*A Aurora*, 23/04/1911: 1).

Sendo a sua generosidade sincera ou não, o facto é que as entidades políticas tentaram ajudar os operários que sofriam com esta crise. Apesar de, em junho de 1916, o Governador Civil ter colocado à disposição da comissão de assistência 60 mil réis provenientes do lucro da venda de açúcar (*Ecos do Minho*, 04/06/1916: 3), a comissão não atingiu os fins esperados: em dezembro do mesmo ano, alguns meses depois de ter sido constituída, a comissão foi dissolvida, “porque não há facilidade de evitar que a mendicância se exerça e conseguir que todos contribuam para os trabalhadores desempregados com os donativos que subscreveram” (*Gazeta de Braga*, 31/12/1916: 2). Esta comissão foi dissolvida, mas logo outra se lhe seguiu. Em 1917, a nova comissão de assistência entregou ao industrial de alfaiataria Manuel António Ribeiro 44\$500 réis para serem distribuídos aos operários sem trabalho, sendo 36 o número de contemplados por esta iniciativa (*Ecos do Minho*, 15/05/1917: 2). O Arcebispo Primaz também se interessou pela questão e, em janeiro de 1917, constituiu-se em Braga, por sua iniciativa, uma Sopa dos Pobres, para “socorrer os indigentes e os operários sem trabalho” (*Ecos do Minho*, 10/01/1917: 2).

Os donativos seriam, efetivamente, uma ajuda para os operários mas, sendo apenas uma solução temporária, não resolveriam por si só a crise que sofriam. Em 1918, o Governo interessou-se pela crise de trabalho, publicando um decreto (n.º 4465, de 27 de junho de 1918) que mandava os governadores

civis e administradores do concelho nomearem “comissões encarregadas de organizarem o recenseamento de todos os indivíduos que não trabalham e as causas que justifiquem a sua situação” (*Comércio do Minho*, 29/06/1918: 2). O objetivo deste decreto era de organizar a Assistência Pública, providenciando um meio de ajuda aos operários sem trabalho. Em Braga, não sabemos a aplicabilidade que o decreto teve, até porque as tentativas de ajudar os trabalhadores desempregados eram feitas a nível local e, por vezes, privado, como o caso de operários que publicavam anúncios na imprensa para aliviar a sua situação (veja-se, por exemplo, *Comércio do Minho*, 03/01/1914: 2).

Apesar destas iniciativas, a crise de trabalho ainda continuava em 1919. Durante o período da Monarquia do Norte, o Governador Civil conferenciou com os industriais para darem trabalho seguido aos seus operários; os industriais acederam ao pedido, exceto os da chapelaria, “os quais com provas manifestas, declararam que só podiam dar trabalho aos seus operários durante dous dias por semana” (*Ecos do Minho*, 12/02/1919: 2). Mais tarde, já com a República restaurada, a Câmara Municipal decidiu abrir uma inscrição para todos os operários sem trabalho que desejassesem empregar-se nos serviços de limpeza de Braga (*Comércio do Minho*, 16/03/1919: 2).

Pelo que acima ficou exposto, não podemos dizer que as entidades políticas bracarenses tinham falta de interesse por esta questão, se não por compaixão pelos operários, pelo menos pela “estética” de acabar com a mendigagem na cidade mas, na realidade, essas medidas não tiveram os resultados desejados. Em 1921, esta crise de trabalho continuava e um articulista do *Notícias do Norte* indignou-se com a mendicidade operária, uma vez que os operários poderiam ter evitado essa circunstância, afirmando que “desde o princípio da crise de fartura nós vínhamos recomendando muita cautela, porque o reverso tinha de dar-se, inevitavelmente, que gastassem o menos possível, que trabalhassem o máximo e fizessem economias” (*Notícias do Norte*, 28/07/1921: 2). Mas que economias o operariado poderia fazer, se mal ganhava para se sustentar, como já vimos acima?

Os operários não tinham como evitar esta crise, que ainda subsistia em 1925, continuando os chapeleiros a ser os principais afetados. Em janeiro desse mesmo ano, um grupo de industriais de chapelaria apela para que o Governador Civil tome providências para resolver a crise da indústria, afirmando que “as fábricas de chapéus estão a dar apenas 3 dias de trabalho por semana para depósito, e que, por falta de vendas, serão em breve obrigadas a cessar a sua laboração”; o chefe do distrito prometeu realizar iniciativas para que centenas de operários não ficassem sem trabalho e, em consequência, na miséria (*Diário do Minho*, 16/01/1925: 2). Já vimos que as entidades políticas pouco

podiam, ou queriam, fazer para resolver esta crise. Sabendo que a assistência da burguesia pouco lhes valia, os operários consideravam que a solução deste problema estaria nas suas mãos. O periódico *A Batalha* admitia que

A despeito da ação desenvolvida pelo proletariado, a despeito das inúmeras sessões e comícios que por todo o país se realizaram acerca da crise de trabalho, esta continua na mesma. [...] A crise, dentro do regime ferozmente capitalista em que vivemos, só poderá ser atenuada se o povo trabalhador, exercendo uma forte pressão sobre a burguesia, conseguir fazer com que a finança, o comércio e a indústria abdiquem um pouco do seu egoísmo, das suas ambições, tendo mais em conta os interesses da coletividade. [...] Só a ação bem coordenada e inteligente das massas trabalhadoras pode obrigar os industriais a interessar-se pelas indústrias e não apenas pelos seus lucros, e os governos a transformar em factos as palavras que, por enquanto, não têm passado de promessas (*A Batalha*, 26/02/1925: 1).

Os operários bracarenses tentaram essa ação bem coordenada e inteligente. Em 1924, numa reunião convocada pela União dos Sindicatos Operários de Braga para tratar da crise de trabalho, o delegado dos operários chapeleiros admitia que “só uma forte agitação despertará o operariado e levará as entidades competentes a ter em maior conta a situação dos trabalhadores”; já o delegado dos manufatores de calçado culpava o patronato pela redução dos salários, “imputando-lhe a responsabilidade do que possa suceder” (*A Batalha*, 17/12/1924: 4)<sup>3</sup>. Os operários tinham, portanto, que lutar pela resolução da crise, considerada uma consequência do regime capitalista. E, como tal, para resolver a crise teria de se acabar com o capitalismo:

E tudo isto devido à perversidade do regime capitalista, que faz crescer ininterruptamente a onda dos sem-trabalho. O patronato fazendo paralisar um dia e outro dia os diversos ramos da atividade industrial e comercial, lança à rua novas vítimas. [...] A onda dos sem-trabalho cresce, mas é preciso que ela cresça e tome a necessária consciência revolucionária, a fim de pôr termo aos angustiosos tormentos que o regime capitalista impõe aos que trabalham (*A Internacional*, 10/01/1925: 2).

A emigração, para muitos operários, foi a solução possível para minorar os efeitos da falta de trabalho. O operariado bracarense emigrou principalmen-

<sup>3</sup> Nessa reunião ficou resolvido organizar-se um comício de protesto contra a crise de trabalho, que não chegou a realizar-se (ou, pelo menos, não foi noticiado).

te entre 1916 e 1918, para Inglaterra e França, em consequência da falta de mão-de-obra naqueles países por causa da I Guerra. Eram os Governos inglês e francês, aliás, que solicitavam ao Governo português o envio de operários para aqueles países (ALVES 1988: 322 e 331). Em 1916, estavam a ser recrutados para Inglaterra

uma grande quantidade de serradores ou carpinteiros serradores, para derrubarem árvores nas matas britânicas, sendo fornecido a esses homens passaporte, caminho-de-ferro até Lisboa, viagem por vapor e casa para habitação, tudo grátis, gastando apenas os interessados uma pequena importância na preparação dos seus papéis (*Ecos do Minho*, 12/05/1916: 3).

Para França, para trabalharem no fabrico de munições, as condições eram quase idênticas: os operários não arcavam com as despesas e o salário seria cerca de 1600 réis por dia (*Ecos do Minho*, 10/01/1917: 2). O Governo português concedia licenças para os operários poderem trabalhar em França, promulgando a portaria 807 de 28 de outubro de 1916 que “regulou essas permissões e estabeleceu um curador para os trabalhadores”, para lhes dar assistência ou orientação conforme necessário (*Ecos do Minho*, 18/01/1917: 1). Apesar de serem contratados para o fabrico de munições, o Governo francês poderia mudar os operários para outras fábricas ou para outros serviços, conforme a necessidade de fabrico ou a competência do operário (*Ecos do Minho*, 20/01/1917: 1). Mesmo assim, as condições eram atrativas:

Antes da partida será entregue a cada homem 1\$20 para o seu sustento durante a viagem e dois maços de cigarros. Ao chegarem a França receberá mais cada operário ou trabalhador \$500 e no fim de 6 meses, prazo por que cada homem vai alistado, receberá mais cada homem 25 francos, como prémio de estar 6 meses, e mais 125 francos para a sua vinda para Portugal, querendo vir e se não, pode justar-se novamente na mesma fábrica ou noutra onde ganhe mais, recebendo sempre em qualquer caso 150 francos. A diária por que vão alistados é de 5 a 6 francos que, no câmbio atual em Portugal, representa réis 1\$600. A casa e cama é grátis e a comida será fornecida por cooperativas e por preços módicos [...]. Os operários portugueses são também equiparados aos franceses, tanto em incidentes de trabalho, como em ordenados (*Ecos do Minho*, 21/02/1917: 2). Itálico no original<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Segundo a portaria 807, de 28 de outubro de 1916, os operários receberiam 5 escudos de prémio, e não \$500, ao chegarem a França. A mesma portaria não refere o salário que os operários iriam auferir nem faz referência aos 125 francos que os operários receberiam para o seu regresso a Portugal.

Com estas condições vantajosas, foi grande o número de operários que, em fevereiro de 1917, se inscreveu para trabalhar no estrangeiro. Em Braga, de acordo com o *Comércio do Minho*, foram cerca de 500 operários que se inscreveram para ir trabalhar em França (*Comércio do Minho*, 06/02/1917: 2). Destes 500, as notícias confirmam que foram 253 os operários que seguiram viagem para aquele país (*Comércio do Minho*, 22/02/1917: 2), seguindo-se mais operários em março do mesmo ano (*Ecos do Minho*, 18/03/1917: 2). O recrutamento era feito através da Agência Moreira, agência de emigração, onde depois os operários eram inspecionados por um delegado do Governo francês e por médicos (*Ecos do Minho*, 04/02/1917: 3). Passando na inspeção, o Governo português teria de autorizar a saída dos operários para o estrangeiro, autorização que era enviada ao Governo Civil (*Ecos do Minho*, 10/02/1917: 3).

Para trabalhar na Inglaterra, o processo era o mesmo: inscrição na Agência Moreira, inspeções feitas por um delegado do Governo inglês e por médicos e, supomos, autorização do Governo português para partirem para o estrangeiro. Não há dados que afirmem que seria necessária a autorização do governo para os operários partirem para Inglaterra, mas cremos que o procedimento seria o mesmo, até pela similaridade dos restantes passos. Para aquele país, seguiram, em março e abril de 1917, cerca 250 operários serradores (*Ecos do Minho*, 17/04/1917: 2). O número de operários bracarenses que emigravam ia aumentando constantemente, pois “a crise do trabalho que assoberba o operariado, e a miserável retribuição do trabalho em face das circunstâncias atuais, obriga-os a procurar desafogo à vida longe da Pátria e dos seus” (*Ecos do Minho*, 09/08/1917: 2): saliente-se que a imprensa nem sempre chegava a dar esses números, dizendo apenas que um “grande número” ou “algumas dezenas” de operários partiam para o estrangeiro. Os trabalhadores, portanto, esperavam encontrar esse desafogo no estrangeiro. O *Ecos do Minho* publicou, de um operário que foi para França, o seguinte testemunho:

O meu trabalho aqui não pode ser melhor pois tenho dias em que só trabalho três horas pois ocasiões há em que pego às 7 horas e largo às 9 e depois só começo à 1 hora até às 2 e não torno a trabalhar mais; agora vou trabalhar de noite são dia 1/2, eu estou em terra de ganhar dinheiro porque não se pode beber tanto. Eu o que me admira é uma nação que anda em guerra e comer-se como se come e barato isto tudo do melhor (*Ecos do Minho*, 20/01/1917: 1).

Mas nem todos os operários se adaptavam ao novo trabalho ou ao novo país. Uma notícia publicada no *Liberal* e citada pelos *Ecos do Minho* afirmava que

contratados para o fabrico de munições, os operários portugueses têm sido empregados na construção de casas, descarga de vagões, etc... Os artigos de contrato não são cumpridos, e ainda não lhes apareceu o curador que lhes disseram terem em França. Se algum recusa o trabalho por ser pesado (tendo sido contratado para outro) é entregue às autoridades militares (*Ecos do Minho*, 18/01/1917: 1).

Casos parecidos também se passavam em Inglaterra. Jorge Fernandes Alves afirma que, daquele país, a partir de março de 1918, regressaram cerca de 2000 operários (do Porto e de Braga) a Portugal “descontentes com o não cumprimento dos contratos” (ALVES 1988: 331). Todavia, a notícia do *Ecos do Minho* foi desmentida – ou, melhor, justificada. O jornal admitia que aquilo se passava, mas por culpa dos próprios operários, que se alistaram sem terem as aptidões requeridas para a realização do novo trabalho, considerando o contrato de trabalho em França “uma empresa séria e muito favorável aos operários portugueses que possuem verdadeira competência técnica. Os que se alistaram sem competência, e sem hábito de trabalhos manuais é que podem estar descontentes, mas queixem-se de si próprios, que são os únicos culpados” (*Ecos do Minho*, 20/01/1917: 1). Parece-nos provável que, devido às condições atrativas do contrato de trabalho, vários operários sem as capacidades necessárias se inscrevessem para trabalhar no estrangeiro; contudo, não nos parece plausível que esses mesmos operários passassem nas inspeções que eram feitas pelos médicos e pelos delegados do Governo francês. O que acontecia, supomos, era que alguns operários não se adaptavam ao seu novo trabalho.

Para alguns operários a vida não era fácil no estrangeiro, para outros a vida tornou-se ainda mais difícil enquanto não partiam para os outros países. Em abril de 1917, um grupo de operários apelou ao Governador Civil, “pedindo a sua proteção, em consequência de terem sido despedidos das casas onde trabalhavam logo que se divulgou o seu propósito de emigrar” (*Comércio do Minho*, 21/04/1917: 2). Foi a única informação que encontrámos sobre o assunto, mas é possível que acontecessem mais casos deste género, demonstrativos da arbitrariedade que o operariado ia sofrendo.

Ainda assim, os operários bracarenses continuavam a tentar a sua sorte no estrangeiro. Em fevereiro de 1920, o presidente da Câmara Municipal telegrafou ao presidente do Ministério a pedir providências contra a emigração de operários, sendo que “o aumento da emigração resulta das dificuldades, também crescentes, que os operários encontram, para viver, dentro do país. Enquanto essas dificuldades não forem remedias, não há providências possíveis” (*Comércio do Minho*, 08/02/1920: 2). A crise de trabalho era, de facto,

o principal motivo pelo qual os operários emigravam. Em 1925, um articulista do jornal *A Batalha*, ao comentar o facto de o ministro da Agricultura ter dito que não se conseguiria resolver a crise de trabalho sem recorrer à emigração, reconhecia que a

emigração poderia porventura, pela redução dos desempregados que cá ficavam, ser um excelente expediente para o governo; mas em que situação ficariam os emigrados? [...] A emigração é um recurso extremo, desesperado. Lembrá-lo é mostrar que se não tem nenhum expediente para resolver o problema. Trabalho é que é necessário. O nosso desejo é que de forma nenhuma se repitam espetáculos como o dos cortejos de desempregados, que representa uma humilhação não apenas para o operariado como para a própria espécie humana. [...] Mas a desculpa de que a falta de emigração é que é o mal e deixar como único recurso aos desempregados o peditório nas ruas é o que há de mais lamentável como processo de remediar a atual situação (*A Batalha*, 08/01/1925: 1).

## Conclusão

Como já foi mencionado, a promessa de melhores condições de vida foi uma das razões que levaram os operários a apoiar a implantação da República, porém essas promessas não foram cumpridas. A mudança de regime não melhorou substancialmente as condições de vida e de trabalho do operariado bracarense, o que explicava a sua contestação aos governos republicanos.

O horário foi uma das questões que mais interessaram os operários, já que o dia de trabalho poderia prolongar-se por 10, 11 ou 12 horas em fábricas insalubres e com reduzidas condições de higiene. A construção civil foi uma das classes operárias bracarenses que mais sofreram com a prática de longos horários, o que justificava o facto de, ao longo da I República, terem realizado cinco greves e três reclamações pela diminuição das horas de trabalho. Não era apenas na construção civil que se efetuavam longos horários: a imprensa relatava que em Braga os marceneiros, metalúrgicos, barbeiros, tamanqueiros e costureiras também sofriam com esta prática. As referências encontradas tanto nos jornais operários como generalistas são a única fonte para esta questão, já que nas estatísticas oficiais não constam dados sobre o horário de trabalho do operariado de Braga. De qualquer maneira, estes exemplos são significativos, pois mostram que os trabalhadores bracarenses, tal como os seus colegas de outras cidades, enfrentavam longos horários impostos não só pelos patrões,

mas também pela conjuntura económica.

A questão do salário era a principal preocupação do operariado: em Braga, 32 das 79 greves realizadas durante o período em análise incluíam nos seus motivos o aumento salarial e 56 das 166 reclamações foram feitas pelo mesmo motivo. As informações encontradas sobre os salários que os operários bracarenses auferiam são exíguas, porém são exemplos importantes para verificar as suas precárias condições de vida e de trabalho. O baixo valor que os trabalhadores recebiam explicava as suas persistentes reclamações de aumento salarial. No entanto, ainda que aumentados, os salários acabavam por se tornar diminutos por não acompanharem a carestia de vida, que de 1914 a 1917 subiu cerca de 66%. Por outras palavras, o que justificava os constantes protestos pelo aumento salarial era o facto de o salário recebido não acompanhar a subida da carestia de vida, sobretudo durante os anos da I Guerra.

A criação e a tentativa de criar bairros operários com habitações que possissem condições mínimas de higiene que os trabalhadores pudessem pagar foi uma preocupação partilhada pelo próprio operariado e pelos governos republicanos, apesar de já existirem bairros construídos por iniciativa privada. Durante a I República, foi com o governo sidonista, com o agravamento da questão social, que começaram as iniciativas do Estado de construir bairros operários. Porém, tanto as diligências das Câmaras Municipais como do Estado não tiveram os resultados esperados e, embora tenha aumentado o número de bairros operários de iniciativa privada, este crescimento não acompanhou o ritmo da industrialização, pelo que os trabalhadores continuaram a viver em condições precárias. Em Braga, as sugestões para a construção de um bairro operário começaram a ser relatadas em 1913, mas a Câmara só dispensaria atenção ao assunto no ano seguinte, quando se iniciou a construção de um bairro operário em outubro de 1914, que não foi concluído durante a I República, devido à falta de planeamento e à má administração das entidades públicas.

A crise económica explicava a crise de trabalho que se fazia sentir em Braga, sobretudo durante e após a I Guerra. Esta crise afetava especialmente a indústria chapeleira, apesar de outros setores terem sofrido com a falta de trabalho, como foi o caso da construção civil e da alfaiataria. Nesta situação, os industriais recorriam à diminuição do salário, à redução dos dias de trabalho ou ainda à paralisação das suas fábricas. Esta conjuntura chegava a ter resultados ainda mais graves, quando os operários eram despedidos e viam-se na situação de mendigarem pelas ruas da cidade. Em junho de 1918, o Governo publicou o Decreto n.º 4465, que mandava os governadores civis recensearem todas as pessoas com falta de trabalho, com o objetivo de organizar a Assistência Pública. Desconhece-se a aplicabilidade que este decreto teve em Braga, até

porque as tentativas de ajudar os operários desempregados eram feitas a nível local e, por vezes, privado. A falta de trabalho continuaria a subsistir, sendo que alguns periódicos anarquistas aconselhavam o operariado a lutar pela resolução da crise, considerada uma consequência do regime capitalista. E, como tal, para resolver a crise teria de se acabar com o capitalismo. Todavia, para muitos operários, a emigração foi a solução possível para minorar as consequências da crise de trabalho. O operariado bracarense emigrou sobretudo entre 1916 e 1918 para Inglaterra e França, resultado da falta de mão-de-obra que se verificava naqueles países por causa da I Guerra.

Ressalve-se que grande parte das citações da imprensa aqui apresentadas é dos anos correspondentes à participação portuguesa na I Guerra, o que poderá indicar que foi durante esse período que os operários bracarenses mais sofreram os efeitos da crise económica, como a falta de trabalho, a redução de salários e a emigração como tentativa de minorar as consequências dessa crise. Para estudar as condições de vida do operariado deveria ter-se em conta três elementos: “a variação dos salários nominais, a evolução do custo de vida e os salários reais” (MARTINS 1997: 510) – esses dados sobre a cidade de Braga não foram encontrados, devido às limitações já descritas acima, pelo que usámos os relatos das fontes disponíveis sobre este tema, que nos permitiram, contudo, deslindar as condições precárias do proletariado bracarense.

## Bibliografia

### Fontes impressas:

- Aurora (A)*, anarquista, Porto, 1911.
- Batalha (A)*, anarcossindicalista, Lisboa, 1922, 1924-1925.
- Boletim do Trabalho Industrial*, n.º 116, Lisboa, 1926.
- Comércio do Minho*, generalista, Braga, 1913-1919.
- Comuna (A)*, anarquista, Porto, 1921.
- Defesa Operária (A)*, anarquista, Porto, 1910, 1913.
- Diário do Governo*, I série, Lisboa, 1916, 1918-1919.
- Diário do Minho*, generalista, Braga, 1922, 1925.
- Ecos do Minho*, generalista, Braga, 1915-1919.
- Gazeta de Braga*, generalista, Braga, 1916.
- Imparcial*, generalista, Braga, 1914.
- Internacional (A)*, comunista, Lisboa, 1925.
- Liberal (O)*, generalista, Braga, 1920.
- Notícias do Norte*, generalista, Braga, 1921.

### Estudos

- ALVES, Jorge Fernandes (1988). “Operários para França e Inglaterra”. *História: Revista da FLUP*, 5, 317-333.
- ESCADAS, Débora Val (2017). *A vida impossível: o movimento operário em Braga durante a I República*. Braga: Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/53286> (consultado em 9 de julho de 2020).
- FONSECA, Carlos da (1975). *Integração e ruptura operária: capitalismo, associacionismo, socialismo (1836-1875)*. Lisboa: Estampa.
- FONSECA, Carlos da (1990). *O 1.º de Maio em Portugal, 1890-1990: crónica de um século*. Lisboa: Antígona.
- FREIRE, João (1988). *Anarquistas e operários: ideologia, ofício e práticas sociais: o anarquismo e o operariado em Portugal, 1900-1940*. Porto: Afrontamento.
- MARQUES, A. H. de Oliveira e RODRIGUES, Luís Nuno (1991). “A sociedade e as instituições sociais”, in J. Serrão e A. H. de Oliveira Marques (eds.), *Nova História de Portugal*, vol. XI (*Portugal – da Monarquia para a República*). Lisboa: Presença, 187-239.
- MARTINS, Conceição Andrade (1997). “Trabalho e condições de vida em Portugal (1850-1913)”. *Análise Social*, 142, 483-535.
- MÓNICA, Maria Filomena (1985). *O movimento socialista em Portugal (1875-1934)*.

- Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- NOGUEIRA, César (1966). *Notas para a história do socialismo em Portugal (1895-1925)*, vol. 2. Lisboa: Portugália.
- OLIVEIRA, César (1972). *O operariado e a República democrática (1910-1914)*. Porto: Afrontamento.
- OLIVEIRA, César (1973). *O socialismo em Portugal (1850-1900)*. Porto: Afrontamento.
- OLIVEIRA, César (1976). *A revolução russa na imprensa operária portuguesa da época*. Lisboa: Diabril.
- OLIVEIRA, César (1990). *O operariado e a Primeira República (1910-1924)*. Lisboa: Alfa.
- PACHECO, José Pacheco (1971). *As lutas operárias contra a carestia de vida em Portugal: a greve geral de novembro de 1918*. Porto: Portucalense.
- SÁ, Victor de (1981). *Evolução do movimento operário e do sindicalismo em Portugal*. Porto: Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário de Portugal.
- TEIXEIRA, Manuel C. (1992). “As estratégias de habitação em Portugal, 1880-1940”. *Análise Social*, 115, 65-89.
- VIEIRA, Alexandre (1959). *Figuras gradas do movimento social português*. Lisboa: ed. de autor.

# Refugiados espanhóis em Castro Laboreiro (1936-1939)

## *Spanish refugees in Castro Laboreiro (1936-1939)*

FÁBIO ALEXANDRE FARIA<sup>1</sup>

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE – IUL), Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES – IUL)

fabio\_faria@iscte-iul.pt

<https://orcid.org/0000-0002-3803-0374>

MARIA JOÃO VAZ

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE – IUL), Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES – IUL)

maria.vaz@iscte-iul.pt

<https://orcid.org/0000-0002-0003-920X>

Texto recebido em / Text submitted on: 28/11/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 07/09/2020

**Resumo.** Este artigo tem como objetivo analisar a receção e o percurso de refugiados por Portugal no contexto da Guerra Civil de Espanha, focando-se na região montanhosa de Castro Laboreiro, em Viana do Castelo. A proximidade com Espanha tornou este território um local privilegiado de refúgio para alguns espanhóis se protegerem da guerra e da perseguição movida pelas forças oponentes. Receoso do contacto com o exterior, o regime salazarista desenvolveu uma repressão dirigida a estes refugiados, considerados indesejáveis, traduzida na realização de buscas por intermédio das diferentes autoridades, nomeadamente a PVDE, a GNR, a PSP e a Guarda Fiscal. Aos efetivos destas forças pedia-se uma ação conjunta e reforço dos postos de vigilância. No contexto da passagem e da captura de refugiados espanhóis em Castro Laboreiro, aborda-se o caso da família de Eudózia Lorenzo Díz, que exemplifica a realidade vivida por muitos refugiados em Portugal.

**Palavras-chave.** Refugiados, repressão, Guerra Civil de Espanha, Castro Laboreiro.

**Abstract.** This article aims to analyze the reception and travel of refugees through Portugal in the context of the Spanish Civil War, focusing on the mountainous region of Castro Laboreiro, in the district of Viana do Castelo. The proximity to Spain has made this territory a privileged place of refuge to protect themselves from war and persecution by the opposing forces. Afraid of contact with the outside world, the salazarist regime has developed a repression directed at these refugees, considered undesirable, translated into searches through the different authorities, namely the PVDE, the GNR, the PSP and the Guarda Fiscal. The troops of these forces were asked for joint action and reinforcement of the surveillance posts. In the context of the passage and capture of Spanish refugees in Castro Laboreiro, we address the case of the family of Eudózia Lorenzo Díz, which exemplifies the reality experienced by many refugees in Portugal.

**Keywords.** Refugees, repression, Spanish Civil War, Castro Laboreiro.

<sup>1</sup> Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/114813/2016). Doutorando em História Moderna e Contemporânea – Defesa e Relações Internacionais no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

## Introdução

Os recentes conflitos ocorridos no Médio Oriente, particularmente a guerra na Síria, fizeram com que inúmeras pessoas fugissem da região e procurassem acolhimento e proteção noutras zonas, nomeadamente na Europa, constituindo a maior vaga de refugiados no novo milénio. Perante esta situação, a comunidade internacional voltou novamente a sua atenção para o fenómeno dos refugiados, que havia ganho um forte significado durante o século XX, sobretudo no contexto do despontar de grandes confrontos mundiais e europeus, geradores de enormes deslocações de população, como a I Guerra Mundial (1914-1918), a Guerra Civil de Espanha (1936-1939) e a II Guerra Mundial (1939-1945) (MAURRAS 2002). Assistiu-se a uma atualização do conceito de refugiado, largamente utilizado ao longo do século XX para definir quem procurava proteção e segurança em países estrangeiros. De acordo com a definição do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), em 1951, um refugiado era

“[...] qualquer pessoa que, em consequência de acontecimentos ocorridos antes de 1 de janeiro de 1951, e receando, com razão, ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade ou opinião política, se encontre fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio ou por outras razões que não sejam de mera conveniência pessoal, não queira requerer a proteção daquele país; ou quem, não possuindo uma nacionalidade e estando fora do país de residência habitual, não possa ou, em virtude desse receio ou por outras razões que não sejam de mera conveniência pessoal, não queira retornar.”<sup>2</sup>.

Esta definição contemplava a população afetada pelos grandes conflitos bélicos que tiveram lugar na Europa durante a primeira metade do século XX e, distinguindo claramente da dimensão económica, considerava refugiados os indivíduos que se sentissem alvo de perseguição por questões de raça, religião, nacionalidade e opinião política.

O fenómeno do refúgio já foi objeto de estudo por inúmeros académicos, tanto no estrangeiro como em Portugal. A questão dos refugiados da II Guerra Mundial é uma das que tem despertado maior atenção, o que faz com que sejam muitos os estudos que se dedicam à presença destes indivíduos nos

<sup>2</sup> Estatuto do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, de 1951, disponível em <http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/documentos/> (consultado em 23 de março de 2018).

mais variados espaços, nomeadamente em Shanghai (BEI 2013), na América Latina (RONIGER 2014; NEWTON 1982) e em diversos países europeus (TAMMES 2007; MAGA 1982; HOLFTER 2006). A passagem de refugiados da II Guerra Mundial por Portugal, sobretudo judeus, tem sido estudada tanto por autores nacionais como por autores estrangeiros, que apresentam o país não como um espaço de exílio definitivo, mas como uma ponte para alcançar outros territórios além-mar, particularmente a América (MILGRAM 2012; MUHLEN 2012; PIMENTEL 2006; PIMENTEL e RAMALHO 2016; SCHAEFER 2014).

Sobre os refugiados da Guerra Civil de Espanha, os estudos existentes centram-se essencialmente na sua fuga do território espanhol e acolhimento em países próximos, como Portugal e França (DREYFUS-ARMAND 2000), e em diversos países da América Latina, territórios que favoreciam a integração em termos culturais, linguísticos e devido à existência de um considerável número de espanhóis aí residentes, fruto de emigrações anteriores. Nem todos os países da América do Centro e do Sul acolheram de igual forma os espanhóis que aí procuravam refúgio. Enquanto na Argentina se resistiu à entrada dos refugiados espanhóis, o México mostrou-se mais favorável ao seu acolhimento (ORTUÑO MARTÍNEZ 2010; NÚÑEZ SEIXAS 2006; SCHWARZSTEIN 2001). Em Portugal, o estudo deste acontecimento tem sido realizado sobretudo por historiadores e antropólogos. Os primeiros, ao avaliarem as relações entre os dois países ibéricos, debruçaram-se também sobre a presença de refugiados (DELGADO 1980; OLIVEIRA 1987), analisando-se ainda o reforço da vigilância fronteiriça então ocorrido e a passagem dos refugiados por regiões distantes da fronteira (CANDEIAS 1997; FARIA 2017; VAQUINHAS 2015). Os antropólogos têm estudado o fenómeno sobretudo sob o ponto de vista da vivência das comunidades que, muitas vezes solidariamente, acolheram estes refugiados, inserido num quadro mais amplo da resistência ao regime salazarista, convocando para tal as memórias individuais e coletivas das populações que participaram, direta ou indiretamente, nos acontecimentos (SIMÕES 2016; CUNHA 2006).

Privilegiando fontes policiais, provenientes maioritariamente do Arquivo da PIDE/DGS e do Arquivo do Ministério do Interior, depositados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, este artigo debruça-se sobre a presença de refugiados espanhóis na região de Castro Laboreiro, distrito de Viana do Castelo, nos meses iniciais da Guerra Civil de Espanha. As fontes analisadas privilegiam as ações de repressões de que os refugiados foram objeto por parte das autoridades policiais portuguesas, testemunhando igualmente as preocupações e estratégias desenvolvidas pelo regime salazarista, com o ob-

jetivo de manter a ordem pública e a acalmia social, procurando impedir o contacto entre as populações locais e aqueles que definia como “um perigo vermelho”, representado pelos refugiados espanhóis, geralmente assimilados a simpatizantes comunistas. Partindo do estudo de caso de uma família ga-lega que procura refúgio na região de Castro Laboreiro, distrito de Viana do Castelo, a família de Eudózia Lorenzo Diz, analisa-se o percurso e a passagem de refugiados pela região norte de Portugal no contexto da Guerra Civil de Espanha, confrontando este caso com o de outros espanhóis que igualmente procuraram refúgio em Portugal.

## 1. O aparelho de vigilância fronteiriço em Viana do Castelo

O Estado Novo de Oliveira Salazar, regime autoritário, fechado, repressivo e receoso do contacto com exterior, pouco propenso a receber elementos estrangeiros considerados indesejáveis pelas ideias de que poderiam ser portadores, sobretudo quando percecionados como simpatizantes comunistas, colocou-se ao lado dos nacionalistas de Franco na Guerra Civil de Espanha, iniciada a 18 de julho de 1936, em oposição ao governo legítimo da Frente Popular, de tendência republicana, recentemente eleito em fevereiro<sup>3</sup>. Segundo uma linha de antagonismo que já se vinha a manifestar particularmente desde a instauração da II República em Espanha, em abril de 1931, agravada pelo acolhimento proporcionado a portugueses opositores do regime, o governo salazarista prestou auxílio à fação franquista a vários níveis: permissão para a passagem de homens e de armamento por Portugal; fornecimento de alimentos, de armas e de munições aos sublevados; envio de portugueses para combater pelos nacionalistas; propaganda favorável aos franquistas; vigilância e entrega de refugiados republicanos a Franco (OLIVEIRA 1995: 50-51).

Dada a sua posição de país confinante, Portugal foi particularmente procurado pelos fugitivos espanhóis como lugar de refúgio, sobretudo durante os primeiros meses do conflito e por aqueles que residiam na região ocidental e noroeste de Espanha. As redes de relações fronteiriças construídas ao longo do tempo facilitaram os fluxos de refugiados, especialmente na zona raiana que compreende a Galiza e o Norte de Portugal, o que levou a que fosse natural a escolha desta região como espaço de refúgio por parte de muitos espanhóis<sup>4</sup>. As regiões raianas do interior português sempre manifestaram grande proxि-

<sup>3</sup> Sobre a natureza e o funcionamento do regime salazarista ver, entre outros, ROSAS 2015 e 2019.

<sup>4</sup> Sobre esta questão, atente-se nos estudos de Paula Godinho sobre a raia luso-espanhola, com destaque para Godinho 2011.

midade com Espanha, registando-se uma grande circulação de pessoas, que vinham a Portugal trabalhar, muitas vezes num quadro de sazonalidade, ou num contexto de lazer, particularmente nos meses de verão, embora neste último caso se dirigessem essencialmente às principais zonas balneares, de que é exemplo Figueira da Foz (VAQUINHAS 2015). Neste contexto de proximidade geográfica com Espanha salientou-se o distrito de Viana do Castelo, fronteiriço com a região da Galiza, com destaque para as províncias de Pontevedra e de Ourense, onde se encontra localizada a freguesia de Castro Laboreiro, pertencente ao concelho de Melgaço.

A preocupação com a vigilância e o controlo de estrangeiros em Portugal foi uma constante ao longo do Estado Novo, mostrando-se Salazar receoso que a população portuguesa contactasse com ideias que considerava subversivas. A PVDE, principal instância encarregue de vigiar e controlar as fronteiras e as entradas no país, contava, até ao final da II Guerra Mundial, com uma rede de delegações, inspeções, postos e subpostos que se cifrava nas 36 unidades, contemplando Portugal Continental e Ilhas.

A esmagadora maioria destes postos de vigilância localizava-se junto à raia espanhola, justificado pelo facto de a maioria das entradas que se registavam em Portugal se processar pela via terrestre. Assim, contavam-se 27 postos de vigilância junto à fronteira terreste com Espanha, tendo-se registado um aumento no seu número no período que compreendeu a Guerra Civil de Espanha, criando-se 1 delegação e 9 postos da PVDE, dos quais 8 estavam localizados na zona raiana: Zebreira, Sobral de Adiça, Campo Maior, Caia, Quintanilha, Portelo, Bragança e Moura (RIBEIRO 1995: 299). O distrito de Viana de Castelo era um dos que apresentava um maior número de postos de vigilância fronteiriços, embora a sua criação não se tenha relacionado diretamente com a Guerra Civil de Espanha, uma vez que todos os postos já existiam antes do início do conflito, podendo, contudo, significar um reforço da vigilância perante uma Espanha republicana, olhada com desconfiança pelo regime salazarista. Estes postos localizavam-se em Caminha, Vila Nova de Cerveira, Valença, Monção, Melgaço, Peso/Melgaço e São Gregório.

De acordo com Maria da Conceição Ribeiro, excetuando o posto de Melgaço, todos os restantes já se encontravam em funcionamento no tempo da Polícia Internacional Portuguesa (PIP), antecessora da PVDE, antes de 1933 (RIBEIRO 1995: 109). Ao contrário do que se verificou noutras regiões do país, não foi criado nenhum posto de vigilância no distrito de Viana do Castelo no contexto da Guerra Civil de Espanha. Durante o conflito espanhol foram estabelecidos os seguintes postos fronteiriços por parte da PVDE: Portelo, Quintanilha e Bragança (distrito de Bragança); Zebreira (Castelo Branco);

Campo Maior e Caia (Portalegre); Sobral da Adiça e Moura (Beja). Na colocação dos novos postos, o regime salazarista privilegiou os espaços na raia onde não existia uma fronteira natural, nomeadamente rios, que dificilmente seriam ultrapassáveis. No entanto, esta barreira natural não impediu que muitos espanhóis entrassem em Portugal, uma vez que vários indivíduos aventurem-se a fazer a sua travessia.

Por outro lado, no processo de entrada em Portugal muitos refugiados serviram-se de uma estrutura de rotas de passagem que se encontrava estabelecida entre os dois países ibéricos, pelo menos desde o século XII, cujo conhecimento, para além da proximidade geográfica, esteve na origem da escolha do território português como espaço de refúgio. Da mesma forma que os cidadãos espanhóis aproveitaram as rotas já existentes, também as autoridades portuguesas, para fiscalizar a entrada de refugiados no país, se serviram da vigilância já antes dedicada à repressão do contrabando, prática de sustento das populações raianas que se desenvolveu antes, durante e após o conflito espanhol (LANERO TÁBOAS et al 2009). Salazar procurou melhorar o controlo fronteiriço, sobretudo para combater a prática do contrabando durante este período, através da adoção de diversas medidas: melhoria de infraestruturas e de serviços; reorganização dos organismos de vigilância, principalmente Guarda Fiscal e GNR; endurecimento de medidas legais contra a prática do contrabando (LANERO TÁBOAS et al 2009). Apesar de estas medidas se direcionarem especialmente para a repressão ao contrabando, acabaram também por ter efeito sobre os espanhóis que procuravam refúgio em Portugal, uma vez que estes dois aspectos, contrabando e entrada clandestina de pessoas no país, se encontraram relacionados durante e após o conflito espanhol, favorecidos pela rede de ligações e contactos já estabelecidos na raia luso-espanhola. Estes trilhos, para além de terem sido utilizados por quem pretendia entrar escondido em Portugal, foram ainda usados pelos opositores ao regime português que se viam obrigados a fugir à repressão salazarista até à queda do regime, em 25 de abril de 1974.

A vigilância e a repressão aos estrangeiros que entravam em Portugal de forma clandestina não era exercida exclusivamente pela polícia política. As restantes autoridades policiais, dada a carência de efetivos e de bens materiais da PVDE, colaboravam ativamente no desempenho destas funções. Algumas das falhas no processo de vigilância e controlo de estrangeiros já haviam sido apontadas por Leone Santoro, responsável pela Missão Italiana de Polícia em Portugal, convidado por Salazar em 1937, destacando a insuficiente vigilância sobre os estrangeiros e as fronteiras e uma escassa colaboração entre a PVDE, a PSP, a GNR, a Polícia de Trânsito, a Polícia Marítima e a Guarda Fiscal (REBEIRO 1995: 153-154).

Tendo em conta que a GNR atuava particularmente no espaço rural, esta força policial destacou-se na colaboração com a PVDE na vigilância e na repressão aos estrangeiros que tentavam entrar ilegalmente no país. Em 1940, no distrito de Viana do Castelo as localidades que se encontravam guarnecidas pela GNR eram: Arcos de Valdevez, Caminha, Monção, Ponte de Lima, Valença, Viana do Castelo, Âncora e Lanhenses. Todas estas unidades estavam providas com elementos da 5.<sup>a</sup> Companhia do Batalhão 4, cuja discriminação se apresenta no quadro 1 que se segue.

Apesar de ter existido uma estreita colaboração entre a PVDE e as restantes forças policiais na tentativa de impedir a entrada clandestina de estrangeiros no país, a Guerra Civil de Espanha motivou a vinda para Portugal de inúmeros refugiados que procuravam escapar à repressão franquista e aos perigos da guerra. A sua entrada realizou-se ao longo de toda fronteira terrestre, situação que atingiu o distrito de Viana do Castelo, em particular a região de Castro Laboreiro, zona confinante com Espanha.

## 2. Vigilância e controlo de refugiados espanhóis em Viana do Castelo

A entrada de refugiados espanhóis em Portugal não se desenrolou de forma uniforme e homogénea, processando-se de acordo com o avanço das tropas nacionalistas no território espanhol, podendo ser distinguidos vários momentos de entrada massiva de refugiados espanhóis em Portugal, tanto de civis como de militares afetos aos dois grupos em conflito (republicanos e nacionalistas), ou de população sem nenhuma afinidade política que simplesmente pretendia escapar aos perigos da guerra. Na origem destas deslocações estiveram 3 grandes motivos: os combates entre nacionalistas e republicanos e a ocupação de localidades por Franco, a repressão nacionalista contra as forças republicanas e a fuga à convocação militar (OLIVEIRA 1987: 155-156).

De acordo com Dulce Simões existiram 4 grandes movimentos de espanhóis para Portugal: nos finais de julho de 1936, altura em que se refugiaram no Norte de Portugal militares que haviam lutado nas províncias de Pontevedra e de Ourense e civis originários das regiões de Tui e de Vigo; na zona do Caia, após a fuga de republicanos na sequência da ocupação de Badajoz, em meados de agosto; a 12 de agosto de 1936, quando a população de Encinasola se refugiou na região de Barrancos; na fronteira de Barrancos, quando os sublevados espanhóis ocuparam a região de Oliva de la Frontera, a 21 de setembro desse ano (SIMÕES 2016: 198-199). Ángel Rodríguez Gallardo, que centrou o seu estudo nos fluxos de refugiados provenientes da Galiza, refere a ocorrência de 3

grandes momentos: entre julho e setembro de 1936, protagonizada, sobretudo, pelas populações do sul da Galiza; entre outubro e dezembro de 1936, quando o exército rebelde passou a controlar toda a fronteira; a partir dos finais de 1936, com a redução significativa do número de refugiados (RODRÍGUEZ GALLARDO 2011: 4-5).

Conforme atestam os dados do Registo Geral de Presos da PVDE, os refugiados que chegaram ao distrito de Viana do Castelo, em especial ao lugar de Castro Laboreiro, fizeram-no sobretudo durante os primeiros dias do conflito espanhol, sendo originários, na sua esmagadora maioria, de Pontevedra e de Ourense. Em Castro Laboreiro, os refugiados, para além do centro da freguesia, também se movimentaram noutros espaços, como as brandas e as inverneiras, lugares de habitação temporária utilizados pela população local nas estações quentes e frias, respetivamente, localizando-se as primeiras nas zonas de maior altitude e as últimas nos vales. Dado o seu caráter de ocupação sazonal, facilitavam a ocultação e a sobrevivência dos refugiados, uma vez que se encontravam vazias em determinadas alturas do ano. Os refugiados misturavam-se com os habitantes locais e aproveitavam os espaços que eram abandonados pela população castreja na sua movimentação habitual entre as estações (RODRÍGUEZ GALLARDO 2003: 641).

À semelhança do que se verificou na restante área fronteiriça, também no distrito de Viana do Castelo houve uma clara preocupação em vigiar a zona raiana e tentar impedir a entrada de refugiados no país, desenvolvendo a PVDE, em colaboração com a GNR, com a GF e com o Exército, uma acentuada ação repressiva sobre quem procurava refúgio em Portugal. Com o início do conflito em Espanha, o número de efetivos presentes na fronteira tornou-se insuficiente e incapaz de conter a entrada de refugiados em Portugal, o que levou o Ministério da Guerra a decretar medidas com vista ao reforço da vigilância fronteiriça. No caso da fronteira de Barrancos, no Alentejo, os operacionais eram coordenados pelo Comando Militar de Beja, subordinado ao comandante da 4.<sup>a</sup> Região Militar que, por sua vez, respondia ao Ministério da Guerra. O tenente António Augusto de Seixas, da GF, ficou responsável pelo comando técnico das operações nesta região da fronteira, a qual era policiada por elementos pertencentes ao Exército e à GF (SIMÓES 2016: 158).

São diversos os relatórios e os ofícios das forças policiais, existentes no Arquivo Histórico Militar e no Arquivo do Ministério do Interior, que se referem à entrada de refugiados espanhóis em Portugal, demonstrando a preocupação de Salazar em reforçar os postos de vigilância fronteiriços, particularmente durante julho, agosto e setembro de 1936. Cite-se, a título de exemplo, a comunicação de Salvador Nunes Teixeira, governador civil de Bragança, ao

ministro do Interior, de finais de julho de 1936, referente à entrada de vários espanhóis naquela região, nomeadamente em Miranda do Douro, Vimioso e Moimenta, referindo-se também à captura de 9 espanhóis, maioritariamente originários de Lubián, em Zamora, acusados de serem elementos comunistas<sup>5</sup>.

O facto de se terem registado tiroteios em Tui, localidade espanhola fronteiriça com o distrito de Viana do Castelo, nos primeiros dias da guerra, levou a que o comandante da Companhia da GNR de Viana do Castelo pretendesse reforçar os postos de Valença e de Monção, tendo em conta as informações transmitidas pelo comandante da secção de Valença<sup>6</sup>. Em agosto, o comandante Aníbal Franco informava o Comando Geral da GNR que desde o início da Guerra Civil de Espanha, a 5.<sup>a</sup> Companhia do 4.<sup>º</sup> Batalhão havia procedido à vigilância do serviço de fronteira através dos postos localizados em Valença, Monção e Caminha, os quais, contando com a colaboração da GF e da PSP, vigiavam a margem esquerda do rio Minho<sup>7</sup>. O controlo da fronteira pelas forças franquistas era entendido como um sinal de ordem, visão que foi partilhada pelas autoridades portuguesas, entendendo-se que não havia necessidade reforçar os postos fronteiriços que comunicavam com localidades espanholas controladas pelos franquistas:

“Teve este comando conhecimento que toda a fronteira Norte do País está em poder das forças nacionalistas espanholas, mantendo em toda a região a ordem e que por esse facto o comando da 1.<sup>a</sup> Região Militar mandou retirar de Valença a Companhia que para ali havia destacado prevendo acontecimentos [...]”<sup>8</sup>.

A atenção que as autoridades prestavam à entrada de espanhóis em Portugal também se estendia aos indivíduos armados que entravam no país em perseguição dos seus inimigos, situação a que se refere o ofício do governador civil de Viana do Castelo, Tomás Fragoso, datado de 25 de agosto de 1936, dando a conhecer ao ministro do Interior que se tinham registado na região de Castro Laboreiro diversas incursões por parte de espanhóis armados que vinham em perseguição dos seus adversários políticos que se encontravam

<sup>5</sup> ANTT, Ministério do Interior, Gabinete do Ministro, Maço 481, pt. 35/41, Ofício confidencial do governador civil de Bragança para o ministro do Interior, de 28 de julho de 1936.

<sup>6</sup> ANTT, Ministério do Interior, Gabinete do Ministro, Maço 481, pt. 35/3, Cópia do telegrama do Comandante da companhia de Viana do Castelo, 21 de julho de 1936.

<sup>7</sup> ANTT, Ministério do Interior, Gabinete do Ministro, Maço 481, pt. 35/26, Relatório do Comandante do Batalhão 4 da GNR, Major Aníbal Franco, 15 de agosto de 1936.

<sup>8</sup> ANTT, Ministério do Interior, Gabinete do Ministro, Maço 481, pt. 35/26, Relatório do Comandante do Batalhão 4 da GNR, Major Aníbal Franco, 15 de agosto de 1936.

refugiados em Portugal, o que obrigava ao reforço da vigilância nessa área<sup>9</sup>. Esta ideia remete-nos para uma das grandes preocupações do regime salazarista, a manutenção da soberania nacional, uma vez que se tratava de Espanha, país que tinha uma longa tradição de pretensão sobre o território nacional. Como refere Hipólito de la Torre Gómez, “[...] O medo secular do «perigo espanhol» tinha-se tornado, desde a implantação da República em Portugal (1910), num dos condicionantes mais importantes, e com razão de ser, da política externa portuguesa.” (DE LA TORRE GÓMEZ 2010: 45).

As autoridades portuguesas não descuravam a vigilância da fronteira mesmo quando eram elementos nacionalistas a atravessá-la em perseguição de simpatizantes republicanos, pretendendo, em primeiro lugar, impedir que forças armadas espanholas entrassem em território português, independentemente da sua tendência política. Em dezembro de 1936, o comandante da GF da Ameijoeira, em Castro Laboreiro referia-se à entrada de 3 espanhóis armados pertencentes às forças nacionalistas naquela região, que pediam auxílio para capturar refugiados que se encontravam em Ribeiro de Baixo, afirmando que tinham indicações da PVDE de São Gregório. O referido comandante, seguindo o que havia sido instruído pelo comandante da secção fiscal de Melgaço, ordenou que estes espanhóis regressassem a Espanha, reforçando a ideia de que era proibido atravessar a fronteira<sup>10</sup>. Em diversos casos, a entrada em Portugal de elementos nacionalistas foi permitida pelas autoridades portuguesas, no contexto da realização de batidas conjuntas que pretendiam “limpar a fronteira de marxistas espanhóis”. Segundo César Oliveira, na sequência da conquista nacionalista de Mérida e de Badajoz, em agosto de 1936, passaram a realizar-se “operações de limpeza”, sobretudo em regiões de matas, montes e vales de ribeiras, onde participaram elementos nacionalistas e falangistas e forças da PVDE, da GNR e da GF (OLIVEIRA 1987: 161).

<sup>9</sup> ANTT, Ministério do Interior, Gabinete do Ministro, Maço 481, pt. 35/32, Ofício do Governador Civil de Viana do Castelo para o ministro do Interior, 25 de agosto de 1936.

<sup>10</sup> Arquivo Histórico Militar, Fundo 1, Série 38, Número 08, Caixa 63, Nº2, Capilha 2, Missão Militar Portuguesa de Observação em Espanha, Cópia da correspondência recebida dos comandos das unidades da Guarda Fiscal, de 6 de dezembro de 1936.

### 3. Operações policiais para captura de refugiados em Castro Laboreiro

Sempre que existiam suspeitas de que espanhóis tinham entrado em território português, as autoridades agiam no sentido de verificar a sua veracidade. Foi o que aconteceu no caso das informações recebidas sobre as incursões de espanhóis armados em Castro Laboreiro no final de agosto de 1936. No seguimento destas informações, o comandante do posto da GNR de Melgaço recebeu ordens para organizar uma patrulha para se dirigir a Castro Laboreiro, com a missão de verificar se tinha ocorrido a entrada de espanhóis armados na zona e se estes haviam procedido a buscas nas casas da população local, concluindo-se que tal não se verificara. Esta operação colocou em evidência um dos principais problemas que as autoridades tinham de enfrentar, o difícil acesso em virtude do terreno acidentado e montanhoso<sup>11</sup>.

Podemos colocar algumas hipóteses a partir deste facto: que efetivamente circulavam poucos refugiados na região ou que os refugiados que se encontravam naquela área estavam bem escondidos das autoridades policiais. Devemos também ter em consideração que, com esta afirmação, o oficial português pretenderia querer demonstrar que a vigilância na região era feita de forma eficaz, o que poderia não corresponder totalmente à verdade. Com efeito, a presença de refugiados espanhóis em Castro Laboreiro parece ter sido significativa. Só para o primeiro semestre de duração do conflito espanhol, Ángel Rodríguez Gallardo, baseando-se em testemunhos orais, refere a presença de 480 refugiados na freguesia (RODRÍGUEZ GALLARDO 2003: 641).

Estas batidas realizaram-se também ao longo de 1937 e de 1938, e mesmo após o conflito. Em junho de 1938 era apresentado um relatório por parte do capitão Luís Gonzaga da Silva Domingues relativamente a uma expedição realizada na Serra da Peneda, localizada no Nordeste do distrito de Viana do Castelo, que contou com a participação de elementos da GF da Ameijoeira e de civis para servirem de guias e demonstrou algumas das dificuldades encontradas, nomeadamente maus caminhos, piso irregular e pedregoso, montes e vales com subidas e descidas íngremes<sup>12</sup>.

Este operacional não considerava que existissem refugiados em grande número em Castro Laboreiro, e muito menos que estes tivessem na sua posse grandes armas, admitindo que os que andavam pela região encontravam-se isolados ou em pequenos grupos, abrigando-se em lugares incertos e sustentan-

<sup>11</sup> ANTT, Ministério do Interior, Gabinete do Ministro, Maço 481, pt. 26/1, Cópia da nota confidencial nº46 do Comandante do 4.º Batalhão da GNR para o comando geral da GNR, 5 de setembro de 1936.

<sup>12</sup> ANTT, Ministério do Interior, Gabinete do Ministro, Livro 2 PV/V Nº3, Maço 495, NT 369, Relatório do Capitão Luís Gonzaga da Silva Domingues, 24 de junho de 1938.

do-se à custa do que a população local lhes dava, por uma questão humanitária, por receio ou ainda a troco de dinheiro que, eventualmente, os refugiados pudessem possuir, situação favorecida pelo isolamento da região, evidenciando problemas como a carência de estradas e de recursos humanos e materiais.

Os relatórios e ofícios das forças policiais portuguesas atestam a presença de refugiados espanhóis na região de Castro Laboreiro e demonstram que, apesar dos esforços desenvolvidos pelas autoridades, muitos conseguiram escapar à repressão operada pelo regime salazarista. Em sentido contrário, inúmeros refugiados acabaram capturados pelas autoridades portuguesas, levados para as prisões e, posteriormente, expulsos do país.

A 25 de setembro de 1936 existiam 496 espanhóis detidos em Portugal, encontrando-se mais de metade concentrada no Forte de Caxias, o que se justifica pelo facto de ter sido durante o primeiro trimestre da Guerra Civil de Espanha que se registou a entrada de um maior número de espanhóis no país, sobretudo após a conquista nacionalista de Badajoz, como já documentou César Oliveira (OLIVEIRA 1987). Estes dados podem ser consultados no quadro 2. O desenvolvimento do conflito espanhol teve uma influência direta no crescimento do número de espanhóis detidos em Portugal. De acordo com o Registo Geral de Presos, em 1935 o número de espanhóis presos em território nacional não ultrapassava os 40 indivíduos, realidade que se manteve ao longo do primeiro semestre do ano seguinte, quando, até se iniciar a guerra civil, foram capturados cerca de 30 espanhóis<sup>13</sup>.

#### **4. Refugiados espanhóis em Castro Laboreiro: o caso de Eudózia Lorenzo Diz**

Durante a Guerra Civil de Espanha, a PVDE registou a detenção de cerca de 500 espanhóis, muitos dos quais foram presos quando pretendiam esconder-se em Portugal. A esmagadora maioria destes indivíduos, do sexo masculino, era originária de províncias espanholas confinantes com Portugal, nomeadamente Ourense, Pontevedra, Badajoz e Zamora, e desempenhava profissões ligadas ao setor primário, como a de jornaleiro e lavrador, a de trabalhador, ou ainda a de amolador e comerciante. Na base da detenção da maioria destes espanhóis esteve o facto de serem considerados refugiados políticos, de terem entrado em Portugal de forma clandestina ou indocumentados, definindo-se a sua captura para averiguações. Relativamente ao distrito de Viana do Castelo, de

---

<sup>13</sup> ANTT, Arquivo da PIDE/DGS, Registo Geral de Presos.

acordo com o Registo Geral de Presos, foram presos 38 espanhóis. Ressalve-se, contudo, que os números apresentados a seguir não devem ser entendidos como absolutos, uma vez que nem todas as fichas prisionais dos detidos fazem referência ao local onde ocorreu a captura, admitindo-se ainda a possibilidade de não existirem registos de muitos dos capturados.

A PVDE registou a captura de cinco espanhóis no distrito de Viana do Castelo até ao final de 1936: 1 em Valença, 2 em Monção e 2 em Caminha, que foram detidos por terem entrado clandestinamente no país ou por se encontrarem indocumentados, 2 dos quais foram entregues às autoridades espanholas, destacando-se ainda a libertação de Hermínio Gonzalez Covelo, apesar de ser considerado chefe comunista. Contudo, nem sempre os presos que eram libertados permaneciam efetivamente em liberdade, uma vez que muitos eram libertados para posteriormente serem expulsos do país.

Em 1937 contabilizou-se a detenção de 16 cidadãos espanhóis no distrito de Viana do Castelo, a maioria natural das províncias de Ourense e de Pontevedra. 14 foram capturados em Peso (Melgaço), 1 em Valença e 1 em Monção, sobretudo por estarem indocumentados ou por se encontrarem fugidos de Espanha, sendo a maioria expulsa pela fronteira de Valença. Entre estas detenções, há dois casos diretamente relacionados com a freguesia de Castro Laboreiro, reportando-se ambos a 15 de setembro, quando foram detidos Juan António Salgado e José Gonzalez, por se encontrarem fugidos de Espanha<sup>14</sup>. O primeiro foi capturado pela GF nas montanhas de Castro Laboreiro e o segundo foi encontrado doente e abandonado num palheiro nessa freguesia, um dos espaços onde os refugiados se procuravam esconder para tentar escapar às autoridades. Ambos foram expulsos pela fronteira de Valença a 18 de setembro de 1937.

Em 1938 foram detidos 14 espanhóis no distrito de Viana do Castelo – 13 em Peso e 1 em Monção – por estarem indocumentados, por estarem fugidos de Espanha, por serem considerados indesejáveis, por serem refugiados políticos, ou ainda para averiguações. A esmagadora maioria foi expulsa através de diferentes pontos da fronteira, como São Gregório, Lisboa (fronteira marítima), Peso (Melgaço) e Valença. Até 1 de abril de 1939, final do conflito, a PVDE contabilizou a captura de 3 espanhóis no distrito de Viana do Castelo, todos naturais da província de Ourense, expulsos pela fronteira de Valença.

O final da Guerra Civil de Espanha não significou o fim da captura de refugiados espanhóis por parte das autoridades portuguesas e, neste contexto, o distrito de Viana do Castelo não foi exceção, registando-se várias detenções ao longo dos anos seguintes, como José Maria Pereira, detido pelo posto de

<sup>14</sup> ANTT, Arquivo da PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livro 41.

Peso em junho de 1939 por estar indocumentado e fugido de Espanha, Amparo Gonzalez Rodriguez, presa no mesmo mês pelo posto de Monção por estar indocumentada, e José Rodríguez Giraldez, detido pelo posto de Peso em fevereiro de 1940 por estar indocumentado e ser considerado refugiado político<sup>15</sup>.

Um dos casos mais exemplares da presença de refugiados em Castro Laboreiro foi o de Eudózia Lorenzo Diz e dos seus pais, Agustín Lorenzo Puga e Basilisa Diz Gonzalez, capturados a 17 de maio de 1938. Eudózia e os pais, naturais da província de Ourense, entraram em Portugal de forma clandestina, pela fronteira de Lindoso (Ponte da Barca), a 20 de julho de 1936, residindo no lugar de Rodeiro, da Serra de Castro Laboreiro, após o que passaram a morar em Arcos de Valdevez, não havendo conhecimento do seu posterior local de residência<sup>16</sup>. À data da sua entrada em Portugal, esta professora galega não tinha mais do que 20 anos, uma vez que nascera em 1918, ao passo que o pai e a mãe, respetivamente castrador e doméstica de profissão, tinham 44 e 40 anos.

Como acontecia frequentemente, os crimes de que eram acusados os refugiados por parte das autoridades não coincidiam com as declarações feitas pelos mesmos. De acordo com informações transmitidas pelo chefe do posto da PVDE de São Gregório, na base da fuga desta família de Espanha esteve o facto de serem considerados pelas autoridades franquistas como importantes elementos difusores de propaganda comunista na sua área de residência, a cujo partido se suspeitava estarem ligados, pelo que eram vistos como perigosos para a causa nacionalista<sup>17</sup>. Contudo, a fuga desta família não terá estado relacionada com questões políticas, mas sim com ameaças dirigidas ao patriarca após este ter sofrido um ataque nas vésperas da guerra civil. A chegada a Portugal foi motivo de felicidade para esta família galega, particularmente para Eudózia, que considerou este momento como um dos melhores acontecimentos da sua vida (FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ 2019: 85).

A captura desta família encontrava-se pedida pela Ordem de Serviço da PVDE n.º 338/37, de 4 de dezembro de 1937. Como tal, foram feitas algumas buscas na região de Castro Laboreiro por haver informações que apontavam para a sua presença ali, nomeadamente ao longo do mês de maio de 1938. No dia 12, João Guilherme da Cunha, chefe do posto de Melgaço, comunicava ao Secretário-Geral da PVDE a busca que efetuara nos dias anteriores. Esta operação resultou na detenção de Camilo Gonzalez Alonso, refugiado espanhol encontrado escondido na palha de um curral de cabras, não surtindo efeito relativamente à família de Eudózia. Esta e os pais, procurando escapar às batidas

<sup>15</sup> ANTT, Arquivo da PIDE/DGS, Registo Geral de Presos, Livros 58 e 61.

<sup>16</sup> ANTT, Arquivo da PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-crime 1518/37 NT 4498.

<sup>17</sup> ANTT, Arquivo da PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-crime 1518/37 NT 4498.

levadas a cabo pela GF, haviam fugido para as inverneiras, o que levou a que a PVDE passasse revista ao local. João G. da Cunha chegou à conclusão de que a maioria das inverneiras era utilizada como lugares de refúgio pelos fugitivos espanhóis, sendo a tarefa das autoridades dificultada não só pelo facto de alguns refugiados, como Eudózia, se vestirem de forma semelhante à população local para passarem despercebidos, como também pelo silêncio dos habitantes dos lugares, que preferiam a prisão e a tortura a informarem as autoridades sobre a presença de refugiados espanhóis, considerando que estes contribuíam para a sobrevivência da população local, dado os pagamentos que faziam em troco de alimentação e de guarda<sup>18</sup>.

A operação realizada no dia 17 de maio de 1938 revelou-se mais frutífera. No lugar de Eiras foi detido um refugiado espanhol, que estava escondido numa casa abandonada e, em Castro Laboreiro, uma portuguesa que teria ajudado um espanhol a fugir. Foram realizadas buscas no lugar da Seara, na tentativa de encontrar Manuel Fernández González, considerado pela polícia como um perigoso elemento comunista, o que não se concretizou, uma vez que a portuguesa Virgínia Esteves, com quem aquele teria um relacionamento, o havia ajudado a escapar. João G. da Cunha relata que Eudózia e os pais foram encontrados escondidos na casa de António Domingos Rendeiro, no lugar do Rodeiro, num buraco no chão perto da lareira que estava coberto por urzes. Por lhes ter dado abrigo, o português e a irmã foram também detidos<sup>19</sup>. António Rendeiro, por ter infringido o artigo 6.º do decreto-lei n.º 15.884, datado de 24 de agosto de 1928, foi multado<sup>20</sup>.

Poucos dias após serem detidas, Eudózia e a mãe, que, juntamente com o pai, se encontravam na cadeia civil de Melgaço, foram transferidas para o Hospital da Misericórdia de Melgaço em virtude do débil estado de saúde que apresentavam, de onde saíram a 6 de junho de 1938. À semelhança do que fizeram muitos outros refugiados, esta família dedicou-se a tratar da sua saída do país, sendo este processo intermediado pela polícia política, especialmente interessada em saber se os refugiados tinham posses suficientes que lhes permitissem pagar a viagem. A 28 de maio de 1938, a Diretoria da PVDE solicitava ao chefe do posto de Peso que informasse se esta família tinha meios suficientes para o pagamento da viagem destinada a Marselha, o que se verificou, destacando-se, porém, o facto de não possuírem nenhum documento de identificação que lhes permitisse obter os passaportes.

<sup>18</sup> ANTT, Arquivo da PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-crime 1518/37 NT 4498.

<sup>19</sup> ANTT, Arquivo da PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-crime 1518/37 NT 4498.

<sup>20</sup> De acordo com este decreto, os portugueses estavam obrigados a comunicar à polícia internacional caso albergassem estrangeiros, sob pena de serem autuados em 100\$ ou 500\$, se fossem reincidentes.

No início de julho de 1938, após uma tentativa falhada na obtenção de passaportes no Consulado da França do Porto, a família de Eudózia solicitou a transferência para Lisboa, onde entendia ser mais fácil adquirir os mesmos. Agostinho Lourenço, diretor da PVDE desde a sua criação, em agosto de 1933, autorizou que Eudózia e os pais fossem transferidos para Lisboa, sob condição de que estes pagassem, não só a sua viagem como a dos agentes que os acompanhavam na deslocação a partir de Melgaço. A 13 de julho, o Cônsul de França respondia a partir do Porto, comunicando que a autorização para a deslocação a Marselha teria de ser dada pelo governo francês, o que não era fácil, dada a maior afluência de refugiados a França. Cerca de um mês depois, a 10 de agosto, esta família embarcava em Lisboa no vapor *Jamaique* com destino a Casablanca, documentados pelo Cônsul de França<sup>21</sup>.

Frequentemente, as buscas que as autoridades realizavam em perseguição de refugiados baseavam-se em denúncias feitas pela população local. No caso desta família, esta terá sido feita por um conterrâneo, José Juan Domínguez Rodríguez, o qual, permanecendo escondido em Portugal desde os finais de julho de 1936 em casa de Manuel Lopes e mantendo um relacionamento amoroso com Benesinda Duque, residentes na freguesia de Paderne, no concelho de Melgaço, acabou por ser detido e expulso para Espanha, confessando que em Portugal colaborara com a polícia, contribuindo para a captura de 8 refugiados, entre os quais se contavam Eudózia e os pais<sup>22</sup>.

Ao longo dos cerca de 2 anos em que permaneceu refugiada em Portugal, a família Lorenzo relacionou-se de forma bastante próxima com as gentes de Castro Laboreiro, desenvolvendo laços de amizade com a população local, especialmente Eudózia, que ensinou matemática a algumas crianças da freguesia. Após entrarem em Portugal, estes galegos percorreram vários lugares da freguesia de Castro Laboreiro até chegarem a Alagoa, onde se estabeleceram na casa de José Fernandes e Rosa Domingues, aí permanecendo até março de 1937. Durante este tempo, os pais de Eudózia passaram as noites num palheiro, ao passo que esta dormiu juntamente com as filhas do casal, Delfina e Constância, sendo mais tarde acolhidos por António e Antónia Domingos Rendeiro no lugar de Rodeiro, em cuja casa acabaram por ser capturados. Ao longo deste ano, com o intuito de despistar a polícia portuguesa, alternaram a sua presença entre a branda de Rodeiro e a branda de Portos, contando neste último lugar com o apoio de Manuel Luís Alves e de Rosa Gonçalves (FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ 2019: 58-60).

Contrariamente a muitos outros refugiados, Eudózia e os pais não foram

<sup>21</sup> ANTT, Arquivo da PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-crime 1518/37 NT 4498.

<sup>22</sup> ANTT, Arquivo da PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-crime 1518/37 NT 4498.

entregues às forças franquistas. Para esta situação terá contribuído o facto de o chefe da PVDE de Melgaço, João G. da Cunha, se ter encantado pela professora galega ao ouvir o relato da história que conduziu à sua fuga para Portugal<sup>23</sup>. É neste contexto que devemos interpretar as considerações feitas pelo operacional relativamente a este caso. Entendia que as acusações feitas pelas autoridades espanholas eram infundadas, acreditando que estas se deviam a uma vingança pessoal pelo facto de Eudózia ter terminado o namoro com um professor falangista e ter iniciado uma relação com um advogado de tendência esquerdistas<sup>24</sup>.

O caso da família Lorenzo ilustra o que foi a passagem por Portugal de muitos refugiados durante a Guerra Civil de Espanha e a II Guerra Mundial: entrar de forma clandestina e sem documentos no país; tentar passar despercebido às autoridades portuguesas, contando para isso, muitas vezes, com o auxílio da população local ou de seus conterrâneos já estabelecidos em Portugal; ser capturado pelas forças policiais portuguesas e colocado em prisões, maioritariamente no Forte do Caxias ou no Aljube; tratar da documentação necessária para a saída do país nos diferentes Consulados existentes em Portugal, sendo as despesas inerentes a esse processo suportadas pelos próprios refugiados ou, em alguns casos, pelas diferentes associações de auxílio aos mesmos. Este caso atesta ainda a solidariedade manifestada pela população portuguesa raiana perante as dificuldades destes fugitivos, ignorando o perigo que corria, prestando um auxílio que em muitas situações lhes valeu a detenção e o pagamento de multas<sup>25</sup>.

## Conclusão

Castro Laboreiro foi uma localidade que conheceu uma considerável afluência de refugiados espanhóis não só durante a Guerra Civil de Espanha, como após a mesma. A preferência por este espaço como lugar de refúgio ficou a dever-se tanto à sua proximidade geográfica, como à própria natureza da região, que facilitava que os refugiados passassem despercebidos às autoridades portuguesas. A vida dos refugiados espanhóis na região de Castro Laboreiro foi facilitada pela existência de lugares de ocupação sazonal, como as inverneiras, que constituíam importantes esconderijos, bem como pelo terreno acidentado,

<sup>23</sup> Testemunho de Delfina Fernandes gravado em vídeo, disponível em <https://portugaldelesales.pt/eudosia-refugiada-galega-castro-laboreiro/> (consultado em 31 de outubro de 2019).

<sup>24</sup> ANTT, Arquivo da PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo-crime 1518/37 NT 4498.

<sup>25</sup> Alguma da documentação utilizada para estudar este caso foi fornecida por um descendente desta família, Paul Feron Lorenzo, filho de Eudózia Lorenzo, a quem agradecemos encarecidamente.

que dificultava a concretização de buscas e batidas por parte das forças policiais. Para que essa permanência passasse ainda mais despercebida contribuiu o auxílio prestado aos refugiados espanhóis pelas populações locais, o que, na opinião de alguns agentes, se processou a troco de dinheiro, arriscando os cidadãos portugueses serem detidos e sujeitos a sanções. Não obstante estas dificuldades, a PVDE e as restantes autoridades conseguiram concretizar algumas detenções de refugiados espanhóis e de portugueses, suspeitos de lhes prestarem auxílio, o que demonstra a colaboração e a entreajuda existente entre as instâncias que tinham a função de manter a ordem pública no país. Na repressão policial portuguesa aos refugiados interessou não apenas a afinidade ideológica existente entre os regimes salazarista e franquista, como também a preocupação em manter a ordem pública interna.

O caso da família Lorenzo exemplifica o percurso de um vasto conjunto de refugiados por Portugal, desde a entrada clandestina e indocumentada no país até à expulsão do mesmo, por intermédio de qualquer uma das fronteiras, passando muitas vezes pela detenção e pela respetiva prisão. Em sentido contrário, houve também inúmeros refugiados que conseguiram iludir as autoridades portuguesas e permanecer no país durante largos anos ou sair para outros continentes, nomeadamente para a América. A passagem da família de Eudózia por Portugal ilustra ainda as situações pelas quais passavam os refugiados desde que entravam no país até serem capturados. Encontrando-se no país como fugitivos e na condição de clandestinos, os refugiados tinham de permanecer escondidos. Outra conclusão que podemos retirar prende-se com o interesse que as autoridades portuguesas tinham em manter esses indivíduos longe do território nacional, facilitando a deslocação aos Consulados de países estrangeiros para que pudessem tratar rapidamente da documentação necessária para abandonar Portugal.

A repressão exercida pelas autoridades portuguesas e o cuidado com a vigilância e o controlo da fronteira terrestre, embora sendo reveladores da preocupação de Salazar com a manutenção da tranquilidade no país e da sua ambição em combater o comunismo e as ideias consideradas subversivas a este associadas, podem também ser entendidos como mais um exemplo da colaboração do regime salazarista com os nacionalistas espanhóis chefiados por Franco. Esta repressão policial revelou-se vantajosa para a fação franquista ao impedir a fuga de milhares de pessoas operando a entrega de inúmeros refugiados às tropas nacionalistas e contribuindo para que não se desenvolvessem atividades em Portugal que pudessem ser favoráveis aos republicanos (LANERO TÁBOAS et al 2009).

## Bibliografia

- BEI, Gao (2013). *Shanghai Sanctuary. Chinese and Japanese Policy toward European Jewish Refugees during World War II*. Oxford: Oxford University Press.
- CANDEIAS, Maria Fernanda (1997). *O Alentejo e a Guerra Civil de Espanha. Vigilância e Fiscalização das Povoações Fronteiriças*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- CUNHA, Luís (2006). *Memória Social em Campo Maior*. Lisboa: Dom Quixote.
- DE LA TORRE GÓMEZ, Hipólito (2010). *O Estado Novo de Salazar*. Alfragide: Leya.
- DELGADO, Iva (1980). *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- DREYFUS-ARMAND, Geneviéve (2000). *El exilio republicano en Francia*. Barcelona: Editorial Critica.
- FARIA, Fábio (2017). “Refugiados em Portugal. Fronteira e vigilância no tempo da Guerra Civil de Espanha”. *Revista Portuguesa de História*, 48, 61-84.
- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, Xavier (2019). *Magisterio en la frontera (1936-39): afecto, represión y solidaridad*. Trabajo fin de grado en antropología. Madrid: UNED.
- GODINHO, Paula (2011). *Oír o Galo Cantar Dúas Vezes. Identificacións Locais, Culturas das Marxes e Construción de Nacións na Fronteira entre Portugal e Galicia*. Ourense: Imprensa da Deputación.
- HOLFTER, Gisela (ed.) (2006). *German-speaking Exiles in Ireland, 1933-1945*. Amsterdam/New York: Rodopi.
- LANERO TÁBOAS, Daniel, MIGUEZ MACHO, Antonio e RODRÍGUEZ GALLARDO, Ángel (2009). “La raia galaico-portuguesa en tempos convulsos. Nuevas interpretaciones sobre el control político y la cultura de frontera en las dictaduras ibéricas (1936-1945)”, in Dulce Freire, Eduarda Rovisco e Inês Fonseca (coords.), *Contrabando na fronteira luso-española. Práticas, memórias e patrimónios*. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 57-87.
- LOPES, Moisés Alexandre (2017). *Refugiados espanhóis em Portugal (1936-1938). O caso de Elvas*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MAGA, Timothy P. (1982). “Closing the Door: The french government and the refugee policy, 1933-1939”. *French Historical Studies*, vol. 12, N.º 3, 424-442.
- MAURRAS, Michael Robert (2002). *The Unwanted: European Refugees from the First World War through the Cold War*. New York: Temple University Press.
- MILGRAM, Avraham (2010). *Portugal, Salazar e os Judeus*. Lisboa: Gradiva.
- MUHLEN, Patrik von zur, (2012). *Caminhos de Fuga Espanha-Portugal. A emigração alemã e o êxodo para fora da Europa de 1933 a 1945*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- NEWTON, Ronald C. (1982). "Indifferent Sanctuary: German-Speaking Refugees and Exiles in Argentina, 1933-1945". *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, 4, Center for Latin American Studies at the University of Miami, 395-420.
- NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manuel e CAGIAO VILA, Pilar ed. (2006). *O Exilio Galego de 1936: política, sociedade, itinerarios*. Corunha: Edicios do Castro.
- OLIVEIRA, César (1987). *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*. Lisboa: O Jornal.
- OLIVEIRA, César (1995). *Cem anos nas relações luso-espanholas. Política e economia*. Lisboa: Edições Cosmos.
- ORTUÑO MARTÍNEZ, Bárbara (2010). *El exilio y la emigración española de posguerra en Buenos Aires, 1936-1956*. Tesis Doctorales. Alicante: Universidad de Alicante.
- PEREIRA, Carolina Henriques (2017). *Refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha (1940-1946)*. Lisboa: Edições Colibri.
- PIMENTEL, Irene Flunser (2006). *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Em Fuga de Hitler e do Holocausto*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- PIMENTEL, Irene Flunser, RAMALHO, Margarida Magalhães (2016). *O Comboio do Luxemburgo. Os refugiados que Portugal não salvou em 1940*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- PIRES, João Carlos Urbano (1997). *A Memória da Guerra Civil de Espanha no Baixo Arentejo Raiano*. Dissertação de Mestrado em História Social Contemporânea, Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- RIBEIRO, Maria da Conceição (1995). *A Polícia Política no Estado Novo, 1926-1945*. Lisboa: Editorial Estampa.
- RODRÍGUEZ GALLARDO, Ángel (2003). "Entre banderas e inverneiras: refugiados e guerra civil na fronteira entre Ourense e Portugal", in *Actas dos traballos presentados ao Congreso da Memoria*. Narón.
- RODRÍGUEZ GALLARDO, Ángel (2011). "La condición de refugiados: gallegos en Portugal durante la guerra civil y la posguerra", in *Conferencia Nuevos horizontes del pasado: culturas políticas, identidades y formas de representación*. Cantabria.
- RONIGER, Luis (2014). *Destierro y exilio en América Latina. Nuevos estudios y avances teóricos*. Buenos Aires: Eudeba.
- ROSAS, Fernando (2015). *Salazar e o poder – A arte de saber durar*. Lisboa: Tinta-da-china.
- ROSAS, Fernando (2019). *Salazar e os fascismos*. Lisboa: Tinta-da-china.
- RUBIO, Javier (1977). *La Emigración de la Guerra Civil Española*. Madrid: Editorial San Martín.
- SCHAEFER, Ansgar (2014). *Portugal e os refugiados judeus provenientes do território alemão, 1933-1940*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- SCHWARZSTEIN, Dora (2001). *Entre Franco y Perón. Memoria e identidad del exilio republicano español en Argentina*. Barcelona: Editorial Crítica.
- SIMÕES, Dulce (2016). *A Guerra de Espanha na raia luso-espanhola. Resistências, solidariedades e usos da memória*. Lisboa: Edições Colibri.

- TAMMES, Peter (2007). "Jewish Immigrants in the Netherlands during the Nazi Occupation". *The Journal of Interdisciplinary History*, 4, Massachusetts, Institute of Techonology Press, 543-562.
- VAQUINHAS, Irene (2015). "Huyendo de la Guerra Civil: Los Refugiados Españoles en Figueira da Foz (1936-1939)", *Pensar con la Historia desde el siglo XXI, Actas del XII Congresso de la Asociación de Historia Contemporánea*. Madrid: UAM Ediciones, 4833-4856.
- VELÁZQUEZ HERNÁNDEZ, Aurelio (2017). "Fugitivos en tránsito. El exilio republicano español a través de Portugal (1936-1950)". *Hispania*, vol. LXXVII, nº. 257, septiembre-diciembre, 857-883

## Quadros

**Quadro 1 – Unidades guarnecidadas pela GNR no distrito de Viana do Castelo e respetivos efetivos em 1940**

Unidades	Efetivos
Arcos de Valdevez	1 Oficial Subalterno, 1 Furriel, 1 2º Cabo, 1 Corneteiro, 12 Praças de Infantaria
Caminha	1 1º Cabo, 6 Praças de Infantaria
Monção	1 1º Cabo, 6 Praças de Infantaria
Ponte de Lima	1 2º Cabo, 1 2º Sargento, 8 Praças de Infantaria
Valença	1 Oficial Subalterno, 1 2º Sargento, 1 1º Cabo, 1 Corneteiro, 11 Praças de Infantaria
Viana do Castelo	1 Capitão, 1 Oficial Subalterno, 1 1º Sargento, 1 2º Sargento, 3 1ºs Cabos, 2 2ºs Cabos, 2 Corneteiros, 28 Praças de Infantaria
Âncora	1 1º Cabo, 5 Praças de Infantaria
Lanheses	1 1º Cabo, 5 Praças de Infantaria

**Fonte:** Anuário da Guarda Nacional Republicana, 1940.

**Quadro 2 – Existência de espanhóis presos em Portugal em 25 de setembro de 1936**

Local	Presos
Barrancos	8
Bragança	99
Castelo Branco	18
Chaves	12
Campo Maior	1
Elvas	61
Moura	37
Valença	1
Vilar Formoso	4
Forte de Caxias	255
Total	496

**Fonte:** ANTT, Arquivo Oliveira Salazar/CO/IN-8C, pt. 1, Informações da PVDE – Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado sobre presos políticos portugueses e estrangeiros.

# A Arte (Nacional) ao Serviço do Império nas Grandes Exposições do século XX

*Empire and (National) Art in Great Exhibitions of 19th Century*

**MARIA JOÃO CASTRO**

Universidade Nova de Lisboa, CHAM – Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

mariajaoocastro@fch.unl.pt

<http://orcid.org/0000-0003-1443-7273>

Texto recebido em / Text submitted on: 15/10/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 25/06/2020

**Resumo.** A ambição da universalidade, a vontade de divulgar os benefícios trazidos pela industrialização e a fé no progresso fez com que surgesse a necessidade de se criar uma estrutura de exibição aglutinadora da nova vivência urbana: as grandes exposições universais, mundiais, internacionais ou coloniais do século XX. Plataforma a partir da qual se expôs a síntese e os frutos de um desenvolvimento feito a várias escalas e em registos diversos, a “exposição universal” reuniu, sob um mesmo desígnio, a dimensão mais gloriosa do século XX, nomeadamente no que concerne às artes.

**Palavras-chave.** Arte, Império, Exposições, Século XX, Europa.

**Abstract.** The ambition for universality, the desire to spread knowledge of the benefits brought by industrialisation and faith in progress meant that there arose a need to create an exhibition structure that could bring together the new urban experience: the great universal, worldwide, international or colonial exhibitions from the 20th century. They became a platform where the results of development on various levels and in different registers could be exhibited in a compact fashion. They brought together in one place the most glorious aspects of the 20th century, especially about what arts are concerned.

**Keywords.** Art, Empires, Exhibitions, 20th Century, Europe.

Consagrados nas metrópoles modernas, as grandes exposições de Novecentos reproduziram elas próprias, em miniatura, um novo modelo de vida urbana, imprimindo um novo ritmo à cidade que se adaptava à nova realidade das multidões, ávidas de curiosidade e interesse por poder assistir e vivenciar os frutos recentes do progresso. Por outro lado, estes centros expositivos funcionaram num duplo sentido: como balanço do trabalho feito e como antecipação do que ainda faltava fazer. Com um público vasto e ávido de desejo de ver/experienciar uma nova realidade, as grandes exposições estabeleceram-se como um excelente laboratório de experimentação em termos tecnológicos e artísticos tornando-se lugares do futuro, e, simultaneamente, espaços de revisitação do passado.

Manifesto de prestígio e ostentação foram elas o palco onde as nações

afirmaram o seu poder económico, tecnológico, e até cultural, revelando as suas aspirações ao progresso. Por outras palavras, estas montras condensaram o que o século XX entendeu como modernidade, tornando-se epicentros de cosmopolitismo que tinha urgência em mostrar e ensinar as virtudes do tempo presente e confirmar a previsão de um futuro excepcional.

#### IV centenário da Índia

O evento que anunciou os ventos de mudança que o século XX iria trazer foi o que comemorou o IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, em 1898. A “Pérola do Oriente” cantada por Camões foi o pre-texto para se desenhar o primeiro grande acontecimento nacional a nível de comemorações imperiais apesar de terem já anteriormente havido outras ações expositivas como foi o caso da Exposição Internacional do Porto de 1865<sup>1</sup> ou da Exposição Insular e Colonial Portugueza de 1894<sup>2</sup>, conquanto se omitisse em ambas qualquer representação artística colonial<sup>3</sup>.

No Portugal finissecular de tempos conturbados (Ultimato em 1890 e problemática dos interesses portugueses em África, ceticismo das elites dominantes, crise financeira, política e moral) as comemorações tiveram uma dimensão política implícita e surgiram como uma aposta na reabilitação nacional através da reafirmação da grandeza imperial. E foram solenemente abertas a 8 de julho de 1897 com a inauguração da nova sede da Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL) e do Museu Colonial Etnográfico. Aliás, a efeméride foi organizada pela SGL, e publicitada por decreto real, tendo o sentido do evento assente na evocação da memória histórica e mítica e das figuras épicas das navegações quer através da primeira viagem marítima dos portugueses à Índia quer do seu responsável Vasco da Gama e, nas múltiplas realizações então promovidas e os variadíssimos meios utilizados, a arte foi o suporte comummente eleito.

O diversificado programa proposto acabou por gorar-se por falta de verbas

<sup>1</sup> A Exposição Internacional do Porto foi a primeira realizada na Península Ibérica. Edificada no Palácio de Crystal (demolido em 1951) foi visitada oficialmente pelo rei D. Luís. Esta ação contou ainda com 3.139 expositores, dos quais 499 franceses, 265 alemães, 107 britânicos, 89 belgas, 62 brasileiros, 24 espanhóis, 16 dinamarqueses e ainda representantes da Rússia, Holanda, Turquia, Estados Unidos e Japão. Com a sua realização, o público português teve a oportunidade de observar as produções estrangeiras, designadamente no que à arte diz respeito. A França mostrou maioritariamente a pintura oficial dos *Salons*, de Eugène Boudin (1824-1898) a Théodule-Augustin Ribot (1823-1891) e nela se homenageou Tomás da Anunciação com a medalha de honra da secção das Belas Artes.

<sup>2</sup> Evento comemorou o 5.º centenário do nascimento do Infante D. Henrique.

<sup>3</sup> A dimensão comemorativa relacionada com os Descobrimentos vinha sendo explorada desde o tricentenário da morte de Camões (1880) e do nascimento do Infante D. Henrique (1894).

e de instalações adequadas, tendo-se edificado uma Feira Franca e uma Exposição de Indústrias e Costumes Tradicionais nos terrenos situados no alto da Avenida (atual Rotunda do Marquês de Pombal e envolvência). A feira abria com “duas artísticas barracas”, uma das quais era “um elefante com sete metros de altura, em cujo interior se expunham assuntos da Índia, apresentados por autênticos indianos” (CARMO 1943:148-9).

Interessa mencionar a construção de cubatas onde foi apresentado um grupo de africanos que tinha vindo especialmente para as celebrações, naquela que foi, certamente, a primeira mostra de nativos das colónias (Cabo Verde, Guiné, Moçambique e Índia, sendo que os últimos chegaram tão atrasados que não participaram no cortejo cívico).

As comemorações generalizaram-se um pouco por todo o território português alastrando pela província promovendo-se uma verdadeira evocação à escala nacional o que perpetuou o culto e a projeção da memória da nação, integradora e unitária embora, de tudo o que sobreveio, a realização mais significativa tenha sido a construção e inauguração do Aquário Vasco da Gama, em Algés.

Entenda-se que toda esta representação colonial se esqueceu de contemplar uma mostra de pintura concomitante com a temática enunciada. Houve, claro, outras exposições de caráter menos popular, das quais se destaca a organizada pelo Grémio Artístico e que apresentou uma mostra de arte contemporânea portuguesa. O júri presidido por José Malhoa encarregou-se de admitir e classificar as 246 obras expostas de autores como Columbano, Roque Gameiro, José Malhoa, Carlos Reis, Veloso Salgado e Sousa Pinto. Sem surpresa, não se incluiu nenhuma pintura colonial mostrando que bastava evocar e comemorar o império, não havendo qualquer necessidade de representá-lo, mantendo-o dentro de uma certa aura mítica e lendária a que os trovadores nos haviam habituado.

Os artistas nacionais desconheciam a Índia portuguesa e tentaram celebrar a Índia com a África em mente. Exceção foi o concurso de Pintura Histórica cujo júri, encabeçado por José Malhoa, deu o primeiro prémio a Veloso Salgado, ficando em segundo lugar a tela de Ernesto Condeixa (1858-1933). Composição teatral depois medalhada em Paris (na exposição de 1900), *Vasco da Gama perante o Samorim de Calecute* cumpriu a função retórica para que fora criada: engradecer o papel da rota para a Índia, tornando-se na imagem oficial de um facto histórico. E é assim que, ainda hoje, se exibe, na entrada da Sociedade de Geografia de Lisboa, desde a sua criação, em 1898.

De notar que, a poucos dias da abertura da efeméride nos fins de junho, as ameaças da Grã-Bretanha e da Alemanha no que se refere ao império português

haviam-se concretizado quando ambas as potências iniciaram negociações diplomáticas com vista à partilha do império colonial português africano, caso Portugal não satisfizesse os seus compromissos financeiros (TELO 1991: 145-9). As esferas de influência entre as grandes potências imperiais europeias movimentavam-se segundo os seus interesses pela partilha de África. Importa, pois, considerar que havia a necessidade, mais do que justificada, de enfrentar positivamente o momento, em vários sentidos tão adverso, pelo que a figura de Vasco da Gama se impunha como um imperativo de comemoração histórica privilegiado.

## Exposição de Paris, 1900

A última e a mais grandiosa exposição até então erigida propunha o balanço do século, mas apoiava-se num conjunto de infraestruturas que faziam a apologia do progresso, e se inicialmente elas foram essencialmente industriais, a partir de Novecentos envolvem-se numa estética da ilusão e do feérico: a componente lúdica tornara-se imprescindível.

Reclamando o estatuto de farol do universo, e coincidindo com o apogeu em matéria de arte (com o triunfo do Impressionismo), e em pleno apogeu da Arte Nova, inauguraram-se as primeiras linhas de metro, estações ferroviárias e pontes, sendo a eletricidade a grande fada madrinha. As projeções filmicas, a Grande Roda, o tapete rolante, ou uma “viagem” numa carruagem do Transiberiano, tornaram-se as atrações que faziam triunfar a ilusão e exaltavam o progresso. É que a cada nova exposição universal, os espetáculos iam-se mecanizando, progressivamente, com as tecnologias de ponta do momento a ocuparem um lugar de destaque.

O evento não deixou de contemplar uma secção estrangeira e colonial importante atingindo uma amplitude inigualável em relação ao que se fizera até então, uma vez que o espaço havia mais que duplicado face a 1889 e viu edificar-se uma *Rue des Nations* que, não sendo novidade, integrava uma rara multiplicidade de países onde se impunham as visões panorâmicas.

O êxtase panorâmico foi mesmo o *Tour du Monde*, pavilhão em cujo interior o visitante podia fazer uma viagem à volta do globo, evocando e simulando realidades tão diferentes como o pagode chinês, um templo indiano ou os elefantes do Camboja. A viagem à volta do mundo era feita pela técnica do chamado “Panorama móvel”, em que a exibição circular era substituída por uma tela rolante. Partia-se de Marselha, visitava-se uma variedade de países e depois regressava-se ao ponto de partida. Para animar e dar verosimilhança

*ao décor*, havia uma sequência de quadros vivos, isto é, as figuras humanas não eram representadas mas reais. Assim, o visitante via verdadeiros chineses quando lhe era mostrada a China, os autênticos hindus quando “passava” pela Índia. Este panorama em que o movimento era acrescentado ao quadro estático realizou com um espantoso sucesso o ideal de uma viagem à volta do mundo sem se abandonar Paris. Mais uma vez, e integrando a paisagem estrangeira trazida às exposições, veio a paisagem humana: exótica, ela tornava vivo o quadro apresentado.

Portugal fez-se representar com dois pavilhões: um, no Quai D’Orsay, de Ventura Terra (1866-1919), refletia a influência formal da arquitetura francesa (o autor havia sido aluno da École des Beaux-Arts de Paris); o outro pavilhão, o das Colónias, situava-se no Trocadero e mostrava uma fachada com um grupo de mulheres simbolizando as colónias e que sustinham o escudo com as armas nacionais, evocando as descobertas marítimas portuguesas.

Esta secção encontrava-se sob direção de António Lobo de Almada Negreiros, coadjuvado por Sousa Lara.

Na secção de pintura, os trabalhos de José Sousa Pinto e de Columbano Bordalo Pinheiro conheceram destaque, ainda que os seus quadros se limitassem ao universo metropolitano<sup>4</sup>.

## Exposição Ibero-Americana de Sevilha, 1929

A exposição Ibero-Americana de Sevilha foi uma feira mundial onde se revelou um novo paradigma, uma vez que incorporou o d’além-mar na arte nacional e a projeção desta nos territórios do império. Como é que isto foi conseguido?

Em primeiro lugar, através da representação da mais antiga colónia europeia no extremo oriente com um pavilhão próprio que obedecia à arquitetura de um pagode que não era a réplica de nenhum em particular, mas uma mescla de vários templos macaenses.

Um segundo ponto prende-se com o facto das obras que Portugal decidiu expor no seu pavilhão. Num projeto dos irmãos Rebelo de Andrade, a representação nacional contemplou um Salão das Colónias, onde foi dado destaque aos diamantes de Angola e a um comboio miniatura da Companhia do Caminho de Ferro de Benguela. A dimensão artística foi omitida e havia uma razão para tal: a ditadura militar acabara de se instalar (1928) em Portugal e a nova

<sup>4</sup> Cumprida a missão em Paris o navio que transportava as obras portuguesas naufragou ao largo de Sagres perdendo-se todo o recheio que transportava.

realidade política ainda não se fizera representar nas artes plásticas pelo que se deu primazia a artefactos ancorados no império longínquo.

## Exposição de Paris, 1931

A *Exposição Internacional Colonial de 1931*, realizada em Vincennes em Paris, consistiu, em certa medida, numa última afirmação dos impérios coloniais, em particular do francês. Palco da propaganda colonial no seu apogeu, o certame permitiu uma concentração de discursos plásticos imperiais, nunca antes realizados, e de que é um bom exemplo o caso português.

A área destinada à secção nacional foi representada por pavilhões cujos interiores e fachadas confluíam para a grandeza do império. A autoria arquitectónica das várias áreas coube a Raul Lino (1879-1974) que fez destacar as cruzes da ordem de Cristo e um portal manuelino. O conjunto contou com a colaboração de Costa Motta (sobrinho, 1877-1956), António Máximo Ribeiro, Cândido da Silva, Canto da Maia (1890-1981), Carlos Botelho (1899-1982), Bernardo Marques, Diogo de Macedo, Francisco Franco (1885-1955), Emmerico Nunes (1888-1968), Henrique Moreira (1890-1979), por entre cartas, desenhos, estatuária, mapas, gráficos, maquetes, dioramas e baixos-relevos.

Quanto à presença da pintura, há a mencionar que todos os artistas convidados nunca haviam pisado as colónias (com exceção de Jorge Barradas), daí terem-se cingido a reproduções de documentos conhecidos ou a “efabular” o destino mítico da nação. Fred Kradolfer (1903-1968) produziu o cartaz de participação na exposição, bem como maquetes e gráficos; Abel Manta mostrou um *panneau* representando Diogo Cão, um quadro dos irmãos Gama, Vasco e Paulo, e um tríptico inspirado nas campanhas de Mouzinho de Albuquerque. Dórdio Gomes elaborou dois painéis decorativos: um tríptico sobre a epopeia portuguesa (*Lisboa medieval, a África Portuguesa e a Ásia Portuguesa*), e um quadro relativo à presença de Afonso de Albuquerque no Oriente; Lino António pintou dois trípticos, um intitulado *A obra das missões em África*, e outro, *Exploração missionária de Bento de Góis*; Alberto Souza participou com um conjunto de aguarelas dos monumentos portugueses em Marrocos, e Jorge Barradas compareceu com quatro telas sobre motivos de S. Tomé: *Colheita de Café, Colheita de Cacau, Paisagem Tropical Africana, Transporte de Frutos num Ribeiro*.

Numa clara apropriação da arte enquanto veículo de propaganda colonial, a representação portuguesa de 1931 saldou-se como uma das mais fortes de sempre. O ministro das Colónias, Armindo Monteiro (1896-1955), tratou de

comparecer ao encerramento da exposição, juntamente com uma “embaixada” do colonialismo português, conforme relata o *Portugal Colonial*<sup>5</sup>. A ditadura militar havia começado a debruçar-se sobre os territórios ultramarinos (Acto Colonial, lei base do futuro império) e a arte começava a ser vista como um elemento aglutinador da unicidade do império, a mais que não fosse devido ao seu poder de persuasão imagética historicamente comprovado. Se, no contexto europeu, a importância progressiva dada ao registo visual e à pintura, em particular, havia já comprovado o seu poder de influenciar as populações metropolitanas, quanto às ultramarinas havia chegado agora a vez de Portugal utilizar a sua arte (e os seus artistas) ao serviço do império colonial.

Deve-se acrescentar que na mostra de 1931 o grupo surrealista francês insurgiu-se contra o evento, tendo por palavra de ordem: “Não visitem a Exposição Colonial”, numa contestação devido à exploração dos povos coloniais, sobretudo ao que o grupo achava ser trabalho forçado e uma humilhação expositiva infligida a culturas milenares.

## I Exposição Colonial Portuguesa, Porto, 1934

As primeiras exposições coloniais portuguesas aconteceram fora de portas, isto é, nos territórios ultramarinos: a 1.<sup>a</sup> exposição colonial portuguesa realizou-se em Goa em 1860, seguindo-se a de Cabo Verde (1881). Todavia, a *I Exposição Colonial Portuguesa* realizada na metrópole teve lugar no Porto nos meses de julho e agosto de 1934. Seguindo o modelo das suas congêneres, e à semelhança do que acontecera em Marselha (1922), Antuérpia (1930) e Paris (1931), o local escolhido dividia-se entre um recinto coberto (Palácio de Cristal) e uma envolvente ao ar livre que permitisse exibir as “partes” do império. O evento pretendeu ser o primeiro grande ato de propaganda colonial que, na prática, tornava visível a própria política do Acto Colonial de 1930, mostrando o vasto império pluricontinental. O diretor técnico nomeado foi Henrique Galvão<sup>6</sup>, autor da divisa de que “Portugal não é um país pequeno” colocada num mapa que viria a constituir o grande símbolo não só da exposição como de uma época, uma vez que viria a ser abundantemente reproduzido e colocado nas salas de aula espalhadas um pouco por todo o país.

<sup>5</sup> Ano 1, N.<sup>o</sup> 9 de novembro de 1931, p. 15.

<sup>6</sup> Militar experiente em assuntos coloniais, diretor das Feiras de Amostras Coloniais, e que nessa condição representaria Portugal na Exposição Colonial de Paris, em 1931. Dirigia, desde Março do mesmo ano, a revista *Portugal Colonial*, e viria a ser, na Exposição do Mundo Português, em 1940, responsável pela secção colonial. Tudo isto, claro, antes de se tornar num dos dissidentes mais mediáticos do regime.

O boletim *Ultramar* foi o órgão oficial do evento, também ele dirigido por Henrique Galvão que também foi coautor do *Álbum-catálogo oficial da Exposição*. No recinto da exposição reproduziram-se aldeias indígenas das várias colónias, construiu-se um parque zoológico com animais exóticos, edificaram-se réplicas de monumentos ultramarinos, enquanto centenas de expositores da metrópole e das colónias atestavam o dinamismo empresarial do Império.

Interessa particularmente aludir ao Concurso de Arte Colonial incluído no evento e que contemplava uma secção de pintura. Considerada a “Primeira Grande Obra de Pintura Colonial Portuguesa”, nas palavras de Henrique Galvão (GALVÃO 1934:4), o tríptico comemorativo inacabado de Eduardo Malta pretendia mostrar as raças portuguesas. Os dois grandes óleos laterais seriam depois exibidos na Grande Exposição do Mundo Português em 1940, dentro da secção colonial. Tábuas laterais do tríptico cujo painel central era dedicado ao Chefe de Estado e ao Chefe do Governo, o primeiro painel representava o chefe da embaixada da Guiné, o régulo Mamadu-Sissé no seu trajo de gala e o seu filho, o príncipe Abdulah, cercado de um grupo de guerreiros; o segundo óleo representava um chefe timorense rodeado de autóctones de Macau, da Índia e África. A sua estrutura corresponde aos da composição clássica, com cada painel a apresentar uma figura sentada em 1º plano e um conjunto de indivíduos em pé num 2º plano. Em cada uma das extremidades surge uma personagem acocorada e outra sentada no chão de forma a estabelecer uma correspondência entre os dois extremos do tríptico composto por formas hieráticas, numa rigidez de poses que não deixa de remeter para uma estilização das etnias que habitavam as possessões ultramarinas, uma espécie de tipologia das diferentes colónias do império. Havia contudo uma preocupação em caracterizar etnograficamente os retratados, que funcionava como um mostruário das etnias presentes na exposição e da ascendência da aculturação europeia sobre a indígena.

Esta obra pictórica viria a constituir uma dupla metáfora da pintura colonial portuguesa: em primeiro lugar, nunca seria acabada (o suposto tríptico resultou num díptico) o que mostra as vicissitudes da importância dada à arte e à pintura como estandarte de uma representação colonial; um segundo ponto tem a ver com o facto de ser uma imagem encenada cujos rostos inexpressivos resultam de uma nítida teatralidade resultante de uma idealização plástica de um artista que nunca viajara pelo império, pelo que a obra – mesmo que tivesse sido finalizada –, nunca poderia espelhar a realidade concreta fruto de uma vivência ultramarina. Sobressai a artificialidade da mistura das tintas em que o resultado se estiliza num conjunto de estereótipos que não são mais do que uma visão mítica e de pretenso exotismo de uma certa portugalidade no mundo.

Um aspecto que se encadeia com o anterior resulta da informação publicada nos números 15 e 16 da já revista *Ultramar* (1934: 8) onde se dá conta da lista de autores e trabalhos expostos, a ver:

- Abel de Moura. *Cabeça Negra, A Porta da Cubata*;  
Abeillard de Vasconcelos. *Paisagem de S. Tomé*;  
Alberto de Sousa. *Cabeça de Índio, Coronel Côrte Real, Dungulo-Mulher do Soba de Quipungo, Sibila*;  
Jorge Barradas. *Lavadeiras do Rio de S. Tomé, Habitação de Negros, Perto do Obó, No Mato* (todos de S. Tomé);  
José Luís Brandão de Carvalho. *Bobo Negro* (tipo bijagós);  
Manuel Guimarães. *Negra*;  
Maria Amélia Fonseca Roseira. *Vista do Pico de S. Tomé, Cápsulas de Cacau (natureza morta)*;  
Maria Noémia de Almeida e Vasconcelos. *A Sabina-Angola*;  
Ventura Júnior. *Manipanços*.  
No desenho apresentaram-se:  
Alberto de Sousa. *Tipo Indiano, Dungula, Sibila, Tipo Macaista, Tipo Indiano, Congo-Dançarino Tipo Bijagós, Concerto Macaense, Tipo Mucancala, Tipo Mucancala (2), Coronel Corte Real*;  
Armando Bruno. *Sinfonia Negra*;  
Fernando de Oliveira. *Desenho*;  
Maria Noémia de Almeida e Vasconcelos. *Xeque Amand Agi Abdul Reim Hakmi*;  
Octávio Sérgio. *Raça Fina (Guiné), Soba da Guiné*.

Do que se conseguiu apurar desta lista, resta um par de telas de Jorge Barradas e a imagem de um *panneaux* de Ventura Júnior, pouco afinal para aquela que se intitulou de Primeira Exposição Portuguesa de Arte Colonial.

O que a exposição do Porto mostrou, sem sombra de qualquer dúvida, foi a impossibilidade de um diálogo artístico multicultural entre a metrópole e as colónias; na verdade, a sua concretização assentou num monólogo da supremacia civilizacional do colonizador, indicando um posicionamento cultural-artístico redutor, de resto em perfeita sintonia com toda a política colonial preconizada pelo próprio governo. Acima de tudo, a exposição delineou o caminho que o Estado Novo pretendia seguir no que se refere à pintura: o de que a pesquisa plástica de inspiração colonial assentaria não na aposta de uma vivência/experiência efetiva do território d'álém mar, mas sim na recreação e estilização de elementos estereotipados do que se achava serem as colónias e a sua cultura

artística. Uma parte deste género de pintura tinha mais um valor etnográfico, sobretudo quando retratavam a realidade, e não tanto o objetivo de representar a cultura artística das colónias.

## Exposição de Paris, 1937

Encenação final de uma paz europeia com os dias contados, a *Exposição Internacional de Artes e Técnicas Aplicadas à Vida Moderna* colocou em evidência o dualismo pela supremacia político-cultural: a do III Reich e da URSS que, em dois pavilhões situados frente a frente, mediam forças e desafiavam-se num prenúncio do conflito que eclodiria dois anos depois, reflexo da luta entre duas orientações político-artísticas distintas. A poucos metros do pavilhão soviético mostrava-se *Guernica* de Picasso, testemunho da perda de todas as inocências e alegoria à Guerra Civil Espanhola, iniciada um ano antes (1936), e prelúdio da Segunda Guerra Mundial.

Por detrás do pavilhão da Alemanha, e debruçado sobre o Sena, edificou-se o pavilhão português cujo comissário geral seria António Ferro. O arquiteto chefe foi Keil do Amaral (1910-1975), tendo a fachada do pavilhão esculturas decorativas alusivas a figuras relacionadas com os Descobrimentos como Vasco da Gama, Fernão de Magalhães, Afonso de Albuquerque, Pedro Álvares Cabral e Luís Vaz de Camões (ca. 1524-1580?), modeladas por Canto da Maia e Barata Feio, em enormes baixos-relevos de cimento de grande qualidade gráfica. Dentro do edifício, um itinerário pré-definido determinava o percurso a fazer: na sala IV dedicada ao ultramar, diagramas que mostravam a obra colonial do império português dentro da política que o Acto Colonial de 1930 delineara. Os pontos fortes desta secção eram as ampliações fotográficas da obra empreendedora do império nas colónias: a construção da ponte sobre o Zambeze, o percurso de caminho-de-ferro de Benguela, numa simplicidade e clareza de discurso que foi abundantemente elogiada.

Na encenação propagandística do império, a pintura mereceu uma atenção especial, designadamente com o tríptico de Jorge Barradas *O Império Colonial Português*.

Várias edições do Secretariado de Propaganda Nacional foram distribuídas (como *Portugal, le pays qui a plus contribué à la connaissance géographique du monde; L'Empire Colonial Portugais; La domination portugaise au Maroc; Grandes chasses. Tourisme dans l'Afrique portugaise*), não raras vezes acompanhadas de postais ilustrados, especialmente editados para a ocasião, como foi o caso da série intitulada *Types de l'Empire Portugais* e que contava com desenhos

de Eduardo Malta.

Na complexa trama propagandística das representações nacionais e nacionalistas na exposição, um acontecimento significativo veio espelhar uma outra realidade: a inauguração do Museu do Homem, herdeiro do Museu Etnográfico do Trocadero fundado em 1878, e cujo acervo vinha sendo reunido desde o século XVI com peças de caráter pré-histórico, antropológico e artístico, mostrou indiretamente certas inquietações a respeito da apreciação das artes ditas primitivas no seio intelectual cosmopolita de Paris, dir-se-ia que se aflorava uma certa consciência autóctone. É claro que esta situação colocava em questão a legitimidade e os interesses das nações colonizadoras, sobretudo a França, país anfitrião da exposição.

Paradoxalmente, a par com a mostra de Paris e da inauguração do Museu do Homem, realizava-se na Alemanha a exposição de Arte Degenerada<sup>7</sup>, afirmação do III Reich face às tendências modernistas e de vanguarda e aos seus autores. Era a politização da cultura que segundo alguns autores, no caso da Alemanha, se concretizou numa estetização da política, e, no caso da URSS, na politização da arte. Nessa senda, em Paris e frente a frente, ambas as nações procuraram mostrar uma postura artística concomitante com a identidade do próprio totalitarismo que representavam fazendo cair por terra qualquer equívoco que ainda existisse.

## Exposição Nova Iorque, 1939

A exposição de 1939 abriu as portas na altura em que as tropas de Adolf Hitler iniciavam a invasão da Polónia: era o início da Segunda Guerra Mundial, conflito que invalidaria a continuação do programa expositivo das exposições universais, mundiais, internacionais e coloniais.

Não obstante, Portugal fez-se representar tendo como comissário, novamente, António Ferro e arquiteto responsável pelo pavilhão Jorge Segurado (1898-1990). Franqueando a porta principal, a frase “Portugal grande Nação

<sup>7</sup> Termo oficialmente dado pelo III Reich para a arte moderna e para a exposição que aconteceu pela primeira vez em 1935 em Nuremberga onde se confiscaram obras de vanguarda de dadaístas, expressionistas, impressionistas, cubistas, fauves, futuristas, construtivistas e surrealistas que, segundo a ótica do regime nazi, não estavam de acordo com a conceção de arte dos nacional-socialistas. Contudo, foi a exposição de Munique inaugurada a 19 de julho de 1937 de *Arte Degenerada* que atingiu uma escala internacional, por sinal um mês e meio depois da inauguração da Exposição de Paris. Segundo o governo de Hitler, as obras degeneradas eram as que fugiam aos padrões clássicos de beleza e representação naturalista, no qual eram valorizados a perfeição, a harmonia e o equilíbrio das figuras; nesse sentido, a arte moderna, com sua liberdade formal de cunho fundamentalmente antinaturalista, foi considerada na sua essência “degenerada”, marcando o ápice da campanha pública de descrédito do III Reich contra a arte das vanguardas do início de Novecentos.

Colonial num pequeno país” era a síntese da representação nacional e, por cima da frase, um friso mostrava mapas e caravelas, destacava a vocação marítima que o interior do pavilhão ilustrava. Passado o *hall* abria-se a sala da “Descoberta do Atlântico” de cujo recheio fazia parte a reprodução de um dos padrões de Diogo Cão numa espécie de assinatura dos portugueses no mundo: havia ainda uma alegoria de Jorge Barradas à Escola de Sagres e cinco globos da autoria de Fred Kradolfer que mostravam as rotas portuguesas no mundo.

Na sala contígua, chamada “Colombo” numa espécie de parêntese das descobertas, mostrava-se numa fotomontagem em forma de livro monumental, a casa onde Colombo vivera na ilha da Madeira e parte das suas memórias bem como uma pintura mural de António Soares inspirada na figura de navegadores portugueses. O discurso expositivo de continuidade histórica seguia-se na sala da “Expansão Portuguesa no Mundo”, onde se relatava as viagens feitas à América antes de Colombo, evocando todas as contribuições que Portugal dera. Havia ainda numerosa documentação sobre a Ásia, América do Norte, Brasil e África e a rematar um planisfério luminoso que resumia o empreendedorismo da epopeia nacional. Jorge Barradas executara um painel com uma alegoria à vida do Infante D. Henrique, e outros quatro sobre os portugueses em África, na América portuguesa, na América do norte e na Ásia.

Porém, era no “Salão de Honra” que a dignidade nacional e imperial se impunha ao visitante. Antes de nele se entrar, uma panóplia de informação revelava dados sobre as colónias, mas no momento em que se mergulhava no seu interior impunham-se duas enormes pinturas murais: *A Fé e O Império* da autoria de Fred Kradolfer de 1939. Ambas as obras eram de uma dimensão quatro vezes superior à das esculturas envolventes, as estátuas do Presidente do Conselho Salazar (do escultor Francisco Franco) e do Chefe de Estado Carmona (do escultor Leopoldo de Almeida). A ambição monumentalizante de ambos os murais de Kradolfer traduziam a magnitude da presença portuguesa no mundo e a dimensão do primeiro império ocidental à escala mundial.

Já no exterior ajardinado evidenciavam-se estátuas e frisos escultóricos de figuras como Luís de Camões, Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama (de Barata Feyo) que celebravam e rematavam a apologia do império e a lição de monumentalidade histórica portuguesa.

Todo o discurso cénico da representação nacional apontava para que os americanos não esquecessem “que o mundo não seria tão grande se não fossem os navegadores portugueses (...) e que Fernão de Magalhães fora o primeiro arquiteto do globo e da grande esfera da World’s Fair” (FERRO 1938: 1), glosando a ascendência portuguesa no (re) conhecimento do mundo moderno. Porém, a designação de o “Mundo de Amanhã” dada à exposição foi ensombreada

pelo surgimento da guerra e quanto à secção portuguesa, apesar de mostrar diferentes tempos da História que auguravam um futuro promissor, a matriz expositiva revelou-se indubitavelmente de cariz tradicional distanciando-se da arte dita moderna e, consequentemente, da conceção do porvir preconizada pelo evento.

## Exposição do Mundo Português de 1940

Comemorando o duplo centenário da Fundação e da Restauração da nacionalidade (1140 e 1640) teve lugar em Lisboa em 1940, a *Exposição do Mundo Português* que se concentrou na zona de Belém, cais do império de onde haviam partido os primeiros navegadores portugueses para o mundo.

No quadro da arte/viagem do império português há a considerar alguns pavilhões emblemáticos: o Pavilhão dos Portugueses no Mundo de traço de Cottinelli Telmo o arquiteto-chefe da exposição, dividia o espaço da Praça do Império com o Pavilhão de Honra de desenho de Cristino da Silva e possuía uma fachada encimada por um friso heráldico de brasões das linhagens dos Castros, Gamas, Albuquerque, Cabrais... fazendo no seu interior uma viagem pela história dos portugueses no mapa-múndi numa imagem de soberania que reclamava um domínio antigo; havia igualmente o Pavilhão dos Descobrimentos onde se reconstituíam marcos das viagens do século XV e XVI, sendo a sua nota mais vibrante uma grande Esfera dos Descobrimentos, que rematava o corpo arquitetónico do edifício e no interior do qual se abria uma vasta sala circular, cujo efeito cenográfico fazia brilhar a rota das caravelas; restava ainda o Pavilhão da Colonização e o do Brasil única (ex-) colónia portuguesa com direito a edifício próprio.

Contudo, o grosso da vertente ultramarina, particularmente no que se refere à pintura, encontrava-se na Secção Colonial, uma das secções temáticas em que se dividiu a mostra, e foi instalada no Jardim Colonial<sup>8</sup>, tendo sido dirigida por Henrique Galvão. Inaugurada a 27 de junho de 1940, era uma espécie de recinto anexo à exposição cobrindo uma área de 50 000 m<sup>2</sup>, à qual se accedia através de uma rampa situada a nordeste da exposição. Aí se recriou a arquitetura característica de cada uma das províncias ultramarinas, instalando-se mesmo (e à semelhança de anteriores exposições internacionais e/ou coloniais) aldeias de indígenas que reconstituíam os aglomerados populacionais de Cabo Verde, Guiné, S. Tomé, Angola, Moçambique e Timor.

---

<sup>8</sup> Atual Jardim Agrícola Tropical, tendo já tido o nome de Jardim do Ultramar.

A entrada fazia-se pela Rua da Índia numa composição sugestionada pela arquitetura Indo-Portuguesa, a partir da qual se podiam observar os Pavilhões da Guiné, das Colónias Insulares (S. Tomé, Cabo Verde e Timor) e da Arte Indígena, onde se expunham as mais representativas obras de arte africana e oriental. As maiores áreas expositivas eram o Pavilhão de Angola e o de Moçambique, havendo ainda lugar para uma Rua de Macau que reconstituía uma artéria da cidade portuguesa da China, à qual se acedia por um arco<sup>9</sup>, contemplando-se também um elefante que servia de miradouro, da autoria de António Pereira da Silva sobre cópia de um bronze anónimo da Indochina.

A Avenida de Etnografia Colonial expunha reproduções escultóricas das mais características cabeças de etnias e tribos do império, baseadas em documentação fotográfica do Instituto de Antropologia do Porto<sup>10</sup> e, envolvendo o património edificado, a exuberante flora africana e oriental do jardim dava o toque final exótico necessário à recriação dos territórios afro-asiáticos portugueses.

De notar que esta Secção Colonial contou com a participação de numerosos artistas que ajudaram a “colorir” este espaço cénico ultramarino: os nomes de Fausto Sampaio, mas também os pintores M. A. Amor que terá exposto uma coleção de quadros no Pavilhão da Índia sobre as terras de Goa, Damão, Diu, Chúl, Malaca e Macau. Uma nota apensa ao texto publicado no inventário da Secção Colonial adiantava que os quadros podiam ser adquiridos pelos preços publicados no catálogo mas só poderiam ser levantados após o encerramento do certame.

Havia ainda no interior do Pagode da Rua de Macau telas do pintor chinês Chiu Shiu Ngong que já havia exposto na Exposição Internacional Colonial de Anvers (Bélgica) em 1930 e onde fora agraciado com uma medalha de ouro. Em Lisboa Ngong apresentou 42 quadros que também se encontravam à venda ao preço de 50 patacas.

A secção colonial contou ainda com a colaboração dos pintores Maria Adelaide, Mário Reis e Roberto Araújo<sup>11</sup>, nomes que certamente ajudaram à cristalização de um gosto conservador e convencional que invalidou qualquer ponto de partida para a realização de uma pictórica colonial moderna.

Por parte de Henrique Galvão, a ideia subjacente à edificação de uma Secção Colonial era a de a partir do núcleo de artistas reunido criar uma Escola de Arte Colonial Portuguesa, não obstante tal não ter passado de uma

<sup>9</sup> Ainda hoje presente no Jardim Agrícola Tropical.

<sup>10</sup> E que ainda hoje se mantêm no mesmo recinto.

<sup>11</sup> Artigo não assinado e intitulado “Exposição do Mundo Português. Inaugurou-se ontem a Secção Colonial” in *Diário de Notícias* 28.6.1940, p. 1-2.

intenção à semelhança de muitas outras que houvera no passado e haveria no futuro. E, de certa forma, é isso que Adriano de Gusmão espelha num artigo saído n' *O Diabo*, no qual o autor afirma que a pintura mostrada na exposição lhe inspirou reservas, tendo os artistas perdido uma excelente oportunidade de se lançar numa pintura que abrisse perspetivas futuras. Ou seja, não se deu nenhuma revelação pictórica, sendo a pintura mostrada, em geral, “pobríssima” (GUSMÃO 1940:1). Gusmão muda de posição nos trabalhos de alguns dos artistas intervenientes, como Lino António, autor de um mural sobre os vários tipos de embarcações de longo curso que se mostrava nas paredes da sala D. Afonso V, no Pavilhão dos Descobrimentos; nos de Jorge Barradas, criador de um friso em sanguínea sobre os vultos femininos da História de Portugal e que decorava a sala das Recepções, no Pavilhão de Honra; nos de Eduardo Malta que assinou um painel onde se representava um conjunto de figuras religiosas, no Pavilhão dos Portugueses no Mundo, “não se afirmando nenhum valor”; nos de Manuel Lima autor de um painel para a sala da Oceânia; nos de Almada Negreiros executante de diversas pinturas nomeadamente de um moderno *Camões* que suscitou indignação a Gusmão, considerando-o um “insulto” à memória de tão grande poeta. O desapontamento provocado pela pintura de contexto colonial exposta estendia-se ao próprio *Guia da Exposição*, pobre e pouco informativo, e que não dava a autoria das pinturas que decoravam os diversos pavilhões, colocando em evidência o pouco protagonismo dado a uma arte visual tão facilmente apreensível.

De mencionar ainda que, por ocasião das Festas do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal, se realizou fora da metrópole uma “Exposição de Arte” no Instituto Vasco da Gama, em Nova Goa. Balizada entre 5 e 15 de outubro de 1940, foi um dos raros (senão o único) eventos satélite organizados fora da metrópole por ocasião da mostra de Belém. Esta descentralização expositiva propunha estimular vocações artísticas dos “filhos da Índia”, ou seja, os artistas indo-portugueses. Das secções pictóricas contempladas na ação em Nova Goa fazia parte o óleo, a aguarela, a crayon e pastel, para além das demais artes como escultura, fotografia, ourivesaria, encadernação e tecidos impressos e pintados.

## Exposição Bruxelas, 1958

Quando o calendário expositivo internacional foi retomado, em 1958, o mundo era outro: o pós-guerra trouxera o fim dos impérios coloniais europeus salvo o português, mas introduzira um mundo dividido pela Guerra Fria. Daí

que na Expo'58 o confronto entre americanos e soviéticos fosse inevitável concretizando-se em dois pavilhões gigantescos, erguidos para propagandear as virtudes dos dois sistemas antagónicos.

Em todo o caso, para além da Guerra Fria e dos paradoxos da energia nuclear, um dado novo surgiu no certame: a constatação do fim dos impérios coloniais – britânico e francês –, e a consequente descolonização que trazia a representação dos países entretanto autonomizados. Sem dúvida o que se tornara evidente eram os ventos de mudança que mostraram os novos países independentes como Cuba ou Marrocos recentemente emancipados do jugo francês. A França fora derrotada na Indochina, tendo às portas o conflito colonial na Argélia, e o próprio país anfitrião, a Bélgica, pretendia reafirmar as virtudes da sua política colonial africana, realçando a “missão civilizadora” com o anacronismo da representação do Congo e do Ruanda-Urundi<sup>12</sup> que não fazia antever a independência (dois anos depois para o Congo e quatro para o Ruanda).

Como vinha sendo habitual, o pavilhão português (de risco de Pedro Cid) dedicou uma secção ao ultramar português, e que incluía documentação fotográfica das atividades mais progressivas das nossas províncias de além-mar. No exterior da fachada sul, um busto do Infante D. Henrique de grandes dimensões de Barata Feyo era uma espécie de epílogo plástico da representação portuguesa. A crítica (PORTAS 1959:24) acusou o núcleo expositivo de uma certa indefinição, faltando-lhe uma linha plástica clara e coerente num conjunto pictórico onde se destacaram as obras de vários autores nacionais, embora na memória descritiva do projeto vencedor não haja qualquer menção à presença de intervenções artísticas. Mas, como se sabe, nem sempre o sistema decorativo estava incorporado na ideia inicial do arquiteto. Por conseguinte, é difícil atribuir autorias, mas sabe-se que no 2.º piso havia um espaço dedicado ao Portugal Ultramarino – sector V –, coordenado por Manuel Lapa (1914-1979) e Fernando de Azevedo (1923-2002) – que tinham estado em África com Marcelino Vespeira –, foi dedicado às províncias do Ultramar com a exposição de artesanato e objetos das culturas das colónias portuguesas, de onde se destaca uma parede inspirada em desenhos tchokwé que José Redinha reunira tempo antes – 1953 – no álbum *Paredes Pintadas da Lunda*<sup>13</sup>, bem como painéis pintados de vegetação luxuriante africana e que emolduravam fauna embalsamada.

Obviamente a prestação portuguesa em Bruxelas encontrava-se bem distante

<sup>12</sup> 12 hectares de jardins tropicais compostos por sete pavilhões.

<sup>13</sup> Em linha: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/4746306094/in/album-72157624260411593/> (consultado em 2019.07.19).

do quotidiano dos portugueses que, nesse verão de 58, e entre a perplexidade e a estranheza, assistiram à candidatura presidencial de Humberto Delgado, ação que embora não concretizada indicava que a época de ouro do Estado Novo tinha chegado ao fim.

## Exposição Sevilha, 1992

O ano de 1992 coincidiu com as comemorações do V Centenário da Descoberta da América, colocando o espanhol Cristóvão Colombo como uma espécie de pioneiro do futuro que o certame herdava e ampliava, pelo que o tema foi amplamente difundido na Expo de Sevilha. O pavilhão de Portugal, da autoria de Manuel Graça Dias (1953-2019) e Egas José Vieira (1962), destacava no seu interior o original do Tratado de Tordesilhas. De resto, e num desígnio comum a Lisboa e Sevilha de celebração de um passado de Eldorado partilhado, era de supor que tal documento tivesse direito a um lugar de realce. Para além de um objetivo programático centrado nos Descobrimentos e do papel de Portugal como mediador entre povos, o foco artístico centrou-se no desfile histórico que reproduzia a embaixada do rei D. Manuel I ao papa Leão X em 1514.

## EXPO'98

A Exposição Mundial de 1998, oficialmente denominada *Exposição Internacional de Lisboa de 1998* e realizada numa época em que o império era pretérito, viria a implantar-se à beira do rio de onde haviam partido as caravelas quinhentistas numa Lisboa que comemorava os 500 anos dos Descobrimentos Portugueses a uma escala mundial. O evento não pretendeu glorificar o passado, mas perspetivar o futuro ainda que se tivesse servido dos feitos pretéritos como metáfora de um tempo novo. Sob o tema “Os oceanos: um património para o futuro”, os passados coloniais foram revisitados agora à luz do multiculturalismo do fecho de Novecentos.

No que concerne às artes, e à pintura em particular, o evento de 1998 trouxe uma miscigenação pictórica que até então fora impossível de reunir na capital das Descobertas, não porque não tivesse havido ocasiões para tal, mas porque o âmbito não fora esse. Nem, aliás, era o da Expo'98 que veio atualizar a épica das Descobertas a partir de uma outra, a dos oceanos e do encontro cultural

mas mesmo assim, o resultado superou experiências anteriores<sup>14</sup>.

Quanto às mostras nos pavilhões das ex-colónias portuguesas, estas trataram de exhibir uma arte autóctone sem qualquer registo da “Era” colonial, numa postura simultaneamente anticolonialista e independentista, que se absteve de enunciar a tutela obstaculizante preconizada ao longo do jugo imperial português, preferindo colocar em evidência uma arte herdeira das primeiras tribos que habitaram o território. Tal foi o caso do pavilhão de Moçambique, onde o pintor Malangatana criou um painel mural, tendo sido igualmente o Vice-Comissário Nacional para a área da Cultura de Moçambique na exposição de Lisboa.

Todavia, de todo o contexto da Expo’98, o que se destaca no âmbito do estudo proposto é a criação de um signo de representação turística portuguesa que perdura até aos dias de hoje, da autoria de José de Guimarães.

Símbolo de todo um país que perdura até hoje mais de duas décadas passadas, a obra encomendada pelo ICEP (Investimentos, Comércio e Turismo de Portugal e, à data, órgão de representação oficial e internacional do Turismo de Portugal) a pintura que deu origem ao símbolo do turismo português. Segundo o artista, era importante que o signo representasse Portugal como país atlântico e, mantendo a ideia de uma figura mítica encontrada em fábulas, transformou-a num ser capaz de caminhar sobre as águas do oceano, ligando-se assim à história de navegação e descobertas. Inspirado na bandeira nacional, pintou duas mãos abertas, em vermelho e verde, estendendo-as num corpo cuja cabeça, em forma de sol, representava o calor tanto de um país como das suas gentes. Por fim o tipo de letra apreende o espírito do símbolo original através de uma espiral comum à letra “g” e à onda que a encima<sup>15</sup>. Esta configuração de um Portugal frente ao mar, de clima ensolarado e de braços abertos reitera e sintetiza a posição do artista face ao seu país e à sua história no mundo, posicionando-o como uma nação recetora ao (e do) mundo contemporâneo. Como José-Augusto França referiu numa recensão ao volume publicado pelo ICEP que explica o seu processo de elaboração, este constitui “um álbum que conta uma viagem de realização artística”<sup>16</sup>, cuja conceção se apresenta com uma maior complexidade do que à partida se poderia supor.

Numa consideração aglutinadora final importa referir a crescente visi-

<sup>14</sup> Interessa apontar a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, realizada em Lisboa, no ano de 1983, e subordinada ao tema: *Os descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento* que apenas contemplou pintura histórica cuja temática assentou nos Descobrimentos Portugueses. Uma vez mais foi desperdiçada a oportunidade de uma mostra alargada que contemplasse a pintura em contexto colonial.

<sup>15</sup> Ver depoimento em GUIMARÃES, José de (1993). *Viagem do artista. Journey by an artist*. Lisboa: ICEP.

<sup>16</sup> FRANÇA, José-Augusto (1993). “Viagem do Artista”. *Colóquio. Artes*, 2<sup>a</sup> série, 35º ano, N.º 97, Junho de 1993. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 72.

bilidade dada à arte e à pintura colonial conforme estes eventos se tornaram mais abrangentes e complexos: se num primeiro tempo a arte nem sequer foi contemplada, gradualmente esta veio a ocupar um espaço determinante, ajudando na visualização dos territórios ultramarinos e promovendo mesmo a viagem efetiva de alguns artistas a essas possessões longínquas numa ação de propaganda política imperial só fortuitamente colocada em prática pelo Estado português. Esta descoberta e mostra das civilizações indígenas constituiu uma lição de geografia numa época em que as viagens começaram por ser o apanágio duma minoria, contribuindo para que a população citadina metropolitana conhecesse as possessões longínquas através das secções coloniais e das aldeias indígenas nelas exibidas. A relevância das encenações dos territórios integrantes do império nestes espaços expositivos foi assim fulcral para a manutenção e sedimentação das políticas coloniais do século XIX e XX, senão seja o exemplo do sucesso da secção das Índias no Palácio de Cristal logo na primeira exposição (Londres, 1851) assinalada como uma curiosidade raramente vista, facto que em muito facilitou uma apreensão do império nos limites que se sabe, ou seja, uma presença real dentro de um cenário ficcionado.

Enfeitando todas estas realidades, a arte das culturas autóctones ou das civilizações milenares longínquas serviu, acima de tudo, para acentuar quer a superioridade da metrópole em relação aos territórios ultramarinos quer a curiosidade em relação às possessões longínquas por parte da cultura ocidental. Mas, mais do que “mostrar” o exótico e o estranho, havia que “parecer” como relembrava T. Vijayaraghavacharya, comissário da secção indiana na British Empire Exhibition de 1924: “O que o público quer ver da Índia é aquilo que parece indiano, mais do que aquilo que é indiano” (VICENTE 2002:80). Era a invenção de uma condição que raramente correspondeu à realidade, mito do ocidente face a culturas quase desconhecidas e, por causa disso, subvalorizadas.

## Bibliografia

- AAVV (1998). *O Centenário da Índia e a Memória da Viagem de Vasco da Gama*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses.
- ACCIAIUOLI, Margarida (1998). *Exposições do Estado Novo 1934-1940*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ANDRADE, Luís Oliveira (2002). *História e Memória. A Restauração de 1640: do Liberalismo as Comemorações Centenárias de 1940*. Coimbra: Edições Minerva.
- CARMO, José Pedro do (1943). *Evocações do Passado*. Lisboa: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade.

- FERRO, António (1938). “Exposição de Nova Iorque. O discurso pronunciado por António Ferro”, *Diário de Notícias*, 14.12.1938.
- FRANÇA, José-Augusto (1993). “Viagem do Artista”. *Revista Colóquio. Artes*, 97, Junho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FRANÇA, José-Augusto (2002). *Lisboa 1898. Estudo de Factos Socioculturais*. Lisboa: Livros Horizonte.
- GALVÃO, Henrique (1934). “Um quadro de Eduardo Malta”. *Portugal Colonial*, 45, Novembro.
- GALVÃO, Henrique (1934). *Revista Ultramar*, 15 (1 Set.), 16 (15 Set.). [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Ultramar/N15/N15\\_master/Ultramar\\_N15\\_15Jul1934.PDF](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Ultramar/N15/N15_master/Ultramar_N15_15Jul1934.PDF) (consultado em 2020.06.19).
- GUIMARÃES, José de (1993). *Viagem do Artista. Journey by an Artist*. Lisboa: ICEP.
- GUSMÃO, André (1940). “A Arte na Exposição de Belém”. *O Diabo*, 16.11.1940. [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Ultramar/N15/N15\\_master/Ultramar\\_N15\\_15Jul1934.PDF](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Ultramar/N15/N15_master/Ultramar_N15_15Jul1934.PDF) (consultado em 2020.06.19).
- JOÃO, Maria Isabel (2002). *Memória e Império. Comemorações em Portugal: 1880-1960*. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2466> (consultado em 2020.6.19).
- PORRAS, Nuno (1959). *Revista Arquitectura*, 64, Janeiro/Fevereiro.
- TELO, António (1991). *Lourenço Marques na política externa portuguesa 1875-1900*. Lisboa: Cosmos.
- VICENTE, Filipa L. (2002). “Exposições Coloniais na Índia Portuguesa e na Índia Britânica”. *Revista Oriente*, 8. Lisboa: Fundação Oriente.

# “Funcionários independentes, honestos e prestigiados, porque assim o exige uma sã burocracia”. A situação do funcionalismo e a eficiência da Administração Pública em debate (1945-1967)<sup>1</sup>

*“Independent, honest and prestigious Civil Servants as required by a sound bureaucracy”. The conditions of Civil Servants and the efficiency of Public Administration under debate (1945-1967)*

**ANA CARINA AZEVEDO**

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e Universidade de Coimbra, Centro de Ecologia

Funcional, História, Territórios e Comunidades

aazevedo@fcsh.unl.pt

<https://orcid.org/0000-0001-6632-6861>

Texto recebido em / Text submitted on: 02/07/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 16/10/2020

**Resumo.** Entre as décadas de 1930 e 1960, a relação entre o grau de eficiência da Administração Pública e a situação económica e social dos servidores do Estado encontra-se bastante presente ao nível da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa. As características que o funcionalismo público apresentava, aliava-se o aumento da atração que o setor privado exercia em termos de melhores remunerações e benefícios sociais. Neste contexto, aumentar a eficácia da Administração Pública passava por melhorar a situação económica e social dos funcionários públicos.

Não obstante alguns discursos defenderem a reforma administrativa como caminho para esta melhoria, torna-se visível que o Estado privilegiou soluções de caráter social. Um processo que conduziria a melhorias concretas, apesar de insuficientes, na vida de uma parte relevante do funcionalismo público, criando lógicas que acabariam por ser prosseguidas após a Revolução de 1974 e que, muitas das vezes, são unicamente conotadas com o período democrático.

**Palavras-chave.** Portugal, Administração Pública, Funcionalismo, Vencimentos, Apoios Sociais.

**Abstract.** From 1930 to 1967, the links between the Public Administration's efficiency and the economic and social conditions of the Civil Servants are often discussed at the Portuguese "Assembleia Nacional" and "Câmara Corporativa". Most of the debates regarding the subject focus on the main characteristics of the Civil Service. But they also focus on the growing attraction of the private sector, with its higher wages and better social benefits. It is, then, assumed that to increase the effectiveness of Public Administration, it is necessary to improve the economic and social conditions of the Civil Servants.

Although some speeches also defend administrative reform as a path to achieve this improvement, it becomes clear that "Estado Novo" privileged social solutions. These

<sup>1</sup> Esta investigação foi financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Bolsa de Pós-Doutoramento com referência SFRH/BPD/113250/2015.

solutions would lead to some enhancements in the life of the Civil Servants that were also pursued after the Revolution of 1974 and that are, even nowadays, mainly seen as Democratic achievement.

**Keywords.** Portugal, Public Administration, Public employees, Salaries, Social benefits.

## Introdução

Após o final da II Guerra Mundial, a relação entre as condições económicas e sociais dos servidores do Estado e o nível de produtividade da Administração Pública adquire relevância e passa a ser alvo de debate. Além de intervenções e pareceres da Assembleia Nacional (AN) e da Câmara Corporativa (CC) e de alguns relatórios técnicos, vários estudos coevos incidem sobre a temática sendo, na sua maioria, fruto de discursos em encontros da especialidade ou de trabalhos realizados por funcionários públicos ou por estudantes do ensino técnico profissional<sup>2</sup>. Porém, pelo contrário, a historiografia privilegia a análise do tema no período democrático, não fazendo referências detalhadas à época anterior.

Apesar de deficientemente estudada, a temática encontra-se presente na AN e na CC, cujos debates e pareceres incidem, sobretudo, sobre a necessidade de melhorar a situação económica e social dos servidores do Estado. A importância desta questão e o motivo da sua persistência nas agendas governamentais durante o Estado Novo prende-se com o seu impacto na imagem e funcionamento da Administração Pública. De facto, tratava-se de permitir ao funcionalismo público manter condições de vida dignas e condizentes com a sua condição de servidores do Estado. Mas tornava-se, também, cada vez mais visível a forma como o grau de eficiência da Administração Pública se encontrava dependente das características dos seus funcionários, sendo que estes apresentavam um relevante impacto no processo de modernização da administração.

Esta noção encontra-se presente no projeto de Reforma da Administração Pública apresentado após a criação do Secretariado da Reforma Administrativa em 1967. Este era baseado em quatro pilares essenciais: a situação dos funcionários públicos, as relações entre os serviços e o público, a orgânica dos serviços e os métodos de trabalho utilizados nas repartições públicas. Porém, apesar de apenas com a criação deste organismo ter sido dado um carácter mais sistemático à organização de um projeto de reforma administrativa, os pilares nos quais este assenta não surgem nesta data. De facto, no que ao Estado Novo diz respeito, desde o início do regime e, sobretudo, após a II Guerra Mundial, as

<sup>2</sup> Como exemplo, cf. Ministério das Finanças 1960; OLIVEIRA 1971; GONÇALVES 1972; BARRETO 1996.

preocupações com as linhas apresentadas no final dos anos 60 são evidentes e, no seu conjunto, as problemáticas relativas ao funcionalismo público adquirem uma centralidade relevante.

A Função Pública era parte integrante da estrutura orgânica do Estado corporativo. Não existem dados diretos que permitam contabilizar o funcionalismo público da época, inclusivamente porque o primeiro grande inquérito seria apenas realizado em 1968 (INE 1970). Segundo António Barreto, a melhor fonte para analisar quantitativamente o funcionalismo público no período anterior a 1968 é o número de inscritos na Caixa Geral de Aposentações, que passa de 195 mil em 1960 para 388 mil em 1974 (BARRETO 1996: 56). Tal como fica expresso por estes dados, é reconhecido um alargamento constante da Administração Pública central entre meados das décadas de 1950 e 1970. Contudo, este crescimento não era suficiente para uma administração que se expandia e complexificava paralelamente ao aumento do intervencionismo estatal e que começa a sentir dificuldades de recrutamento comparativamente ao setor privado.

De facto, enquanto os privados investiam em políticas de atração dos melhores funcionários através de incentivos salariais e de regalias sociais, no setor público mantinham-se os vencimentos que não acompanhavam o aumento do custo de vida (MACEDO 1963). No âmbito das regalias sociais a situação não era mais benéfica. Na lógica do sistema corporativo, a função pública encontrava-se enquadrada nas instituições de previdência dos servidores do Estado e dos corpos administrativos. Mas esse enquadramento apenas constituiu uma regalia até ao início dos anos 40, quando somente 6% da população ativa da indústria, comércio e serviços se encontrava coberta pela previdência social (GARRIDO 2016: 125). Paulatinamente, o setor privado passou a dispor de melhores apoios sociais e a disponibilizar subsídios de doença e maternidade, bem como subvenções relativas a aposentação e sobrevivência que apenas lentamente e de forma limitada foram sendo introduzidas pelo Estado. Fazer parte da Função Pública deixaria de ser um privilégio e os melhores funcionários acabariam por ser aliciados para o setor privado.

Esta realidade ligava de forma indelével a problemática do funcionalismo com a do desenvolvimento da Administração Pública. A situação dos funcionários públicos em meados do século XX era considerada deficiente, quer em termos de formação específica, quer no que diz respeito a remunerações e apoios sociais. Além disso, os esforços feitos até então eram considerados insuficientes, pois os aumentos nas dotações dos serviços públicos não haviam tido como consequência nem uma melhoria da eficácia dos serviços, nem do nível de vida dos servidores do Estado. Era necessário que se empreendesse uma reforma

articulada e sistemática que remodelasse todos os quadros do funcionalismo público, baseada na ação de comissões especiais nomeadas para cada Ministério e sob a supervisão de uma comissão central.

A situação económica e social do funcionalismo público é entendida como um dos elementos responsáveis pela quebra do rendimento dos serviços, nomeadamente no que diz respeito ao baixo nível de vencimentos e salários, sobretudo quando em comparação com o setor privado. É, portanto, desde a década de 1930 e até 1974 um dos elementos centrais dos discursos relativos à problemática da Administração Pública portuguesa. “O homem é a primeira e fundamental realidade da administração e esta – como toda e qualquer organização – valerá o que valerem os homens ao seu serviço”, afirmava o Ministro de Estado, Motta Veiga, numa comunicação sobre a reforma administrativa feita a 29 de fevereiro de 1968 (MOTTA VEIGA 1968: 9).

Esta questão adquire uma importância mais evidente após a II Guerra Mundial. Nesta época, a Administração Pública passa a enfrentar desafios a nível global. De facto, o mundo havia mudado e essas mudanças teriam reflexos diretos no papel e funções atribuídas ao Estado, desenvolvendo-se a consciência da necessidade de renovar as Administrações Públicas, tornando-as mais eficientes, e de rever o papel e perfil dos Estados e o seu nível de intervencionismo na sociedade e na economia. O crescimento económico dos “Trinta Gloriosos” necessitava de ser ancorado em estruturas administrativas preparadas para responder aos desafios do desenvolvimento, sendo o Estado diretamente responsável por promover as condições e estratégias necessárias à sua prossecução. Na Europa, quer o Programa de Reconstrução e Reconstituição Económica desenvolvido pelos EUA, quer os planos nacionais de fomento, necessitavam de uma estrutura administrativa capaz, que apresentasse eficácia e rapidez e que estivesse baseada num corpo de funcionários devidamente formado. Era necessário estender as lógicas da produtividade à Administração Pública, renovar estruturas, organismos e métodos de trabalho e garantir que o setor público mantinha uma capacidade de atração dos melhores funcionários.

É interessante notar que, apesar das controvérsias visíveis após a II Guerra Mundial no que diz respeito ao desenvolvimento económico português e à primazia da indústria nesse processo, a necessidade de melhorar o nível de produtividade administrativa do Estado não é alvo de oposição. Os vários intervenientes nas discussões sobre o tema são unânimes ao afirmar a sua imprescindibilidade no cenário dos desafios que se colocavam ao país. Num quadro de aumento das prerrogativas estatais e de crescimento das diligências solicitadas à Administração Pública ao qual Portugal não é imune, começa a tornar-se cada vez mais clara a fraca preparação do funcionalismo público e o

perigo da tendência de fuga de funcionários para o setor privado. Impelido a melhorar a eficácia administrativa do Estado devido à conjuntura da época e à necessidade de fomentar a economia e o desenvolvimento social, o Estado aprofunda medidas tendentes não só a melhorar a capacidade técnica do funcionalismo, mas também a evitar a sua fuga para o setor privado. São, assim, debatidas e legisladas várias melhorias da sua situação económica e social ao longo dos anos 40, 50 e 60, entre as quais se destacam recorrentes aumentos salariais e um acréscimo dos apoios sociais, sob a forma de melhorias progressivas nas pensões, cuidados de saúde e habitação. Porém, estas acabam por ser continuamente consideradas insuficientes, devido, sobretudo, ao aumento do custo de vida e à necessidade de não colocar em causa o saneamento financeiro.

O presente artigo pretende, assim, analisar a forma como estas questões foram debatidas na AN e na CC entre o final da II Guerra Mundial e o final dos anos 60. Tem como intenção compreender como a preocupação com a melhoria da situação do funcionalismo público se encontrava relacionada com a necessidade de melhorar a capacidade de resposta e o grau de eficiência da Administração Pública.

## A problemática do recrutamento e formação do funcionalismo público

Desde o final da II Guerra Mundial, a consciência sobre a necessidade de dotar a Administração Pública com funcionários motivados e conhecedores da importância do seu papel enquanto agentes do desenvolvimento administrativo torna-se evidente nas sessões da AN e da CC. Na esteira dos estudos realizados a nível internacional por organismos como a Organização das Nações Unidas (ONU) (TALLOEN 1957: 476; ONU 1948), um dos aspetos que mais cedo foi abordado prende-se com as questões do recrutamento e formação dos funcionários públicos. Logo em abril de 1944, na discussão do parecer sobre as Contas Gerais do Estado de 1942, o deputado Querubim Guimarães afirma a necessidade de potenciar um maior nível de formação aos funcionários, tentando ultrapassar o hábito de utilizar os serviços como único local de aprendizagem (Diário das Sessões..., 4/4/1944: 405), e de melhorar as lógicas do recrutamento, que considera estarem relacionadas com os baixos salários praticados no setor. Querubim Guimarães entende que o estado do ensino em Portugal e o nível dos vencimentos no setor público tornavam impossível que o recrutamento fosse feito tendo em conta as capacidades intelectuais dos candidatos, não permitindo, assim, a incorporação dos melhores aspirantes, que acabavam por ser captados pelos serviços privados (Diário das Sessões...,

4/4/1944: 406).

Os problemas ligados ao recrutamento são, também, focados por Ernesto Subtil em março de 1946 numa intervenção feita durante o debate, na generalidade, acerca do parecer sobre as Contas Gerais do Estado. O deputado alerta para o deficiente recrutamento, promoção e hierarquização do funcionalismo público que o decreto-lei n.º 26115 não conseguiu normalizar, devendo esta situação ser remediada através da criação de um organismo, junto da Presidência do Conselho, que superintenda a Administração Pública e

orienta, coordene, inspeccione e fiscalize a actividade técnica e administrativa de todos os departamentos do Estado, dos organismos corporativos e de coordenação económica, directamente e por intermédio das inspecções superiores existentes e a estabelecer em todos os Ministérios (Diário das Sessões..., 23/3/1946: 967).

Além disso, e seguindo os princípios estabelecidos na reforma orçamental, a sua criação deveria ser aliada à promulgação do Estatuto do Funcionalismo Público e ao consequente estudo sobre o reajustamento dos quadros, revisão das respetivas classes, redução do número de categorias de vencimento e fixação das normas gerais do recrutamento e acesso do pessoal (Diário das Sessões..., 23/3/1946: 967).

Paulatinamente, a necessidade de melhorar o nível de formação dos funcionários públicos começa a ganhar relevo no final da década de 1950. O contacto com as experiências desenvolvidas em Espanha ou França, nas quais as Escolas de Administração Pública iam abrindo caminho, conduziu à consciência da necessidade de preparar de forma metódica os funcionários públicos para que o rendimento dos serviços não fosse prejudicado pelo recurso ao improviso (Diário das Sessões..., 12/2/1959: 172). A insuficiente preparação dos funcionários punha, de facto, em causa algumas das tentativas de fomento planeadas pelo Estado. Por exemplo, a reforma tributária feita na época pressuponha a necessidade de “dotar os serviços de pessoal inteiramente idóneo e suficiente, em qualidade e em número” (Diário das Sessões..., 30/11/1965: 36). Porém, reconhece o relator da proposta de lei de autorização das receitas e despesas para 1966, que:

ela não poderá processar-se contínua e progressivamente em todos os sectores em condições de pleno êxito, nem de molde a satisfazer a plenitude dos seus objectivos sem que se procure resolver, na medida do possível, a insuficiente preparação de alguns funcionários, a desactualização dos

métodos de trabalho e as deficientes condições de funcionamento dos serviços (Diário das Sessões..., 30/11/1965: 36).

Impunha-se assim a adoção de algumas providências entre as quais se destacavam a modificação e adaptação às novas exigências das condições de admissão, acesso e prestação de serviço; a adaptação dos quadros de pessoal, em número e em qualificação técnica, às conveniências de elevação do nível médio da sua composição; a atribuição aos funcionários, através de uma preparação obrigatória superiormente dirigida, de uma especialização técnica adequada aos serviços que devem realizar; a melhoria das instalações; a organização e mecanização do trabalho de uma forma mais atualizada e rentável; e a racionalização, de acordo com a estrutura dos quadros, da divisão do trabalho (Diário das Sessões..., 30/11/1965: 36).

Estas questões relacionam-se, igualmente, com as discussões sobre a quantidade de funcionários públicos necessários para a boa execução dos serviços, outro dos eixos dos debates realizados na AN e na CC. No início da década de 1950, a necessidade de articular a despesa do Estado, a eficiência da Função Pública e o nível de vencimentos do funcionalismo adquire novos contornos dadas as disposições tomadas em 1949. Estas decorreram do “falso alarme” (Diário das Sessões..., 28/11/1952: 33) ocorrido nas contas públicas nesse ano, que conduziu à introdução, na Lei de Meios para 1950, da proibição do preenchimento das vagas nos quadros do pessoal civil dos ministérios como forma de defesa do equilíbrio orçamental. É preciso não esquecer que o equilíbrio financeiro se mantinha como uma das bandeiras do regime e que, neste início da década de 1950, Portugal se encontrava em pleno programa de Assistência Técnica e de Produtividade, cujas diligências pressionavam a Administração Pública a um maior nível de eficiência (ROLLO 2007). Assim, a definição do número de funcionários públicos necessários era uma questão central.

Algumas vozes consideravam exagerado o número de funcionários existentes face às necessidades do País, aconselhando a sua redução e a consequente possibilidade de aumento salarial dos restantes. Porém, esta opinião não era consensual, sendo que outras vozes, como aquelas que surgem no parecer nº 38/V sobre o projeto de proposta de lei nº 520, referente à autorização de receitas e despesas para 1953, referiam a ação perturbadora que uma redução operada mecanicamente no número de funcionários poderia operar na marcha dos serviços (Diário das Sessões..., 28/11/1952: 33). Além disso, esta opção teria, igualmente, consequências que colocariam em risco a paz social que o regime ansiava por manter, sobretudo na época da vitória das democracias.

A importância de um estudo rigoroso que permitisse estipular eficazmente a quantidade de funcionários necessária em cada serviço público começa assim, progressivamente, a ser evidenciada. Em 1952, o parecer da comissão encarregue de apreciar as contas públicas de 1950 aborda a questão defendendo a necessidade de estipular o número de funcionários necessários, não podendo este ser calculado de forma arbitrária nem estabelecido abaixo das necessidades (Diário das Sessões..., 28/11/1952: 39). A mesma opinião é partilhada por Pacheco Amorim, deputado que, em abril de 1952, na discussão das Contas Gerais do Estado para o ano de 1950, refere a necessidade de ser desenvolvido um funcionalismo público útil, com um crescimento proporcionalmente maior do que o aumento da população, sobretudo em áreas como a saúde, assistência e educação (Diário das Sessões..., 18/4/1952: 757).

Desta forma, muitos seriam os pedidos para a revisão do regime de restrições à nomeação e promoção de funcionários civis, considerado como mais um fator desmoralizante para os funcionários que aguardavam uma melhoria da sua situação. Esta revisão apresentava-se como de extrema relevância para a eficiência de serviços que se viam depauperados em termos de pessoal, sobretudo quando o seu volume de trabalho havia aumentado exponencialmente. Porém, esta questão não seria solucionada pois, na década seguinte, a necessidade de aumentar os quadros do funcionalismo fazia-se ainda sentir, tendo implicações na estruturação e sustentação dos Planos de Fomento. Em 1964, o projeto de proposta de lei n.º 505/VIII referente à autorização das receitas e despesas para 1965 afirma, no seu artigo 20.º, ser difícil “conseguir acompanhar devidamente a execução do Plano, melhorar os instrumentos de previsão económica e de controle sem um reforço dos quadros dos serviços chamados a desempenhar as referidas funções” (Atas da Câmara Corporativa, 4/12/1964: 1067).

Até 1967, esta seria uma frente na qual o Estado Novo falharia. Não havendo capacidade para passar da teoria à prática, a formação manter-se-ia insuficiente e desatualizada, os estudos sobre o funcionalismo não teriam aplicação concreta e os funcionários mais capazes continuavam em fuga para o setor privado.

### **Melhorar a eficiência da administração com um funcionalismo público em fuga para o setor privado**

Num contexto de necessidade de dotar a Função Pública de funcionários em número suficiente, satisfatoriamente formados e capazes de cumprir o seu papel nas novas funções económicas e sociais atribuídas ao Estado, começa a verificar-se um aumento constante da fuga de funcionários públicos para o setor

privado. Esta situação não era nova, tendo já sido verificada após a I Guerra Mundial, quando os impactos económicos do conflito haviam atingido todos aqueles que viviam de rendimentos fixos, fazendo com que os servidores do Estado se submetessem ao regime de acumulações ou transitassem para o setor privado (Diário das Sessões..., 11/12/1945: 78).

Manter ao serviço do Estado os funcionários mais capazes era essencial na nova lógica do pós II Guerra Mundial e significava atentar na sua situação económica e social. Em março de 1946, Ernesto Subtil afirmaria:

Numa perfeita orgânica dos serviços públicos não é fundamental apenas a existência de funcionários competentes (...) É indispensável também a existência de funcionários independentes, honestos e prestigiados, porque assim o exige uma sã burocracia, necessário interposto entre governantes e governados, e na qual reside o segredo e o êxito de uma boa e séria governação.

Mas a verdade é, Sr. Presidente, que a independência e a honestidade do funcionário público só podem ser eficazmente garantidas com uma base económica que o ponha a coberto de todas as dificuldades financeiras (Diário das Sessões..., 15/3/1946: 822).

A motivação daqueles que permaneciam ao serviço do Estado era, igualmente um fator importante, sendo que passa a reconhecer-se que baixas remunerações e baixo nível de vida significavam um baixo desempenho dos funcionários públicos. Prover melhores condições económico-sociais aos funcionários públicos era essencial para melhorar a própria eficácia dos serviços. “Parecia-me aconselhável a revisão dos vencimentos. Aconselhável ... e inadiável. Que não mutilem, ao menos, a suficiência dos quadros. Conheço serviços que estão a cremar as forças dos seus servidores” (Diário das Sessões..., 30/11/1950: 92), refere Alberto de Araújo na Assembleia Nacional em novembro de 1950. O mesmo discurso era já enunciado por Joaquim Mendes do Amaral em 1945, no debate sobre a proposta de lei de autorização de receitas e despesas para o ano de 1945:

o zélo pelo serviço depende, além do mais, da própria condição física do funcionário e do seu estado psicológico. É intuitivo que não pode existir boa disposição para o trabalho onde não existe a necessária e suficiente resistência física para o mesmo, nem a indispensável tranquilidade de espírito sobre a situação alimentar e a saúde da família (Diário das Sessões..., 14/12/1944: 72).

Também Camilo de Mendonça, em dezembro de 1953, na discussão, na generalidade, da proposta sobre a Lei de Meios afirmaria o impacto dos baixos níveis salariais no desempenho dos funcionários públicos e na eficiência e prestígio dos serviços. A dificuldade em sobreviver unicamente com o salário profissional e a procura de remunerações complementares, tinha como consequência uma diminuição no tempo de repouso ou até uma redução do horário normal do serviço, sendo visível em ambos os casos uma diminuição da eficiência e quebra do rendimento (Diário das Sessões..., 15/12/1953: 115).

Esta seria, mais uma vez, uma questão que perpassaria décadas. Em março de 1965, na discussão das Contas Gerais do Estado e da Junta do Crédito Público de 1963, Nunes Fernandes continuava a apelar para que se “exija do servidor o máximo do esforço mas que se lhe pague convenientemente de forma a poder ser só funcionário ao serviço do Estado e do público” (Diário das Sessões..., 11/3/1965: 4526). No mesmo discurso, o deputado não esquece “os vícios da burocracia que tanto dificultam a vida a quem tem de recorrer aos seus serviços”, defendendo que “os serviços oficiais fossem simplificados ao máximo, de maneira evitar-se a passagem pelas mais diversas e inexplicáveis repartições para a solução de um problema simples”. Concluindo, o deputado defende que o estímulo necessário para exercer as funções públicas apenas poderá ter lugar quando o funcionário não tiver de se preocupar com “os problemas da sua economia particular, por esta se encontrar assegurada com a justa remuneração pelos serviços prestados” (Diário das Sessões..., 11/3/1965: 4526).

O problema do desfasamento verificado entre as remunerações do setor público e do setor privado era outro dos pontos centrais desta temática, tornando-se numa questão cada vez mais premente. Poucos funcionários se encontravam em condições de rejeitar uma oportunidade de trabalho no setor privado e, como tal, a fuga de quadros atinge um nível alarmante em meados dos anos 60. A falta de candidatos nos concursos para vagas no setor público era já bastante visível na altura, com todas as consequências negativas que tal acarretava para o desempenho dos serviços. Correia Barbosa referiria em 1965 a existência de vagas no setor público que não chegavam a ter concorrentes, sobretudo do sexo masculino (Diário das Sessões..., 11/12/1965: 63). A referência à existência de lugares vagos nas repartições do Estado era citada pela imprensa com algum alarme, tal como a crescente presença da mulher no setor público. Tratava-se de “uma verdadeira invasão das repartições públicas por pessoal feminino”, considerada como um sinal dos tempos (Diário das Sessões..., 11/12/1965: 57). Além disso, como consequência do nível de vencimentos e da insuficiência de medidas de apoio social, apenas os funcionários menos

aptos optavam por se sujeitar às condições de trabalho no setor público, situação que também prejudicava o nível de rendimento dos serviços.

Mas também dentro dos próprios serviços públicos era visível uma migração de quadros. Em 1965, o deputado Mário Galo alerta para esta realidade que considera alarmante e que deriva das disparidades em matéria de vencimentos e outras regalias que se verificam entre os serviços públicos.

Se olharmos aos informes que nos são fornecidos pelas chamadas listas de antiguidades dos vários departamentos do Estado, logo se nos impõe a dolorosa imagem da deserção que os funcionários praticam: uns entrando na licença ilimitada, para buscarem outros sectores (...) outros sendo chamados para comissões de serviço em departamentos diferentes, para auferirem pelo menos, melhores regalias quanto a acesso, etc., e outros, ainda, havendo pedido a exoneração, visto não terem dúvida quanto a encontrarem nos sectores privados lugares que os remunerem pelo dobro, pelo triplo ou por mais ainda! (Diário das Sessões..., 11/12/1965: 57).

Numa altura em que a Administração Pública necessitava de melhorar a eficiência dos serviços para fazer face às suas responsabilidades em prol do desenvolvimento do País, era necessário envidar todos os esforços para evitar a continuação da saída dos seus melhores quadros. Porém, o contraste entre os níveis salariais praticados nos setores público e privado torna-se cada vez mais visível, devido ao aumento dos vencimentos registado no setor privado, mercê de contratos coletivos de trabalho e de despachos ministeriais. “O desespero está a apoderar-se dos servidores do Estado, que não se vêem atendidos nas suas mais justas aspirações. Os reflexos da situação quanto ao futuro deste país são tremendos”, refere António Santos da Cunha em 1965 (Diário das Sessões..., 14/12/1965: 117).

A solução para este problema podia encontrar-se numa reforma cuidada dos serviços públicos em prol do aumento da sua eficiência, que incluísse um aumento substancial dos vencimentos do funcionalismo e um melhor aproveitamento do trabalho produzido, mesmo que tal significasse uma supressão ou diminuição de alguns quadros e categorias. Os estudos tendentes a esta reforma são entregues ao Grupo de Trabalho n.º 14, criado no seio da Comissão Interministerial de Planeamento e Integração Económica no ano de 1965, porém, a aplicação das suas conclusões não seria imediata. Era, igualmente, essencial a revisão da estrutura orgânica da administração para a criação das condições estruturais necessárias à obtenção de uma “maior eficiência dos serviços públicos e do seu melhor rendimento funcional” (Diário das

Sessões..., 24/4/1958: 970). A esta questão estava ligado o aperfeiçoamento dos métodos técnicos de trabalho como passo “indispensável a dar na lógica sequência do reajustamento orgânico enunciado” (Diário das Sessões..., 24/4/1958: 970-971).

Em 1966, o parecer da comissão encarregue de apreciar as Contas Gerais do Estado de 1964 insistia na necessidade de uma reforma do sistema de quadros que permitisse uma maior articulação entre o nível de remuneração e a qualidade do trabalho, evitando o aumento da fuga para o setor privado. O abandono dos funcionários mais capazes fazia-se sentir de forma bastante premente (Diário das Sessões..., 16/3/1966: 53) e permaneciam vagas por preencher enquanto as despesas continuavam a aumentar ano após ano, sem ser visível uma melhoria da eficiência da Administração Pública. O relatório do exercício de 1964 é claro ao demonstrar o acentuar das dificuldades sentidas por alguns serviços devido à saída de funcionários para atividades mais bem remuneradas. Numa época em que o desenvolvimento económico era uma necessidade para o regime, esta situação colocava em causa “a obra de reconstrução económica e social exigida pelas condições do País” (Diário das Sessões..., 16/3/1966: 179). O relatório do grupo de trabalho n.º 14 é claro ao caracterizar a situação. Segundo os seus relatores, na década de 60, o trabalho na Função Pública era apenas escolhido:

pelos que têm vocação e prezam a carreira que escolheram; pelos que têm rendimentos pessoais que os coloquem ao abrigo das dificuldades económicas; pelos que conseguem acumular o cargo principal com outras funções públicas remuneradas; pelos que têm outras actividades no sector privado; pelos que têm remunerações acessórias a título de gratificações, pagamento de prestação de serviços, compensação por trabalhos extraordinários, senhas de presença ou ajudas de custo prolongadas; pelos que ingressaram em serviços recentemente construídos ou remodelados; pelos que pela idade, saúde, prudência, não tentam novo rumo de vida; ou pelos que passam despercebidos, por insuficiência de habilitações ou qualidade (GONÇALVES 1972: 215).

Era já indiscutível a necessidade de encontrar uma solução para os problemas que afligiam a Administração Pública portuguesa. A estreita relação e interdependência entre as várias parcelas da equação anteriormente apresentadas permitia diferentes opções de resposta ao problema. Porém, desde os anos de 1950, é clara a aposta na melhoria das condições económicas e sociais do funcionalismo público.

## A resposta do Estado: melhorar vencimentos e apoios sociais

Ao longo do período em estudo, os principais esforços para ultrapassar as deficiências anteriormente referidas passaram muito mais pela tentativa de melhorar a situação económica e social dos servidores do Estado, do que por mudanças concretas na orgânica administrativa. As principais preocupações manifestadas na AN e na CC passavam pela necessidade de aumentar o nível de vencimentos e possibilitar aos funcionários públicos o acesso a condições económicas e sociais cada vez mais próximas daquelas que eram oferecidas pelo setor privado, sobretudo no que diz respeito a pensões, reformas e abonos de família, cuidados de saúde e habitações sociais.

Logo em 1935, pelo decreto-lei n.º 26115 (Diário do Governo, 23/11/1935: 1759-1790), a Presidência do Conselho reconhecia a necessidade de melhorar vencimentos e reestruturar as classes do funcionalismo. Porém, dada a situação financeira do País, este aumento apenas procurava garantir a satisfação de necessidades vitais, aliado à necessária retificação dos quadros e diminuição do seu número de acordo com a “relação que racionalmente deve existir entre os serviços e os funcionários chamados a desempenhá-los” (Diário do Governo, 23/11/1935: 1761). Desta forma, a melhoria da produtividade dos serviços e a consequente diminuição do pessoal permitiriam aumentar de forma mais consistente os vencimentos do funcionalismo.

O início da II Guerra Mundial viria a tornar mais periclitante a situação da classe. O progressivo aumento do custo de vida, agravado pela conjuntura da II Guerra Mundial, aliado à impossibilidade de elevar de forma consistente os vencimentos devido à prioridade dada ao saneamento financeiro, havia colocado o funcionalismo público numa situação bastante difícil. Este era considerado um dos problemas económicos fundamentais do País durante a guerra, sendo que, desde 1943, se verifica uma tentativa progressiva de melhorar os vencimentos base do funcionalismo público através de suplementos e subsídios eventuais. Até à década de 1960, vários aumentos nos vencimentos públicos teriam lugar, correspondendo a pequenas melhorias que não chegavam a ter um impacto efetivo no poder de compra, apesar de terem como consequência relevantes aumentos nas despesas do Estado. Desta forma, e à medida que as prerrogativas – e consequentes despesas – do Estado aumentam, torna-se imperioso que os aumentos de vencimentos se integrem em reformas mais profundas da orgânica da Administração Pública e das classes do funcionalismo.

Na AN, o maior fator de dissensão sobre a temática relacionava-se com a necessidade de articular a melhoria dos vencimentos do funcionalismo público

com a manutenção do saneamento financeiro, visto qualquer pequeno aumento ter como consequência um elevado crescimento das despesas ordinárias. Como tal, embora a consciência sobre a necessidade de elevação dos salários fosse relativamente consensual, vários deputados colocavam em causa a possibilidade da sua execução. Também as remunerações acessórias, como gratificações e senhas de presença, e os abonos de família conheceram uma progressão similar, pretendendo melhorar a situação económica e social do funcionalismo público<sup>3</sup>. No entanto, também eles não foram suficientes para suplantar as dificuldades financeiras da classe.

No final dos anos 50 começa a apresentar maior relevância a necessidade de acompanhar a revisão dos vencimentos com estudos relativos à estrutura do funcionalismo público. Esta ideia é, inclusivamente, defendida por António de Oliveira Salazar no seu discurso de 1 de julho de 1958 no qual enfatiza:

três problemas a resolver e de grande melindre e dificuldade: uma nova estruturação das classes de funcionalismo e respectivos vencimentos, visto a desactualização da actual; a actualização dos vencimentos em relação, pelo menos, com o custo da vida; o beneficiamento das classes mais modestas em harmonia com as diferenças que se notam no próprio nível que a vida hoje tem (SALAZAR 1958: 11-12).

Existia, de facto, uma necessidade premente de providenciar uma nova organização às classes funcionais dada a desadequação do escalonamento apresentado pelo artigo 12.º do decreto-lei n.º 26115, pautado por um excesso de categorias e pela proliferação de postos intermédios. Da reorganização destas categorias dependia qualquer estudo relativo à melhoria dos vencimentos do funcionalismo público. O relatório da Conta Geral do Estado para 1957 afirma a necessidade de preparar uma política que “ao lado da reorganização dos serviços de que mais diretamente depende o desenvolvimento económico do País, coloca os problemas de remuneração do trabalho dos servidores do Estado” (Diário das Sessões..., 25/11/1958: 45).

Paralelamente à questão dos vencimentos, surge igualmente a problemática dos apoios sociais aos funcionários públicos. Estes, que deveriam complementar os vencimentos dos funcionários e contribuir para a melhoria da sua situação económica e social, subdividiam-se em quatro pilares: pensões e reformas,

<sup>3</sup> Como exemplo cf. Decreto-Lei n.º 37115, de 26 de outubro de 1948; Decreto-Lei n.º 40872, de 23 de novembro de 1956; Decreto-Lei n.º 32688, de 20 de fevereiro de 1943; Decreto-Lei n.º 34431, de 6 de março de 1945; Decreto-Lei n.º 39844, de 7 de outubro de 1954; e Decreto-Lei n.º 41523, de 6 de fevereiro de 1958.

cuidados de saúde, habitações económicas e abono de família. Em 1943, aquando do estudo sobre as possibilidades de melhorar o vencimento dos funcionários públicos, deputados como Antunes Guimarães e António Bartolomeu Gromicho insistem na necessidade desse aumento apresentar, também, repercussões ao nível dos funcionários inativos e reformados, de acordo com o decreto-lei n.º 16669, de 1929 (Diário do Governo, 14/12/1943: 47). Na verdade, o facto do aumento dos vencimentos não ser acompanhado por um aumento das pensões foi um aspeto sempre bastante criticado ao longo do período em estudo, sendo o Estado acusado de esquecer os antigos trabalhadores quando a idade ou a doença os impediham de continuar a servi-lo. Além disso, o facto de existir legislação que compelia o setor privado a garantir o sustento das suas classes inativas, impunha ao Estado o respeito pelas mesmas regras. Refere Querubim Guimarães na AN em abril de 1944, “com que autoridade é que o Estado aplica aos outros normas de proceder de que se isenta?” (Diário das Sessões..., 4/4/1944: 406).

Apesar das várias críticas expressas na AN relativamente ao facto das pensões não serem, por norma, abrangidas pelo aumento dos vencimentos, começam a surgir tentativas para melhorar o nível das reformas dos antigos servidores do Estado. No entanto, estas apresentavam-se mais como uma forma de evitar a fuga para o privado dos funcionários que se encontravam no ativo, do que como uma questão de justiça para com os antigos servidores. Desde o final dos anos 40 surge em várias propostas de lei de autorização de receitas e despesas a afirmação da necessidade de conceder subsídios aos pensionistas do Montepio dos Servidores do Estado, passando estes, progressivamente, a estar incluídos nas providências sobre o funcionalismo. O ano de 1958 marcaria um ponto de viragem no que diz respeito aos apoios sociais atribuídos aos servidores do Estado. A Lei de Meios para este ano preconiza a intenção de uma resolução sistemática dos problemas respeitantes à situação dos servidores do Estado, incidindo simultaneamente sobre os abonos de família, a assistência à doença e a construção e atribuição de casas de renda económica (Diário das Sessões..., 18/12/1957: 2).

No que à assistência à doença diz respeito, esta apresentava-se como uma das maiores desvantagens dos funcionários públicos relativamente ao setor privado, cujos trabalhadores passaram a usufruir mais precocemente de benefícios mais amplos. A Lei de Meios para 1957 enunciaria um plano de assistência à doença que o Governo tentou, progressivamente, colocar em execução integral. Inicialmente integrando apenas a assistência à tuberculose, a proteção médica prestada aos servidores do Estado foi sendo progressivamente ampliada, num esquema que culminaria com a assistência a todas as formas de

doença, extensiva ao agregado familiar (Diário das Sessões..., 10/12/1962: 1417). Este plano seria proposto de forma mais concreta no projeto da Lei de Meios para 1963, sendo assegurado pelo decreto-lei n.º 45002, de 27 de abril do mesmo ano, que criaria a Assistência na Doença aos Servidores Civis do Estado (ADSE), “destinada a promover gradualmente a prestação de assistência em todas as formas de doença aos serventuários dos serviços civis do Estado, incluindo os dotados de autonomia administrativa e financeira” (Diário do Governo, 27/4/1963: 429).

Quanto às questões da habitação, já em 1933, pelo decreto-lei n.º 23052, de 23 de setembro, o Estado passaria a atribuir aos seus funcionários residências em regime de propriedade resolúvel. O mesmo diploma autorizava o Governo a promover a construção de casas económicas a serem atribuídas “aos sócios dos sindicatos nacionais, mas ainda aos funcionários públicos, civis e militares, e aos operários dos quadros permanentes dos serviços do Estado e das câmaras municipais” (Diário das Sessões..., 10/12/1957: 99). Em 1945 é colocada à consideração da AN uma proposta de lei mais consistente relativa à construção de casas de renda económica. Com esta proposta, o Governo pretende facilitar a construção de casas económicas proporcionando rendas comportáveis aos funcionários públicos, através da concessão de uma série de benefícios atribuídos aos construtores. Entre estes benefícios contavam-se a outorga de empréstimos a baixo juro na Caixa Geral de Depósitos, isenções de contribuição predial e de imposto de sisa na aquisição de terrenos para construção e nas primeiras transmissões. As rendas base seriam também estipuladas, bem como a possibilidade dos seus arrendatários terem prioridade na compra e poderem fazê-la em prestações (Diário das Sessões..., 7/2/1945: 297). O acesso a estas casas seria permitido unicamente aos funcionários com mais baixos rendimentos, não excedendo os 3000\$00 por mês.

Durante as décadas de 1950 e 1960 a questão das casas de renda económica continua a estar presente na AN e na CC, sobretudo ao nível das discussões sobre as Leis de Meios. Na Lei de Meios para 1958 este aspeto é referido no artigo 13.º, ficando o Governo autorizado a aplicar os capitais afetos ao fundo permanente na aquisição e construção de imóveis destinados à habitação dos servidores do Estado, no regime de arrendamento ou de propriedade resolúvel. As casas de renda económica deveriam preferencialmente apresentar-se na forma de propriedade horizontal em blocos habitacionais, sobretudo moradias unifamiliares, estrutura que se encontrava de acordo com os estudos desenvolvidos na época pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil (BENTO D'ALMEIDA e MARAT-MENDES 2018). No entanto, dada a urgência de encontrar fórmulas mais económicas para a resolução do problema habitacional

e adequar o alojamento às características particulares de cada meio social, é assumida a possibilidade do emprego de outro tipo de construção. Desde 1933 e até 1957 foram construídas 10033 moradias, das quais 3344 foram atribuídas a funcionários públicos. No entanto, em meados dos anos de 1960, estes apoios eram ainda considerados insuficientes, existindo um número bastante relevante de funcionários a viver em más condições de alojamento ou sujeitos a rendas desproporcionais aos seus rendimentos.

Apesar destes esforços, aqui apresentados de forma necessariamente breve, a situação económica e social do funcionalismo público mantinha-se deficiente. Em dezembro de 1967, o deputado Nunes Barata alerta para a manutenção de uma situação de “grave minimização da qualidade do funcionário público, em confronto com a situação dos servidores das atividades privadas” (*Diário das Sessões...*, 12/12/1967: 2083). Esta realidade era responsável pela continuação da fuga dos melhores funcionários para o setor privado, com um impacto negativo na vida política e na administração pública nacionais. As melhorias colocadas em prática no sentido do aumento dos vencimentos foram consideradas insuficientes, bem como a melhoria dos apoios ao nível das pensões, reformas e abonos de família, nenhum deles conseguindo mitigar o aumento do custo de vida. Da mesma forma, a assistência na saúde é criticada pelo seu carácter tardio, vindo a ADSE a ser constituída cinco anos após ter sido prevista na Lei de Meios para 1958 e os primeiros benefícios atribuídos apenas em 1965.

## **Nota final**

Entre as décadas de 1930 e 1960, a relação entre o grau de eficiência da Administração Pública e a situação económica e social dos servidores do Estado encontra-se bastante presente nos debates da AN e da CC. Por um lado, considerava-se que o bom funcionamento administrativo dependia da existência de funcionários em número suficiente, providos de formação adequada e motivados. Por outro, entendia-se que as próprias condições atribuídas aos funcionários públicos, sobretudo em comparação com o setor privado, eram responsáveis por situações que prejudicavam a eficácia dos serviços – como os regimes de acumulação –, pelo aumento da fuga dos funcionários mais capazes para o setor privado e pela diminuição da capacidade de atração demonstrada pelo setor público.

Porém, e não obstante alguns discursos defenderem a reforma administrativa como solução para a melhoria da situação do funcionalismo, inclusivamente a

nível económico, torna-se visível que o Estado optou por, progressivamente e em primeiro lugar, colocar em prática melhorias diretas na condição socioeconómica dos funcionários públicos. No seu conjunto, desde 1928 foram feitas tentativas no sentido de melhorar a situação económica e social dos servidores do Estado. Reformaram-se vencimentos, estabeleceram-se remunerações-base, concedeu-se apoio à doença, invalidez e aposentação e reconheceu-se o direito ao abono de família (FELISMINO 1949: 16-17). Inclusivamente, no próprio projeto de reforma administrativa apresentado no final da década de 1960, a situação do funcionalismo apresentava-se como o primeiro eixo de ação, numa lógica também seguida internacionalmente. No entanto, estas medidas – limitadas pela capacidade financeira do Estado – acabaram sempre por ser consideradas insuficientes, continuando a Função Pública a perder a sua capacidade de atração de funcionários e a ver aumentar os níveis de abandono dos cargos públicos em proveito do setor privado.

Assim, o caminho trilhado, que privilegiou soluções de caráter social, acabou por não ter como consequência uma modernização sistemática da administração central. Porém, é visível a forma como são seguidas as prioridades do regime, empenhado após a II Guerra Mundial na aposta na construção de uma imagem de Estado de cariz social. As dinâmicas do corporativismo que advogavam, tal como para a indústria, a lógica do salário justo (SEABRA 1943) não são, também, de subestimar, bem como as dinâmicas internacionais nas quais Portugal também se encontrava inserido (AZEVEDO 2019) e que apostavam na formação e capacitação técnica do funcionalismo público. Esta é uma matriz que permaneceria presente no próprio Grupo de Trabalho n.º 14, no seio do qual dois dos cinco subgrupos se dedicavam a esta temática.

Apesar de insuficiente, este caminho acabaria por resultar em melhorias concretas na vida de uma parte relevante do funcionalismo público, criando lógicas que acabariam por ser prosseguidas após a Revolução de 1974 e que, muitas das vezes, são unicamente conotadas com o período democrático.

## Bibliografia

- Atas da Câmara Corporativa.* Lisboa: Assembleia da República.
- AZEVEDO, Ana Carina, (2019). “Reformar a Administração Pública no novo mundo saído da guerra. Projeto nacional ou dinâmica global? (1950-1970)”. *Revista de Administração Pública*, 53 (5), 960-974.
- BARRETO, António (1996). “Três décadas de mudança social”, in António Barreto (org.), *A Situação Social em Portugal (1960-1995)*. Lisboa: ICS, 35-60.
- BENTO D'ALMEIDA, Patrícia e MARAT-MENDES, Teresa. *O LNEC e a História da Investigação Científica em Arquitetura, comunicação apresentada ao 6.º Encontro Nacional de História das Ciências e da Tecnologia*. NOVA-FCT, 10 de julho de 2018.
- Diário das Sessões da Assembleia Nacional.* Lisboa: Assembleia da República.
- FELISMINO, Aureliano (1949). *Vinte anos de Administração Pública*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- GARRIDO, Álvaro (2016). *Queremos uma economia nova*. Lisboa: Temas e Debates.
- GONÇALVES, Júlio da Mesquita (1972). “O factor humano na reforma administrativa”. *Problemas do Espaço Português*, 87, 167-218.
- INE (1970). Inquérito Inventário dos Servidores do Estado. Continente e ilhas adjacentes, 31 de dezembro de 1968. Lisboa: INE.
- MACEDO, Edmundo (1963). *Tabelas de vencimentos e descontos do funcionalismo público*. Porto: Livraria Fernando Machado.
- Ministério das Finanças (1960). *Melhoria das condições económico-sociais do Funcionalismo Público*. Lisboa: Ministério das Finanças.
- MOTTA VEIGA, António da (1968). *A Reforma Administrativa*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação.
- OLIVEIRA, Eduardo (1971). *A função pública portuguesa. Estatuto novo ou nova política?*. Lisboa: Editorial Minerva.
- ROLLO, Maria Fernanda (2007). *Portugal e a Reconstrução Económica do Pós-Guerra. O Plano Marshall e a economia portuguesa dos anos 50*. Lisboa: Instituto Diplomático.
- SALAZAR, António de Oliveira (1958). *Caminho do Futuro*. Lisboa: SNI.
- SEABRA, Fernando (1943). *O Corporativismo e o problema do salário*. Lisboa: Centro de Estudos Económicos-Corporativos.
- TALLOEN, L. (1957). “Adiestramiento de funcionarios y asistencia técnica de las Naciones Unidas”. *International Review of Administrative Sciences*, 23(4), 475-486.
- United Nations Organization, International facilities for the promotion of training in public administration (1948), (<https://www.refworld.org/docid/3b00f09238.html>, consultado em 2018.12.10).



# A geometria que Almada leu. Fontes bibliográficas para a compreensão do vocabulário geométrico tardio de Almada Negreiros

*The geometry that Almada read. Bibliographic sources for understanding the late geometric vocabulary of Almada Negreiros*

**SIMÃO PALMEIRIM**

Universidade de Lisboa, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes, Faculdade de Belas-Artes

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Estudos em Literatura e Tradição

simaopalmeirim@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1404-7665>

**PEDRO FREITAS**

Universidade de Lisboa, Centro Interdisciplinar de História e Filosofia das Ciências, Faculdade de Ciências

pjfreitas@fc.ul.pt

<https://orcid.org/0000-0003-1206-0257>

Texto recebido em / Text submitted on: 04/10/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 10/07/2020

**Resumo.** O presente artigo revela novos dados atinentes à pesquisa de Almada Negreiros sobre arte e geometria. A partir de vários livros da biblioteca pessoal do autor, um manuscrito e desenhos, até hoje inéditos, reúnem-se uma série de novas conclusões a propósito dos referentes de Almada. Os autores que o marcaram, as imagens que cita explicitamente e até relações pessoais com outros autores servem de base para uma melhor compreensão do percurso da sua investigação geométrica. Este novo conhecimento contribuirá ainda para datações precisas de múltiplas obras do autor.

**Palavras-chave.** Almada Negreiros, Geometria e arte, Divina Proporção, Matila Ghyka, Daniel Ruzo.

**Abstract.** This article reveals new data regarding Almada Negreiros' research on art and geometry. From several books in the author's personal library, a previously unpublished manuscript, and drawings, we present several new conclusions regarding Almada's referents. The authors who inspired him, the images he explicitly quotes, and even personal relationships with other authors, are the basis for a better understanding of how his geometric research developed. This new knowledge will also contribute to an accurate dating of many of the author's works.

**Keywords.** Almada Negreiros, Geometry and art, Divine Proportion, Matila Ghyka, Daniel Ruzo

## Introdução

É no início do século XX que Almada Negreiros começa a interessar-se por geometria, no âmbito da sua admiração e consequente estudo dos painéis de

S. Vicente de Fora (Museu Nacional de Arte Antiga, MNAA). Este estudo vai ocupá-lo durante décadas, embora as suas publicações sobre o assunto sejam relativamente escassas. Destas, destacamos *Mito-Alegoria-Símbolo* (NEGREIROS 1948), que já prenuncia a universalidade do alcance do seu estudo, *A Chave Diz* (NEGREIROS 1950), que aborda a questão dos painéis de S. Vicente de Fora, e, finalmente, um conjunto de entrevistas a António Valdemar, para o Diário de Notícias, em 1960, nas quais resume todo o seu pensamento, recentemente reeditadas (VALDEMAR 2015), com vários textos de contextualização. A sua investigação geométrica incorpora esses estudos numa perspetiva mais abrangente que pretende apresentar uma teoria universalista para a Arte.

No final do século XX, houve um interesse particular na interpretação e compreensão das obras de cariz geométrico de Almada Negreiros. Lima de Freitas publicou vários trabalhos sobre este tema, dos quais destacamos *Almada e o Número* (FREITAS 1979) e *Pintar o sete – Ensaios sobre Almada Negreiros, o pitagorismo e a Geometria Sagrada* (FREITAS 1990), além de ter coligido vários textos de Almada em *Ver* (NEGREIROS, FREITAS 1970). Um artigo da revista Colóquio Artes n.º 100, *Os princípios de Começar* (COELHO 1994), representa uma síntese importante acerca do painel *Começar*, da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em 2013, e no seguimento do desenvolvimento do projeto Modernismo Online e do *Colóquio Internacional Almada Negreiros*, que decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), o espólio de Almada tem vindo gradualmente a ser estudado e apresentado. São exemplos disto as exposições *Almada por contar* (Biblioteca Nacional de Portugal; FERREIRA, COSTA, COSTA 2013), *Almada: o que nunca ninguém soube que houve* (Fundação EDP, 2015), *Almada: Uma maneira de ser moderno* (FCG, 2017) e publicações como *Livro de Problemas de Almada Negreiros* (COSTA, FREITAS 2015 a) ou múltiplos artigos (FREITAS 2013; COSTA 2013; COSTA, FREITAS 2015 b; FREITAS, COSTA 2017; e FREITAS, PALMEIRIM 2018). A investigação inerente a estes trabalhos tem vindo a esclarecer tanto as intenções artísticas de Almada como a sua linguagem matemática, que forma um todo consistente, de cunho marcadamente original e pessoal.

O presente artigo analisa o processo de aquisição, por parte de Almada, das ideias e conceitos subjacentes à última fase do seu corpus geométrico e filosófico, das décadas de cinquenta e sessenta. Para isso, centra-se em quatro edições existentes na biblioteca pessoal de Almada Negreiros que nos permitem datar a aquisição do autor de elementos geométricos muito específicos que aplica nas suas obras.

## *Figura Superflua Ex Errore*

A primeira obra a abordar da biblioteca é *De divina proportione* de Luca Pacioli. Publicada pela primeira vez em 1509, comprehende três livros. O primeiro descreve várias propriedades matemáticas da divisão de um segmento em média e extrema razão – chamada “divina proporção” por Luca Pacioli, e, mais recentemente<sup>1</sup>, “secção de ouro” – associando-lhe alguns significados filosóficos e religiosos. Prossegue com um livro sobre arquitetura, em que se abordam as ideias de Vitrúvio, seguindo-se, no terceiro livro, uma tradução em italiano, comentada, do livro de Piero della Francesca *Sobre os cinco sólidos regulares*, no qual se descrevem vários sólidos geométricos. O livro termina com dois anexos: uma elaboração tipográfica para alfabeto, assente em traçados geométricos, e uma coleção de cerca de sessenta gravuras dos sólidos tratados no terceiro livro. Estas famosas ilustrações são da autoria de Leonardo da Vinci, e, pela primeira vez, apresentam os sólidos tanto opacos como em esqueleto, permitindo assim ver os vértices e arestas que se encontram no lado oposto ao observador.

A edição de 1946, pela editora Losada, de Buenos Aires (PACIOLI 1946), presente na biblioteca de Almada Negreiros, tem ainda mais um anexo com ilustrações sobre arquitetura (referentes ao segundo livro) e vários extratextos, fotos e ilustrações inseridas ao longo do livro, com conteúdo próximo aos temas do texto. Duas destas imagens influenciaram de forma clara e inequívoca a obra de Almada nestes anos, sendo citadas na tapeçaria *Número*, de 1958. As figuras 1 e 2 apresentam estas imagens.



Fig. 1. Página de *De divina proportione*.

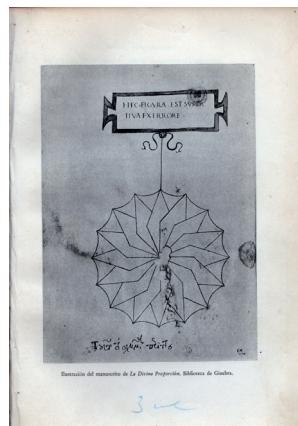


Fig. 2. Página de *De divina proportione*.

<sup>1</sup> O primeiro autor a usar esta nomenclatura terá sido Martin Ohm, matemático e irmão do físico Georg Ohm, num livro de matemática elementar (OHM 1834).

A figura 1 inclui um desenho que ilustra uma das propriedades da razão de ouro: se traçarmos duas diagonais de um pentágono regular, que não tenham um vértice em comum, elas intersetam-se segundo a razão de ouro. Os números que aparecem na figura aproximam os comprimentos dos segmentos: se a diagonal tiver comprimento 1, os segmentos determinados pela interseção das diagonais têm comprimentos 0.618 e 0.382, aproximados às milésimas. Inclui também uma reprodução da primeira página do *De divina proportione*, bem como dois compassos ajustados à razão de ouro. Esta figura aparece reproduzida na tapeçaria *Número* do lado direito, com as respetivas anotações numéricas (fig. 3). A tapeçaria foi encomendada em 1955 pelo Tribunal de Contas e concluída em 1958. Apresenta sucintamente, em três partes lidas da esquerda para direita, as seguintes referências: à esquerda, uma série de elementos culturais históricos, da Babilónia até ao Renascimento, bem como uma figura humana sentada com um ábaco; ao centro, o homem de Vitrúvio interpretado por Cesare Cesariano; à direita, nova figura humana sentada, rodeada pelos cinco sólidos platónicos e respetivas planificações. Estes vários elementos são acompanhados por elucubrações geométricas do próprio Almada.



Fig. 3. Dois pormenores do cartão para a Tapeçaria *Número*.

Mais relevante ainda para o conjunto da obra geométrica de Almada, é a *Figura superflua ex errore* (fig. 3), também presente na tapeçaria *Número*.

Esta figura aparece no códice de Genebra de *De divina proportione* (PACIOLI 1948, f. CXv), mas não é reproduzida no outro códice existente desta obra, o da biblioteca Ambrosiana (SPEZIALI 1954: 12). Não figura igualmente na primeira edição impressa, de 1509. A figura está incluída no anexo sobre sólidos geométricos, entre um sólido com 72 faces e uma esfera, embora o texto não lhe faça qualquer referência. Além disso, tratando-se de uma figura bidimensional, o seu posicionamento nesta secção do livro parece mal ajustado, e, de facto, a descrição da figura parece dizer isso mesmo. A placa descriptiva

apresenta a frase “Hec figura est superflua ex errore”, traduzida em baixo em grego manuscrito (como acontece com todos os sólidos), e que pode ser traduzida em português por “Esta figura está a mais, por erro”<sup>2</sup>. A própria editora argentina parece ter interpretado assim a situação, não apresentando a figura no anexo relativo aos sólidos, tal como está no códice, mas sim num extratexto, talvez por forma a não se perder o desenho de Leonardo. Esta opção editorial, que deu à figura um protagonismo maior que o da edição original, acabou por ter uma consequência inesperada: Almada interessou-se de modo especial por ela. Começou por incluí-la na tapeçaria *Número*, do lado esquerdo, em baixo, como uma representação do Renascimento, e vem igualmente a reproduzi-la no painel *Começar*, agora com um diagrama de construção da figura, elaborado por Almada e inexistente no original. Este painel foi encomendado em 1968 pela FCG e inaugurado em 1969. Para mais sobre o painel *Começar* consultar <https://gulbenkian.pt/almada-comecar/o-painel/>.

## A influência de Matila Ghyka e outros autores

Continuando a interessar-se pela geometria subjacente à análise de obras de arte, Almada adquire três livros de Matila Ghyka: *Essai sur le rythme* (GHYKA 1938) e os dois volumes de *Le nombre d'or* (GHYKA 1952). Sabemos que em 1956 Almada já tinha estes dois últimos livros, pois existe no seu espólio uma carta de José Cortez pedindo estes volumes emprestados<sup>3</sup>. Ghyka foi talvez o mais famoso divulgador do número de ouro enquanto constante presente em várias manifestações culturais, artísticas e naturais, e também da existência mais abrangente de uma raiz geométrica na natureza e na arte, tendo publicado várias obras sobre este tema entre as décadas de 20 e 50 – para além das duas já mencionadas, destacamos também *Esthétique des proportions dans la Nature et dans les Arts* (GHYKA 1927).

Existe ainda na biblioteca de Almada um exemplar de *Die Proportion in Antike und Mittelalter* (MÖSSEL 1926). Este autor é citado nas entrevistas de Almada ao Diário de Notícias (VALDEMAR 2015), a par de Frederik Macody Lund, autor de *Ad Quadratum* (LUND 1921), e de Jay Hambidge, autor de *The Elements of Dynamic Symmetry* (HAMBIDGE 1926). Estes dois últimos livros não foram encontrados, até hoje, na biblioteca de Almada.

Os livros de Mössel e de Lund tratam de análises geométricas e numéricas de arquitetura religiosa, sendo citados por Almada nas entrevistas, que refere

<sup>2</sup> Agradecemos a Henrique Leitão e Bernardo Mota a sua ajuda na compreensão desta inscrição.

<sup>3</sup> Carta disponível na base de dados www.modernismo.pt com cota ANSA-COR-58.

o “admirável achado do arquiteto Lund, no duplo quadrado e os do já citado arquiteto Prof. Ernest Mössel na divisão do círculo”. Jay Hambidge é autor de um sistema de proporções, ao qual chamou “geometria dinâmica”, que aplicou ao estudo de vasos gregos.

Ora, estes autores tiveram a maior influência na notação geométrica de Almada. Mössel usa  $C/10$  para a décima parte da circunferência, e  $C/n$  em geral, para denotar outras divisões (MÖSSEL 1926: 11)<sup>4</sup>, e Almada usa  $O/n$  com o mesmo significado. Além disso, Mössel usa também as letras  $M$  e  $m$  para denotar a razão de ouro (MÖSSEL 1926: 58), notação que Almada utiliza também.

O capítulo 3 de *Le nombre d'or* (GHYKA 1952, vol 1), intitulado *Les canons géométriques de l'architecture méditerranéenne*, bem como o capítulo 3 de *Essai sur le rythme* (GHYKA 1938), intitulado *La symetrie dynamique*, são justamente dedicados aos trabalhos de Mössel, Lund e Hambidge. Estes capítulos têm reproduções dos trabalhos dos três autores, e é no de Hambidge que aparece uma notação que terá também influenciado Almada: em certos retângulos, desenha-se a diagonal, colocando-se a proporção dentro dos mesmos retângulos, próxima da diagonal (GHYKA 1938, Pl. XV). Ora, para denotar proporções, Almada usa consistentemente diagonais com a proporção escrita por cima, por vezes mesmo sem o retângulo a que a diagonal diz respeito (COSTA, FREITAS 2015 a). Esta notação parece-nos ser original de Almada, inspirada na de Hambidge, como vem reproduzido em Ghyka.

É também em *Le nombre d'or* (GHYKA 1952, vol. 1: 72) que aparece a seguinte quadra, atribuída à Bauhütte, uma associação medieval de construtores de catedrais:

Um ponto no círculo  
Que se põe no quadrado e no triângulo.  
Conheces o ponto? tudo vai bem.  
Não o conheces? tudo está perdido.<sup>5</sup>

Almada cita esta quadra nas entrevistas de 1960 (VALDEMAR 2015), mas não o faz em outras obras anteriores (NEGREIROS 1948; 1950), o que nos leva a pensar que apenas terá tido contacto com o texto na década de 1950. A quadra é usada para definir o “Ponto de Bauhütte”, expressão que dá título a uma obra sua, na qual desenvolve uma construção geométrica original, que viria mais tarde a figurar em múltiplos estudos e cadernos (muitos ainda inéditos), bem como no painel *Começar*. A pintura *Ponto de Bauhütte* foi apresentada

<sup>4</sup> A notação aparece igualmente reproduzida em *Le nombre d'or* (GHYKA 1952, vol. 1, Pl. XXXI).

<sup>5</sup> No livro de Ghyka a quadra surge em alemão, com a tradução em francês.

pela primeira vez, com outras três formalmente semelhantes, na Sociedade Nacional de Belas Artes, em 1957, todas compradas pela FCG no mesmo ano<sup>6</sup>.

Ainda que os livros de Lund e Mössel sejam anteriores à década de 1940, parece-nos que só com os livros de Ghyka é que a linguagem e notação geométricas de Almada se desenvolvem e consolidam. Aliás, considerando a geometria presente na publicação *A Chave Diz* (NEGREIROS 1950), parece-nos que é só a partir desta década que Almada vem a ter contacto com estas fontes, ou a dar-lhes importância para os seus estudos. De notar que são também deste ano, 1950, duas conferências que profere na BBC sobre o tema, publicadas pela primeira vez em *Almada por Contar: Téleon I* (FERREIRA, COSTA, COSTA 2013: 167-169) e *Téleon e Arte Abstracta II* (*Idem*: 169-172). Nestas, não há qualquer referência aos temas e traçados geométricos presentes nas obras de Ghyka e dos outros referidos autores.

Assim, é seguramente depois de 1950 que o conjunto de desenhos feitos para estudar os painéis de S. Vicente de Fora se desenvolvem de uma forma autónoma, mais abstrata, e por outro lado são enquadrados em elementos de arquitetura religiosa, prefigurando a ligação dos painéis ao mosteiro da Batalha.

### Daniel Ruzo e o planalto de Marcahuasi

Outro exemplar bibliográfico da maior relevância presente na biblioteca de Almada Negreiros é *A ciência misteriosa dos antigos, Cadernos de cultura geral* (CENTENO, FARIA 1963). Esta edição inclui a referência a uma inscrição em pedra, existente num planalto do Peru, o planalto de Marcahuasi, mencionada por Daniel Ruzo (RUZO 1954).

A importância da edição de 1963 em relação à de Ruzo é o facto de apresentar uma imagem da inscrição em pedra, aqui reproduzida (fig. 4). Almada tem ambas as edições na sua biblioteca. A data 1963 é também coerente com as várias aplicações em obra pública que Almada faz do esquema geométrico da imagem. Todos os desenhos e referências escritas do autor que a incluem devem ser atribuídas a esta época. Isto é reiterado por uma recente descoberta.

<sup>6</sup> Sobre a receção destas obras pelo público, pode ler-se, por exemplo, *Os 'Quadrantes' de Almada: do escândalo à musealização* (OLIVEIRA 2013).



Fig. 4. Greja Marcahuasi.

O peruano Daniel Ruzo (1900-1991) é um poeta e estudioso de culturas primitivas, com obra publicada sobre o tema. Ruzo assina o poema *El Indio Libre* (Contemporânea 1922), na mesma revista na qual Almada publica também o desenho *Natureza Morta* e os textos *O Diamante* e *O menino d'olhos de gigante*. Neste contexto, é do maior interesse a carta esboçada quarenta e três anos depois, e encontrada recentemente num caderno do espólio de Almada Negreiros (fig. 5), até hoje inédito.

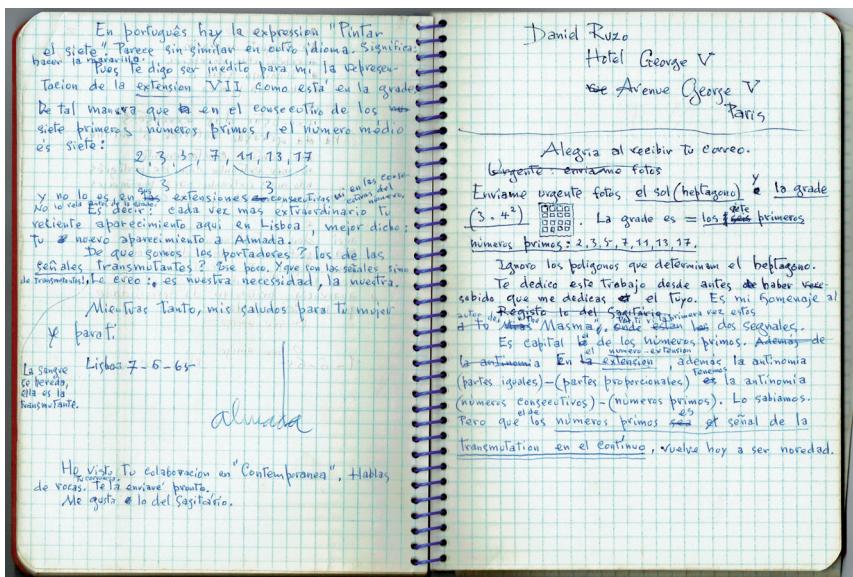


Fig. 5. Caderno de Almada Negreiros.

Neste, Almada esboça uma carta (assinada e datada de 7 de junho de 1965) que terá enviado a Ruzo depois de este visitar Lisboa, referindo-se a uma descoberta de índole geométrica sobre a grelha Marcahuasi e pedindo com urgência fotografias desta grelha, que aliás viria a receber. Existe no espólio de Almada Negreiros uma carta de Elza Carola de Ruzo, enviada a 14 de junho de 1965, que se refere à visita dos Ruzo a Lisboa. A carta inclui duas fotografias, uma igual à publicada na revista já mencionada (CENTENO, FARIA 1963), e outra do próprio Ruzo, muito provavelmente no local onde encontrou a inscrição. No caderno, Almada escreve “Alegria al recibir tu correo.”, o que indica que terá havido mais cartas entre eles, ainda não localizadas. A troca de correspondência entre estas duas personalidades merece desenvolvimento, embora não no âmbito do presente artigo.

Quanto à descoberta que Almada partilha com Ruzo sobre a grelha, é descrita no esboço de carta e ilustrada em duas outras páginas do mesmo caderno. Almada escreve (fig. 5): “La grade es = los siete primeros números primos: 2, 3, 5, 7, 11, 13, 17.” e demonstra claramente o que quer dizer em papel quadriculado (fig. 6). Até hoje, esta relação entre a grelha e os números primos, aqui proposta por Almada, era desconhecida.

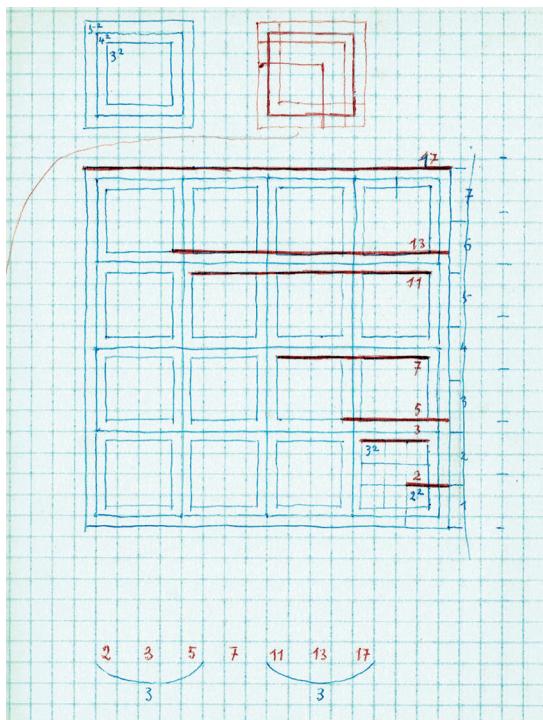
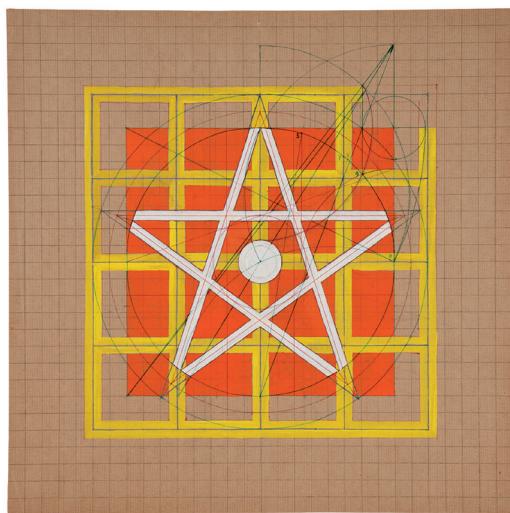


Fig. 6. Pormenor de caderno de Almada Negreiros.

O fascínio de Almada por esta grelha não se ficou por aqui; gerou aliás uma impressionante quantidade de trabalho em curto espaço de tempo. Casos paradigmáticos são os desenhos publicados em *Almada, Um Nome de Guerra*, 1969-1972 (SOUSA 1984), o painel *Começar* (FCG, 1968) e os painéis do Edifício das Matemáticas, em Coimbra (1969).

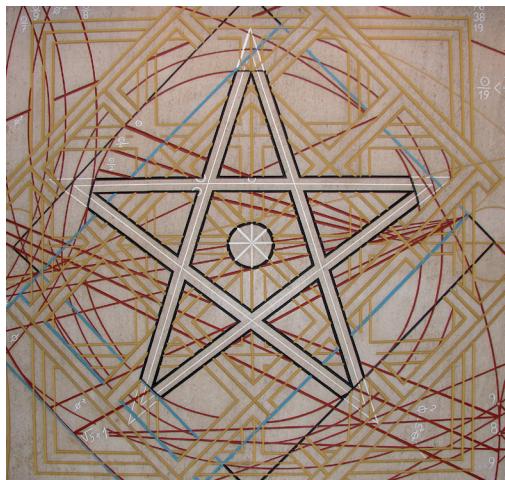
O conjunto de desenhos apresentado por Ernesto de Sousa em *Almada, Um Nome de Guerra* (SOUSA 1984)<sup>7</sup> é parte de um grupo ainda mais alargado de obras, todas formalmente idênticas (de papel kraft, com 33,7 x 33,7 cm e de materiais riscadores semelhantes) com cerca de 300 estudos geométricos<sup>8</sup>, muitos de preparação para o painel *Começar*. A figura 7 ilustra a forma como Almada interpretou a grelha incisa na parede do planalto peruano, tornando-a parte integrante da sua teoria canónica. Note-se que a figura inclui uma estrela pentagonal sobreposta à grelha, em tudo semelhante à figura central do painel *Começar* (fig. 8). Neste painel, os dois elementos são ainda relacionados com uma série de outras propostas geométricas, como a divisão de uma circunferência pelo ângulo de ouro (que divide a circunferência na razão de ouro, o ângulo é de aproximadamente  $137.5^\circ$ ), ou referências à História da Arte, como as proporções da pintura *Ecce Homo* do MNAA. Remetemos uma análise mais detalhada deste pormenor específico da obra-prima de Almada Negreiros para: <https://gulbenkian.pt/almada-comecar/explorar-o-painel/?slide=2>



**Fig. 7.** Estudo preparatório para o painel *Começar*.

<sup>7</sup> A edição em causa é resultado do mixed-media cinematográfico *Almada, Um Nome de Guerra*, de 1970.

<sup>8</sup> Estes desenhos, na sua maioria inéditos, estão a ser alvo de catalogação e inventariação no âmbito do projeto *Modernismo online*, no qual os autores deste artigo colaboram.



**Fig. 8.** Pormenor do painel *Começar*.

A relação que Almada estabelece entre a grelha e a estrela pentagonal é reforçada e explicada pelo próprio autor no topo de um dos painéis do edifício das Matemáticas em Coimbra, encomendados em 1969. Aqui, é notória a lógica unificadora de expressões culturais que advém da sua teoria canónica: a incisão na pedra encontrada no Peru é posta lado a lado com uma moeda de D. Afonso Henriques e outra de D. Sancho I, ver figura 9 – um desenho preparatório do próprio Almada Negreiros para o painel, patente num caderno no espólio do autor, até agora inédito.

Na memória descritiva dos painéis de Coimbra<sup>9</sup>, Almada refere também que a grelha tem uma relação com as cinco quinas do escudo nacional Português, que surge no elemento mais à direita dos quatro. Esta ideia é ilustrada explicitamente na figura 9. A versão preliminar esboçada no caderno é mais clara na demonstração da relação entre os dois elementos que a versão final de Coimbra (que não tem a grelha sobre o escudo): a grelha aparece a vermelho, definindo as posições dos vários elementos do escudo nacional, a preto. Este esboço inclui ainda inscrições que identificam claramente cada um dos desenhos, datando-os em função dos referentes originais:

- 12.000 a.C. Marcahuasi (Peru)
- 1185 “dinheiro” AFONSUS
- 1215 “morabitino”
- 1495 Cinco quinas sete castelos D. João II

<sup>9</sup> Documento que nos foi apresentado em comunicação pessoal pela Professora Carlota Simões, do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra, a quem muito agradecemos a generosidade.

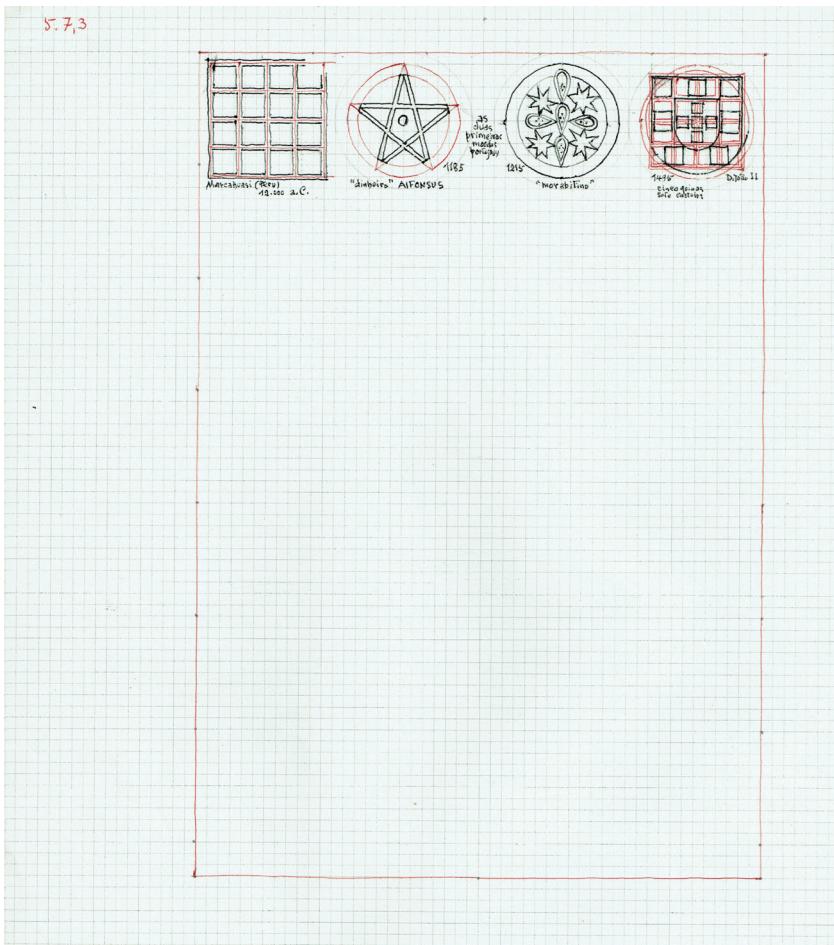


Fig. 9. Pormenor de caderno de Almada Negreiros.

É pertinente notar ainda o cuidado gráfico de Almada na montagem destes quatro elementos proporcionalmente e em função do retângulo que define o painel final, de Coimbra, aqui representado pelo retângulo a vermelho que ocupa quase toda a página.

## Conclusões

A investigação científica sobre a geometria na obra de Almada Negreiros dá, com as novidades aqui apresentadas, passos importantes para uma melhor compreensão da obra do autor. A datação correta de muitas das suas obras (raramente assinadas ou datadas) continua a ser difícil, mas, à luz da interpretação dos documentos e dados aqui apresentados, muitas dúvidas se dissipam.

A importância da edição da *De Divina Proportione* que existe no espólio de Almada, de 1946, prende-se com o facto de ser publicada a partir do códice de Genebra, o único que apresenta a *Figura superflua ex errore*, marca de relevo na produção artística dos últimos anos da vida de Almada.

É definitivamente só a partir de 1950 que a sua produção artística apresenta elementos geométricos específicos, pela influência de Mössel, Lund e Hambidge, através de Matila Ghyka. Talvez o mais importante seja o Ponto de Bauhütte, que será central na sua obra até ao fim da vida, vindo a dar nome a uma das pinturas abstratas de 1957 e sendo igualmente representado no painel *Começar*. Além desta figura, Almada desenvolve igualmente uma notação matemática consistente, referente a divisões da circunferência em partes iguais ou a proporções de retângulos, que apresentará, por exemplo, nas entrevistas de 1960 (embora esteja igualmente presente em muitas outras obras, ainda inéditas). Esta notação deu a Almada a possibilidade de desenvolver a sua teoria sobre os painéis de S. Vicente de Fora (MNAA) e conceber um Cânone geométrico, de forma mais lata.

No contexto da apresentação dos autores mais influentes para o geómetra autodidata Almada Negreiros, salientamos ainda Daniel Ruzo, a propósito da figura geométrica de Marcahuasi, que se tornará uma figura fundamental para Almada na década de 60. Será muito importante dar continuidade ao estudo da relação pessoal de Almada com Ruzo, um contacto que neste artigo se revela mais próximo do que se antecipava. A figura Marcahuasi terá, segundo Almada, um significado tanto geométrico como aritmético, como vimos, e será uma das mais reproduzidas nos seus últimos trabalhos, como o painel *Começar* ou os frescos do Edifício das Matemáticas em Coimbra.

O estudo destas publicações presentes na biblioteca de Almada Negreiros, agora localizadas, confere uma maior certeza não só às fontes que Almada usou para a sua investigação como também permite uma melhor datação de obras do autor, que incluem cada um destes elementos. Além disso, oferece uma visão panorâmica muito rica sobre as variadas origens culturais que lhe serviram de inspiração, quer na produção artística, quer na elaboração da sua teoria universal unindo matemática e arte, a que chamou Cânone.

## Agradecimentos

Os autores agradecem à família de Almada Negreiros por todo o apoio dado neste estudo, em particular pela possibilidade de incluir as várias reproduções fotográficas de artefactos do seu espólio neste artigo.

O primeiro autor foi financiado por FCT, I.P. através dos Projetos UID/ELT/00657/2013 e UIDB/04042/2020. O segundo autor foi financiado por FCT, I.P. através do Projeto UID/HIS/00286/2019.

## Bibliografia

- CENTENO, Sebastião, FARIA, Dr. Frazão de, coords. (1963). *A ciência misteriosa dos antigos, Cadernos de cultura geral*. Lisboa: Cultura.
- COELHO, João Furtado (1994). “Os princípios de Começar”. *Colóquio Artes* nº 100. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 6-22.
- Contemporânea* (1922), Vol. 1, N.º 3. Lisboa. Hemeroteca Digital de Lisboa. ([http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/CONTEMPORANEA/1922/N3/N3\\_item1/index.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/CONTEMPORANEA/1922/N3/N3_item1/index.html) consultada a 21 de setembro de 2019)
- COSTA, Simão Palmeirim (2013). “Geometria na obra abstracta de Almada Negreiros: Quatro composições de 1957”. *Revista de História da Arte*, série W, no. 2 (atas do Colóquio Internacional Almada Negreiros), 460-471.
- COSTA, Simão Palmeirim, FREITAS, Pedro J. (2015 a). *Livro de Problemas de Almada Negreiros*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Matemática, coleção Leituras em Matemática, vol 14.
- COSTA, Simão Palmeirim, FREITAS, Pedro J. (2015 b). “Almada Negreiros and the Geometric Canon”. *Journal of Mathematics and the Arts*, vol 9 nos. 1-2.
- FERREIRA, Sara Afonso, COSTA, Sílvia Laureano, COSTA, Simão Palmeirim (2013). *Almada por Contar*. Lisboa: Babel/Biblioteca Nacional de Portugal.
- FREITAS, Lima de (1979). *Almada e o Número*. Lisboa: Arcádia.
- FREITAS, Lima de (1990). *Pintar o sete – Ensaios sobre Almada Negreiros, o pitagorismo e a Geometria Sagrada*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- FREITAS, Pedro J. (2013). “A matemática nas obras Número e Começar”. *Revista de História da Arte*, série W, no. 2 (atas do Colóquio Internacional Almada Negreiros), 383-392.
- FREITAS, Pedro J., COSTA, Simão Palmeirim (2017). “The Golden Angle and How to Construct It”, in *Atas do 5º Recreational Mathematics Colloquium*. Lisboa: Ludus.
- FREITAS, Pedro J., PALMEIRIM, Simão (2018). “The Pentagram and the Golden Angle in Almada Negreiros’ Mural ‘Começar’”, in *Proceedings of Bridges 2018: Mathematics, Art, Music, Architecture, Education, Culture*. Phoenix, Arizona.

- GHYKA, Matila (1927). *Esthétique des proportions dans la Nature et dans les Arts*. France: Gallimard.
- GHYKA, Matila (1938). *Essai sur le rythme*. Paris: Gallimard.
- GHYKA, Matila (1952). *Le nombre d'or*, vols. I e II, 14<sup>a</sup> edição. France: Gallimard.
- HAMBIDGE, Jay (1926). *The Elements of Dynamic Symmetry*. New York: Brentano's.
- LUND, Frederik Macody (1921). *Ad Quadratum*. London: B. T. Batsford Ltd.
- MÖSSEL, Ernest (1926). *Die Proportion in Antike und Mittelalter*. Munique: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung.
- NEGREIROS, José de Almada (1948). *Mito-Alegoria-Símbolo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- NEGREIROS, José de Almada (1950). *A Chave diz: faltam duas tábuas e meia no topo da obra de Nuno Gonçalves*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- NEGREIROS, José de Almada; ed.: FREITAS, Lima de (1982). Ver. Ed. Arcádia.
- NEGREIROS, José de Almada; eds.: MARTINS, Gaspar, SANTOS, Ferreira (2006). *Manifestos e Conferências*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- OHM, Martin (1834). *Die reine Elementar-Mathematik*. Berlin: Jonas Verlagsbuchhandlung.
- OLIVEIRA, Leonor de (2013). “Os ‘Quadrantes’ de Almada: do escândalo à musealização”. *Revista de História da Arte*, série W, no. 2 (atas do Colóquio Internacional Almada Negreiros), 255-268.
- PACIOLI, Luca (1498). *De divina proportione*. Genève, Bibliothèque de Genève, Ms. I.e. 210 – (<https://www.e-codices.ch/en/list/one/bge/le0210>, consultado em 13 de setembro de 2019).
- PACIOLI, Luca (1946). *La Divina Proportion*. Buenos Aires: Losada.
- RUZO, Daniel (1954). *La cultura Masma*. Lima-Perú: Edit. D. Ruzo, Ap 708.
- SOUZA, Ernesto de (1984). *Almada, Um Nome de Guerra, 1969-1972 / 1984*. Porto: Fundação de Serralves.
- SPEZIALI, Pierre (1954). “Les dessins de la Divina Proportione de Pacioli”. *Stultifera navis: bulletin de la Société Suisse des Bibliophiles*, vol 11, Issue 1-2. (<http://doi.org/10.5169/seals-387741>)
- VALDEMAR, António (2015). *Almada. Os painéis, a geometria e tudo – as entrevistas com António Valdemar*. Portugal: Assírio e Alvim.



# Jornais e lutas políticas na Revolução de Abril

## Newspapers and political battles in the April revolution

**PEDRO MARQUES GOMES**

Universidade Nova de Lisboa, Instituto de História Contemporânea, FCSH

Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social

pedrogomes@fcsh.unl.pt

<https://orcid.org/0000-0002-3189-3388>

Texto recebido em / Text submitted on: 09/10/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 02/07/2020

**Resumo.** Os jornais foram atores de grande relevância político-social ao longo da revolução portuguesa (1974-1975). Por um lado, envolvendo-se nas lutas políticas e principais acontecimentos de então; por outro, sendo alvo de múltiplas e variadas tentativas de controlo de diversas forças.

Num período em que a própria imprensa atravessou um processo de profundas transformações, este artigo procura analisá-las e contextualiza-las, refletindo sobre as principais tendências do jornalismo da época.

**Palavras-chave.** Jornais, Revolução, Lutas políticas, Jornalismo, Controlo de Imprensa.

**Abstract.** Newspapers were actors of great political and social relevance during the Portuguese revolution (1974-1975). On the one hand, they were involved in the political battles and main events at the time; on the other hand, they were the target of multiple and varied control attempts by several forces.

In a period where the press itself went through a process of profound changes, this article seeks to analyse and provide context, reflecting on the main trends of journalism from that period.

**Keywords.** Newspapers, Revolution, Political battles, Journalism, Press control.

## Introdução

Mário Mesquita, referindo-se aos *media* no período revolucionário, propõe “como palavra-chave *Ideologias*” e “como perfil profissional o de um jornalista-militante” (MESQUITA 2019: 16). De facto, olhar as páginas dos jornais na revolução é mergulhar num Portugal em ebulição, após uma ditadura de quase cinco décadas. Aos jornalistas pouco tempo restava para refletirem, na vertigem dos acontecimentos que se multiplicavam a todo o momento.

Manifestações, greves, ocupações, anúncios de golpes e contragolpes, boatos, tomadas de posição de militares e políticos... Não faltavam factos a noticiar, personalidades a entrevistar, opiniões e comunicados para publicar e imagens para ilustrar tudo o que acontecia. Tudo chegava a todo o momento, contradizendo-se

frequentemente. Os jornais refletiram e foram o reflexo disso. Foram meios privilegiados de transmissão de informação à opinião pública, mas, simultaneamente, envolveram-se nos acontecimentos, não raras vezes tomaram partido, intervindo nos combates políticos que então se travaram quotidianamente.

Desde a madrugada de dia 25 de Abril que a agitação nas redações foi uma constante. Vivia-se entre dúvidas e hesitações, causadas essencialmente pelas poucas informações que chegavam e, dessas, algumas contraditórias. Dentro e fora dos jornais, procuravam-se fontes que explicassem o que estava a acontecer nas ruas de Lisboa. No *Diário de Notícias* (DN), tido como o jornal “oficioso” do regime, a veterana jornalista Manuela de Azevedo relata essas horas de alvoroço, desde que, em sua casa, recebera um telefonema do subchefe de redação, José Estevão Santos Jorge, dizendo: “Desta vez é que é certo. As tropas de Santarém estão a chegar a Lisboa”. De regresso à redação, “as notícias multiplicavam-se desconcertantes. O diretor do jornal ingenuamente insistia em que os textos fossem à Censura, mas Santos Jorge contradizia-o: – Já não há Censura” (AZEVEDO 2010: 207). Grande parte dos jornais já não submete, efetivamente, os textos à análise dos censores.

No *República* vivia-se um ambiente de “grande euforia”, lembra o jornalista Alberto Arons de Carvalho. “Nós já não mandámos nada para a censura. Aliás, o jornal *República* estava a cem metros e nós assistimos à invasão e destruição da censura”<sup>1</sup>. Foi, portanto, com orgulho que, no dia seguinte, é colocado em manchete: “Este jornal não foi visado por qualquer comissão de censura”. Os repórteres Eugénio Alves e José Jorge Letria assinaram a reportagem do dia:

“Perto das 7h30 rumámos à redação do *República*, esgotados por uma “direta” inesquecível e pela tensão nervosa provocada pela incerteza e pela espera, e escrevemos a primeira reportagem daquela madrugada histórica, que sairia numa edição já liberta da intervenção da censura. Foi a primeira das várias que chegaram à rua nesse dia, anunciando que o Movimento das Forças Armadas tomara o poder em Lisboa e noutras pontos do país” (LETRIA 2013: 158).

A euforia que surgia nas ruas estava também estampada nas capas dos jornais, que davam conta dos acontecimentos em várias edições que publicavam com informações atualizadas. Poucos dias depois, porém, anunciava-se um período conturbado. Maria Antónia Palla, redatora d’ *O Século Ilustrado*, revela isso mesmo, ao recordar a reportagem que redigira no dia 27:

<sup>1</sup> Sol, 25 de abril de 2017.

“o primeiro texto que escrevi em liberdade acabou por ser escortanhado, irreconhecível. Aí percebi que se nos tínhamos libertado da censura do regime, teríamos agora de enfrentar a censura imposta pelo patronato, pelos chefes zelosos, pelas correntes ideológicas e pelos grupos dominantes” (PALLA 2004: 22).

Alice Vieira, jornalista no *Diário Popular*, teve uma experiência semelhante:

“(...) aquilo que normalmente era cortado pela censura, no *Diário Popular* era cortado pelo chefe de redação, por razões políticas. (...) De 24 para 25 de Abril, quando chego ao *Diário Popular* e digo «se me cortam uma vírgula hoje... uma vírgula que seja... vocês vão-se haver comigo», o chefe de redação olhou para mim e disse: «nesta casa nada mudou...»” (VENTURA 2012: 144).

Novos e difíceis tempos se avizinhavam. Após 48 anos de censura, os jornalistas teriam oportunidade de aprender a escrever em liberdade, mas o período revolucionário que se seguiu ao golpe de Estado vai deixar bem patente o clima de tensão permanente que invade as redações. Múltiplas transformações vão ocorrer não só na imprensa, mas nos *media* em geral (MESQUITA 1994; RIBEIRO 2002; SANTOS 2017; REZOLA 2019), acompanhando o ritmo dos acontecimentos e, não raras vezes, sendo reflexo deles.

No *Diário de Notícias*, cuja direção que vinha do Estado Novo é substituída (ou saneada) logo em maio, vivia-se um ambiente algo tenso, como recorda o então subchefe de redação, José Silva Pinto:

“Era um ambiente resultante do ‘turbulim’ revolucionário que tinha havido. Havia pessoas ainda muito ligadas ao antigo regime que estavam lá e as pessoas que entraram eram pessoas que vinham, digamos, com uma mentalidade ou espírito próximo da revolução”<sup>2</sup>.

A imprensa era vista como um meio privilegiado para fazer chegar determinadas informações à população, sendo este um dos fatores determinantes para aquilo que poderíamos chamar de “combate pelo poder” de definir a orientação ideológica dos jornais. Essa e outras tendências vão ganhar protagonismo ao longo destes meses.

---

<sup>2</sup> Entrevista a José Silva Pinto, Lisboa, 19 de junho de 2012.

Neste artigo, procuramos analisar a forma como os jornais de Lisboa viveram o chamado Processo Revolucionário em Curso (PREC) e quais foram, *grosso modo*, as características principais do tipo de jornalismo então praticado. Para tal, recorremos a fontes diversificadas, como bibliografia diversa, testemunhos de jornalistas que então se encontravam nas redações, materiais de imprensa e um relatório oficial do Conselho de Imprensa relativo ao período.

## O pós 25 de Abril: agitação permanente

Os meses que se seguiram ao 25 de Abril de 1974 são marcados pelo confronto entre o Presidente da República, António de Spínola, e a comissão coordenadora do Movimento das Forças Armadas. Desde logo, porque o primeiro recusara os nomes propostos pela comissão coordenadora para o cargo de primeiro-ministro, escolhendo Adelino da Palma Carlos. Depois, porque, enquanto a coordenadora do MFA defendia o estrito cumprimento do seu programa quanto à descolonização, Spínola pretendia uma solução federalista, uma descolonização de tipo referendário (REIS 1994; FERREIRA 2001).

A sociedade portuguesa vivia um momento de grande agitação. As greves e as manifestações de rua multiplicavam-se por todo o país, reivindicando melhores condições de vida. Entretanto, partidos políticos saem, finalmente, da clandestinidade e outros vão ser criados, casos do Partido Popular Democrático (PPD, 6 de maio) e do Centro Democrático Social (CDS, 19 de julho). Se é verdade que nesta primeira fase António de Spínola goza de uma conjuntura que lhe é favorável, após a demissão do primeiro-ministro – que vê rejeitada, pelo Conselho de Estado, uma proposta de reforço dos seus poderes e dos do Presidente da República – a correlação de forças inverte-se. Com a tomada de posse do II Governo Provisório, liderado pelo general Vasco Gonçalves, “o MFA iniciou a sua organização autónoma e foi sob sua iniciativa que Spínola assinou a lei 7/74, que proclamou o direito à independência das colónias”, assistindo-se, a partir de então, a um avanço nas negociações (PINTO 2015: 42).

Os confrontos entre MFA e Spínola intensificam-se e este último perde, progressivamente, poder, passando a estar numa posição bastante frágil. “Crescentemente isolado no aparelho de estado e militar, ameaçando constantemente demitir-se”, Spínola decide “apelar à maioria silenciosa, numa tentativa de captar apoios dos sectores da direita civil para reverter a situação” (REZOLA 2007: 105). Apesar de forças de direita avançarem com a preparação de uma manifestação de apoio a Spínola para dia 28 de Setembro, o plano fracassa. O objetivo de proclamar o Estado de Sítio não se concretiza e o Presidente da

República, pressionado pelas forças de esquerda e pelo MFA, rejeita a manifestação, demitindo-se dois dias depois. Para o seu lugar, é escolhido o general Francisco da Costa Gomes.

Múltiplas questões podem ser destacadas no período que se prolonga até ao 11 de Março de 1975: os graves problemas económicos que o país enfrentava, a agitação em torno da aprovação da lei que impôs a existência de uma única central sindical, as diferentes visões quanto ao posicionamento externo de Portugal, além das inúmeras transformações sociais em curso. Importa, todavia, reter que este é, sem dúvida, um período bastante conturbado – nas ruas, nas fábricas e empresas, nos quartéis, nos órgãos governamentais e na política em geral. Como sustenta António Reis, uma “nova contradição” surgia, tendo por base visões diferentes para o futuro do país: “o modelo democrático-socializante de base parlamentar, ainda que transitoriamente sob tutela militar, e o modelo revolucionário-socialista, de base populista e sob a égide de uma vanguarda militar”. O Partido Comunista Português (PCP), sustenta o historiador, “passa agora a exibir um comportamento progressivamente mais ofensivo e, sobretudo, a explorar as possibilidades de uma aliança com todo um sector do MFA, agrupado em torno de Vasco Gonçalves” (REIS 1994: 24-25). No mesmo sentido, Fernando Rosas fala numa “estratégia de aproximação do poder”, por parte dos comunistas, da qual faz parte uma “progressiva hegemonização” dos “principais centros de decisão e de informação (jornais, rádios e RTP)” (ROSAS 2004: 225).

É, pois, neste contexto que o jornalismo, as suas práticas, rotinas e conteúdos se alteram radicalmente. A primeira medida que possibilitou esta transformação foi, naturalmente, a abolição da censura, com que os jornalistas lidaram – ou tentaram contornar – durante quase cinco décadas. A liberdade de expressão e de pensamento estava, aliás, prevista no Programa do MFA (embora estivesse também previsto um novo mecanismo de controlo, preconizado por uma comissão Ad Hoc para os *media*, a nomear em breve)<sup>3</sup>. Mas muitos outros fatores, mais ou menos imprevistos, contribuem para as transformações que vão ocorrer no setor da informação.

A par dos conflitos que se multiplicaram nos *media*, como as greves n’O Século e no Jornal do Comércio ou os saneamentos políticos que ocorrem logo após a queda da ditadura, onde jornalistas e outros profissionais de informação intervieram ativamente, havia uma adaptação a fazer a uma nova realidade político-social e, com ela, a uma nova forma de praticar jornalismo. É, portanto, num contexto de confrontos entre os vários setores que integram as empresas

<sup>3</sup> Sobre o trabalho desta Comissão Ad Hoc para os *media*, veja-se MESQUITA 1988.

jornalísticas, de reivindicações e protestos, e de uma sociedade em mutação que os jornalistas e os jornais vão ter de noticiar os acontecimentos e, frequentemente, lidar com as pressões dos diversos poderes e forças político-militares em presença.

Por isso, é em torno de diferentes projetos políticos para o país – ou, se quisermos, de visões políticas para os *media* do novo regime – que se vão confrontar várias correntes entre 1974 e 1975. Partilhamos a tese de Mário Mesquita, segundo o qual existem, no essencial, três correntes: “os herdeiros do antigo regime, que procuravam retardar o pleno desmantelamento dos mecanismos censórios”, “os defensores de teses revolucionárias e vanguardistas (...) favoráveis, no plano legislativo (pelo menos no caso do PCP e dos seus aliados) à adoção de formas de censura *a posteriori*” e “os partidários de conceção pluralistas do sistema de comunicação social” (MESQUITA 1994b: 360-361).

No imediato pós 25 de Abril, o tipo de jornalismo praticado em alguns periódicos ainda reflete muito do que era feito em ditadura. Na redação do *DN*, o diretor adjunto José Carlos de Vasconcelos (desde 25 de junho) confronta-se com uma “desgraça completa”, pois, “salvo raras exceções”, praticava-se “um jornalismo oficioso, do «realizou-se ontem», sem veia, sem força, muito burocrático e muito ligado obviamente ao regime<sup>4</sup>. Era, na verdade “uma experiência nova. Nós sempre tínhamos escrito até ali a pensar que aquele texto tinha que passar na censura”, recorda Maria Antónia Palla, então n’*O Século Ilustrado*<sup>5</sup>. Nos meses seguintes, novos redatores vão chegando, assim como novas formas de organização das redações, de trabalho e de produção jornalística vão sendo adotadas.

Depois de anos de contenção na escrita, as redações conhecem uma “explosão” de ideologias e a possibilidade de envolvimento ativo na política (com reflexos praticamente imediatos) foi aproveitada por muitos jornalistas e outros profissionais da área da Informação. Só mais tarde, passados os meses de revolução, é que seria possível a profissão “alargar-se a novas camadas sociais, procurar novos públicos, reconstituir-se como conjunto profissional, estabelecer o seu compromisso moral, tentar afirmar a sua jurisdição, acompanhando e estimulando a formação de um universo da informação” (GARCIA 2009: 35).

Durante o período revolucionário as redações vão admitindo jornalistas, mas “os critérios partidários sobrepuiseram-se a qualquer referência de outro tipo”. As qualidades profissionais ficaram em segundo plano relativamente à “militância política”, verificando-se ainda a entrada de jornalistas vindos das antigas colónias africanas, “que terão sido, no seu conjunto, um contrapeso à

<sup>4</sup> Entrevista a José Carlos de Vasconcelos, Lisboa, 9 de fevereiro de 2012.

<sup>5</sup> Entrevista a Maria Antónia Palla, Lisboa, 19 de fevereiro de 2013.

esquerdização resultante dos recrutamentos” referidos (MESQUITA 1994b: 364). Terão, naturalmente, havido exceções a esta tendência. “A política e o debate ideológico estavam no centro da vida e eram a alma da informação jornalística, longe, ainda, das práticas enroncadas dos princípios da objetividade e do contraditório”, observa João Figueira (2012: 8). Era o jornalismo a absorver e a ser absorvido pelo seu contexto, a acompanhar os acontecimentos, envolvendo-se neles e deixando a reflexão sobre questões éticas, deontológicas e de outras regras da profissão para mais tarde.

Os relatos dos próprios jornalistas reforçam o que surge como evidente: o ideal de jornalismo que, com maior ou menor diferença, todos defendem, estava longe ser possível pôr em prática. Havia uma “quase unanimidade dos diretoiros e jornalistas quanto ao seu papel de protagonistas políticos”, sustenta Kenneth Maxwell (1983: 15).

Artur Portela Filho, redator do *Diário de Lisboa* e fundador do *Jornal Novo*, defende que o jornalista era, então, “um profissional politicamente empenhado” (FIGUEIRA 2007: 208). Editor d’*A Capital*, e mais tarde, do *DN*, Daniel Ricardo, recorda que, “depois do 25 de Abril, os jornalistas se dividiram. Alguns foram para uns partidos, outros foram para outros ... começaram grandes lutas políticas”<sup>6</sup>. No mesmo sentido, Orlando Raimundo, então n’*O Século*, lembra: “nas redações a gente sabe ... aquele tipo é do Partido Comunista, aquele tipo é do Partido Socialista, aquele é do MRPP. Era claríssimo. Ninguém tentava enganar ninguém”<sup>7</sup>. Com algumas variações, a verdade é que esta tendência para a exposição das opções políticas no jornalismo foi uma constante, fazendo parte das discussões diárias nas redações.

O ritmo da revolução acelerava de forma impressionante. A matéria jornalística abundava, o que constituía também um enorme desafio para os jornalistas, além de acarretar óbvias responsabilidades. “Pela primeira vez as redações viram-se confrontadas com a necessidade de cobrir uma cadência constante informativa, por oposição ao marasmo vivido anteriormente”. Como resultado, “os jornais espelharam nas suas páginas o clima de sobressalto que se apoderou do país”, sustenta Helena Lima (2008: 144).

Lidar com o “poder” – com os diversos poderes – constituía, também, um grande desafio. Acresce a dificuldade por parte dos jornalistas em distanciarem-se das forças com as quais se identificavam e em conseguir verificar as informações que surgiam em catadupa. Não surpreende, portanto, o facto de ondas de boatos e informações não confirmadas serem frequentemente publicadas, incluindo em manchetes.

<sup>6</sup> Entrevista a Daniel Ricardo, Lisboa, 29 de setembro de 2011.

<sup>7</sup> Entrevista a Orlando Raimundo, Lisboa, 16 de fevereiro de 2011.

Maria João Avillez, redatora do *Expresso*, “passava os dias nos quartéis ou no Conselho da Revolução, que era sobretudo para onde o dr. Balsemão [diretor] me mandava. Era preciso estar em todo o lado ao mesmo tempo e nós estávamos” (AVILLEZ 2016: 269). Outro jornalista, Dinis de Abreu, então no *Diário Popular*, reforça o que são, genericamente, as recordações dos seus camaradas de profissão, afirmando que, no fundo, as redações não eram mais do que um espelho do que se vivia no país:

“O ambiente revolucionário transbordara para as redações, que respiravam o dia-a-dia, entre notícias contraditórias de golpes e de contragolpes, de quartéis em armas, de aviões nos céus de Lisboa, de comandos sublevados, de forças populares nas ruas, sem rei nem roque. Passei muitas horas agarrado aos telefones em contactos, a esclarecer boatos que desaguavam, a todo o momento, na redação” (ABREU 2016: 276).

O capitão de abril e conselheiro da revolução (órgão de que foi porta-voz), Vasco Lourenço, refere-se a essa realidade, confirmando as ligações entre jornalistas e fontes de poder, no sentido de estas obterem destaque no espaço mediático: “Na altura toda a gente conspirava e contra conspirava. Toda a gente tinha as suas ligações aos jornais para fazerem passar as coisas que lhes interessava e os jornais estavam interessados”<sup>8</sup>.

O resultado do ritmo frenético e “apaixonado” de trabalho dos jornalistas estava longe de ser o mais útil aos leitores naquele momento e que é, no fundo, a missão de um jornal: informar. Muitas vezes, não era clara a distinção entre artigos opinativos e informativos. Outra característica do jornalismo deste período: a esmagadora maioria dos artigos não revelava o seu autor (exceto artigos de opinião, embora nem sempre). Acresce a dificuldade em interpretar textos pouco claros, bastante adjetivados e em que os *leads* não respondiam às questões fundamentais. De acordo com Francisco Rui Cádima, nos primeiros meses após o golpe militar, o tom dos órgãos de comunicação social não era muito diversificado:

“Os media, de alguma maneira, refletiam uma certa subserviência política ao MFA, e com elevada dose de paternalismo, numa primeira fase, faziam constantemente asserções à necessidade de o MFA proteger a comunicação social dos discursos da «reação», designadamente nos meses que antecedem o 28 de Setembro de 1974 e muito em particular aquando da manifestação da maioria silenciosa” (CÁDIMA 2001: 328).

---

<sup>8</sup> Entrevista a Vasco Lourenço, Lisboa, 10 de julho de 2012.

Por outro lado, as vendas dos jornais subiam exponencialmente e nas bancas surgiam novos títulos, de géneros diversos, mesmo que a sua duração fosse, frequentemente, reduzida.

Importa salientar que a politização dos conteúdos dos jornais é também, não raras vezes, causa ou consequência (consoante os casos) dos confrontos que vão surgindo no interior dos periódicos, entre administradores, diretores, jornalistas e outros trabalhadores (gráficos, tipógrafos, revisores, etc.), que reclamavam poder decisório quanto aos conteúdos a publicar.

A Lei de Imprensa, outra medida prevista no Programa do MFA, começava a ser preparada, pelo que este era um tema ainda em aberto. Tratava-se, essencialmente, de decidir a quem pertencia a função de definir o conteúdo de um periódico. No *Diário de Lisboa*, por exemplo, “a direção de Ruella Ramos foi aceite com «agrado», mas os trabalhadores assumiram o controlo da produção do jornal e, mercê da união redatores-técnicos, o PCP e a extrema-esquerda aumentavam a sua influência” (MATOS 2016: 139). Em dezembro de 1974, no *Expresso*, é aventada a hipótese de um boicote de ardinas à venda do semanário, aparentemente devido “às margens de lucro” dos vendedores. A atribuição de “implicações políticas” ao boicote é imediata, obrigando a uma intervenção do governo<sup>9</sup>. N’O Século, os plenários eram frequentes e o clima ia subindo de tom, com trabalhadores a confrontarem-se várias vezes, devido a visões distintas quanto à sua linha editorial.

A importância das Comissões de Trabalhadores (CT) era outra característica das empresas jornalísticas de então, embora não exclusiva deste setor. Um pouco por todas as empresas nacionais, as CT assumem um papel determinante, esforçando-se para que os objetivos da classe fossem alcançados, muitas vezes em plenários de trabalhadores, com votação de “braço no ar”. As reivindicações diziam respeito a condições e direitos laborais (existiram melhorias significativas no setor da imprensa, com a aprovação de um novo Contrato Coletivo de Trabalho, por exemplo) mas também a praticamente todos os temas que envolviam as empresas. Relativamente aos *media*, estas Comissões, bem como os Conselhos de Redação entretanto criados, passam a “exercer uma influência determinante sobre o que é publicado”<sup>10</sup>, enquanto administradores e os próprios diretores dos jornais perdem poder decisório. Muitos conflitos tiveram início ou agudizaram-se por este motivo. Não havia, de facto, regulamentação para esta questão determinante na rotina de um jornal, o que só virá a acontecer em

<sup>9</sup> *A Imprensa Escrita em Portugal (abril de 1974 a julho de 1975)*, Relatório do Conselho de Imprensa, Lisboa, 1979, 32.

<sup>10</sup> *Idem*, 15.

fevereiro de 1975, com a aprovação da Lei de Imprensa (que, em muitos casos, não foi respeitada).

### As lutas pelo controlo da imprensa intensificam-se

Não cabe aqui descrever os acontecimentos que rodeiam a tentativa de golpe de *11 de Março*, mas antes referir o seu óbvio significado em termos de alterações político-militares no processo revolucionário. O poder militar é institucionalizado, através da criação do Conselho da Revolução (CR), passando agora a ser apresentado como o “motor” da revolução. As primeiras e mais emblemáticas medidas tomadas pelo CR são “no campo-económico a nacionalização da banca e dos seguros” e, no plano militar, “destinadas a expulsar os implicados no golpe e a reorganizar a estrutura militar, para que a hierarquia formal coincidisse com a revolucionária” (CERVELLÓ 1993: 229).

Estas medidas representavam, sem dúvida, um posicionamento à esquerda (outras nacionalizações vão ocorrer), que não era, de todo, alheio à preponderância do setor próximo do primeiro-ministro Vasco Gonçalves (que ficara conhecido como “gonçalvista”) nas estruturas político-militares e ao crescente protagonismo do PCP na cena política. Em abril, é assinado o Pacto entre o MFA e os principais partidos políticos, realizando-se, no final do mês, as primeiras eleições livres e democráticas – para a Assembleia Constituinte – com uma vitória do PS (Partido Socialista) com 37,9 % dos votos e com o PCP (12,5%) a ficar atrás do PPD (26, 9%).

Legitimados pelo resultado obtido nas eleições, os socialistas vão potenciar a sua popularidade nas ruas através da organização de grandes manifestações e comícios. Os incidentes no 1º de Maio, onde dirigentes do partido são impedidos de chegar à tribuna e discursar, acabam por conferir uma “nova dimensão e dramatismo” ao “confronto entre a via revolucionária e a via eleitoral, protagonizada em termos políticos pelo PCP e seus aliados e pelo PS” (FERREIRA 2001: 170).

Acresce os problemas que envolveram o encerramento do jornal *República* e que levam Mário Soares e os restantes ministros socialistas a abandonarem o governo. Depois de atitude idêntica tomada pelo PPD, o Executivo cai. A agitação nas ruas sobe de tom, assistindo-se a uma vaga de assaltos a sedes de partidos de esquerda e de sindicatos, que contribui para um clima de pré-guerra civil. Em pleno “Verão Quente”, o campo militar encontra-se profundamente dividido e os vários documentos produzidos, apontando rumos distintos para o país, são, a esse respeito, exemplificativos (REZOLA 2007: 221-227).

Contra a posição da ala militar moderada ou partidos como o PS e o PPD, o Presidente da República acabará por chamar Vasco Gonçalves para a liderança daquele que será o muito contestado (e curto) V Governo Provisório. É neste contexto de fortes cisões militares, grande agitação social e de confrontos políticos, com o PCP a passar de uma posição de preponderância para um momento em que é fortemente contestado por um PS cada vez mais forte, que o setor da Informação atravessa o seu período mais tenso e conturbado.

As já referidas nacionalizações do pós 11 de Março têm efeitos imediatos na Imprensa nacional. Grande parte das empresas que pertencia ao setor bancário acaba por ser, por essa via, estatizada e os jornais não fogem à regra. De grandes grupos económicos passam a pertencer ao setor público o *Diário Popular*, *Jornal do Comércio*, *A Capital*, *O Século*, incluindo a *Vida Mundial*, o *Século Ilustrado* e *Modas & Bordados*, e o *Diário de Lisboa*. No caso do *Diário de Notícias*, este já estava, por via indireta, integrado no setor público<sup>11</sup>.

Da imprensa lisboeta, apenas se mantêm como privados o diário *República* e o semanário *Expresso*. Consequência indireta do que sucedera no setor bancário, era óbvio que uma imprensa sob controlo do Estado propiciava, desde logo, a escolha de nomes, por exemplo para administrações e direções, por parte do governo e do Conselho da Revolução. Teriam estes “aproveitado” a sua posição privilegiada para colocar personalidades da sua área política nos jornais? Teriam essas figuras motivações políticas no exercício das suas novas funções? E nos casos em que não houve alterações nesses órgãos, houve mudanças nos conteúdos? A bibliografia existente sobre o assunto parece levar-nos a responder afirmativamente a essas questões.

De acordo com o relatório do Conselho de Imprensa, acentua-se, neste período, “a influência e a manipulação partidária na imprensa, designadamente por elementos afetos ao Partido Comunista e a organizações de extrema-esquerda”<sup>12</sup>. Vários autores admitem que tal se tratava, efetivamente, de uma estratégia previamente definida e estruturada por essas forças políticas. Segundo Carlos Gaspar, foi precisamente o “peso nos meios de comunicação de massas”, conjuntamente com outros fatores, que fez com que o PCP se tivesse imposto “como o mais forte dos partidos políticos” neste período (GASPAR 2010: 550). Para Medeiros Ferreira, o Partido Comunista conduziu a sua ação tendo em vista atingir objetivos concretos, designadamente “controlando uma vasta gama de órgãos de comunicação social, onde chegam a praticar atos de

<sup>11</sup> Na prática, o jornal pertencia ao Estado, uma vez que a Caixa Geral de Depósitos era detentora da empresa “Portugal e Colónias” e esta da Empresa Nacional de Publicidade, proprietária do *Diário de Notícias*.

<sup>12</sup> *A Imprensa Escrita em Portugal (abril de 1974 a julho de 1975)*, Relatório do Conselho de Imprensa, Lisboa, 1979, 43.

censura conhecidos” (FERREIRA 2001: 206).

Ainda assim, como também salienta Mário Mesquita (1994b), os efeitos do controlo dos *media* estiveram longe de atingir o sucesso desejado. Foram, como se sabe, limitados. Um dos exemplos que este autor apresenta é o do resultado das primeiras eleições livres (para a Assembleia Constituinte), em que o PCP é apenas a terceira força política mais votada. A conjuntura criada pelo novo momento político-militar potenciou práticas e posicionamentos já verificados nos últimos meses, agravando-os. O clima extremado e polarizado chegara, inevitavelmente, ao setor da informação, tendo atingido o seu ponto mais crítico no verão.

Neste contexto, o *Diário de Notícias* volta a ser um exemplo paradigmático. Num plenário de trabalhadores, é retirada a confiança no diretor do jornal, sob acusação de este ter, no seu editorial, condenado as propostas, alegadamente feitas em Assembleia do MFA, de fuzilamento dos militares implicados no 11 de Março<sup>13</sup>. José Ribeiro dos Santos e o seu adjunto, José Carlos de Vasconcelos, acabam por se demitir, sendo a administração também substituída. O governo nomeia, ainda em março, uma nova administração e direção, esta última passando a ser composta por Luís de Barros e José Saramago, dois nomes próximos do PCP, sendo o segundo militante.

Novos jornalistas vão, igualmente, chegar à redação, caso de José Jorge Letria (vindo do *República*), que recorda o papel do partido comunista nestas movimentações:

“O partido deu-nos uma orientação para sairmos dali [do *República*] e irmos reforçar posições que precisavam de ser reforçadas. Houve jornalistas que foram para o *Diário de Notícias*, outros foram para a ANOP, que também precisava de ser reforçada, e um ou dois foram para a RTP. Portanto, eu desde que tive essa orientação tive uma orientação também para ir falar com o Luís de Barros”<sup>14</sup>.

O seu colega, Mário Contumélias, que já se encontrava no periódico, vai mais longe, considerando mesmo que “o *Diário de Notícias* era, a partir de um dado momento, o jornal do Partido Comunista”<sup>15</sup>.

Quanto ao conteúdo, os investigadores britânicos Jean Seaton e Ben Pimlott dão-nos uma percepção clara do efetivo posicionamento político-ideológico do jornal, comparando-o com a postura subserviente que assumira na ditadura:

<sup>13</sup> Cf. *Diário de Notícias*, 14 de março de 1975.

<sup>14</sup> Entrevista a José Jorge Letria, Lisboa, 17 de maio de 2011.

<sup>15</sup> Entrevista a Mário Contumélias, Lisboa, 21 de março de 2011.

“A situação mais dramática (mas, também, a mais previsível) foi a do *Diário de Notícias*, o matutino de Lisboa de maior circulação, que tinha sempre seguido as posições do antigo regime. Em 1974, o *Diário de Notícias* transcrevia fielmente os procedimentos do congresso da União Nacional Portuguesa (o partido do governo). Em abril de 1975, reportava com a mesma calma e tom referencial os encontros da central sindical comunista, Intersindical. Os mesmos jornalistas escreviam da mesma maneira, com a mesma aceitação da autoridade política prevalecente” (SEATON E PIMLOTT 1983: 102).

Mas o *DN* era também um jornal afetado por um clima tenso, resultado de conflitos entre trabalhadores, diretores e administradores, como bem ilustra o “caso dos 24”, que resultará no saneamento de um grupo de jornalistas, num processo muito mediatizado e politizado, que se arrasta para lá do 25 de Novembro (GOMES 2014). No vespertino *A Capital*, os problemas também se avolumam. Desde logo, pela tensão que envolveu a censura de um artigo da escritora Natália Correia, levando à demissão, em solidariedade, do diretor David Mourão Ferreira, que virá a fundar, em dezembro, *O Dia*.

Para o *Diário de Lisboa* é nomeado um novo administrador (militar), representando o Estado. De acordo com o diretor de então, assistiu-se a “perturbações” e a “lutas partidárias pela conquista do poder dentro do jornal” e “tudo isso amargou a alegria da liberdade e enfraqueceu ainda mais um jornal que já havia entrado fraco no regime democrático” (RAMOS 1994: 287). O vespertino criara uma “imagem demasiado radical, que provocou o afastamento de parte considerável dos seus leitores tradicionais” e o *Diário Popular*, que vê também nomeado um novo administrador (militar), “hiperpolitizou-se” e “afastou-se da vocação «popular» implícita no título” (MESQUITA 1994b: 387), depois de ver a sua administração substituída por exigência dos trabalhadores, que chegam a mobilizar-se em piquetes de vigilância<sup>16</sup>. Já *O Século* vive momentos dramáticos, multiplicando-se os plenários. A direção do periódico é substituída, trabalhadores são suspensos, realiza-se uma manifestação de trabalhadores e publica-se um jornal de luta, vindo a ser nomeado um tipógrafo, Francisco Lopes Cardoso, como diretor (GOMES 2018: 52-54).

Fora do domínio do Estado estava o *Expresso*, que “atacou e criticou sem receio o primeiro-ministro Vasco Gonçalves”, sendo “a mais influente e escutada voz do centro-direita” (FIGUEIRA 2007: 132). Por último, refira-se duas leituras distintas sobre esta questão. A primeira, do jornalista comunista Jacques Frémontier, que, em contraste com os estudos já citados, considera

<sup>16</sup> *O Primeiro de Janeiro*, 9 de abril de 1975.

que o “avanço comunista” na imprensa estatizada se limitou a três jornais: *DN*, *O Século* e *Diário de Lisboa* (FRÉMONTIER 1976: 134). Outra, oposta, de Jean Seaton e Ben Pimlott, que acrescentam, aos três mencionados por Frémontier, *A Capital*, o *Diário Popular* e o *República* (este também com tendência de extrema-esquerda), em outubro de 1975 (SEATON E PIMLOTT 1983). Uma questão sem dúvida polémica que só poderá ser esclarecida com novas investigações acerca destes periódicos e de como estes narraram e se envolvem nos acontecimentos da revolução.

O jornalismo embrenha-se, cada vez mais, na revolução. A “vocação” dos jornais não era “explicar ou persuadir, mas agitar e mobilizar” e a “informação era servida «em bruto», mal digerida, tal como saía dos palácios governamentais, das sedes partidárias ou dos quartéis mais influenciados pelas doutrinas políticas” (MESQUITA 1994: 363-364). Em agosto de 1975, uma análise do Presidente da República apresenta um panorama desolador da comunicação social portuguesa: “Verifica-se que, na generalidade, a informação falada e escrita tem contribuído, grandemente, para o agravamento das tensões políticas hoje vividas no país, pondo em risco a sobrevivência da própria revolução”<sup>17</sup>. A mobilização dos trabalhadores, nomeadamente do setor gráfico, através das respetivas Comissões e da convocação de plenários, mantém-se e, em alguns casos, o seu poder dentro dos jornais aumenta consideravelmente. Por vezes, os leitores manifestam-se contra os conteúdos produzidos, quer através de cartas enviadas às redações, quer de protestos públicos como queimas de lotes de jornais ou impedimento da sua distribuição.

No que respeita aos jornais após o 11 de Março, não poderíamos deixar de referir o caso que ocorreu no *República*, periódico com uma conhecida tradição de opositor ao Estado Novo. Desde o início de maio que o clima no *República* era tenso. Primeiro, porque o setor gráfico se opôs à contratação de dois novos jornalistas, acusando a direção de ter realizado uma contratação partidária. Depois, um novo protesto ocorre quando a administração pede a demissão do diretor comercial, Álvaro Belo Marques. A 19 de maio, a Comissão de Trabalhadores decide suspender a direção (Raul Rêgo e Vitor Direito) e chefia de redação (João Gomes), acusando-os de estarem ao serviço do PS (recorda-se, Rêgo e Gomes eram conhecidos militantes do partido e deputados socialistas na Assembleia Constituinte) e ocupando as instalações do jornal.

No editorial que publicam nesse dia, os trabalhadores referem-se-lhes como “elementos marcadamente antifascistas mas também marcadamente partidários”<sup>18</sup>. Propõem ainda que Rêgo e companhia abandonem o jornal,

<sup>17</sup> *O Primeiro de Janeiro*, 28 de agosto de 1975.

<sup>18</sup> *República*, 19 de maio de 1975.

o que estes recusam liminarmente. Ao seu lado, tinham a maioria da redação (22 dos 24 jornalistas) que se opõe à decisão da Comissão de Trabalhadores. Em comunicado, dizem estar perante uma manobra que visa “calar uma – e provavelmente a mais forte – das vozes livres deste país”<sup>19</sup>. Fechado no seu gabinete, Raul Rêgo telefona a Mário Soares, que se desloca à Rua da Misericórdia juntamente com outros nomes do partido e muitos cidadãos para se manifestarem contra a ocupação do *República*. Canta-se o hino nacional e gritam-se palavras de ordem como “Este jornal não é do Cunhal”. O caso passava para o plano dos confrontos entre PS e PCP, com Soares a responsabilizar os comunistas pelos problemas que estavam a ocorrer<sup>20</sup>.

Os acontecimentos em redor do caso sucedem-se: a edição de dia 19 sai à revelia da direção e o nome de Álvaro Belo Morais surge no lugar do diretor; o Ministro da Comunicação Social, Correia Jesuíno, tenta, sem sucesso, resolver o conflito; o COPCON sela as instalações do *República*; na maioria da imprensa internacional o caso é visto com um ataque do PCP à liberdade de expressão (uma das exceções é o *Le Monde*); o PS suspende a sua participação em reuniões de Conselho de Ministros até à resolução do problema e, a 10 de Julho, o jornal reaparece com um novo diretor (coronel Pereira de Carvalho), nomeado pelo Conselho da Revolução, sob proposta dos trabalhadores. Ou seja, muito embora o governo tenha ordenado a devolução, tal como preceituado na Lei de Imprensa recém-aprovada, à administração e direção, o COPCON não cumpre a ordem e entrega o *República* à Comissão de Trabalhadores. Saía vitoriosa, como sustenta Joel da Silveira, a “conceção da imprensa popular em antítese com tudo que não fosse revolucionário, incluindo as correntes do socialismo democrático, cimentada pela unidade antifascista e ao serviço dos trabalhadores, nesse caso, encarnados nos gráficos do *República*” (SILVEIRA 2011: 135).

Este é, indiscutivelmente, um dos casos mais mediáticos e relevantes do processo revolucionário. Coloca em causa a Lei de Imprensa, que dava razão à direção e administração do jornal, mas, sobretudo, cria – ou contribui fortemente para criar – uma crise no governo. Levará à saída dos ministros e secretários de Estado do PS do IV Governo Provisório, a que se segue, dias depois, atitude idêntica por parte do PPD.

Várias questões se colocam sobre a natureza deste conflito e os seus contornos, que envolvem, seguramente, questões laborais, mas também político-ideológicas, com, pelo menos, PS, PCP e extrema-esquerda no centro da polémica. Algo, porém, é incontornável:

<sup>19</sup> *Jornal Novo*, 20 de maio de 1975.

<sup>20</sup> Sobre o «Caso República» cf., por exemplo, MESQUITA 1994a.

“Através do caso *República* discutiram-se a Lei de Imprensa, o controlo operário, a organização da empresa jornalística, os poderes do director e do conselho de redação, o direito à informação, a unidade da esquerda portuguesa e francesa, o eurocomunismo, os regimes do Leste Europeu” (MESQUITA 1994a: 508).

## Novos tempos, novos jornais

Perante um panorama de jornais estatizados como o que foi descrito, os problemas no diário privado *República* e um pano de fundo político-social agitadíssimo, vai ser o setor da imprensa privada a levar o Conselho de Imprensa a considerar que o “monolitismo da imprensa não é total”<sup>21</sup>. Efetivamente, a criação de novos jornais a partir de abril de 1975 – dos quais destacamos o *Jornal Novo*, *O Jornal*, *O Tempo* e *A Luta* – significou, efetivamente, uma alternativa à imprensa estatizada. Estes foram, sob vários aspetos, inovadores e ousados, não deixando de serem também polémicos, de se envolverem e tomarem partido no curso dos acontecimentos e de se assumirem, sem equívocos, como defensores da legalidade democrática enquanto via política para o futuro do país<sup>22</sup>. Além de significarem uma alteração no panorama da imprensa da época, estes novos jornais contribuíram também para mudanças políticas. Como sustenta António Telo, “as primeiras grandes derrotas do gonçalvismo ocorrem justamente na comunicação social, tanto em termos do tiro no pé que são os assaltos lançados à *República* e à RR [Rádio Renascença], como do tiro na cabeça que são os novos periódicos” (2007: 130).

O primeiro desses periódicos privados – o *Jornal Novo* – chegou às bancas a 17 de abril de 1975. Dirigido por Artur Portela Filho e tendo José Sasportes como chefe de redação, contava, no seu conselho de administração, com várias figuras ligadas à Confederação da Indústria Portuguesa (CIP), a estrutura patronal à época mais importante. A ideia de agitador e de provocador do poder político-militar instalado esteve, desde o início, ligada ao *Jornal Novo*. As suas manchetes foram disso exemplo, com fortes e polémicos editoriais e fotomontagens que fizeram história. Defensor da democracia representativa, conferiu particular relevo à cobertura dos trabalhos da Assembleia Constituinte. Com um grafismo inovador, foram vários os exclusivos publicados neste diário,

<sup>21</sup> A *Imprensa Escrita em Portugal (abril de 1974 a Julho de 1975)*, Relatório do Conselho de Imprensa, Lisboa, 1979, 44.

<sup>22</sup> Sobre estes jornais, reproduzimos aqui algumas das conclusões da nossa tese de doutoramento (GOMES 2018).

sendo o “Documento dos Nove” o mais significativo. Este era, aliás, um jornal muito próximo da fação moderada do MFA.

Quanto ao semanário *O Jornal*, oficialmente foi publicado pela primeira vez a 2 de maio. Desde o início que os seus fundadores pretendiam criar um “jornal de jornalistas” e, para isso, asseguraram a maioria do capital social da empresa (Publicações Projornal). Dirigido por Joaquim Letria, da redação inicial fizeram parte um total de 15 jornalistas. Com um grafismo inovador, um logotipo simples e moderno, da autoria de João Segurado, *O Jornal* destacou-se também pelos criativos títulos de primeira página, quase sempre da autoria de Beça Múrias, pelos seus dossiers especiais sobre diversos temas e ainda pelo envio de repórteres ao terreno para cobrirem grandes acontecimentos, como foi o caso da independência das então colónias portuguesas. As colunas de Fernando Namora (“Cadernos de um escritor”) e de Luís de Sá Monteiro (“O Primo da Guidinha”) e os cartoons de João Abel Manta foram espaços fundamentais do semanário. Era também um jornal bastante próximo do chamado “Grupo dos Nove”.

Depois de um longo caminho, após o 25 de Abril, de múltiplas tentativas até à sua criação, o semanário *Tempo* chegou às bancas nacionais a 29 de maio. Dirigido por Nuno Rocha, tinha como adjunto José Vacondeus e era propriedade de uma sociedade composta por todos os trabalhadores do jornal. Com uma orientação mais conservadora, foram várias as ameaças dirigidas aos seus trabalhadores e instalações. O próprio jornal deu conta da dificuldade que, desde o início, enfrentou para entrevistar algumas figuras políticas e militares, como Vasco Gonçalves, Álvaro Cunhal ou Otelo Saraiva de Carvalho. O processo de descolonização angolano teve amplo destaque nas suas páginas, tal como a situação dos chamados “retornados”, em relação aos quais o *Tempo* criou uma “campanha de auxílio”, recolhendo contribuições dos leitores. As crónicas, sempre polémicas, de Vera Lagoa criticando políticos e militares (particularmente o Presidente da República) marcaram as primeiras semanas do jornal, até à colunista abandonar o semanário em conflito com o seu diretor.

Finalmente, o último destes jornais surge na sequência do já referido “caso *República*”, quando os jornalistas que saíram desse diário se juntaram para abraçar um novo projeto. O vespertino *A Luta* foi, assim, publicado pela primeira vez a 25 de agosto de 1975, mantendo como diretor Raul Rêgo, diretor-adjunto Vítor Direito e chefe de redação João Gomes. Próximo do Partido Socialista, que apoiou a sua criação, teve como colunista frequente Natália Correia, mas também muitos socialistas ali escreveram esporadicamente neste período, casos de Manuel Alegre, Salgado Zenha, Marcelo Curto e Sottomayor Cardia.

Com características que os diferenciavam, estes quatro jornais empe-

nharam-se num tipo de jornalismo mais interpretativo, procuraram dar voz a figuras, partidos e organizações que tinham menos (ou negativo) protagonismo noutros periódicos, envolveram-se e provocaram polémicas, publicaram editoriais fortes e bastante críticos e opuseram-se às várias tentativas de condicionamento da liberdade de Imprensa. Mas também nos seus textos se confundiam, por vezes, opinião com informação e se procurou agitar ainda mais este período conturbado. O tom bastante crítico sobre Vasco Gonçalves e os governos provisórios que liderou é também algo que marca as páginas destes quatro jornais no chamado “verão quente” de 1975.

## Conclusão

Ao longo do período revolucionário houve uma “explosão” de informação política na imprensa nacional. Mesmo quando não foi o tema principal das notícias, era esse, muitas vezes, o ângulo de abordagem escolhido. Tudo estava a mudar em Portugal e, nessa medida, também os jornais e o jornalismo acompanhavam a tendência.

O jornalismo – e, particularmente, o jornalismo político – esteve completamente afastado da tendência para a neutralidade que caracteriza a profissão, o que, em parte, se poderá dever ao facto de muitos jornalistas serem, simultaneamente, militantes partidários. Mas também, e talvez sobretudo, porque, independentemente dos projetos que defendiam, todos desejavam participar na construção de um novo regime para o país e, nessa medida, participar na revolução.

Era, como alguns referem, um jornalismo “revolucionário” e “militante”, no sentido em que pretendia agitar, mobilizar e, em muitos casos, fazer política. As tiragens aumentavam e os jornais criticavam e apoiavam, sem pudor, as forças em presença. Os editoriais assumem particular protagonismo enquanto textos de agitação política. Tal como acontecera durante a ditadura, manchas grandes de textos, frequentemente publicando comunicados de órgãos de Poder, eram apresentadas na íntegra, sem qualquer tipo de interpretação.

Num texto apresentado como uma notícia era comum surgirem comentários que colocavam em evidência a posição do jornalista sobre o assunto tratado, sendo também frequente o recurso à adjetivação. A quantidade de acontecimentos e informações, essa, era avassaladora, tal como o ritmo de trabalho. Todas estas questões serão agravadas depois do 11 de Março e da nacionalização de grande parte dos jornais. As tentativas de controlo dos órgãos de comunicação intensificam-se, ocorrendo episódios que ficam na história

deste período e que ilustram bem o clima radicalizado e polarizado que então se vivia (casos *República* e *Diário de Notícias*, entre outros) dentro e fora das empresas jornalísticas.

Ainda neste contexto, surgem, em 1975, novos jornais que, apesar de terem características bastantes distintas, bateram-se pela defesa da legalidade democrática. Naquele momento do processo revolucionário é, porém, também inegável certas ligações destes jornais a partidos, militares e políticos. Em suma, parece evidente, não só na bibliografia existente como nos relatos que recolhemos de vários jornalistas, que os jornais, em geral, participaram nos jogos de lutas e de confrontação que marcaram o processo revolucionário português. Para mais tarde ficaram os debates sobre as fronteiras entre o jornalismo e a política, a informação e a opinião.

## Fontes Orais

Entrevista a Daniel Ricardo, Lisboa, 29 de setembro de 2011.

Entrevista a José Carlos de Vasconcelos, Lisboa, 9 de fevereiro de 2012.

Entrevista a José Jorge Letria, Lisboa, 17 de maio de 2011.

Entrevista a José Silva Pinto, Lisboa, 19 de junho de 2012.

Entrevista a Maria Antónia Palla, Lisboa, 19 de fevereiro de 2013.

Entrevista a Mário Contumélias, Lisboa, 21 de março de 2011.

Entrevista a Orlando Raimundo, Lisboa, 16 de fevereiro de 2011.

Entrevista a Vasco Lourenço, Lisboa, 10 de julho de 2012.

## Bibliografia

- ABREU, Dinis (2016). “O 25 de Novembro e os media”, in A. Barreto e M. Braga da Cruz, et al. (Org.), *O 25 de Novembro e a democratização portuguesa*. Lisboa: Gradiva, 275-281.
- AVILLEZ, Maria João (2016). “O fim da revolução”, in A. Barreto e M. Braga da Cruz, et al. (Org.), *O 25 de Novembro e a democratização portuguesa*. Lisboa: Gradiva, 269-274.
- AZEVEDO, Manuela de (2010). *Memória de uma mulher de Letras*. Porto: Afrontamento.
- CÁDIMA, Francisco Rui (2001). “Os «Media» na Revolução (1974-1976)”, in J. M. Brandão de Brito (coord.), *O País em Revolução*. Lisboa: Editorial Notícias, 321-358.
- CERVELLÓ, Josep Sánchez (1993). *A Revolução Portuguesa e a sua Influência na Transição Espanhola (1961-1976)*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- FERREIRA, José Medeiros (2001). *Portugal em Transe*, in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, Vol. VIII. Lisboa: Editorial Estampa.
- FIGUEIRA, João (2007). *Os jornais como atores políticos. O Diário de Notícias, Expresso e Jornal Novo no Verão Quente de 1975*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- FIGUEIRA, João (2012). *O essencial sobre a imprensa portuguesa: 1974-2010*. Coimbra: Angelus Novus.
- FRÉMONTIER, Jacques (1976). *Portugal – os pontos nos ii*. Lisboa: Moraes Editora.
- GARCIA, José Luís (Org.) (2009). *Estudos sobre os Jornalistas Portugueses. Metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI*. Lisboa: ICS.
- GASPAR, Carlos (2010). “O Partido Comunista e a revolução portuguesa”, in P. A. Oliveira e M. I. Rezola (Coord.), *O Longo Curso. Estudos em Homenagem a José Medeiros Ferreira*. Lisboa: Tinta-da-China, 539-574.
- GOMES, Pedro Marques (2014). *Os Saneamentos Políticos no Diário de Notícias no Verão Quente de 1975*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- GOMES, Pedro Marques (2018). *Jornais, Jornalistas e Poder: a Imprensa que nasce na revolução e as lutas políticas de 1975*. Tese de Doutoramento em História Contemporânea. Lisboa: NOVA-FCSH.
- LETRIA, José Jorge (2013). *E tudo era possível. Retrato de juventude com Abril em fundo*. Lisboa: Clube do autor.
- LIMA, Helena (2008). *Os Diários Portuenses e os Desafios da Atualidade na Imprensa: Tradição e Ruturas*. Tese de Doutoramento em História. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MATOS, Álvaro Costa (2016). “Diário de Lisboa”, in A. Reis, M. I. Rezola e P. B. Santos (Coord.), *Dicionário de História de Portugal – o 25 de Abril*. Vol. 3. Porto: Figueirinhas, 139-140.
- MAXWELL, Kenneth (1983). *The Press and the Rebirth of Iberian Democracy*. Connecticut: Greenwood Press.
- MESQUITA, Mário (1988). “Estratégias liberais e dirigistas na comunicação social de

- 1974-1975 da comissão *ad hoc* à Lei de Imprensa”. *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 8, 85-113.
- MESQUITA, Mário (1994a). “O Caso *República*: um incidente crítico”. *Revista de História das Ideias*, 6, 507-554.
- MESQUITA, Mário (1994b). “Os Meios de Comunicação Social”, in António Reis (Coord.), *Portugal 20 Anos de Democracia*. Lisboa: Círculo de Leitores, 361-405.
- MESQUITA, Mário (2019). “O corte revolucionário nos media e o “efeito de atraso” nas teorias da comunicação”. *Media & Jornalismo*, nº 35, 15-22.
- PALLA, Maria Antónia (2004). “A Liberdade de Imprensa após o 25 de Abril”, in Á. C. Matos e G. Franco (org.), *O Jornalismo Português: Passado, Presidente e Futuro*. Lisboa: CML/HML, 22-27.
- PINTO, António Costa (2015). “A vida política”, in A. Costa Pinto (coord.), *A Busca da Democracia*. Lisboa: Objectiva, 25-54.
- RAMOS, António Ruella (1994). “A Primeira de todas as liberdades”, in M. Mesquita e J. Rebelo (Org.), *O 25 de Abril nos Media Internacionais*. Porto: Afrontamento, 287-288.
- REIS, António (1994). “O Processo de Democratização”, in A. Reis (coord.), *Portugal 20 anos de democracia*. Lisboa: Círculo de Leitores, 19-39.
- REZOLA, Maria Inácia (2007). *25 de Abril: Mitos de uma Revolução*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- REZOLA, Maria Inácia (2019). “Romper com o passado: a Revolução nos Média (Portugal, 1974-1975)”. *Media & Jornalismo*, 35, 249-262.
- RIBEIRO, Nelson (2002). *A Rádio Renascença e o 25 de Abril*. Lisboa: Universidade Católica.
- ROSAS, Fernando (2004). “A Revolução Portuguesa de 1974/75”, in F. Martins e P. A. Oliveira (Coord.), *As Revoluções Contemporâneas*. Lisboa: Colibri/IHC/FCSH/UNL, 213-232.
- SANTOS, Rogério (2017). *A Emissora Nacional e as mudanças políticas (1968-1975)*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- SEATON, Jean e PIMLOTT, Ben (1983). “The Portuguese media in transition”, in K. Maxwell (dir.), *The Press and the Rebirth of Iberian Democracy*. Connecticut: Greenwood Press, 93-115.
- SILVEIRA, Joel da (2011). *A Construção do Sistema Informativo em Portugal no Séc. XX*. Lisboa: Colibri.
- TELO, António José (2007). *História Contemporânea de Portugal. Do 25 de Abril à actualidade*. Vol. I. Lisboa: Editorial Presença.
- VENTURA, Isabel (2012). *As Primeiras Mulheres Repórteres. Portugal nos anos 60 e 70*. Lisboa: Tinta-da-china.





**CADERNO  
TEMÁTICO**



---

## Introdução

### Sobre a história das universidades. Ou da busca pelo saber universal

A História das Universidades constituiu-se, ao longo das últimas décadas, em contexto europeu e português, como um importante campo de estudos no interior da história cultural e das mentalidades, ramificando para múltiplas direções e campos historiográficos. Em Portugal, onde foi fundado um estudo geral, por iniciativa régia, súplica eclesiástica e sanção apostólica, no final do século XIII – coincidindo com uma fase muito precoce do nascimento das universidades europeias, logo após a primeira vaga fundacional, liderada por Paris e Bolonha –, esse filão historiográfico não foi ignorado, tendo sido objeto de sucessivas revisitações, ao longo dos anos.

Recuando apenas à época contemporânea, nos finais do século XIX, Teófilo Braga produziu uma vasta síntese da vida da universidade portuguesa, focada sobretudo nas incidências políticas e administrativas da instituição. Depois de um certo apagamento, o interesse pelo tema foi fortemente reivindicado várias décadas mais tarde (entre os anos 60 e 80 do século passado), sob a forma de vários estudos exploratórios, em grande medida ligados aos fenómenos da circulação académica, que, por sua vez, foram acompanhados por um significativo esforço de edição documental, que redundou na publicação do *Chartularium Universitatis Portugalensis* e do *Auctarium Chartularii Universitatis Portugalensis*. Por sua vez, os últimos anos do século XX revelaram um interesse pelas investigações multidisciplinares, enfatizando a complementaridade de visões e a multiplicação dos ângulos de aproximação ao fenômeno, na base de uma importante obra coletiva sobre a universidade portuguesa nos períodos medieval e moderno, intitulada *A História da Universidade em Portugal*, que serviu para testar na realidade portuguesa abordagens ensaiadas com apreciável sucesso no espaço europeu. Mais recentemente, já na última década, têm sido sobretudo valorizadas as perspetivas culturais, sociológicas e económicas na abordagem ao tema, materializadas em teses, obras monográficas e projetos de investigação financiados, tanto individuais como coletivos.

Considerando o atual quadro geral de vitalidade do tópico da História

das Universidades, a Direção da Revista de História da Sociedade e da Cultura entendeu ser oportuno incluir no número de 2020 um caderno temático, capaz de enriquecer com novas contribuições o debate historiográfico. O dossier que em seguida se apresenta constitui o resultado concreto e muito apreciável dessa iniciativa. Reúne um significativo conjunto de nove estudos, diretamente relacionados com a história das universidades ou com ela conexos, angariados de um universo mais alargado de textos, filtrados pelo processo de arbitragem científica.

Na perspetiva da origem dos contribuidores para o caderno temático, sobressai a maioritária incidência dos autores portugueses, sem prejuízo de colaborações internacionais, nomeadamente provenientes da Espanha, do Brasil e da China. Para efeitos da sua publicação, os diferentes textos foram vertidos em três línguas, recorrendo-se sobretudo ao português, mas também ao inglês e ao espanhol, sinalizando a pluralidade linguística e o cosmopolitismo que a RHSC sempre subscreveu, afirmando com clareza os valores da diversidade científica. Como seria expectável, atendendo à origem dos autores dos textos, estes correspondem, na sua maioria, a artigos dedicados à universidade portuguesa, totalizando seis no conjunto, representando 2/3 das publicações. Os três restantes constituem incursões específicas no mundo ibérico da medievalidade hispânica, na área da ex-colónia portuguesa de Macau e no Brasil ditatorial das décadas de 70 e 80 do século XX.

Justamente no que se refere ao arco cronológico dos objetos de estudo, as publicações abrangem todo o período de existência das universidades, enquanto instituições de ensino, tal como foram caracterizadas desde as suas origens. Nessa medida, convocam a noção de longa duração braudeliana, numa demonstração tão casual quanto feliz, do carácter institucional e duradouro destas instituições de ensino, que constitui um dado essencial do problema, sempre implícito na sua observação e compreensão. Em termos práticos, subscrevendo as periodizações convencionais, consagradas pela literatura historiográfica, a cronologia dos textos constantes do caderno temático remonta à Idade Média, avançando, daí em diante, até à Época Contemporânea.

A época fundacional das universidades encontra-se representada pelo artigo *Modus faciendi librum*, de M<sup>a</sup> del C. Álvarez Márquez e Pablo Alberto Mestre Navas, enquanto a transição da medievalidade para o Renascimento tem manifestações concretas em dois textos: *O Rei, a universidade e o “bom regimento dos regnos”*, de Rui M. Rocha, e *Todos os textos de canones*, de André O. Leitão. Por sua vez, tendo por cenário a Idade Moderna, há a considerar três artigos: *O ensino do Hebraico em Portugal*, *A Real Mesa Censória e o Colégio*

*Real dos Nobres da Corte, e o Modelo de formação dos tradutores do Seminário de S. José de Macau*, respetivamente da autoria de Sofia Cardetas Beato, Ana Cristina Araújo e Minfen Zhang. Por fim, remetendo para diferentes conjunturas da época contemporânea, refiram-se os contributos dados por Maria Luz Braga Sampaio e Ana Cardoso Matos, com o artigo *Mobilidade e expertise na contratação dos primeiros professores do IST*; por Rudimar Gomes Bertotti e Gisele Rietow Bertotti, em *Moral and civism in higher education*; e por Joana Capela de Campos, com a publicação intitulada *Candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial*, o último dos quais alude a uma realidade muito próxima.

Num paralelo assinalável com a amplitude cronológica é a amplitude temática que resulta da leitura integral do caderno. A título de exemplo, há a considerar o assunto dos livros e das bibliotecas, incontornável para o estudo de uma cultura livresca, que funcionou desde o início como a trave-mestra do ensino universitário. Um problema que promoveu reflexões importantes em artigos como *Modus faciendi librum*, *Todos os textos de canones* ou *A Real Mesa Censória e o Colégio Real dos Nobres da Corte*. Por seu turno, o olhar sobre a organização e a reforma do ensino foi uma das perspetivas adotadas por Rui M. Rocha, Ana Cristina Araújo, Minfen Zhang ou a dupla formada por Rudimar Gomes Bertotti e Gisele Rietow Bertotti. De outro modo, os domínios específicos da formação, das áreas de estudo e dos programas de ensino, concitaram a atenção de um núcleo importante de textos, que inclui *Modus faciendi librum*, *Todos os textos de canones*, *O ensino do Hebraico em Portugal*, *Modelo de formação dos tradutores do Seminário de S. José de Macau*, *Mobilidade e expertise na contratação dos primeiros professores do IST*. O mesmo conjunto de textos fornece, de igual forma, pistas inteligíveis para responder parcialmente a temas como o da circulação do conhecimento. De acordo com uma visão mais institucionalista, outros dos estudos reunidos incidiram na análise da relação da universidade com as tutelas, como o testemunham a leitura de textos como *O Rei, a universidade e o “bom regimento dos regnos”*, ou *A Real Mesa Censória e o Colégio Real dos Nobres da Corte*.

Estes questionários e objetos de estudo valem apenas como meros exemplos. Outros há, adicionáveis ou multiplicáveis com toda a facilidade. Com efeito, as abordagens ensaiadas no dossier explodem numa miríade de direções. Propagam-se também à História do Ensino. Falam dos corpos universitários (incluindo docentes, discentes e servidores). Promovem debates sobre a ética e a norma académicas. Conferem importância ao património material e imaterial universitário. Aprofundam o que se sabe ao nível das práticas da autoria textual e de tradução. Colocam no centro do diálogo interdisciplinar,

o recurso a ciências e técnicas instrumentais, como a paleografia e a codicologia. De novo, a interrupção do elenco justifica-se apenas pelas limitações de espaço. Excluem da enumeração outros problemas objetivados no dossier, em nada inferiores aos anteriores, casos da gestão e dos recursos académicos, das carreiras universitárias dos estudantes formados pelas universidades e da própria história do ensino e da educação.

Em suma, foram múltiplos e variados os tópicos visados e referenciados nos textos publicados, numa profusão que é bem demonstrativa da riqueza do tema e das possibilidades de questionamento a que se presta o filão da História das Universidades. Tal foi o axioma que começou por se subscrever no início deste texto e que o caderno temático demonstra, com abundância – eis, pois, a prova que justifica o argumento. Ou, mais conforme ao espírito da escolástica, que governou o ensino universitário medieval – *quod erat demonstrandum*.

ARMANDO NORTE

Universidade de Coimbra, CHSC

Universidade de Lisboa, CH

armandonorte@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2057-3116>

## ***Modus faciendi librum.***

# **Escritores, compiladores, traductores y autores del libro manuscrito en la Baja Edad Media e inicios de la Edad Moderna.**

Modus faciendi librum.

*Writers, compilers, translators and authors of the manuscript book in the Late Middle Ages and Early Modern Age.*

**PABLO ALBERTO MESTRE NAVAS**

Universidad de Sevilla

mestre@us.es

<https://orcid.org/0000-0002-9415-7329>

**MARÍA DEL CARMEN ÁLVAREZ MÁRQUEZ**

Universidad de Sevilla

caralvz@us.es

<https://orcid.org/0000-0002-6616-8581>

Texto recibido em / Text submitted on: 07/10/2019

Texto aprobado em / Text approved on: 14/10/2020

**Resumen.** A través de varios manuscritos conservados en la Biblioteca Capitular y Colombina de Sevilla y en la Biblioteca Nacional de España se traza un recorrido en el que se ahonda sobre la participación de diferentes actores en la producción libraria durante la Baja Edad Media. Siguiendo el modelo planteado en el siglo XIII por el franciscano Buenaventura de Bagnoregio, se estudian diferentes manuscritos atendiendo a la actividad de escritores, compiladores y autores, a los que se añaden los traductores, haciendo especial énfasis en el análisis de su escritura. Del mismo modo, se traza la evolución que experimentó el libro con la irrupción de la imprenta y los cambios que se fueron introduciendo a lo largo del siglo XVI.

**Palabras clave.** Manuscritos hispanos, Paleografía, Codicología, Historia del Libro, Imprenta.

**Abstract.** Through several manuscripts preserved in the Biblioteca Capitular y Colombina of Seville and in the National Library of Spain, a route is drawn in which it delves into the participation of different actors in the production of books during the Late Middle Ages. Following the model proposed in the 13th century by the Franciscan Buenaventura de Bagnoregio, different manuscripts are studied in response to the activity of writers, compilers and authors, to which translators are added, with special emphasis on the analysis of their writing. In the same way, the evolution that the book underwent with the irruption of the printing press and the changes that were introduced throughout the sixteenth century are traced.

**Keywords.** Hispanic manuscripts, Paleography, Codicology, Book History, Printing.

En pleno siglo XIII, época de grandes cambios culturales, el franciscano Juan de Fidanza, conocido como Buenaventura de Bagnoreglo (1221-1274), en su *Proemium in librum primum Sententiarum*, distinguía cuatro formas de hacer un libro: el del *scriptor*, que “scribit aliena, nihil addendo vel mutando”; el del *compilator*, que “scribi aliena, addendo, sed non de suo”; el del *commentator*, que “scribit et aliena et sua, sed aliena tamquam principalia, et sua tamquam annexa ad evidentiam”; y, por último, el del que “scribit et sua et aliena, sed sua tanquam principalia, aliena tamquam annexa ad confirmationem” (SAN BUENAVENTURA 1882-1902, I: 14-15; PETRUCCI 1999: 77; y RUIZ 2002: 263).

A estos cuatro modos de hacer un libro hay que añadir la de la persona que escribe lo ajeno en lengua distinta a la original – *translator* –, cuyo papel fue esencial en la transmisión de conocimientos de autores clásicos. Bastaría recordar la importante tarea desarrollada por la *Escuela de Traductores de Toledo* o la realizada por los humanistas del siglo XV (BOUZA 2010: 97-122).

El primer *modus faciendi librum* es el del *scriptor*, esto es, el del que escribe lo ajeno, sin añadir ni cambiar nada, bien por encargo o para uso personal. Para este segundo fin copió, Johannes de Bursalia, dos manuscritos de la Biblioteca Capitular y Colombina de Sevilla (BCC, Ms. 5-1-45 y 5-2-35), ambos con el genérico título de *Tractatus Medicinae*, adquiridos por Hernando Colón en Lyon en septiembre de 1535 (SÁEZ 2002, I: 47 y 85; ÁLVAREZ 2003: 63; y ÁLVAREZ 2010: 292-295). En ellos, el copista recoge diversas obras de Medicina, unas completas y otras fragmentadas, durante su estancia como estudiante en París y Montpellier, registrando en el fl. 226v del segundo códice los veinticinco asientos que conformaban su biblioteca personal. Ambos son claros ejemplos de libros para uso personal copiados en diferentes etapas de una vida, desde la estudiantil hasta alcanzar el grado de *baccalarius* primero y, luego, el de *magister*, haciendo uso de una cursiva *currens* con abundantes abreviaturas y ligaduras, con texto a línea tirada.

A la mano de Anthonius de Toledo se debe el Ms. 7-6-12 de la citada biblioteca, adquirido también en Lyon por la misma fecha que los anteriores. Es el más típico de los manuscritos copiados por estudiantes que hasta la fecha se ha podido estudiar, iniciado en París en 1505 y concluido en Lyon cuatro años más tarde, en la vigilia de San Juan Bautista, en la casa de su padre (SÁEZ 2002, I: 555; y ÁLVAREZ 2010: 298-299). A lo largo de sus páginas el copista hace todo un alarde de sus conocimientos caligráficos y de sus habilidades con la pluma en la ejecución de distintos tipos gráficos, que utiliza no sólo en la copia de los textos de estudio, sino en las numerosas *probationes calami* que llenan las primeras y últimas hojas, dibujando su escudo y anagrama más como

exaltación de su personalidad que como constatación de posesión.

También para uso personal copió el agustino Durandus Marionis los Ms. 5-1-37 y 5-2-38, adquiridos por Hernando Colón en análogas fechas que los anteriores. Con una cursiva *currens*, de gran dificultad, en el primero copia en fecha indeterminada *Aurei et perutiles Sermones* de Petrus de Palude y una exposición al *Credo*, mientras que el segundo contiene la *Postilla mística super librum Genesis* de Jacobus Magni y una *Expositio super Pater Noster* de Agustín de Ancona, que terminó el 21 de agosto de 1470, donando ambos – que suscribe y rubrica – a Pedro Bogniodi, agustino del convento de Lyon (ÁLVAREZ 1995: 385-413 y 2010: 303).

Cuando las copias de manuscritos se hacen para satisfacer la demanda de un comitente, sus características externas y paleográficas pueden diferir de las copias hechas para uso personal del *scriptor*, acomodándose a las exigencias del encargo. Si en los ejemplos anteriores se observa una escritura cursiva muy personalizada, en éstos suele ejecutarse una escritura mucho más cuidada. De esta forma, Pedro Martínez de la Palma, notario apostólico y clérigo de la diócesis de Sevilla, aprovechando su estancia en Basilea durante la celebración del concilio general<sup>1</sup>, copia para su señor, el arzobispo de Sevilla, el *Breviarum super I-IX libros Codicis* de Johannes Faber Runcinus (ÁLVAREZ 1999: 189-190 y 2010: 51-106), importante obra jurídica, cuya labor de copia duró desde el 1 de agosto al 24 de octubre de 1433, llevando a cabo una tarea diaria de casi tres páginas (2,8). Utilizó una gótica híbrida, que en la parte final del manuscrito se hace más angulosa y en el colofón adopta las características propias de la bastarda cursiva.

Otro ejemplo lo representa Manuel Rodríguez de Sevilla, quien, en uno de los dos manuscritos localizados atribuidos a su pluma, se titula “escriuano del rey e notario en Benavente”. Uno lo copió para Rodrigo Alfonso Pimentel, II conde de Benavente, y el otro para el I conde de Haro, a ruego de su mayordomo Rodrigo de Osorno, aunque se conoce que copió un total de cinco manuscritos para la familia Pimentel. El 15 de marzo de 1434 concluye en Benavente la copia de la primera parte de la *Crónica de España*, a instancias del II conde de Benavente (1420-1440) (BECEIRO 1998: 332), coincidiendo que estaban en la villa el conde y su hijo Juan. El contenido, que narra hasta la muerte de Alfonso V de León, es un fragmento de una variante de la *Primera Crónica General de España* de Alfonso X el Sabio (BECEIRO 1983: 239-240 y 2007: 437-487):

---

<sup>1</sup> Este notario apostólico estuvo al servicio durante años del cardenal Juan de Cervantes, administrador apostólico de Sevilla, desempeñando labores en el hospital que este prelado fundó en la ciudad andaluza en la segunda mitad del siglo XV (MESTRE 2017: 319).

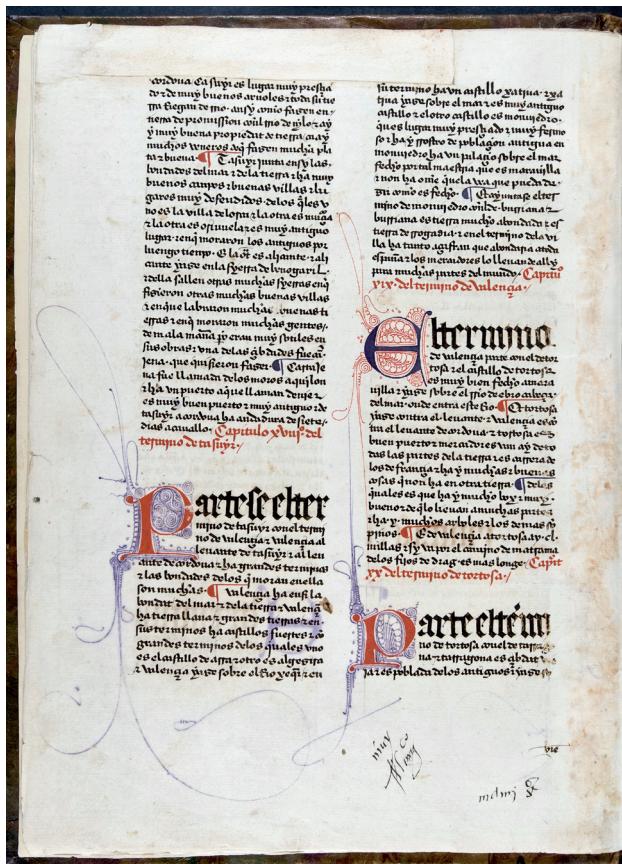
Esta primera parte desta Coronica / de Espanna acabó Manuel Rodríguez / de Seuilla por mandado del sennor / conde de Benauente, don Rodrigo Al/fonso Pimentel, la qual acabó en la dicha vi/lla de Benauente, a quinze días de marzo del Nasçi/miento de Nuestro Sennor Iesuchristo de mill e quatrocientos / e treynta e quattro annos, estando en la dicha / villa el dicho sennor Conde e don Iohan, su fijo, a los / quales Dios dexé beuir por muchos tiempos e buenos. / Amen (BNE, Ms. 10.814: fl. 180).

Una escritura cuidada fue también la usada por Antonio Martínez, notario apostólico y de la Inquisición en la ciudad de Sevilla (GIL 2000-2003, II: 263), en la copia que hizo del *Breviarium secundum ritum et consuetudinem Ecclesie Calagurritanensis* por encargo del inquisidor general Pedro Ramo y que terminó en Gibraleón el 6 de octubre de 1496. En este caso, el *scriptor* copió el manuscrito en *littera textualis rotunda*, tipo gráfico bastante habitual en los libros de carácter litúrgico. Gracias a una nota en la hoja de guarda al final del manuscrito se conocen los gastos ocasionados en su composición, que desglosa con toda puntualidad. El coste del breviario ascendió a 43.343 maravedís, siendo 6.248,5 la iluminación de iniciales, trabajos posiblemente acometidos por Nicolás Gómez y Juan de Castro, 9.205 maravedís las historias, 5.000 la encuadernación, 20.000 la escritura y 2.890 el pergamino. Este desglose pone de manifiesto que, encargos de estas características, suponían la colaboración de varios artesanos y artistas en la confección del manuscrito (BNE, Ms. 17.864: fl. 478; SÁNCHEZ 1988: 317-344; y ÁLVAREZ 2010: 63).

Cuatro días después de terminar este trabajo, el 10 de octubre de 1496, estando todavía en Gibraleón, Antonio Martínez inició la copia de un breviario benedictino, que se conserva en el Musée Condé de Chantilly (Ms. 1.434), para el dominico Pedro de Belorado, inquisidor general de la Bética y abad del Monasterio de San Pedro de Cardeña, que concluyó el 31 de julio de 1498 (LEROQUAIS 1934, I: 267-271).

Características análogas se aprecian en otros encargos coetáneos hechos por la nobleza andaluza. A petición de Pedro Afán de Ribera, nieto del I adelantado de Andalucía, Juan de Balaguer termina en 1480 una copia de la traducción castellana de la obra de Egidio Romano, *De regimine principum*, que hizo el franciscano fray Juan García de Castrojeriz para el infante don Pedro a petición del obispo de Osma, don Bernabé (1329-1351). Este encargo lo hizo para su hijo Fernán Gómez de Ribera Ribera, tal y como consta en el manuscrito, advirtiéndose la utilidad provechosa del contenido de la obra, razón que explicaría el encargo expreso de este título:

E porque en este libro, / que es dicho Regimiento de / príncipes, son contenidas mu/chas doctrinas prouechosas / a la uida humana, yo Per Afán / de Ribera, del Conseio del Rey, / Nuestro Señor, mandé fazer / este libro para mi fijo Fernán / Gómez de Ribera e que lo haya / por mayoradgo con los / otros bienes míos, segúin / mi ordenación, a fin que los que // de mí descendieren decoren / sus personase, e así parescien/do a sus progenitores uirtuosos merescan ser honrrados. / Escruiólo Juan Balaguer / en Seuilla en el anno del Nas/cimiento del Sennor de mil / y quattrocientos y ochenta / años, reinantes los muy / altos y muy esclarecidos / príncipes, reyes e señores, / don Fernando e donna Ysabel,/ reyes de Castilla e de León e / de Aragón (BFLG, Inventario 15.304, fl. 274).



**Fig. 1.** Primera Crónica General de España de Alfonso X el Sabio, Manuel Rodríguez de Sevilla (BNE, Ms. 10.814).

El segundo *modus faciendi librum* es el del *compilator*, que escribe lo ajeno e

introduce adiciones que no son suyas, como hizo Guillermus Simeonis, compilador de una serie de sermones dominicales en un librito de pequeño formato que concluyó en 1358, sin duda para uso personal, utilizando una escritura de difícil catalogación paleográfica. Aspectos que dejan claro su carácter de libro autógrafo para uso personal. Este manuscrito perteneció al prelado Pedro Gómez Barroso, ingresando en la Biblioteca Capitular de Sevilla a través de la donación *inter vivos* que hizo en 1387 “explicit liber iste. Expliciunt sermones dominicales de primo opere per fratrem Guillermi Simeonis, Ordinis Predicatorm, compilati anno Domini M° CCC° LVIII°” (BCC, Ms. 59-3-7: fl. 171).

Aunque hay notables ejemplos en los fondos hispalense, hay que resaltar por sus características internas, la compilación hecha por Johannes de Palude sobre los cuatro libros de las *Sentencias* de Pedro Lombardo, que finalizó en Lovaina el 15 de mayo de 1499. Este manuscrito también pudo ser para uso personal, desarrollando el compilador una escritura cursiva *currens* de extraordinaria dificultad para su lectura: “*Questiones super quattuor libros Sententiarum compilatae per me Iohannem de Palude... et finiti Louanii anno Domini millesimo CCCC° XCIX° XVta mensis maii*” (BCC, Ms. 5-6-8: fl. 108).

De diferentes características, sobre todo en lo que refiere a la estructura interna del texto, son aquellos manuscritos que contienen anotaciones y comentarios al texto principal. De este modo, siguiendo la clasificación establecida por Juan de Fidanza, el tercer *modus faciendi librum* es el del *commentator*, que escribe lo ajeno como texto principal y añade lo propio como aclaración, y, entre los abundantes ejemplos que existen en Sevilla, hay que destacar las *Deuotissime meditationes super Passione Domini Nostri Iesu Christi* del agustino Nicolaus de Fieso, que concluyó el 29 de abril de 1509 (BCC, Ms. 5-2-24), comprado por Hernando Colón en Padua el 15 de abril de 1531 (ÁLVAREZ 2003: 87), y las *Ysagoje ad Grammaticam Presciani Cesariensis* de Johannes de Auri Montibus, fechado el 13 de febrero de 1477, que Hernando Colón compró en Valladolid el 30 de agosto de 1536 (BCC, Ms. 5-3-29; ÁLVAREZ 2003: 100), que constituyen inmejorables ejemplos de manuscritos cuyos textos principales están profusamente salpicados de comentarios.

No es raro que en estos manuscritos se alternen dos tipos gráficos diferentes, siendo habitual una escritura más cursiva en las anotaciones y otra más caligráfica para el contenido principal. Este hecho pone de manifiesto que pudieron ser adquiridos por el *commentator*, limitándose éste a dejar constancia de sus ideas y comentarios a la obra posteriormente. Tampoco fue infrecuente que el *commentator* fuese a su vez el *scriptor*, es decir, que copiase y comentase la obra.

Más usual fueron los comentarios en aquellos manuscritos realizados en un ambiente universitario. Fernandus Guterii de Cardoso, *in Artibus bachalarius*,

finalizó el 3 de octubre de 1458 en Guadalajara la copia de la *Suma de virtutibus secundum Aristotelem in libro Ethicorum iuxta expositionem magistri fratris Thome de Aquino*, mientras que, cuatro años antes, el 8 de junio de 1454, terminó en Huete el *Tractatus de declaracione omnium dictorum et diccionum dissimilium que sunt sepius apud theologos*, haciendo uso de una bastarda cursiva de pequeño módulo y de la *littera textualis formata* como escritura publicitaria. Debajo de la segunda suscripción, en una escritura muy cursiva y tinta desvaída, puede leerse la nota de propiedad y el precio – un florín – que cobró el copista, datos que hacen presuponer que pudo servir a algún estudiante del momento, abundando los comentarios existentes en la obra (BNE, Ms. 10.269: fl. 137).

Muy diferente era la tarea de los traductores, que tuvieron que depurar el texto para adecuar las ideas a diferentes idiomas. Muchas de estas traducciones también fueron objeto de copias posteriores, lo que provocó que se introdujeran importantes errores. Un ejemplo de la labor del *translator* lo representa un manuscrito que consta, actualmente, de noventa hojas y del que ha desaparecido una vida de Santa Margarita, copiado por Antonius Maser, *spechier en marzaria*, en Venecia entre el 6 de diciembre de 1471 y el 29 de agosto de 1472 (BCC, Ms. 7-6-4). Lleva el título *Vita di Gesù Christo e della Vergene Maria* y contiene, además, diversos textos y oraciones, entre ellas unas notas acerca de la Pasión de Cristo, con las que se cierra el manuscrito y que el traductor extrajo de la *Biblia judaica*. Es un libro para uso personal de este mercader veneciano, que pretende curarse en salud de los problemas que podría ocasionarle la Inquisición por la copia y traducción del latín al italiano de textos que podían ir en contra de la ortodoxia católica. Utilizó el papel como soporte para una escritura gótica cursiva con iniciales de mayor tamaño y rellenas de rojo. Ingresó en la Iglesia Catedral de Sevilla a través del legado colombino, si bien carece de nota de compra (ÁLVAREZ 1994: 314-315).

Fernán Martínez, “clérigo e capellán de Fernán Pérez d’Andrade”, hizo uso de una gótica híbrida, habitual en los documentos castellanos del siglo XIII, para la copia, a instancias de su señor, de la versión gallega del *Roman de Troie* de Benoît de Sainte-Maure, que concluyó el 20 de enero de 1373, representando el ejemplo más antiguo hasta ahora localizado del uso de este tipo gráfico en el campo librario. El pergamino utilizado es de mala calidad con numerosas imperfecciones y mal recortado. En el fl. 193 recoge el colofón en gallego de la copia que hizo Nicolás González, el último día de diciembre de 1350, por encargo de Pedro I, de quien se titula “escribano de sus libros”, semejante al que presenta el manuscrito h.I.6 de la Biblioteca de El Escorial, lo que lleva a concluir que fue el manuscrito que sirvió de modelo al que se conserva en la Biblioteca Nacional de Madrid – Ms. 10.233.

En una gótica cursiva *currens*, utilizando como único signo de puntuación la coma, Sancho de la Forea terminó de copiar en París la traducción al castellano de *La entrada del cristianísimo Rey de Francia en Reims*, el viernes 25 de noviembre de 1484, para entregársela al IV conde de Benavente, Rodrigo Pimentel, del que, por desgracia, no se ha conservado ningún listado o inventario de sus libros.

Una gótica cursiva *currens*, la conocida tradicionalmente en España con el nombre de “cortesana”, fue el tipo gráfico utilizado por Alfonso Martínez del Puerto para la copia de los seis tomos con las *Postillae* sobre la *Biblia* del exégeta franciscano Nicolás de Lyra, traducidas al castellano por Alfonso de Algeciras, profeso del Convento de San Francisco de Sevilla, en la década de los años veinte del siglo XV, a petición e instancia de Alonso de Guzmán, señor de Lepe y Ayamonte, hijo del I conde de Medina Sidonia, Juan Alfonso de Guzmán (BNE, Ms. 10.282 y 10.287). En este manuscrito se observan numerosas correcciones y tachaduras, lo que indica que puede tratarse de un borrador de la traducción.

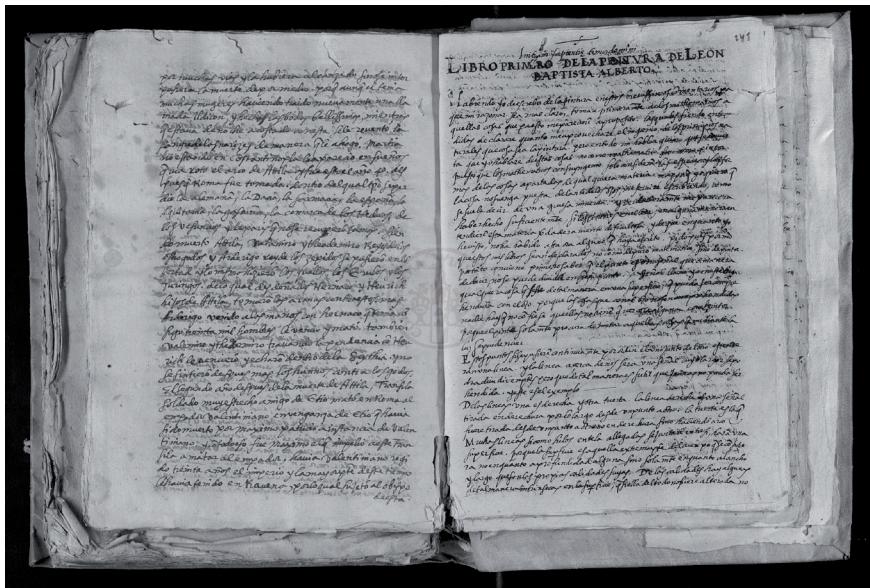
Es probable que Alfonso Martínez del Puerto estuviese al servicio de Alonso de Guzmán como escribano o secretario, utilizando para la copia un tipo gráfico más propio de los documentos que de los libros, con las iniciales por trazar, dando como resultado libros utilitarios, corrientes y no cuidados o de lujo, como sería de esperar al estar destinados a un miembro de la alta nobleza castellana. Manuscritos que contrastan con los cinco bellos tomos de la versión latina que años más tarde hizo copiar otro miembro de la nobleza sevillana, Pedro Afán de Ribera, en cuyos tres primeros cuerpos intervinieron *Petrus Gallicus* y *Jacobus Parisiensis* entre 1434 y 1437, conservados en la Biblioteca Universitaria de Sevilla (BUS, Ms. 332-145/147).

Bien entrado el siglo XVI, Hernán Ruiz II, maestro mayor de las obras de la Iglesia Catedral de Sevilla, llevó a cabo uno de los primeros intentos de traducción al castellano, de los varios que se realizaron y circularon por los medios académicos y arquitectónicos a mediados de ese siglo, del primero de los diez libros que componen el tratado *De architectura* de Marco Vitruvio Polión, el gran arquitecto romano del siglo I a. C. Su traducción ocupa los diez primeros folios del Ms. Rs. nº39 que conserva la Biblioteca de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid. Es de peor calidad que la que haría, alrededor de 1569, Miguel de Urrea, que terminaría por publicarse en 1582 en Alcalá de Henares. La segunda sección del manuscrito, que ocupa los fl. 12-48 a línea tirada, está dedicada a la Geometría, siguiendo muy de cerca el libro primero de la *Geometría* de Sebastiano Serlio, publicado en 1545 en italiano y en francés y nunca traducido al español.

Dentro de esta labor de traducción de textos científicos y de carácter

artístico en otras lenguas se halla la mayor parte de un manuscrito autógrafo del catedrático de Cosmografía y piloto mayor de la Casa de la Contratación de Sevilla, Rodrigo Zamorano (BCC, Ms. 56-5-4). Un total de doscientos cincuenta folios, algunos en blanco y muchos en mal estado de conservación, y que pudo ser el embrión de su *Cronología y repertorio de la razón de los tiempos*, impreso por Andrea Pescioni y Juan de León en 1585. Años más tarde, el 31 de diciembre de 1592, se le prorrogaría el privilegio de impresión por otros ocho años, llevándose a cabo una segunda edición en 1594 en la imprenta de Rodrigo de Cabrera.

En los dieciséis folios siguientes del citado manuscrito, el cosmógrafo lleva a cabo la traducción al castellano de los dos primeros libros que integran la obra de Flavio Biondo *Historiarum ab inclinatione Romani Imperii*, publicada en Venecia en 1483, a partir de la traducción al italiano que, a su vez, hiciera Lucio Fauno, y, más concretamente, de la 2<sup>a</sup> edición aparecida en Venecia en 1547 bajo el título *Le Historie del Biondo, da la declinazione che l'imperio di Roma, insino al tempo suo (che vi corsero circa mille anni). Ridotte in compendio da Papa Pío, e tradotte per Lucio Fauno in buona lingua volgare*. Le sigue un fragmento de traducción del tratado de León Battista Alberti *De Pictura*, que es uno de los hallazgos más interesantes de la literatura artística escrita en castellano durante el XVI. En primer lugar, por tratarse del primer intento por volcar a una lengua romance, distinta de la italiana y, en segundo término, porque su existencia prueba que fue una obra más conocida de lo que hasta ahora se había pensado. Su traducción surgió en un ambiente científico, no propiamente artístico como sería de esperar, centrado en el mundo de las matemáticas, ciencia tenida por fundamento de los restantes saberes y que estará en el origen de la Academia que fundaría en Madrid el rey Felipe II (MORALES 1995: 141-145). Lleva por título *Libro primero de pintura de Leon Baptista Alberto* y ocupa un total de seis folios, en los que el texto se ve acompañado de dibujos ilustrativos que, en ocasiones, no llegaron a ejecutarse, dejando los espacios en blanco.



**Fig. 2.** Cronología y Repertorio de la razón de los tiempos, Rodrigo Zamorano.  
(BCC, 56-5-4).

La traducción se interrumpe a mitad del libro primero y el manuscrito continúa con la nota de Rodrigo Zamorano en la que proclama su autoría de la traducción del latín al romance de los diez libros del *De re aedificatoria* de Alberti, que circulaba a nombre ajeno, y otra de un tal Araujo, que ocupan ocho folios. En los nueve finales, algunos de ellos rotos, se halla un texto inconcluso, con anotaciones marginales y numerosas correcciones y espacios en blanco para ilustraciones, que lleva por título *Discursos de las fortificaciones*, articulado en cuatro capítulos, sin precisar si se trata de una obra original o de la traducción de un texto ajeno. Sin embargo, el título general, así como los de los cuatro capítulos, confirman que se trata de la traducción de la obra de Carlo Tetti, *Discorsi delle fortificatione*, a partir de la primera edición, aparecida en Roma en 1569, la única que ofrece el mismo esquema.

Tan interesante manuscrito carece de cualquier referencia que permita señalar, aunque sea de manera aproximada, la fecha de su ejecución, aunque Alfredo Morales lo situó antes de 1584, fecha en la que se le concedió el privilegio de impresión para la *Cronología o Repertorio de la razón de los tiempos*. No fueron estos los únicos trabajos de traducción llevados a cabo por Rodrigo Zamorano, ya que, en 1576, apareció su traducción de los seis primeros libros de la *Geometría* de Euclides, dirigida al canónigo de Sevilla Luciano Negrón, para la que se le había concedido licencia de impresión el 24 de marzo de 1574

(ÁLVAREZ 2004, I: 110-112).

El cuarto *modus faciendi librum* es el del *auctor*, el del que escribe lo propio como texto principal y lo ajeno como confirmación de lo dicho. Esta modalidad no desapareció con la invención de la imprenta, aunque su existencia repercutirá en la presentación y el formato de los nuevos manuscritos de autor.

La Biblioteca Capitular y Colombina conserva diversos manuscritos de autor, unos anteriores y otros posteriores a la invención de la imprenta. En el primer grupo se encuentran los ocho manuscritos que el agustino Bartolomeo da Bologna compuso, compiló, “minió” y encuadernó entre 1491 y 1498 (BCC, Ms. 7-1-38/45), tal y como testimonia en una de sus páginas – “Iste liber est mei fratri Bartolomei de Bononia compositum, dictatum et compilatum per me ligatum et miniatum anno Domini 1491” (BCC, Ms. 7-1-38, fl. 168). Son códices autógrafos que Hernando Colón adquirió el 21 de noviembre de 1530 en Bolonia por 48 o 49 cuatrines cada uno, si bien no todos llevan nota de compra. Como libros de uso personal, en su redacción utilizó el papel como materia sustentante de la escritura, pautado con mina de plomo y una escritura de difícil catalogación, de trazos descabalgados que no mantienen la regularidad de la línea de escritura, frecuentes ligaduras y escasas abreviaturas, que podría ser calificada de gótica cursiva fuera de sistema.

La citada biblioteca conserva también un manuscrito autógrafo de Francesco Filelfo – Ms. 7-1-13 –, descubierto hace años por Klaus Wagner y analizado más tarde por José Solís (WAGNER 1977: 70-82; y SOLÍS 1989). De la autoría de este manuscrito ya dejaría constancia el hijo de Cristóbal Colón en el asiento correspondiente de su *Índice General Alfabético* – “originalis ex propria Philephi manu”. La condición autógrafa de, al menos, los fl. 21-24 y 27-30, queda de manifiesto porque en el vuelto de los fl. 24 y 30, que sirvieron de envoltura, se puede ver el plegado de las cartas, así como restos de los respectivos sellos. La primera de ellas es una sátira dirigida a Niccolò Arcimboldi y, la segunda, es un poema ditirámrico en tercera rima, dirigido a Francesco Sforza y fechado en Milán el 19 de noviembre de 1447. En ambas utilizó una humanística cursiva con gran soltura, sacando al margen las iniciales, siguiendo la costumbre de época clásica, en el poema dirigido a Francesco Sforza.

Manuscrito de autor es también el *Vocabularius uerborum graecorum editus a magistro Bartholo Castrensis, Rome anno 1516*, carece de nota de compra, pero sí la de registro en el *Índice Numera l* – “está registrado 3.328”. Presenta los términos en griego y la traducción en humanística cursiva sin ningún tipo de pautado, aunque se perciben perforaciones (BCC, Ms. 7-1-10). Entre los manuscritos de autor conservados en la citada biblioteca sevillana se hallan dos provenientes del Seminario Conciliar, que contienen otros tantos tratados

del fundador del Colegio de Santa María de Jesús, Rodrigo Fernández de Santaella. El primero es el *Passus Sacrae Scripturae* (BCC, fondo seminario, Ms. 7), texto inédito, en el recto de cuya tercera hoja de guarda menciona la copia que del mismo se hizo, entre el 3 de mayo y el 23 de septiembre de 1763, para ponerla en la librería del colegio, aludiendo a su carácter de obra autógrafo y a las referencias que Rodrigo Fernández de Santaella hizo a otras obras que había escrito, como los *Quinque articuli adversus iudeos*, que, junto con el *Memoriale Pontificum*, también se copiaron para la librería ese mismo año, y a unos *Sermones*, de los que la nota dice que no estaban en el colegio ni se sabía de ellos. En esa nota se da constancia de que Rodrigo Fernández de Santaella era todavía canónigo cuando la escribió y cita otra obra que éste mencionaba en la carta que dirigió al arzobispo de Sevilla y que se conserva al final del *Memoriale Pontificum*, titulada *Guión de los Reyes*, que es una exposición al Salmo 100. Las abundantes tachaduras, correcciones e inserciones interlineales en una gótica híbrida, trazada al correr de la mano con gran fluidez y soltura, sacando al margen las iniciales principales, como hiciera Francesco Filelfo, y sin ningún tipo de pautado e impaginación explican su carácter autógrafo.

El *Memoriale pontificum* (BCC, fondo seminario, Ms. 4), escrita al estilo de las guías espirituales de los obispos para encomiar la residencia de los prelados en sus diócesis, la envió a fines de 1486 al cardenal Diego Hurtado de Mendoza como “obsequio por motivo de la Pascua”. De su puño y letra escribió, en una gótica híbrida, las notas marginales y los fl. 45v-46r, que recogen la copia firmada de la carta que había enviado al cardenal acompañando al texto, en la que cita otro que también le envía, hoy perdido, así como la respuesta de éste y la carta del canónigo Pedro de León aprobando el contenido. Firma como canónigo, que lo era desde 1482, ya que hasta 1500 no se le concedió el arcedianato de Reina, por lo que la copia debió de hacerse antes de esta fecha. Es también un texto inédito, al que sigue la ya citada *Quinque articuli adversus iudeos*, que Joaquín Hazañas cree que escribió en torno a 1492 (CASQUETE y SÁEZ 2002: 31-58).

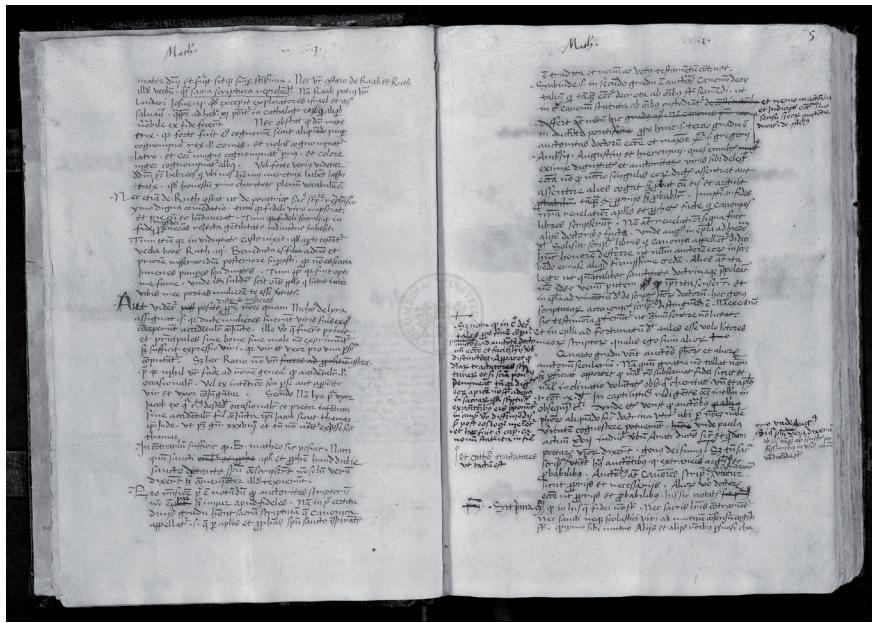


Fig. 3. *Memoriale pontificum*. BCC, Seminario, Ms. 4.

Otro ejemplo de borrador autógrafo, y en este caso rubricado, lo representa el manuscrito que contiene *La historia de Sevilla* de Alonso de Morgado (BNE, Ms. 1.344), impresa por vez primera en los tórculos de Andrea Pescioni y Juan de León en 1587. El manuscrito contiene una introducción anónima en humanística cursiva de difícil lectura, que encabeza una cruz cursiva y una cantidad – “2.000 reales”; ocupa los fl. Ir-IIr y se inicia con estas palabras:

Este libro es el original de la historia que publicó impressa Alonso / de Morgado, clérigo presbítero, capellán de la Yglesia Parrochial de Santa Anna,/ extramuros de Seuilla, en la collasión de Triana de la otra parte del río,/ era natural de la villa de Alcántara en Stremadura, lugar muy conocido... (BNE, Ms. 1.344, fl. Ir-IIr).

El texto de Morgado, en una bella humanística cursiva, se inicia en el fl. 1r, con numeración árabe original, que presenta, al igual que los siguientes, un mal estado de conservación debido a la composición metálica de la tinta, en cuyo ángulo superior derecho aparece la fecha de 1592, en tanto que en el izquierdo hallamos la nota: “author Alonso de Morgado, presbítero, natural de la villa de Alcántara y residente en Seuilla”. Su naturaleza de borrador del impreso queda de manifiesto si comparamos ambos textos:

Ms.: Libro primero de la chrónica de la / muy noble y muy leal cibdat de Seui/lla en el qual se contiene su primera fundación por Lybio Hércules, el Egypciano, / con el discurso de su estado y sucesión de / los reyes de España desde Tubal, que / la pobló, hasta el rey don Rodrigo, 34 rey / godo, que la perdió. / Razón del tiempo en que se fundó / Seuilla por Hércules y causa / fundamental porque Dios destruyó / el mundo por aguas del gene/ral diluvio. Cap.Iº

Imp.: Libro primero de la historia de Sevilla, contiene su primera fundación, y discurso de su estado, hasta cuando el Sancto Rey Don Fernando tercero la ganó de poder de los moros. Cavsa fvndamental, porqve Dios destruyó el mundo por aguas del diluvio, dexando solamente con vida al justo Noe, y a sus tres hijos y mugeres para generación de otras nueuas gentes, y excelencias de la Bethica. Cap. I

Tampoco el final es el mismo. El manuscrito concluye haciendo referencia a la inundación que sufrió Sevilla en 1565 y a los daños que causaron a un cenobio trianero:

Nuestro Monasterio de Consolación / en Triana quedó tan estragado que / no pudo resibir sus monjas hasta el mes de (espacio en blanco) del año siguiente de / 1566 [corregido sobre: 96], por quando ellas se bol/vieron a su primera clausura y recogimiento, avnque tan temerosas de lo / pasado, que no osaron sperar a allí otro / invierno [...] como quie/ra que los manjares del ánima son los / verdaderamente saludables, / cuidemos de la nuestra para / que limpia y hermosa nues/tra alma acabemos en el Se/nor, que nos a de juzgar. Se/villa etc. El licenciado Alonso de / Morgado (*rúbrica*).

Borrador de manuscrito autógrafo y firmado como el de Alonso de Morgado es también el Ms.18.109 de la BNE con la *Genealogía de Garci Pérez de Vargas*, escrita por el Inca Garcilaso de la Vega<sup>2</sup>, que concluye así: “De Cór/doba y desta pobre casa de alquiler cinco de ma/y/o de 1596 años./ Ynca Garcilaso / de la Vega (*rúbrica*)”. Prueba su condición de borrador las muchas correcciones, enmiendas interlineales y tachaduras de renglones enteros que presenta, incluso en la página con la que se inicia actualmente el manuscrito, en una humanística cursiva de trazado caligráfico.

El Ms. 8.254 de la citada biblioteca contiene el original de la *Primera y segunda parte de los coloquios o diálogos matrimoniales* de Pedro de Luxán,

<sup>2</sup> Esta obra fue publicada por el marqués del Saltillo en 1929 (LASSO 1929: 296-307).

dirigida a Andrés Fernández de Córdoba, miembro del Consejo Real y oidor de la Real Audiencia de Sevilla, de la que el autor era abogado. Sin duda, uno de los personajes más interesantes y polifacéticos de la Sevilla del quinientos, ya que, además de abogado, fue impresor, librero y autor (ÁLVAREZ 2009, I: 132-153). Es más que probable que fuese el ejemplar que entregó, el 20 de agosto de 1587, al bizcochero Diego de Salinas, vecino de Sevilla en el barrio de Triana, para que compareciese ante el Consejo Real y lo presentara junto con otras dos obras suyas, tituladas: *El caballero de la Cruz y Norte de justicia y tesoro de misericordia*, para que se viesen y se le concediese licencia y privilegio de impresión por el tiempo que se estimara conveniente. Es evidente que no obtuvo lo deseado, ya que sólo se imprimieron los seis diálogos de la primera parte en las varias ediciones que se hicieron entre 1550 y 1577.

Autógrafos, en parte, son también los Ms. 10-1-2 y 10-1D-3 de la BCC con el *Itinerario o Descripción y Cosmografía de España*, que Hernando Colón inició el lunes 3 de agosto de 1517, del que en la BNE se conservan sesenta y cinco folios que conforman el actual Ms. 7.855, treinta y seis encajan entre los fl. 97 y 98 actuales del vol. I de la BCC y, el resto, al final. Ambos tomos son manifestaciones diferentes de la misma obra, proyectada y ejecutada una, la primera, en función de la segunda (MARÍN 1970: 161-251). En realidad, se trata, como en el caso anterior, de un borrador y de un códice facticio que se fue escribiendo en cuadernos independientes unos de otros, aunque en este caso referidos a un mismo asunto. Las partes autógrafas de Hernando están escritas en una humanística cursiva corriente con reminiscencias de la procesal a manera de viñetas insertas entre líneas.

En los manuscritos de autor hasta aquí analizados no se perciben modificaciones en la presentación y desarrollo del texto respecto al resto de los manuscritos medievales, fuera cual fuese su forma de producción, cuya característica principal es la carencia de portada y de unas distinciones claras y precisas de las diferentes partes constitutivas de la obra; en unos casos, escritas para uso personal y, en otros, por encargo, diferenciándose en este caso por el uso de una escritura más clara y el texto embellecido con iniciales ornamentadas y existencia de rúbricas para facilitar la lectura. En el caso del manuscrito de Pedro de Luxán, la portada se presenta al dorso de la hoja de guarda en forma de racimo de uva, encabezada por una cruz cursiva:

PRIMERA I SEGVN/da parte de los coloquios o diá/logos matrimoniales del  
licenciado Pedro / de Luxán, vezino y abogado en la Re/al Audiencia de Seuilla,  
diri/gidos a don Andrés Fernán/dez de Córdoua, del Con/sejo del Rei, nuestro  
/ señor y su oidor en / la Real Audien/cia de Seuilla (BNE, Ms. 8.254, fl.1)

Con la invención de la imprenta y su desarrollo por toda Europa, los nuevos libros reprodujeron, en un primer momento, muchas de las características que tenían los libros que se venían produciendo a mano (HAEBLER 1995): se dejaban los espacios para ejecutar a mano las iniciales por los mismos calígrafos y miniadas por los mismos artistas que trabajaban en los manuscritos. Se usaron no sólo alfabetos con caracteres aislados, sino también grupos de letras unidas entre sí por los mismos nexos que en la escritura de los códices y se mantuvo la ordenación por reclamos y signaturas, entre otras cosas. Como señalan Lucien Febvre y Henri-Jean Martin, en los inicios, los impresores, lejos de innovar, se preocuparon mucho por la imitación. De ahí que, la aparición de la imprenta, no supusiera una rápida revolución en la presentación del libro, sino el comienzo de un proceso evolutivo que lo llevaría a alejarse de su modelo inicial, el manuscrito, hasta adquirir sus propias características (FEBVRE y MARTIN 2005: 71-72).

En los “libros de mano” se dio el proceso contrario, es decir, también la evolución de los libros impresos influyó en la presentación y desarrollo del texto en los manuscritos de autor producidos en la Edad Moderna y, más concretamente, a lo largo del siglo XVI.

El primer hecho a destacar es la aparición de la portada con la indicación del título de la obra, a veces seguido de un subtítulo o una aclaración del contenido, nombre del autor, acompañado en ocasiones de algún dato más referido a su persona, y fecha de composición. Así lo vemos en el Ms. 59-2-21 de la BCC: “(Cruz) SVMA DE COS/MOGRÁPHÍA./ Contiene muchas demostraciones, reglas y / auisos de Astrología, Filosofía y Nauegación./ Fazialo el maestro Pedro de Medina, vezino de / Seuilla: el que compuso el libro del Arte de / Nauegar./ 1561/”, escrito entre líneas de justificación y rectrices dobles, trazadas con tinta y conjugando dos tipos gráficos: capitales cuadradas agrandadas para el título y una humanística *formata* de módulo más pequeño para el subtítulo y autor, del que se da el nombre, apellido y vecindad, así como la aclaración de que fue el que compuso el libro del *Arte de navegar*, y, por último, el año de composición en números arábigos. Datos que, en los manuscritos medievales, caso de existir, quedaban reducidos a una rúbrica en rojo o englobados dentro del *incipit*, o lo que es lo mismo, en la fórmula con la que se daba comienzo al texto.

No existía, salvo raras veces, el título exento y, en ocasiones, el nombre del autor y fecha de composición, caso de aparecer, lo hacían en la fórmula final o colofón, en el que se podían añadir otros datos referidos a la climatología que hacía cuando se concluyó el trabajo, filiación, hechos históricos, etc. Como señala José Simón Díaz, las ediciones incunables de manuscritos con las mismas obras

nos permiten advertir la carencia de una norma fija, ya que, mientras en unos se transcribe íntegramente la fórmula, en otros, se simplifica, prescindiendo de lo superfluo, sobre todo a partir de la aparición de la portada (SIMÓN 1983: 45), que con el paso del tiempo sufrió un proceso evolutivo con el fin de reunir en ese lugar los datos esenciales para la identificación de la obra, llegando a ocupar, a fines del siglo XVII, más de veinte líneas, admitiendo no sólo textos escritos sino dando también cabida a elementos ilustrativos que llegaron a ocuparla casi por completo, dejando un espacio en la parte inferior en el que, en dos o tres líneas, se extracta el título, autor y algún otro dato (SIMÓN 1983: 36-37).

Con el mismo título, y también de Pedro de Medina, se conserva otro manuscrito (BNE, Res. 215). En este caso se trata de un códice de pergamino de tan sólo catorce folios, más dos de papel, uno al inicio y otro al final, escrito en humanística *formata* y capitales agrandadas para los inicios de los capítulos, con líneas de justificación dobles en rojo, magníficas ilustraciones, entre ellas cinco grabados de las Sibilas de Lambert Suavius en los fl. 1v, 15v y 16r, con hoja de portada, después de tres planisferios iluminados a doble página, en el fl. 4v, en la que, en un recuadro trazado con un listón rojo y amarillo con un círculo pequeño y un semicírculo mayor en la línea superior e inferior, hallamos el título y autor de la obra en capitales agrandadas, con la inicial principal rellena también de rojo y amarillo, sobre líneas rectrices dobles en rojo, separadas por asteriscos en los dos colores citados y finalizando con un adorno de pluma: “SVMA\*DE\* COSMOGRAPHÍA / FECHA\*POR EL\* MAESTRO\*/ PEDRO\* DE\* MEDINA”. Carece, en cambio, de prólogo y su *incipit* y *explicit* son los que siguen: “TODA LA MACHINA O REDONDEZ del mundo se diuide en dos partes, es a saber [...] parte haze cada medio ni es la guarda o estrella de relox la media noche esta figura lo enseña” (BNE, Res. 215, fl. 4v y 14v).

El manuscrito titulado *Discursos festivos en que se pone la descripción del ornato e inuenciones, que en la fiesta del Sacramento la parrochia collegial y vecinos de Sant Saluador hizieron* (BNE, Ms. 598), presenta una portada en la que, además del título, en una bella *littera textualis formata* en su variedad *rotunda*, precedido de un calderón y entre líneas de justificación dobles, se menciona el nombre del autor – “Por el licenciado Reyes Messía de la Cerda” – y a quién va dirigida la obra – “Dirigido al invicto y generoso conde de / Priego, assistente de Seuilla / don / Pedro Carrillo de Men/doça”. Debajo, el escudo de armas de Fernando Carrillo de Mendoza, conde de Priego y asistente de Sevilla, con el lema: “Si quid aduersus fidem inue/niatur: indictum putetur”, en humanística cursiva.

Sin embargo, lo que no existió en los manuscritos medievales fue el “prólogo del autor dirigido al prudente lector”, frecuente en los impresos, que vemos en

el fl. I de la *Suma de Cosmographía* de Pedro de Medina de la BCC, haciendo uso de capitales y la humanística *formata* entre líneas de justificación y rectrices dobles trazadas con tinta, en la que el autor anticipa al lector el contenido del libro, encabezado por una *E* capital agrandada rellena de rojo, sobre un fondo de roleos de pluma.

Sigue el índice del contenido, manteniendo el término habitual en los manuscritos medievales para designar esta parte de la obra: “tabla”, frecuente en éstos, que, en ocasiones, se complementa con otras referidas a las distintas partes de la obra, con la precisión de los folios correspondientes, precedido cada epígrafe por pequeños círculos llenos de rojo, que ocupa los fl. IIr-IIIv: “TABLA DE LAS COSAS / EN ESTE LIBRO CONTENIDAS”.

El texto se inicia en el fl. IIIIr, conjugando, una vez más, la humanística *formata* y las capitales agrandadas, que se complementa con ilustraciones a color, algunas de ellas, como la que aparece en el fl. LV ilustrativa del mar océano, incorporan recortes de las ilustraciones de su *Arte de navegar*, impreso en Valladolid en casa de Francisco Fernández de Córdoba en 1545, el primer tratado impreso dedicado exclusivamente a esta ciencia. En realidad, es un extracto de esta obra, en el que las ilustraciones prevalecen sobre el propio texto. Años más tarde, en 1563, publicaría en Sevilla en casa de Simón Carpintero con el título: *Regimiento de nauegación*.

Entre los siglos XV y XVI el libro se encuentra en un proceso de cambios continuos, un periodo transicional protagonizado en parte por la irrupción de la imprenta. Los primeros impresos, como se ha indicado, se inspiraron en los hermosos manuscritos medievales, experimentándose un proceso inverso en las siguientes centurias. No sería el fin del libro de mano, pues su uso y su circulación siguieron estando muy presentes en determinados ámbitos y contextos sociales.

## Fuentes

Biblioteca Capitular y Colombina, MSS., 5-1-37, 5-1-45, 5-2-35, 5-2-24, 5-2-38, 5-3-29, 5-6-8, 7-1-10, 7-1-13, 7-1-38, 7-6-4, 10-1-2, 10-1D-3, 56-5-4, 59-2-21, 59-3-7, fondo seminario, Ms. 4 y 7.

Biblioteca de El Escorial, h.I.6.

Biblioteca Fundación Lázaro Galdiano, Inventario 15.304.

Biblioteca General de la Universidad de Sevilla, Ms. 332-145/147.

Biblioteca Musée Condé de Chantilly, Ms. 1.434.

Biblioteca Nacional de España, MSS. 598, 1.344, 7.855, 8.254, 9.244, 10.233, 10.269, 10.282, 10.287, 10.814, 17.864, 18.109 y Res. 215.

## Bibliografía

- ÁLVAREZ MÁRQUEZ, M<sup>a</sup> Carmen (1993). “Escribas y colofones en la Biblioteca Capitular y Colombina de Sevilla”, en *Scribi e colofoni: le sottoscrizioni di copisti dalle originis all'avvento della stampa: atti del seminario di Erice X Colloquio del Comité International de Paléographie Latine (23-28 ottobre 1993)*. Spoleto: Centro italiano di studi sull>alto medioevo, 385-413.
- ÁLVAREZ MÁRQUEZ, M<sup>a</sup> Carmen (1994). “Catálogo de los manuscritos en italiano de don Hernando Colón”, en *Tra Siviglia e Genova: notario, documento e comercio nell'età colombina. Atti del Convegno Internazionale di Studio Storici per le celebrazioni colombiane organizzato dal consiglio notarile dei distretti riuniti di Genova e Chiavari sotto l'egida del consiglio nazionale del notariato (Genova- 12-14 marzo 1992)*. Milano: Guiffrè editore, 231-325.
- ÁLVAREZ MÁRQUEZ, M<sup>a</sup> Carmen (1995). “Catálogo de colofones de la Biblioteca Capitular y Colombina de Sevilla”. *Scriptorium*, 49, 283-311.
- ÁLVAREZ MÁRQUEZ, M<sup>a</sup> Carmen (1999). *Manuscritos localizados de Pedro Gómez Barroso y Juan de Cervantes, arzobispos de Sevilla*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá.
- ÁLVAREZ MÁRQUEZ, M<sup>a</sup> Carmen (2003). “El itinerario de adquisiciones de libros de mano de Hernando Colón”. *Historia, Instituciones, Documentos*, 30, 55-103.
- ÁLVAREZ MÁRQUEZ, M<sup>a</sup> Carmen (2004). “El escribano de letra de libros ‘versus’ el cajista: supervivencia y circulación del libro a mano en la Sevilla del Quinientos”, en Pedro M. Cátedra y M<sup>a</sup> Luisa López Vidriero (coords.), *La memoria de los libros. Estudios sobre la historia del escrito y de la lectura en Europa y América*. Salamanca: Cilengua, 87-176.
- ÁLVAREZ MÁRQUEZ, M<sup>a</sup> Carmen (2007). *La impresión y el comercio de libros en la Sevilla del Quinientos*. Sevilla: Universidad de Sevilla.
- ÁLVAREZ MÁRQUEZ, M<sup>a</sup> Carmen (2010). “El libro en la Baja Edad Media. Su caligrafía”, en *Las inscripciones góticas. II Coloquio Internacional de Epigrafía Medieval. León del 11 al 15 de septiembre de 2006*. León: Universidad de León, 263-332.
- ÁLVAREZ MÁRQUEZ, M<sup>a</sup> Carmen (2010). “Manuscritos de copistas hispanos (siglos XIV y primer tercio del XVI)”, en *Paleografía II. Las escrituras góticas desde 1250 hasta la imprenta. V Jornadas de la Sociedad Española de Ciencias y Técnicas Historiográficas. Oviedo, 18 y 19 de junio de 2009*. Oviedo: Universidad de Oviedo, 51-106.
- BECEIRO PITA, Isabel (1983). “Los libros que pertenecieron a los condes de Benavente, entre 1434 y 1530”. *Hispania: Revista Española de Historia*, 154, 237-280.
- BECEIRO PITA, Isabel (1998). *El condado de Benavente en el siglo XV*. Benavente: Centro de Estudio Benaventanos.
- BECEIRO PITA, Isabel (2007). *Libros, lectores y bibliotecas en la España medieval*. Murcia: Nausícaä.

- BOUZA, Fernando (2010). "Plus auteur que l'auteur. Traduire comme exercice royal et aristocratique", en *Hétérographies: formes de l'écrit au Siècle d'Or espagnol*. París: Collège de Francia.
- CASQUETE DE PRADO y SÁEZ GUILLÉN, Francisco (2002). "Libros de Maese Rodrigo y del Colegio de Santa María de Jesús en la Institución Colombina". *Historia, Instituciones, Documentos*, 29, 31-58.
- CLAIR, Colin (1998). *Historia de la imprenta en Europa*. Madrid: Ollero y Ramos.
- FEBVRE, Lucien y MARTIN, Henri-Jean (2005). *La aparición del libro*. México: Libraria.
- GIL, Juan (2000-2003). *Los conversos y la Inquisición sevillana*. Sevilla: Fundación El Monte.
- HAEBLER, Konrad (1995). *Introducción al estudio de los incunables*. Madrid: Ollero y Ramos.
- LASSO DE LA VEGA y LÓPEZ DE TEJADA, Miguel (1929). "El inca Garcí Lasso y los Garcí Lasso". *Historia. Revista de Historia y de Genealogía española*, 16, 296-307.
- LEROQUAIS, Victor (1934). *Les bréviaires manuscrits depuis bibliothèques publiques de France*. Paris: s.e.
- MARÍN MARTÍNEZ, Tomás (1970). "Memoria de las obras y libros de Hernando Colón" del Bachiller Juan Pérez. Madrid: Cátedra de Paleografía y Diplomática.
- MESTRE NAVAS, Pablo Alberto (2017). "Gestión y administración del clero y notariado apostólico en los establecimientos de caridad", en Alicia Marchant Rivera y Lorena C. Barco Cebrián (coords.), *Escritura y Sociedad: el clero*. Málaga: Comares.
- MORALES MARTÍNEZ, Alfredo José (1995). "El cosmógrafo Rodrigo Zamorano, traductor de Alberti al español". *Annuali di Architettura. Rivista del Centro Internazionale di Studi di Architettura Andrea Palladio*, 7, 141-146.
- PETRUCCI, Armando (1999). *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Barcelona: Gedisa.
- RUIZ, Elisa (2002). *Introducción a la codicología*. 2ª ed. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
- SÁEZ GUILLÉN, José Francisco (2002). *Catálogo de manuscritos de la Biblioteca Colombina de Sevilla*. Sevilla: Institución Colombina.
- SAN BUENAVENTURA (1892-1902). *Opera omnia*. Tomo I. Ad Claras Aquas, Quaracchi: Collegii a S. Bonaventura, 14-15
- SÁNCHEZ MARIANA, Manuel (1988). "La ejecución de los códices en Castilla en la segunda mitad del siglo XV", en *El libro antiguo. Actas del primer Coloquio Internacional (Madrid, 18 al 20 de diciembre de 1986)*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 317-344.
- SOLÍS DE LOS SANTOS, José (1989). *Sátiras de Filelfo*. Sevilla: Alfar.
- WAGNER, Klaus (1977). "Un manuscrit autographhe inconnu de Francesco Filelfo". *Scriptorium*, 31, 70-82.

# O Rei, a universidade e o “bom regimento dos regnos”. A normatização moral do oficialato académico nos estatutos universitários manuelinos (c. 1503)

*The King, the University and “the good governance of the kingdoms”. The moral regulation of the academic officials in the university statutes of king Manuel I (c. 1503)*

**RUI MIGUEL ROCHA**

Universidade de Lisboa, CH-ULisboa | PIUDHist

ruimrocha92@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7983-0688>

Texto recebido em / Text submitted on: 04/12/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 19/10/2020

**Resumo.** As preocupações com a conduta moral ocuparam um papel preponderante, direta e indiretamente, na produção legislativa e burocrática da Idade Média, muitas vezes associada ao processo de construção simbólica de uma imagem de virtuosidade e honra, na qual intervieram a Igreja Católica e a Coroa. Como tal, no âmbito desta relação entre poderes, a Coroa não abdicou de um protagonismo na tarefa de orientação moral dos súbditos do seu reino. O presente ensaio, com base nos estatutos manuelinos do Estudo Geral, visa assim estudar a intervenção régia na esfera universitária portuguesa no início do século XVI, em particular na normatização moral dos seus elementos. Mais concretamente, a partir de um regulamento universitário subscrito por D. Manuel I em 1503, pretende este trabalho detetar a produção de normativas estatutárias de competência moral que regulavam especificamente o trabalho e ação dos homens pertencentes ao grupo do oficialato da Universidade de Lisboa.

**Palavras-chave.** Moral, Universidade, D. Manuel I, Oficialato académico, Estatutos.

**Abstract.** The concerns about moral conduct played a major role, directly and indirectly, in the legislative and bureaucratic production during the Middle Ages, often associated with the process of symbolic construction of an image of virtue and honor, areas in which the Catholic Church and the Crown sought to intervene. Consequently, within this relationship between powers, the Crown clearly took the lead in the task of moral guidance of the subjects of its kingdom. This essay, based on the Manueline statutes of the *Studium*, aims to study the royal intervention in the Portuguese university in the early 16th century, in particular on the moral regulation of its elements. More specifically, based on the university regulations subscribed by king Manuel I in 1503, this article intends to identify the statutory production of moral normatives that regulated the work and action of men belonging to the group of officers of the University of Lisbon.

**Keywords.** Morals, University, King Manuel I, Academic officials, Statutes.

## Introdução. Algumas considerações prévias

“*O tempora, o mores*”  
Cícero, Catilinárias, I, 2

Assim exprimia Cícero a sua exasperação para com a perversidade dos costumes do seu tempo. Traduzido literalmente para português significa “Oh tempos, oh costumes!” (PINHO 2006: 30). O termo moral (da expressão latina «*mores*»<sup>1</sup>) aparece assim indissociável de um tempo concreto, e implicitamente dependente de um quadro mental e sociedade específicos. Como tal, o exercício de estudar e analisar condutas e comportamentos morais num outro tempo, tal como muitos outros assuntos examinados sob uma perspetiva histórica, mas especialmente verdade nas matérias de carga valorativa, implica um exercício de abstração, muitas vezes difícil de concretizar. Não deve o historiador ver o passado com os seus próprios olhos, mas tentar assumir uma postura não somente imparcial e objetiva, mas mesmo próxima, tanto quanto possível, do tempo que se procura estudar. Por outras palavras, é recomendável, no âmbito do estudo da existência de disposições de natureza estatutária que visam a normatização moral da ação do oficialato universitário na Idade Média, estudar o conceito de moral enquadrado na alteridade, ou seja, procurar entender este processo num outro tempo, neste caso em concreto, os finais da Idade Média<sup>2</sup>. Para isso será necessário não somente definir concretamente, e sucintamente, o que se entende por moral, para que seja possível aplicá-la enquanto conceito operativo, mas também proceder à distinção entre esta noção e a de ética, com a qual aparece frequentemente confundida.

O filósofo Paul Ricœur informa que a ética<sup>3</sup> se insere no conjunto de debates multiseculares sobre as distinções e os atributos do *bem* e do *mal*, mas que implicam que haja uma reflexão do sujeito, na qual este se posiciona em relação a estes dois conceitos. Em contrapartida, a moral reporta-se à ação coletiva “em

---

<sup>1</sup> A etimologia do termo moral deriva dos vocábulos latinos «*mos*», ou no plural «*mores*», o que significa «costume» (SANTOS 2012: 44).

<sup>2</sup> Para este ensaio, reforçando a ideia de flexibilidade do processo de balizamento cronológico, consideramos as primeiras décadas do século XVI, um período habitualmente classificado de época moderna, como final do período medieval. Esta opção conceptual justifica-se plenamente pelo objeto de estudo ser em essência, durante a cronologia do estudo, uma instituição de forte cariz medieval, nomeadamente na grelha de saberes que veicula, entre muitos outros aspectos, com mais ligações ao passado do que ao período seguinte. Ao que tudo indica, a modernização da instituição universitária portuguesa só viria a acontecer verdadeiramente a partir da década de trinta do século XVI.

<sup>3</sup> Por sua vez, etimologicamente, o termo ética vem da palavra grega «*èthos*», o que significa «modo de ser» ou «carácter» (SANTOS 2012: 39). A própria natureza etimológica, como se verifica, já deixa antever as diferenças entre os dois conceitos.

consonância com princípios e regras reconhecidos como bens comuns e, por consequência, absolutamente indispensáveis” (RICOUER 1997: 39). Apesar de usualmente aplicados de forma indistinta, moral e ética têm, na verdade, dimensões e traços significativamente diferentes, do ponto de vista filosófico. Recuando até ao século XVIII, mais próximos da cronologia do estudo, já é possível encontrar muitas das mesmas considerações sobre as diferenças entre ética e moral, nomeadamente nos Dicionários de Bluteau (1728) e Moraes Silva (1789). Ética implica uma dimensão reflexiva e de meditação, requer ponderações e a utilização da razão para a colocação do indivíduo perante o mundo. Insere-se por isso no espectro individual, variando mediante as circunstâncias de um dado sujeito, mas, paradoxalmente, sem depender diretamente do espaço e do tempo. Como nos informa Moraes Silva, a ética é a “parte da Filosofia que se ocupa em conhecer o homem (...) que trata da sua natureza como ente livre” (MORAES 1789: 789). Nesse sentido, ética é universal e não cultural, situando-se num plano superior ao conceito de moral.

Moral, por outro lado, é o objeto da ética<sup>4</sup>, tratando-se de uma noção mais volátil, variável mediante as características inerentes a um grupo num determinado espaço e tempo. Aparece por isso associada à obediência a um conjunto de regras pré-determinadas e aceites por uma sociedade. Já no século XVIII, Bluteau e Moraes Silva também associam este termo – Moral – ao conceito de regra. O primeiro afirma que Moral é “coisa concernente as costumes, modo e regra da vida humana” (BLUTEAU 1728: 574); enquanto que o segundo considera que moral é a “ciência de regular os costumes com respeito ao honesto, virtuoso e decoroso” (MORAES 1789: 317). Nesse sentido, moral não é universal, mas sim cultural, pois depende de uma cultura e sociedade específicas, assumindo implicitamente a forma de “um conjunto ou códigos de bem ou mal que nos são impostos, isto é, o que se deve ou não ser feito” (RODRIGUES 2011: 21). Para Jean-Pierre Pourtois e Huguette Desmet a moral “reconhece os valores de bem e de mal, que são dados como absolutos (...). A ética, por sua vez, liga-se aos valores do bom e do mau e é sempre relativa a um indivíduo” (POURTOIS; DESMET 1997: 181-182), ao contrário de moral, que tem uma aplicação invariavelmente coletiva. Veja-se, por exemplo, a definição de David Saville Muzzey, a propósito de moral medieval, que nos informa que se trata efetivamente de costumes da vida social sancionados pela consciência enquanto comunidade<sup>5</sup>.

Logo neste conjunto de características relatadas, tendo em atenção que a

<sup>4</sup> José Manuel Santos informa que “ética é uma reflexão filosófica sobre a moral. A moral, por seu turno, seria, neste sentido, o objeto desta reflexão” (SANTOS 2012: 39).

<sup>5</sup> “customs or usages of social life sanctioned by the conscience of the community” (MUZZEY 1906: 29).

nossa fonte são os *estatutos manuelinos da universidade*, movemo-nos essencialmente no campo da moral, pois referem-se a normativas morais, e não éticas. Trata-se da imposição taxativa de um conjunto de regras, a um grupo particular com uma cultura específica (e, portanto, a um destinatário coletivo), não sendo idealmente sujeitas a qualquer tipo de reflexão por parte dos indivíduos, mas a uma conformidade com as regras, e cujas infrações poderiam resultar na punição dos transgressores das normativas morais.

Não quer isto dizer que estes conceitos não apresentem complementaridades, pois podem, mediante as circunstâncias, intersectar-se. Pourtois e Desmet chegam mesmo a afirmar que “Moral e Ética são dois modos de acesso convergentes a uma vida mais feliz e mais humana, mas que utilizam vias diferentes: a obediência (para a moral) e a razão (para a ética)” (POURTOIS; DESMET 1997: 181). Na mesma linha de pensamento Emmanuel Levinas sugere: “a ética identifica-se com a reflexão sobre os princípios que devem orientar a ação humana e a moral com a explicação (...) e a definição de regras” (LEVINAS 1988: 28).

No caso deste estudo, pretende-se então analisar a produção de normativas morais sobre a ação e conduta dos oficiais da universidade portuguesa no início do século XVI, e não o posicionamento ético desses homens individualmente perante as imposições estatutárias, que por si requer uma abordagem metodológica e documental completamente diferente<sup>6</sup>, se não mesmo, pela eventual falta de informação, impossível. Em concreto, este ensaio visa estudar o processo de construção e a organização do oficialato universitário no Estudo Geral de Lisboa nos finais da Idade Média, em torno de dois eixos centrais: 1) descrever e caracterizar a constituição e funções do oficialato académico português durante o período manuelino, ou seja, proceder a uma exposição de âmbito introdutório ao objeto de estudo; e 2) averiguar e comentar a existência de previsões estatutárias relativas a normatização moral dos comportamentos do grupo de oficiais da universidade portuguesa.

Em suma, o presente ensaio, com base na mais recente edição dos *estatutos manuelinos da universidade* (publicados em 1991 por Manuel Augusto Rodrigues)<sup>7</sup> procura avaliar a interferência do poder régio no processo de

<sup>6</sup> A análise do posicionamento ético dos oficiais da universidade exigia, complementariamente à consulta de fontes de carácter extraordinário (como são os estatutos), o estudo de fontes de natureza ordinária, nomeadamente as atas dos concelhos do Estudo Geral, implicando o reconhecimento e confronto entre fenómenos de incumprimento das disposições estatutárias com justificativas éticas.

<sup>7</sup> A documentação original dos estatutos manuelinos da universidade, formados por um total de 19 fólios (PT/AUC/ELU/UC/A/02/01), estão atualmente à guarda do Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC). Como acabamos de referir, este trabalho terá por base a última versão editada deste texto, publicada em conjunto com os dois estatutos anteriores por Manuel Augusto Rodrigues em 1991 (RODRIGUES 1991).

construção simbólica de uma imagem de virtuosidade e honra da universidade portuguesa, através da regulação do comportamento dos seus oficiais, essencial para o sucesso da instituição.

## **1. A Universidade portuguesa, a reforma e os estatutos de 1503**

A Idade Média foi, na sua globalidade, um período indiscutivelmente marcado pelo fervor e controlo religioso da época, e consequentemente, por uma conduta individual e coletiva pautada pelas constantes preocupações com a salvação da alma impostas pela Igreja Católica, que se assumia declaradamente como detentora do monopólio dos bons valores e costumes. Naturalmente, neste ambiente, determinado pela ação intervintiva da instituição em assuntos da esfera temporal e pela complexa articulação entre o poder político e as autoridades espirituais medievais, o rei reivindicou para si a prerrogativa de orientação moral dos súbditos do seu reino, uma circunstância com reflexos assinaláveis na produção legislativa dos finais da Idade Média (aspecto amplamente discutido, em particular, no âmbito da historiografia moderna e em torno do conceito de “disciplinamento social”)<sup>8</sup>. A influência da Coroa e da Igreja Católica torna-se ainda mais expressiva nesta matéria, quando se estuda uma instituição de criação régia, mas de forte matriz eclesiástica – como é exemplo paradigmático – a universidade portuguesa.

Quanto à instituição, durante um longo e instável percurso, entre a sua fundação nos últimos anos do século XIII (c. 1290) e o último quartel do século XIV (1377), a universidade portuguesa oscilou entre dois centros urbanos de Portugal (Lisboa e Coimbra) por quatro ocasiões, um traço muito particular desta instituição no contexto medieval europeu (DIAS 1997: 33-38), mas que, paradoxalmente, nunca permitiu que o Estudo Geral abandonasse a sua “formatação e dimensão nacionais, estando totalmente ausentes todas as características que marcam a internacionalização das maiores universidades europeias” (FERNANDES 2013b: 34). De acordo com vários autores, esta constante itinerância (embora merecedora, no nosso entendimento, de uma renovada análise) parece ter sido em muito motivada, pelo menos nos primeiros anos, pelos constantes agravos e conflitos entre os estudantes e os habitantes das duas cidades<sup>9</sup>, aparentemente devido ao comportamento disruptivo e in-

<sup>8</sup> A propósito do conceito de disciplinamento social no Portugal moderno, não podemos deixar de referir os importantes contributos de José Pedro Paiva (PAIVA 2011).

<sup>9</sup> A propósito dos conflitos entre os escolares da universidade portuguesa e os habitantes da cidade vide COELHO (2007)

disciplinado dos escolares, um fenómeno transversal a instituições homólogas que ficaria celebrizado na historiografia internacional como *Town and Gown*<sup>10</sup>. A partir do último quartel do século XIV, sítio na capital lisboeta por ordem de D. Fernando em 1377 (MARTINS 2013: 79-80), o Estudo Geral português encontraria o seu período de maior estabilidade até então, consentâneo com um maior enraizamento na cidade, cimentado pela apropriação simbólica dos seus espaços para a realização de uma multitude de atos e rituais académicos, nomeadamente aberturas de anos letivos, procissões, missas, cerimónias de colação de grau, entre outras<sup>11</sup>.

Assim, para discutir a existência de preocupações morais e a imposição de normativas dessa natureza na esfera universitária, situámos o leitor no Estudo Geral de Lisboa na primeira década da centúria de quinhentos, ou seja, nos últimos anos da universidade naquela cidade, antes da transferência definitiva para Coimbra em 1537, e simultaneamente, numa altura em que a universidade tinha estabilizado naquele meio urbano. Lisboa, a capital do reino português naquele período, fervilhava de gente e atividade. Artesãos e vendedores ambulantes, portugueses e estrangeiros de todas as partes do mundo, clérigos e nobres ocupados com os seus afazeres quotidianos, e também os universitários, transeuntes entre o bairro a eles destinado e os edifícios do Estudo Geral junto ao atual Pátio dos Quintalinhos (LOBO 2013: 287), enchiam as suas ruas e praças.

Concomitantemente, D. Manuel I, a governar desde 1495, trouxe consigo um impulso reformador sem precedentes, visível nas várias dimensões da ação administrativa do seu reinado. Procedeu a várias reformas urbanas da cidade lisboeta, reformou os pesos e medidas, reformou os forais do reino, reformou as Casas da Índia e da Mina, reformou os tribunais superiores, e reformou também a universidade, evidências muito sólidas do “desejo de modernizar, uniformizar e mesmo o de inovar” por parte do monarca (COSTA 2005: 133).

Esta última reforma, ao que parece, esteve assente na produção dos estatutos da universidade, subscritos indiscutivelmente por D. Manuel I e emanados, presumivelmente, no ano de 1503. Esta documentação, apesar de conhecida, foi pouco estudada no âmbito da compreensão do processo de reforma que marcou o reinado manuelino. É, no entanto, importante salientar a centralidade dos estatutos manuelinos da universidade, pelo facto de permitirem avaliar um conjunto diversificado de variáveis e temas. O documento é efetivamente o terceiro texto desta natureza para a instituição portuguesa, precedido apenas pelos proto-estatutos dionisinos (não assumindo verdadeiramente a

<sup>10</sup> A propósito deste tema vide BROCKLISS (2000).

<sup>11</sup> A propósito do tema dos rituais académicos e apropriação da cidade vide DESTEMBERG (2009).

forma de estatutos, mas apenas de carta de doação de privilégios e direitos à universidade aquando a sua transferência para Coimbra – a chamada *Magna Charta Priviligiorum* de 1309) e pelos estatutos de D. João I (1431). Não obstante, é o mais completo dos três, conservando por escrito um conjunto de prescrições alargadas sobre o funcionamento interno e organização da comunidade académica, que iam desde os trajetos a seguir nas procissões e a descrição detalhada dos rituais universitários, à enumeração dos professores e oficiais da universidade e às respetivas funções e salários, ao funcionamento das matrículas e despesas associadas, aos procedimentos no caso de ausência e substituição de lentes, às regras das eleições dos vários corpos académicos, até aos códigos de indumentária<sup>12</sup>.

À riqueza inegável dos dados nesta fonte, soma-se o facto de em si mesmos, os estatutos, aduzirem então o impulso reformador de D. Manuel I na instituição, sendo a materialização mais evidente deste processo, e, portanto, a documentação mais óbvia para o estudo da reforma manuelina da universidade. Como sintetiza Guilherme Camargo Massaú, a propósito dos Estatutos da Universidade de Coimbra numa época mais tardia, “Estatutos são o símbolo de uma nova conceção de mundo que se tentava implementar: a de renovação” (MASSAÚ 2010: 170).

Ao longo dos mais de quarenta artigos dos estatutos manuelinos, o rei, ao reformar os procedimentos dos escolares, professores e oficiais (bem como os respetivos privilégios e obrigações), regula implicitamente o comportamento moral dos membros da comunidade académica da universidade portuguesa, incluindo os seus oficiais, como forma de vincular à instituição uma imagem de virtuosidade e dignidade, e consequentemente, irradiar essa reputação ao seu reino.

## 2. O oficialato do Estudo Geral: organização, funções e características

A universidade medieval, enquanto instituição de ensino por excelência, era formada por três categorias de indivíduos distintas entre si: os escolares, os professores e os oficiais. Apesar da clara diferença entre estes três grupos, categorizados mediante as suas funções dentro da instituição, Armando Norte chama a atenção para o facto de constituírem agregados bem identificados, mas sujeitos a justaposições que por vezes ocorriam: “escolares que se tornaram mestres; lentes que, num determinado período, mais ou menos demorado,

---

<sup>12</sup> Sobre os diferentes estatutos da Universidade, vide GOMES (1986).

exerceram como oficiais; oficiais que, em simultâneo, frequentaram os estudos na condição de escolares” (NORTE 2013: 97-92).

Para este estudo, atentando os objetivos, interessa-nos focar exclusivamente o caso dos oficiais. Ora, os oficiais correspondem ao grupo de homens encarregues da administração do Estudo Geral, exercendo funções de natureza não somente académica, mas também judicial e económica<sup>13</sup>. São assim responsáveis por assegurar o funcionamento quotidiano da universidade de uma perspetiva eminentemente burocrática, permitindo que decorram com normalidade (e de acordo com os regulamentos) as atividades letivas entre mestres e escolares. Resumidamente, os oficiais são os homens que ocupavam postos ou cargos na orgânica administrativa do Estudo Geral.

Salvo raras exceções, desconhecemos por completo as habilitações e o nível cultural da maioria dos homens que ocupavam estes cargos. No entanto, pela natureza e exigência inerente às próprias funções, que requereriam certo tipo de competências muito específicas, infere-se que os oficiais seriam detentores de conhecimentos suficientes para o cumprimento das suas atribuições, ou seja, letrados, habilitados a ler e a escrever de forma proficiente. Esta circunstância conduziu a que muitas destas vagas fossem supridas (nalguns casos obrigatoriamente) por membros da própria academia portuguesa, ou seja, através de processos de recrutamento interno.

No entanto, para evitar a promiscuidade e corrupção no labor universitário que poderia eventualmente resultar desta forma de recrutamento, muitos destes cargos, “singulares ou colegiais, electivos ou de confiança política” (NORTE 2013: 94), implicariam rotatividade, já que estavam sujeitos a mandatos, na grande maioria anuais, tal como preveem os estatutos universitários do monarca D. Manuel I.

Os oficiais do Estudo Geral português organizam-se então em três grupos, o que corresponde, estratigraficamente, a cinco níveis (ver figura 1). O primeiro grupo corresponde à tutela do oficialato, sendo preenchida somente pelo protetor. A este competia, como o próprio nome indica, zelar pelo bom funcionamento da universidade, superintendendo todas as decisões e nomeações, protegendo o Estudo do exterior e de si mesmo também. Este cargo não está na génese no Estudo Geral português, tendo sido instituído pela primeira vez por D. João I. O primeiro a exercer esta função foi naturalmente alguém próximo do seu criador, o doutor João das Regras (1384-1404). Desde então, esta importante função foi sempre exercida por homens da confiança do rei,

<sup>13</sup> Esta divisão entre servidores com funções académicas, judiciais e económicas segue a categorização de José Marques (MARQUES 1997: 114). No entanto, não quer isto dizer que, mais uma vez, não existam sobreposições entre os vários tipos de funções.

nomeadamente por servidores da Coroa (o chanceler-mor Gil Martins [1412-1418]), por importantes dignatários eclesiásticos (o bispo de Lamego D. Rodrigo de Noronha [1476-1479] e o arcebispo de Lisboa D. Jorge da Costa [1479-1481]), ou mesmo por membros da Casa Real (o infante D. Henrique [1418-1460] e o infante D. Fernando [1460-1470]) (FERNANDES 2013a: 407), traduzindo assim uma conexão íntima entre a universidade e o poder político. Finalmente, num diploma datado no ano de 1479 (*CUP*, 7, 480-481), D. Afonso V determina que o seu filho, o futuro D. João II, exercesse o cargo de protetor, o que viria a concretizar-se a partir de 1481, inaugurando assim a tutela da universidade por parte do rei (MARQUES 1997: 127), posição esta continuada e consolidada por D. Manuel I. Apesar de integrarmos o protetor no organograma do oficialato, este não é considerado um oficial, pelo simples facto de ser desempenhado pelo monarca durante a cronologia do presente estudo.

A segunda categoria corresponde aos órgãos de governo, sendo constituída em primeiro lugar pelo reitor, que por sua vez, era auxiliado pelos conselheiros e deputados. O reitorado corresponde a um cargo eletivo e singular, na medida em que é exercido por apenas um homem, mas não foi sempre assim. De acordo com os proto-estatutos dionisinos de 1309 (RODRIGUES 1991: 7), e com um regimento dado por D. Afonso V à universidade, datado de 1471 (*CUP*, 7: 29), deveria existir mais do que um reitor a servir o Estudo Geral português em simultâneo. Todavia, seria a própria universidade a solicitar a existência de um só reitor em 1476 (BRANDÃO; ALMEIDA 1937: 68), direito este que só viria a ser consignado através dos estatutos manuelinos da universidade em 1503. De acordo com esta fonte, deveria o reitor “superintender em tudo quanto estivesse relacionado com o provimento das cátedras vagas e com a condução do processo eleitoral, destinado ao seu provimento em novos docentes (...), e supervisionar os programas ou matérias a ensinar, a qualidade da docência, as faltas dos professores às suas obrigações docentes, bem como o comportamento, honestidade dos escolares, etc.” (MARQUES 1997: 115). Como iremos abordar adiante, os únicos critérios para ser elegível para o mandato anual da reitoria pelos conselheiros e deputados, seria ter 25 anos, não ser lente, e ser fidalgo ou investido em dignidade (RODRIGUES 1991: 32-33).

O reitor era auxiliado por cinco conselheiros e dez deputados, que partilhavam o mesmo espaço de diálogo numa lógica consultiva, e não executiva. Ambos os ofícios eram eletivos (por mandatos anuais) e coletivos, mas enquanto que os conselheiros tinham funções ligadas a matérias de teor pedagógico e didático, em muito relacionadas com o labor dos professores (e por isso não poderiam ser desempenhadas por lentes), o corpo dos deputados, constituído por cinco lentes e cinco pessoas honradas, preocupava-se maioritariamente

com questões de carácter económico e financeiro, desde que não envolvessem professores (RODRIGUES 1991: 32-33).

Por fim, na base, o oficialato da universidade era constituído por um conjunto de servidores, que frequentemente acumulavam funções: um chanceler e conservador, com dois escrivães a seu cargo; um síndico; um recebedor, com um sacador ao seu serviço; um bedel e escrivão da universidade; um inquiridor; um guarda-escola e solicitador; e um capelão. Todos estes cargos eram eletivos à exceção, como iremos explicar adiante, do chanceler e do síndico. Totalizavam assim dez homens a desempenhar treze cargos, no âmbito dos servidores do Estudo Geral português.

O guarda das escolas ou porteiro, acumulava então as funções do solicitador, e estava responsável por convocar e reunir toda a universidade quando o reitor assim o solicitasse, por abrir e fechar as portas dos edifícios escolares, e por impedir que os escolares importunasse os docentes durante as aulas (RODRIGUES 1991: 35).

O capelão, por sua vez, superentendia a realização do culto na capela da universidade, prestando assistência espiritual e assegurando a realização de funerais e aniversários. Implicitamente, estava dependente da competência do capelão o começo diário das aulas, já que seria logo após a missa matinal (RODRIGUES 1991: 33).

Com funções exclusivamente ligadas à manutenção da esfera material da universidade, existe o recebedor, responsável pela cobrança e procuração de rendas do Estudo, bem como pela tarefa de despender verbas para o pagamento de lentes e outros oficiais (sujeita ao consentimento do bedel). Este oficial era coadjuvado por um sacador, que o auxiliava na cobrança das rendas (RODRIGUES 1991: 34).

Ainda na esfera material, a universidade beneficiava da existência do síndico e do inquiridor. Apesar de nenhum destes cargos ter as funções especificadas em artigo nos estatutos, o primeiro deveria agir como procurador e zelar pelos interesses fiscais e financeiros da universidade, enquanto que o segundo deveria averiguar questões desta natureza através de inquérito. D. Manuel I, através dos seus estatutos dignifica o cargo de síndico, atribuindo-o por inherência ao lente de véspera de Leis (RODRIGUES 1991: 30).

Como referimos anteriormente, com uma crescente importância na dimensão material, mas com funções sobretudo administrativas, a universidade gozava dos serviços de um bedel, que acumulava as funções de escrivão<sup>14</sup>,

<sup>14</sup> Esta acumulação de funções remonta ao final do século XIV, quando, em 1390, a Coroa concede ao Estudo o direito de ter, na pessoa do bedel, escrivão das rendas da universidade, com intuito de salvaguardar a transparéncia dos negócios do Estudo (CUP, 2: 199).

porventura as funções mais exigentes, e também mais importantes para o funcionamento regular da instituição, mas que lhe garantiam a atribuição de casa junto às escolas para que pudesse acompanhar os seus trabalhos diários. O bedel estaria assim responsável por um conjunto muito alargado de funções, entre as quais, a título de exemplo, por lavrar todos os documentos solicitados pelo reitor, conselheiros e deputados; pelas cartas de grau; pelos juramentos dos escolares; pela vigilância das armas dos escolares; pelo cumprimento das normas de vestuário dos membros da comunidade académica; pela realização de audiências; pela divulgação dos concursos para cátedras vacantes; pelo registo de faltas dos lentes e matrículas dos escolares; pelo registo das receitas e despesas da Universidade; pela leitura pública dos estatutos universitários, entre outros (RODRIGUES 1991: 29-41). Além de uma crescente codificação das funções do bedel, referido muito recentemente num artigo sobre o bedelado em Portugal (FERREIRA; ROCHA 2019), existe um claro envolvimento deste oficial em praticamente todos os aspetos do quotidiano da universidade portuguesa na Idade Média.

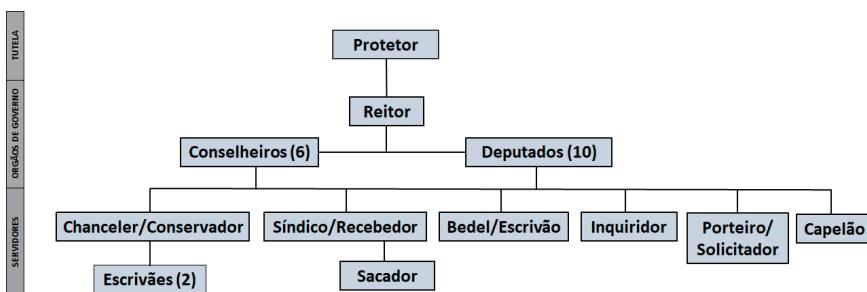
Por fim, ligado a funções de âmbito judicial, a universidade é protagonizada pelo conservador, existente no Estudo Geral português praticamente desde a sua fundação<sup>15</sup>, sendo a manifestação mais evidente de um verdadeiro foro académico. Cargo inicialmente partilhado por dois indivíduos, só viria a existir notícia de ser desempenhado por apenas um sujeito durante o reinado de D. João I, no ano de 1394 (CUP, 2, 226). A partir de 1503, por determinação estatutária, o conservador acumularia as funções de chanceler (responsável tradicionalmente pela colação dos graus), e seria, por inerência, o lente de prima de Leis (RODRIGUES 1991: 35). Estaria este oficial responsável pela realização trissemanal de audiências e pela aplicação das sentenças, sendo assistido nas suas funções por dois escrivães.

De todos estes cargos, apenas o conservador, o recebedor e respetivo sacador, o síndico, o bedel, e o guarda das escolas tinham direito a um rendimento fixo para desempenhar as suas funções na administração da universidade. Isto significa que dos vinte e seis homens a desempenhar funções no oficialato da universidade, apenas seis (o que corresponde a aproximadamente 23%) eram assalariados, todos correspondentes a cargos de natureza individual, e ligados ao grupo dos servidores.

Entendida a organização interna do oficialato universitário, nos seus traços mais significativos, importa agora perceber de que forma este grupo salvaguardou o seu estatuto e a dignidade da instituição que serviam, e de que modo o

<sup>15</sup> Sabemos que Vasco Martins e Vicente Martins partilharam as funções de conservador em 1291, ou seja, durante a primeira fase de existência da universidade portuguesa na cidade de Lisboa (CUP, 1: 22-23).

monarca codificou estatutariamente os comportamentos morais destes homens.



Fonte: Armando Norte, Curso de verão – Universidade Medieval, 2017.

**Fig. 1.** Organograma do oficialato universitário (1503)

### 3. A normatização moral do oficialato

Antes de qualquer outro assunto, é importante sublinhar que a regulação moral do oficialato académico não existiu de forma isolada, inserindo-se num contexto muito mais vasto de reforma dos costumes nos finais da Idade Média, expressa não somente na ação governativa e atuação das Coroas, como também noutras manifestações culturais, nomeadamente no teatro (como é o caso da notável produção dramática de Gil Vicente<sup>16</sup>) e a vasta literatura moral da época (nomeadamente os “Espelhos de Príncipes”, género que aborda diretamente a conduta de reis e governantes).

De facto, as preocupações com a regulação moral não eram, sob qualquer circunstância, exclusivas a Portugal, estando integradas numa preocupação mais ampla e comum às realezas dos séculos finais da Idade Média de controle do comportamento e da atuação dos seus oficiais, dando instruções muito concretas sobre as práticas e competências, mas intervindo também ao nível do controlo comportamental, frequentemente, de forma muito específica e detalhada.

Quanto ao caso de D. Manuel I e da monarquia portuguesa em específico, a preocupação com questões morais, naturalmente que também não se circunscreveu à universidade. As ordenações manuelinas dedicam um conjunto muito significativo de normas, de forma direta e indireta, à regulação moral dos seus súbditos, sinalizando desta forma um plano mais amplo de reforma e controlo dos costumes morais (DIAS 2002).

<sup>16</sup> A propósito da regulação moral na obra de Gil Vicente, vide FERREIRA (2008) e FREITAS (2014).

As preocupações com a conduta moral tiveram assim reflexos consideráveis, na produção legislativa e burocrática da Idade Média, muitas vezes associada ao processo de construção simbólica de honra, na qual intervieram, em ações frequentemente concertadas, a Igreja Católica e a Coroa. O monarca D. Manuel I, enquanto protetor do *Studium português*, ao produzir os estatutos da universidade, procurou não somente cimentar o controlo da instituição e atribuir um conjunto de normas para os seus membros, como também garantir esta imagem simbólica e impoluta em torno da universidade, fundamental para o seu sucesso no reino.

Antoine Destemberg, no seu inovador estudo centrado na universidade de Paris, salienta a importância da honra no contexto universitário. O autor, para evitar anacronismos temporais, abandona propositadamente o conceito de identidade. Nas palavras de Destemberg, o homem medieval, mais do que falar de identidade, gosta de falar em honra (“*les médiévaux, plutôt que de parler d'identité, parlent volontiers d'honneur*”, DESTEMBERG 2015: 6). Servindo-se da definição de Tomás de Aquino de honra, enquanto recompensa da virtude (“*l'honneur comme une récompense de la vertu*”, DESTEMBERG 2015: 1), não só exprime a importância desta noção na Idade Média, como traduz a preponderância da moralização das ações e da virtude também no âmbito da instituição universitária e da comunidade académica.

A honra dos universitários era assim consolidada através de modelos comportamentais fortemente ritualizados – tanto coletivos como individuais – que não só procuravam legitimar internamente como expor e cimentar a autonomia e honra do grupo. Esta honra não dependia só das ações enquanto grupo, mas também do comportamento individual de cada membro da corporação. Estes modelos, ou formas de agir, eram transmitidas sucessivamente, estando assegurados, no nosso entendimento, também pela concretização de estatutos detalhados, que abordassem a forma de agir dos membros da universidade, e precavessem certo tipo de comportamentos em situações passíveis de desvirtuamento da imagem da universidade.

Ora, os *estatutos manuelinos da universidade* denotam assim algumas preocupações nesse sentido, ou seja, interferem claramente na normatização moral do oficialato do Estudo Geral português. Estas preocupações podem traduzir-se na intervenção em três categorias distintas:

- i) Garantir a idoneidade dos oficiais;
- ii) Assegurar mecanismos de autorregulação;
- iii) Evitar conflitos de interesses.

Relativamente à primeira área de intervenção, D. Manuel I manifestou claramente alguns cuidados relativamente à idoneidade dos indivíduos que desempenhassem funções na orgânica administrativa do Estudo Geral português, essenciais na construção de honra da universidade. No que a isto se reporta existem duas marcas evidentes nos estatutos. A primeira diz respeito à reitoria, já que o monarca, de acordo com a previsão estatutária, determina que o “*rector que elegerem seja fidalgo ou homem constituido em dignidade*” (RODRIGUES 1991: 32). Na mesma linha de pensamento, faz uma disposição semelhante relativamente a metade dos deputados da universidade: “*elegeram aas mais vozes cad'año (...) cinco lentes e cinco pessoas homrradas da universidade*” (RODRIGUES 1991: 33).

Desta forma, a nomeação/eleições de conselheiros e deputados estava claramente contingente da idoneidade do indivíduo, o que procura garantir uma imagem de infalibilidade, competência e virtuosidade nas posições cimeiras da administração da universidade, extensível, consequentemente, à própria instituição.

Muito próximo deste tipo de disposições, embora o texto não se refira exclusivamente aos oficiais, importa salientar também as preocupações com a moral e com os costumes expressos nos estatutos manuelinos. Parece-nos que apesar de o rei se dirigir explicitamente aos escolares, quando determina algumas regras relativamente à conduta moral dos mesmos, estas deveriam abranger implicitamente qualquer membro da corporação universitária. No entanto, por não se reportar diretamente aos oficiais não a incluímos nas categorias por nós elaboradas. Não obstante, parece-nos que vale a pena destacar estas normativas, que deixam bem patente as preocupações do rei com este tipo de matérias. Sumariamente, o monarca determina que os escolares não poderiam viver em mancebia (“*Item mandamos que os scolares nom tenham em sua casa molher sospeita*” (RODRIGUES 1991: 34)), nem deveriam ostentar riqueza (“*andem honestamente vestidos e calçados, scilicet nom tragam pellotes, nem capuzes, nem barretes, nem gibões vermelhos nem amarellos nem verdegay, nem cintos lavrados d'ouro*” (RODRIGUES 1991: 34)). A imposição de regras desta natureza tenta claramente proteger também a imagem de simplicidade e modéstia apropriada aos membros da comunidade académica, e consequentemente, procuram garantir uma reputação de humildade para a instituição, que era também um reflexo do monarca.

Em segundo lugar, relativamente à autorregulação, o monarca manifesta claramente preocupações com o estabelecimento ou verificação de regras e honestidade, sem interferência externa, garantindo, mais uma vez, a manutenção da honra da universidade. Nesse sentido, D. Manuel I assegura mecanismos

de autorregulação relativamente aos negócios e atividades financeiras da universidade, assegurando a presença de múltiplos oficiais do Estudo Geral, e o conhecimento público dessas atividades: “*Item ordenamos que as remdas do studo amdem em pregam des o'primeiro dia de Junho atee fym delle e aremataçam se fara em presema do recebedor e de dous lentes deputados e com ho screpvam do dicto studo*” (RODRIGUES 1991: 34). Deste modo, além de evitar o eventual empobrecimento da instituição, projetava também um certo grau de confiança sobre a mesma.

Por fim, analogamente, o rei manifestou também uma firme preocupação com a prevenção de situações de conflito de interesses no desempenho das funções dos oficiais do Estudo Geral, dos quais dependia também a imagem da universidade. Este tipo de disposições vai de encontro ao tipo-ideal de oficial, ou seja, o oficial que não está sujeito a situações de conflito com outras autoridades, fenómeno este muito comum em sociedades jurisdicionalistas. Fenómenos desta natureza tendem a erodir a coesão institucional, projetando uma imagem negativa de si mesma, e, portanto, não surpreende que figurem nos estatutos universitários.

Por duas vezes, nos estatutos, o monarca alerta implicitamente para os perigos dos choques entre as atribuições do reitor e conselheiros, e dos professores do Estudo Geral, já que os primeiros, como vimos anteriormente, deveriam avaliar e garantir o exercício eficaz do trabalho dos segundos. Novamente, deveria o reitor, auxiliado pelos conselheiros, “supervisionar os programas ou matérias a ensinar, a qualidade da docência, as faltas dos professores às suas obrigações docentes” (MARQUES 1997: 115). De forma a evitar situações em que os reitores ou conselheiros fossem constrangidos do pleno exercício das suas funções, neste caso, com dificuldades resultantes de conflitos de interesse, o monarca determinou taxativamente que nem o cargo de reitor nem as cinco vagas destinadas a conselheiros pudessem ser supridas por lentes: “*queremos e mandamos que nenhau lemte possa seer rector nem conselheiro*” (RODRIGUES 1991: 32). Como se não bastasse, o monarca acrescentou ainda que os professores da universidade estavam impedidos de frequentar certos conselhos, sobretudo aqueles em que se discutissem assuntos relativos ao desempenho das suas funções, evitando assim constrangimentos nas tomadas de decisões, subornos ou chantagem: “*Item mandamos que os lemtes nom entrem em nenhau conselho que ho rector e conselheiros fezerem que toque aas liçõees de muito ou pouqo leer e qualquer outra hordenança que acerqua disso ouverem de fazer*” (RODRIGUES 1991: 33).

Através destas duas disposições estava assegurado o desempenho adequado e competente, tanto do reitor e conselheiros, como dos lentes, que se veriam

coagidos a empenhar-se nas suas funções de docência.

Em suma, embora os exemplos não sejam muito numerosos, as previsões estatutárias que visam a normatização moral do oficialato universitário são significativas, na medida em que são sintomáticas de preocupações com a fama, honra, virtuosidade e honestidade da instituição universitária, e que em última análise, se repercutiria, mais uma vez, na imagem do reino e do seu rei.

## Considerações finais

É tempo de concluir.

D. Manuel I, protagonista do impulso reformista na transição entre as centúrias de quatrocentos e quinhentos, deixou expresso, logo nas linhas inaugurais dos estatutos universitários de 1503, a importância deste corpo legislativo para o “*bom regimento dos regnos*”, salvaguardando para si a prerrogativa de “*promover seus subditos per virtudes*” (RODRIGUES 1991: 29). Atribui assim, a si mesmo, a função de condução moral do seu reino, intervindo diretamente nesta matéria no âmbito da instituição universitária também.

Daqui resulta que, após a análise da fonte, existe de forma bastante clara, embora implicitamente, uma preocupação em criar normativas que visam a moralização do comportamento dos oficiais da administração da universidade.

Este conjunto de homens, organizados numa estrutura hierárquica evidente e complexa, estava responsável pelo funcionamento regular e eficaz do Estudo Geral, tendo atribuições específicas nas dimensões académica, judicial e económica da instituição, muitas vezes com sobreposições nas várias áreas administrativas. Dentro das suas atribuições, como analisamos, estavam previstas algumas disposições que protegiam a fama e honra que se procurava associar à instituição universitária, que deveria ser entendida como exemplo de virtuosidade.

Não obstante, assumimos este estudo como incompleto, na medida em que se focou exclusivamente num dos corpos universitários, excluindo a análise desta temática para os mestres e escolares.

Ora, a normatização moral do oficialato incidia assim em três matérias fundamentais: evitar conflitos de interesse que pusessem em causa o desempenho competente de funções por parte dos oficiais; garantir a idoneidade dos indivíduos que ocupavam cargos dentro da orgânica da universidade, associando assim uma noção de honra e infalibilidade à instituição; e criar mecanismos de autorregulação, que para além de impedirem a interferência externa em matérias universitárias, asseguravam a honestidade da administra-

ção, evitando fenómenos de corrupção e abusos de poder. Cremos que este esforço normativo, da iniciativa do monarca D. Manuel I, é sintomático de uma política centralizadora mais abrangente, que não se reportava apenas à instituição universitária, mas a qualquer organização que estivesse sob a égide da Coroa. Considerando os membros destas instituições como representantes seus e, simbolicamente, do seu poder, procurava atribuir a estas estruturas uma reputação acima de qualquer suspeita, que naturalmente se tornava um instrumento útil na legitimação da autoridade régia.

Através destas disposições, o rei demonstra um grande controlo da instituição, e regulamenta com algum detalhe os modelos comportamentais a serem seguidos pelos membros da comunidade académica da universidade portuguesa. Desta forma, previne um conjunto de ações que colocariam em causa a dignidade e posição do Estudo Geral perante a sociedade, e apesar do seu poder e autoridade sobre a instituição, legitima, paradoxalmente, a ideia de autonomia deste conjunto de homens.

## Fontes e Estudos

- BLUTEAU, Raphael (1712-1728). *Vocabulario portuguez & latino....* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus. 8 volumes.
- BRANDÃO, Mário; ALMEIDA, M. Lopes de (1937). *A Universidade de Coimbra. Esboço da sua história.* Coimbra: Universidade de Coimbra.
- BROCKLISS, Laurence (2000). “Gown and Town: The University and the City in Europe, 1200–2000”. *Minerva*, 38 (2), 147–170.
- COELHO, Maria Helena da Cruz (2007). “Coimbra et l'université: complémentarités et oppositions”, in Patrick Gilli; Jacques Verger; Daniel Le Blévec (coord.), *Les universités et la ville au Moyen Âge*. Leiden, Nederland: Brill, 309–326.
- DESTEMBERG, Antoine (2009). “Un système rituel? Rites d'intégration et passages de grades dans le système universitaire médiéval (XIII e-XVe siècle)”. *Cahiers de Recherches Medievales*, 18, 113–132.
- DESTEMBERG, Antoine (2015). *L'honneur des universitaires au Moyen Âge. Étude d'imaginaire social.* Paris: Presses Universitaires de France (puf).
- DIAS, João José Alves (ed.) (2002). *Ordenações Manuelinas: Livros I a V.* Reprodução em fac-símile da edição de Valentim Fernandes (Lisboa, 1512-1513). Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 5 vols.
- DIAS, Pedro (1997). “Espaços escolares”, in AA.VV., *História da Universidade em Portugal: 1290-1536*. Coimbra, Lisboa: Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, vol. 1, 33–38.

- FERNANDES, Hermenegildo (2013a). “Instrumentos”, in Hermenegildo Fernandes (coord.), *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*. Lisboa: Tinta-da-China, 407.
- FERNANDES, Hermenegildo (2013b). “Introdução”, in Hermenegildo Fernandes (coord.), *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*. Lisboa: Tinta-da-China, 19-37.
- FERREIRA, Ana Pereira; ROCHA, Rui M (2019). “De oficial administrativo a agente financeiro: evolução do cargo de bedel no Studium Generale português (1309-1537)”. *Studia Historica. Historia Medieval*, 37, nº 2, 93-112.
- FERREIRA, Valéria Marcelino (2008). *Os Autos da Barca do Inferno, da Barca do Motor Fora da Borda e da Compadecida sob a óptica da moralidade*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado.
- FREITAS, Amanda Lopes de (2014). *Género Moralidade: uma análise de Auto da Alma e Auta da Barca da Glória, de Gil Vicente*. Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa. Dissertação de Mestrado
- GOMES, J. Ferreira (1986). “Os vários estatutos por que se regeu a Universidade Portuguesa, ao longo da sua história”. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Nova série, 20, 3-61.
- LEVINAS, Emmanuel (1988). *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70.
- LOBO, Rui (2013). “As quatro sedes do Estudo Geral de Lisboa (1290-1537)”, in Hermenegildo Fernandes (coord.), *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*. Lisboa: Tinta-da-China, 267-304.
- MARQUES, José (1997). “Os corpos académicos e os servidores”, in AA.VV., *História da Universidade em Portugal*. Coimbra, Lisboa: Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, vol. 1, 71-127.
- MARTINS, Armando (2013). “Lisboa, a cidade e o Estudo: a Universidade de Lisboa no primeiro século da sua existência”, in Hermenegildo Fernandes (coord.), *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*. Lisboa: Tinta-da-China, 41-88.
- MASSAÚ, Guilherme Camargo (2010). “A reforma dos Estatutos da Universidade de Coimbra: as alterações no ensino jurídico”. *Prisma Jurídico*, 9, 169-188.
- MUZZEY, David Saville (1906). “Medieval Morals”. *International Journal of Ethics*, 17, nº 1, 29-47.
- NORTE, Armando (2013). “Lentes, escolares e letrados: das origens do Estudo Geral ao final do século XIV”, in Hermenegildo Fernandes (coord.), *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*. Lisboa: Tinta-da-China, 89-148.
- PAIVA, José Pedro (2011). *Baluartes da Fé e da Disciplina. O enlace entre a Inquisição e os bispos em Portugal (1536-1759)*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- PINHO, Sebastião Tavares de (trad.) (2006). *Cícero. As Catilinárias*. Lisboa: Edições 70.
- POURTOIS, Jean-Pierre; DESMET, Huguette (1997). *A Educação Pós-Moderna*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- RICOUER, Paul (1997). *Da Metafísica à Moral*. Lisboa: Instituto Piaget.

- RODRIGUES, Manuel Augusto (intr.) (1991). *Os Primeiros Estatutos da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra.
- RODRIGUES, Maria Adelaide (2011). *A Ética e a Responsabilidade na Educação*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- SÁ, Artur Moreira de [et al.] (eds.) (1966-2004). *Chartularium Universitatis Portugalensis. 1288-1537*, 16 vols. Lisboa: Instituto de Alta Cultura/Instituto Nacional de Investigação Científica/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- SANTOS, José Manuel (2012). *Introdução à ética*. Lisboa: Documenta.
- SILVA, Antonio Moraes (1789). *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789.



# **“Todos os textos de canones...”: From the book inventories of the Portuguese *studium generale* library to the identification of some civil and canon law books<sup>1</sup>**

*“Todos os textos de canones...”*: Dos inventários da livraria do Estudo Geral português à identificação de alguns livros de direito civil e canónico

**ANDRÉ DE OLIVEIRA LEITÃO**

Universidade de Lisboa – CH / Universidade Católica Portuguesa – CEHR

a.leitao@campus.ul.pt

<http://orcid.org/0000-0002-9716-2641>

Texto recebido em / Text submitted on: 30/11/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 07/09/2020

**Abstract.** On June 8<sup>th</sup>, 1536, Nicolau Lopes, the last bedel of the medieval *studium* of Lisbon, compiled an inventory comprising all the 151 books of the Portuguese university library, a few months before the definitive relocation of the *studium generale* to Coimbra, in March 1537, and just a few years after a first inventory – which was never finished – was completed. These inventories became precious documents, as they allow us to understand the circulation of knowledge, people and books in medieval and early modern Europe. Based on these *studium* library book inventories and on the existing catalogues of manuscripts and *incunabula* of the University of Coimbra General Library (which currently holds the archives of the old Lisbon-based medieval university), I will try to understand if any of the civil or canon law volumes mentioned there survived up to this day while trying to identify some of the books described in the inventories.

**Keywords.** *Studium generale* of Lisbon, university library, inventories, book circulation.

**Resumo.** Em 8 de junho de 1536, Nicolau Lopes, o último bedel da universidade medieval de Lisboa, compilou um inventário que incluía todos os 151 livros da biblioteca da universidade portuguesa, poucos meses antes da deslocalização definitiva do *studium generale* para Coimbra, em março de 1537, e alguns anos depois de um primeiro inventário – nunca terminado – ter sido composto. Estes inventários são hoje documentos preciosos, permitindo analisar a circulação de saberes, pessoas e livros na Europa na transição do

<sup>1</sup> This work is sponsored by the project PTDC/EPH-HIS/3154/2014: *OECONOMIA STUDII. Funding, management and resources of the Portuguese university: a comparative analysis (13<sup>th</sup>-16<sup>th</sup> centuries)*, funded by national funds through the Portuguese Science and Technology Foundation/Ministry of Science, Technology and Higher Education (FCT, I. P./MCTES) and co-funded by the European Regional Development Fund (ERDF) through the Operational Programme “Thematic Factors of Competitiveness” (COMPETE). A draft version of this paper was first presented on February 25<sup>th</sup>, 2016, at the *International Conference Medieval Europe in Motion 3: Circulations juridiques et pratiques artistiques, intellectuelles et culturelles en Europe au Moyen Âge (XIII<sup>e</sup> -XV<sup>e</sup> siècles)*, organised by the Institute for Medieval Studies (FCSH-UNL) and held at the Portuguese National Library (BNP).

período medieval para o moderno. Com base nos inventários originais da biblioteca do *studium* e nos catálogos existentes de manuscritos e incunábulos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (onde se conservam os arquivos da velha universidade medieval sediada em Lisboa), propomo-nos neste artigo tentar compreender se algum dos volumes de direito, civil ou canónico, mencionados nos inventários sobreviveu até hoje, ao mesmo tempo que tentamos identificar alguns dos livros descritos nos inventários.

**Palavras-chave.** Estudo geral de Lisboa, livraria do estudo, inventários, circulação de livros.

## Introduction

The Portuguese *studium generale* was first established in Lisbon in the late thirteenth century by King Dinis and, for different reasons (LEITÃO 2015b: 164-181; NORTE & LEITÃO 2018: 513-527), underwent several relocations between the cities of Lisbon and Coimbra during the fourteenth century (1308, 1338, 1354 and 1377). During its last period in Lisbon (1377-1537), it also experienced displacements from one building to another within the city, before its final relocation to Coimbra by order of King John III, in 1537. The peripheral location of the university within Christendom and the recurring moving of the *studium* back and forth from one city to another certainly played a role in the scarce number of students of the university during the first centuries of its existence, as well as the late establishment of a *studium* library.

Regarding the creation and development of libraries across European universities, only a few existed during the thirteenth and fourteenth centuries (Paris, Oxford or the Jagiellonian Library of Krakow); most of the university libraries were established during the fifteenth century, including Cambridge, Erfurt, Heidelberg, Vienna, Cologne or Salamanca (LEITÃO 2015a: 65-82). The library of the Portuguese *studium* was among the most recent, being referred only from 1513 onwards, shortly before the relocation of the university to Coimbra (LOBO 2013: 292; AMARAL 2014: 13). The first known reference to the library was made in a document where the *recebedor das rendas* (the receiver of the university rents) handed over to the bedel (beadle) 58 books of the late Diogo Lopes, a former professor of canon law of the Lisbon *studium* who donated all of his books to the university when he died, in October 1508; these books were incorporated in the already existing *studium* library, located in the old university buildings (SÁ 1973: 254). It is also possible that the library of the college established after 1447 by order of Diogo Afonso Mangancha, a former professor of *utroque iure* at the University of Lisbon, may have been a part of the core of the primitive *studium* library collection, when all of his assets were incorporated into the university – although his will does not mention any

authors or books (AMARAL 2014: 13-14).

One can assume that the *studium* library must have been established before 1503, when King Manuel I granted the “Paços do Infante” (the ancient palace of Prince Henry, the Navigator, that the king bought from his nephew, Afonso, Constable of Portugal) to the University of Lisbon (LOBO 2013: 285; AMARAL 2014: 14-15), thus effectively relocating the *studium* from its previous location in the parish of São Tomé – where it stood since the donation of some old houses by Prince Henry to the *studium* in 1431 (SÁ 1970: 26-30) – to the nearby parish of Santa Marinha do Outeiro (merged since the nineteenth century into the parish of São Vicente, where still today there is a road called *Escolas Gerais* – an unequivocal reference to the location of the former *studium generale* in the city of Lisbon).

At the beginning of the decade of 1530, King John III became a stout supporter of the university’s transfer to the city of Coimbra, against the will of professors, councillors, and officials of the university; it was in this context that, on June 8<sup>th</sup>, 1536, Nicolau Lopes, the last bedel of the medieval *studium* of Lisbon, compiled an inventory comprising all the 151 books of the Portuguese university library (SÁ 1979: 319-322), a few months before the definitive relocation of the *studium generale* to Coimbra, in March 1537.

Unwittingly, this inventory – along with another one, smaller and incomplete, written *circa* 1532 by the priests Luís Cardoso and João Landeiro, both *studium* councillors, as well as an unnamed bedel (SÁ 1979: 123-124) – became a precious document, as it allows us not only to realise which volumes were used to teach civil and canon law in the Portuguese university but also to understand the circulation of knowledge, people and books in medieval and early modern Europe. This manuscript also allows us to draw a picture of the most well-known juridical authors of the time (namely the legists and canonists from Bologna or Padua) and how their knowledge was taught in the westernmost university of *Latinitas*.

Based on the two *studium* library book inventories and the existing catalogues of manuscripts and *incunabula* of the University of Coimbra General Library (BGUC) – which currently holds the archives and other assets of the Lisbon-based medieval university, most notably the *Livro Verde*, its single surviving cartulary (MADAHIL 1940; VELOSO 1992; LEITÃO 2019) –, I intend to understand if any of the civil and canon law volumes mentioned in the inventories survived up to this day; furthermore, I will also try to identify some of the books described in these compilations.

## **1. State of the art and the book inventories of the medieval University of Lisbon**

Currently, there are only a handful of studies on the history of the Portuguese *studium* library. The most recent works on the history of the Portuguese medieval university (AAVV 1997; FERNANDES, ed. 2013) do not mention the library books, just the library buildings (LOBO 2013: 267-304). Moreover, a volume on the history of the BGUC was published to celebrate the five-hundred years of its first mention; however, only a few pages were devoted to the medieval library buildings, as well as its books (AMARAL 2014: 13-22).

The subject of civil and canon law books in medieval Portugal has been thoroughly examined by numerous researchers, most notably by Isaías da Rosa Pereira (1964-66b: 7-60; 1967-69: 81-96), and more recently by André Vitória (2012) and Armando Norte (2013); furthermore, several authors have studied the aforementioned university library inventories (PEREIRA 1881: 193-200; BRAGA 1892: 417-432; CARVALHO 1914: 389-398, 438-446, 482-494, 533-542; PEREIRA 1964-66a: 155-170; LEITÃO 2015a: 65-82), while some others studied the ancient books of the BGUC, especially some of its illuminated manuscripts (MIRANDA 1999; CEPEDA 2001; GOMES 2007: 69-110; CASTRO 2009: 68-126; GOMES 2009: 41-71; BILOTTA 2015: 106-113).

Among the 151 books referred in the inventories, the largest part comprises civil and canon law works (96 volumes, up to 63% of the total), with the remainder consisting of theology (21 volumes, or 14%), medicine (5 volumes, 3%) and liberal arts books (3 volumes, 2%), along with 26 volumes (17%) whose subject is unknown, as they had no titles in their book spines (the 1536 inventory author even wrote that “without summaries or titles they are worthless”; AMARAL 2014: 20). My analysis will focus only on the identification of the civil and canon law books mentioned in these inventories.

Despite some references to a few printed books – such as those of the renowned Venice-based printer Battista Torti (Baptista de Tortis), active in the late fifteenth and early sixteenth century –, most of the volumes in the *studium* library should have been handwritten, although the inventories refer that only 32 volumes were manuscripts, written with a quill (“de pena”), 10 volumes were written in parchment, while 14 other volumes were simply referred as being “quite old” and, thus, most likely handwritten (AMARAL 2014: 20).

The most common books were those of canon law; in fact, one of the inventories claims that the *studium* library possessed “*todos os textos de canones*” (“all the texts of canon law” – the phrase used in the title of this paper). Although many famed authors and texts were absent from the inventories, the treatises

of canon law and, to a lesser extent, those of civil law, were the most prevalent in the Lisbon *studium* library, including several volumes of the *Decretales*, the *Sextus Decretalium*, the *Clementinae*, the *Decretum Gratiani*, the *Codex Iustinianus*, the *Institutiones Iustiniani*, the *Digest*, in addition to many other law books. The latter includes some volumes identified only by their authors name (with no detailed references to their contents) or various compilations, including quite a few *Repertories*, one volume of the *Fourth Book of Ancient Ordinances of the Kingdom of Portugal* – which might either refer to the old *Alphonsine Ordinances* (composed in the course of the regency of Prince Peter, Duke of Coimbra, during the minority of the King Afonso V, and eventually superseded by the new *Manueline Ordinances*, whose compilation was ordered by King Manuel I; LEITÃO 2015a: 73), or to a previous compilation, as José Domingues pointed out (DOMINGUES 2014) – as well as a curious book named *Dimeta*. Teófilo Braga identified the latter with a compilation of old Celtic laws used in Southern Wales (BRAGA 1892: 426), centuries before the English conquest – the *Dimetian Code*, organised by order of King Hywel the Good of Deheubarth (942-948) and codified by his legist, Blegywryd (hence the alternative name of this code as the *Book of Blegywryd*); the word Dimeta takes its name from the former kingdom of Dyfed, in Southwest Wales, located on the territory of the ancient Celtic tribe of Demetae or Dimetae (Catalogue 1846: 218). However, it is impossible to determine if this volume was, in fact, a codex of ancient Welsh laws and, if so, how did it manage to reach the Lisbon *studium* library.

## **2. Do any books from the Portuguese medieval university survived?**

The BGUC holds a significant number of handwritten books and *incunabula*, many of which refer to some classic texts of both canon and civil law, as well as several other precious volumes, most notably some illuminated manuscripts from the fourteenth and fifteenth centuries (GOMES 2007: 69-110). In order to identify the nucleus of the *studium* library that moved from Lisbon to Coimbra in 1537, as recorded in the two inventories produced in the decade of 1530, I have consulted both the catalogues of manuscripts and of *incunabula* and ancient books preserved in the BGUC, trying to reach some positive matches (COSTA 1935; PIMPÃO 1970).

Regarding this task, I only took into account those volumes that did not have any bookplates from other libraries – several medieval manuscripts and *incunabula* were included in the BGUC only much later, in the nineteenth century, following the suppression of the ancient monasteries and the dissolution of the

former university colleges, when their entire libraries were incorporated into the BGUC. Not surprisingly, I found a handful of matches between the books referred to in the early modern inventories as well as in contemporary catalogues.

Some authors have drawn their attention to a remarkable set of codices, dated from the fifteenth century, which might have been incorporated into the BGUC primitive collections during the late fifteenth or early sixteenth century (MIRANDA 1999: 274; CASTRO 2009: 81; GOMES 2009: 55-56; BILOTTA 2015: 112). According to Saul António Gomes, the manuscripts were probably written between 1460 and 1470, based on the watermarks used on the paper, confirming their manufacture in Southern France, between 1450 and 1470 (GOMES 2009: 57). However, as far as I am aware, the identification of these codices with some handwritten books mentioned in the 1532 and 1536 inventories was never clearly attempted before.

The five BGUC codices numbered 721 to 725 contain the same mark of ownership; according to a gloss written in French, in fifteenth-century calligraphy, recorded by a notary named Bertaudi in the opening folios of these manuscripts (with some minor variations), “ceste lecture [...] a este de feu messieur Jehan du Chastel evesque de Carcassone” (“this reading [...] belonged to the late sir Jean du Chastel, bishop of Carcassone”). This sign of ownership clearly shows that the five codices belonged to the library of Jean du Chastel (a member of an influential family from Brittany) when he was bishop of Carcassone, between 1459 and 1475 (GOMES 2009: 55-57); previously, he was also archbishop of Vienne, from 1452 to 1453, and apostolic administrator of the bishopric of Nîmes, between 1453 and 1454 (DEUFFIC 2010: 299-316). It was impossible to determine the path of these five codices immediately after his death, in 1475, and before being acquired and incorporated into the Portuguese *studium* library collection, certainly before 1536 (when the last library inventory was written). However, several other books that were once part of the bishop's library were also incorporated in various important libraries across Europe, including the National Library of France, the Holkham Hall Library, the Library of the University of Glasgow, or the Royal Library of Copenhagen.

Three out of five of these manuscripts open with an illuminated miniature depicting a university classroom, with the *magister* reading the lesson and his pupils hearing and taking notes (CASTRO 2009: 81; GOMES 2009: 57). The manuscripts are the following ones:

1. Manuscript 721 – Giovanni da Imola, *First Part of the Third Book of the Decretales*, with the gloss: “Ceste lecture de la premiere partie de Jmola sur le tiers des Decretales a este de feu messieur Jehan du Chastel evesque de

- Carcassone”<sup>2</sup>;
2. Manuscript 722 – Domenico da San Geminiano, *Commentary on the First Part of the Sixth Book of the Decretales*, with the gloss: “Ceste lecture de Saint Geminiani sur la premiere partie du seizesme livre des Decretales a este de feu messieur Jehan du Chastel evesque de Carcassone”<sup>3</sup>;
  3. Manuscript 723 – Domenico da San Geminiano, *Commentary on the Second Part of the Sixth Book of the Decretales*, with the gloss: “Ceste lecture de Saint Geminiani sur le siziesme des Decretales et sur la seconde partie a este de feu messieur Jehan du Chastel evesque de Carcassone”<sup>4</sup>;
  4. Manuscript 724 – Francesco Zabarella, *Commentary on the Clementinae*, with the gloss: “Ceste lecture de Françoys de Zabarellis sur les Clementines a este de feu messieur Jehan du Chastel evesque de Carcassone”<sup>5</sup>;
  5. Manuscript 725 – Giovanni da Imola, *Commentary on the Clementinae*, with the gloss: “Ceste lecture de Jmola sur les Clementines a este de feu messieur Jehan du Chastel evesque de Carcassone”<sup>6</sup>.

The current manuscripts 722, 723 and 724 may be among the ones mentioned in the *studium* library inventories. For instance, the 1532 inventory named three volumes written by Domenico da San Geminiano, all of them related with the *Sextus* (“hū dominicu a segunda par<te> delle sobre o sexto”, i.e., the Second Part of the Domenico’s *Sextus*, and “dous volumes de dominicu sobre o sexto”, i.e., two volumes of the Domenico’s *Sextus*); these two volumes may be the current manuscripts 722 and 723.

On the other hand, the 1536 inventory mentions the existence of five volumes from this author, four of which are related with the *Sextus*: the Second Part of the Domenico’s *Sextus* in one volume (“ha segunda parte de domnjco sobre ho sexto em hū belume”), placed on the first shelf on the left side of the old university library; two Parts of the Domenico’s *Sextus* (“duas partes domnjco sobre ho sesto”), located on the seventh shelf; and the First Part of the Domenico’s *Sextus* (“ha prjmeyra parte de domnjco sobre ho sesto”), on the twelfth and last

<sup>2</sup> Available online at: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-721/UCBG-Ms-721\\_item1/](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-721/UCBG-Ms-721_item1/) (accessed on October 17<sup>th</sup>, 2019).

<sup>3</sup> Available online at: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-722/UCBG-Ms-722\\_item1/](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-722/UCBG-Ms-722_item1/) (accessed on October 17<sup>th</sup>, 2019).

<sup>4</sup> Available online at: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-723/UCBG-Ms-723\\_item1/](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-723/UCBG-Ms-723_item1/) (accessed on October 17<sup>th</sup>, 2019).

<sup>5</sup> Available online at: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-724/UCBG-Ms-724\\_item1/](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-724/UCBG-Ms-724_item1/) (accessed on October 17<sup>th</sup>, 2019).

<sup>6</sup> Available online at: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-725/UCBG-Ms-725\\_item1/](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-725/UCBG-Ms-725_item1/) (accessed on October 17<sup>th</sup>, 2019).

shelf on the left. None of these volumes matches any of the books that currently exists in the BGUC. However, there is an unnamed Domenico volume divided in two Parts, although compiled in the same volume (“hū volume de domnjco em duas partes Juntas no mesmo uolume”), located on the third shelf on the left, that might be the current manuscripts 722-723 of the BGUC (the Domenico’s *Commentary on the Sixth Book of the Decretales*).

The 1532 inventory mentions two books written by the Cardinal Francesco Zabarella, one *Commentary on the Decretales* (“huū francisco de zabarellis sobre os decretaes”) and another on the *Clementinae* (in the latter case, the author is mononymously referred as “the Cardinal”: “hū guardeal sobre as clementinas”). The 1536 inventory refers to the existence of two volumes written by Zabarella, both of them a *Commentary on the Clementinae*, located on the first and the third shelves on the left side of the *studium* library, respectively (“zabarella sobre as crementjnas em hū belume” and “zauarela sobre as crementinas em hū uolume”). Probably, the contradiction on the books mentioned on these two inventories is a reflex of its different authorship; most likely, the 1536 inventory is not entirely accurate, as most of the books on the first shelf were *Decretales*, rather than *Clementinae*. Nonetheless, it quite possible that the *Commentary on the Clementinae* might be the manuscript 724 of the BGUC.

The two remaining volumes currently extant in the BGUC that formerly belonged to the bishop Jean du Chastel and that should have been incorporated along with the three manuscripts mentioned in the previous paragraphs did not match any of the books contained in the *studium* library inventories made in the decade of 1530. None of these inventories referred any book written by Giovanni Niccoletti (or, as he was widely known, Giovanni da Imola, after his hometown in Romagna), a famous Italian decretalist, disciple of Baldus de Ubaldis, and professor at Pavia, Siena and Bologna. The manuscripts 721 and 725 are both authored by Imola, being, respectively, the *Commentary on the Decretales* and the *Commentary on the Clementinae*. How to explain this apparent anomaly? Either the inventories’ authors did not notice the existence of these volumes or, more likely, they are among the volumes plainly mentioned by its title in the inventories, making no further references to the author.

It is worth noticing that all the above-mentioned authors (Imola, San Geminiano, and Zabarella) died in the first half of the fifteenth century, and the books with their commentaries were already part of the bishop of Carcassone’s library in the second half of that century, before being incorporated in the Portuguese *studium* library, emphasising not only the circulation of these books and the knowledge therein but especially the importance of the Italian legal authors in the Portuguese medieval university.

Regarding the *incunabula* and old printed books, and due to the absence of any other bookplates than those of the BGUC itself, I argue that at least seven books currently stored in the “Reservados” collection were among those volumes transferred from Lisbon to Coimbra in 1537. These books are the following ones:

1. R-31-26 – Abbas Antiquus, *Lectura aurea domini Abbatis antiqui super quinque libris decretalium.* [Argentoratum?]: Joāes Schottus, 1510, 225 f. (PIMPÃO 1970: 57);
2. R-48-12 – Abbas Panormitanus, *De Tudes Quotidia Consilia.* Colonie: Johannes Koelhorff de Lubeck, 1477, 170 f. (PIMPÃO 1970: 37);
3. RB-24-6 – Baldo degli Ubaldi, *Practica Baldi perutilis ac vere aurea practica iuris vtriusque monarache ac luminis domini Baldi de Ubaldis de Perusio, cum additionibus domini Antonij de Cremonte que preter primam omnes textui inseruntur & cum pristinis apostillis clarissimi. I.U. doctoris domini Celsi Hugonis dissuti. Nouissime cum adiectione nonnullorum.* Lugduni, Jacobus Giuntus et Benedictus Bōnym, 1534, 11 + 93 f. (PIMPÃO 1970: 605);
4. R-55-21 – Bartolo de Sassoferato, *In Secundā Codicis.* Lugduni, Johannes de Jonuelle dictum Piston, 1522-23, 128 f. (PIMPÃO 1970: 115);
5. R-56-4 – Guido de Baysio, *Rosarium super Decreto.* [Venetia], Andreas Torresanus, 1495, 396 f. (PIMPÃO 1970: 11);
6. R-59-6 – Guillelmus Duranti, *Rationale divinorum officiorum.* Argentinae, Georgius Hussner, 1478, 197f. (PIMPÃO 1970: 23);
7. R-56-2/3 – Petrus de Monte, *Repertorium utriusq[ue] juris.* Patavii, Johannes Herbort de Silgenstat, 1480, 2 vols. (PIMPÃO 1970: 41).

Reading carefully the inventories, the books mentioned above may match up to some of those referred in the sixteenth century lists, including perhaps the five *Abbas Antiquus* (“scimquo volumes dabades antiguos”) or even the seven volumes of *Abbates* (“sete velumes dabades”) mentioned in the 1536 inventory; the Panormitanus’ volume mentioned in no. 2 could be any of the several *Abbates* not referred by its title in both inventories. The book of Baldo mentioned in no. 3, although theoretically could have been acquired by the University of Lisbon or some of its scholars before the final relocation of the *studium* to Coimbra, in 1537, seems unlikely to have been incorporated in the BGUC before that date, as it was just printed in 1534. As for the book of Bartolo referred in no. 4, it could be one of the two unnamed printed volumes mentioned in the 1536 inventory (“Item sete volumes de bartolo antigo b. de pena e dous de forma”). The book of Guido da Baisio (mononymously known as the “Archdeacon”, due to his position as Archdeacon of Bologna), could match one of his works about the *Decretum* mentioned in the 1532 inventory (“Item archediaguo sobre ho decreto”) or, in

the 1536 inventory, the volume simply referred as the Archdeacon (“arcediaguó”) or another unnamed book (“Item hū volume do archidiaconus”). The book of Guillaume Durand (named “Speculator” after his most famous work, the *Speculum Iudiciale*) referred in no. 6 could be one of the three volumes of this author mentioned in the inventory of 1532 (“Item tres volumes de guilhelmo espicular com seu Reportorio”), or one of the four referred in the one from 1536 (“quatro volumes do especulador e dous deles com Reportorjos”). Finally, the work of Pietro del Monte, bishop of Brescia (hence his Latin sobriquet Petrus Brixiensis) could match the work referred in the 1536 inventory: two *Repertories* of Petrus Brixiensis (“hūs dous volumes de repertorjos de pedro brjensiſis”).

### **3. Some final remarks**

The late establishment of a library in the Portuguese medieval *studium* was certainly entwined with the recurring university relocation between the cities of Lisbon and Coimbra in the fourteenth century, as well as the scarce number of students enrolled before the definitive transfer of the university to Coimbra, in 1537. Despite this, the university library was able to acquire several books before that date, either by donations or wills, as the two inventories (composed around 1532 and in 1536) display. Most of the books referred to in these inventories were civil and canon law volumes (thus revealing the most important subject for the students of the Portuguese university), authored by some of the most significant juridical and canonical *auctoritates* of the Middle Ages.

It is highly unlikely that the library books did not move with the university to Coimbra, in 1537, along with other documents still preserved in the Archive of the University of Coimbra; however, most of them appear to be lost today. The positive identification of some books mentioned in the inventories with those that currently compose the BGUC collections is quite challenging, especially due to the scarcity of data regarding the individual volumes referred to in the inventories.

Nevertheless, I argue that the manuscripts currently numbered 722 to 725 in the BGUC catalogue could be among some of those books mentioned in the medieval University of Lisbon library inventories, based on the hiatus of a few decades between the death of the bishop of Carcassone that owned these codices before 1475 and the reference of some books matching those found in the library inventories produced in the decade of 1530. However, it is difficult to determine how and when they made their journey from Carcassone to Lisbon, although the likelihood of this hypothesis seems quite suitable. As

for the *incunabula* and other printed books mentioned in this study, I argue that although the connection between the current books and the old inventories is feasible, further efforts must be made to sustain these hypotheses.

Regarding the circulation of books and knowledge, it is also interesting to analyse the authors of the *incunabula* and printed books with those who penned the manuscripts; except for Pietro del Monte (who died in 1457), the remainder of the authors were all from the fourteenth century, meaning that their commentaries were fully absorbed in the different subjects of civil and canon law and were widespread throughout Christendom – a network of which the Portuguese *studium generale*, being its westernmost apex, was an integral part since the end of the thirteenth century.

## Sources

- Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Ms. 721 – IMOLA, Johannes de. *Les Livres de Decretales*. [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-721/UCBG-Ms-721\\_item1/](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-721/UCBG-Ms-721_item1/) (accessed on 2019.10.19).
- Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Ms. 722 – SANCTO GEMINIANO, Domenico de. *Lectura super sexto libro Decretalium*. [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-722/UCBG-Ms-722\\_item1/](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-722/UCBG-Ms-722_item1/) (accessed on 2019.10.19).
- Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Ms. 723 – SANCTO GEMINIANO, Domenico de. *Lectura super sexto libro Decretalium*. [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-723/UCBG-Ms-723\\_item1/](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-723/UCBG-Ms-723_item1/) (accessed on 2019.10.19).
- Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Ms. 724 – ZABARELLIS, Franciscus de. *Lectura super Clementinis*. [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-724/UCBG-Ms-724\\_item1/](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-724/UCBG-Ms-724_item1/) (accessed on 2019.10.19).
- Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Ms. 725 – IMOLA, Johannes de. *Lectura super Clementinis*. [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-725/UCBG-Ms-725\\_item1/](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-725/UCBG-Ms-725_item1/) (accessed on 2019.10.19).
- CATALOGUE of the New-York State Library (1846). Albany, NY: C. Wendell.
- CEPEDA, Isabel Vilares (2001). *Inventário dos Códices Iluminados até 1500*, 2 vols. Lisboa: Ministério da Cultura – Biblioteca Nacional.
- COSTA, J. Providência da, dir. (1935). *Boletim da Biblioteca da Universidade. Catálogo de Manuscritos*. Coimbra: Biblioteca da Universidade.
- MADAHIL, António Gomes da Rocha, ed. (1940). *Livro Verde da Universidade de Coimbra (cartulário do século XV)*. Coimbra: Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra.
- MIRANDA, Maria Adelaide, coord. (1999). *A Iluminura em Portugal. Identidade e Influências. Catálogo da Exposição*, Biblioteca Nacional, 26 de Abril a 30 de Junho '99. Lisboa:

- Ministério da Cultura – Biblioteca Nacional.
- PIMPÃO, Álvaro J. da Costa, ed. (1970). *Catálogo dos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Por Ordem da Universidade.
- SÁ, Artur Moreira de, ed. (1970). *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, vol. 4. (1431-1445). Lisboa: Instituto de Alta Cultura – Centro de Estudos de Psicologia e História da Filosofia anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SÁ, Artur Moreira de, ed. (1973). *Auctarium Chartularii Universitatis Portugalensis*, vol. I (1506-1516). Lisboa: Instituto de Alta Cultura – Centro de Estudos de Psicologia e História da Filosofia anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SÁ, Artur Moreira de, ed. (1979). *Auctarium Chartularii Universitatis Portugalensis*, vol. III (1529-1537). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- VELOSO, Maria Teresa Nobre, ed. (1992). *Livro Verde da Universidade de Coimbra. Transcrição*. Manuel Augusto Rodrigues (apresentação). Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra.

## Bibliography

- AAVV (1997). *História da Universidade em Portugal*, 2 vols. Lisboa/Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian – Universidade de Coimbra.
- AMARAL, A. E. Maia, coord. (2014). *Os livros em sua ordem. Para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 13-22.
- BILOTTA, Maria Alessandra (2015). “Um exemplo da circulação dos manuscritos jurídicos iluminados na Europa medieval. Três manuscritos jurídicos iluminados preservados em Portugal”. *Invenire. Revista dos Bens Culturais da Igreja*, n.º especial, 106-113.
- BRAGA, Teófilo (1892). *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrução pública portugueza*, vol. I. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- CARVALHO, Joaquim Teixeira de (1914). “Pedro de Mariz e a Livraria da Universidade de Coimbra”. *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 1, 389-398, 438-446, 482-494, 533-542.
- CASTRO, Aníbal Pinto de (2009). “Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: um convite do amor do documento”, in José de Faria Costa and Maria Helena da Cruz Coelho (coord.), *A Universidade de Coimbra. O tangível e o intangível*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 68-126.
- DEUFFIC, Jean-Luc (2010). “L'évêque et le soldat: Jean et Tanguy (IV) du Chastel, à propos des reliques de saint Pelade... et de leurs manuscrits”, in Joëlle Quaghebeur and Sylvain Soleil (dir.), *Le pouvoir et la foi au Moyen Âge en Bretagne et dans l'Europe de l'Ouest. Mélanges en mémoire du professeur Hubert Guillotel*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 299-316.

- DOMINGUES, José (2014). "Ordenações portuguesas desaparecidas e duvidosas". *e-Legal History Review. Studia Legalia Hispanica Rescripta*, 17. [https://www.iustel.com/v2/revistas/detalle\\_revista.asp?id=15&numero=17](https://www.iustel.com/v2/revistas/detalle_revista.asp?id=15&numero=17) (accessed on 2019.10.19).
- FERNANDES, Hermenegildo, dir. (2013). *A Universidade Medieval em Lisboa (séculos XIII-XVI)*. Lisboa: Edições Tinta-da-China.
- GOMES, Saul António (2007). "Manuscritos iluminados quinhentistas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra". *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 7, 69-110.
- GOMES, Saul António (2009). "Manuscritos medievais iluminados e fragmentos", in A. E. Maia do Amaral (coord.), *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 41-71.
- LEITÃO, André de Oliveira (2015a). "A small library in a peripheral studium: transmission of knowledge in the early modern University of Lisbon", in Andrea Romano (ed.), *Dalla lectura all'e-learning*. Bologna: CLUEB, 65-82.
- LEITÃO, André de Oliveira (2015b). "Cidade e universidade. Poderes em conflito no Portugal baixo-medievo". *Roda da Fortuna. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo*, 4(1/1) – Número Especial: *Actas del III Congreso Internacional de Jóvenes Medievalistas Ciudad de Cáceres: Ciudad y cultura política urbana en la Edad Media*, 164-181.
- LEITÃO, André de Oliveira (2019). "O Livro Verde da Universidade de Coimbra: o cartularário medieval da universidade portuguesa", in Rodrigo Furtado and Marcello Moscone (eds.), *From Charters to Codex. Studies on Cartularies and Archival Memory in the Middle Ages*. Basel: Fédération International des Instituts d'Études Médiévales - Brepols, 279-308.
- LOBO, Rui (2013). "As quatro sedes do Estudo Geral de Lisboa (1290-1537)", in Hermenegildo Fernandes (dir.), *A Universidade Medieval em Lisboa (séculos XIII-XVI)*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 267-304.
- NORTE, Armando & LEITÃO, André de Oliveira (2018). "Violence and conflict in the Portuguese medieval university: from the late thirteenth to the early sixteenth century", in Maria Cristina Pimentel and Nuno Simões Rodrigues (eds.), *Violence in the Ancient and Medieval Worlds*. Leuven: Peeters Publishers, 513-527.
- NORTE, Armando (2013). *Letrados e Cultura Letrada em Portugal (séculos XII e XIII)*. Doctoral dissertation in Medieval History presented to the University of Lisbon, 2 vols.
- PEREIRA, Gabriel (1881). "A Livraria da Universidade no meado do século XVI e a de São Fins no começo do século XVII". *Boletim de Bibliografia Portuguesa e Revista dos Archivos Nacionaes*, 2, 193-200.
- PEREIRA, Isaías da Rosa (1964-66a). "A livraria do Estudo no início do século XVI". *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, 37-38, 155-170.
- PEREIRA, Isaías da Rosa (1964-66b). "Livros de direito na Idade Média". *Lusitania Sacra. Revista do Centro de Estudos de História Eclesiástica*, 7, 7-60. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/6416> (accessed on 2019.10.19).
- PEREIRA, Isaías da Rosa (1967-69). "Livros de direito na Idade Média [II]". *Lusitania*

*Sacra. Revista do Centro de Estudos de História Eclesiástica*, 8, 81-96. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/6417> (accessed on 2019.10.19).

VITÓRIA, André (2012). *Legal Culture in Portugal from the Twelfth to the Fourteenth Centuries*. Doctoral dissertation in Medieval History presented to the University of Porto.

# O ensino do Hebraico em Portugal e o seu lugar na humanitas universitária

*The teaching of Hebrew in Portugal and its place in university humanitas*

**SOFIA CARDETAS BEATO**

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras

scbeato@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8502-919X>

Texto recebido em / Text submitted on: 30/11/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 24/08/2020

**Resumo.** O estudo científico da Bíblia pelos demais católicos no século XVI começou a fazer-se à base das línguas de origem – o cultivo do hebraico, por se tornar indispensável à exegese, é um notável exemplo de como as Humanidades floresceram em Portugal.

Pretendemos averiguar esse sucesso: se ele se deveu ao método histórico-filológico, de onde provinha a formação dos mestres de Hebraico e a relevância da sua produção científica. Ingressados nas ordens religiosas reformadas ou recém-criadas em Trento, elaboraram vários comentários com base na semântica hebraica. Alguns deles, nomeadamente Jerónimo de Azambuja, foram chamados a Trento para revisões da tradução do texto bíblico.

O declínio do ensino do Hebraico (bem como outras disciplinas auxiliares da exegese) e a pobre existência de conhecedores do “idioma santo” no século seguinte fizeram descurar a investigação rigorosa do texto sagrado internacionalmente, não voltando Portugal e a *alma mater conimbricensis* àquele grande fenômeno educativo da modernidade.

**Palavras-chave.** Bíblia, educação, hebraico, História da Universidade de Coimbra.

**Abstract.** The scientific study of Bible by other Catholics in the 16th century has begun on the basis of the original languages – as it became indispensable for exegesis, the cultivation of Hebrew is a striking example of how the Humanities flourished in Portugal.

We intend to ascertain this success: if it was due to the historical-philological method, from which the formation of the Hebrew masters and the relevance of their scientific production came. Joining the reformed or newly created religious orders in Trent, they made several comments based on Hebrew semantics. Some of them, namely Jerónimo de Azambuja, were called to Trent to revise the translation of the biblical text.

The decline of Hebrew teaching (as well as other ancillary subjects of exegesis) and the poor existence of experts of “Holy Language” in the following century led to the negligence of the sacred text internationally, not returning Portugal and *alma mater conimbricensis* to that great educational phenomenon of modernity.

**Keywords.** Bible, education, hebrew, History of University of Coimbra.

## **1. A língua hebraica e os seus mestres até à institucionalização do ensino do Hebraico**

A designação de hebraico é ligada, automaticamente, ao nome de uma língua, a dos hebreus. Contudo, é historicamente mais antiga que os próprios hebreus, fixados em Canaã.

José Augusto Ramos, linguista<sup>1</sup> e biblista, afirma que a língua hebraica era usada como língua franca por um conjunto de povos e numerosas cidades-Estado na região costeira do Mediterrâneo oriental entre a Anatólia e o Sinai, cujo nome mais antigo é Canaã. Os hebreus acabaram por ser os únicos representantes do cananaico, nome científico convencionado para a língua de Canaã vinda já do segundo e terceiro milénios a.C. (RAMOS 2018: 15-36), apesar de algumas vezes declarada a rejeição da cultura de Canaã na literatura bíblica; com a contaminação de outras línguas que antes falariam, assumiram-na como o hebraico. No seio do hebraico, definido consistentemente no primeiro milénio a.C. (a partir da sedentarização dos hebreus e, concomitantemente, do desaparecimento dos povos da região ocupada de Canaã), a evolução histórico-linguística fez-se, em parte, com os judeus da Babilónia (através do aramaico, nos séculos VI e V a.C.); menos importante não foi o judaísmo ao tempo do domínio helénico, em que o hebraico era visto como a língua sagrada na liturgia da sinagoga.

Hebraico, grego e latim convivem culturalmente através dos tempos, até que, no século da maior vivência das Línguas e Humanidades, o século XVI, são as três línguas de intenso estudo do Humanismo cristão. O conhecimento das línguas eruditas era um domínio importante em que o Humanismo situava as suas exigências (RODRIGUES 1981: 131). Funda-se em Lovaina, em 1517, o Colégio das Três Línguas, colégio de inspiração erasmiana em que se basearam vários construídos na Europa posteriormente (o exemplo do Colégio Real de Paris, fundado em 1530, é crucial). Há dois caminhos na docência: o das universidades e colégios e o dos seminários, apesar da existência de mestres que repartiam a sua docência.

Em Portugal, nos séculos XVI e XVII floresceram os estudos bíblicos e do hebraico. Analisamos o passado deste conhecimento produzido; quem estudou hebraico e chegou a lecioná-lo na Universidade de Coimbra, quem somente o estudou e as obras publicadas naquela época, reflexo de critérios que envolvem as circunstâncias históricas diferentemente vivenciadas; e a presentificação do tema, que se deve ao necessário estudo do hebraico (e, por acréscimo, das

---

<sup>1</sup> Não só estudioso da língua hebraica, como aramaica, acadica e ugarítica.

línguas antigas orientais).

O Humanismo redescobriu a relação umbilical da textualidade bíblica para com o seu original hebraico. Ao longo deste processo, os judeus iam continuando os “detentores e mestres da Bíblia em hebraico” (RAMOS 2018: 24) – durante aproximadamente mil anos, o mundo judaico assumira e foi-lhe reconhecido o papel de cuidador do texto hebraico: na Península Ibérica, os estudos gramaticais e lexicográficos desenvolveram-se<sup>2</sup> com Dunash ibn Labrat, Menahem ben Saruk (c. 960) e o seu dicionário bíblico em hebraico, Abulwalid Marwan ibn Djanah e a sua *Sefer ha-Riqmah*, uma das obras mais consultadas pelos exegetas modernos, e Rabi Jonah (Ibn Janah, em árabe) e o *Livro das Raízes*. Lançaram, portanto, as bases para o estudo sistemático do hebraico aplicando a tendência filológica da exegese judaica medieval (RODRIGUES 1977: 217). Abraham ibn Ezra e David Kimhi, gramático, lexicógrafo e exegeta, alargam este quadro.

O que ocorre no século XVI, dando continuidade ao contacto entre rabinos<sup>3</sup> e exegetas cristãos numa Idade Média em que não era imprescindível para os cristãos a alfabetização mínima sobre as línguas de origem dos escritos bíblicos, é o aproveitamento do trabalho pioneiro de alguns mestres judeus, a nível de conteúdo e método. Diga-se que o trabalho de judeus na elaboração teórica e formulação gramatical da sua língua foi rigoroso e frequente, tanto no número de estudiosos como no empenho que colocavam nesta tarefa:

a eles [“em especial os judeus de Espanha, de França e da Alemanha”] se deve em grande parte o extraordinário desenvolvimento que as ciências bíblicas vieram a conhecer mais tarde, (...) dando à interpretação literal do texto sagrado uma importância que antes não se verificara (RODRIGUES 1974a: 125)<sup>4</sup>.

Foi o Concílio ecuménico de Viena de 1311 que decretou, no 11º decreto, que as universidades de Roma, Paris, Oxford, Bolonha e Salamanca, mais frequentadas, tivessem cátedras de Hebraico, bem como de Aramaico e de Árabe, já o hebraico e aramaico eram ensinados por judeus doutos e, desse modo, difundiam em larga escala o conhecimento desses idiomas nos vários países

<sup>2</sup> Variados autores são indicados em LANGE 2001; RODRIGUES 1977 e RODRIGUES [s.d.] (*Influências da exegese judaica medieval nos comentadores...*).

<sup>3</sup> O rabino (*rav*) é um guia espiritual, que não tem função na liturgia da sinagoga, e uma autoridade desde a Idade Média até aos nossos dias; geralmente, não tem mais do que um prestígio particular dado pela sua comunidade. A palavra referia-se, anteriormente ao século XII, ao título dos mestres babilónicos e dos mestres palestinianos até ao século VII (com a sua variante, *rabbi*).

<sup>4</sup> O autor atribui-lhe de novo este papel perentoriamente em RODRIGUES 1983: 340.

europeus. O hebraico não teve o significado para a cristandade medieval que o concedido pelos exegetas e filólogos no início da Época Moderna; os cristãos procuram “a verdade bíblica”, expressão cada vez mais recorrente, inclusive nos estatutos das universidades, e esclarecida a partir do concílio referido ao tempo do papa Clemente V (n. 1264-1314):

De entre os deveres de que estamos incumbidos, nos preocupamos continuamente de como conduzir os errantes no caminho da verdade (Sb 5,6) e conduzi-los a Deus, com a ajuda da sua graça. (...) Não há dúvida de que, para obter quanto desejamos, nada é tão adaptado como a conveniente exposição e a fiel pregação das Sagradas Escrituras. Mas não ignoramos que estas verdades se pregam em vão, se aquele que a escuta, não conhece a língua de quem fala. (...) sobretudo aquelas que usam os infiéis, de modo a [Santa Igreja] saber e poder instruir os infiéis nas Sagradas Verdades (ALVES 2011: 119-120).

A “verdade” é, portanto, associada à “conveniente exposição e (...) fiel pregação das Sagradas Escrituras” através da “língua de quem fala”. Os mestres de línguas nas universidades

têm como tarefa, dirigir tais escolas, (...) traduzir fielmente destas línguas para o latim, ensinar a outros com amor às línguas, passando-lhes os conhecimentos com diligente perícia; assim, os alunos (...) possam dar o fruto esperado (...) propagando salutarmente a fé no meio dos povos infiéis. (ALVES 2011: 119-120).

O proselitismo era legal (em Portugal, desde D. Afonso II) e acompanhado de apologética escrita e oral. A política dos reis em relação aos judeus e muçulmanos era dupla, tanto protetora, como proselitista, e, de facto, a minoria judaica era a mais visada à conversão “no meio dos povos infiéis”, pois mais numerosa e com o peso da concorrência e rivalidade económicas e da proximidade à Corte (FERRO 1997: 123-125). Por outro lado, as cartas de foral outorgaram a possibilidade daquelas minorias religiosas ensinarem nas suas escolas respetivas o hebraico ou o árabe, o Talmude e a Torá ou o Alcorão; Isaac Abravanel (1437-1508)<sup>5</sup> detinha uma biblioteca onde funcionavam es-

<sup>5</sup> Uma sólida ponte de passagem para a Época Moderna ibérica foi o português Isaac Abravanel, ao serviço na contabilidade de D. Afonso V e com um papel intelectual que se repercutiu em toda a diáspora judaica. Em Lisboa, Nápoles, Corfu, Apúlia e Veneza escreveu os seus comentários a grande parte dos livros bíblicos (NETANYAHU 2012 e FALBEL 2012).

tudos rabínicos e Guedelha Palaçano um edifício de onze salas para o estudo do Talmude, em Lisboa.

A aculturação foi uma realidade social, entre os corpos minoritário e maioritário, não obstante a segregação física implementada em Portugal desde a segunda metade de Trezentos (FERRO 1982: 397-482). Os judeus portugueses de Quatrocentos foram “intermediários culturais”, nas palavras de Susana Bastos Mateus e Paulo Mendes Pinto (AFONSO e PINTO 2014: 108): as primeiras tipografias portuguesas foram montadas por judeus com um peso cultural significativo (Eliezar Toledano, Samuel Gacon, Samuel d’Ortas, Abrão d’Ortas), no final do século XV<sup>6</sup>; da mesma forma, familiarizavam-se com os textos clássicos, valores do Humanismo quattrocentista e, até, com obras cujos métodos interpretativos dos textos bíblicos recorriam os cristãos (por exemplo, o avilense Alonso de Madrigal Tostado teve grande influência sobre I. Abravanel e o ‘método das dúvidas’ que privilegiou).

## **2. Do estabelecimento do ensino universitário do Hebraico à sua aplicação no projeto humanista**

Circulavam em Portugal, desde o século XIV, traduções quer do Antigo Testamento, em hebraico e em português, quer do Novo Testamento, em virtude, também, do impulso da literatura de glosa (DIAS 1960: 502-508; RODRIGUES 1976: 321) – ocorre o “despertar da consciência religiosa dos cristãos em sentido bíblico” (DIAS 1960: 505-506); a circulação do Novo Testamento era mais escassa, como comprova José S. da Silva Dias (DIAS 1960: 503). Nos começos do governo de D. João III, verificou-se abertura aos ideais do Humanismo (erasmista<sup>7</sup>, em concreto, ou humanismo cristão criado na Europa do Norte por Erasmo e pelos Irmãos Jeronimitas da Vida Comum); a formação humana integral e o processo a que ela conduzia constam entre os ideais, aos quais D. Manuel respondera com a concessão de bolsas de estudo nas mais prestigiadas universidades europeias de então, Paris e Lovaina (ALARÇÃO *et al.* 1997: 199).

A língua hebraica, mais do que uma língua bíblica, é a terceira língua a integrar o projeto humanista de renovação. José Augusto Ramos argumenta

<sup>6</sup> A primeira obra impressa, o Pentateuco, saiu em 1487 na tipografia de Faro. A Torá, o Pentateuco para os cristãos, não é ‘o Antigo Testamento’, nem a Tanakh (de *Tōrāh, Nevi’im e Khetuvim*, a Bíblia Hebraica) ‘o Antigo Testamento hebraico’, como é afirmado sobejamente por vários autores. Na verdade, não há um Antigo Testamento (nem um Antigo Testamento hebraico) para o judaísmo; este é, sim, a antiga aliança para o cristianismo.

<sup>7</sup> Cf. MIRANDA 2007 e MAGALHÃES 1993: 375-402 (O pré-Humanismo português).

que “No caso do latim e do grego, a justificação para a sua valorização poderia estar associada com as duas culturas clássicas. O caso do hebraico tinha que ser por causa da Bíblia” (RAMOS 2018: 24). Poder-se-á juntar à aceitação deste argumento a sua inversão: o hebraico também lograva entre as línguas clássicas, pois, naquele horizonte, integrava o conceito de clássico (helénico, romano e judaico-cristão); mas, o evoluir do seu estudo estava apegado à dimensão religiosa. A 1 de Outubro de 1546, D. João III escreve a Baltasar de Faria “pola necessidade que há na Univerzydade de Coimbra de pessoa que a lea” (referindo-se à “limguoa ebraiqua”, RODRIGUES 1973: 31-32), pedindo-lhe que fale com Eusébio. Assim, a 16 de dezembro de 1547 (RODRIGUES 1973: 36), sai o alvará de nomeação do mestre Eusébio, judeu convertido ao cristianismo que ensinava em Roma na *Sapienza* (RODRIGUES 1973: 6-11), como professor de Hebraico da universidade, diferentemente do começo nalgumas universidades europeias em 1311. O lente dava duas lições por dia, uma nas Escolas Gerais e outra no Real Colégio das Artes e Humanidades, já com o seu regimento em Novembro do mesmo ano, onde existiam “três [regentes] pera lerem Ebraico Grego e Mathemáticas” (RODRIGUES 1973: 35). Eusébio usufruiu de sucessivos aumentos de salário (RODRIGUES 1973: 37-39). Em 1554, regeu Hebraico o seu substituto, António Domingos Luís (RODRIGUES 1973: 11-12, 42).

Os hebraístas cristãos universitários acorriam a acérrimas discussões sobre a verdade da Bíblia e, para tal, o recurso à autenticidade hebraica era o argumento fundamental. O *De Rudimentis Linguae Hebraicae*, de Johann Reuchlin (m. 1523), a *Bibliotheca Sancta*, de Sixto de Siena, o *Thesaurus linguae sanctae*, de Santes Pagnino (m. 1541), e a *Poliglota de Alcalá* (1502-1517), editada a mando do cardeal Francisco Ximénez, arcebispo de Toledo (m. 1517), tornaram-se tratados basilares tidos em conta e, simultaneamente, responsáveis pelo florescimento das ciências bíblicas. O prestígio do dominicano Jerónimo de Azambuja Oleastro (m. 1563) no domínio do idioma hebraico antigo reflete-se na obra *Hebraismi et Canones pro intellectu Sacrae Scripturae*. Aqui encontramos vários princípios (como o regresso às fontes) e orientações de caráter exegético-filológico, praticadas igualmente enquanto professor da Faculdade de Teologia<sup>8</sup>: o intérprete deve submeter-se à etimologia, não imaginar o significado dos vocábulos que encontra; abandono quase completo da patrística (CARREIRA 1974: 53, 54).

A Bíblia *Vulgata* não exigia, nem favorecia a necessidade de investir no hebraico, uma vez que o texto bíblico padrão era prioritariamente o latino

<sup>8</sup> A abundância de membros de Ordens Religiosas como professores na Universidade encontra-se a partir daqui, com uma presença mais esporádica das ordens franciscana e jesuíta (ALARÇÃO *et. al.* 1997: 787).

(RAMOS 2018: 28), daí não oferecer segurança e confiança para Osório. O que pretendia nos seus comentários, não querendo recorrer, como era usual, ao sentido alegórico (acabava por deturpar o sentido contido nas palavras, RODRIGUES 1978: 6)<sup>9</sup>, era explicar o mais claramente possível ao leitor o sentido do texto sagrado, incluindo a realidade imediata dos factos (CARREIRA 1974: 50), sem esconder as variedades de interpretação verificáveis em certos casos (CARREIRA 1974: 53). Contam-se, entre eles, *Commentaria in Mosi Pentateuchum*, *In Zachariam Prophetam Commentaria*, *In Sapientiam Salomonis*, *In Isaiam Paraphrasis, libri V*, para além dos ao Levítico, ao Génesis e ao Éxodo. Dada a complexidade dos *Commentaria in Mosi Pentateuchum*, onde escreveu “quibus Hebraica veritas exactissime explicatur (...): ex ipsius literae penetralibus seorsum annexuntur”, a explicação dos vocábulos hebraicos no seu comentário a Isaías tornou-se mais acessível.

Como Jerónimo de Azambuja, Jerónimo Osório teve igualmente grande prestígio internacional. Para estes exegetas, o bom conhecimento da língua hebraica era a primeira fase para se percutir em direção à análise bíblica, pelo que as explicações dos termos hebraicos existem nalguns dos seus estudos; a importância que atribuem ao domínio da história dos judeus, leis, costumes, religião, geografia, é, a par daquela, uma fase não menos relevante. Foi na cidade de Bolonha que Osório iniciou o estudo teológico e do hebraico e conheceu vários humanistas. Entre os seus inspiradores estão Erasmo, Guilherme Budé e Petrarca. Embora as suas preocupações sejam mormente éticas e apostólicas, não se dirigem apenas aos protestantes, mas a uma possível conversão dos judeus. Encontramos duas afirmações antagónicas relativamente ao uso que fez dos originais hebraicos e comentários rabínicos nos *Comentários aos Salmos*, *Comentário a Oseias*, *Paráphrase à Sabedoria de Salomão* e *Paráphrase a Isaías*<sup>10</sup>. Luís de S. Francisco (RODRIGUES 1983: 392) iniciou o estudo do hebraico por sugestão de Osório, tardivamente na sua vida, mas contou-se entre os exímios hebraístas. A obra *Globus, et Canonum arcanorum linguae Sactae, ac divinae Scripturae* (Roma, 1586) divide-se em *De characterum ac litterarum hebraicarum antiquitate*; *De nomine*; *De verbo*; *De verbis imperfectis*; *De ordinibus compositis*; *De syntaxi*; *De abbreviaturis hebraeorum*; *De variatate terminorum*; *De poesi hebraeorum*; e *De divinis arcanis*.

O conhecimento linguístico de Francisco de Távora é, entre os presentes, o

<sup>9</sup> Sobre o abandono do método dialético e do intelectualismo escolástico no Humanismo, veja-se RODRIGUES 1981.

<sup>10</sup> Manuel Augusto Rodrigues refere que os usou, inclusive que citou a sua proveniência. Já José Nunes Carreira refere o contrário concretamente à obra *In Esaiam paraphrasis libri quinque* – “Não segue o original hebreu. Não faz quisquer citações, nem de antigos nem de modernos” e “desfaz-se em apelativos injuriosos, martelando sem piedade a pretensa inépacia dos Judeus.” (CARREIRA 1974: 143-144).

que se mais destaca; desde o hebraico, sua língua-mãe, e o siríaco, que aprendeu na sua fuga de judeu para Salónica aos dez anos, ao caldaico, arménio e turco, onde se dedicou em Atenas. Mais tarde, foi, como o mestre Eusébio, um judeu convertido em Roma. Apenas depois de ensinar Hebraico em Salamanca durante um ano, passou a fazê-lo em Coimbra. A sua Gramática Hebraica, escrita em latim, foi impressa em 1556.

Entre os estudiosos do hebraico na Universidade de Coimbra, o que se dedicou desde mais jovem às línguas orientais foi Pedro de Figueiró, 1523-1592 (RODRIGUES 1975: 133-153). Cultivou durante algum tempo o hebraico no Colégio das Artes (1547), tendo sido seu professor no Mosteiro de Santa Cruz (RODRIGUES 1983: 4-6)<sup>11</sup> Edmundo Roseto, como nos informa nos *Commentarii in XXV Piores Psalmos*. Considerado um dos melhores exegetas portugueses do século XVI por Manuel Augusto Rodrigues, tem sempre na sua investigação exegética a preocupação de analisar a fundo os termos hebraicos mais importantes, com base no seu interesse pelo texto massorético<sup>12</sup>. Apa-remem a cada passo nos seus comentários (maioritariamente aos profetas) os estudados Rabi David, Rabi Salomão, Rabi Eliezer, Rabi Samuel, Rabi Chamin, Rabi Abraão, Rabi Abbu, entre outros, mais citados, assim, que os autores cristãos, para os quais as dissensões de interpretação se faziam, por vezes, sentir. O profeta Isaías ocupa um lugar de relevo no seu estudo (CARREIRA 1974: 151). Não procede como Jerónimo Osório, ofensivo nos comentários às interpretações judaicas, nem depende dos grandes autores citados para fazer a sua análise do texto bíblico. Tal postura perante os estudos bíblicos faz com que não se estranhe a hipótese de por isso ter recusado o convite de lecionar Sagrada Escritura.

### 3. A política de Trento e a filologia bíblica da Companhia de Jesus

Leão X (1513-1521), um papa pré-Contrarreforma, declara “A Sagrada Escritura não deve ser interpretada de maneira diferente da dos Santos Doutores, e condena-se quem defender ideias novas.” (ALVES 2011: 124), provenientes dos Reformadores. O período áureo da exegese bíblica, entre 1563 e 1663<sup>13</sup>, foi marcado pelas determinações do Concílio de Trento. Heitor Pinto, um

<sup>11</sup> Numerosos professores estrangeiros ensinaram em Santa Cruz (ALARÇÃO *et al.* 1997: 1001). Todas as matérias que incorporavam a teologia eram ensinadas nos vários mosteiros e conventos, desde 1309 afetos à universidade (ALARÇÃO *et al.* 1997: 244, 247, 250).

<sup>12</sup> Sobre o desenvolvimento do texto massorético e suas versões publicadas cf. PENKOWER 2004: 2077-2084.

<sup>13</sup> Balizas temporais apontadas por RODRIGUES (1977: 219).

escolástico jeronimita, situa-se na passagem de um humanismo cristão para o humanismo católico, segundo M. A. Rodrigues<sup>14</sup>; a história, geografia<sup>15</sup> e outros domínios do saber são por ele apenas aflorados. “A filologia, a exegese em geral, as ciências auxiliares, estavam ao serviço da dogmática aprovada em Trento” (RODRIGUES 1979: 191; 1982: 155); João de Paiva (?-1640), natural de Coimbra, apesar de ser um defensor acérrimo da versão jeronimiana da Bíblia, consagrou-se ao estudo das línguas orientais e mereceram-lhe um interesse particular os hebraísmos e subtilezas da língua hebraica. Estudou na universidade desta cidade e, inclusive, aqui se doutorou.

Heitor Pinto não aborda o texto bíblico na ótica de filólogo, apesar de familiarizado muito bem com o hebraico e de dar à análise filológica uma secção à parte em cada capítulo<sup>16</sup>; procura apoiar-se na *Vulgata* para tecer observações de caráter teológico-moralizante, seguindo o decreto conciliar tridentino *Insuper*, de 8 de Abril de 1546 (RODRIGUES 1976: 316-319). Longe do que fizeram Jerónimo Oleastro, Francisco Foreiro, Pedro Figueiró, Manuel de Sá e Luís de Sotomaior, fica, segundo José Nunes Carreira, “no limiar da crítica do texto [crítica textual] (...). Na crítica literária<sup>17</sup> a pobreza é ainda maior” (CARREIRA 1974: 56). Os estudiosos que se posicionaram menos rigidamente em relação ao *Insuper* defendiam que este, ao restringir a isenção de erro às coisas da fé e dos costumes, admitia a possibilidade de defeitos de variedade na *Vulgata* (RODRIGUES 1976: 118). Aquele decreto<sup>18</sup> “pressupõe” a conformidade da *Vulgata* com os textos originais (ou inexistência de erros na tradução, reiterada no decreto *Sacrossancta*), o que não significa que se devesse abandonar as antigas versões bíblicas, rejeitar as futuras ou os textos originais; o “objecto (...) do referido decreto eram as versões latinas publicadas até àquela altura” (RODRIGUES 1976: 316). Assim nos parece que se posiciona Diogo de Paiva de Andrade (RODRIGUES 1976: 301-305, 322-324). O seu trabalho na Oratória, onde sempre se baseou na palavra original do texto bíblico, fosse ela hebraica ou grega, fez com que fosse enviado para o Concílio de Trento. Concluiu a sua formação universitária em Coimbra em 1558, um ano depois de ter começado a lecionar, como lente substituto, Sagrada Escritura.

<sup>14</sup> Rodrigues aponta várias causas para o revés (1981: 152). O estudo das línguas, das literaturas e da filosofia “tornaram-se saber meramente preparatório, sem autonomia e sem aquela dignidade própria das ciências maiores, (...) a Teologia, a Medicina e o Direito.” (RODRIGUES 1979: 191).

<sup>15</sup> História enquanto disciplina científica institui-se na segunda metade do século XIX (NETO 2013: 15; MARROU 2016).

<sup>16</sup> Para ela consultava lexicógrafos e comentadores, judeus e cristãos (S. Jerónimo, mas outros poucos Padres – cf. p. 6), e não deixa dúvidas das suas fontes ao leitor (CARREIRA 1974: 58).

<sup>17</sup> CHWARTS 2014: 19.

<sup>18</sup> Transcrito por M. A. Rodrigues (RODRIGUES 1976: 316).

O período do estudo bíblico com base nas línguas e humanidades que o envolvem (método histórico-filológico) foi, como observamos, curto. À escala pedagógica, o pluralismo cristão sofreu uma diminuição, com o regresso dos teólogos portugueses de Trento e consequente mudança das preocupações de D. João III; nem D. João III, nem o Conselho se preocuparam vivamente com a reforma luterana até 1545 (RODRIGUES 1979: 191). A resistência à circulação da Bíblia em vernáculo começou em 1547, já a luta contra o biblismo se começara a esboçar, corrente que aumentou consideravelmente, responsável pela proibição inquisitorial das versões em qualquer língua novilatina (RODRIGUES 1976: 321). O monarca entregou o Colégio das Artes aos jesuítas em 1555 e, depois de 1557, com a sua morte, dá-se total atenção à direção política da Contrarreforma (RODRIGUES 1979: 192).

Se nos escritos rabínicos hebraicos houver algo a favor da edição latina da Vulgata ou dos dogmas católicos, o professor citá-los-á, mas sem lhes dar autoridade, a fim de que ninguém se lhes afeiçoe (principalmente se pertencer a autores [judeus] que já escreveram depois de Cristo). (...) O professor não deverá ocupar-se da investigação sobre os restantes escritos rabínicos, nem sequer da correcção dos seus erros – a não ser dos casos mais conhecidos. A mesma regra deverá ser observada em relação à leitura de certos exegetas cristãos que seguiram demasiado os textos rabínicos. (*Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*, 1599, trad. de Margarida Miranda<sup>19</sup>).

Esta disposição foi estabelecida formalmente na *Ratio Studiorum*, porém implementada anteriormente no ensino do Hebraico e representativa da cultura antijudaica em voga. As obras antijudaicas<sup>20</sup> transmitiram uma mentalidade exacerbada e um sentimento de denúncia dos cristãos-novos fiéis ao judaísmo; inclusivamente, assistiu-se à oposição aos hebraístas de Salamanca e de Alcalá<sup>21</sup> em Espanha, entre 1565 e 1575, onde chegou a estudar um bom número de portugueses (ALARÇÃO et. al. 1997: 1003).

O jesuíta Luís da Cruz (1543-1604) foi um dos que ingressou na Companhia de Jesus em Coimbra e conheededor do hebraico, embora tenha lecionado Retórica e Sagrada Escritura<sup>22</sup>. De facto, as novas ordens religiosas surgidas da reforma católica modificaram fundamentalmente a instrução escolar, a começar

<sup>19</sup> MIRANDA 2008: 183-185.

<sup>20</sup> As mais notórias foram elencadas em FERRO 1997: 290.

<sup>21</sup> Sobre a sua formação cultural veja-se RODRIGUES 1981: 134-136.

<sup>22</sup> Assistiu-se a um surto das disciplinas teológicas neste período (RODRIGUES 1981: 175).

com a Companhia de Jesus, mãe de uma “revolução pedagógica” (Grendler, apud MIRANDA 2007: 113). A par da pedagogia renovadora das escolas protestantes dos inícios do século XVI<sup>23</sup>, a Europa assistia na segunda metade do século a um sistema de educação supranacional que institucionalizou os *studia humanitatis*: a *Ratio Studiorum* contemplou três ciclos de estudos (humanidades, filosofia e teologia) nos seus estabelecimentos de ensino, como o Colégio das Artes.

Sebastião Barradas, lente jesuíta de Sagrada Escritura naquele colégio, entre outros que percorreu nacional e internacionalmente, preocupou-se primariamente com a penetração no sentido literal das palavras bíblicas. Dedicou-se à composição dos seus comentários (aos quatro Evangelhos e ao Éxodo) após o ensino durante quinze anos; deu ao *Itinerarium Filiorum Israel* um sentido eclesiológico grande e seguiu o Antigo Testamento na qualidade de pedagogo (idem: 400-411); o seu processo hermenêutico não é diferente daquele que aplicou no *Concordia Evangelica*: aos capítulos de exposição literal dos textos (CARDOSO 1987: 48-50) sucedem-se os capítulos de ordem moral, com base nos Padres e teólogos da Igreja (como refere, só depois é que se deve passar ao sentido em que assenta a vida espiritual do cristão, o moral, RODRIGUES 1983: 404).

O ensino das línguas foi parte do programa das humanidades da *Ratio* (emblema da proposta pedagógica da Companhia de Jesus) e o caminho digno para a recuperação de fontes:

Responsabilize-se o reitor por que se criem entre as Nossas academias de língua grega e hebraica, nas quais os membros possam exercitar-se durante algum tempo, duas ou três vezes por semana, a título de recreio, e dali saiam homens capazes de defender, em público e em privado, o conhecimento e dignidade daquelas línguas. (MIRANDA 2008: 125).

O hebraico foi objeto de um capítulo específico de normas da *Ratio*, entre as quais “Hebraeae linguae professor qualis”; a língua hebraica era ensinada, sempre que possível, por um professor de Sagrada Escritura (se não, por um teólogo), que “procure agir de tal maneira que, com a sua arte, consiga atenuar a estranheza e aspereza que alguns encontram no estudo desta língua” (MIRANDA 2008: 193). Tal significa que a *Ratio Studiorum* veio, não apenas implementar um currículo de estudos, como também atentar na preparação e atuação dos professores, ao ponto de, distintivamente, favorecer os mestres

---

<sup>23</sup> Cf. O movimento humanista na educação (RÜEG 1992).

de línguas (“para favorecer o estudo das Letras”, MIRANDA 2007: 128). Os lentes de Sagrada Escritura deviam satisfazer estas condições: conhecimento das línguas bíblicas e conhecimentos de gramática, história, cronologia, geografia; grande respeito pela Tradição; aptidão especial para a pregação; boa formação escolástica (CARDOSO 1987: 27). Apesar desta conjuntura, “O século XVII é paupérrimo em pessoas conhecedoras dos idiomas hebraico e aramaico. Que diferença em relação ao que se verificara no século anterior!”, chega a afirmar M. A. Rodrigues, na sua tese *A cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra de 1640 a 1910* (RODRIGUES 1974a: 116). Como observámos, a *Vulgata* era a edição vernacular, a consulta do texto bíblico massorético e das obras rabínicas era praticamente nula, e a inter-relação histórica, temática, textual e de promessa-cumprimento (CARDOSO 1987: 418-426) entre os dois Testamentos era mais uma prática regular do que ordinária. Por isso, José Ramos caracteriza o ambiente pós-tridentino pelo predomínio do modelo “seminário conciliar” com a diminuição do estudo do hebraico (RAMOS 2018: 29).

#### **4. O progressivo distanciamento da Universidade para com o fenómeno religioso e a pertinência da sua reversão**

Ao contrário do século XVI e mesmo das duas primeiras décadas do XVII, o período que se seguiu, até à reforma pombalina da universidade, foi de decadência dos estudos teológicos, como nos restantes países europeus. A Reforma Pombalina soube invertê-la (a entrada da Faculdade de Teologia dependia, além de outros, de sólidos conhecimentos das línguas hebraica e grega). Assumida a existência de inúmeros alunos de Hebraico, os que fizeram carreira através do seu intensivo estudo foram poucos. Realçamos, pela análise histórico-literal do texto<sup>24</sup>, erudição, conhecimento profundo do idioma hebraico, dos Padres da Igreja e dos rabinos, a de Jerónimo de Azambuja, Jerónimo Osório, Luís de S. Francisco e Pedro de Figueiró. Aquela análise tem, curiosamente, origem no *pešat* judaico ( פשׁת )<sup>25</sup>.

Embora tenhamos assistido a um século XX semelhante ao “século de ouro das Humanidades” nos Estudos Bíblicos, Portugal, pioneiro naquele movimento quinhentista, não o foi no vigésimo século, provocando o trajeto contrário. “O domínio cultural representado pelo hebraico (...) terá sido o

<sup>24</sup> Armindo Vaz, *Palavra viva, Escritura poderosa: a Bíblia e as suas linguagens* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017), 360-361.

<sup>25</sup> No *Guía para el estudio del hebreo bíblico* confira a escrita hebraica (DEIANA e SPRAFICO 2005).

mais sujeito à erosão das mentalidades que ocorreu desde o Renascimento.” (RAMOS 2018: 28). Tal teve que ver com o progressivo distanciamento dos saberes universitários do religioso. Acontece que o hebraico e, em geral, o texto bíblico, é a introdução mais prática para o grande mundo das línguas semíticas e para a história pré-clássica<sup>26</sup>. Como porta de entrada para a história pré-clássica, é capaz de alterar “significativamente a nossa compreensão sobre o contato entre os povos na região e remaneja a Bíblia Hebraica de volta a seu contexto original, que é o das civilizações antigas dessa unidade territorial”; as literaturas e evidências epigráficas de Ebla, Ugarit, Moab, Edom, Assíria e Babilónia da década de quarenta do século XX apontam para a existência de um *continuum* cultural gerador de mudanças significativas a nível conceitual e social.

Este prolongamento do hebraico faz com que seja válido nos espaços institucionais de saber universitário, ou não fosse a Universidade um espaço de saber universal. Como referiu Ernest Renan, “os velhos textos escritos nesta língua, ao mesmo tempo que são livros sagrados para o teólogo, são para o investigador um objeto de importantes pesquisas. Eles são a Bíblia, mas eles são também a literatura hebraica.” (RAMOS 2018: 35, trad. nossa). Como tal, esta pertence ao ensinamento laico, incumbido de um ensino do religioso, não de um ensino religioso. Luís António Vernei não se cansou de inculcar a necessidade do estudo da língua hebraica no seu *Verdadeiro Método de Estudar*, volume I; o mesmo fez Frei Fortunato de S. Boaventura.

A evidência de E. Renan pode alargar-se às línguas antigas de qualquer religião (algumas ainda faladas atualmente). Seja em hebraico, árabe, grego, aramaico, acádico, ugarítico, sânscrito ou em latim, os textos escritos são para o investigador das religiões fonte de essenciais e variadas pesquisas. Esta, diríamos, é a maior exigência dos Estudos das Religiões. Coimbra, em particular, como herdeira de uma cultura linguística forte, necessita de reafirmar, bem como o ramo dos Estudos das Religiões<sup>27</sup>, em favor de um maior conhecimento histórico-cultural. “Deixaríamos assim de ser menos importadores dessas ciências se criássemos no nosso meio as estruturas necessárias para que tais estudos ganhassem raízes e florescessem como acontece noutras países com muito menos tradições [exegéticas] que nós” (RODRIGUES 1977: 214)<sup>28</sup>.

## Bibliografia

<sup>26</sup> Tal é bem desenvolvido em CHWARTS 2014, mais concretamente nas páginas 117-123; RODRIGUES 1963.

<sup>27</sup> A recém-criada APECER – Academia para o Encontro de Culturas e Religiões –, sediada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, começou a responder a essa necessidade.

<sup>28</sup> Apoie-se em *Exegese bíblica e Antiguidade oriental* (RODRIGUES 1974b).

- AFONSO, Luís, ed. lit., PINTO, Paulo, ed. lit. (2014). *O livro e as interações culturais judaico-cristãs em Portugal no final da Idade Média*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ALARCÃO, Rui de, CORREIA, António [...] et. al.] (1997). *História da Universidade em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ALVES, Herculano (2011). *Documentos da Igreja sobre a Bíblia (160-2010)*. Fátima: Difusora Bíblica.
- CARDOSO, Arnaldo Pinto (1987). *Da Antiga à Nova Aliança – Relações entre o Antigo e o Novo Testamento em Sebastião Barradas (1543-1615)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- CARREIRA, José (1974). *Filologia e Crítica de Isaías no Comentário de Francisco Foreiro, 1522?-1581: subsídios para a história da exegese quinhentista*. Coimbra [s.l.].
- CHWARTS, Suzana (2014). *Via Maris: textos e contexto da Bíblia Hebraica*. São Paulo: Humanitas.
- DEIANA, Giovanni, SPRAEFICO, Ambrogio (2005). *Guía para el estudio del hebreo bíblico*. Madrid: Sociedad Bíblica.
- DIAS, José (1960). *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, t. I, vol. II. Coimbra: Publicações do Instituto de Estudos Filosóficos.
- FALBEL, Nachman (2012). “O Chefe Judaico”, in Ernesto Leal e José Zúquete (coord.), *Grandes Chefes da História de Portugal*. Alfragide: Texto Editores.
- LANGE, Nicholas de, ed. (2001). *Hebrew Scholarship and the Medieval World*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero, coord. (1993). “No Alvorecer da Modernidade”, in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, vol. 3. Lisboa: Editorial Estampa.
- MARROU, Henri-Irénée (2016). *De la connaissance historique*. Paris: Editions Points.
- MIRANDA, Margarida (2007). “A Ratio Studiorum ou a institucionalização dos Estudos Humanísticos”. Separata da BIBLOS. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 109-129.
- MIRANDA, Margarida (2008). *Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599). Regime escolar e currículum de estudos*. Alcalá/ Braga: Imperitura-Alcalá, Faculdade de Filosofia de Braga.
- NETANYAHU, Benzion (2012). *Dom Isaac Abravanel. Estadista e Filósofo*. Trad. Isaías Hipólito. Coimbra: Eduções Tenacitas/ Rede de Judiarias de Portugal.
- NETO, Margarida (2013). *Problemática do Saber Histórico – Guia de estudo*. Coimbra: Palimage.
- PENKOWER, Jordan (2004). “The Development of the Masoretic Bible”, in Adele Berlin [...] et. al.] (ed.), *The Jewish Study Bible*. Oxford: Oxford University Press, 2077-2084.
- RAMOS, José (2018). “O hebraico com língua dos hebreus”, in José Tavim, Maria Barros, Lúcia Mucznik, Ana Ferreira e Miguel Andrade (ed.), *Os judeus na Península Ibérica*

- durante a Idade Média: análise das suas fontes.* Lisboa: Edições Almedina, 15-36.
- RODRIGUES, Manuel (1963). *As descobertas de Ugarit e o renascimento da língua hebraica.* [s.l.: s.n.].
- RODRIGUES, Manuel (1973). *O estudo do hebraico em Portugal no século XVI.* Coimbra [s.n.].
- RODRIGUES, Manuel (1974a). *A cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra de 1640 a 1910.* Coimbra: Instituto de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos.
- RODRIGUES, Manuel (1974b). *Exegese bíblica e Antiguidade oriental.* Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra.
- RODRIGUES, Manuel (1975). *D. Pedro de Figueiró e a sua obra exegética.* [s.l.: s.n.].
- RODRIGUES, Manuel (1976). *Algumas notas sobre a vida e a obra de Diogo de Paiva de Andrade.* Coimbra: Instituto de História Económica e Social.
- RODRIGUES, Manuel (1977). *A oração proferida por Diogo de Paiva de Andrade no Concílio de Trento. Algumas notas sobre a exegese bíblica em Portugal no séc. XVI.* [s.l.: s.n.].
- RODRIGUES, Manuel (1978). *Alguns aspectos da obra exegética de Fr. Jerónimo de Azambuja (Oleastro), O.P.* Coimbra: Instituto de História Económica e Social.
- RODRIGUES, Manuel (1979). *As aulas de Frei Bartolomeu no contexto escolar da época.* Porto: Dominicanos.
- RODRIGUES, Manuel (1981). "Do Humanismo à Contra-Reforma em Portugal". *Revista de História das Ideias*, vol. III, 125-176.
- RODRIGUES, Manuel (1982). *Fr. Heitor Pinto no contexto da cultura da Renascença.* Coimbra: Epartur.
- RODRIGUES, Manuel (1983). *Subsídios para a história da exegese bíblica em Portugal: Escrituras e suas obras.* Coimbra [s.n.].
- RODRIGUES, Manuel [s.d.]. *Influências da exegese judaica medieval nos comentadores bíblicos portugueses do século XVI: o comentário ao Cântico dos Cânticos de Luis de Sotomaior.* [s.l.: s.n.].
- RÜEG, Walter, coord. geral (1992). *Uma História da Universidade na Europa.* Trad. do Centro de tradução da FLUP. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- TAVARES, Maria José Pimenta Ferro (1982). *Os Judeus em Portugal no século XV.* Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- TAVARES, Maria José Pimenta Ferro (1997). *Sociedade e Cultura Portuguesas.* Lisboa: Universidade Aberta.
- VAZ, Armindo (2017). *Palavra viva, Escritura poderosa: a Bíblia e as suas linguagens.* Lisboa: Universidade Católica Editora.



# A Real Mesa Censória e o Colégio Real dos Nobres da Corte: revisão e censura de um projeto civil, literário e educativo

*The Real Mesa Censória and the Royal College of Nobles of the Court: Review and censorship of a civil, literary and educational project*

**ANA CRISTINA ARAÚJO**

Universidade de Coimbra, CHSC, Faculdade de Letras

araújo.anacris@sapo.pt

<https://orcid.org/0000-0001-5267-8196>

Texto recebido em / Text submitted on: 11/11/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 08/09/2020

**Resumo.** A Real Mesa Censória passou a tutelar e a administrar o Colégio Real dos Nobres e todas as escolas menores do reino e domínios ultramarinos, em 1771. O Colégio Real dos Nobres, apesar das dificuldades que enfrentou no início da década de setenta, iniciou um vasto e ambicioso programa de formação de jovens nascidos na aristocracia e nas melhores famílias da capital. Os estatutos do colégio (1761) contemplavam a instalação de uma “livraria própria”. A acomodação da biblioteca, cujo espólio contava com livros de diversa proveniência, foi confiada a Nicolau Pagliarini. O modelo de ensino científico e experimental ensaiado no Colégio Real dos Nobres precedeu a reforma da Universidade de 1772 e a criação das Faculdades de Filosofia e Matemática. Sob a égide de Frei Manuel do Cenáculo, presidente da Real Mesa Censória, foram reformados três pilares organizativos do primitivo modelo colegial: a autonomia de gestão, o regime de clausura civil imposto a alunos, professores e a outros servidores e o alcance cultural e científico do currículo escolar oferecido pelo Colégio Real dos Nobres.

**Palavras-chave.** Colégio Real dos Nobres, reforma, biblioteca, educação, universidade.

**Abstract.** The Royal Censorial Commission was in charge of administering the Royal College of Nobles and all the secondary schools of the kingdom and of the overseas domains, in the year of 1771. Despite the difficulties it faced in early seventies, the Royal College of Nobles launched a vast and ambitious program of training for young boys born in aristocracy and best families of the capital. The college's statutes (1761) provided for the installation of a "library of its own". The accommodation of the library, which had books of various origins, had been entrusted to Nicolau Pagliarini. The model of scientific and experimental teaching rehearsed the reform of the University of 1772 and the creation of the Faculties of Philosophy and Mathematics. Under the authority of Fr. Manuel do Cenáculo, president of the Royal Censorial Commission, three organizational pillars of the early collegial model were reformed: the autonomy of management, the regime of civil enclosure imposed on students, teachers and other servants and the cultural and scientific scope of the school curriculum offered by the Royal College of Nobles.

**Keywords.** Royal College of Nobles, reform, library, education, university.

## **Publicação e juramento dos Estatutos do Colégio Real dos Nobres da Corte**

A noção de serviço das melhores famílias do reino à Coroa, tendo em vista o tradicional o *ethos nobiliárquico*, implicou, na ótica das elites ilustradas setecentistas, a atribuição de novas responsabilidades e competências sociais à primeira ordem do reino<sup>1</sup>. No quadro do compromisso público dos membros da nobreza com o governo da monarquia, o desempenho individual passou a ser um atributo a acrescentar ao privilégio de nascimento. Não estava em causa o regime estamental da sociedade de Antigo Regime, mas tão-só uma atualização de padrões educativos das elites palatinas e da fidalguia em geral.

Dentro desta lógica, a ideia de dotar a nobreza de novos e úteis conhecimentos e a possibilidade de criação de um colégio moderno de educação que, à semelhança de outras escolas congêneres europeias, garantisse à tradicional elite de poder domínios de intervenção mais ajustados às Luzes do século, constituíram motivo de reflexão nos tratados dos principais autores portugueses que escreveram sobre pedagogia e reformas educativas no século XVIII, com destaque para Martinho de Mendonça de Pina e Proença, Luís António Verney e António Nunes Ribeiro Sanches (CARVALHO 1959: 12-47).

Em regime de ensino particular, como propunha Martinho de Mendonça de Pina e Proença, ou por meio de ingresso em internatos masculinos com estatuto de privilégio, a preparação cultural da nobreza foi encarada como um problema sensível para o lustre da Coroa e da monarquia. Segundo o parecer daquele erudito e viajado homem de letras: “falta neste reino à nobreza aquelle methodo de educação que praticão as nações mais polidas e que já os nossos vizinhos introduziram no Real Colegio de Madrid” (PROENÇA 1734: 134). Pina e Proença, seguindo o pensamento de John Locke sobre educação, propôs um modelo de ensino mais particular do que coletivo ou escolarizado para a fidalguia. O seu programa de estudos era elitista e moderno, contemplava o ensino de línguas vivas, geografia, história dança, esgrima, artes de cavalheiros e civilidade (GOMES 1964).

Apresentadas com riqueza de argumentos e diversa fundamentação, as propostas dos autores portugueses conformavam um tipo ideal de menino

---

<sup>1</sup> A noção de casa e a obrigação de serviço ao rei sustentam o tradicional código de conduta da nobreza titular, conforme explica MONTEIRO 1998. Este autor discute as teses de Joanthan Dewald, Jay Smith e conclui que os propósitos de renovação e de modernização da nobreza portuguesa não aparecem vinculados a uma ética de mérito individual. Em sua opinião, “a dar crédito a tais propostas, seria necessário explicar porque motivo a noção de serviço à Coroa, absolutamente central e sujeita a minuciosa codificação, nunca potenciou similares desenvolvimentos no caso português” (*ibidem*: 384).

nobre, sem especificarem, todavia, os reais destinatários dos novos currículos educativos. Dito de outro modo, os programas de ensino para a juventude nobiliárquica avançados por Martinho de Mendonça de Pina e Proença, Luís António Verney e António Nunes Ribeiro Sanches tanto podiam aplicar-se à nobreza titular, à aristocracia de Corte, à fidalguia de província, ou mesmo à moderna nobreza civil, que já ocupava importantes cargos na monarquia e disputava a primazia em tribunais e órgãos de conselho régio.

Em qualquer caso, o acento posto na reforma da educação de crianças e jovens de famílias aristocráticas decorria da preocupação de normalização da elite política e militar da monarquia. Por via da inculcação precoce de novos saberes e valores procurava-se atualizar no plano cultural e disciplinar e do ponto de vista social e simbólico a primeira ordem do reino. Para além disso, os ilustrados portugueses que escreveram sobre o assunto sabiam que as instituições de ensino destinadas à aristocracia gozavam de grande notoriedade em alguns Estados europeus, especialmente naqueles em que esses internatos funcionavam como escolas de cadetes ou centros de preparação e disciplina militar de grupos minoritários de jovens, como acontecia em França, Dinamarca, Rússia, Suécia e Prússia. De acordo com o que sabia e observara em vários países europeus, Ribeiro Sanches defendeu para a “nobreza e fidalguia” portuguesa um ensino de forte componente militar, com internato, ou seja, com “educação forçada com clausura”, dirigida por leigos casados. Mas, temendo ser mal interpretado, esclarecia:

“como não he couza nova hoje em Europa esta sorte de ensino, com o título de *Corpo de Cadetes*, ou Escola Militar, ou Collegio dos Nobres, atrevo-me a propor á minha Pátria este sorte de Collegios não somente pella suma utilidade que tirará esta Educação a Nobreza, mas, sobre tudo, o Estado e todo o povo” (SANCHES [1760] 1959: 342-343).

A criação do Colégio Real dos Nobres em Lisboa não sendo, portanto, uma ideia nova começou a ser pensada como uma possibilidade real logo no início do reinado de D. José. A primeira notícia oficial recebida por Sebastião José de Carvalho e Melo, então ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, sobre o funcionamento dos colégios destinados à nobreza, chegou por via diplomática e foi veiculada por Ambrósio Pereira Freire de Andrade e Castro, embaixador de Portugal em Viena. Em carta dirigida ao secretário de Estado, datada de 22 de Outubro de 1752, este diplomata dava conta dos três colégios imperiais criados por Maria Teresa, destacando especialmente o Colégio Teresiano e o Colégio de Engenheiros para a educação da fidalguia

austríaca (CARVALHO 1959: 47). Esta indicação, sublinhe-se, antecedeu a expulsão dos jesuítas (1759) e precedeu a consulta feita sobre o mesmo assunto ao médico residente em Paris Ribeiro Sanches, consulta que foi mediada pelo secretário da embaixada Pedro da Costa Salema.

À semelhança do figurino de reforma da cultura áulica em vigor em países de tradição católica, como Espanha e Áustria, o projeto civil, literário e educativo instituído em Portugal, em 1761, foi projetado para engrandecimento da Igreja e do Estado e aplicado a um reduzido escol de meninos nobres. Apresentado como extensão da vontade régia e constituindo em si mesmo um motivo de maior brilho da casa real, D. José justifica, nestes termos, a nova fundação áulica:

Hei por bem restabelecer na minha Corte, e Cidade de Lisboa, hum Collegio com o titulo de Collegio Real dos Nobres, para nelle se educarem cem Porcionistas: O qual quero que se conserve sempre no seu inteiro Domínio, e na minha privativa, e immediata protecção, para delle, ou della não poder mais sahir, debaixo de qualquer cōr, pretexto, ou motivo por mais apparente, ou especioso que seja<sup>2</sup>.

Sem descurar o exemplo das nações católicas mais polidas da Europa, a instituição de um seminário secular, em regime de internato, sediado na Corte e cidade de Lisboa e destinado, em primeiro lugar, a nobres da Corte, ou seja, a filhos dos Grandes e fidalgos matriculados na casa Real, centrou-se no ensino das ciências, das humanidades e de outras artes necessárias à urbanidade e cortesia, como dançar, esgrimir, tanger, conversar e cavalgar.

Para “civilizar a mocidade” cortesã, a expressão é de Verney<sup>3</sup>, e contrapor aos hábitos considerados rudes da nobreza portuguesa uma disciplina mais afável e polida de sociabilidade, Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro marquês de Pombal, contou com mestres estrangeiros, a maioria italianos, contratados para prover o corpo docente e assegurar, inicialmente, a direção do colégio. Significativamente, em 1761, ano da criação da instituição, foi reeditada a obra de Martinho de Pina e Proenca, *Apontamentos para a educação de um menino nobre*, cuja primeira edição, remontava a 1734.

<sup>2</sup> *Estatutos do Collegio Real dos Nobres da Corte e Cidade de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Mesa Censória, 1777, p. 3. A primeira edição foi publicada em 1761, mas, por comodidade, citaremos sempre a segunda edição.

<sup>3</sup> Luís António Verney não desenvolve a questão da escolarização da nobreza, mas ainda assim refere que “em outros reinos tem-se fundado seminários seculares para os Nobres onde os rapazes aprendem não só as ciências, mas as partes de cavalheiros e artes liberais”. Para “civilizar a mocidade” cortesã, admite que tais seminários possam até ser dirigidos por religiosos (VERNEY [1746] 1952: vol. V, 121-122).

Em 1761 iniciaram-se, igualmente, as obras de recuperação do edifício do Noviciado da Companhia de Jesus, onde haveria de ser instalado o colégio, e cuja direção foi confiada ao arquiteto militar Carlos Mardel. A casa que pertencera aos jesuítas, a precisar de reparação depois do terramoto de 1755, situava-se no sítio da Cotovia, atual Príncipe Real, e estava vaga depois da expulsão daquela congregação religiosa, decretada em 3 de setembro de 1759.

Os Estatutos de criação do Colégio Real dos Nobres, publicados em 1761, foram, por seu turno, reeditados, sem referência a novos dispositivos orgânicos e regulamentos posteriores à data da sua criação, em 1777, no ano da morte do rei D. José e da queda do marquês de Pombal, o que indicia, talvez, a necessidade de confirmação daquela instituição.

Subjacente ao lançamento inaugural da nova fundação, a lei de 7 de março de 1761 que instituiu o colégio surpreende, desde logo, pelo seu vincado historicismo. Nela não se vislumbra uma motivação moderna, tipicamente iluminista, para a nova instituição educativa, antes se impõe a ideia de recuperação do lustre antigo da nobreza.

No preâmbulo da lei que institui o Colégio Real dos Nobres afirma-se que o rei, “tendo ouvido muitos ministros do seu Conselho e Desembargo de grandes Letras, experiências e zelo do serviço de Deus” (*Estatutos do Collegio Real dos Nobres* 1777: 2), fora informado da grande decadência que haviam experimentado os colégios criados na era de Quinhentos, com destaque para a lendária escola de Sagres, para os colégios quinhentistas de S. Miguel e Todos os Santos (1547), destinados a fidalgos e nobres, e para a famosa “escola de Línguas e Artes que o rei D. João III fundara na cidade de Coimbra”, com o título de Colégio das Artes, com professores ilustres que os jesuítas, gozando da maior autonomia, “usurparam e fizeram decair”<sup>4</sup>.

Portanto, foi para suprir as “irremediáveis perdas” experimentadas ao longo de dois séculos na formação da melhor nobreza do reino que se instituiu, não em Coimbra mas em Lisboa, o Colégio Real dos Nobres. Havia também a convicção de que “da boa e regular instrução da mocidade” cortesã dependia

<sup>4</sup> A ponto de, afirma o mesmo documento, “desacreditarem os antigos professores e de vexarem o grande numero de porcionistas das primeiras Familias da Corte, e da principal Nobreza do Reino, que então se educavam naquelle cidade; de sorte que não só obrigaram a todos os sobreditos a que successivamente fossem desertando, e viesssem a dezamparar de todo aquelle Collegio (de que hoje apenas existe a memoria) até que sendo em fim transferido para o terreno, em que presentemente se acha, foi imediatamente ocupado, e absorbidas as suas accomodaçõens pelos sobreditos Regulares, e por elles converido em Caza de Noviços; mas tambem se serviram aos mesmos maos fins dos outros reprovados meios de perturbarem o Corpo Academicº dos Estudos maiores com affectadas questõens de jurisdição e de fazenda; de prohibirem ao Reitor da Universidade que visitasse o referido Collegio para não conhecer as uzurpaçõens, as desordens, e os erros de methodo, que nelle tinham introduzido” (*Estatutos do Collegio Real dos Nobres da Corte e Cidade de Lisboa*: 2).

“o bem espiritual e a felicidade temporal dos Estados” (*Estatutos do Collegio Real dos Nobres* 1777: 2). “Para a propagação da Fé e aumento da Igreja Catholica e para o serviço dos soberanos e utilidade pública dos povos” fazia-se necessário, portanto, o restabelecimento “na Corte hum Collegio com o título de Collegio Real dos Nobres” (*Estatutos do Collegio Real dos Nobres* 1777: 3).

Apesar da aprovação dos Estatutos do colégio ter ocorrido em 1761, prolongou-se muito o período de contratação de professores estrangeiros. Acompanhando a morosidade das obras de renovação do edifício que lhe serviu de instalação, foram sendo providos, ao longo do quinquénio seguinte, os mestres italianos inicialmente indicados por Jocob Facciolati (teólogo e latinista). Os contactos com a Universidade de Pádua aprofundaram-se com a chegada a Lisboa, a partir de maio de 1762, de Michel Franzini (professor de Geometria) e de Angélo Falier (professor de Física Exprimental). Este último retornou a Itália em inícios de 1765. Entretanto, o corpo docente passou a contar com Dalla Bella, contratado em 1766, e com Brunelli que não permaneceu muito tempo como professor do colégio. Para perceptor designou-se outro italiano, o matemático e astrónomo Miguel Ciera. O cargo de reitor foi confiado ao doutor da Universidade de Coimbra e conselheiro da Mesa da Consciência e Ordens José do Quental Lobo e o de vice-reitor veio a ser ocupado, também por um período de três anos, tal como o anterior, por João Egas de Bulhões Sousa (CARVALHO 1959: 125; AGUILAR 1935).

Oficialmente, a abertura do Colégio Real dos Nobres realizou-se a 19 de março de 1766, com a maior solenidade, assistindo à cerimónia o rei, a rainha e a Corte, ministros e secretários de Estado, o Cardeal Patriarca, D. Francisco de Saldanha, o arcebispo Regedor, o Diretor Geral dos Estudos, o Principal Almeida, os cônegos principais da Patriarcal e os dirigentes e professores da instituição. Alguns meses antes, conforme relato de um contemporâneo que conheceu de perto a orgânica colegial e que assistiu aos preparativos da sua inauguração, “foram Suas Magestades e Altezas ver o Colegio” (BNP, código 11234/27: fl. 76), visitando demoradamente o edifício ainda em obras, a 4 de novembro de 1765.

Acompanhavão a El Rey o Marquez de Anjeja que estava de semana; ao Senhor Infante, o Conde da Ponte; a Rainha dava o braço o Marquez do Lavradio; a Princeza a D. Vasco da Câmara. Achavam-se já esperando Sua Magestade no Colegio allem do Reitor, Vice Reitor, Prefeito, Profeçor Brunelli, Profeçor Franzini, Profeçor Mesquita, Profeçor Daly, o Conde de Oeyras, Ministro Secretario de Estado, o Marquez de Marialva, o Principal Almeida, o Conselheiro da Fazenda Joze Francisco da Cruz Alagoa (BNP, código 11234/27: fl. 76).

Com notório interesse, a comitiva régia iniciou a visita pelo espaço circundante, pelo picadeiro e cavalaria, detendo-se, em seguida, nas instalações edificadas destinadas aos colegiais. “El Rey gostou muito da portaria, escadas e caza de espera” (BNP, código 11234/27: fl. 76). Apesar da extensão da cozinha e da largueza da maioria dos aposentos e salas de aula, a rainha apreciou particularmente a Igreja, ainda em fase de reabilitação. O autor anónimo do relato que temos vindo a seguir, registou que “em todo o tempo que durou a visita ao edifício do Colégio dos Nobres da Corte sempre sua Magestade conversou com o Conde [de Oeiras] muito e o Marquez de Marialva. O senhor Infante deteve-se conversando com o Principal”. Após a saída da família real, “foi o Conde e o Principal e o Prefeito para a Cella do Reitor ajustar a obra da Livraria” (BNP, código 11234/27: fl. 76).

Esta deslocação do monarca ao colégio antecedeu o momento de abertura das aulas e de juramento dos Estatutos do Colégio Real dos Nobres, que ocorreu no ano seguinte, no dia de S. José, em homenagem ao nome da pessoa do rei. Doze dias antes da referida cerimónia inaugural acomodaram-se os meninos ou “collegeaes aceitos por Sua Magestade” (BNP, código 11234/27: fl. 76v). Afastada a ideia de ingresso por simples candidatura, sublinha-se que os meninos que frequentaram nesse ano as aulas tinham sido previamente escolhidos e a sua admissão aprovada pelo monarca.

Não foi fácil a seleção dos candidatos ao internato colegial. Como registou Rómulo de Carvalho, o número de ingressos nunca atingiu, nos primeiros anos de funcionamento do colégio, a centena de alunos, prevista no Estatutos<sup>5</sup>. Esta retração no preenchimento de vagas de colegiais ficou a dever-se, talvez, ao facto de a lei de 7 de março de 1761 que instituiu o Colégio Real dos Nobres não ter contribuído para apagar as marcas de resistência da nobreza, provocadas pela brutal sentença de execução dos Távoras (3 de Janeiro de 1759), na sequência da suposta tentativa de regicídio de setembro de 1758, em que foram também implicadas outras importantes linhagens, com destaque para os representantes das casas de Aveiro, Alorna e Atouguia. Tornou-se assim necessário instaurar um período de tréguas para que fosse possível recuperar a adesão de algumas casas titulares a um projeto educativo que visava desapossar as crianças das melhores famílias de casa de seus pais (com idades compreendidas entre os 7 e os 12 anos).

<sup>5</sup> Este autor afirma que “o número máximo de alunos que coabitaram no Colégio dos Nobres, durante este desordenado período da sua vida, foi apenas de 34. Deste reduzido número nem todos seguiram as disciplinas científicas [...]. Em todo o período de 1766 a 1772 sómente cinco alunos fizeram exames das ciências físicas e matemáticas. A isto se reduziu o sonho de ministrar o ensino científico à juventude nobre de Portugal.” (CARVALHO 1959: 180).

De qualquer forma, durante o primeiro quinquénio de funcionamento do Colégio do Nobres (1766 - 1772) oito descendentes de titulares foram matriculados como colegiais. Referimo-nos aos primogénitos dos marqueses de Angeja, Alorna, Alegrete, Valença, Lavradio e segundo conde de Avintes, que colocou também o secundogénito no colégio, à semelhança da escolha que o Conde de Oeiras fizera para o seu filho segundo. Engrossaram o grupo de descendentes de grandes casas os sucessores do 5º visconde de Barbacena e do 2º conde da Cunha (Teles 2006).

Internamente, todos os meninos estavam obrigados a usar como uniforme uma capa ou garnacha comprida. Quando saíam do colégio, os primogénitos vestiam a mesma capa e batina e os segundogénitos casaca de pano. Traziam também ao peito uma medalha, gravada no anverso com a imagem da Imaculada Conceição, padroeira da instituição, e, no reverso, com as armas reais ao centro encimando instrumentos e emblemas científicos. A medalha comportava também, no reverso, em numeração romana, o ano de abertura oficial do colégio, 1766 (FERNANDES 1861: 33-34). O escol de meninos educados no Colégio Real dos Nobres inseria-se numa rede de sociabilidade cortesã e gozava da proteção do monarca e do seu ministro, o conde de Oeiras. O caso dos irmãos Sousa Coutinho (Rodrigo e José António), ambos alunos do colégio, é ilustrativo do favorecimento recebido. Frequentaram a Corte e conviveram com D. José Francisco, Príncipe da Beira e do Brasil (1761-1788), neto de D. José e herdeiro da Coroa (SILVA 2002: 1, 87; CABRAL 2014: 303).

À cerimónia inaugural e ao ato de juramento dos Estatutos na presença do rei, seguida da oração pronunciada em latim, pelo diretor geral dos estudos<sup>6</sup>, assistiram apenas vinte e quatro alunos, uns de extração nobiliárquica e outros provindos de famílias nobilitadas, que, contudo, tinham um traço em comum: os seus pais figuravam nos registos das Mercês das Chancelarias de D. João V e de D. José I e todos eles gozavam ou passaram a gozar da condição de moços-fidalgos (CARVALHO 1959: 183, n. 290). A cerimónia decorreu na capela do colégio, lugar nobre do edifício, e, terminado o juramento, “o ministro de Estado Conde de Oeyras e mais Grandes e outros Fidalgos subirão para a salla de vezitas onde se entretiverão athe muito de noite” (BNP, Códice 11234/27: fl. 77). As aulas principiaram a 14 de abril e, na ocasião, o Prefeito Miguel

<sup>6</sup> BNP, Códice 11234/27: fl. 77. O mesmo documento descreve, com pormenor, a riqueza decorativa da capela do colégio, local escolhido para a cerimónia de abertura dos estudos e para o ato de juramento dos Estatutos, os distintos lugares ocupados por participantes e assistentes, o beija-mão real e outros rituais de Corte. Não discrimina os alunos presentes, pelo que nunca saberemos se assistiram os 20 meninos até àquela data matriculados se os 24 que, de facto, frequentaram as aulas nesse ano.

Ciera proferiu em latim a lição *In regali olisiponensi collegio studiorum praefecti: oratio*<sup>7</sup>, assistindo também ao ato o monarca e a Corte.

## A livraria do Colégio Real dos Nobres

O edifício dispunha de magníficas e espaçosas instalações organizadas em dois pisos e águas-furtadas, segundo revela a planta do colégio conservada nos papéis que pertenceram ao espólio de Frei Manuel do Cenáculo (BPE, ms. CXXIX/2-6). Na parte mais alta localizavam-se vários compartimentos menores e a enfermaria. No primeiro piso ficavam “a sala que servio das visitas dos senhores collegiae”, a “casa das Machinas grandes”, o gabinete de física experimental, a aula de desenho, as habitações do reitor, do vice-reitor e do prefeito dos estudos e demais aposentos para professores e familiares. No piso de entrada existiam, bem demarcados, os espaços reservados à mordomia e portaria, as casas de contadaria e guarda-livros, refeitórios, cozinha e compartimentos anexos, algumas salas de aulas, a casa de dança e florete, a casa dos Atos, o cárcere, um corredor largo, a “caza chamada última” e, entre outros aposentos de menor dimensão, umas “cazinhas cheias de livros” (CARVALHO 1959: 111-112).

Os estatutos indicam que o edifício fora provido de uma livraria privativa, adequada à natureza dos estudos e de um gabinete de “máquinas” e “instrumentos mathematicos”, claramente individualizado na planta do edifício, ao contrário do que acontece com a livraria, desprovida, na planta indicada, de sítio adequado. Em qualquer caso, a vontade régia é claramente enunciada no título XIX dos Estatutos do colégio, anexos à lei de 7 de março de 1761:

Ordeno que no Collegio haja huma Livraria própria, e competente aos Estudos que nelle tenho estabelecido: Servindo nella de Bibliothecario aquelle dos professores de Rethorica, Logica ou Historia que parecer mais próprio pelo génio [...].

O mesmo Bibliothecario escolherá de entre os Familiares do Collegio os dous em quem achar maior prestimo, ou propensão para cuidarem

<sup>7</sup> CIERAE, Michaelis Antonii 1766. Três anos depois, uma das primeiras obras publicadas pela Impressão Régia foi a oração pronunciada pelo Prefeito do Colégio Real dos Nobres na abertura do ano escolar de 1768-1769, com o título: *In regali nobilium adolescentum collegio studiorum praefecti: oratio ad instauranda litterarum artium studia, publice habita III non. Novembres. Olisipone: Ex Typographia Regia, 1769.* Estas eloquentes peças de oratória, investidas de um evidente significado político, encerram o essencial do programa didático do colégio. Em conjunto com as que foram publicadas por outros professores aguardam um estudo.

no asseio da Livraria, e boa custodia, e conservação dos Livros della: Os quaes prohibo que possam sahir da mesma Livraria para fóra, ou seja para uso do mesmo Collegio ou para se emprestarem sem preceder licença immediatamente Minha.

Na contiguidade da mesma Livraria haverá uma Caza própria para custodia e para uso dos Instrumentos Mathematicos (*Estatutos do Collegio Real dos Nobres*: 17).

Este passo dos Estatutos suscita várias interrogações: Onde se instalou afinal a biblioteca no espaçoso edifício do colégio? Como se organizou o espólio da livraria? Existe algum rol ou índice da livraria? Que livros compunham o espólio da biblioteca?

Como ficou dito, os dispositivos normativos não só apontam para a importância do livro e de novos manuais de ensino nos programas escolares do colégio como sugerem um local para a instalação da livraria. O seu espólio, impresso e manuscrito, sujeito a tratamento e vigilância apertada, conservava obras valiosas. Em inícios do século XIX, foi descoberto no conjunto da coleção à guarda do colégio, um valioso pergaminho do século XIII, que reunia o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* e o famoso *Cancioneiro da Ajuda*. Era então reitor do colégio Ricardo Raimundo Nogueira<sup>8</sup>. Este achado comprova a existência de uma rica e antiga coleção de livros e manuscritos. Contudo, escasseiam as informações relativas à sua origem, classificação e acomodação.

Segundo Banha de Andrade, que identificou alguns documentos avulsos de grande importância sobre a organização inicial da biblioteca do colégio, esta teria sido reorganizada ao mesmo tempo que se ordenavam e arrumavam os livros da Biblioteca Real (ANDRADE 1981: vol. 2, 13-15). Desde 1768, ano de fundação da Real Mesa Censória, que o impressor italiano Nicolau Pagliarini, livreiro muito apreciado por Frei Manuel do Cenáculo e seu fornecedor de livros<sup>9</sup> (VAZ 2006: 75; 2009: 19-20), orientava o trabalho de reorganização das estantes levado a cabo pelo amanuense Feliciano Marques Perdigão nas

<sup>8</sup> A descoberta deste pergaminho, ocorrida nos primeiros anos do século XIX, foi prontamente comunicada pelo reitor do colégio a António Ribeiro dos Santos, bibliotecário da Real Biblioteca Pública da Corte, que elaborou a primeira descrição conhecida do chamado *Cancioneiro da Ajuda*. Sobre o assunto, veja-se, com remissão para bibliografia específica ARAÚJO 2012: 21-23. Compulsando o *Catálogo da Livraria do Colégio*, datado de 1829, encontra-se a seguinte anotação relativa à oferta da 1<sup>a</sup> impressão deste manuscrito: “Há mais Fragmentos de hum Cancioneiro Inedito que se achou na Livraria do Collegio dos Nobres de Lisboa, Impresso á custa de Carlos Stuart, em Paris, 1823” (BNP, código 7393: fl. 10).

<sup>9</sup> A correspondência de Nicolau Pagliarini para D. Frei Manuel do Cenáculo encontra-se depositada na Biblioteca Pública de Évora. Foram identificadas 164 cartas, algumas das quais acompanhadas de relações de livros comprados e páginas de gazetas noticiosas. As compras efetuadas por Nicolau Pagliarini, entre 1768-1792, contêm indicações de preços e de datas.

duas bibliotecas, na do paço e na do colégio. Por indicação de Pagliarini, foram contratados para aquela tarefa mais dois amanuenses e dois varredores, por estarem muito precisadas de ordem as duas bibliotecas. “Em dias interpolados” – segundo testemunho do próprio Marques Perdigão – “fui com outro amanuense applicar-me à do dito Colégio para se dividirem os livros pelas suas matérias e separarem os duplicados, que era muitos e se transportaram em dez carradas” (ANDRADE 1981: vol. 2, 14). Encarregado da catalogação das duas bibliotecas, Pagliarini chegou a receber uma encomenda com “40 maços de cartas brancas”, importadas de Génova, para elaborar os ficheiros bibliográficos e uma remessa contendo “75 dúzias de títulos de tabuletas”, para serem “pregadas nas estantes para divisão das matérias” (ANDRADE 1981: vol. 2, 14). Sob sua orientação, em 1769, foram transportados para o colégio 29 caixotes grandes de livros provenientes da livraria de Sua Majestade, eram livros dobrados da livraria do paço, conforme acrescenta a respetiva guia de remessa (ANDRADE 1981: vol. 2, 14; CARVALHO 1959: 105-106). Atendendo à data em que começou a organizar-se o acervo de livros da biblioteca do colégio, comprehende-se que a instituição não tenha respondido ao edital da Real Mesa Censória, de 10 de julho de 1769, que solicitava a instituições e particulares o envio dos catálogos das bibliotecas existentes no reino (MARQUES 1963).

Com a inclusão, em 1770, de Manuel José Felgueiras, clérigo de ordens menores, no corpo de amanuenses da livraria deu-se continuidade ao trabalho de seriação dos “livros todos dispersos”, seguindo as instruções de catalogação elaboradas por Pagliarini.

Mas nem só do Paço Real chegaram volumes para classificar e colocar nas estantes. Em janeiro de 1768, iniciara-se também a transferência de algumas partidas de livros do Colégio de Santo Antão para serem dignamente acomodados no Colégio Real dos Nobres. “A entrega devia fazer-se ao Dr. Miguel Ciera, Prefeito dos Estudos, ‘com estantes em que estiverem aquelles que os tem’ providenciando-se a forma de pagamento da despesa e a elaboração do catálogo” (ANDRADE 1981: vol. 2, 15). É provável que a todas estas remessas se tivessem agregado mais conjuntos de livros valiosos provenientes de livrarias da Companhia de Jesus, pois os catálogos referentes a casas e colégios da congregação, na maioria dos casos ainda se encontravam nos seus locais, dez anos após a extradição dos jesuítas, permanecendo, contudo, “debaixo de arrecadação e sequestro”, conforme se lê na declaração do catálogo do colégio de S. Patrício, em Lisboa” (CAMPOS 2015: 71).

Enfim, ao espólio inicial do noviciado dos Jesuítas, que já existia no espaço que veio a ser ocupado pelo Colégio Real dos Nobres, agregaram-se, não por encomenda mas por conveniência de depósito, outros importantes núcleos

bibliográficos.

O responsável por esta reorganização de bibliotecas foi Nicolau Pagliarini, futuro diretor da Imprensa Régia, instituição fulcral para o prosseguimento da política cultural pombalina e cuja criação remonta a dezembro de 1768. Inicialmente, este italiano, protegido do futuro marquês de Pombal, chegou a projetar a instalação de uma oficina tipográfica no edifício do Colégio dos Nobres, que nunca chegou a funcionar. Aproveitaria para o efeito o prelo do noviciado da Companhia de Jesus que existia no edifício e que depois foi transferido para as instalações da Imprensa Régia, estabelecida, com outras máquinas, pelo mesmo Pagliarini, no edifício fronteiro ao colégio<sup>10</sup>.

A ideia de construção de uma oficina tipográfica surgiu na sequência da *Carta de Doação dos bens necessários à manutenção do Colégio dos Nobres*, datada de 12 de outubro de 1765. Nela o legislador adianta os seguintes procedimentos de impressão e de compilação de bibliografia para uso dos estudos:

Doto outro sim o mesmo Collegio com oficina de Impressão que nelle tenho mandado estabelecer para se estamparem; e restituírem á Luz do Mundo as uteis, e recomendáveis obras dos Professores dos Antigos Collegios.

Doto outro sim o mesmo Collegio com o Privilegio exclusivo da estampa das referidas obras, e Fragmentos dos Authores que existirão antes da infausta abertura das Escolas dos sobreditos Regulares; [...]

Doto outro sim o mesmo Collegio com a extensão do referido Privilegio exclusivo á Impressão dos Vocabulários, Diccionarios e mais livros Classicos, que os Professores delle compozerem para uzo das suas Escolas; que se imprimão e publiquem sem necessitarem de Licença do dito Desembargo [do Paço] (cit. in CARVALHO 1959: 121-122).

Voltando à organização da livraria do Colégio Real dos Nobres, subsistem dúvidas sobre a origem do seu espólio. O catálogo de Livros que formam a Livraria do Real Colégio dos Nobres, elaborado tardivamente, em 1829, comprehende 10 268 livros e um pequeno acervo de manuscritos, seriados e arrolados num extenso códice, composto por 159 folios (BNP, código 7393). O rol, organizado pelo critério de idioma dos livros, apresenta falhas de procedimento de registo. Nem sempre são mencionados os autores dos livros e os títulos destes são, por vezes, citados abreviadamente. Para além da organização da relação respeitar a

<sup>10</sup> Segundo revela o manuscrito intitulado: *Mapa para a Erecção de uma Officina Tipographica no Real Collegio dos Nobres, feita por ordem do Exmo. Sr. Conde de Oeiras do Conselho de S. M. Fidelissima, seu Secretario de Estado. MDCCCLXVI*, que pertenceu a Gustavo Matos Sequeira, e que é citado pelo mesmo autor (SEQUEIRA 1967: vol. 1, 279-280).

língua em que foram impressos os volumes indicados, consideramos relevantes as informações respeitantes ao local e ano de edição das obras, lançadas a seguir à menção dos títulos.

O sumário final que acompanha o catálogo inventaria, por ordem decrescente, os conjuntos de obras organizadas por idioma. Mais de metade dos impressos da livraria, ou seja, 5723 livros encontravam-se escritos latim, grego e hebraico; em português são contabilizadas 1642 obras; em castelhano 1383; em francês 726; em italiano 740; em inglês e alemão 49; e, finalmente, em mandarim são recenseados 4 títulos.

Cerca de 70% dos livros latinos, portugueses, castelhanos e italianos foram publicados nos séculos XVI e XVII. Neste segmento predominam os livros de temática religiosa. A literatura ascética e a parentética estão largamente representadas assim como as obras devocionais de autores jesuítas. No rol da livraria merecem destaque a *Crónica da Companhia de Jesus* de Baltazar Telles (1645), as *Cartas dos Jesuítas do Japão e da China, desde 1540 a 1580* (1598), *A Imagem da Virtude no Noviciado da Companhia de Jesus de Coimbra* (1719), *A Imagem da Virtude no Noviciado da Companhia de Jesus de Lisboa* (1717), a *Escola de Doutrina Cristã* do padre João da Fonseca (1688), a *Escola de Desengano* de João Batista Salazar (1758), edições dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola, em especial a edição dos *Exercícios Espirituais* reduzidos pelo padre António Carneiro (1710), e a *Bibliotheca Scriptores Societas Jesus* (1643). Para manter viva a memória da Congregação muitas biografias de jesuítas célebres ilustram a coleção de obras inventariadas, em particular, a *Vida de S. Francisco Xavier* do P. João de Lucena (1600), a *Vida de Santo Inácio de Loyola* do P. Francisco de Matos (1718), a *Vida do Padre José Anchieta* do P. Simão de Vasconcelos (1692), a *Vida do Padre António Vieira* do P. André de Barros (1746) e, entre outras, a *Vida de S. Francisco de Borja* do P. J. Ribeiro Neves (1757). Também existiam no acervo importantes catálogos manuscritos: o *Catalogo dos Religiosos da Companhia de Jesus da Província de Portugal* (1751) e o *Catalogo dos Padres Irmãos desta Província em 1582*. Do conjunto de tratados de autores modernos da Contrarreforma sobressaem os de Pedro Ribadeneira, Francisco Suarez, Frei Luís de Granada e S. Francisco de Sales, entre outros autores. Com estes indicadores, a hipótese de o acervo inicial ter pertencido ao noviciado da Companhia de Jesus não deve ser excluída. O espólio pertencente aos jesuítas terá permanecido no local onde sempre esteve acabando por ser acrescentado, como atrás salientámos, com incorporações provindas de casas e conventos extintos da Companhia de Jesus e de coleções dobradas da biblioteca do Paço. A biblioteca recém-criada no internato destinado à nobreza da Corte começou assim por funcionar como depósito de ricos acervos, cujo

tratamento e seleção se iniciou, de facto, depois de 1766, como atestam os documentos que atrás referimos. Porém, dadas as dificuldades de catalogação e arrumação do espólio reunido, a livraria não logrou instalar-se condignamente nas instalações do colégio, pelo menos até finais do século XVIII. A maioria dos livros permaneceu amontoada em locais provisórios de arrecadação. Nesses espaços, meio escondidos e meio descobertos, encontravam-se textos matriciais da Companhia de Jesus e obras “dos sobreditos regulares expulsos e proscritos”, banidos pela retórica pombalina devido aos “seus errados methodos tendentes a fazer comum a ignorancia pela falta de conhecimentos dos meios e modos de se adquirir a util e legitima instrução da mocidade” (ANTT, Juízo da Inconfidência - Jesuítas e Távoras, maço 1, doc. 25).

Ainda assim, a livraria, de acordo com o espírito e a letra dos Estatutos do colégio, devia integrar um conjunto de manuais e de obras consideradas úteis e instrumentais para a didática colegial. Por este motivo, foram sendo agregados às coleções em depósito novos exemplares impressos em várias línguas. Do pequeno acervo de livros posteriores à data da criação do colégio merecem destaque o *Tratado de Astronomia* de Lalande, em dois volumes, publicado em 1764, uma coletânea atribuída a Magalhães (João Jacinto de Magalhães) intitulada *Collection des diferentes traités sur les instruments d'astronomie et de physique* (1775), *Les Principes de Philosophie Naturelle* de La Mettrie, publicados em Genève, em 1787, e outras obras impressas com privilégio pela Imprensa Régia destinadas ao colégio, como a compilação intitulada *Selecta latini sermonis exemplaria*, edições de 1771, 1772 e 1775, e ainda gramáticas de vários idiomas e de língua portuguesa, como as de António dos Reis Lobato e António Félix Mendes (*Imprensa Nacional. Actividade de uma casa impressora* 1975).

No balanço entre o que existia no acervo da livraria e o que foi incorporado depois da criação do colégio, gostaria de sublinhar a existência, provavelmente em coleções provindas de casas dos jesuítas, de obras de autores fundamentais para a divulgação da cultura filosófica e científica das Luzes em Portugal, nomeadamente *Compendio de Elementos de Mathematica* do Padre Inácio Monteiro (1754-1756), o *Verdadeiro Methodo de Estudar* (1746) e outras obras de autores estrangeiros, nomeadamente de Isac Newton, Pierre Bayle, Bento Feijó, Muratori, Voltaire, Mirabeau e de publicações periódicas como o *Journal des Savants* e as *Philosophical Transactions*, com data de início da coleção em 1720, que também constam do índice da livraria do Colégio dos Nobres, elaborado em 1829.

Ainda a respeito dos livros destinados às aulas, acrescente-se que no segundo ano letivo do colégio, na falta de um bom manual para o ensino da

Geometria, foi ordenada, por alvará de 11 de junho de 1768, a publicação em português dos *Elementos de Euclides*, a partir da edição de Glasgow (1756) de Robert Simsom. Da tradução se encarregou o professor da disciplina Angelo Brunelli. A edição é de Miguel Manescal da Costa, pois só no fim desse ano de 1768 a Impressão Régia passa a ter o exclusivo de edição de manuais do Colégio Real dos Nobres.

Não restam dúvidas de que a biblioteca do colégio estava bem apetrechada e que, inicialmente, se procuraram suprir falhas e necessidades editando, traduzindo e mandando vir do estrangeiro obras necessárias à formação dos colegiais. Subsiste, no entanto, o problema do provimento, arrecadação e acesso à livraria. Estranhamente, a planta do Colégio, encontrada entre os papéis pertencentes a Frei Manuel do Cenáculo, presidente da Real Mesa Censória, tribunal que a partir de 1771 passa a tutelar e a administrar o Colégio dos Nobres, não assinala nem especifica o espaço da livraria. A planta que descreve minuciosamente os compartimentos e as respetivas dimensões dos dois pisos e águas-furtadas do edifício apenas regista no pavimento da entrada, a existência, a seguir à portaria do reitor, de “umas casinhas cheias de livros”. Não havendo mais registos escritos acerca da atividade do hipotético bibliotecário consignado nos Estatutos do colégio, é de admitir que a livraria tenha permanecido, por muito tempo, um espaço morto dentro do edifício, de acesso restrito e sem grande utilidade.

E nem mesmo quando o Colégio dos Nobres deixou de estar sob tutela da Diretoria Geral dos Estudos e a sua administração passou para a alcada da Real Mesa Censória – o que aconteceu após a nomeação de Frei Manuel do Cenáculo para a presidência daquele tribunal, em 16 de março de 1770, e da publicação do alvará de 4 de junho de 1771 – a biblioteca mereceu a atenção do presidente e dos deputados da Real Mesa Censória. O referido alvará apelava à “execução dos melhores regulamentos” e anunciava a elaboração de novos instrumentos de regulação para o “estudo das ciências maiores” e escolas de primeiras letras. Por fim, atribuía à Mesa “toda a administração e direcção dos Estudos das Escolas Menores destes Reinos e seus Domínios, incluindo nesta administração a direcção não só do Colégio Real dos Nobres, mas todos e quaisquer outros colégios e magistérios” a erigir no futuro (*Collecção das leis, decretos e alvarás* 1793: t. 2.)

Com a intervenção da Real Mesa Censória, manteve-se inalterada a aliança estabelecida no campo da edição e conservação de livros para as aulas, salvaguardando-se o regime de privilégio e a identidade do sistema pedagógico colegial. Em observância do título XV dos Estatutos do Colégio dos Nobres deviam os professores das diversas disciplinas elaborar “uma Minuta na qual se contenha: Primeiramente huma idéa do methodo pelo qual pretende en-

sinar: Em segundo lugar hum Catalogo dos Livros por onde intenta que seus respectivos Discípulos hajam de estudar: E em terceiro, e ultimo lugar, outro Catalogo, que sirva de socorro de estudo” (*Estatutos do Collegio Real dos Nobres* 1777: 14) a todos os que quiserem e se mostrarem capazes de prosseguir estudos na Universidade. Estes procedimentos, conformados com o parecer do reitor, careciam, contudo, de aprovação régia.

### **Revisão e censura de um projeto civil, literário e educativo**

A estreita vigilância dos livros a aprovar e imprimir para as aulas, sob es- crutínio da Real Mesa Censória, a partir de 1771, deixou, contudo, de incluir matérias técnico-científicas, Matemática, Geometria e Física, que passaram a ser ministradas na Universidade de Coimbra, reformada em 1772. A abolição do ensino científico e experimental no Colégio Real dos Nobres foi oficializada por lei de 10 de novembro de 1772. Pouco depois, a 1 de dezembro, o marquês de Pombal envia a Frei Manuel do Cenáculo a ordem para se dar início ao transporte das máquinas e instrumentos do gabinete de Física de Lisboa para Coimbra. As preocupações pedagógicas e renovadoras do ministro de D. José estavam então concentradas no grande empreendimento da reforma dos estudos maiores e da Universidade.

Para além do empobrecimento curricular na oferta de estudos aos colegiais, foram reformados dois dos pilares organizativos da vida interna do Colégio dos Nobres: a autonomia de gestão foi posta em causa e o regime de clausura civil imposto a alunos, professores e a outros servidores da instituição passou a ser mais vigiado, as irregularidades detetadas punidas e os infratores internos julgados, sentenciados e saneados.

À época, o instituto educativo dedicado à nobreza da Corte enfrentava sérias dificuldades de funcionamento e problemas de índole pedagógica e disciplinar. A estas questões acresciam as denúncias de má gestão patrimonial. Nos relatórios anuais anteriores a 1771 são evidentes as queixas relativas ao incumprimento de professores, indisciplina de alunos, violação de normas internas do colégio e mau governo da instituição. Atendendo ao “publico rumor das desordens em que se tem convertido a Providentíssima e Necessaria instituição do Collegio dos Nobres”, a Mesa Censória, poucos dias após ter assumido a tutela de todos os organismos e escolas de instrução pública, ordena uma devassa a este estabelecimento de ensino (CARVALHO 1959: 162-163).

As inquirições efetuadas no âmbito do auto de devassa de 6 de junho de 1771, presidido por Frei Manuel do Cenáculo, presidente da Real Mesa

Censória, visavam corrigir notórios desmandos administrativos e normalizar a vida interna da instituição. Repare-se que diferente era a processualidade da Real Mesa Censória em caso de delito de impressão e de opinião. No essencial, a “gratuitade acusatória não caracteriza das denúncias do crime de leitura e posse de livros proibidos, assim como do delito de exercício de actividade editorial ilícita” (MARTINS 2005: 890). Analisando, em pormenor, o processo de devassa conduzido pela Real Mesa Censória, verifica-se que ele rompe com os privilégios e imunidades accordados, estatutariamente, a professores e colegiais (ANTT, Colégio dos Nobres, maço 27). Segundo o parecer dos inquiridores da Mesa as causas das desordens experimentadas no colégio eram as seguintes:

Primeira cauza: O desconhecimento da sua situação em que viverão muitos collegiaes. Elles desconhecerão que erão destinados por meio da educação do Collegio a serem o exemplo da Nação: a sucessão virtuosa da Nobreza de Portugal e o estímulo e a regra para os procedimentos justos e patrióticos das Outras Ordens da Monarquia

Segunda Cauza: A falsa peruação da Fortuna dos Nobres que os conduzia a huma como independencia das virtudes e quasi inflexível para se sujeitarem a dictames e para dirigirem a mesma Fortuna.

Terceira cauza: A indocilidade consecutiva a estas falsas ideas, pela qual se atrevião a rezistir ás advertências; aos castigos e ao respeito devido aos superiores.

Quarta cauza: A puzillanimidade dos mesmos superiores. A applicação intempestiva das repreensões. A carencia de arbítrios nas ocasiões tanto da Economia como da Disciplina

Quinta cauza: As diversas probabilidades e os pareceres encontrados porque se conduzião os Professores e os Superiores que, fomentando quotidianamente dentro do Collegio, combinavam por necessidade com a distração dos Collegiaes

Sexta cauza: A desinteligência nascida dos diversos sentimentos, notoriamente contraria á identidade de sistema, que é indispensável entre os cooperadores de alguma grande Obra, para cuja verificação, a respeito do colégio, nem é já bastante a bondade dos superiores, nem a continuação sem todas as suas partes da disciplina até agora praticada (ANTT, Colégio dos Nobres, maço 27, consulta de 19 de Agosto de 1771).

Em sede de juízo, e à ordem do presidente da Real Mesa Censória, confirmou-se o parecer dos inquiridores e não foram reconhecidos “os Privilegios,

Indultos, e Franquezas” de docentes e discentes, similares aos que vigoravam para lentes e estudantes da Universidade de Coimbra, para evitar alegações de defesa que colidissem com o propósito de reforma urgente do colégio. Conforme estabeleciam os Estatutos, professores e colegiais dispunham, por direito próprio, de “um Juiz Conservador para as suas cauzas, e observânciā dos seus Privilegios, o Corregedor do Civel da Corte, Proprietario, ou Serventuario, da primeira Vara” (*Estatutos do Collegio Real dos Nobres* 1777: 15). Dito de outro modo, os membros do Colégio dos Nobres gozavam de prerrogativas de foro que a Real Mesa Censória suspendeu, com total discricionariedade, por ordem do marquês de Pombal.

Na consulta que o presidente da Real Mesa Censória submeteu à aprovação do Rei, depois de concluído o processo de devassa ao colégio, é relevante considerar a importância dada à nomeação de um magistrado de confiança régia em representação dos professores para a fase de inquirição. Com idêntico propósito de subtração jurisdicional, sustenta-se o mesmo procedimento, na fase da sentença, em relação à escolha do Juiz Conservador<sup>11</sup>. Todo o processo foi conduzido com conhecimento e intervenção do marquês de Pombal, como revelam as cartas trocadas entre o ministro e o presidente da Mesa Censória. Este tribunal manteve um controlo apertado sobre esta instituição educativa, como atesta a carta de 13 de fevereiro de 1776 de Frei Manuel do Cenáculo para o ministro que refere a existência de inspeções anuais ao Colégio dos Nobres para prestação de contas. Na mesma carta o presidente da Mesa pede orientações específicas ao ministro sobre o assunto (VAZ 2009: 247).

Contradicoriatamente, a intervenção judicial da Real Mesa Censória, salvando a ideia inicial de preservação de um internato para crianças nobres, procurou atribuir o fracasso do primeiro modelo colegial de instrução à “falsa persuasão da Fortuna dos Nobres que os conduzia a huma como [que] independencia das virtudes”, postura que os meninos dessas famílias refletiam no quotidiano colegial agindo com uma “indocilidade consecutiva [...], pela qual se atrevião a rezistir ás advertências; aos castigos e ao respeito devido aos superiores” (ANTT, Colégio dos Nobres, maço 27, consulta de 19 de agosto de 1771).

Neste documento, o fracasso do projeto civil, literário e educativo do Colégio dos Nobres não é atribuído ao ministro que dirigiu a sua fundação nem tão-pouco

<sup>11</sup> ANTT, Colégio dos Nobres, maço 27, consulta de 19 de agosto de 1771. Para a questão referida, é esclarecedor este passo do documento: “Que os Professores não vão às Juntas mas hum ministro que V. M. for servido nomear, sendo também servido declarar quem ha de substituir por moléstia, o qual será o Juiz Conservador e presidirá na falta do Reitor, excepto quando for o Presidente da Real Mesa Censória, ou que seu cargo ou comissão tiver. Assistirão também um homem de negócio que será Tesoureiro e tenha as condições que a V. M. parecerem, e em sua falta quem V. M. for servido declarar”.

aos professores recrutados para executarem um plano de estudos moderno. O fracasso do projeto, incluindo a não adesão da nobreza à oferta formativa da nova instituição educativa, é assacado aos seus destinatários, ou seja, aos meninos nobres, e, cumulativamente, à inobservância da clausura, disciplina e falta de economia que reinava naquele internato masculino. No termo da devassa promovida e dirigida por Frei Manuel do Cenáculo limitaram-se os meios patrimoniais da instituição; reduziram-se os salários de todos os professores, impedidos doravante de habitar no colégio com as suas famílias; restringiu-se a circulação de estranhos no espaço da clausura; proibiram-se os meninos de ir a casa dos pais no calendário das aulas, mesmo em situação de doença; circunscreveu-se o fornecimento da ceia e do jantar aos refeitórios e recomendou-se ao reitor rigor disciplinar e maior vigilância na ocupação das camaratas.

Em síntese, os três planos compreendidos na reforma do colégio, de acordo com a proposta da Real Mesa Censória, implicaram menor ambição curricular, maior nivelamento no tratamento interno dos colegiais e uma notória contenção de recursos alocados a esta instituição escolar. O processo de revisão e censura do projeto civil, literário e educativo destinado à nobreza que despertou reações críticas no período pombalino arrastou-se, depois desta reforma, até à extinção colégio, decretada em 1834, no meio de inúmeras críticas de influentes sectores liberais.

## Conclusão

A abertura do Colégio Real dos Nobres realizou-se a 19 de março de 1766, em Lisboa, no renovado edifício do Noviciado da Companhia de Jesus, à Cottovia, que passou a albergar a nobre instituição. A cerimónia decorreu com a maior solenidade, na presença da família real e da Corte. Com capacidade para albergar cem colegiais, preferencialmente escolhidos entre candidatos que tivessem foro de moço fidalgo, com mais de sete e menos de treze anos e que soubessem ler, escrever e contar, o novo instituto começou a funcionar apenas com vinte e quatro rapazes, em regime de internato. Aos professores, a maioria italianos, foram concedidos privilégios idênticos aos dos lentes da Universidade de Coimbra.

Do currículo escolar saliente-se a opção pelo ensino das ciências físico-matemáticas. Estas disciplinas foram ministradas, respetivamente, por Giovanni Antonio dalla Bella e Miguel Franzini, que passaram a integrar o corpo de lentes das Faculdades de Filosofia e Matemática da Universidade reformada em 1772. O professor de Física, Giovanni Antonio dalla Bella, recebeu também o

encargo de instalar, de acordo com os Estatutos do colégio, o Gabinete de Física Experimental, dotado de pouco mais de quinhentos e cinquenta instrumentos e aparelhos, e que ele mesmo considerou ser “*il più copioso, ed il piu magnifico gabinetto dell'Eupora*”.

Correspondendo ao ambicioso projeto de dotar o Colégio Real dos Nobres dos meios necessários à educação dos colegiais e à atualização do seu corpo docente, chegou a prever-se a instalação de uma privativa oficina de impressão. Mas, de acordo com os Estatutos, a instituição apenas foi provida de uma livraria, cuja custódia e organização ficou a cargo de um bibliotecário, escolhido entre os professores de Retórica, Lógica ou História. No espaçoso edifício do colégio, instalado na casa que pertencera à Companhia de Jesus, a coleção de livros aí existente, maioritariamente constituída pelo acervo deixado pelos jesuítas, juntamente com outras remessas de obras, foi arrumada a monte em dois pequenos compartimentos. Portanto, até muito tarde, o colégio não albergou em espaço condigno os 10 268 livros e um pequeno acervo de preciosos manuscritos que constam do *Catálogo de Livros que formam a Livraria do Real Colégio dos Nobres*, elaborado mais tarde, em 1829. A análise deste documento comprova a proveniência do espólio, a sua riqueza e variedade temática. Por outro lado, revela a aquisição de livros estrangeiros posteriores à data da criação do colégio e a inclusão de títulos destinados ao ensino de algumas matérias, publicados com a chancela da Imprensa Régia.

Do ponto de vista pedagógico, o traço mais notável desta instituição colegial residiu na preparação do material didático destinado ao ensino experimental, que, entre 1765 e 1772, contemplou também o privilégio privativo de impressão dos livros de Euclides, de Arquimedes, e de outros clássicos das ciências matemáticas. O primado conferido ao ensino das ciências antecipou, em parte, a orientação dada à reforma dos estudos na Universidade de Coimbra. Depois de 1772, com a abolição do ensino técnico-científico no colégio, todos os seus instrumentos e aparelhos foram transferidos para o recém-criado Gabinete de Física da Universidade de Coimbra.

De modo surpreendente, a devassa de 6 de junho de 1771 imposta aos superiores do colégio correu ao mesmo tempo que decorreram os trabalhos da Junta de Providência Literária (1770-1772) que fora encarregada de justificar a reforma da Universidade e de definir os seus futuros estatutos. Frei Manuel do Cenáculo participou em ambos os conselhos e foi sob sua orientação que se transferiram as máquinas de Física experimental existentes no colégio para o recém-criado Gabinete de Física da Universidade de Coimbra.

## Referências Bibliográficas

### Fontes

ANTT, Colégio dos Nobres, maço 27.

ANTT, Juízo da Inconfidência - Jesuítas e Távoras, maço 1, doc. 25.

BNP, Códice 11234/ 27.

BNP, código 7393 - Catálogo de Livros que formam a *Livraria do Real Colégio dos Nobres*, 1829

CIERAE, Michaelis Antonii (1769). *In regali nobilium adolescentum collegio studiorum praefecti: oratio ad instauranda litterarum artium studia, publice habita III non. Novembres. Olisipone: Ex Typographia Regia.*

CIERAE, Michaelis Antonii (1766). *In regali olisiponensi collegio studiorum praefecti: oratio, habita XIV. Cal. April coram Josepho I Lusitanorum Rege Fidelissimo cum primum nobiles adolescentes studiorum rationem ingrederentur. Olisipone: Michaelem Manescalium Costium.*

*Collecção das leis, decretos e alvarás que comprehende o feliz reinado del Rei fidelíssimo D. José I, Nossa Senhor* (1793), t.2. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.

*Estatutos do Collegio Real dos Nobres da Corte e Cidade de Lisboa* (1777). Lisboa: Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Mesa Censória, 2<sup>a</sup>. ed.

PROENÇA, Martinho de Mendonça de Pina e (1734). *Apontamentos para a educação de um menino nobre*. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva.

SANCHES, António Nunes Ribeiro [1760] (1959). *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, in A. N. R. Sanches, *Obras*, vol. 1. Coimbra: Por ordem da Universidade de Coimbra.

VERNEY, Luís António [1746] (1952). *Verdadeiro Método de Estudar*, edição organizada por António Salgado Junior, vol. 5. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

### Bibliografia

AGUILAR, Manuel Busquets de (1935). *O Real Colégio dos Nobres*. Lisboa: ed. de autor.

ANDRADE, Alberto Banha de (1981). *Reforma Pombalina dos Estudos Secundários. Contribuição para a História da Pedagogia em Portugal, Documentação*, vol.2. Coimbra: Por ordem da Universidade.

ARAÚJO, Ana Cristina Araújo (2012). “Estudo Introdutório”, in A. C. Araújo (ed.), *Ricardo Raimundo Nogueira, Memórias Políticas – Memória das coisas mais notáveis que se trataram nas conferências do governo (1810-1820)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

CABRAL, Maria Luísa (2014). *A Real Biblioteca e os seus criadores*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

- CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de (2015). *Para se achar facilmente o que se encontra. Bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (século XVIII)*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- CARVALHO, Rómulo (1959). *História da Fundação do Colégio Real dos Nobres de Lisboa (1762-1772)*. Coimbra: Atlântida – Livraria Editora.
- FERNANDES, Manuel Bernardo Lopes (1861). *Memoria das Medalhas e Condecorações Portuguezas e das Estrangeiras com Relação a Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias.
- GOMES, Joaquim Ferreira (1964). *Martinho de Mendonça e a sua obra*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Imprensa Nacional. Actividade de uma casa impressora, 1768-1800*, vol. 1 (1975). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MARQUES, Maria Adelaide (1963). *A Real Mesa Censória e a cultura nacional. Aspectos da geografia cultural portuguesa no século XVIII*. Coimbra: Biblioteca da Universidade de Coimbra.
- MARTINS, Maria Teresa Payan (2005). *A Censura Literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação de Ciência e Tecnologia.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo (1998). “O ‘Ethos’ da Aristocracia Portuguesa sob a dinastia de Bragança. Algumas notas sobre a Casa e o Serviço ao Rei”. *Revista de História das Ideias*, 19, 383-402.
- SEQUERA, Gustavo Matos (1967). *Depois do Terramoto*, vol. 1. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- SILVA, Andrée Mansuy Dinis (2002). *Portrait d'un homme d'État: D. Rodrigo de Souza Coutinho, Comte de Linhares 1755-1812*, vol.1. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- TELES, João Bernardo Galvão (2006). “Relação dos alunos do Colégio dos Nobres de Lisboa (1766-1837)”. *Revista Lusófona de Genealogia e Heráldica*, nº. 1, 57-117.
- VAZ, Francisco A. Lourenço (2006). “A fundação da Biblioteca Pública de Évora”, in F. A. L. Vaz e J. A. Calixto (coord.), *Frei Manuel do Cenáculo construtor de bibliotecas*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- VAZ, Francisco A. Lourenço (coord.) (2009). *Os livros e as bibliotecas no espólio de F. Frei Manuel do Cenáculo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

# Estudo sobre o modelo de formação dos tradutores do Seminário de S. José de Macau

*A Study on the Model of Translator Training of the St. Joseph's José Seminary of Macao*

**MINFEN ZHANG**

Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai (Shanghai International Studies University)

sofia@geosofia.com

<https://orcid.org/0000-0002-0210-0465>

Texto recebido em / Text submitted on: 30/11/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 08/09/2020

**Resumo.** O Seminário de S. José de Macau, fundado pelos jesuítas em Macau em 1728, constituiu o principal centro de formação daqueles missionários que exerciam o seu mister no Extremo Oriente, nomeadamente na China. Como instituição de ensino superior, especializada na preparação de sacerdotes, o Seminário tinha como objetivo formar talentos bilingues proficientes na cultura sino-portuguesa. O seu bem organizado modelo de ensino permitiu a formação de um grande número de tradutores bilingues sino-portugueses, além de bastantes sinólogos macaenses.

O presente texto pretende analisar o bem-sucedido modelo de formação de tradutores do Seminário no século XIX, nomeadamente a sua organização das disciplinas diversificadas, os modelos de ensino e de aprendizagem, bem como o sistema de avaliação. Será importante sintetizar as suas realizações no que diz respeito à preparação e formação dos talentos de tradução, como fonte de inspiração para o nosso atual ensino de tradução.

**Palavras-chave.** Modelo de formação, tradutor, Seminário de S. José, Macau.

**Abstract.** The St. Joseph's José Seminary of Macao, founded in 1728 by the Jesuits in Macao, consisted of the main training center of the missionaries in the Far East, especially in China. As an institution of higher education specializing in the preparation of priests, the Seminary aimed to train bilingual talents proficient in Sino-Portuguese culture. Its well-organized teaching model enabled the formation of a great number of bilingual Sino-Portuguese translators, as well as many Macanese sinologists.

This paper aims to analyze the successful translator training model of the Seminary in the 19th Century, especially its organization of diverse subjects, its teaching and learning models, as well as its evaluation system. It is also important to summarize the institution's accomplishments regarding the preparation and formation of translation talents, as a source of inspiration of our teaching practice in translation today.

**Keywords.** Training model, translator, St. Joseph's José Seminary, Macao.

Em meados do século XVI, a religião cristã chegou à China pela terceira vez<sup>1</sup>. As atividades missionárias tiveram um impacto muito vasto e profundo na sociedade chinesa, nomeadamente na educação que constituía uma das atividades jesuítas. Com a chegada destes, o modelo de formação dos tradutores ocidentais também foi introduzido no Oriente. Os sacerdotes jesuítas, depois de chegarem a Macau, estabeleceram as primeiras instituições de ensino superior, o que constituiu não apenas o início da entrada do ensino ocidental na China, mas também a origem da educação estrangeira em Macau. “Remontando à origem do ensino superior na China, constata-se que o modelo das universidades atuais foi transplantado do Ocidente” (MEI 1941:1)<sup>2</sup>.

A primeira universidade ocidental fundada pelos missionários na China foi o Colégio Universitário de S. Paulo, tendo o Seminário de S. José sido a segunda. Ambas as instituições foram alvo de estudos<sup>3</sup>, mas os que versam o Seminário de S. José são muito escassos. Destes, são de referir *O Seminário de S. José de Macau (Resenha histórica)* do P. Teixeira, que apresenta detalhadamente a história do Seminário e a Diocese de Macau durante os Anos de 1967 a 1997 (LAM, 2000), texto compilado pelo P. D. Domingos Lam, que traça, também, uma breve história do mesmo. Contudo, a temática em apreço não mereceu, ainda, um estudo aprofundado. O modelo de formação de tradutores formados por este estabelecimento mereceu apenas algumas páginas em estudos mais gerais ou meros artigos muito limitados. Refiram-se o *Desenvolvimento no Período de Gerência dos Lazaristas do Seminário de S. José de Macau (1784-1856)* (YE 2005), que trata do panorama geral do Seminário sob a direção dos Lazaristas, o *Estudo sobre o Seminário de S. José de Macau* (XIA 2002) e a *Base de Formação dos Missionários Chineses da Dinastia Qing* (XIA 2005), que versam a história,

<sup>1</sup> O Cristianismo entrou pela primeira vez na China, através do nestorianismo, seita cristã originária da Ásia Menor, condenada pelos concílios de Éfeso (431) e de Calcedónia (451), que defendia a independência das naturezas divina e humana de Cristo. Cf. “Nestorians” in *Encyclopaedia Britannica*, <http://www.britannica.com/topic/Nestorians> (consultado em 5 de julho de 2020). Chegado à China, durante a dinastia Tang, em 635, o nestorianismo entrou em decadência cerca de 150 anos depois. A segunda entrada do Cristianismo ocorreu em meados do século XIII, durante a dinastia Yuan, quando os monarcas europeus e o Vaticano enviaram franciscanos e dominicanos para a China com o objetivo de pregarem a religião cristã.

<sup>2</sup> Tradução nossa.

<sup>3</sup> Os principais estudos sobre o Colégio de S. Paulo são: LI, Xiangyu (2006). *Han Xue Jia de Yaolan: Aomen Shengbaoluo Xueyuan (O Berço dos Sínólogos – Um Estudo do Colégio de S. Paulo de Macau)*. Beijing: Zhonghua Shuju; QI, Yiping (2013). *Aomen Shengbaoluo Xueyuan Yanjiu (A Study on Saint Paul's College in Macao)*. Beijing: Social Sciences Academic Press (China) & Instituto Cultural do Governo da R.A.E de Macau; SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos, S.J. (1994). *Macau – Primeira Universidade Ocidental do Extremo-Oriente*. Macau: Fundação Macau & Universidade de Macau; LIU, Bingxian (1994). *Aomen Shengbaoluo Xueyuan Lishi Jiazhi Chutan (Abordagem sobre o Valor Histórico do Colégio de S. Paulo de Macau)*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

o ensino e os contributos do Seminário, entre outros.

Desde a chegada dos primeiros portugueses em Macau e na China no século XVI, a interpretação e tradução assumiam sempre um papel relevante pois a comunicação entre chineses e portugueses dependia muito de intérpretes-tradutores. Durante a administração portuguesa em Macau, usava-se apenas o português como a língua oficial na área administrativa e judicial, fazendo com que os tradutores fossem importantes e indispensáveis quer no âmbito das relações sino-portuguesas quer no âmbito da formação de quadros para a China. Porém, a tradução de Macau não está muito estudada por falta de estudiosos que conhecem bem tanto chinês como português (LI 2016:7). Em relação aos estudos sobre a tradução de Macau, salienta-se o contributo do autor de *Jindai Aomen Shigao (História Moderna de Tradução de Macau)* (LI 2016), que, do ponto de vista linguístico e de tradução, fez um estudo exaustivo sobre as atividades de tradução de Macau nos tempos modernos, com base nos documentos de chinês e português, realçando a posição importante de Macau na história de tradução. O mesmo autor, com a coordenação com o professor Luís Filipe Barreto, publicou ainda mais uma obra sobre a história de tradução de Macau<sup>4</sup>. A doutora Maria Manuela Paiva, por seu lado, na perspetiva de mediação linguística, social e cultural, apresenta-nos como os mediadores, isto é, intérpretes-tradutores, atuavam em Macau onde coexistiam duas culturas diferentes. Com o seu trabalho *Traduzir em Macau. Ler o Outro: para uma História da Mediação Línguística e Cultural*<sup>5</sup>, mostra-se uma história da mediação línguistica e cultural no âmbito de interpretação e tradução de Macau de 1557 a 1915. No que respeita ao papel revelante de intérpretes-tradutores em Macau, merece referir o trabalho de Gomes Paiva, *Encontro e Desencontro da Coexistência. O Papel do Intérprete-Tradutor na Sociedade de Macau*<sup>6</sup>, e o de Cecília Jorge, *Intérpretes-Tradutores a Ponte da Coexistência*<sup>7</sup>.

Dos estudos acima referidos, são poucos que referem o Seminário de S. José que se dedicava à formação de talentos bilingües que serviram a mediação linguística e cultural durante mais de dois séculos. O presente texto pretende analisar o bem-sucedido modelo de ensino do Seminário de S. José, focando-se

<sup>4</sup> Cf. LI, Changsen e BARRETO, Luís Filipe (2013). *Para a História da Tradução em Macau*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau & Instituto Politécnico de Macau.

<sup>5</sup> Cf. PAIVA, Maria Manuela Gomes (2008). *Traduzir em Macau. Ler o Outro: Para uma História da Mediação Linguística e Cultural*, Dissertação de Doutoramento em Estudos Portugueses Especialidade de Estudos de Tradução. Lisboa: Universidade Aberta.

<sup>6</sup> Cf. PAIVA, Maria Manuela Gomes (2004). *Encontro e desencontro da coexistência. O papel do intérprete-tradutor na sociedade de Macau*. Macau: Livro do Oriente.

<sup>7</sup> Cf. JORGE, Cecília (1992). “Intérpretes-Tradutores a Ponte da Coexistência”. *Macau*, II série n. 7. Macau: Gabinete de Comunicação Social de Macau, 46-58.

nos aspectos educacionais, organização do ensino, da aprendizagem e sistema de avaliação, bem como a sua gestão. Consideramos ser importante analisar este sucesso no que diz respeito à preparação e formação de bons tradutores, como fonte de inspiração para o nosso atual ensino de tradução.

## 1. Seminário de S. José: da fundação ao encerramento

O Seminário de S. José foi fundado, em Macau, pela Companhia de Jesus, destinando-se a formar os missionários ao serviço do império português no Extremo Oriente, em geral, e na China, em particular. De acordo com o P. Benjamin, a sua fundação oficial ocorreu no dia 23 de fevereiro de 1728. “Hoje 23 de Fevr.<sup>o</sup> de 1728 se passarão de S. Paulo os Pes. da Vice-Provincia (da China) p.<sup>a</sup> esta nova caza de S. Jozé p.r ordem do R.do P.e V. Provincial João de Saá, Luiz de Sequeira, Procurador da V. Provincia” (PIRES 1960: 663). Segundo o mesmo padre, a casa do Seminário foi doada por Jorge Miguel Cordeiro, que tinha construído a sua residência junto do Convento de S. Agostinho em 1622 e a deixou em testamento aos jesuítas.

O primeiro reitor do Seminário foi o P. Manuel Pinto, que, no ano de 1730, pedia ao Senado para anexar à residência o Mato Mofino (TEIXEIRA 1976: 2).

Em 1762, os jesuítas foram expulsos de Macau segundo as ordens do Marquês de Pombal, fazendo com que o Seminário ficasse sem professores, suspendendo-se deste modo as suas atividades de ensino até à chegada dos lazartistas<sup>8</sup>, mais de 20 anos depois.

Em 1784, face à falta de missionários para a Cristandade e Missão da China, a soberana D. Maria Primeira mandou o Bispo de Pequim, o P. Alexandre de Gouvea<sup>9</sup>, reorganizar o Seminário em benefício da Cristandade do Real Padroado (Boletim E. D. 1903: 83). Quando o bispo chegou a Goa, constatou que os lazartistas ministravam uma instrução boa e convidou o P. Manuel Correia Valente e o P. João Agostinho do Seminário do Chorão para irem a Macau reorganizar o Seminário de S. José. O bispo, além de mandar recuperar e reequipar o Seminário, elaborou o regulamento. Em setembro do 1784, o Seminário de S. José mudou o nome para Seminário Régio e Episcopal de Pequim, segundo a ordem régia, mas continuou sob a direção dos lazaris-

<sup>8</sup> A Congregação da Missão, Lazaristas ou Padres Vicentinos, é uma sociedade católica fundada em Paris em 1625 por São Vicente de Paulo (1581-1660) que teve aprovação pontifícia em 1634 através da bula *Salvatoris Nostri* do Papa Urbano VIII. Os membros são conhecidos como lazartistas porque a primeira casa da Congregação em Paris chamava-se Casa de São Lázaro.

<sup>9</sup> O P. Alexandre de Gouvea foi nomeado bispo de Pequim em 1782 e foi sagrado em Lisboa em 1783.

tas. Em outubro, o Seminário foi reaberto, recebendo apenas 8 alunos, mas alcançou os 26 em 1815, incluindo alunos da China, de Malaia e de Macau (LJUNGSTEDT 1997: 150). Em 1800, o Governo de Portugal ordenou que o Seminário deixasse de estar sob a jurisdição do bispo de Pequim e passasse a denominar-se Casa de Pequim da Congregação da Missão (TEIXEIRA 1976: 6) e a ter, unicamente, professores portugueses da Europa.

Com a boa gerência dos lazistas, o Seminário conseguiu recuperar o bom ensino tendo alunos não apenas jovens de Macau, mas também estrangeiros. Para o P. Nicolau Borja, o Seminário era então “o único lugar de educação nesta cidade” (TEIXEIRA 1940: 677) e segundo o P. Manuel Teixeira, os alunos “recebiam no Colégio de S. José uma sólida educação e instrução, que lhes dava ingresso nas universidades” (TEIXEIRA 1976: 7). Com os bons professores europeus o ensino do Seminário recuperou a anterior qualidade, “visto que há um grupo de professores reputados que dão aulas aqui, o Seminário conseguiu de novo uma prosperidade sem precedente, formando bastantes missionários e tradutores conhecidos” (YE 2005: 88)<sup>10</sup>.

No entanto, com o movimento liberal de 1822, os lazistas apoiaram o constitucionalismo que foi sufocado em 1823, pelo que ficaram ou presos, ou fugiram para outros países, como fez o superior do Colégio de S. José que ficou a ser dirigido pelo bispo de Macau, o P. Nicolau Borja. Com os seus esforços e com o regresso dos padres e a chegada de novos sacerdotes de Portugal, o Colégio recuperou algumas atividades de ensino. Porém, mais tarde, entrou em decadência, devido à saída de alguns professores, por motivos distintos. Apenas o P. Leite manteve o ensino de latim até ao seu falecimento em 1854, terminando, deste modo, toda a atividade de ensino do Real Colégio de S. José (TEIXEIRA 1976: 7-9).

Em 1856, o rei D. Pedro V promulgou uma carta de lei cujo objetivo era reorganizar os seminários ultramarinos. Cumprindo a determinação do rei, o Diocesano de Macau D. Jeronymo José da Matta nomeou como reitor interino do Seminário o P. Manuel de Gouvea e incumbiu-o de elaborar um projeto para a reorganização daquele estabelecimento.

Em janeiro de 1857 o Seminário reabriu, tendo os alunos não só professores portugueses, mas também os sacerdotes chineses que ensinavam a língua chinesa. Contudo, o Seminário não conseguiu recuperar o antigo esplendor devido à falta de suficientes professores competentes. “Perante tanta miséria, o Governo consentiu que os jesuítas viessem para Macau” (TEIXEIRA 1976: 18), tendo o Seminário voltado a ter professores jesuítas em 1862 quando

<sup>10</sup> Tradução nossa.

chegaram “dois professores muito ansiosamente esperados”<sup>11</sup>. O Seminário entrou num período de esperança, “desde então para cá tudo tem corrido optimamente, antevendo-se para este estabelecimento um futuro esperançoso” (TEIXEIRA 1976: 19).

Em junho de 1862, o Seminário começou a ter aulas de mais de dez cadeiras regidas pelos professores jesuítas vindos da Europa e admitia tanto pensionistas como alunos externos. “Os annos subsequentes 64, 65, 66 etc. correram todos muito prosperos para o Seminario de S. José. Era cada vez maior a affluencia dos alumnos no Seminario e este colhiam d'anno mais abuundantes loiros...” (Boletim E. D. 1904: 32). No início da abertura em 1862, os alunos não chegavam a 200, mas em 1870, o número duplicou, atingindo 377 alunos matriculados (TEIXEIRA 1976: 21). Deste modo, o Seminário recuperou a prosperidade antiga, “os paes de familia corriam pressurosos ao Seminário para aí entregarem os seus filhos” (Boletim E. D. 1903: 153).

Porém, em 1870, o Governo de Lisboa mandou alterar os Estatutos do Seminário, excluindo da atividade de ensino os professores estrangeiros, o que implicou o encerramento do mesmo, dado a maior parte dos professores serem estrangeiros. Quer o então presidente do Leal Senado, quer o povo de Macau subscreveram um abaixo-assinado, pedindo a Lisboa para que fossem conservados os professores jesuítas, “que são os únicos em Macau que são verdadeiramente úteis, e sem os quais a instrucção ficará abandonada...” (TEIXEIRA 1976: 24). Contudo a petição não foi aceite, e os professores jesuítas foram obrigados a deixar o Seminário, tendo os cursos administrados pelos jesuítas terminado em junho de 1871.

Em agosto do mesmo ano chegaram a Macau o novo governador do Bispado, P. Carvalho, e os novos professores que iam substituir os jesuítas. Muito embora o Seminário tenha reaberto os cursos em 1872, o ensino nesta instituição, secularizada, encontrava-se muito degradado devido ao afastamento dos professores jesuítas eruditos.

Apesar do zelo e empenho do P. Carvalho, os moradores de Macau não estavam satisfeitos nem com o ensino, nem com a retirada dos professores que “tão hábil e dignamente cumpriam as obrigações dos seus cargos” (TEIXEIRA 1976: 31). Em 1875, o novo governador do Bispado, P. Manuel de Gouvea, nomeou o P. António Joaquim de Medeiros reitor do Seminário, o qual convidou cinco sacerdotes para lecionarem no Seminário, o que permitiu a esta instituição recuperar a sua antiga prosperidade. “Muitos jovens macaenses internaram-se no Colégio, outros matricularam-se como externos” (TEIXEIRA 1976: 32-33),

<sup>11</sup> Eram o P. Francisco Xavier Rôndina e o P. José Joaquim d'Afonseca Matos.

tendo havido, também, alunos estrangeiros a frequentar os cursos.

Em 1879, com a saída dos padres para a missão de Timor, o Seminário entrou novamente em decadência, mas em 1890 voltou, novamente, a estar sob a orientação dos jesuítas, tendo o P. Alves da Silva referido que

os estudos, e toda a economia do Seminário começaram a ter uma nova orientação; estes padres pelo ascendente moral, virtude e amor ao estudo (...), donde resultou um novo estado de cousas, fazia antever um futuro muito semelhante ao dos primitivos tempos deste estabelecimento (Boletim E. D. 1908: 252-253).

Em outubro de 1910 o Seminário sofreu, novamente, um rude golpe, quando o Governo da República mandou expulsar os professores jesuítas, não obstante os protestos dos cidadãos de Macau. Daí até 1930, o Seminário foi dirigido por padres seculares que “procuraram aguentar o seminário o melhor que puderam, não se tendo notado a baixa nível que ocorreu de 1871 a 1890” (Boletim E. D. 1908: 40).

De 1930 a 1939, os padres jesuítas dirigiram novamente o ensino do Seminário. Mais tarde, dada a falta de missionários jesuítas, o Seminário passou a pertencer à Diocese de Macau, sendo administrado pelos padres diocesanos. O Seminário manteve um ensino contínuo e regular, tendo alunos oriundos de Macau, Hongkong, China continental, Timor e Portugal, que usufruíam novas estruturas.

Em 1968 o externato fechou, restando no Seminário apenas alguns seminaristas. Em 1975, este estabelecimento, que durou dois séculos e meio, foi encerrado após a saída dos últimos seminaristas. No entanto, o seu valor e contributo na formação de intelectuais que “se tornaram ilustres em todos os ramos da actividade humana” (Boletim E. D. 1908: 54) permanecerá, quer na história, quer no coração dos habitantes de Macau.

## 2. Formação dos tradutores

Durante o período de dois séculos e meio, o Seminário, não obstante as vicissitudes experimentadas, formou gerações e gerações de jovens que se distinguiram tanto em Macau como noutras lugares do mundo, de entre os quais se salientam os ilustres tradutores que serviram de ponte entre a China e o mundo ocidental.

## 2.1. Objetivo claro da formação

Os jesuítas sempre prestaram importância à educação. A missão académica constituía uma das duas principais estratégias de pregação cristã, motivo pela qual, criaram tantas escolas.

Ao chegar a Macau, os jesuítas iniciaram a construção de escolas, primeiro o Colégio Universitário de S. Paulo e a seguir, o Seminário de S. José, cujo objetivo era formar missionários católicos ao serviço da missão da Cristandade no interior da China. Segundo D. Manuel de Gouveia, que governou o bispado de Macau durante alguns anos, “Julgou-se indispensável na Cidade de Macau, um novo estabelecimento que unica e simplesmente tivesse a seu cargo as Christandades já havidas na China...” (Boletim E. D. 1904: 82). Falando do objetivo da fundação do Seminário, o P. Joseph Dehergne, explicou que “a 13 de fevereiro de 1728, construiu-se em Macau para os jesuítas da vice-província da China” (DEHERGNE 1995: Vol. II, p. 826). O mesmo padre disse ainda que o padre francês Joseph Labbe esteve em Macau de 1728 a 1731, sendo o fundador do Seminário de S. José, que se estabeleceu especificamente para a vice-província da China (DEHERGNE 1995: Vol. I, p. 341). O P. Teixeira afirmou, também, que o objetivo do Seminário era formar os missionários na China (TEIXEIRA 1987: 42). Em 1791, Martinho de Melo e Castro, Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar (1716-1795), salientou, ao então bispo de Macau, a importância do Seminário no sentido de formar sacerdotes para a China:

Sendo pois a Cidade de Macáo não só a q'. nos abre a entrada para a China, mas a Escola, e o viveiro, donde háo de sair os sujeitos q'. se devem empregar naquele Imperio, bem vê VE. q'. tudo o q'. poder contribuir para o aumento e prosperidade daquele Estabelecimento, he igualme. Util, e ventajoso aos interesses da Religião; ... remeto a VE. incluza huā copia para sua Instrucção, e para q'. debaixo dos mesmos princípios promova tudo o q'. puder contribuir para maior vantagem daquele importantíssimo Estabelecimento, como S. M. espera das luzes, e do zelo da VEx.a. (Cx. 19, doc. 10)<sup>12</sup>.

Por outro lado, os primeiros jesuítas que chegaram a Macau, depois de sofrerem numerosas dificuldades, nomeadamente de comunicação, ficaram cientes de que, para cumprir as missões de conversão, era preciso e urgente formar tradutores bilingües para dissipar obstáculos na comunicação. Segun-

<sup>12</sup> Os documentos das Caixas 15 e 19 do Arquivo Histórico Ultramarino estão manuscritos. A transcrição deles no texto do artigo mantém o manuscrito original.

do o secretário, aqueles obstáculos “so se pôde remediar com gente educada no Seminario de Macáo” (Cx. 19, doc. 10), salientando a importância de aprendizagem de chinês, afirmando que, “além das Sciencias Eclesiásticas, aprendão a Lingoa do Paiz, sem a qual todos os mais conhecimentos são de pouca ou nenhum utilidade para aquelas Missoens” ( Cx. 19, doc. 10).

## 2.2. Administração e gerência rigorosa

O Seminário contava com um sistema completo de administração quer dos docentes, quer dos discentes. Segundo os Estatutos do Real Seminário de S. Joze de Macao<sup>13</sup> conservados no Arquivo Histórico Ultramarino, aquele era dirigido por um reitor e estava sujeito à inspeção do Bispo conforme os Estatutos: “o Seminario ficará debaixo da inspecção do Exmo. Bispo de Macão; ao qual pertencerá vigiar se cumprem, ou não, com suas obrigações os seus individuos; e tomar contas ao Reitor do mesmo no fim de cada um anno lectivo” (Cx. 15, doc. 20). De modo geral, tanto o reitor como os professores eram nomeados por rei ou rainha de Portugal. Os Estatutos definiam, ainda, que competia ao Bispo de Macau nomear pessoal que eventualmente faltasse no quadro do Seminário, caso o rei de Portugal não tivesse feito a nomeação a tempo. Os Estatutos indicavam, também, que o reitor devia ser uma pessoa capaz no “governo e administração” e muito atenta a todos, “vigiando continuamente a conducta de todos os individ(u)os do dito Seminario” (Cx. 15, doc. 20). Além do já referido o reitor era, ainda, responsável pelo controle da formação e do desenvolvimento físico e moral dos alunos, bem como das suas “inclinações” (Cx. 15, doc. 20).

O Seminário impunha um regulamento bem rigoroso aos docentes. Os professores deviam observar e cumprir os Estatutos, obedecer ao reitor “com tudo o que for relativo ás suas respectivas obrigações”, não podendo faltar às aulas sem a licença do superior. Deviam servir de exemplo aos alunos, que também não podiam ausentar-se das aulas, “inspirem-lhes sentimentos de brio e honra para que por este meio possão melhor desempenhar as suas obrigações” (Cx. 15, doc. 20).

Os seminaristas estavam sujeitos a regras severas: o vestuário permitido eram as “Vestes Talares” conforme o estabelecido pelos Sagrados Cânones para os ministros evangélicos e até o corte de cabelo era determinado pelos Cânones. Deviam obediência total ao reitor que lhes exigia “devoção a Santíssima Eucaristia” e uma “particular devoção a Santíssima Virgem, rogando-lhe o seo

<sup>13</sup> Cf. Cx. 15, doc. 20, Arquivo Histórico Ultramarino.

patrocinio, e amparo, e rezando-lhe todos os dias o seo terço” (Cx. 15, doc. 20).

Durante o tempo letivo os seminaristas não podiam sair do Seminário, exceto para as missões eclesiásticas ou visita aos parentes, o “que se deverá fazer raras vezes, somente em dias feriados” (Cx. 15, doc. 20). Mesmo nesse caso, deviam ter autorização do reitor, sendo proibido aos seminaristas passar a noite fora, mesmo nas férias. Era-lhes vedado entrar no “cubículo” de outros sem a licença expressa do reitor, embora pudessem ir ao do seu professor, com a porta aberta, e falando em voz baixa e não podiam passear pelos dormitórios no tempo de estudo ou de descanso se não fosse necessário, de modo a não incomodar os outros que estivessem a estudar.

O Seminário não permitia que os seminaristas tivessem comida no seu cubículo. Mesmo quando oferecida, deviam recusá-la com cortesia, ou entregá-la ao Seminário. De modo idêntico, não podiam guardar dinheiro e o que porventura tivessem, devia ser entregue ao reitor que o guardaria no cofre do Seminário, identificado com o nome do dono e o devolveria quando aquele deixasse do Seminário. A vigilância estendia-se também à correspondência enviada aos seminaristas bem como à que pretendiam enviar. Em qualquer dos casos era sempre lida pelo reitor “o qual vigiará cuidadosamente neste ponto de consequencias” (Cx. 15, doc. 20) antes de chegar ao destinatário.

Em suma, os seminaristas tinham de respeitar e cumprir integralmente os Estatutos pois o próprio reitor vigiava “com todo o cuidado” a sua observância e, para que os não esquecessem, fazia-os lê-los, de vez em quando, castigando, “com severidade os seminaristas que os tinham transgredido deles” (Cx. 15, doc. 20).

### **2.3. Modelo de ensino bem organizado**

Os jesuítas fundaram o Seminário de S. José imitando o modelo do ensino das universidades europeias, e, ao mesmo tempo, tomaram em consideração as suas necessidades e a realidade chinesa. Elaborou um plano detalhado para a formação de tradutores.

Embora o Seminário de S. José não fosse tão grande como o Colégio de São Paulo, o papel de formação linguística e tradução era muito maior do que o deste, nomeadamente no que respeita à criação da metodologia sistemática de ensino de chinês, tendo formado bastantes tradutores (LI 2016: 59)<sup>14</sup>.

Tal como referido, o Seminário regia-se por Estatutos muito detalhados,

---

<sup>14</sup> Tradução nossa.

que abarcavam administração, regras a serem seguidas, disciplinas, metodologia de ensino e avaliação, garantindo um bom funcionamento e, por consequência uma boa qualidade de ensino. O Seminário adotou o sistema de ensino ocidental, introduzindo os conceitos de fim de semana, semestre escolar e ano letivo, bem como definindo dias de estudo, tempo de provas, feriados e férias, assim como o programa de cada período do ano letivo.

Em comparação com o Colégio de São Paulo, o Seminário de S. José teve um plano de ensino mais sistemático, que definia de forma clara e pormenorizada conteúdos a estudar, tempo de estudo, métodos de ensino, modo de avaliação, etc. Como todos os alunos seriam mandados para a missão na China, realçou-se a importância de chinês, tal como exigia o secretário de Estado da Marinha e do Ultramar (1716-1795) Martinho de Melo e Castro,

...não posso deixar de lhe lembrar, q'. neste artigo não ha coisa alguma mais digna da continua aplicação de VE., e q'. mereça mais o seo cuidado, do q'. a creaçao de sujeitos capazes de desempenhar as obrigações de verdadeiros Ministros Evangelicos; porq'. a falta q'. tem as Igrejas da China de operários, e de Pastores dignos deste nome, só se pôde remediar com gente educada no Seminario de Macao, em q'. entrem nacionaes, chinas, em q'. os Europeos, além das Sciencias Eclesiásticas, aprendão a Lingoa do Paiz, sem a qual todos os mais conhecimentos são de pouca ou nenhuma utilidade para aquelas Missoens (Cx. 19, doc. 10).

No primeiro artigo dos Estatutos dispôs-se que o Seminário contava com docente de chinês: “Constará o Seminario de hum Reitor; de hum Professor de Lingoa Portugueza, Latina, de hum Professor da Lingoa Chineza, de hum Professor de Filozofia, de dois Professores de Teologia, de um Professor de Mathematica...” (Cx. 15, doc. 20). Definiu-se o modelo de ensino e aprendizagem da línguas, nomeadamente o chinês. Em primeiro lugar, elaborou-se um regulamento dos estudos, no qual, afirmava-se que “o professor da gramatica vigiará com todo o cuidado no adiantamento dos seos Discipulos” (Cx. 15, doc. 20), realçando que se precedia “o estudo da lingoa materna ao da lingoa latina” (Cx. 15, doc. 20). Os Estatutos exigiam que os professores fizessem todos os esforços para os alunos dominarem as línguas, nomeadamente ensinando-os a ter as competências de tradução, ao mesmo tempo, salientou-se ainda a importância de escrita correta e a capacidade oral. Devido à diligência dos professores, os alunos conseguiram êxitos, “louvores mil cabem a seus professores, que tanto se cansam, afadigam e esmeram para aperfeiçoar os mancebos entregues a seus desvelos e cuidados” (Boletim E. D. 1904: 33-34).

Os Estatutos acentuavam o ensino de chinês e de tradução sino-portuguesa. Antes de estudar o chinês, o professor devia apresentar as características gerais da língua chinesa, dando “huma idea geral dos principios em que esta se funda” (Cx. 15, doc. 20). Devia ensinar os alunos a reconhecer os caracteres. Tendo em conta a urgência de formação de tradutores sino-portugueses, era importante começar logo a ensinar a tradução de chinês para português. Como os jesuítas tinham tido vários métodos eficazes e experiência na aprendizagem do chinês, o Seminário adotou as técnicas de aprendizagem dos seus colegas de Pequim. “Para este efeito se servirà das artes, e dicionarios que os nossos Portugueses existentes em Pekim trabalharão com admiração dos mesmos Chinas” (Cx. 15, doc. 20). Em cada período de exame, a competência de tradução era sempre uma matéria obrigatória a testar.

Para ser um tradutor qualificado, os conhecimentos linguísticos são indispensáveis, mas este é apenas um dos elementos essenciais no trabalho de tradução. Um tradutor qualificado deve, também, possuir conhecimentos diversificados porque a tradução pode incidir sobre contextos muito distintos. Muito consciente desta questão, além das línguas o Seminário oferecia disciplinas variadas como filosofia, teologia, retórica, chinês, latim, inglês, francês, matemática, física, redação e música, etc.

Por exemplo, no Ano Letivo de 1904 a 1905 lecionavam-se no Seminário de S. José as seguintes disciplinas:

DISCIPLINAS QUE NO PRESENTE ANNO LECTIVO DE 1904 A 1905, SE LECCIONAM NO SEMINARIO DE S. JOSÉ, HORA E LOCAL DAS AULAS			
Disciplinas	Horas	Local	
Instru. prim. element.	9 às 11, e 2½ às 4½	Aula n.º	4-6
Instru. prim. compl.	9 às 11, e 2½ às 4½	"	5
Portuguez 1.º anno	9 às 10	"	15-16
Portuguez 2.º anno	9 às 10	"	7-9-11
Latim 1.º "	8 às 9	"	15-16
Latim 2.º "	8 às 9	"	7-9-11
Latim 3.º "	10 às 11	"	15-16
Latim 4.º "	10 às 11	"	7-9-11
Inglez 1.º "	3½ às 4½	"	8-10-12
Inglez 2.º "	8 às 9	"	8-10-12
Inglez 3.º "	10 às 11½	"	7-9-11
Francez 1.º "	2½ às 3½	"	8-10-12
Francez 2.º "	2½ às 3½	"	7-9-11
Historia e Geographia	3½ às 4½	"	15-16
Physica	3½ às 4½	"	13-14
Mathematica	9 às 10	"	8-10-12
China Elementar 1.º an.	8 às 9 e 3 às 4	"	3
China Elementar 2.º an.	9 às 10 e 2 às 3	"	3
China Comple. 1.º e 2.º an.	3 às 4½	"	1
China Superior 1.º anno	2 às 3	"	1
China Especial 1.º anno	8 às 9	"	1
Aula anglo-sinica	10 às 11½	"	8-10-12
Academia Sinica	□	□	
Theologia Dogmatica	3½ às 4½	Biblioteca	
Thologia Moral	10 às 11	"	
Musica instru. e Piano	1 às 2	Aula n.º	8-10-12
Musica voc. e Harmonia	1 às 2	"	8-10-12

Secretaria do Seminario de S. José, 1.º de agosto de 1904.  
(Boletim E. D. Macau, julho de 1904, p. 29)

Como se pode constatar do exemplo acima, as línguas eram proeminentes na carga horária do plano de ensino do Seminário, sendo a língua chinesa a mais privilegiada.

## **2.4. Educação moral aos alunos**

Além do ensino linguístico e científico, o Seminário procurava transmitir aos alunos a consciência das obrigações para com a pátria e até para com a humanidade, “expondo com exactidão as obrigações que o homem deve a Deus, asi mesmo, e aos outros homens” (Cx. 15, doc. 20). A consciência de obrigação e o sentido de missão que se pretendia que constituíssem a motivação de aprendizagem dos alunos.

Os Estatutos definiam os elevados critérios de seleção dos seminaristas, que eram nomeados pelo Bispo de Macau a conselho do reitor. Quer a virtude moral, quer os talentos académicos eram importantes: “deverão ser mossos de boa indole, de talento, e que dem esperanças de progressos para o futuro, e que não tenham algum dos impedimentos Canonicos ou Civiz que servem de obstáculo ao Ministerio Sagrado” (Cx. 15, doc. 20).

Tendo em consideração a importância dos chineses e de eventuais mudanças sociais na China, Macau ou Portugal, os criadores dos Estatutos aperceberam-se que os tradutores não podiam ser apenas portugueses, devendo também existir outros de nacionalidade chinesa desde que fossem qualificados. Assim, os Estatutos dispunham que o Seminário devia admitir jovens chineses que “dem esperanças de aproveitamento” (Cx. 15, doc. 20), e, satisfizessem as condições previstas nos Estatutos.

O Seminário prestou atenção à formação moral dos seminaristas. Dado que um futuro sacerdote iria servir no interior da China, necessitavam de “consciências puras”, devendo confessar-se uma vez por mês conforme a ordem do reitor, a quem obedeciam em absoluto. Deviam conservar “huma devoção cordeal à Santíssima Eucaristia” (Cx. 15, doc. 20), ouvir a Santa Missa todos os dias, bem como rogar do Céu as luzes e todas as graças necessárias ao desempenho dos seus deveres. Os seminaristas deviam conhecer muito bem as suas obrigações quer para com a Cristandade quer para com a pátria, motivo pelo qual necessitavam de ler os bons livros recomendados pelo reitor, nomeadamente a *Bíblia*. Para além disso, tinham todos os dias uma lição do *Novo Testamento*.

O Seminário também deu atenção à formação de bons hábitos de estudo. Nos dias de aulas os alunos tinham de levantar-se muito cedo, às cinco horas da manhã. Tinham todo o dia muito preenchido, com um horário bem organizado que incluía oração, leitura, estudo e atividade recreativa tais como canto, “que ao mesmo tempo lhes sirva de divertimento, e de instrução necessária a todo o Eclesiástico” (Cx. 15, doc. 20). Mesmo aos domingos, dias festivos e feriados havia um horário organizado que incluía missa, orações, estudo e atividade recreativa.

## 2.5. Revisão e avaliação

Tal como Confúcio diz, “( ...) pode-se adquirir novos conhecimentos revendo os antigos (...)”<sup>15</sup>. O Seminário salientou a importância da revisão dos conhecimentos ensinados: “em todos os sábados que não forem feriados haverá sabatina sobre as matérias que se tiveram tratado naquella semana” (Cx. 15, doc. 20). Mesmo nas férias, os alunos tinham de rever as lições, porque “no tempo das férias, o reitor regulará de tal sorte o estudo particular, que os estu(dan)tes senão esqueçam do que aprenderão” (Cx. 15, doc. 20).

O Seminário deu importância à avaliação dos alunos, criando um sistema de exames semanal e anual, provas públicas, etc. Os alunos realizavam provas todos os sábados para verificar se dominavam as matérias ensinadas durante a semana. Em agosto de cada ano, sujeitavam-se às provas finais do ano letivo: “No mês de Agosto verão todos os seminaristas examinados dos estudos q. tivessem feito naquelle anno” (Cx. 15, doc. 20). Paralelamente, realizavam-se exames públicos a todas as disciplinas, que atraíam sempre muita assistência. Por exemplo, numa prova pública do adiantamento literário,

havia numeroso concurso de espectadores, que sahiram satisfeitos vendo o desenvolvimento dos discípulos do Seminario. Os que têm assistido com prazer a todos os actos públicos d'este Seminario de tão reconhecida utilidade para a mocidade de Macau... (Boletim E. D. 1904: 33-34).

Esses exames constituíam-se como atividades solenes quer para o Seminário, quer para a sociedade em geral, a que assistiram inclusive as autoridades eminentes, além dos numerosos residentes de Macau.

O Seminário definiu, com detalhe, o processo dos exames, incluindo o júri, a forma e o conteúdo a examinar em cada disciplina. Por exemplo, no Ano Letivo de 1870, para a Aula de Língua Mandarina, as matérias de exame foram: “grammatica e analyse, dialogos familiares em lingua mandarina, traduçō de Sheng-in-quamhsiu<sup>16</sup>, ou os sanctos decretos; traducō do tracto de paz e do regulamento do Commercio, celebrados entre a Inglaterra e a China” (Boletim E. D. 1904: 37). Neste sentido, pode-se constatar que a tradução era uma competência obrigatória, devendo os discentes não só conhecer bem a

<sup>15</sup> Cf. Confúcio, *Analecto*, cap. II. Períodos da Primavera e Outono e dos Reinos Combatentes. Tradução nossa.

<sup>16</sup> *Sheng Yu Guang Xun (Amplificação do Santo Decreto)*, do imperador Yongzheng (1678-1735), da dinastia Qing, publicado em 1724, foi um clássico de instrução ética, cívica e política, constituindo uma matéria obrigatória dos exames imperiais na época.

situação política como também o tratado celebrado entre a Inglaterra e a China. Por outro lado, os livros clássicos chineses, tais como *Sheng-in-quamhsiu* (*Amplificação do Santo Decreto*), eram igualmente uma matéria obrigatória nos exames imperiais da dinastia Qing. Segundo o mesmo boletim, nessa prova de língua chinesa, os prémios e louvores foram “todos distribuidos a jovens Macaistas, que se preparam para o vantajoso mister de interpretes” (Boletim E. D. 1904: 37).

Segundo o registo no *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, os alunos foram bem-sucedidos nos exames, apresentando uma pronúncia muito boa e um desembaraço admirável. “Todos os alumnos cumpriram, a contento geral, a parte que lhes estava designada, em todos os trabalhos apresentados ao público” (Boletim E. D. 1904: 33). O êxito dos alunos foi muito comentado na imprensa oficial, “os mais rasgados elogios á direcção do Seminario, dizendo claramente este orgão official do Governo da colonia, que o Seminario de S. José promettia ser outra vez tão importante como já fora...” (Boletim E. D. 1904: 226).

Terminados os exames, era habitual realizar-se a festa de distribuição de prémios, que começava ao meio dia e terminava às duas da tarde. Os melhores classificados nos exames recebiam medalhas de ouro ou prata, livros e imagens, acompanhados de um diploma de louvor. Os restantes recebiam apenas um certificado em que se designava o grau alcançado.

## 2.6. Professores ilustres

Desde a fundação do Seminário, chegaram sucessivamente professores da Europa. Eles eram não apenas especialistas nas áreas da teologia, filosofia, retórica, matemática, música e línguas, como também eram muito dedicados ao ensino, o que lhes permitiu formar talentos com profundos conhecimentos académicos, “estes professores jesuítas levantaram tão alto a instrucção em Macau que o amor pelo estudo e pela boa leitura se tornou vulgar entre os macaenses...” (TEIXEIRA 1976: 21).

O Marechal Gomes da Costa, ao recordar o seu tempo de estudante no Seminário, não deixou de elogiar os professores que tinham despertado “a curiosidade à rapaziada”. “As recordações que tenho do Seminário, são excelentes: os professores, quase todas padres, eram bons para nós e os recreios alegres numa vasta cerca com grande árvores” (TEIXEIRA 1976: 21).

Na verdade, a maior parte dos intérpretes e tradutores em Macau, no século XIX, tinha estudado no Seminário. “O Seminário conseguiu formar tradutores de alta qualidade, tem também muito a ver com o facto de contar

com sinólogos de elevado nível, entre os quais, se destacava o excelente sinólogo do século XIX, o P. Joaquim Afonso Gonçalves” (LI 2014: 10)<sup>17</sup>. Na opinião do seu aluno Callery J. M., “Gonçalves possui um zelo natural de aprender chinês...fala fluentemente o mandarim, com os tons corretos... daí por diante, o chinês tornou-se a sua área de investigação” (Chinese Repository, 1864: 173)<sup>18</sup>.

Como professor do Seminário, que se destinava a formar talentos bilíngues, o P. Gonçalves dedicou todo o entusiasmo ao estudo e ensino da língua e cultura chinesas: “(...) é notada com algum assombro a relativa facilidade, em poucos anos, com que Joaquim Afonso Gonçalves aprendeu a língua chinesa, falada e escrita, com grande profundidade a ponto de nela ter redigido diversas obras” (ARESTA 2000: 680). Compilou vários livros didáticos para o ensino da tradução, combinando a sua prática de ensino e, ao mesmo tempo, considerando as dificuldades dos alunos ocidentais na aprendizagem de uma língua diferente, por exemplo a *Arte China* (1828), que “é a melhor obra redigida por Gonçalves” (Callery J. M., in the *Chinese Repository*, 1864: 173)<sup>19</sup>. Este livro foi muito apreciado no meio académico, “em termos do sistema e do conteúdo, a sua análise e organização dos caracteres são melhores do que os primeiros sinólogos como Matteo Ricci e Nicolas Trigault” (LIU 1994: 40)<sup>20</sup>, e *Constante de Alphabeto e Grammatica, Comprehendendo Modelos das Dijferentes Compo-sições* (1829), fazendo com que Gonçalves ocupasse “uma posição relevante” (ARESTA 2000: 681) na área da didática e da pedagogia da tradução. Compilou também dicionários bilíngues que são indispensáveis para os tradutores, tais como *Diccionário Portuguez-China no Estilo Vulgar Mandarim e Clássico Geral* (1831); *Diccionário China-Portuguez no Estilo Vulgar Mandarim e Clássico Geral* (1833); *Vocabularium Latino-Sinicum, Pronuntiatone Mandarina Litteris Latinis Expressa* (1837), etc. (ARESTA 2000: 681).

Além de ser um especialista do chinês e da cultura chinesa, Gonçalves tinha uma mente aberta em relação à cultura chinesa, tal como comentava António Aresta: “será interessante reflectir no facto de um homem formado numa matriz civilizacional latina e cristã se abrir comprehensivamente a uma mundivivência civilizacional outra... sem complexos eurocêntricos e etnocêntricos” (ARESTA 2000: 680).

Tendo em conta a sua erudição em chinês, o respeito pela cultura sínica e a sua dedicação ao ensino, durante mais de duas dezenas de anos ele conse-

<sup>17</sup> Tradução nossa.

<sup>18</sup> Tradução nossa.

<sup>19</sup> Tradução nossa.

<sup>20</sup> Tradução nossa.

guiu formar um grupo de talentos bilingues notáveis, por exemplo, o referido Callery J. M.; o primeiro sinólogo macaense José Martinho Marques, o grande sinólogo e tradutor Pedro Nolasco da Silva, etc.

## **2.7. Intervenção ativa do Governo**

Como a única instituição de ensino superior no Extremo-Oriente de Portugal após o encerramento do Colégio de São Paulo, o Seminário teve uma missão importante na formação dos talentos bilingues que serviam de intercâmbio entre a China e Portugal. O seu sucesso teve a ver com a intervenção ativa e a atenção prestada pelo Governo, quer de Portugal, quer de Macau. A rainha de Portugal valorizou a organização do quadro do pessoal do Seminário, pois tanto o reitor como os docentes “deverão ser nomeados por sua Mag.” (Cx. 15, doc. 20). O próprio bispo de Macau participava pessoalmente na administração: “O Seminário ficará debaixo da inspecção do Exmo. Bispo de Macão; ao qual pertencerá vigiar-se cumprem ou não com suas obrigações os seus individuos, e tomar contas ao Reitor do mesmo no fim de cada hum anno lectivo” (Cx. 15, doc. 20). Para os docentes e seminaristas poderem observar os Estatutos, o bispado “proverá aos mesmos de tudo quanto for necessário para a sua sustentação e vestidos” (Cx. 15, doc. 20), além de responsabilizar-se pelo sustento e reparação do Seminário.

As autoridades visitaram esta instituição para conhecer e examinar as suas atividades de ensino, “Sua Ex.cia o Snr. Governador, que poucos dias depois de chegar da embaixada de Pekim, veio visitar este estabelecimento, examinando-o por miudo...” (Boletim E. D. 1904: 154). Além de verificar o funcionamento do Seminário, o governador também conversava com docentes e discentes, encorajando-os a trabalhar com empenho. Nas palavras de D. Gouvea, ao reviverem “este padrão de antiga glória portuguesa no Oriente – o Seminario de S. José... estamos confiados em que receberemos de V. Ex.cia e do Governo de Sua Magestade o apoio devido” (Boletim E. D. 1904: 154).

As autoridades oficiais prestavam ainda atenção às atividade de avaliação dos discentes, que foram assistir o desempenho nos exames dos alunos. “Em dezembro d'este mesmo anno houve exames solemnes e públicos, com a assistência do governador e mais autoridades da cidade...” (Boletim 1904: 24). A distribuição de prémios também constituía uma atividade solene e grandiosa, em que participaram não apenas os cidadãos, como também as autoridades oficiais e cavalheiros reputados, tendo o próprio governador de Macau como o presidente. “A este acto solemne presidiu Sua Excia. o Governador e estiveram presentes todas as autoridades do paiz e um im-

portante numero de cavalheiros” (Boletim E. D. 1904: 35). A cerimónia de distribuição de prémio foi grandiosa e aparatosa, “sempre feita com grande solenidade, concurso e aplauso das primeiras autoridades e principaes moradores de Macau” (Boletim E. D. 1904: 36). A cerimónia começou por um belo coro, acompanhada de orquestra. Em seguida, foi a distribuição de prémios, “sendo acclamado os alumnos que mereceram distincções e louvores, recebendo a recompensa de suas fatigas das mãos de Sua Excia. o Governador” (Boletim E. D 1904: 35). Toda a gente ficava alegre ao ver os desempenhos maravilhosos e admiráveis dos alunos premiados, incluindo o governador e as primeiras autoridades:

Folgamos extraordinariamente com o desenvolvimento do Seminario Diocesano; fazemos leaes votos pelo seu progresso, e damos aos mestres e aos alumnos mui verdadeiros parabens...felicitando pelo seu aperfeiçoamento, e pela boa vontade e dedicação que apresentam no estudo... (Boletim E. D1904: 228).

### 3. Alunos ilustres formados

O Seminário formou não apenas tradutores que contribuíram para os intercâmbios sino-portugueses, como também sinólogos que apresentaram a cultura chinesa ao mundo ocidental: “...apesar de (o Seminário de S. José) não ser uma instituição de formação de tradutores, é curioso que, nos finais do século XVIII e nos inícios do século XIX, a maioria dos talentos de tradução de Macau se graduassem aqui” (LI 2016: 60)<sup>21</sup>. “O Rev.do P.e Joaquim Affonso Gonsalves, celebre sinologo, cujas obras ainda hoje são consultadas com todo o interesse por quantos se têem applicado ao estudo da lingua e literatura sinica” (Boletim 1904: 123). Assim, um dos importantes contributos históricos do Seminário é ter formado “bastantes talentos bilingües de que precisa urgentemente a sociedade de Macau, nomeadamente no século XIX, surgiram vários sinólogos notáveis” (LIU 1994: 37-38)<sup>22</sup>.

O célebre tradutor macaense José Martinho Marques (1810-1867), conhecido como o primeiro sinólogo macaense, estudou no Seminário e foi aluno do professor Gonçalves. Dominou tanto o cantonês como o mandarim, possuindo conhecimentos sólidos da língua chinesa. Trabalhou como intérprete-tradutor no Governo de Macau, fez trabalho de tradução para a legação de vários países na China e foi condecorado com uma medalha de

<sup>21</sup> Tradução nossa.

<sup>22</sup> Tradução nossa.

honra pela Legação francesa na China, devido aos seus trabalhos notáveis. Além de servir como intérprete-tradutor, compilou, mediante a tradução para o chinês de livros ocidentais, uma grande obra intitulada *Tratado de Geografia*, que apresenta de forma exaustiva os conhecimentos geográficos do mundo, ampliando a visão dos chineses e atualizando os seus conhecimentos da geografia do mundo. “Dominou tão bem o chinês que nem se verificou nenhum traço de tradução nesta obra” (LIU 1994: 45)<sup>23</sup>. Além disso, compilou ainda os *Princípios Elementares da Música* e um *Dicionário China-Portuguez* (FORJAZ 1996: 577).

Uma outra figura que merece destaque é Pedro Nolasco da Silva, que ocupou, sem dúvida, um lugar de relevo na história da tradução em Macau (LI 2016: 60), pois foi um ilustre intérprete-tradutor, sinólogo, professor, escritor, funcionário público, jornalista e dirigente de várias associações de Macau. Desempenhou muitos cargos importantes, entre os quais, presidente do Leal Senado, sócio-fundador e presidente da Associação Promotora da Instrução dos Macaenses, fundador e diretor da Escola Comercial Pedro Nolasco, chefe do Expediente Sínico, entre outros.

Pedro Nolasco da Silva recebeu uma formação excelente em línguas no Seminário, tendo profundos conhecimentos de cantonês e mandarim. Conseguiu entrar na Procuradoria dos Negócios Sínicos do Governo como estagiário-intérprete, da qual, mais tarde, veio a ser chefe. Foi escolhido para ser o primeiro presidente do Expediente Sínico. Devido à sua excelente carreira como intérprete-tradutor, foi nomeado em 1887 Secretário Intérprete do Ministro Plenipotenciário em Pequim, para auxiliar o representante português Tomás de Sousa Rosa nas negociações do Tratado Sino-Português de 1887. Além do trabalho de intérprete-tradutor, dedicou-se também ao ensino, lecionando chinês, gramática e tradução no Seminário de S. José, no Instituto Comercial e no Liceu de Macau. Traduziu e compilou bastantes livros didáticos. Foi editor de vários jornais, tais como o *Echo do Povo* de Hongkong, o *Macaense* e o *Echo Macaense*.

## Considerações finais

Não obstante as dificuldades sentidas devido à mudança da situação política, o Seminário, motivado pela necessidade de missionários e intérpretes-tradutores para trabalharem no interior da China, conseguiu formar um grupo de

---

<sup>23</sup> Tradução nossa.

profissionais de tradução bilingues que exerceram um papel importante nas atividades diplomáticas em Macau e na China, no século XIX. Muitos graduados bilingues tornaram-se dirigentes, tradutores e professores do Expediente Sínico ou das escolas de tradução (WEI 1991: 88).

O Seminário possuía Estatutos pormenorizados, que permitiram o bom funcionamento e um ensino de boa qualidade. Por outro lado, contratou docentes de elevado nível moral e académico, conferiu importância ao estudo das línguas, assim como de outras áreas e valorizou a formação moral, fazendo com que os alunos tivessem um forte espírito de obrigação e missão. Tais características fazem deste estabelecimento, ainda hoje, um exemplo para as nossas instituições de ensino.

O seu modelo de formação promoveu o aparecimento de um grupo de ilustres tradutores e sinólogos que se dedicavam ao trabalho de tradução e de investigação linguística e cultural. Ao mesmo tempo, “o aparecimento de numerosos tradutores fez surgir um ambiente e tendência de dar importância à tradução” (LI 2014: 17)<sup>24</sup>.

Outro dos contributos do Seminário consiste na criação de materiais didáticos de tradução de qualidade, por exemplo, a *Gramática Chinesa ensinada por meio de exemplos* compilada por Pedro Nolasco da Silva, *Sang Yu Kuang Hsun*, ou *Amplificação do Santo Decreto*, traduzido por Pedro Nolasco da Silva, os quais foram utilizados nos cursos de intérprete-tradutor da Escola de Línguas Sínicas de Macau. Os dicionários bilingues compilados pelo P. Gonçalves e os seus alunos também deram enormes contributos para a formação e o trabalho de tradução.

Em suma, o Seminário representa uma época de esplendor em termos de formação de especialistas em tradução bilingue, cujo modelo pedagógico de tradução ainda merece o nosso estudo e consideração.

## Bibliografia

### Fontes manuscritas

Cx. 15, doc. 20, Arquivo Histórico Ultramarino.

Cx. 19, doc. 10, Arquivo Histórico Ultramarino.

---

<sup>24</sup> Tradução nossa.

## **Fontes impressas**

- Boletim E. D. Macau, Julho de 1903.  
Boletim E. D. Macau, Julho de 1904.  
Boletim E. D. Macau, Março de 1908.  
Callery J. M. (1864). *The Chinese Repository*, vol. 15, No. 2.

## **Estudos**

- ARESTA, António (2000). “Joaquim Afonso Gonçalves, professor e sinólogo”. *Administracão*, no. 48. Macau: SAFP.
- DEHERGNE, Joseph, S.J. (1995). Geng Sheng (tra.). *R Épertoire des Jésuites de Chine de 1552-1800*, Vol. I e II. Beijing: Zhonghua Shuju, 1995.
- FORJAZ, Jorge (1996). *Famílias Macaenses*, Vol. III. Macau: Fundação Oriente & Instituto Cultural de Macau.
- LAM, Domingos Lam Ka-tseung (2000). *Diocese de Macau durante os Anos de 1967 a 1997*. Macau: Paço Episcopal.
- LI, Changsen (2014). *Yuyan yu Fanyi Gaodeng Xuexiao Bainian Cangshang (Vicissitudes de Cem Anos da Escola Superior de Língua e Tradução)*. Macau: Editora do Instituto Politécnico de Macau.
- LI, Changsen (2016). *Jindai Aomen Fanyi Shigao (História Moderna de Tradução de Macau)*. Beijing: Social Sciences Academic Press (China) & Instituto Cultural de Macau.
- LIU, Xianbing (1994). *Shuangyu Jingying yu Wenhua Jiaoliu (Talentos Bilingues e Intercâmbio Cultural)*. Macau: Fundação Macau.
- LJUNGSTEDT, Anders (1997). *História de Macau dos Primeiros Períodos*. Beijing: Editora de Oriente.
- MEI, Yiqi (1941). “Daxue Yijie”, in *Jornal de Qinghua*, 1941,1. Beijing: Universidade de Qinghua.
- PIRES, Benjamin Videira (1960). “Documentação sobre os inícios do Seminário de S. José”. *Religião e Pátria*, Ano 46, no. 42.
- TEIXEIRA, Manuel (1940). *Macau e a Sua Diocese*, III. Macau: Tip. Do Orfanato Salesiano.
- TEIXEIRA, Manuel (1976). *O Seminário de S. José de Macau (Resenha histórica)*. Macau, s.n.
- TEIXEIRA, Manuel (1987). “The Church in Macau”, in R. D. Cremer (ed.), *Macau: Origins and History*. Hongkong: UEA Press Ltd.
- WEI, Louis Tsing-sing (1991). *La politique missionnaire de la France en Chine, 1842-1856*. Huang Qinghua (tra.). Beijing: Social Sciences Academic Press (China).
- XIA, Quan (2002). “Estudo sobre o Seminário de S. José de Macau”, in *Estudo de Macau*, No. 14, Macau: Fundação de Macau.
- XIA, Quan (2005). “Base de Formação de Missionários da China na Dinastia Qing”. *Revista*

*de Cultura*, No. 54. Macau: Instituto Cultural de Macau.

YE, Nong (2005). “Estudo sobre o Desenvolvimento do Seminário de S. José durante a Administração dos Lazaristas (1784-1856). *Academic Research*, 12. GaungZhou: Ciências Sociais da Província de Guangdong.

## **Referências online**

Encyclopaedia Britannica. <http://www.britannica.com/topic/Nestorians> (consultado em 5 de julho de 2020).



# Mobilidade e expertise na contratação dos primeiros professores do Instituto Superior Técnico

*Mobility and expertise in the process of hiring the first group of teachers in Instituto Superior Técnico (Lisbon)*

**ANA CARDOSO DE MATOS**

Universidade de Évora – CIDEHUS

amatos@uevora.pt

<https://orcid.org/0000-0002-4318-5776>

**MARIA DA LUZ SAMPAIO**

Universidade Nova de Lisboa – IHC – FCSH

mluzsampaio@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9231-4757>

Texto recebido em / Text submitted on: 07/02/2020

Texto aprovado em / Text approved on: 24/08/2020

**Resumo.** No início do século XX os atores da renovação do ensino técnico em Portugal foram, por um lado, estrangeiros provenientes das principais universidades e escolas de engenharia europeias e, por outro, portugueses formados nas escolas estrangeiras que na altura eram uma referência a nível internacional. Nestas escolas foram recrutados professores estrangeiros que integraram o primeiro grupo de docentes do Instituto Superior Técnico, aos quais se associaram alguns docentes do antigo Instituto Industrial e Comercial de Lisboa e outros professores portugueses, que foram selecionados por se destacarem pelo seu saber técnico-científico e pela sua prática profissional.

Um dos contributos centrais deste estudo é, com base na análise crítica dos processos individuais dos primeiros professores estrangeiros do IST, verificar como foi decisiva a rede nacional e europeia de homens de ciência e de engenheiros na contratação destes professores, e como Portugal se inseria numa rede supranacional de mobilidade de *experts* e de circulação de conhecimentos.

**Palavras-chave.** Ensino da engenharia, Instituto Superior Técnico, mobilidade, rede europeia.

**Abstract.** At the beginning of the 20th century the contributors to the renewal and innovation of technical education in Portugal were, on one side, foreigners who studied in the main universities and engineering schools in Europe, and on another, Portuguese engineers who were trained in foreign schools, prestigious at an international level. In national schools, foreign teachers started being recruited and they joined the first group of docents of the Instituto Superior Técnico, to which some teachers of the previously Instituto Comercial de Lisboa became associated, as well as other docents, selected by their technical and scientifical knowledge and achievements in professional practice.

One of the main contributions of this analysis resides in verifying, through the reference of the individual processes of foreign teachers in IST, how decisive this national and European network of engineers was in the choice to hire those teachers, and how Portugal was framed in a supranational network of mobility of specialists and of circulation of knowledge.

**Keywords.** Engineering education, Instituto Superior Técnico, mobility, European network.

## **Introdução**

A mobilidade de *experts* e a circulação do conhecimento científico são fatores que promovem a renovação das instituições de ensino e o seu papel de promotoras da ciência e do progresso tecnológico. As reformas do ensino superior em Portugal verificadas a partir da segunda metade do século XIX são influenciadas por vários fatores: pelo exílio e viagens de estudo de muitos portugueses, que no estrangeiro contactaram com novas escolas, laboratórios e indústrias onde tinham sido introduzidos os mais recentes progressos técnico-científicos e metodologias de ensino; pela formação de muitos cientistas e engenheiros portugueses nas escolas estrangeiras que na altura eram uma referência a nível internacional; pela maior circulação de revistas especializadas; e pelo impacto das exposições e congressos internacionais. Em relação ao ensino as exposições favoreceram segundo Damiano Matasci “les contacts entre les réformateurs” (MATASCI 2015: 1).

Graças à mobilidade de *experts*, à circulação e transferência de conhecimentos no século XIX já existia uma importante comunidade supranacional de cientistas e engenheiros. Em relação a estes últimos a formação na École de Ponts et Chaussées de Paris permitiu a criação de um “espace transnational, celui des ‘Ponts et chaussées’ européens aux XVIIIe et XIXe siècles” (CHATZIS el al. 2009: 6).

Na linha dos estudos desenvolvidos sobre a mobilidade dos *experts*, Fátima Nunes refere que nos finais do século XIX e inícios do século XX faz sentido pensar em “espiões, turistas e letRADOS” que agora tinham a configuração de cientistas, de membros de instituições científicas” e que estes são os “protagonistas da circulação do conhecimento, responsáveis pelas trocas de ideais e de uma cultura material que passou a fazer parte de uma cultura científica e letRADA” (NUNES 2016: 269).

No século XIX e início do século XX os atores da renovação do ensino técnico em Portugal foram, por um lado, estrangeiros provenientes de reputadas escolas de engenharia europeias e, por outro, portugueses que tinham feito a sua formação no estrangeiro. Será destes países e dos seus institutos que serão recrutados os novos docentes do ensino da engenharia, os quais introduziram novas abordagem e métodos de ensino, divulgando novas teorias em áreas de ponta como a radioatividade, a química, a física aplicada, a bacteriologia ou a geologia, sendo ainda chamados a participar em importantes projetos nacionais associados ao abastecimento de água, do gás ou da produção de eletricidade, entre outros.

A atualização do ensino técnico e o estabelecimento no país de uma

escola de engenharia, que seguisse os padrões europeus, eram pressupostos fundamentais para o desenvolvimento das obras públicas, que exigiam conhecimentos e capacidades técnicas cada vez mais especializadas e atualizadas, e para o progresso da indústria face aos desafios colocados pelo desenvolvimento de novos sectores e pela complexificação das formas de produção.

Para esta renovação também foi importante o facto de a partir de 1886 se terem realizado com uma certa regularidade congressos internacionais sobre o ensino técnico, inseridos no “mouvement international de la réforme scolaire (...) qu’Anne Rasmussen définit comme le «tournant organisateur» de l’internationalisme” (MATASCI 2015).

## **1. Antecedentes do ensino superior técnico: as reformas do final do século XIX**

A modernização do ensino da engenharia em Portugal é devedora do ideário do liberalismo e mais tarde do republicanismo. A necessidade de formação da população portuguesa marcou o debate sobre as questões educativas da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Apostou-se nas potencialidades da escola, “como fator gerador de progresso e desenvolvimento, que tinha a sua âncora no referencial positivista e cientista em voga e aspirava à formação de cidadãos mais cultos, conscientes e lucidamente participativos na vida social e política” (MOGARRO 2006: 320).

Procurando alterar qualitativamente o ensino, entre o final do século XIX e o início do século XX, foram promulgadas várias reformas que criaram novas instituições, ou reformularam as existentes, e introduziram novas metodologias de ensino.

O Instituto Industrial de Lisboa (IIL) fundado em 1854, que em 1886 se passou a designar Instituto Industrial e Comercial de Lisboa (IICL), nunca chegou a ser considerado como uma escola de ensino técnico superior, nem como uma escola de engenharia, no entanto, esta foi a instituição a partir da qual se fundou o Instituto Superior Técnico (IST). Foi no seio deste instituto, e na sequência da reforma dos Institutos Industriais e Comerciais de Lisboa e Porto datada de 1891, que surgiu no ano seguinte um documento da autoria de Alfredo Bensaúde que foi o gérmen dos princípios que na República nortearam a criação do IST.

## **1.1. A reforma de 1891 e as propostas de reorganização do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa**

Em 1891 Portugal foi afetado por uma crise financeira decorrente da entrada em colapso das finanças do Estado e do seu sistema bancário. As dificuldades financeiras refletiram-se nos vários sectores da administração pública e obrigaram à reestruturação das instituições subsidiadas pelo Estado.

Neste contexto foi publicado o decreto de 8 de outubro de 1891 que reorganizou o ensino dos Institutos Industriais e Comerciais de Lisboa e Porto, dando-lhe o estatuto de escolas de formação média e retirando-lhes a formação industrial de nível elementar, que desde a década de 1880 tinha sido transferida para as escolas industriais e de desenho industrial criadas em várias regiões do país. Assim, a formação de nível superior na área da engenharia ficou consignada às escolas militares.

Na sequência desta reforma foi solicitado ao Conselho Escolar do IICL que apresentasse uma proposta de organização do ensino que tivesse em conta as limitações orçamentais. Em 1892, o Conselho apresentou um projeto de reorganização deste Instituto que, como referiram na altura, não representava o que consideravam que devia ser a forma ideal de organizar esta escola, sendo apenas a apresentação de propostas que pretendiam “obviar aos inconvenientes do decreto de 1891” (BENSAÚDE 1892: 3). Tendo em conta a necessidade crescente de engenheiros e a falta destes profissionais no país, a proposta considerava que este instituto devia ser “uma escola em que se habilitassem os primeiros auxiliares dos engenheiros”, e reafirmava a preocupação de manter uma formação dada “não somente nas salas de estudo, nos gabinetes e nos laboratórios, mas também nas oficinas para que saibam usar das ferramentas os que têm que estar em contacto com os operários e de os dirigir no seu trabalho” (BENSAÚDE 1892: 3-4).

O projeto foi subscrito por 21 dos professores titulares que integravam o Conselho escolar, apesar de três deles terem feito com declarações de voto em que manifestavam algumas reticências relativamente à organização proposta. Apenas Alfredo Bensaúde se manifestou contrário ao projeto, pois considerou que não correspondia à formação de técnicos de que o país carecia, e apresentou um relatório individual.

Alfredo Bensaúde, que desde 1884 era professor de Mineralogia e Geologia no IICL, tinha a partir de 1874 frequentado os estudos preparatórios na Escola Técnica Superior de Hanôver, tendo em 1878 obtido o diploma de engenheiro na Escola de Minas de Clausthal-Zellerfeld na Saxónia e, em 1881, o doutoramento em Filosofia na Universidade de Göttinger.

Os estudos que realizou na Alemanha, onde a formação em engenharia estava muito ligada à atividade industrial, e a sua experiência enquanto docente no IICL permitiram-lhe ter consciência da necessidade de colocar em prática uma maior ligação entre o ensino e a indústria e da importância de interligar a docência com a prática no profissional.

Quando apresentou o seu relatório um dos aspectos negativos que realçou no ensino do IICL residia, justamente, nos professores que eram escolhidos. Em grande parte porque em Portugal os professores ascendiam muito novos às cátedras sem terem prática profissional, ao contrário do que acontecia noutras países europeus, onde os professores só ascendiam às ‘cátedras’ depois de terem passado “boa parte da sua vida projetando e dirigindo trabalhos de construção de caminhos-de-ferro, de túneis, dirigindo estabelecimentos fabris etc., conforme a sua especialidade” (BENSAÚDE 1892: 10). A experiência profissional devia ser acompanhada pela publicação de trabalhos que demonstrassem o seu domínio teórico das áreas científicas que ensinavam. Como referia Ben-saúde, era mais importante “saber fazer do que saber só como é que se faz” (BENSAÚDE 1892: 12).

Tanto a proposta apresentada pelo Conselho Escolar como a apresentada por Alfredo Bensaúde estabeleciam a existência de 7 cursos: curso de Construções Civis; curso de Máquinas; curso de Eletrotecnia; curso de Química Tecnológica; curso de Minas; curso secundário de Comércio; e curso superior de Comércio. O projeto de Bensaúde apostava num conjunto de cadeiras que se relacionassem com as alterações tecnológicas então em vigor em países como a Alemanha, e que não eram ministradas em Portugal.

Apesar da reorganização do ensino do IICL, nos anos seguintes manteve-se a necessidade de se adequar o ensino técnico às exigências da indústria nacional, e a reforma datada de 1898 introduziu novos cursos: Artes Químicas; Eletrotecnia; Máquinas; Construções Civis e Obras Públicas; Minas; e Telégrafos. Nos vários cursos procurava-se combinar o ensino teórico com o ensino prático nos laboratórios, museus e oficinas, e os alunos eram obrigados a fazer um tirocínio de 6 meses em estabelecimentos da sua especialidade pertencentes ao Estado ou a particulares.

Pela reforma de 1898 esta escola vai “enfileirar na categoria dos *estabelecimentos superiores de ensino técnico* aproximando-se da invejável posição ocupada pela Politécnica e pela Escola do Exército” (VIEIRA 2013: 222).

## **2. A República e a criação de um novo modelo de ensino técnico superior: o Instituto Superior Técnico de Lisboa**

Com a implantação da República este espírito reformador fez-se desde logo sentir com o decreto com força de lei de 19 de abril de 1911 (pouco menos de um mês depois da reforma do ensino primário), no qual era considerada a lei de bases da nova constituição universitária (TORGAL 2010).

Segundo o ideal republicano, a escola profissional e a universidade não se deviam limitar a transmitir os conhecimentos necessários ao exercício de uma determinada profissão, tendo como missão providenciar uma formação geral do indivíduo (BELYAEV 2009) e neste sentido o conhecimento científico e a investigação no âmbito da universidade deviam ser dinamizados pelo poder central com vista à formação de cidadãos (TORGAL 2010). Nesta linha, sentia-se também o impacto das reformas de 1884 implementadas nas escolas técnicas e secundárias, que começavam “a fornecer alunos com alguma ambição educativa” (ALVES 2010: 81). Também o decreto-lei de 22 de março de 1911 conduziu à modificação da estrutura do ensino universitário e à criação de novas universidades em Lisboa e Porto. Por outro lado, a defesa de um ensino científico e experimental levou à criação e desenvolvimento de laboratórios, teatros anatómicos e jardins botânicos, de modo a assegurar esse objetivo educacional (PROENÇA 2013).

A nova organização escolar levou à divisão do IICL em duas instituições de ensino superior: Instituto Superior Técnico e o Instituto Superior do Comércio, este último só foi organizado anos mais tarde. Estava-se consciente que o ensino que era dado no IICL estava longe de responder às necessidades da indústria portuguesa, e procurava-se estabelecer uma escola de ensino da engenharia que se aproximasse mais daquilo que era praticado nos outros países. Além disso, como refere André Grelon este tipo de projeto implicava dispor de um potencial de alunos para serem recrutados, de modo a manter um fluxo constante de estudantes, exigindo ainda a constituição de uma equipa pedagógica que investisse intelectualmente no projeto, dando-lhe um sentido e uma visão de futuro (GRELON 2006).

Com a criação desta escola os cursos de engenharia civil e de minas da antiga Escola do Exército passariam a funcionar no IST, enquanto a Escola do Exército passaria a ser uma escola exclusivamente dedicada aos estudos militares.

Alfredo Bensaúde aceitou desde logo o desafio lançado pelo ministro do Fomento Brito Camacho de organizar o IST e, seguindo o projeto de reestruturação que apresentara em 1892, estabeleceu um curso Geral e 5 cursos distintos de engenharia: Engenharia de Minas, Engenharia Civil, Engenharia

Eletrotécnica, Engenharia Mecânica e Engenharia Químico-Industrial. Este Instituto deveria associar as lições teóricas à prática nos laboratórios, nas oficinas da escola e nas indústrias públicas e privadas, a que se deveriam ainda juntar as visitas de estudo e os tirocínios no final do curso. Por essa razão desde o início que Bensaúde tentou criar no IST oito laboratórios, uma comissão geológica e quatro oficinas.

Simultaneamente, através do seu conhecimento pessoal e da sua rede de contactos, procurou selecionar os engenheiros e homens de ciência portugueses que juntassem aos conhecimentos técnico-científicos, a prática profissional e a experiência de docência, e contactou as principais escolas de engenharia europeias para que lhe indicassem homens de reconhecido mérito, que associassem à formação científica uma experiência industrial e que demonstrassem que sabiam aplicar os seus conhecimentos teóricos no desenvolvimento da indústria, na exploração de minas, no reconhecimento geológico ou na construção de obras públicas. Estes pressupostos na seleção dos professores decorriam das ideias que já tinha tido oportunidade de expor em 1892, quando apresentou o *Projecto de Reforma do Ensino Tecnológico para o Instituto Industrial e Comercial de Lisboa*. Anos depois, considerava que os

“professores que ao mesmo tempo exercem na indústria particular a profissão que ensinam, são os que melhor podem encaminhar os seus alunos para as carreiras em que terão maiores probabilidades de êxito. A escola assim organizada é naturalmente o “bureau de placement” dos jovens engenheiros mais competentes que vai produzindo” (BENSAÚDE 1922: 68-69).

Pela legislação que instituiu o IST<sup>1</sup> estava prevista a autonomia administrativa para este novo Instituto, passando o recrutamento de professores a ser competência da direção do mesmo. Assim, na seleção do corpo docente Bensaúde apostou em regras inovadoras, estabelecendo que o Conselho Escolar do Instituto podia convidar figuras que não pertencessem ao ensino, mas cuja competência fosse reconhecida pelas obras construídas ou pela sua investigação e publicações. Prescrevia a lei, “como condição do convite, serem os mesmos diplomados por uma Escola Superior, tanto portuguesa, como estrangeira, de comprovada reputação” (AIRES-BARROS 2015: 1).

O IST foi criado na dependência do ministério do Fomento e não na dependência do Ministério de Instrução Pública, o que dava claramente ideia da importância que se atribuía à formação de engenheiros que acompanhasssem

<sup>1</sup> Decreto nº 163 de 14 de julho de 1911.

“a marcha de uma sociedade em direção ao progresso” (PINHEIRO 2013: 218). Aliás, como refere Benedita Duque Vieira, “Neste detalhe diferenciador se jogou o futuro do Instituto Superior Técnico” (VIEIRA 2013: 230).

A autonomia que foi lhe concedida, embora fosse menor do que a que tinham semelhantes escolas, na Bélgica, na Suíça, na Alemanha, nos EUA e outras, foi no dizer de Bensaúde “o segredo do nosso êxito” (BENSAÚDE 1922: 111).

## **2.1. Alfredo Bensaúde e a rede de *experts* no processo de recrutamento de professores para o Instituto Superior Técnico**

Na linha do novo modelo que queria implementar no IST, Bensaúde assumiu a aposta na alteração dos conteúdos programáticos do plano de estudos e ainda num renovado corpo docente, que no período 1911-1920 era composto por 26 membros, dos quais cinco estrangeiros: o francês Paul Charles Lepierre (1867-1945), o italiano Giovanni Costanzo (1874-1968), os suíços Abram Droz (1885-1963) e Ernest Fleury (1878-1958), e o belga Léon Fech (1881-?). Entre os portugueses selecionados a escolha incidiu sobre personalidades que tinham feito a sua formação no estrangeiro e que tinham experiência profissional comprovada, qualidades às quais se juntaram em muitos casos a experiência de ensino no IICL, ou noutra escola portuguesa, e a publicação de obras técnico-científicas.

A seleção dos professores foi criteriosa e feita com recurso à rede nacional e internacional de cientistas e engenheiros e “por este método se conseguiu reunir um corpo docente constituído por um grupo de homens especializados e cujas idades andariam em volta dos quarenta anos” (BENSAÚDE 1922: 69). Um elemento igualmente importante na seleção foi o facto de “terem colaborado em trabalhos de técnica ou da indústria durante alguns anos, principalmente se a sua atividade se exerceu em empresas particulares, porque nelas se cuida muito da parte económica” (BENSAÚDE 1922: 69).

## **2.2. Os professores portugueses contratados para o Instituto Superior Técnico: alguns exemplos**

Alfredo Bensaúde para o novo projeto vai ser criterioso na seleção dos docentes. Assim, apenas 4 dos professores do IICL foram recrutados como docentes da nova escola de engenharia privilegiando-se os que tinham uma formação feita numa prestigiada escola estrangeira, como foi o caso do engenheiro Francisco Ferreira Roquete (1844-1931), que depois de se ter formado em minas na Escola de Minas de Paris foi professor na Escola Politécnica de Lisboa e no IICL. Roquete fora tam-

bém diretor do laboratório de química anexo à repartição de minas do Ministério de Obras Públicas, Comércio e Indústria, posição que determinou a sua nomeação para várias comissões técnicas, como foi o caso da que, em 1896, foi encarregada de indicar as medidas que deviam ser tomadas para evitar poluição das águas das ribeiras Sousa e Ferreira (MATOS 2016).

A escolha de homens que tivessem completado a sua formação no estrangeiro era determinante para as áreas em que não existia em Portugal qualquer tipo de formação, como acontecia com a engenharia eletrotécnica. Assim, para o ensino da disciplina de Eletrotecnia Geral e da disciplina de Construções e Instalações Industriais foi escolhido Maximiano Gabriel Apolinário (1887-1936), um dos poucos portugueses que se tinham formado em engenharia eletrotécnica na Universidade de Liége, no *Institute Montefiore*, instituição que no início do século XX continuava a ser uma referência, e que tinha já experiência no campo da indústria elétrica.

Com efeito, após ter terminado a formação em minas no IICL, Maximiano Apolinário seguiu para a Bélgica para tirar o curso de engenharia eletrotécnica. No regresso a Portugal elaborou projetos de engenharia eletrotécnica e trabalhou em várias empresas particulares: em 1905 realizou o projeto e dirigiu as obras da Central Elétrica de Évora pertencente à C<sup>a</sup> Eborense de Eletricidade, da qual também era sócio, e trabalhou ainda na Fábrica Promitente.

Para o ensino de Metalurgia e Minas foi escolhido António Aboim Inglês (1869-1941) engenheiro que, após se ter diplomado no IICL, completou a sua formação na Alemanha e que, em 1912, começou a regecer estas cadeiras.

Antes de assumir o cargo de professor no IST, Aboim Inglês tinha estado nas Minas de S. Miguel de Huelva, Espanha, entre 1897 e 1912, onde chegou a atingir o cargo de subdiretor das mesmas. Depois de assumir o cargo de professor naquela escola, continuou interessado pelo desenvolvimento industrial da região de Beja, de onde era natural, fundando, em 1913 com quatro sócios espanhóis, a empresa Electro Oleícola de Moura, “um projeto tecnicamente sofisticado” (GUIMARÃES 2006: 315).

O projeto educativo do IST teve em consideração critérios de recrutamento muito precisos envolvendo especialistas e docentes com uma formação de nível europeu, e com provas dadas em projetos empresariais ou de carácter público.

### **3. O recrutamento de professores estrangeiros e a rede de contactos internacionais**

O recurso a professores estrangeiros foi estratégico para garantir a qualidade

de ensino do novo Instituto dedicado à formação superior em engenharia. O IST, não foi o único estabelecimento de ensino a recorrer ao recrutamento de novos professores estrangeiros, mas como refere Ângela Salgueiro “o Instituto Superior Técnico conseguiu rentabilizá-lo de forma verdadeiramente eficaz, pelo facto de beneficiar de uma grande autonomia administrativa” (SALGUEIRO 2015: 53).

Provenientes de importantes escolas europeias os professores estrangeiros foram determinantes na introdução no IST de uma formação atualizada em áreas como a engenharia eletrotécnica, a engenharia químico-industrial, a engenharia civil ou a engenharia de minas. A renovação dos conteúdos programáticos colocou este novo Instituto ao nível da formação mais atualizada que existia na Europa nesta área, permitindo o reconhecimento dos seus estudantes num mercado profissional, que no início do século XX já conhecia uma grande internacionalização.

O ensino da eletrotecnia era uma das áreas em que importava investir devido ao desenvolvimento da indústria elétrica em Portugal e às várias iniciativas de eletrificação de espaços urbanos, fábricas e transportes. Para lançar o novo curso de Eletrotecnia foi necessário encontrar candidatos com uma formação atualizada nesta área da engenharia. O candidato selecionado teria a seu cargo a docência das cadeiras Medidas e Aplicações de Eletricidade I e II e Corrente Contínua e Corrente Alternada, e devia conhecer as mais modernas teorias nesta área e ter uma produção científica sobre a mesma e uma prática industrial que assegurassem a qualidade do ensino.

Com o objetivo de encontrar o candidato mais adequado Bensaúde contactou o Henri Dechamps (1854-1915), professor de mecânica aplicada na Universidade de Liège, na qual este engenheiro se tinha diplomado em 1874, tendo pouco depois entrado para a *Société Cockerill*, empresa belga que construía locomotivas e vários tipos de máquinas.

Dechamps detinha grande reputação na Universidade de Liège, onde o seu ensino era grandemente apreciado, ao mesmo tempo que desenvolvia um importante trabalho na área da metalurgia na Bélgica. Em 1879, pouco depois de ter terminado os seus estudos, Dechamps foi convidado por esta universidade para se encarregar dos trabalhos gráficos e, no ano seguinte, sucedeu ao professor J.P. Schmit na lecionação da disciplina de Arquitetura Industrial. Quatro anos mais tarde o governo belga encarregou-o do curso de Construção de Máquinas nas Écoles Spéciales<sup>2</sup> e “C'est dans ces nouvelles fonctions qu'il sut déployer les qualités de clarté dans

<sup>2</sup> Estas escolas com a reforma de 1890 foram transformadas em Faculdade Técnica.

l'exposition, de netteté dans la conception qui firent de lui un maître réputé” (HANOCQ 1936: 471). Membro da Associação dos Engenheiros Civis, entre 1878 e 1910 colaborou regularmente na *Revue Universelle des Mines*, e publicou o tratado *Les principes de construction des charpentes métalliques et leur application*<sup>3</sup>, considerado por todos os engenheiros especializados com ligações à indústria “comme l'ouvrage classique auquel on avait recours lorsqu'on voulait trouver des méthodes clairement exposés, des chiffres précis permettant d'aborder la solution numérique des problèmes posés” (HANOCQ 1936: 472-473). Em 1910 participou ativamente no *Congrès de L'enseignement Technique Supérieur* que se realizou em Bruxelas. Pela sua obra, pela sua atividade docente, Henri Dechamps era uma referência importante para quem, como Alfredo Bensaúde, procurava encontrar os melhores professores para o IST.

Na procura do melhor candidato, Alfredo Bensaúde trocou correspondência com Henri Dechamps que lhe indicou o nome de Léon Oscar Joseph Fesch referindo que “le candidat plus recommandable me paraît être monsieur Léon Fesch” (UL/IST, Proc. L. Fesch 1911-1927). Justificava a indicação deste engenheiro pelo facto de ele se ter diplomado em engenharia de Minas em 1905 e em engenharia eletrotécnica em 1906, tendo depois trabalhado durante 5 anos na sociedade *Siemens & Schuckert*, posição que abandonou para se tornar assistente do Professor Eric Gérard<sup>4</sup> no *Institute Electrotechnique de Montefiore*, onde assumiu também a direção dos trabalhos do laboratório deste Instituto. Dechamps referiu ainda que L. Fesch era autor de várias publicações científicas dedicadas à Eletricidade e que tinha ainda a vantagem de, para além da sua língua maternal, conhecer “l'anglais, l'allemand et un peu l'espagnol” (UL/IST, Proc. L. Fesch / carta H. Dechamps, 1911).

Dechamps terminava a carta para Bensaúde referindo o nome de três engenheiros portugueses que tinham realizado os seus estudos em Liège,

“A titre de simple renseignements je me permets de vous signaler quelques-uns de vos compatriotes ont fait ses études à Liège. J'ignore quelle carrière ils ont faite y les aptitudes qu'ils ont pu manifester dans la carrière industrielle. Voici les noms de ceux qui ont obtenu le diplôme d'ingénieurs mécaniciens : M. Apolinário (M.G.) diplômado em 1899, ( ...) M. Ramires dos Reis

<sup>3</sup> Henry Dechamps, “Principes de construction des charpentes métalliques et leur application et leur application aux ponts poutres droits, combles, supports et chevalements. Extraits du Cours d'Architecture Industrielle professé à l'école spécial des Arts et Manufactures et des mines par Henry Dechamps”, Paris et Liège, Librairie Polytechnique ch. Béranger, Editeur, 1908.

<sup>4</sup> Eric Gerard que foi um dos dois comissários Belgas da Exposição de Eletricidade em 1881 e fundador do Instituto Eletrotécnico Montefiore da Universidade de Liège.

(Ed.) diplomado em 1903, ( ... ) ; M. dos Santos Lima diplomado em 1906".  
(UL/IST Proc. L. Fesch, Carta H. Dechamps, 1911-27).

O primeiro destes engenheiros portugueses, Maximiano Gabriel Apolinário, foi, como vimos, contratado como professor do IST.

Alfredo Bensaúde consultou também Dechamps sobre um possível candidato para o curso de Mecânica Aplicada, mas este respondeu que nenhum dos que conhecia, e que lhe pareciam indicados para o lugar de professor no IST, se tinha mostrado interessado em se candidatar.

Leon Fesch formalizou o seu contrato como professor de eletrotecnia em setembro de 1911, e foi professor neste Instituto até 1927, ano em que solicitou a sua exoneração. Duarte Pacheco, então diretor do IST, referiu na sessão do Conselho Escolar de onze de agosto desse mesmo ano "Em nome do Conselho Escolar e em meu próprio procurei em vão demover o requerente da sua resolução ( ... ). Tenho, pois a honra de propor a V. Exa Senhor Ministro que o Prof. Fesch seja exonerado e louvado pela dedicação e cumprimento que sempre demonstrou no desempenho do seu cargo" (UL/IST, Actas C. Escolar, 11-08-1927).

O candidato para o lugar de professor de Mecânica Industrial foi Abram Droz. Suíço de origem, era diplomado em engenharia mecânica e doutorado pela École Polytechnique de Zurique, escola cujo modelo se inspirava nas escolas francesas de engenheiros, como a École Polytechnique e a École Central de Paris, e no Instituto Politécnico de Karlsruhe, formando especialistas nas áreas de Engenharia Civil, Arquitetura, Agricultura, Geologia, Química e Mecânica. Neste estabelecimento formaram-se engenheiros que tiveram um importante papel no processo de industrialização da Confederação Helvética (GRELON 2006: 98-99).

Na sequência dos contactos realizados previamente, a 20 de agosto de 1912 Abram Droz escreveu a Alfredo Bensaúde dizendo que concordava com as condições que estavam estipuladas para assumir o cargo de professor do IST e indicou vários professores para dar referências suas, nomeadamente os professores da École Polytechnique de Zurique Aurel Boleslav Stodola (1859-1942) e Jérôme Franel (1859-1939), este último professor e diretor desta Escola, e ainda o diretor da *Compagnie de l'Industrie Electrique et Mécanique de Genève*.

Aurel Stodola era um engenheiro húngaro que em 1880 se diplomou em engenharia mecânica tendo trabalhado depois na empresa *Ruston & Cª* em Praga, mas que rapidamente se tornou professor da École Polytechnique de Zurique e era, por muitos, considerado como o *expert europeu das turbinas a vapor*.

Tendo sido consultado por Bensaúde, Stadola, informou-o que Abram

Droz era “un des plus doués étudiants de notre école polytechnique fédérale” (UL/IST, Proc. A. Droz, Carta A. Stodola, 09/1912).

Por seu lado, também o diretor da *Compagnie de l'Industrie Electrique et Mécanique de Genève* enviou uma carta tecendo largos elogios a Abram Droz, dizendo que este era inteligente e possuía “une instruction très sérieuse (...) la parole facile et s'exprime très clairement”. Acrescentava ainda “vous n'auriez qu'à vous féliciter du choix de ce candidat qui a un caractère agréable et qui nous a toujours donné entière satisfaction et pour son travail et pour sa conduite” (UL/IST, Proc. A. Droz, Carta Cie de l'Industrie Electrique & Mechanique de Genéve, 09/1912).

Abram Droz tinha seguramente um grande interesse em garantir a sua contratação como professor do IST porque, apesar destas recomendações tão elogiosas, na carta que em 20 de agosto escreveu para Bensaúde acrescentou ainda outros nomes de pessoas que poderiam dar referências sobre si: René Neeser (1880-1962) professor de mecânica industrial na École Polytechnique de Lausanne, Roger Chavannes (1860-1940), professor de Eletrotécnia na École des Arts et Métiers de Gèneve, e Louis Duflon (1860-1930). Este último, que tinha feito os seus estudos iniciais na Escola Industrial de Lausanne, em 1881 diplomou-se em Matemática na Escola Politécnica de Zurique, entrando em 1882 para a empresa *Bréguet* que o encarregou de várias missões em S. Petersburgo, onde também dirigiu a sucursal da *Casa Bérguet* de 1886 a 1890, altura em que assumiu o cargo de diretor da Sociedade *Prince Tenichef & Cª* até 1893, ano em que fundou a Sociedade em comandita *Duflon, Constantinowitch et Cª*, de que foi sócio gerente até 1950 (NECROLOGIE 1930: 306). Na década de 1910 era também engenheiro da *Compagnie de l'Industrie Electrique et Mécanique de Genève* (UL/IST, Proc. A. Droz, 1912-63).

Com este percurso profissional as referências sobre Abram Droz não podiam ser ignoradas. Na altura em que se propôs para o lugar de professor do IST trabalhava na *Compagnie de l'Industrie Electrique et Mécanique de Genève*, razão que levou Louis Duflon a dizer “comme ingénieur il montre de grandes aptitudes à la Cie de L'Industrie électrique & Mécanique à Genève et je regrette son départ de chez nous”. Apesar disso, realçou as qualidades de Abram Droz referindo que após ter terminado brilhantemente o seu curso ele continuava a manter-se “au courant de tout ce qui se fait dans les domaines de la mécanique et de l'électricité. Il s'est livré lui-même à d'itinérantes recherches pour la stabilisation des aéroplanes et pour arriver à construire la dynamo à courant continu dans collecteur” (UL/IST, Proc. A. Droz, Carta Louis Duflon, 08/1912).

Também o professor René Neeser, engenheiro e professor de Mecânica Industrial na Universidade de Lausanne, respondeu a Alfredo Bensaúde referindo,

“Droz, quoique jeune encore, est un homme très cultivé, d'esprit claire, d'élocution facile et, en outre, d'une converse agréable. Ses études à l'Ecole Polytechnique fédérale, les recherches personnelles auxquelles il s'est livré pour obtenir de son grade de Dphil, ainsi que le stage qu'il vient d'accomplir dans l'industrie (...) sont particulièrement à mon avis, pour un carrier professoral du genre de celle qu'il désir remplir à votre Institut” (UL/IST, Proc. A. Droz, Carta de R. Neeser, 08/1912).

Sobre o percurso profissional deste candidato também foram enviadas as melhores referências pelo professor Roger Chavannes. Este professor era diplomado pela *École d'ingénieurs de Lausanne*, onde em 1882 obteve o diploma de engenharia mecânica, entrando em 1884 para a *Casa Bérguet* em Paris. Regressando à Suíça em 1889, foi nomeado para o cargo de engenheiro do Serviço de Águas de Fribourg, assumindo depois o lugar chefe do Serviço de Eletricidade de Neuchâtel. Chavannes foi um membro importante da *Association Suisse de Électriciens* e um dos fundadores da *Union des Centrales d'Électricité*, instituição a que presidiu em 1896 e 1897. Em 1902 foi convidado para o lugar de professor de Eletrotecnia na *École des Arts et Métiers* que tinha sido recentemente fundada. Tal como Bensaúde era “Doué d'une rare dextérité manuelle, amateur de musique et violoniste lui-même” (CHAVANNE 1940: 219).

Sobre Abram Droz, Roger Chavanne referiu que era,

“un parfait gentleman, d'une instruction générale complète, d'un talent mathématique remarquable, brillante conférencier, et qui fait preuve comme ingénieur de la Compagnie de l'Industrie Electrique, dont je suis administrateur de qualités de travail et savoir-faire pratique remarquables” (UL/IST, Proc. A. Droz, Carta de R. Chavannes, s.d.).

Face às recomendações tão favoráveis Abram Droz foi selecionado como docente das disciplinas de Mecânica Aplicada e da direção do laboratório desta disciplina. Droz foi professor no IST até 1955, tendo regido as cadeiras de Turbinas a Vapor, Máquinas Térmicas e Motores de Combustão. Assumiu a direção do Laboratório de Ensaios Mecânicos do Instituto Português de Combustíveis a partir de 1933 e durante a década de 1940 (UL/IST, Proc. A. Droz 1912-1963) onde realizou diversos estudos sobre os gasógenos, sobre o gás pobre e a regulação de motores.

Na procura do melhor candidato para lecionar as disciplinas Geologia e Paleontologia, Alfredo Bensaúde entrou em contacto com León Paul Choffat

(1849-1919) o qual, juntamente com Carlos Ribeiro (1813-1882) e Nery Delgado (1835-1908) tinham sido os fundadores da Geologia em Portugal (ROCHA, KULLBERG 2008: 24), desempenhando um papel fundamental na elaboração das cartas geológicas portuguesas e contribuindo para a elaboração da Carta Geológica da Europa na escala 1/1 500 000, publicada em Berlim em 1896 (CARNEIRO 2008: 265 e 266).

Choffat iniciou a sua formação em 1861, na Escola Cantonal de Porrentruy, na Suíça, frequentou depois a Faculdade de Ciências de Besançon, e, mais tarde, diplomou-se em Química e Ciências Naturais na Universidade de Zurique e na École Polytechnique Fédérale. A qualidade científica que demonstrou enquanto estudante levou a que, em 1875, fosse nomeado professor de Geologia e Paleontologia Animal desta última escola, ao mesmo tempo que lecionava na Faculdade de Medicina (ROCHA, KULLBERG 2008: 24). Em 1883 foi contratado como geólogo da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal e o trabalho de campo que desenvolveu nesta área, os mapas que realizou e os seus vários escritos foram um fator essencial do desenvolvimento da geologia em Portugal. Os seus contactos no estrangeiro foram decisivos para a internacionalização da Comissão de Trabalhos Geológicos do Reino (MOTA 2007).

O que acabamos de referir foram razões que justificaram que Bensaúde pensasse de imediato em Paul Choffat para lecionar as disciplinas de Geologia, e que o tenha convidado para professor do IST. Homem do terreno, que preferia o trabalho prático à docência, Choffat declinou o convite e sugeriu o nome do suíço Ernest Joseph Xavier Fleury (1878-1958), diplomado em química, geologia e geografia pelas Universidades de Basileia e de Friburgo. Além disso, em 1905 este geólogo tinha realizado uma viagem pela Europa aproveitando para frequentar em Paris a Escola de Antropologia. Em 1907 obteve na Universidade de Friburgo o grau de doutor em filosofia natural com a máxima classificação. No ano seguinte assumiu o cargo de professor de Ciências Naturais na École des Roches em Verneuil-sur-Avre (França), a primeira escola a introduzir novas metodologias ensaiadas em Inglaterra em 1899, tornando-se num importante estabelecimento das práticas pedagógicas ativas (BRANDÃO et al. 2016). Durante os anos que lecionou nesta escola tornou-se conhecido pelo seu ensino e pela instalação de um gabinete modelo de História Natural (AIRES-BARROS 2015: 2).

Em outubro de 1913 Fleury estava em Portugal para ocupar o seu lugar de professor de Geologia e Paleontologia e para assumir a direção do Laboratório de Geologia, orientar os trabalhos práticos dos alunos e organizar as coleções de Geologia e Paleontologia portuguesas necessárias ao IST. Tal como aconteceu na École des Roches, também no IST, Fleury destacou-se pela forma

como transmitia os conhecimentos aos alunos. Entre estes contou-se Orlando Ribeiro que sobre o ensino de Fleury referiu o seguinte: “Duas coisas me impressionaram logo neste ensino (...): a sua feição prática e o seu carácter nacional. A aula era um constante apelo à observação e a uma exemplificação portuguesa”. Relembrou ainda Orlando Ribeiro o facto de Fleury ser um professor que conhecia bem o território português e que centrava “as aulas em torno da sua própria experiência e reflexão e nisto reside a essência do ensino superior” (RIBEIRO 1958-1960: 303-304).

Para a cadeira de Física foi contractado Giovanni Costanzo, que tinha já uma larga experiência docente. Com uma formação inicial em ciências, em 1896-97 foi professor no seminário de Perugia e assistente na Specola Vaticana em Roma. No final de 1897 assumiu o ensino de física e a direção do Observatório Meteorológico e Geodinâmico no liceu do colégio Bianchi, em Nápoles. Em 1899 tornou-se membro da *Società cattolica italiana per gli studi scientifici* e em 1902 sócio correspondente da *Accademia dei Nuovi Licei* de Roma (UL/IST Proc. G. Costanzo, 1911-1968).

Em 1903 licenciou-se em Matemática e Física na Universidade de Nápoles e tornou-se membro correspondente da *Société Scientifique de Bruxelles, section 1er des Sciences Mathématiques*. No ano seguinte concluiu com distinção o doutoramento na Universidade de Nápoles defendendo uma tese sobre radioatividade. Em 1906, terminou o curso de Matemáticas Puras na Universidade de Bolonha e tornou-se sócio da Real *Accademia di Scienze Peloritana* de Messina. Em 1907 dirigiu, em Bolonha, o Observatório Meteorológico e Sísmico de Malvásia e foi promovido a sócio efetivo da *Accademia dei Nuovi Lincei*.

Em 1908 Costanzo veio para Portugal para trabalhar na empresa Henry Burnay & C<sup>a</sup>, com o encargo de dirigir o laboratório e realizar análises da radioatividade das águas e dos minérios (CARDOSO et al. 2013: 14). A esta contratação não deve ter sido estranho o facto de em 1904, Costanzo se ter doutorado com uma tese em radioatividade, pois é muito provável que nessa altura Burnay já pensasse na exploração da mina da rádio da Urgeiriça, situada no concelho da Guarda, da qual o Edito de descobridor legal foi atribuído a Henry Burnay & C<sup>a</sup> em 11 de Junho de 1913. Carlos Lacombe referia nesse mesmo ano num artigo que publicou na *Revista de Chimica Pura e Applicada* que tinha “o cargo de químico no laboratório central das minas da casa Henry Burnay & C<sup>a</sup> (...) de que é chefe o prof. dr. G. Costanzo” (LACOMBE 1913: 43).

Assim, quando Bensaúde pensou em Giovanni Costanzo para professor do IST, este já estava Portugal e pelo seu percurso docente em Itália, pela

sua atividade profissional e pelos seus escritos era o candidato indicado para lecionar as cadeiras de Física, Química-Física e Radioatividade. Em 1909, Costanzo publicou um primeiro artigo sobre radioatividade em águas intitulado “Analyse Radioactiva das águas thermaes da Amieira” e após assumir o cargo de professor do IST publicou na mesma revista o artigo “Sur l’occlusion des produits du Radium”<sup>5</sup>, onde refere o seguinte,

“les expériences que M. Curie avait faites l’avaient conduit à ne pas admettre l’occlusion prolongée de l’émanation du radium dans les métaux (...), mais il avait essayé seulement l’aluminium, le cuivre, le plomb, le bismuth, le platine, l’argent.

En partant de la propriété très remarquable du palladium d’absorber et condenser d’énormes quantités d’hydrogène et même de très petites quantités de certains liquides, j’ai pensé à vérifier si ce métal avait des propriétés analogues pour les produits de désintégration du radium” (COSTANZO 1913: 393-394).

O seu contrato estipulava, entre outras cláusulas, que, para além das aulas, deveria “dirigir os trabalhos práticos dos alunos nos laboratórios da sua especialidade anexos à escola, sendo o tempo de trabalho nas aulas e laboratório o que os regulamentos da escola determinarem” (UL/IST, Proc. G. Costanzo 1911-1968).

Costanzo era um físico atento às inovações da sua época e conhecia a obra de William Lewis e as teorias de Neil Bohr sobre o modelo atómico, criado no contexto da teoria quântica de Plank e Einstein e, “Costanzo terá modificado o programa da disciplina de “Química-Física e Radioatividade”, que regia desde o ano letivo de 1911/12, nele incorporando o modelo atómico de Bohr” (CARDOSO et al. 2013: 15).

A Engenharia Química Industrial foi um dos 5 cursos criados em 1911 no IST e para o lançamento do novo curso no IST, Bensaúde recrutou Paul Charles Lepierre, que estava em Portugal desde 1889 e que possuía um diploma em engenharia química pela École de Physique et de Chimie Industrielles de Paris fundada em 1882, onde se destacaram professores como Pierre e Marie Curie, Paul Langevin, Frédéric Joliot-Curie, Pierre-Gilles de Gennes e Georges Charoak.

A sua vinda para Portugal, onde chegou em 1888, foi intermediada por Roberto Duarte da Silva (1837-1889), português cabo-verdiano, seu professor

<sup>5</sup> Este artigo era a tradução do artigo que publicara nos *Comptes Rendus Hebdomadaires séances de l'Academie des Sciences*, Tomo 156, Janvier-Juin, 1913, 126-127.

em Paris, com o apoio do professor de química na Escola Politécnica de Lisboa, José Júlio Bettencourt Rodrigues (1843-1923) tendo Lepierre assumido o cargo de chefe de trabalhos de química dessa mesma escola e o de preparador do IICL. É possível que Charles Lepierre tivesse tido contactos anteriores com José Júlio Rodrigues, pois, quando terminou os seus estudos trabalhou na *Sucrerie de Lemont les Formes en Aisne* em França, que produzia açúcar a partir da beterraba, e Bettencourt Rodrigues estava interessado na mesma, tendo, em 1888, realizado uma viagem ao estrangeiro para conhecer melhor esta atividade industrial. Na sequência desta viagem iniciou uma série de experiências, para obter açúcar de beterraba, no laboratório da Escola Politécnica de Lisboa.

Em 1889 mudou-se para Coimbra e foi nomeado professor do Instituto Industrial de Coimbra – Escola Brotero e responsável pelo seu laboratório (UL/IST, NARQ, Proc. P. C. Lepierre, 2012:19). Em 1891, assumiu o cargo de preparador e chefe dos trabalhos práticos do gabinete de microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Coimbra, onde entre 1897 e 1898 ensinou química biológica, curso que deu origem à criação, em 1902, do laboratório de microbiologia e química biológica. Entre 1904 e 1909, lecionou cursos de medicina sanitária.

Entre 1905 e 1911 foi diretor dos serviços municipalizados de Coimbra, primeiro do gás e depois das águas e mais tarde da tração elétrica. E em 1911 assinou o contrato com o IST para o lugar de professor das cadeiras de Química Analítica e Química Tecnológica e para dirigir os trabalhos do respetivo laboratório de Química. As suas capacidades como professor e a sua popularidade ficaram evidentes nos registos fotográficos existentes nos arquivos do IST, onde surge Charles Lepierre com os alunos finalistas do curso de engenharia de química industrial (UL/IST/NARQ, Proc. P. C. Lepierre, 2012, /b/5/12). A obra científica de Charles Lepierre é extensa e variada, repartindo-se por diversas áreas: Química analítica, Química Mineral, Bromatologia, Hidrologia e Bacteriologia. Trabalhou para sectores importantes da economia portuguesa, tal como as águas mineromedicinais, as conservas de peixe e o azeite. Manteve-se como Professor do IST até 1935, vindo a falecer a 17 de dezembro de 1945.

## **Considerações Finais**

A análise da formação e do percurso profissional e docente dos primeiros professores do IST permitiu-nos sublinhar a ideia de que Portugal estava aberto à ciência europeia e à mobilidade de *experts*, permitindo que cientistas e engenheiros estrangeiros lecionassem nas escolas portuguesas e interviessem

na indústria ou em instituições científicas. Este processo foi iniciado antes das reformas republicanas do ensino superior, como o exemplificam os casos de Charles Lepierre e de Paul Choffat, que desde os finais do XIX se encontravam em terras portuguesas. Outros professores do IST, como Giovanni Costanzo, que veio para Portugal em 1908, na sequência das iniciativas empresariais de Henri Burnay, são igualmente representativos desse fenómeno. A rede de contactos entre *experts* é particularmente visível no recrutamento de Ernest Fleury, recomendado por Paul Choffat, e no caso de Abram Droz, cuja vinda para Portugal foi apoiada por vários professores-ingenheiros, que ensinavam em destacadas universidades europeias e eram reconhecidos pelo seu ensino, pela sua investigação e pelas suas publicações.

Por seu lado, a formação de cientistas e engenheiros portugueses no estrangeiro, como foi o caso de Maximiniano Apolinário ou de Francisco Ferreira Roquete, expressam também uma outra forma de mobilidade de *experts* que favoreceu a circulação de conhecimentos e a transferência de tecnologia. Um e outro fenómeno tinham-se já iniciado nos séculos anteriores, como o têm demonstrado os vários estudos sobre este tema.

No final do século XIX, Portugal mobilizava os seus recursos para a modernização dos vários sectores económicos, apesar de viver momentos políticos complicados e sofrer o abalo do *Ultimatum* inglês de 1890. O país conhecia um desenvolvimento económico e de renovação urbanística, sinais reveladores da existência de uma elite política e económica que pugnava pela modernização do país e de uma rede de cientistas e técnicos que baseavam as suas decisões nos mais atualizados conhecimentos científicos e técnicos. Através desta rede europeia de *experts* era possível expandir a atualização científica dos portugueses que se tinham diplomado nas mais prestigiadas escolas estrangeiras, ou que tinham atualizado o seu saber através de viagens de estudo aos quatro cantos da Europa e mesmo a outros continentes. Por outro lado, os estrangeiros que vieram para Portugal, transportavam consigo um conhecimento que circulava nas universidades, escolas politécnicas, academias e sociedades científicas.

Assim, quando a República pôs em prática as novas políticas de renovação do ensino de modo a que este formasse os técnicos necessários ao progresso económico do país e à modernização dos espaços urbanos, o gérmen dessas mudanças já estava instalado no país.

Nesta conjuntura o IST surge como uma escola que pretende responder aos desafios da economia e da sociedade, e que recruta para o seu quadro docente os professores mais qualificados quer pela sua formação científica, quer na sua experiência profissional, qualidades que Alfredo Bensaúde exigia para

levar por diante o seu projeto de ensino teórico, sustentado pelas teorias mais modernas nas áreas da metalurgia, mecânica, da física, da química, e assente na prática laboratorial e oficinal, nos tirocínios anuais e nos projetos finais de curso. A forma como Bensaúde organizou o IST e a escolha criteriosa dos professores garantiu que esta escola tivesse um nível de formação alinhado pelo que de mais atual se ensinava a nível europeu e, como consequência, os alunos formados pelo IST eram altamente classificados, o que lhes permitia competir no mercado nacional e internacional.

### **Ana Cardoso de Matos**

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciéncia e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/00057/2020.

### **Maria da Luz Sampaio**

Este projeto foi desenvolvido e financiado no âmbito da Bolsa Pós-Doutoramento FCT/IHC/FSH/ Universidade Nova de Lisboa – Projeto História do Ensino da engenharia: 1910-1960 - FCT - DFA - SFRH/BPD/117829/2016. E ainda com IHC-FCSH-UNL financiado pela FCT - UIDB/04209/2020.

### **Bibliografia e Fontes:**

Universidade de Lisboa. Arquivo Instituto Superior Técnico. Actas do Conselho Escolar 1922-1923, 1927. Acessível no Núcleo de Arquivo do Instituto Superior Técnico, Lisboa, Portugal.

Universidade de Lisboa. Arquivo Instituto Superior Técnico. Arquivo Instituto Superior Técnico, NARQ, Processo individual de Paul Charles Lepierre. 1867-1945. Acessível no Núcleo de Arquivo do Instituto Superior Técnico, Lisboa, Portugal. Disponível <https://narq.tecnico.ulisboa.pt/> (consultado em 2020.01.04).

Universidade de Lisboa. Arquivo Instituto Superior Técnico. Processo individual de Abram Droz. 1912-1963. Documentação relativa à contratação com o IST 1912-1963; Correspondência entre Alfredo Bensaúde com: A. Stodola; H. Dechamps; Roger Chavannes; R. Neeser, Louis Duflon, Cie de l'Industrie Electrique & Mechanique de Genève 1912. Acessível no Núcleo de Arquivo do Instituto Superior Técnico, Lisboa, Portugal.

Universidade de Lisboa. Arquivo Instituto Superior Técnico. Processo individual de Ernest Fleury. 1912-1944. Documentação relativa à contratação com o IST. Acessível no Núcleo de Arquivo do Instituto Superior Técnico, Lisboa, Portugal.

Universidade de Lisboa. Arquivo Instituto Superior Técnico. Processo individual de

Giovanni Costanzo. 1911-1968. Documentação relativa à contratação com o IST. Acessível no Núcleo de Arquivo do Instituto Superior Técnico, Lisboa, Portugal.

Universidade de Lisboa. Arquivo Instituto Superior Técnico. Processo individual de Léon Óscar Joseph Fesch 1911-1927. Documentação relativa à contratação com o IST. Acessível no Núcleo de Arquivo do Instituto Superior Técnico, Lisboa, Portugal.

## Bibliografia

- AIRES-BARROS, Luís (2015). *Evocação de Ernest Fleury no cinquentenário da sua morte*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- ALVES, Luís Alberto Marques (2003). *O Porto no arranque do ensino industrial (1851-1910)*. Porto: Edições Afrontamento.
- ALVES, Luís Marques (2010). “Ensino Técnico: um espaço educativo marginalizado mas responsável pelo nosso atraso”, in Maria Cândida Proença (coord.), *Educar: Educação para todos. Ensino na I República*. CNCCR – Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, 79-85.
- BELYAEV, Demyan (2009). “O ideal Humboldtiano de ensino e os desafios da sociedade e do conhecimento: Uma reflexão crítica”. *Caderno de Investigação Aplicada*, 2009, 3, 141-156.
- BENSAÚDE, Alfredo (1892). *Projecto de reforma do ensino tecnológico para o Instituto Industrial e Commercial de Lisboa*. Lisboa: Typ. da Academia Real das Sciencias.
- BENSAÚDE, Alfredo (1922). *Notas Histórico-Pedagógicas sobre o Instituto Superior Técnico*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- BRANDÃO, J. Manuel; CALLAPEZ, Pedro; PINTO, José M. Soares (2016). “O Couto Mineiro do Cabo Mondego e o contributo técnico de Ernest Fleury (1878-1958) na indústria extractiva”. *Revista de História da Sociedade e Cultura*, 16, 343-367.
- CARDOSO, Augusto Correia; FIOLHAIS, Carlos; FORMOSINHO, Sebastião J. (2013). “O Modelo Atómico de Bohr e a sua recepção em Portugal”. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Química*, 130, Jul.-Set. 11-20.
- CARNEIRO, Ana (2008). “L'Usage Technique et Symbolique des Cartes à la Commission Géologique du Portugal (1857-1908)”. Isabelle Laboulais, (dir.), *Les Usages des Cartes (XVIIe-XIXe Siècle). Pour une Approche Pragmatique des Productions Cartographiques*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 257-270.
- CHATZIS, Konstantinos; GOUZÉVITCH, Dimitri; GOUZÉVITCH, Irina (2009). “Betancourt et l'Europe des Ingénieurs des “Ponts et Chaussées”: des Histoires Connectées”. *Quaderns d'història de l'enginyeria*, Vol. X, 2-18. Disponível: <https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2099/9140/monografic.pdf>, (acedido a 2019.12.19).
- COSTANZO, Giovanni (1913). “Sur l'occlusion des produits du Radium”. *Revista de*

- Chimica Pura e Applicada*, IX Ano, nº12, 393-395.
- COSTANZO, Giovanni (1920). “Notas das lições de Radioactividade dadas no Instituto Superior Técnico de Lisboa (III)”. *Revista de Chimica Pura e Applicada*, vol. XV, 2.a série.
- GRELON, André (2006). “L’Institut Électrotechnique de Nancy: 1900-1914. Note sur la naissance d’une communauté enseignante”, in Françoise Brick e André Grelon (ed), *Une Siècle de Formation des Ingénieurs Électriciens: Anrage Local et Dynamique Européenne l'exemple de Nancy*. Paris: Editions de la Maison de Sciences de l' Homme, 91-100.
- GUIMARÃES, Paulo (2006). *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960). Um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional*. Lisboa: Ed Colibri/ CIDEHUS-Universidade de Évora.
- HANOCQ, Charles (1936). “Henry Dechamps (1880)”, in Leon Halkin et Paul Harsin (ed), *Université de Liège de 1867-1935. Notices Biographiques*, Tome II. Faculté de Sciences. Écoles Sciences - Faculté Technique, Liège, 471-475.
- LACOMBE, Carlos (1913). “Sobre as analyses de minérios em Portugal”. *Revista de Chimica Pura e Applicada*, IX nº 2, 43-45.
- MATASCI, D. (2015). *L'école Républicaine et L'étranger*. 1a. ed. Paris: ENS Éditions.
- MATOS, Ana Cardoso de (2016). “Les élèves portugais de l’École des mines de Paris”, in M. Bertilorenzi, J-Ph. Passaqui et A-F. Garcon (dir.), *Entre technique et gestion, une histoire des ingénieurs civils des mines, XIXe-XXe siècles*. Paris: Presses des Mines, 175-189.
- MOGARRO, M. J. (2006). “História da Educação e formação de professores em Portugal (1862-1930)”, in *Anais do VI Congresso Luso-brasileiro de História da Educação. Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação*. Uberlândia, MG: EDUFU / Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia, 320-333.
- MOTA, T. S. A. (2007). “Os Serviços Geológicos entre 1918 e 1974: da quase morte a uma nova vida”. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova Lisboa, XVI, 486.
- NECROLOGIE (1930). “Louis Duflon”. *Bulletin technique de la Suisse romande*, nº56, 1930, 306-307.
- NECROLOGIE (1940). “Roger Chavannes, ingénieur”. *Bulletin Technique de la Suisse Normande*, nº 66, 219.
- NUNES, Maria de Fátima (2016). “Ciência e Cultura, Coleções e Museus: Olhares sobre um «Portugal e a cultura Europeia» no Século XX”. *Revista de História das Ideias*, vol. 34, 2ª Serie, 267-286.
- PINHEIRO, Magda (2013). “A rutura republicana: os primórdios do IST”, in Luís Freitas Branco (org.), *Visões do Técnico no Centenário 1911-2011*. Lisboa: ISCTE, 211-218.
- PROENÇA, Maria Cândida (2013). “Ensino”, in *Dicionário da 1ª Repúblíca*, vol. 1, 1142-1148.
- RIBEIRO, Orlando (1960). “Ernest Fleury e o ensino da Geologia”. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, 13, 303-308.
- ROCHA, Rogério Rocha; KULLBERG, José L. (2008). “Paul Léon Choffat, uma vida

- dedicada à Ciência”, in Rogério Bordalo da Rocha, João Pais, José Carlos Kullberg, Maria Luísa Ribeiro (eds.), *Paul Choffat na Geologia Portuguesa*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa/ Instituto de Engenharia, Tecnologia e Inovação, 23-43.
- SALGUEIRO, Ângela Sofia Garcia (2015). “Ciência e Universidade na I República”. Tese doutoramento em História Contemporânea. FCSH da Universidade Nova de Lisboa.
- TORGAL, Luís Reis (2010). “A República e a Instrução Pública: o caso do ensino Superior”. *Biblos: Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, n.s., VIII, 127-156.
- VIEIRA, Benedita Maria Duque (2013). “Da Boavista para o arco do Cego”, in Luís Freitas Branco (org.), *Visões do Técnico no Centenário 1911-2011*. Lisboa: ISCTE, 221-247.



# Moral and civism in higher education: a teaching programs analysis of the discipline Brazilian Problems Study at UFPR (1971-1984)

**RUDIMAR GOMES BERTOTTI<sup>1</sup>**

Pontifical Catholic University of Paraná

rudibertotti@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4134-7647>

**GISELE RIETOW BERTOTTI<sup>2</sup>**

Pontifical Catholic University of Paraná

gisele.rietow@pucpr.br

<https://orcid.org/0000-0002-8631-1541>

Texto recebido em / Text submitted on: 15/11/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 18/08/2020

**Abstract.** This article aimed to investigate the bibliography of the Brazilian Problems Study (BPS) discipline at the Federal University of Paraná (UFPR) between 1971 and 1984. It was used primary and secondary sources, which unveiled the theoretical corpus that supported BPS teaching at UFPR. Some methodological elements of Cultural History were mobilized based on the understanding that individuals and groups grasp the social world and share it in a particular way, producing strategies and practices (political, social and educational) (CHARTIER 2002). Finally, the analysis revealed that BPS' teaching programs were based on a bibliographic diversity, marked by books that were aligned with the Doctrine of the National Security and Development (DNSD), but which appeared alongside the works of some anti-regime authors. And that bibliographic focused on national problems denoted adherence to a larger DNSD policy aimed at encouraging the participation of university youth in the national political and economic plan.

**Keywords.** Brazilian Problems Study, Dictatorship, Teaching programs, Bibliography, History of Education.

## Introduction

The discipline Brazilian Problems Study (BPS) was the version of Moral and Civic Education for higher education in Brazil during the civil-military

<sup>1</sup> Rudimar Gomes Bertotti is a Professor at Curitiba's municipal education system, has a degree in History and Pedagogy. Master in Education from the Federal University of Paraná (UFPR) and Doctor in Education from the Pontifical Catholic University of Paraná (PUC-PR). Research Group: History Group of School Institutions in Brazil (GHIEB).

<sup>2</sup> Gisele Rietow Bertotti is a professor in the Languages course at the Pontifical Catholic University of Paraná, has a degree in Languages and Pedagogy. Master and PhD in Education from the Pontifical Catholic University of Paraná (PUC-PR).

dictatorship<sup>3</sup>. Created in 1969, through Decree No. 869, its objectives were: the worship of the Fatherland, its symbols, traditions, institutions and the great figures of its history; character enhancement, with moral support, dedication to family and community; the understanding of the rights and duties of Brazilians and the knowledge of the socio-political-economic organization of the country (BRAZIL 1969).

By analyzing its objectives, the doctrinal character imputed to this discipline is noticeable, whose target public were university students from all undergraduate and postgraduate courses in the country, obliged to attend not only one, but two semesters of BPS as compulsory condition to the completion of any higher education level course of the period.

In this sense, the present work aims to investigate the bibliography that supported the teaching programs of this discipline at the Federal University of Paraná (UFPR) between 1971 and 1984<sup>4</sup>, in order to understand from which works - the documents supporting the teaching of BPS - were based on the development of the discipline at UFPR.

We will use some methodological elements of cultural history for the development of this work, from the understanding that individuals and groups apprehend the social world and share it in a particular way, producing strategies and practices (political, social and educational) [...] "who tend to impose authority at the expense of others, who they despise, to legitimize a reform project, or to justify to the own individuals, their choices and conducts" (CHARTIER 2002:17).

The creation, normalization and regulation of the BPS discipline involved three main legal measures: Decree No. 869, responsible for its creation and its compulsory character, it was published in September 1969; Decree No. 68,065 of January 14<sup>th</sup>, 1971, regulated the previous decree, dealing mostly with the duties of a Commission responsible for implementing and maintaining the doctrine of Moral and Civic Education at all levels of teaching, the National Commission of Morality and Civism<sup>5</sup> (NCMC); and finally, Opinion No. 94

<sup>3</sup> Considering the participation of civilians in the coup and in the maintenance of the dictatorial regime, either by adhering to the ideas of the government or by their effective participation, it was decided to use the term civil-military dictatorship instead of the term military dictatorship. According to Gonçalves' arguments: [...] "It is not a question of taking responsibility or ignoring deviations and excesses committed in the period by the military, nor of denying that they played a central role in that context, but of recognizing that there was also the participation of civilians in it" (GONÇALVES 2012: 46).

<sup>4</sup> The time frame of this work comprises the period of implementation of the BPS (1971) until the leave of the General Coordinator of the discipline at UFPR in 1984.

<sup>5</sup> Decree nº 869/69, in its article 5<sup>th</sup> foresaw the creation of a National Morality and Civism Commission, subordinated to the Education Ministry, but responsible within the Federal Education Council (FEC) for the elaboration of EM's basic curricula and programs for all levels of education. The first formation of the MNCM was composed of people ideologically aligned with the DSND and who contributed to the drafting of the MCE

of February 1971, whose main task was to fix the curricula and programs of Moral and Civic Education at all levels of education in the country.

The period in which the BPS became effective in Brazil was marked by the interference of the armed forces in the country's political course. Five years before the publication of Decree no. 869 of 1969, which established the mandatory discipline of BPS, the country suffered a coup that triggered the formation of an authoritarian regime that promoted countless transformations in the political, social, economic and educational spheres of Brazil.

The civil-military dictatorship in Brazil (1964-1985) formed a government of technocrats whose power was concentrated in the executive. Under the justification of freeing the country from communism, the dictatorship extinguished civil liberties, created a political system based on bipartisanship and intervened numerous times in the legislature, sometimes ending the activities of the national congress. The power concentrated by the president was so expressive that when it was necessary the government enacted Institutional Acts, legal measures that granted political power with the potential to go beyond even the legal limits of the 1967 Constitution. Concerned with the youth and the advancement of subversive ideas among students, the regime devoted much attention to education during the two decades of dictatorship.

This period was marked by a series of changes in the field of education, which significantly altered the educational scenario in Brazil. Among them, the mandatory discipline of Brazilian Problems Study in the curricula of all higher education institutions in the country, which was one of the elements that comprised the educational policy promoted by the civil-military regime (1964-1985).

It is noteworthy that the implementation of BPS in higher education institutions in the country was only one of the measures of a broader set of reforms aimed at the student movement and university youth. Actions such as the extinction of the National Students Union (NSE), regulation of student movement repression through Decree No. 477, university reform, as well as the imposition of a doctrinal discipline in higher education denote that there was a very significant concern with university youth, with regard to their susceptibility to movements of opposition to the regime, either through the engagement of young people in the student movement or the participation /

---

Draft Law. This initial group included Gen. Moacir de Araújo Lopes - member of Brazilian War College and one of the main drafters of the MCE Draft Law, Prof. Álvaro Moutinho Neiva, Prof. Father Francisco Leme Lopes, Admiral Ary dos Santos Rongel, Prof. Eloywaldo Chagas de Oliveira, Prof. Humberto Grande, Prof. Dr. Guido Ivan de Carvalho, Prof. Hélio de Alcântara Avellar and Prof. Arthur Machado Paupérion (FILGUEIRAS 2006). The members of this first CNMC composition even became authors of didactic productions of the BPS discipline, circulating in teaching programs of this curricular component.

adhesion of youth in cultural movements challenging the dictatorship.

Education during the civil-military dictatorship was an area considered strategic and of substantial importance for the political doctrine that guided the actions of the governments of the period. In Brazil, the Doctrine of National Security and Development (DSND), devised by Brazilian War College, was the great proponent of the policies and actions of military governments. In the field of Education, the two main milestones in this context were Law 5,540 / 68, which "established rules for the functioning and organization of higher education" and Law 5,692 / 71, which established the 1st and 2nd degrees, and new guidelines for them (GONÇALVES 2011:1).

Law 5,540 / 68, which "established rules for the functioning and organization of higher education", was based on the Report of the Working Group created by Decree No. 62,937, of July 2, 1968. According to this document, the organization of the Brazilian university based on traditional colleges did not meet the needs of the country's development process. The increase in the number of higher education institutions based solely on the multiplication of units did not meet the new scientific and technological demands of the period. Thus, it was necessary to reformulate Brazilian universities, making them capable of meeting new demands in the labor market (FÁVERO 2006).

In summary, the university reform determined the departmental system, the unified entrance exam, the basic and professional cycles, the credit system, the enrollment by subject, the reformulation of the teaching career and the post-graduation (BARANOW, SIQUEIRA 2007).

In the DSND Development conception, education appears as a significant element for Development, since it would make accessible to the population, culture and work. "In the Brazilian War College manual, the importance of man's education is highlighted as a more productive investment for development" (GONÇALVES 2011: 8), which justified the reformulation of the entire education system.

In a similar perspective, Kuenzer (1992) states that the educational proposals for high school education by law 5,692 / 71 highlighted the valuation and social promotion of workers through professional qualification, which boosted integration practices between schools and companies given the need for qualification of human resources. For Kuenzer (1992), the process of restructuring the educational system, under the bias of Development, demanded:

Increase in the productivity of the education system, through rationalization, as a way of responding to its proclaimed ineffectiveness. With this intention, the entire education system was reformulated, through laws 5,540 / 68 (higher education) and 5692/71 (1st and 2nd degrees). Education started to be con-

ceived as an instrument capable of promoting, without contradiction, economic development through the qualification of the workforce, from which would result the maximization of production and the redistribution of income at the same time, education was seen as a factor of development of the "Political conscience" essential to the maintenance of the State. Thus conceived, education would be a factor of economic growth and security, as it would prevent the emergence of antagonisms resulting from the model adopted (KUENZER 1992: 42).

Given the importance attributed to education and the need to correct the inefficiency of the education system, educational planning proposals multiplied to meet the demands of the market. In this case, education was understood as a fundamental part of the development process, combining external capital with technological innovation, which would translate into greater productivity, which, in turn, would lead to the expansion of investment and job offer levels.

Education was considered a strategic area and of substantial importance for the exception regime that was established in the country after the 1964 coup. In this perspective, it is important to highlight that education was also thought of as a form of social control. Faced with the challenges presented by civil society in relation to the regime, either through cultural manifestations or the dissatisfaction of certain groups in the form of social movements. The proposal of a discipline based on the principles of morality and civics, and compulsory to all undergraduate and graduate students in the country, presented itself as an extraordinary possibility for the regime, in the sense of containing the student movement, disciplining new students, raising awareness of the danger of communism, as well as mobilizing young people on their responsibility to protect their homeland and fulfill their civic duties.

In the early 1960s, from the intensification of the Cold War and the crisis of hegemony, a discipline along the lines of the Brazilian Problems Study was presented as the educational component for the solution of what was understood by conservatives, especially on the right political spectrum, as the Brazilian crisis (CUNHA 2012).

This discipline was based on the principles of morality and civism and, according to the content of the legal measures that instituted it, shared some principles common to the doctrine disseminated by the Brazilian War College (BWC) during the dictatorial period.

The idea of implementing a discipline based on the precepts of morality and civism in Brazilian higher education was an original measure conceived by the civil-military regime, motivated by the growing role that student movements began to exercise in the country, especially in 1968, which required measures to control or neutralize its actions.

To achieve its objectives, the discipline of BPS was developed from a teaching program, this document was published in Opinion No. 94/71 by the Federal Council of Education (FCE), as mentioned above.

One of the main purposes of the BPS discipline was the moral improvement of university youth, in order to avoid any ideological deviation that would allow students to engage in movements considered subversive in the period, as provided in the legislation that regulated the teaching of this curricular component.

In this context, as Faria Filho (1998) argues, the use of educational legislation as a source has allowed us to grasp the most fascinating characteristic, namely its dynamics, which opens the possibility of interrelating, in the educational field, various dimensions of pedagogical practice, which were crossed by legislation, range from educational policy to classroom practices.

According to this author, the legislation must be analyzed in its various dimensions, and related to “the broader social relations in which they are inserted and which they contribute to produce” (FARIA FILHO 1998: 99), allowing this form a broader and more meaningful analysis of legal sources.

The discussions presented in this paper result from research developed during the master's degree, in the field of History and Historiography of Education, which sought to analyze various aspects of the implementation process of the discipline of BPS at UFPR.

## **Bibliography of BPS teaching programs at UFPR**

Opinion No. 94/71, issued by the Federal Council of Education (FCE), was the main vector for the preparation of teaching programs for the discipline of BPS. This legal measure included a model program that divided the discipline into six units:

- Unit I – Overview of Brazilian Reality
- Unit II – Morphological Problems
- Unit III – Economic Developmental Problems
- Unit IV – Socioeconomical Problems
- Unit V – Political Problems
- Unit VI – National Security (BRAZIL 1971b).

For analysis and comparison of the BPS teaching programs developed at UFPR, we present in Table 1 the program of Opinion 94/71.

BRAZILIAN PROBLEMS STUDY PROGRAM	
UNIT I Overview of Brazilian Reality	<ol style="list-style-type: none"> <li>General characteristics of national geopolitics and geo-economics,</li> <li>Brazilian man: ethical and cultural formation; characteristic traits; age pyramid; demographic situation.</li> <li>Social, political, economic institutions.</li> <li>Social behavior; Community action; individual, professional and social ethics.</li> </ol>
UNIT II Morphological Problems	<ol style="list-style-type: none"> <li>Economic structures: Brazilian economic system analysis.</li> <li>Social structures.</li> <li>Political structures and characteristics of democracy in Brazil.</li> <li>The structure of Executive, Legislative and Judiciary powers.</li> </ol>
UNIT III Economic Developmental Problems	<ol style="list-style-type: none"> <li>The national wealth of the soil, subsoil and seabed; Oil and Steel.</li> <li>Settlement and soil preservation.</li> <li>Amazon and its problems.</li> <li>The northeast region and its problems.</li> <li>Transportation and economy.</li> <li>Agricultural and livestock development; Land reform.</li> <li>Energy problem.</li> <li>Industrial development.</li> <li>Internal and International commerce.</li> <li>Regional disparities and socio-economic imbalances; Regional Bodies</li> <li>Economic development and national and sectional economic integration.</li> <li>Monetary, credit and fiscal policy.</li> <li>Economic planning.</li> <li>Work and social security.</li> <li>Capital market.</li> </ol>
UNIT IV Socioeconomical Problems	<ol style="list-style-type: none"> <li>Housing</li> <li>Health: prevention, health care and rehabilitation. Basic sanitation and eradication of endemics.</li> <li>Education: diagnosis and solutions.</li> <li>Social communication and cultural diffusion.</li> <li>Science, technology and their role in the development.</li> <li>Arts and their cultural function.</li> <li>Urbanization.</li> <li>Company – its social function and participation in the development.</li> <li>The Armed Forces in Brazil's socio-economic process.</li> </ol>
UNIT V Political Problems	<ol style="list-style-type: none"> <li>Philosophies and Political Ideologies.</li> <li>National power: its expressions.</li> <li>Popular Representation.</li> <li>Political Parties: organization and functioning.</li> <li>National Politics Evolution.</li> <li>Political Problems: soil occupation and territory boundaries.</li> <li>Economic Politics.</li> <li>Social Politics.</li> <li>External Politics.</li> <li>Political and International Bodies: UN and OAS.</li> </ol>
UNIT VI National Security	<ol style="list-style-type: none"> <li>Internal and external security – Citizen responsibility.</li> <li>Revolutionary war.</li> <li>The Armed Forces - Navy, Army and Air Force.</li> <li>Establishment of a doctrine and formulation of a national security policy - National Security Council - Armed Forces Military Staff – Higher War College.</li> </ol>

**Table 1** – BPS teaching program attached to the Opinion n. 94/71

Source: Opinion n. 94 of Federal Council of Education (1971).

When comparing the teaching programs organized by the BPS<sup>6</sup> General Coordination at UFPR<sup>7</sup> attached to the Opinion FCE no. 94/71 it is possible to conclude that the programs developed by the university faithfully followed the requirements of this legal measure and were reproduced until 1984 in an absolutely identical manner to the program published by the FCE.

From the 1972 teaching program to the early 1980s the structure of the six program units and their specific contents remained the same, without any change from the General Coordination<sup>8</sup> of the discipline at UFPR.

On the other hand, regarding the bibliography indicated in these documents, we could observe innumerable changes during the years in which the teaching of this curricular component was present at UFPR classrooms. Thus, we will start the survey of the bibliography that composed the teaching programs, starting with the one of 1972, in which the following works were contemplated (Table 2).

---

<sup>6</sup> No teaching programs rewritten by the professors of the BPS discipline at UFPR were found.

<sup>7</sup> The BPS discipline was only effectively implemented at UFPR in May 1971.

<sup>8</sup> The General Coordination for the Brazilian Problems Study, under the tutelage of Professor Maury Rodrigues da Cruz, was responsible for organizing the teaching of the discipline. This body had the function of directing, guiding, controlling and promoting the teaching of the BPS discipline in all undergraduate and postgraduate courses at the University.

<b>BIBLIOGRAPHY OF THE BPS TEACHING PROGRAM – 1972</b>
Brazilian Constitution
The decay of the west – Spengler, Oswald, 1926.
National Defense – Magazine (Collection)
Education between two worlds – Aron, Raimon, 1958 – Melhoramentos Publisher.
External Politics Geography – Graça, Tencel. Jaine Ribeiro da. 1951.
Geopolitics of Brazil
General and Brazil Geopolitics – Backheuses, Everaldo – 1952 – Bibl. Exerc.
External politics of Brazil – Vellozo, Leão.
White population of Brazil – Deffentainos, Pierre.
Revolution and America – Aranha, Osvaldo, 1940.
Amazon, land and man – Lima, Araújo.
Geopolitical aspects of Brazil – Silva, Golbery de Couto, Bib. Exército.
Bandirantes and pioneers – Meeg, Vianna, 1959, Ed. Globo, 1 ed.
Brazil 2000 – Freitas, José Itamar de.
Brazil 2001 – Simensen, Mario Henrique.
The masters and the slaves – Freire, Gilberto, Ed. Política, 1936.
Culture and Opulence in Brazil – Antonil, Cia. Ed Nacional, 1943.
Dialogues of the greatness in Brazil – Brandão, Fernandes, Ed. Dois Mundos Ltda.
Brazilian Political Structure – Valle, Álvaro.
History Studies – Toynbee, A.
Brazilian Problems Study – Pe. F. Leme Lopes e outros.
Economical formation of Brazil – Furtado, Celso – Ed. Fundo de Cultura, 1939, Rio.
Brazil boarders – Soares, Macedo J., 1939, Liv. José Olímpio, Rio.
Cultural Geography of Brazil – Brandt, B.
Political Geography in geopolitics – Kiss, George
Geopolitics of Brazil – Rodrigues, Lysias – 1947 – Exército.
Geopolitics – Weigert, Hans W.
Geopolitics – Fonseca, Nery.
Amazon Geopolitics – Chaves, Mar e.
Geopolitics and peace – Thompson, D.
Geopolitics and Political Geography – Bachheuser, Everaldo.
Geopolitics e Political Geography – Gebaglia, Raja.
Diplomatic History of Brazil – Vianna, Helio, Ed. Melhoramentos.
Interpretation of Brazil – Freire, Gilberto.
Brazil the country of the future – Stefan, Zwey, 1940, Ed. Civilização Brasileira.
The myth of the vital space – Friedwall, E.M.
The world tends to unity – Backheuses, Everaldo.
Problems of Brazil – Backheuses, Everaldo.
Brazilian Realities – Graça, Tencel. Jaine Ribeiro da.
Social Philosophies of an age of crisis – Sorokin, Pettirim, 1950.
Brazil General Treaty – Scantimburgo, João de. Cia. Editora nacional. 1971.
A lonely world – Wilkie, W.

**Table 2** – Book list of the discipline BPS at UFPR in 1972.

Source: organized and translated by the author based on the teaching program of BPS at UFPR in 1972 (2014).

The number of works indicated in the 1972 program reached a total of 41 books, as illustrated in Table 2. In the subsequent year, 1973, the list of books remained the same as in 1972, without the inclusion or exclusion of any bibliographic reference. However, in 1974 the teaching program substantially reduced the number of books that permeated the teaching of the BPS discipline at UFPR, with a total of only 13 works and only 3 (bold highlights) reused from previous years, the bibliographic reference of 1974 was small compared to previous years, as shown in Table 3.

<b>BIBLIOGRAPHY OF THE BPS TEACHING PROGRAM- 1974</b>	
Brazilian Culture – Fernando de Azevedo, Melhoramentos Publisher.	
ADESG Handouts - Association of ADESG Graduates.	
<b>Federal Constitution</b>	
<b>Brazilian Programs Study– Pe. Francisco Leme Lopes, Bibl. Exército, 1971.</b>	
Historical Formation of Brazil – J. Pandiá Calóge, Bibl. Exército.	
National Brazilian Formation – Brigadeiro Lysias Rodrigues, Bibl. Exército, 1954.	
Civic and Moral Education New Guidelines – American Company Publisher, 1971.	
The sunset of the empire – Oliveira Viana, 2 <sup>nd</sup> edition.	
Social and Political Brazilian Organization – Delgado de Carvalho, 1963.	
Southern populations of Brazil – Oliveira Viana, São Paulo, 1933.	
National Security – Gal. Lyra Tavares, Bibl. do Exército.	
General Theory of the State – Darcy Azambuja, Globo Publisher, 1963.	
<b>Brazil General Treaty</b> – João Scatimburgo, Ed. Nacional.	

**Table 3** – Book list of the discipline BPS at UFPR in 1974.

Source: organized and translated by the author based on the teaching program of BPS at UFPR in 1974 (2014).

Years later, in 19799, there was a significant increase in the number of works of the BPS discipline at UFPR, totaling 27 books, including some works from the 1972 bibliography.

---

<sup>9</sup> No teaching programs from 1975, 1976, 1977 and 1978 were found in the UFPR archives.

<b>BIBLIOGRAPHY OF THE BPS TEACHING PROGRAM – 1979</b>
Brazilian Culture – Fernando de Azevedo, Ed. Melhoramentos.
National Defense – Ney Eicler Cardoso, Ed. Promoções Nacionais, 1977.
The economy of transformation – Carlos Geraldo Langoni, Ed. José Olympio, 1975.
Social Organization and Brazilian Politics – Delgado de Carvalho, 1963.
ADESG Handouts - Rio de Janeiro, ADESG.
Brazil in question – Tarcísio Meirelles Padilha, Ed. José Olympio, 1975.
Brazil process and integration – Gabriel e André Galache, Edições Loyola.
Brazil contrast land – Roger Bastide, Difusão Europeia do Livro.
Accomplishments of a decade – João Baptista Peixoto, Ed. Artenova.
Federal Constitution
Energy Crises – Eduardo Celestino Rodrigues, Ed. José Olympio, 1975.
Brazilian Problems Study – José Claudio de Oliveira, 1977.
Brazilian Problems Study – Pe. Leme Lopes, Ed. Renes.
Brazilian Problems Study - UFPE, Ed. Universitária, 1977.
Brazilian Problems Study – Enjolras Camargo, Ed. Atlas, 1977.
Brazilian Nationality Formation – Brigadeiro Lysias Rodrigues, 1954.
Historical Formation of Brazil – J. Pandiá Calógeras, Bibl. do Exército.
Civic and Moral Education New Guidelines – Cia Editora Americana, 1971.
The sunset of the empire – Oliveira Viana, Cia Editora Nacional.
Southern populations of Brazil – Oliveira Viana, Ed. Nacional.
Brazilian Political Problems – Afonso Arinos de Melo Franco.
Brazilian Reality – José Odelso Schneider, Livraria Sulina Editora.
Security and Democracy – José Alfredo Amaral Gurgel, Ed. José Olympio, 1975.
National Security – Gal. Lyra Tavares, Bibl. do Exército.
Health situation seminar in Brazilian metropolitan areas – São Paulo, 1976.
General Theory of the state – Darcy Azambuja, Ed. Globo, 1963.
General Treaty of Brazil – João de Scantimburgo, Cia Editora Nacional.

**Table 4** – Book list of the discipline BPS at UFPR in 1979.

Source: organized and translated by the author based on the teaching program of BPS at UFPR in 1979 (2014).

The bibliography indicated in the 1982 teaching programs maintained the same references of the 1979 programs, except for the inclusion of some books that did not appear in the previous bibliographies and the exclusion of the book “Health situation seminar in Brazilian metropolitan areas”.

<b>BIBLIOGRAPHY OF THE BPS TEACHING PROGRAM – 1982</b>
Brazilian Culture – Fernando de Azevedo, Ed. Melhoramentos.
National Defense – Ney Eicler Cardoso, Ed. Promoções Nacionais, 1977.
The economy of transformation – Carlos Geraldo Langoni, Ed. José Olympio, 1975.
Amazon – Assoc. dos empresários da Amazônia, 1975.
ADESG Handouts - Rio de Janeiro, ADESG.
Brazil in question – Tarcísio Meirelles Padilha, Ed. José Olympio, 1975.
Brazil Present and Past – Osmar Salles de Figueiredo, 1979.
Brazil Process and Integration – Gabriel e André Galache, Edições Loyola.
Brazil contrast land – Roger Bastide, Difusão Europeia do Livro.
Achievements of a decade – João Baptista Peixoto, Ed. Artenova.
Federal Constitution
Energy Crises – Eduardo Celestino Rodrigues, Ed. José Olympio, 1975.
Brazilian Education – Dermeval Saviani, Ed. Saraiva, 1978.
Brazilian Problems Study – José Claudio de Oliveira, 1977.
Brazilian Problems Study – Pe. Leme Lopes, Ed. Renes.
Brazilian Problems Study – UFPE, Ed. Universitária, 1977.
Brazilian Problems Study – Enjolras Camargo, Ed. Atlas, 1977.
Brazilian Nationality Formation – Brigadeiro Lysias Rodrigues, 1954.
Historical Formation of Brazil – J. Pandiá Calógeras, Bibl. do Exército.
Introduction to the stock market – Miguel D. Barbosa Oliveira, CNBV, 1979.
Legislation on capital markets – Com. Nac. de Bolsas de Valores, 1979.
Moral and Civics New Guidelines – Cia Editora Americana, 1971.
The sunset of the Empire – Oliveira Viana, Cia Editora Nacional.
Social and Political Brazilian Organization – Delgado de Carvalho, 1963.
Population and Public Health in Brazil – Fausto Cupertino, Ed. C. Brasileira, 1976.
Southern Populations in Brazil – Oliveira Viana, Ed. Nacional.
Principles of agrarian law – Oswaldo Optiz, Gráficos Borsoi, 1979.
Brazilian Problems – Revista Mensal de Cultura, 1963.
Brazilian Political Problems – Afonso Arinos de Melo Franco.
Brazilian Reality – José Odelso Schneider, Livraria Sulina Editora.
Vozes Magazine of Culture – Ed. Vozes, 1907.
Security and Democracy – José Alfredo Amaral Gurgel, Ed. José Olympio, 1975.
National Security – Gal. Lyra Tavares, Bibl. do Exército.
General Theory of State – Darcy Azambuja, Ed. Globo, 1963.
General Treaty of Brazil – João de Scantimburgo, Cia Editora Nacional.

**Table 5** – Book list of the discipline BPS at UFPR in 1982.

**Source:** organized and translated by the author based on the teaching program of Brazilian Problems Study (BPS) at UFPR in 1982 (2014).

In 1983 the BPS teaching program at UFPR included only one book: “Background and Perspective of Moral and Civic Education in Brazil<sup>10</sup>” (1982) by former UFPR BPS coordinator Maury Rodrigues da Cruz (1971-1984).

<sup>10</sup> The sources did not provide sufficient subsidies to clarify whether the inclusion of this book was by a decision of Professor Maury Rodrigues da Cruz, or by a FCE nomination.

In 1984, when Professor Maury Rodrigues da Cruz ended his activities at the BPS General Coordination, and when the dictatorship approached its end, numerous works were included in the bibliographic framework that composed the teaching of the BPS discipline at UFPR, as described in table 6.

BIBLIOGRAPHY OF THE BPS TEACHING PROGRAM IN 1984
Constitutional Law Institutions – Wilson Accioli, Forense, 1981.
The “Bagaceira” – José Américo de Almeida, Ed. José Olympio, 1982.
History of Brazil – Pedro Calmon, Ed. Nacional, 1947.
Brazilian Social and Political Introduction – Antônio Barros de Castro, Ed. F. de Cultura.
Brazilian Culture Phenomenology – Creso Coimbra, Ed. Loyola, 1969.
Ethics and Cultures of Brazil – Manuel Diegues Junior, Ed. Letras e Artes, 1963.
Political Sociology – Maurice Duverger, Ed. Forense, 1968.
The masters and the slaves – Gilberto Freyre, Ed. José Olympio, 1958.
Aspects of modern political thinking – Henry S. Kariel, Ed. Zahar, 1966.
A sientific theory of politics– Bronislaw Malinowski, Ed. Zahar, 1975.
Geopolitics and destiny – Carlos de Meira Mattos, Ed. José Olympio.

**Table 6** – Book list of the discipline BPS at UFPR in 1984.

Source: organized and translated by the author based on the teaching program of BPS at UFPR in 1984 (2014).

According to Professor Maury Rodrigues da Cruz, the teaching programs and the bibliographic reference that supported them came directly from the Federal Council of Education<sup>11</sup>. However, this did not prevent the BPS Coordinator at UFPR from including some works in the basic bibliography of the discipline.

It is noteworthy that in 1976, the MCNC issued an official note making public a list of books approved by the body for BPS classes in higher education institutions in the country.

<sup>11</sup> It was not found in the sources that supported this work, no FCE document indicating a specific bibliographic reference for teaching the discipline of BPS in the country's universities.

TITLE AND AUTHOR	LEVEL	PUBLISHER	OTHER DATE	
			EDITION	HOMOLOGATION D.O
BRAZILIAN PROBLEMS STUDY Pe. Francisco Leme Lopes e outros.	Higher	Editora Rennes Ltda.	1º - 1970	13/01/1971
BRAZILIAN PROBLEMS STUDY Prof. Alfredo Palermo	Higher	Lisa Editora Irradiante S/A.	1º - 1971	03/03/1972
MORAL, CIVISM AND BRAZILIAN PROBLEMS STUDIES Prof. Nelci Silvério e outros	Higher	Cia. Editora Nacional	1º - 1972	19/07/1972
ENCYCLOPEDIA OF MY BRAZIL Profs. Douglas Michalany and Ciro de Moura Ramos	Integrated Teaching	Gráfica Editora Michalany	1º - 1972	18/06/1973
BRAZILIAN PROBLEMS STUDY Prof. Hilário Torloni	2º grau e superior	Livraria Pioneira Editora	1º - 1972	28/06/1973
BLACK AND WHITE Sydney Cook, Garth Lean Prof. Luciano Lopes	Consulting books	Associação Rearmamento Moral	4º - 1972	02/12/1974
FOUNDATIONS, GUIDELINES AND IMPERATIVES OF CIVIC AND MORAL EDUCATION Prof. Arthur Machado Paupério	High School and Higher Education	Editora Rio	1º - 1973	31/03/1975
THE MUSICALIZATION AT SCHOOL Emilia d' Anniballe Jannibelli	All levels	-----	1º - 1976	06/01/1977
INTRODUCTION TO BRAZILIAN PROBLEMS STUDY Prof. Arthur Machado Paupério	Higher	Editora Freitas Bastos	1º - 1977	17/05/1977
TWO GIANTS OF BRAZILIAN CIVISM Paulino Jacques	High School and Higher Education	-----	1º - 1977	20/07/1977
GEOGRAPHY OF DEVELOPMENT IN BRAZIL Prof. Carlos Cesar Guterres Taveira	High School and Higher Education	Ao livro técnico S/A	1º - 1977	06/01/1978

**Table 7 – Re book list of the discipline BPS of Official Note 01/76 of NCNC.**

Source: organized and translated by the autor based on the Official Note nº1 of janeiro 1976 of National Commission of Moral and Civism (2014).

It is important to highlight that there were numerous attempts to track down some FCE document that listed the bibliographic framework of the BPS discipline. However, the only document found with a list of books for the teaching of BPS was a MCNC note (Table 7). Similarly, other works

that addressed the BPS discipline as a research object did not mention FCE documents that addressed the bibliographic framework of the discipline. In Samara Mancebo's thesis on teaching BPS at the State University of Rio de Janeiro (UERJ), the teaching programs and bibliographies pertinent to the discipline were analyzed, according to the author:

An interesting question concerns the composition of the bibliography used to guide the organization of classes / conferences related to the teaching of BPS. In the two BPS discipline programs created by CEPB, the ESG Basic Manual and the National Security Law are cited. In addition, part of the bibliography is composed of books published by BIBLIEX, the Army library; books dealing with the BPS, national security issues, revolutionary war, geopolitics, among other issues of interest to the military. Among the authors listed in the bibliographic references, we can highlight the presence of civil and military, religious and FCE staff members, UERJ and ESG authorities, in short, names of the most varied status and social sectors who wrote about the Brazilian Problems Study. and / or on topics covered in its study, such as: General Meira Mattos, Father Francisco Lemes Lopes, Tarcisio Meireles Padilha, Afonso Arinos de Melo Franco, Arthur Machado Paupério, to name a few. The organization of the bibliography pertinent to the teaching of BPS is just another indication of the influence exerted by the Higher School and its National Security Doctrine on the referred teaching at UERJ (MANCETO 2013: 131).

The notes of Mancebo's thesis (2013) make it possible to conclude that the bibliographic reference of the UERJ BPS discipline was marked by a diversity of authors from different social sectors. This characteristic could also be observed in the bibliographic references of the teaching programs of the UFPR BPS discipline.

On the other hand, Tables 2, 3 and 4 show that only three books of the book list published by MCNC in 1976 were part of the bibliographic reference of the EPB discipline at UFPR. Only the books of Father Francisco Leme Lopes and Professor Arthur Machado Paupério entered the bibliographical indications of the University. According to the statement by Professor Maury Rodrigues da Cruz, the references adopted in the teaching programs of the discipline of BPS at UFPR followed the recommendations of FCE and not of MCNC (CRUZ 2013).

The BPS course became semiannual in the mid-1970s and was divided into BPS I and BPS II, with a 30-hour workload and two credits per semester.

These subjects had two weekly classes and divided the six units of the BPS teaching program into three units for each semester, not substantially changing the teaching of this curriculum component.

The BPS teaching program also included the process of evaluating this discipline, which in addition to tests and group work, encompassed community activities, which probably took place during students' visits<sup>12</sup> to a number of institutions such as nursing homes, hospitals, etc.

According to the teaching programs of the BPS discipline, one of the objectives of this curricular component was "to show the university student the magnificent national problems, both in their formulation and in their range of solutions" (UFPR 1979). However, the analysis of these magnificent national problems was based on a bibliography permeated by an accentuated doctrinal discourse, mainly observed in the works under the terminology "Brazilian Problems Study", conceived by different authors such as Father Francisco Leme Lopes, Hilário Torloni, Enjolras Camargo, etc.

These authors' books included in their first part a chapter under the title "Doctrinal Introduction" which emphasized the importance of morality and civility in the life of man. In Enjolras Camargo's "Brazilian Problems Study", the author tries to justify that he mentions the doctrine in order to inform the students of the State's mission to achieve and maintain national goals. According to Enjolras Camargo (1977):

For a good understanding of the Brazilian problem, we insert a necessary minimum of doctrine, not with the intention of indoctrinating, but to inform the student about the ways that the State follows to fulfill its mission of achieving and maintaining National Objectives, through the use of plans - National Policy - and means - National Power - while continually facing adverse factors, antagonisms and pressures. After the doctrinal part, we approach several Brazilian problems and the governmental solutions given and tried for them (Camargo 1977: 5).

The doctrinal character of the discipline teaching programs could also be observed from the inclusion of works published by officers of the armed forces, handouts of the Association of Graduates of the College of War (ADESG), Federal Constitution of 1967 among other journals aligned with the Doctrine

<sup>12</sup> In Bertotti's dissertation (2015), the testimonies of professors Maury Rodrigues da Cruz and Alceu Rolkoski confirm that visiting a series of institutions such as nursing homes and hospitals was a common practice for teaching the discipline of BPS.

of the National Security and Development (DNSD). On the other hand, these works appeared alongside the publications of Celso Furtado and Dermeval Saviani, authors who did not agree with the regime's practices. However, it should be noted that books such as Furtado and Saviani's were characterized as exceptions in the theoretical corpus of BPS teaching programs.

As mentioned earlier, the books that predominated in BPS teaching programs aligned with DNSD. For a deeper analysis of the contents that structured these works, this research drew on the conclusions of Francisco Adeildo Ferrer's (1991) work. In Ferrer's research (1991), the works of Arthur Machado Paupério "Introduction to the Brazilian Problems Study" (1977) and José Cláudio de Oliveira's "Brazilian Problems Study" (1977) were examined with the objective of [...] "detecting the ideology underlying these reading texts, notably as regards the categories: "Security and Development" (FERRER 1991: 5).

The books by Paupério (1977) and Oliveira (1977) composed the bibliography of UFPR's BPS teaching programs. According to the notes of Ferrer (1991), who considered these didactic manual works of the discipline, the concept of security appears in these books as an indispensable element for the pursuit of the common good and as a primary function of the state. Moreover, security should be a responsibility of all citizens.

The National Security Doctrine gives the state a very clear function: it is the mobilizing agent of everything in the nation. It is the state's mission to stand above private interests whenever the common good demands it. This idea that represents very well the political project of the military regime is clearly present in the texts of BPS (FERRER 1991: 137).

The content analysis of these references corroborates the doctrinal character instilled in the teaching of the BPS discipline in higher education institutions in the country. According to Ferrer (1991) the texts intended for students of the BPS discipline were of almost perfect conformity when dealing with the four main concepts of DNSD: national objectives, national security, national power and national strategy. For Ferrer (1991), the authors of "Introduction to the Brazilian Problems Study" (1977) and "Brazilian Problems Study" (1977):

[...] present a list of national objectives, with priority being given to democracy, progress and social peace. Generally speaking, we can say that all the lists exposed in these manuals are equivalent. Variations between one author and another are negligible. The generality and universality of the

above objectives are another aspect to highlight. They are defined according to the moral and spiritual values of Western civilization, such as humanism, Christianity, etc. (FERRER 1991: 137).

Moreover, both authors were based on the methodology adopted by the manuals of the Superior School of War to support the chapters that dealt with the doctrinal aspects of the BPS discipline (Ferrer, 1991). The concepts of State, Nation, Government and Sovereignty adopted in the books of Paupério (1977) and Oliveira (1977) did not differ [...] "much from those used in the early texts of the HWS authors in the years before the seizure of power" (FERRER 1991: 138).

The presence of elements that constituted the DNSD, such as economic development, was recurrent in the works of Paupério (1997) and Oliveira (1997). These authors associated economic development with security, conditioning the level of security with the potential of the country's economic growth (FERRER 1991). In this sense, security, as an element of the concept of safe development, implied:

[...] the need to control the political and social environment, so as to guarantee not only social peace but also multinational investment. [...] this meant that by harboring national development in a security system, the repressive military state could justify restricting public freedoms during the process of economic and social development as it saw fit (FERRER 1991: 138).

For Ferrer (1991) the works "Introduction to the Brazilian Problems Study" (1977) and "Brazilian Problems Study" (1977) by Arthur Machado Paupério and José Cláudio de Oliveira fulfilled [...] "a function of inculcation instrument ideology of the conception of security and development adopted by the civil-military station in power since 1964 to the university youth of the country" (FERRER 1991:139). This author goes even further, stating that the worldview expressed in the BPS discipline books has prevented young people from elaborating their own vision of the life model (FERRER 1991). Based on these arguments, it can be stated that part of the BPS bibliography teaching programs at UFPR reproduced the principles of DNSD.

In addition, from the analysis of works referenced in BPS's teaching programs, it is possible to observe the occurrence of titles that evoke national security, development, national integration, geopolitical issues, economic issues, as well as books whose titles emphasize the problems of Brazil.

The set of works listed in these documents meets the themes studied at

conferences of the Brazilian War College (BWC) and its Doctrine of National Security and Development (DSND). The topics covered in the books that formed the bibliography of BPS programs were recurrent in courses promoted by BWC for both civilians and military.

Considering that the BPS was the result of a projection of the DSND from the military to the educational field, it is understandable the list of works and authors dealing with topics dear to BWC such as national security, development, national integration, geopolitics, economics, among other issues that involved the Brazilian problematic.

Titles such as Geopolitical Aspects of Brazil by Golbery Couto e Silva, Bandeirantes and pioneers by Viana Moog, The Brazilian culture by Fernando de Azevedo, The masters and the slaves by Gilberto Freyre, as well as National security by General Lyra Tavares were mandatory bibliography in the formations promoted by the Brazilian War College.

In addition to these peculiarities of the bibliography present in the programs, it is important to highlight the presence of books that were characterized as textbooks for the subject in question, whose titles were the same as those of the curricular component: Brazilian Problems Study. These works were prepared by conservative priests, army officers and civilians sympathetic to the regime, with content derived from the legal measures that guided and regulated the teaching of BPS in higher education, these works brought various elements of the DSND and an appreciation of Brazil as a power.

The emphasis on development and national security was a common feature among these works, which at the same time that raised issues related to the Brazilian problem, such as the question of national integration, emphasized the solutions developed by the regime, as in the case of national integration, the construction of federal highways integrating all regions of the country, as well as policies for the occupation of central-western Brazil.

In this type of book, it was very common to find the promotion and dissemination of actions carried out by the dictatorship, either the project for the construction of the Itaipu hydroelectric plant or the celebration of the sesquicentenary of Independence, which President Médici buried the remains of D. Pedro I in the gardens of the Paulista Museum (Museu do Ipiranga). The objective of the discipline is in line with the image that the dictatorship during its 21 years tried to impress the nation, the idea that Brazil would be the country of the future, as well as a great power.

In this perspective, BPS contributes with the idea of reconfiguring [...] the imaginary and calling for the inauguration of a brand-new time, [...] a legitimating [...] image par excellence for denying the immediate past of supposed

errors and deviations [...] and for intending to establish the future that realizes the true national vocation: greatness (CERRI 2012: 221).

## Final thoughts

The analysis of BPS discipline teaching programs at UFPR allowed to identify the doctrinal character of this curricular component in the administrative tools that subsidized its teaching. The bibliography that supported this discipline at the University led us to conclude that the structure of the teaching programs was based on authors who propagated the DNSD, but not only this view, since there was the inclusion of Saviani and Furtado's books in the programs. However, this does not mean that former professors of this discipline at UFPR necessarily relied on these references for teaching this curricular component.

It is important to emphasize that the results of this research are the result of analyzes that were limited to specific sources about the official bibliography indicated in the teaching programs of UFPR, reiterating that an investigation of the uses of this bibliography by its former professors may reveal other nuances of this curriculum component in university classrooms.

The conclusions of this work allowed us to understand that BPS teaching programs were based on a bibliographic diversity, marked by a predominance of books that aligned with DNSD, but which appeared alongside works by some authors opposed to the regime. However, a bibliography, whose emphasis was on the focus on national problems, denotes an adherence to a larger policy of the DNSD that aimed to encourage the interest and participation of university youth in the national political-economic plan, thus corroborating one of the main objectives listed in legislation that dealt with the discipline and teaching programs of the university, which was to [...] "make university youth aware of the great national problems, both in its formulation and in its range of solutions" (BRAZIL 1971b).

## References

- BARANOW, Ulf G. e SIQUEIRA, Márcia Dalledone. (orgs.) (2007). *Universidade Federal do Paraná: história e estórias (1912-2007)*. Curitiba: Editora da UFPR.
- BERTOTTI, Rudimar Gomes (2015). *Caráter, amor à pátria e obediência a lei: disciplina Estudo de Problemas Brasileiros*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná: Curitiba.

- CAMARGO, Enjolras (1977). *Estudo de problemas brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Atlas.
- CERRI, Luis Fernando (2012). “Ensino e aprendizagem de representações nacionalistas do tempo: o caso da Ditadura militar brasileira”, in Nadia Gaiofatto Gonçalves e Serlei Maria Fischer Ranzi (orgs.), *Educação na ditadura civil-militar: políticas, ideários e práticas* (Paraná, 1964-1985). Curitiba: Editora da UFPR.
- CHARTIER, Roger (2002). “Por uma sociologia histórica das práticas culturais”, in A *História Cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.
- CRUZ, Maury Rodrigues da (1982). *Antecedentes e Perspectivas da Educação Moral e Cívica no Brasil*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- CUNHA, Luiz Antônio (2012). “Os Estudos de Problemas Brasileiros na UFRJ: aproximações institucionais”. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 7, 193-215.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de (1998). “A legislação escolar como fonte para a História da Educação: uma tentativa de interpretação”, in *Educação, modernidade e civilização*. Belo Horizonte: Autêntica, 89-125.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque (2006). “Universidade do Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968”. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 28, 17-36.
- FERRER, Francisco Adeildo (1990). *A ideologia de segurança e desenvolvimento nos livros da disciplina Estudo de problemas brasileiros*. Dissertação (Mestrado), UFC. Fortaleza.
- FILGUEIRAS, Juliana Miranda (2006). *A Educação Moral e Cívica e sua produção didática: 1969-1993*. Dissertação (Mestrado), PUC-SP. São Paulo.
- GONÇALVES, Nadia Gaiofatto (2011). “Doutrina de segurança nacional e desenvolvimento na ditadura civil-militar: estratégias e a educação”, in *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 26. São Paulo. Anais... São Paulo: ANPUH.
- GONÇALVES, Nadia Gaiofatto (2012). “A Escola Superior de Guerra e a Lei 5692/71: Discursos Governamentais e Implementação da Lei no Paraná”, in Nadia Gaiofatto Gonçalves e Serlei Maria Fischer Ranzi (orgs.), *Educação na ditadura civil-militar: políticas, ideários e práticas* (Paraná, 1964-1985). Curitiba: Editora da UFPR.
- KUENZER, Acácia (1992). *Ensino de 2º grau: O trabalho como princípio educativo*. 2ª ed. São Paulo: Cortez.
- MANCEBO, Samara Lima Tavares (2013). *A Pós-Graduação em Estudos de Problemas Brasileiros na UERJ: uma reflexão sociológica sobre um projeto de socialização política no Brasil*. Doutorado em Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá (2014). *As universidades e o regime militar – cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar.
- OLIVEIRA, José Cláudio (1977). *Estudo de problemas brasileiros*. Fortaleza: Fundação Edson Queiroz - UNIFOR.
- PAUPÉRIO, Arthur Machado (1982). *Introdução ao Estudo de problemas brasileiros*. Fortaleza: Imprensa oficial do Ceará (IOCE).

## Sources

*Decreto n.º 68.065, (1971a) de 14 de janeiro de 1971a. Brazil.*

*Decreto n.º 869 (1969) de 12 de setembro de 1969. Brazil*

*Entrevista concedida a Rudimar Gomes Bertotti (2013). Curitiba, 24 de junho, 2013. CRUZ, Maury Rodrigues da.*

*Nota oficial nº1, (1976) de janeiro de 1976 (Ministério da Educação e Cultura e Comissão Nacional De Moral e Civismo). Brazil.*

*Parecer nº 94, (1971b) de 4 de fevereiro de 1971b (Conselho Federal de Educação). Brazil.*

*Programa de ensino da disciplina Estudo de Problemas Brasileiros (1972). Curitiba. Universidade federal do Paraná.*

*Programa de ensino da disciplina Estudo de Problemas Brasileiros (1974). Curitiba. Universidade federal do Paraná.*

*Programa de ensino da disciplina Estudo de Problemas Brasileiros (1979). Curitiba. Universidade federal do Paraná.*

*Programa de ensino da disciplina Estudo de Problemas Brasileiros (1982). Curitiba. Universidade federal do Paraná.*

*Programa de ensino da disciplina Estudo de Problemas Brasileiros (1984). Curitiba. Universidade federal do Paraná.*

# Candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial: processo, protagonistas e princípios

## *University of Coimbra's World Heritage Application: process, players and principles*

**JOANA CAPELA DE CAMPOS**

Universidade de Coimbra, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Faculdade de Letras  
Universidade de Coimbra, Centro de Ecologia Funcional – Ciéncia para as Pessoas e o Planeta (História, Território e Comunidades), Faculdade de Ciéncias e Tecnologia  
joanacapelacampos@fcsh.unl.pt  
<https://orcid.org/0000-0001-8644-8196>

Texto recebido em / Text submitted on: 27/11/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 21/07/2020

**Resumo.** Em 22 de junho de 2013, era acrescentado mais um episódio à história secular da Universidade de Coimbra (UC): a inscrição do bem Universidade de Coimbra – Alta e Sofia, na Lista do Património Mundial da UNESCO.

O propósito deste artigo consiste em aprofundar alguns princípios que delinearam o processo de candidatura da UC a Património Mundial, tendo em conta o contributo e influência de alguns dos seus protagonistas político-conceptuais, teóricos e decisores. Para tal, terá contribuído o pensamento e a obra desenvolvida por dois gabinetes, o Gabinete do Paço das Escolas e o Gabinete de Candidatura à UNESCO. Constituídos enquanto Projetos Especiais da Reitoria, em março e em outubro de 2004 (respetivamente), estes gabinetes tiveram como missão desenvolver o trabalho para o sucesso da candidatura. Recorrendo, sobretudo a pesquisa e revisão documental e/ou bibliográfica, este texto evidencia os testemunhos desses protagonistas, pelo papel fundamental que tiveram ao longo do processo, sob várias perspetivas.

**Palavras-chave.** Gabinete do Paço das Escolas, Gabinete de Candidatura à UNESCO, Candidatura a Património Mundial, Universidade de Coimbra.

**Abstract.** On 22 June 2013, the University of Coimbra added one more episode to its secular history: the nomination of the University of Coimbra – Alta and Sofia in the UNESCO World Heritage List.

The purpose of this paper is to improve knowledge of some principles that designed the application process, taking into account the contribution and influence of its main theoretical and politics players and decision-makers. For that process have contributed the rationale and works developed by two teams, the *Gabinete do Paço das Escolas* and the *Gabinete de Candidatura à UNESCO*. Constituted as Special Projects of the Rectory, in March and October 2004, these teams developed the work for the application success. Methodologically, this paper is based on documental and/or bibliographical research and review, highlighting the actions and rationale of the key players, due to their main role, on several perspectives.

**Keywords.** *Gabinete do Paço das Escolas, Gabinete de Candidatura à UNESCO, World Heritage Application, University of Coimbra.*

## **Nota introdutória**

“É preciso conhecer este volumoso *dossier* de informação e estratégia e divulgá-lo pelos diferentes agentes de desenvolvimento; é preciso chamar os cidadãos e a academia a participar neste processo” (LOPES 2012: 31).

Um dos últimos capítulos da história secular da UC constituiu-se no processo de inscrição de parte do seu património na Lista do Património Mundial (LPM), da UNESCO.

O reconhecimento internacional do Valor Universal Excepcional<sup>1</sup> (VUE) do bem Universidade de Coimbra – Alta e Sofia (UC-AS) aconteceu na sessão 37.<sup>a</sup> do Comité do Património Mundial (PM), em 22 de junho de 2013, sob a justificação dos critérios (ii), (iv) e (vi)<sup>2</sup>, bem como, sob a justificação da sua autenticidade e da sua integridade. Deste modo, a inscrição do bem na LPM demonstrou o sucesso de um processo liderado pela UC, ao alcançar o seu maior objetivo esboçado desde 2003.

Em 2018, o capítulo da UC-AS PM iniciava um outro episódio: a adição do Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC) à área delimitada como UC-AS (FILIPE, ALCOFORADO, FERNANDES & MURTINHO 2019; CAPELA DE CAMPOS & MURTINHO 2020). Este novo processo beneficiou da sua característica administrativa e do esforço conjunto estabelecido entre a Diretora do MNMC, Ana Alcoforado e o Vice-Reitor com o pelouro do Património da UC e Vice-Presidente da RUAS – Associação Univer(s)cidade, Vítor Murtinho. Em 7 de julho de 2019, o Comité do PM declarava a junção do MNMC à área da UC-AS PM.

Todavia, o processo de candidatura de Coimbra à LPM havia sido uma das primeiras iniciativas nacionais de candidatar património ao reconhecimento por parte da UNESCO, no início dos anos 80 do século XX, tendo a UC beneficiado desse conhecimento prévio no arranque da sua candidatura.

Deste modo, o presente artigo revela contribuir para o conhecimento e para a divulgação do processo de candidatura a PM que acompanhou a história da cidade de Coimbra e da sua universidade, ao longo das últimas quatro décadas, com especial enfoque não só nas suas histórias entrecruzadas, como também nas ações de proteção e requalificação do património urbano e universitário (CAPELA DE CAMPOS 2019).

<sup>1</sup> Conforme a Convenção para a Proteção do Património Mundial Cultural e Natural, adotada em 1972, pela UNESCO, em Paris (UNESCO WHC 2016).

<sup>2</sup> WHC – 37th session of the Committee: Phnom Penh, Cambodia: 17-27 June 2013: Records: 22-Jun-2013 – 14:00:00 Afternoon. <https://whc.unesco.org/en/sessions/37COM/records/?day=2013-06-22#t2jmdjT97SIE0> (consultado em 4 de julho de 2020).

Tendo em conta o repto lançado por Nuno Ribeiro Lopes, coordenador da candidatura da UC-AS a PM, este trabalho pretende estudar a atuação e perspetiva de alguns dos protagonistas, que tiveram influência nas estratégias e nos princípios orientadores, referenciados a este capítulo da história da UC.

## **Antecedentes: o processo de candidatura de Coimbra a Património Mundial**

Em 17 de março de 1982, Matilde de Sousa Franco, Diretora do MNMC àquela data, declarava a intenção de candidatar o “Centro Histórico de Coimbra” a PM (FRANCO 1983: 5, 10-11; 1984: 134, 142). A iniciativa surgiu no desenvolvimento das atividades do programa *Coimbra Antiga e a Vivificação dos Centros Históricos*, implementado entre 1981 e 1983, pela comemoração dos 70 anos do MNMC (FRANCO 1983; 1984).

Depois da Secretaria de Estado da Cultura ter dado despacho favorável, em 7 de junho de 1982, esta primeira intenção foi concretizada num documento de candidatura produzido pela Secção do Plano Diretor Municipal (PDM) da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), tendo sido inviabilizada pelo Instituto Português do Património Cultural (IPPC), em 1983. Esta intenção teve a força estratégica necessária para que a CMC assumisse a responsabilidade de tal empreendimento a partir de 1987.

No entanto, as várias tentativas de candidatura promovidas pela CMC conheciam sempre contratempos, desde a dificuldade em estabilizar a delimitação da área a candidatar ou em justificar dessa delimitação e, por conseguinte, em consolidar a convicção da própria tentativa de candidatura. Em rigor, só uma das experiências conhece a fase de envio à Comissão Nacional da UNESCO (CNU), para avaliação. Em 17 de março de 1997, concretizada quinze anos depois da primeira intenção, esta primeira candidatura formal foi designada como *Documento Preliminar de Candidatura a Património Mundial*<sup>3</sup>.

O posicionamento sobre a área da cidade a delimitar havia variado dentro da zona da Alta e, numa fase posterior, entre a Alta e a Baixa. Na Alta, o grande motivo divisor dos argumentos concentrava-se, principalmente, na inclusão da Cidade Universitária de Coimbra (CUC), construção do Estado Novo que muito contribuíra para a reconfiguração e transformação da cidade a partir dos anos 40 do século XX.

Algumas perspetivas consideravam que esse espaço da cidade – tão pesado

<sup>3</sup> Cf. CMC/GCH/PPM 2014/CH.chDCH/3, GCH: Documento Preliminar de Candidatura a Património Mundial – Coimbra, 1997.

do ponto de vista coletivo e emocional – não devia ser incluído na demarcação da área urbana a candidatar. Noutras propostas, defendia-se que só parte dessa área deveria ser contemplada pela sua proximidade e pelo enquadramento compositivo que fazia (e faz) com o conjunto arquitetónico do Paço das Escolas. Os argumentos com menor adesão eram aqueles que fundamentavam uma leitura baseada na organização espacial da cidade e que incluíam a intervenção do Estado Novo na área circunscrita a candidatar, para que, de algum modo, aquela área da cidade não fosse alvo de maiores complexos – para além daqueles que já a dominavam.

Adicionalmente à variação continuada sobre o conteúdo e a justificação de candidatura à UNESCO, a resposta da CNU à CMC<sup>4</sup>, de 10 de janeiro de 2001, explicava algumas das circunstâncias que determinavam a dificuldade em listar a Alta de Coimbra como um bem PM. Embora a Comissão reconhecesse os esforços da municipalidade na reabilitação e requalificação patrimonial da área, a descaracterização da Alta era inegável, pelas intervenções que tinham sido concretizadas e por aquelas que já estavam previstas.

Estas evidências constituíam-se em fatores de difícil justificação para o critério de autenticidade, critério exigido ao VUE de um bem inscrito na LPM. Um outro argumento que pesava na decisão da CNU assentava nas determinações do Comité do PM em relação à diversidade e à representatividade dos bens e sítios inscritos na LPM, assumindo a restrição de acesso e de apreciação das candidaturas de Centros Históricos, sobretudo europeus, que já estavam sobrerepresentados na lista da UNESCO.

Entre 28 de setembro e 19 de outubro de 1998, o processo físico da candidatura de Coimbra a PM desapareceu das instalações da Divisão de Recursos Humanos da CMC<sup>5</sup>, ditando o fim desta primeira fase dedicada a candidatar a cidade ao reconhecimento internacional com a chancela da UNESCO.

## A candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial: enquadramento

A alteração do objeto a submeter à candidatura a PM – da cidade para a universidade – impunha-se como sendo a decisão estratégica que ditaria o sucesso da mesma, que parecia estar condenada, tecnicamente, em Coimbra.

<sup>4</sup> Cf. CMC/GCH/PPM 2014/CH.chDCH/3, GCH: Pasta 4/8, Ofício nº CNU:781.1.1.5, MNE000015, de 10/01/2001.

<sup>5</sup> Cf. CMC/GCH/PPM 2014/CH.chDCH/3, GCH: Pasta 3/8, Ofício nº 510/98/DDS-DiRCH, de 19/10/1998.

Pese embora, do ponto de vista prático, as áreas entendidas como “candidáveis” serem correspondentes tanto no caso do bem cidade, como no caso do bem universidade, do ponto de vista estratégico, o foco da argumentação que permitia justificar o VUE do bem em causa, num e noutro caso, desenvolver-se-ia, rigorosamente, de forma muito variada.

A mudança de paradigma, no caso de Coimbra, é assumida na leitura política e estratégica liderada pelo Reitor Fernando Seabra Santos sobre a conjuntura e circunstância dos acontecimentos ao longo do tempo. Os seus mandatos desenvolveram-se entre 2003 e 2011 e assumiram a valorização do património universitário, como um estratagema de ação assente em dois focos: primeiramente, como estratégia de futuro para o desenvolvimento, reconhecimento e valorização da UC, quer no plano nacional quer no internacional, num “retorno e redescoberta da *Alma Mater Coninbrigensis*” (SANTOS in Santos et al. 2003); e, em segundo lugar, como estratégia política de desenvolvimento urbano, associada ao “desejo de transformação do espaço físico” (SANTOS in Universidade de Coimbra 2005: 5) e à proteção e reabilitação do património universitário.

Uma das primeiras ações da sua equipa reitoral compreendeu a criação e publicação de uma revista da Reitoria da UC intitulada *Rua Larga*, cujo primeiro número, em 17 de junho de 2003, era inteiramente dedicado à importância de cimentar uma aproximação entre a UC e a sua comunidade universitária. Nesta lógica, a revista perspetivava-se como um instrumento de uma universidade que se pretendia de futuro e renovada, sem deixar de estar ancorada à sua história e ao seu património arquitetónico, artístico, sociocultural, linguístico e educativo.

Complementarmente, esta iniciativa não deixava de se afigurar como um instrumento hábil para uma comunicação mais aberta, sobre os projetos e expectativas da equipa reitoral e das diversas unidades orgânicas, ainda que também pudesse ser considerada como uma forma de pensar sobre os projetos externos que se relacionavam com os interesses e a missão da UC.

O primeiro número da *Rua Larga* começou a esboçar um projeto de candidatar a UC à LPM, através de um dossier temático, inteiramente dedicado ao Paço das Escolas, com textos de António Filipe Pimentel, Sónia Filipe e Regina Anacleto. No entanto, a oficialização do projeto que traçava a candidatura a PM da UC seria concretizada no mês seguinte, em julho, pelo Reitor, numa publicação editada pelo Pró-Reitor para a Cultura, João Gouveia Monteiro, intitulada *Universidade de Coimbra, Património Mundial* (SANTOS et al. 2003).

A aposta no património universitário, enquanto espaço de referência da atuação de uma das instituições portuguesas com mais significado e relevância no mundo da lusofonia, desencadeava um processo de apaziguamento entre a

UC e a cidade, depois do capítulo dedicado à construção da CUC, pelo Estado Novo. Para tal, contribuíram alguns acontecimentos prévios que permitiram que a própria universidade tivesse a capacidade de voltar a olhar para si, enquanto valor de passado, de presente e de futuro.

O estigma da construção da CUC, que existia na perspetiva emocional da população da cidade de um modo geral, mas, principalmente, daquela que fora obrigada a migrar da Alta para outras zonas da cidade, entre 1945 e 1952 (ROSMANINHO 2006: 324-327; VÍTOR 1999), refletia-se em desabafos e acusações sobre a atuação do Estado Novo como tendo sido “lesa património” (SILVA 1988: 142).

Além disso, o problema da falta de espaço para as atividades académicas e universitárias não era novo e havia a necessidade de tomar a decisão de descentralizar o núcleo universitário da Alta. Com efeito, essa questão colocava-se desde 1965 com alguma intenção, ainda no decorrer das obras de construção da CUC. Não obstante terem sido revividos ressentimentos e mágoas, já após o final das obras da CUC<sup>6</sup>, foi possível, paulatinamente, voltar a pensar o espaço da acrópole universitária, a partir dos anos 80 do século XX.

Dois acontecimentos dariam o mote a esse processo, tendo em conta o reconhecimento da incapacidade manifestada pelas instalações existentes, para albergar as atividades e serviços (universitários ou académicos) necessários.

O primeiro acontecimento decorre da mudança das instalações do Hospital “Velho” da UC, em 1987, localizadas nos Colégios das Artes e de São Jerónimo, para os novos edifícios dos Hospitais da UC, em Celas. Em consequência, a criação da licenciatura em Arquitetura na UC, em 1988, beneficiaria dessa mudança, uma vez que o Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia (DARQ-FCT) seria instalado no Colégio das Artes, espaço que havia ficado vago devido à transferência das acomodações hospitalares.

O segundo acontecimento decorre da decisão de criação de novos polos, para albergar as áreas de Ciências e Tecnologia e as Ciências da Saúde. Deste modo, em 1992, era dado o início às obras de construção do Polo II, dedicado às primeiras e, em 2001, do Polo III, dedicado às segundas, numa zona adjacente ao “novo” complexo dos Hospitais da UC.

Contudo, o problema da Alta universitária, causado, por um lado, pela saída de uma parte significativa da população universitária para o Polo II e, por outro lado, pela degradação e mau estado de conservação de alguns espaços e equipamentos universitários, colocava a tônica na requalificação do espaço

<sup>6</sup> As obras da CUC concluem-se com a finalização das obras do último edifício do plano geral, a Faculdade de Ciências, em 1975, sem grande destaque na inauguração oficial (CAPELA DE CAMPOS 2019; ROSMANINHO 2006).

que ia ficando disponível.

Sob essa perspetiva, a Reitoria aceitou o desafio do recém-criado DARQ para se desenvolver um instrumento qualificado e prioritário, capaz de prever os problemas e de propor soluções, como defendia o seu Diretor, José Carlos Teixeira.

Em julho de 1995, o Senado aprovava um estudo de reorganização dos espaços universitários, que se afirmava como peça-base do programa preliminar, da autoria do arquiteto Camilo Cortesão em colaboração com a Reitoria, para um concurso de ideias tendo em vista a definição de um plano de reconversão dos espaços dos Colégios de São Jerónimo, das Artes, do Laboratório Químico e da área envolvente.

Como era assumido pela Vice-Reitora Maria Teresa Mendes e pelo Arquiteto Camilo Cortesão, o concurso fomentava a necessidade de se pensar numa estratégia para uma “política de valorização do património construído da UC” (DARQ 1997: 11), colocando o espaço de toda a encosta nascente, desde a cota alta à cota baixa e englobando as instalações da Associação Académica de Coimbra, à disposição das propostas dos arquitetos.

Deste exercício resultava uma “reflexão aprofundada sobre a envolvência histórico-cultural do lugar e a sua perspetiva de desenvolvimento futuro” (DARQ 1997: 9): os Arquitetos e Professores do DARQ, Alexandre Alves Costa, Fernando Távora, Gonçalo Byrne e Raúl Hestnes Ferreira, responderam ao convite realizado pela Reitoria para participar no concurso, saindo vencedora a proposta de Gonçalo Byrne.

Estes dois momentos da história da UC tornam-se fundamentais para se perspetivar a alteração do paradigma sobre o património universitário construído. Se até aos finais da década de 80 do século XX a intervenção do Estado Novo era estigmatizada numa percepção geral, devido à destruição de património universitário e urbano existente até à década de 40, a partir da década de 90 do século passado, essa intervenção constituía-se com o estatuto de património universitário com valor, que também necessitava de ser intervencionado para garantir a sua manutenção, conservação e reabilitação.

Em paralelo, em 1994 e 1995, era descoberto o espólio do processo da Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra (CAPOCUC), que abria as portas ao estudo e ao conhecimento da intervenção do Estado Novo na Alta universitária (CAPELA DE CAMPOS & MURTINHO 2018).

Deste modo, os anos 90 caracterizaram-se como um período de introspecção e de autoscopia na e sobre a UC, tendo o seu espaço de referência – a Alta – como suporte e objeto de estudo e de projeto. Com o desenvolvimento de

conteúdos e com o aprofundar de conhecimentos, os resultados começavam a ser apresentados e debatidos, na viragem do milénio, em eventos científicos, seminários e colóquios<sup>7</sup>, estudos<sup>8</sup> e intervenções acerca do património universitário.

Porém, estes acontecimentos prévios decorrentes e circunscritos à atuação e atividades da UC não devem ser desligados do que, de um modo paralelo, ia acontecendo na cidade, no país e no mundo.

Se em 1998, desaparece o processo de candidatura à LPM, promovido pela CMC, cuja delimitação da área candidata estava referenciada à Alta, também é nesse ano, que o Comité do PM reconhece o VUE da Universidade de Alcalá de Henares, em Espanha, sendo a única universidade europeia a configurar-se como Universidade Património Mundial (UPM).

Em 2003, durante as comemorações e atividades de Coimbra 2003 – Capital Nacional da Cultura<sup>9</sup> –, os docentes do DARQ, Nuno Grande e Rui Lobo, organizavam a realização do Seminário Internacional *CidadeSofia*, onde se traçaram leituras da relação estabelecida entre a universidade e a cidade, a partir dos casos de Salamanca, Alcalá de Henares, Santiago de Compostela, Leuven, Grenoble, Bolonha, Maastricht, Cambridge, Aveiro e Coimbra (GRANDE & LOBO 2005).

Esta geometria de acontecimentos variáveis permitiram que o Reitor Seabra Santos pudesse, por um lado, estabelecer uma perspetiva abrangente e transversal das circunstâncias e das condicionantes da UC ao longo do tempo e, por outro lado, perspetivar qual o papel da UC na cidade, no país e no mundo.

A estratégia reitoral passava por capacitar a UC a assumir o seu papel de liderança em projetos de escala internacional, assente numa diplomacia cultural (AGUIAR, CORREIA & SILVA 2011). Às dimensões tradicionais da universidade, caracterizadas pelas suas missões na formação, na investigação e produção de conhecimentos, e no repositório e divulgação dessa produção, era associada uma nova. Esta quarta dimensão (SANTOS & ALMEIDA FILHO 2012) estaria à disposição das aptidões e competências das universidades e sociedades do conhecimento contemporâneas com visão de futuro.

Esta conjuntura proporcionava um redesenho estratégico sobre a apresen-

<sup>7</sup> Como o Seminário Internacional *CidadeSofia: a cidade como território de produção e projecção do saber contemporâneo* (2003) e como os Colóquios *Construir Univer(sc)idade: Os Colégios da Sofia* (1999); *A Alta de volta* (2000); *Coimbra Capital de Cultura e Os segredos do Paço* (2002). Cf. Processo UC-AS, CPM [digital].

<sup>8</sup> Como os estudos sobre a CUC, de Nuno Rosmaninho (1996; 2002); sobre a Universidade e os Colégios universitários, de Rui Lobo (1999; 2006; 2010); e sobre o Paço das Escolas, de António Filipe Pimentel (1998; 2005).

<sup>9</sup> A propósito da contemporaneidade dos acontecimentos, o número 1 da *Rua Larga* publicava uma entrevista com o Presidente da Coimbra 2003 – Capital Nacional da Cultura, Abílio Hernandez.

tação da proposta à UNESCO, transformando os pontos de vista, até então equacionados, sobre as intenções de candidatura da cidade para submeter antes uma candidatura da UC. Além da mudança de bem a candidatar, outros argumentos contribuíam para dar força a esta nova opção estratégica assente em políticas de gestão, proteção e requalificação do património universitário.

A necessidade de grande investimento na reabilitação urbana, para garantir que uma candidatura da Alta de Coimbra conseguisse competir na categoria mais concorrida da LPM – a de Cidades Históricas/Centros Históricos –, era uma realidade que prejudicava a intenção de candidatar a Alta como bem PM, como de resto a CNU já havia referido. Consequentemente, um segundo argumento decorre do contraponto deste primeiro, ou seja, o facto de se alterar o foco da candidatura para a universidade permitia que o bem a candidatar concorresse a uma categoria composta apenas por quatro casos<sup>10</sup>, o que beneficiaria, teoricamente, a candidatura da UC em relação à candidatura da Alta de Coimbra.

Acrescia a esses argumentos, o facto de ter sido adotada a Convenção do Património Cultural Imaterial<sup>11</sup>, em 2003, pela UNESCO, alargando o âmbito de justificação dos critérios do VUE dedicados à UC e, assim, possibilitar que fosse acumulado o valor material com o valor imaterial.

De acordo com esta perspetiva, o ano de 2003 constituía-se como um ano charneira no processo de candidatura a PM em Coimbra e, deste modo, como uma oportunidade de recomeço para o alcance desse desígnio. Sob o signo do Reitor Seabra Santos, o projeto da candidatura do bem UC iniciava o seu percurso de sucesso, suportado pelo empenho das equipas constituídas para darem prosseguimento ao desenvolvimento do seu processo e à sua concretização.

## **Princípios orientadores do processo de candidatura (2003-2004)**

O projeto de candidatura da UC a PM estabeleceu-se sobre dois eixos<sup>12</sup>, o eixo do valor material e o do imaterial. Relativamente ao primeiro, foi contemplado todo o património arquitetónico, histórico e artístico de uma universidade

<sup>10</sup> UPM, até à data da inscrição da UC-AS (22/06/2013): em 1987, Monticello e a Universidade da Virgínia, em Charlottesville (Estados Unidos da América); em 1998, a Universidade e Recinto Histórico de Alcalá de Henares, em Alcalá de Henares (Espanha); em 2000, a Cidade Universitária de Caracas (Venezuela); e em 2007, o Campus da Cidade Universitária Central da Universidade Nacional Autónoma do México, na Cidade do México (México).

<sup>11</sup> Cf. CABRAL (2011); UNESCO INTANGIBLE CULTURAL HERITAGE SECTION (2016).

<sup>12</sup> Informação constante em “Documento de trabalho RESERVADO – 040219”, de 19/02/2004, do Pró-Reitor Raimundo Mendes da Silva, com base num documento produzido pelos Arquitetos Vítor Mestre e Maria Fernandes. Cf. UC-AS, CPM [documental]: Pasta Património | Textos diversos.

de tradição humanista (SANTOS et al. 2003); quanto ao valor imaterial, foi contemplada a história da instituição da universidade e a tradição das ciências humanistas, atribuídas à cultura e à língua (SANTOS et al. 2003).

Assim sendo, numa primeira abordagem de área da UC a candidatar à UNESCO, selecionou-se a “Casa da Livraria, o Paço das Escolas, os vários colégios que se multiplicaram do século XVI ao XVIII e os estabelecimentos pombalinos do Museu de História Natural, Laboratório Químico e Jardim Botânico” (SERRA in Santos et al. 2003). O VUE era justificado pelos critérios (i), (ii), (iv) e (vi) (SERRA in Santos et al. 2003) e, ainda, com uma referência sumária ao Centro Histórico de Coimbra<sup>13</sup>, sendo certo que, do ponto de vista formal, a candidatura se centrava no núcleo do Paço das Escolas<sup>14</sup> – ficando esclarecido o motivo e a importância do *dossier* temático publicado com o número 1 da revista *Rua Larga*.

Apesar do silêncio verificado em relação às obras da CUC realizadas pelo Estado Novo, a verdade é que a UC vinha a dedicar um grande esforço de intervenção e estudo sobre o complexo arquitetónico do Paço das Escolas e, portanto, comprehende-se a incidência do foco neste núcleo, nesta primeira abordagem do projeto. Sobre este lugar, revestido de especial significado desde a cidade *Aeminium*, estavam a ser revelados os resultados de ações e campanhas de escavações arqueológicas efetuadas no Pátio das Escolas, entre 1999 e 2002; do desenvolvimento de estudos científicos (PIMENTEL 2005); e da decisão que ditaria o fim do estacionamento automóvel, em 2001<sup>15</sup>.

Sem embargo, e tendo em conta as exigências do processo de candidatura, cada vez mais especializadas, específicas e complexas, era fundamental formar equipas técnicas transdisciplinares capazes de responder tanto aos pressupostos formais exigidos, como também de produzir conteúdos que justificassem o VUE do bem candidato, à luz dos critérios considerados para o VUE, bem como aqueles da sua autenticidade e da sua integridade.

Nesse sentido, a fim de dar resposta às exigências do valor material, seria preciso constituir um Gabinete de Arquitetura, subordinado à dicotomia disciplinar do Património e da História. Assim, ficaria resolvida a imperativa

<sup>13</sup> Apesar de não ser reforçada esta delimitação, entendemos a inclusão do Centro Histórico, na área candidata, enquadrada como área de proteção do bem e, deste modo, presumidamente, cumprindo uma exigência processual com a definição de uma área de proteção ou tampão (SANTOS et al. 2003).

<sup>14</sup> Informação divulgada pelo Reitor Seabra Santos, em documento intitulado “Anexo 2 – Enquadramento preliminar do Gabinete do Paço das Escolas na vertente de atuação sobre o património físico da Universidade de Coimbra (atividade iniciada em 1 de Março de 2004)”, em ofício informativo ao Diretor do Banco Totta, em 8 de abril de 2004, como assunto “Candidatura da UC a Património Mundial”. Cf. UC-AS, CPM [documental]: Pasta Programação da Candidatura.

<sup>15</sup> Cf. UC-AS, CPM [digital].

necessidade de produzir projetos qualificados de intervenção, para a reabilitação e manutenção dos valores materiais presentes no edificado, bem como para garantir as condições de uso e a continuidade da salvaguarda patrimonial.

Para dar resposta às exigências do valor imaterial, por sua vez, seria necessário constituir um Gabinete da Língua, subordinado ao inventário e estudo do conhecimento produzido e divulgado pela UC. Tal permitiria estudar e verificar a sua influência no mundo, articulando e mapeando o contributo da UC para a evolução das Artes e da Ciência e, particularmente, para o desenvolvimento do mundo lusófono.

Pouco conhecido e pouco falado, o primeiro gabinete técnico a ser constituído, com o estatuto de Projeto Especial<sup>16</sup> e a responsabilidade da Reitoria da UC, foi o denominado Gabinete do Paço das Escolas (GPE), em 1 de março de 2004. O seu nome advinha, por um lado, da localização do seu espaço de trabalho e, por outro lado, do objeto de estudo. A criação deste Projeto Especial fundamentava-se na exigência para a valorização e para a salvaguarda do património arquitetónico, artístico e histórico do conjunto edificado do Paço das Escolas, que se desenvolveu como um palimpsesto construtivo ao longo da história e que se estabeleceu como *morada da sabedoria*<sup>17</sup>, a partir da cedência régia de D. João III para a Universidade, em 1537.

Enquanto objetivo principal do GPE, a “preparação da candidatura do Paço das Escolas a Património da Humanidade”<sup>18</sup> deveria ser articulada com outra missão, que consistia na coordenação técnica e científica de “todas as intervenções no conjunto do edificado objeto de candidatura a Património Mundial”<sup>19</sup>. Por conseguinte, a equipa do GPE seria constituída por especialistas em Arquitetura, Engenharia, Arqueologia e História, sendo enquadrada na estrutura operacional de elaboração da candidatura, composta pelo Reitor, Pró-Reitor para a Cultura, Pró-Reitor para as Instalações, Segurança e Ambiente, pela Comissão Científica, pela Coordenação da Candidatura<sup>20</sup> e pelo GPE<sup>21</sup>.

<sup>16</sup> Ao abrigo do artigo 4.º do Regulamento dos Serviços da Estrutura Central da Universidade de Coimbra, publicado por Despacho Reitoral n.º 15949/2003, de 31 de julho, em *Diário da República* n.º 188, II Série, de 16/08/2003, 12720-12730.

<sup>17</sup> Cf. PIMENTEL (1998; 2005).

<sup>18</sup> Informação constante em Anexo 2, de 08/04/2004, supra citado.

<sup>19</sup> Informação n.º GPE/02-2004, de fevereiro de 2004, do Engenheiro Fernando Marques (GPE), para o Pró-Reitor para as Instalações, Segurança e Ambiente, Raimundo Mendes da Silva, com o assunto “Contributo para o arranque de uma gestão integrada do património histórico, arquitectónico e artístico do Paço das Escolas da Universidade de Coimbra”. Cf. UC-AS, CPM [documental]: Pasta Informações 2004|2005 2006|2007.

<sup>20</sup> O grupo inicial, cuja função consistia em preparar o guião ou estrutura base para a formação do Gabinete de Candidatura à UNESCO, era constituído pelo Reitor, Pró-Reitores, Ana Paula Amendoeira, Maria Fernandes, Vítor Mestre e Nuno Ribeiro Lopes. Cf. Documento de trabalho RESERVADO – 040219, supra citado.

<sup>21</sup> Cf. Anexo 2, de 08/04/2004, supra citado.

Além desta finalidade, estava previsto que o GPE desenvolvesse outros objetivos complementares<sup>22</sup>, que seriam, porém, importantes para a concretização da elaboração do *Dossier de Candidatura do Paço das Escolas*, designadamente, com a elaboração de um Plano de Gestão Patrimonial, um Plano Diretor do Núcleo, uma Carta de Utilização (com a diferenciação por utentes e funções), um Guião de Manutenção e Preservação do Património, a que se somavam a coordenação das intervenções, e a realização de projetos de intervenção, de reabilitação e de requalificação do Paço das Escolas.

A importância deste gabinete técnico e da sua atividade ficaria, todavia, ancorada ao contributo do Engenheiro Fernando Marques, ao estabelecer quatro princípios orientadores para uma gestão integrada do património universitário<sup>23</sup>.

Resumidamente, o seu contributo delineava:

1) O princípio de pedagogia, que visava esclarecer o conceito de salvaguarda do património e da eficácia da conservação preventiva, numa base pluridisciplinar, tendo como objetivo imediato a sensibilização da comunidade universitária.

2) O princípio de cumplicidade, que pretendia implementar e promover a confiança entre os agentes universitários com responsabilidade na gestão e na utilização do património edificado, beneficiando da ação de sensibilização prévia para as intervenções, de forma a transformar as resistências dos intervenientes em contributos para a valorização do processo.

3) O princípio de formação, que tinha como objetivo formar os quadros técnicos dos serviços competentes, de modo a concentrar as competências, ao nível do estudo, do projeto e do acompanhamento e fiscalização de intervenções.

4) E o princípio normativo, que equacionava desenvolver e criar metodologias e mecanismos internos, capazes de evitar intervenções pontuais e urgentes, que não estivessem enquadradas numa visão global, tendo em conta que estas poderiam prejudicar as características arquitetónicas e artísticas dos edifícios e, por inerência, a autenticidade do seu valor cultural.

Consequentemente, estes princípios foram assumidos como uma base teórica e metodológica consistente, operativa e propositiva para esta fase inicial do processo de candidatura. Tal significava que, com o aprofundar dos estudos, com a análise de conteúdos e com o desenvolvimento de projetos para intervenção no património, o desenho do limite do património a candidatar à UNESCO teria de ser, necessariamente, reajustado e expandido, a fim de refletir uma “arquitetura do conhecimento da UC”<sup>24</sup>.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Documento de fevereiro de 2004, anterior à constituição do GPE, compreendendo-se pelo conteúdo que seria uma orientação para uma atuação futura. Cf. *Informação n.º GPE/02-2004*, supra citada.

<sup>24</sup> Título do documento, da autoria de Nuno Ribeiro Lopes, “Arquitectura do conhecimento da Universidade

## A arquitetura do conhecimento da UC

Constituído enquanto equipa operativa para a elaboração da candidatura, o GPE, concomitantemente com o início de funções, também arrancava o desenvolvimento do processo formal de candidatura da UC à LPM. A cooperação entre a estrutura de candidatura da universidade e a CNU designou que a UC fosse inscrita na Lista Indicativa dos Bens Portugueses ao PM, Cultural e Natural da UNESCO, num processo célere. Com efeito, esta informação foi divulgada no I Encontro Ibérico de Gestão do Património Mundial, realizado entre 14 e 15 de maio de 2004, em Lisboa.

Num documento preparatório<sup>25</sup> para esta fase inicial da coordenação do GPE, o Arquiteto Nuno Ribeiro Lopes propunha uma metodologia de trabalho, tendo em conta que, em seis meses, deveria ser criado um gabinete oficial de coordenação. Este gabinete deveria ser composto por técnicos e especialistas, com competências para responder à exigência do processo e elaboração do *dossier*, designadamente, às suas especificidades ao nível das áreas candidatas e zona de proteção (ou tampão), da justificação do VUE, das metodologias e organização, do plano de gestão e da calendarização.

Um trabalho preparatório de diagnóstico e de avaliação também seria necessário para se perceber o volume de trabalho, as equipas e os meios adequados. Após a estabilização, com os ajustes apropriados da equipa, dos dados e da informação, esta estrutura passaria a ser, de um modo oficial, o Gabinete de Candidatura.

Para equacionar e compatibilizar todas as vertentes, Ribeiro Lopes apresentava um diagrama que suportasse o compromisso assumido, intitulado “Processo de planificação para a elaboração de planos de gestão/conservação (a adaptar durante a fase de candidatura)”.<sup>26</sup> Esta apresentação esquemática articulava as metas a atingir para as atividades a realizar, ou seja, para os estudos e investigação, para a análise de conteúdos e para as respostas ao nível dos

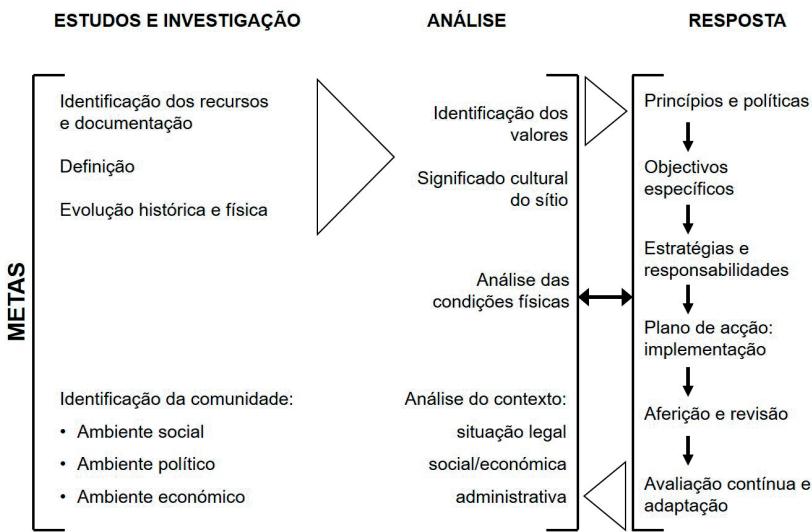
---

de Coimbra. Proposta de metodologia de intervenção da zona candidata a Património da Humanidade (complemento à proposta entregue anteriormente), sem data – embora sequencial ao documento “Candidatura da UC à inclusão na Lista do Património Mundial da UNESCO”. Cf. UC-AS, CPM [documental]: Pasta Programação da Candidatura.

<sup>25</sup> Documento intitulado “Candidatura da UC à inclusão na Lista do Património Mundial da UNESCO”, de Nuno Ribeiro Lopes, sem data, embora pelo conteúdo se presuma que seja coevo aos documentos da autoria de Fernando Marques (*Informação n.º GPE/02-2004*) e de Raimundo Mendes da Silva (*Documento de trabalho RESERVADO – 040219*), já citados, mas anterior ao ofício informativo enviado por Seabra Santos ao Banco Totta, em 08/04/2004. Cf. UC-AS, CPM [documental]: Pasta Programação da Candidatura.

<sup>26</sup> O diagrama mencionado acompanha o documento intitulado “Candidatura da UC à inclusão na Lista do Património Mundial da UNESCO”, de Nuno Ribeiro Lopes, previamente citado. Cf. UC-AS, CPM [documental]: Pasta Programação da Candidatura.

resultados e instrumentos, como exemplificado na reprodução do diagrama original (fig. 1), tendo em conta as interdependências entre cada campo e/ou cada fase de trabalho.



**Fig. 1.** Reprodução do diagrama “Processo de planificação para a elaboração de planos de gestão/conservação (a adaptar durante a fase de candidatura)”, da autoria de Ribeiro Lopes.

Todavia, seria com o documento sobre a *arquitetura do conhecimento da UC*, que Nuno Ribeiro Lopes fazia uma revisão de tudo o que havia sido equacionado, desde 2003. Nessa revisão levada a cabo por si, salientava que um dos primeiros problemas do processo decorria da inconstância da delimitação do bem candidato, uma vez que as propostas de critérios justificativos não estavam a concorrer para justificar o bem que então estava a ser determinado.

Analizando e equacionando os antecedentes interrelacionais entre a UC e a cidade, o Arquiteto Ribeiro Lopes propunha duas possibilidades para definir e trabalhar toda a candidatura: um âmbito mais alargado que, como aclarava, incluía “imóveis fora da jurisdição da Universidade”<sup>27</sup> e, um âmbito mais restrito, incluindo apenas imóveis da propriedade da UC.

Para o âmbito mais abrangente, seriam considerados edifícios dentro de uma área alargada de parte da Alta, como o núcleo do Paço das Escolas; os Colégios de S. Jerónimo, de São Bento, das Artes, de Santo Agostinho, da Trindade e de Jesus; o Jardim Botânico; Sé Nova e Sé Velha; Laboratório Químico; todos os

<sup>27</sup> Cf. Documento “Arquitetura do conhecimento da UC”, supra citado.

seis edifícios do Estado Novo; e as Repúblicas da Alta. Também eram considerados edifícios dentro de uma área abrangente da Baixa, tais como os Colégios da Sofia, do Carmo e da Graça, a Igreja de Santa Cruz e os Jardins da Manga e da Sereia, colocando dúvidas na inclusão dos edifícios do MNMC, da Igreja de S. João de Almedina, do Antigo Colégio das Artes-Inquisição e do Palácio de Sub-Ripas. A justificação para estas dúvidas prendia-se com os projetos e intervenções que estavam a decorrer nesses edifícios, note-se.

Para o âmbito mais restrito, por seu turno, seriam considerados o núcleo do Paço das Escolas; os Colégios de Jesus e da Sé Nova, da Trindade, de São Bento; o Jardim Botânico; o Laboratório Químico; os edifícios do século XX (Arquivo, Biblioteca Geral, Faculdades de Letras e de Medicina, e os edifícios da Física, da Química e da Matemática); e as Repúblicas da Alta, levantando dúvidas na inclusão dos edifícios dos Colégios de São Jerónimo e das Artes e, ainda, do Palácio de Sub-Ripas, também devido aos projetos de intervenção que estavam em curso.

Qualquer uma das hipóteses avançadas por Ribeiro Lopes relacionava a arquitetura existente da UC à sua história e ao papel que a UC deveria assumir, independentemente das vicissitudes históricas e valores intrínsecos que estivessem associados a qualquer um dos edifícios. Esta lógica concorria para estabelecer que a estratégia do protagonismo e justificação da candidatura deveria incidir na evolução histórica da UC e na sua importância ao longo dos tempos, como um todo consistente, cujo legado havia contribuído e tido influência para o desenvolvimento do conhecimento, do ensino e da ciência, da arquitetura e da construção, da língua, da cultura e das artes, ou seja, da história em geral, ao nível da cidade, do país e do mundo.

Atendendo a estas evidências, Ribeiro Lopes defendia que a coerência e o sentido da candidatura deveriam corresponder a um desenho de limites referenciado não só a um conjunto de edifícios de valor histórico e simbólico, mas à área urbana que representasse e incluisse “o que hoje é e foi a Universidade de Coimbra”<sup>28</sup>. Deste modo, a definição da área candidata e da área de proteção ou tampão apresentava-se como um fator de suma importância para a determinação do âmbito da candidatura e para a sua futura avaliação, podendo ser, por conseguinte, decisiva no sucesso dos seus objetivos.

Aliado a este entendimento, o próprio sublinhava que o sucesso da candidatura também ficaria igualmente dependente da qualidade das ações, instrumentos e normas que fossem produzidos e que garantissem a eficaz proteção do património da área candidata e da área tampão, futuramente. Ou seja, não

---

<sup>28</sup> Idem.

deveria ser dada uma atenção, apenas e exclusiva, ao património constituinte do bem candidato, através de projetos e planos qualificados de intervenção para a reabilitação e para a conservação. Essa atenção dedicada à proteção e salvaguarda de património deveria ser partilhada com o património constituinte da zona tampão, uma vez que, de acordo com a Lei de Bases do Património Cultural<sup>29</sup>, essa área tampão do bem listado como PM seria, consequentemente, constituída como zona especial de proteção do futuro Monumento Nacional.

Sobre esta base evolutiva de princípios políticos, estratégicos, teóricos e metodológicos, em outubro de 2004, era constituído o Gabinete de Candidatura à UNESCO (GCU), que passaria a ser o gabinete único para a coordenação e resposta de todas as ações afetas à candidatura, tanto ao nível da produção de conteúdos para o processo, como ao nível dos projetos de requalificação e reabilitação sobre o património.

Na sequência da estabilização do trabalho desenvolvido pelo GCU, durante o ano de 2005<sup>30</sup>, o Pró-Reitor Raimundo Mendes da Silva assumia que o projeto de candidatura da UC à UNESCO era um contrato de futuro, de longo prazo e de fidelidade, “em que, pondo-nos na mão do mundo, aceitamos a responsabilidade de preservar o legado que a história nos entregou”<sup>31</sup>.

O GCU ficaria em funções de gestão e de representação institucional do bem UC-AS, até ser constituída (por escritura em cerimónia pública de 29 de dezembro de 2011) a RUAS – Associação Univer(s)cidade<sup>32</sup>, a qual passaria a desempenhar aquelas funções.

## Considerações finais

Em diversos momentos, a história das instituições confunde-se, por e em várias circunstâncias, com a visão das pessoas que as dirigem e/ou que nelas trabalham.

<sup>29</sup> Lei n.º 107/2001, de 8 de agosto.

<sup>30</sup> O ano de 2005 foi considerado o ano do arranque oficial da candidatura: em 9 de março, a Comissão Científica de acompanhamento da candidatura à UNESCO reunia pela primeira vez, na Reitoria, tomando conhecimento do trabalho desenvolvido pela CNU e pelo Grupo Interministerial para a coordenação e acompanhamento das candidaturas de bens portugueses à LPM, sobre a constituição da Lista Indicativa de bens portugueses; em 19 de abril, o Reitor Seabra Santos oficializava um guião intitulado “Projecto de Candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial da UNESCO” (UNIVERSIDADE DE COIMBRA 2005), numa cerimónia na Biblioteca Joanina. Cf. PT/UC/GNI/AGCU/UC-ASPM; e CAPELA DE CAMPOS (2019).

<sup>31</sup> Apresentação do projeto de candidatura da UC à UNESCO, realizada pelo Pró-Reitor, em 22 de setembro de 2005, na Conferência Internacional “A imagem dos Centros Históricos – bases para a sua salvaguarda”. Cf. PT/UC/GNI/AGCU/UC-ASPM: [digital].

<sup>32</sup> Os sócios fundadores da RUAS foram a UC, a CMC, a Direção Regional de Cultura do Centro e a Sociedade de Reabilitação Urbana – Coimbra Viva SRU (extinta em 2016), ancorando todas as entidades com responsabilidade na gestão do património afeto ao bem candidato.

Um dos últimos capítulos da história da UC consagrou-se ao reconhecimento internacional do seu declarado VUE, ao ser inscrito, em 22 de junho de 2013, o bem UC-AS na LPM e, em 7 de julho de 2019, ao ser alargado o desenho do seu limite para incluir o MNMC.

Contudo, o processo de candidatura, cuja génese remonta ao ano de 2003, constitui-se, em si próprio, num “volumoso dossier de informação e estratégia” – como referiu Ribeiro Lopes – que permanece disponível ao estudo, sob várias perspetivas.

O propósito deste trabalho incide sobre um dos vetores de leitura, relativo ao arranque do processo de candidatura a PM da UNESCO liderado pela UC, que importa equacionar e articular, através do mapeamento das ações e da influência que os protagonistas imprimiram ao seu desenvolvimento. Nesse sentido, o mapeamento do processo sublinhou os pontos de vista político, teórico e conceptual para o desenho da candidatura, bem como, os pontos de vista estratégico e prático para a concretização e resposta formal aos pressupostos e exigências da mesma.

Mas não terá sido irrelevante a informação “prévia” existente e decorrente de uma fase anterior, de tentativas e de intenções de candidatar a Alta de Coimbra (sobretudo) à LPM. De facto, a grande variação que se percebe entre as duas fases processuais de candidatura em Coimbra – de 1982 a 1998 e de 2003 a 2013 – assume-se como uma mudança de paradigma sobre o objeto de candidatura à UNESCO.

Essa leitura foi efetivada pelo Reitor Fernando Seabra Santos, que determinaria a candidatura da UC a PM como um Projeto Especial da sua equipa, à luz de uma quarta dimensão da universidade – a diplomacia cultural.

Além das questões formais, exigidas a estes processos, sublinham-se os argumentos que concorriam para o sucesso da candidatura da UC à UNESCO, em detrimento da candidatura da Alta: a necessidade de grande investimento no conjunto do património urbano notável e anónimo, público e privado; a alteração do foco justificativo da candidatura da cidade a favor da universidade; o facto de a UC passar a concorrer numa categoria sub-representada da LPM, as UPM. Adicionalmente, a UC passava a liderar o desenvolvimento do processo de candidatura, beneficiando dos processos de produção de conhecimentos, conteúdos e estudos, e de projetos de intervenção sobre o património universitário, que se tinham iniciado na década de 90 do século XX.

Em rigor, não obstante a estratégia determinante e formalizada sobre a alteração do bem a candidatar, do ponto de vista de uma candidatura bem-sucedida, a UC-AS concordava para redesenhar o âmbito dos valores contemporâneos do património, interligando o valor material ao imaterial. Através da arquitetura

do conhecimento da UC, o desenho estratégico da candidatura estabelecia essa articulação entre a arquitetura, o património universitário e os espaços urbanos que, desde cedo, estabeleceram a inter-relação univer(s)cidade, designadamente, com os espaços da produção do conhecimento, da ciência, da arte, da cultura e, em particular, com os espaços da lusofonia.

As candidaturas à LPM devem ser uma oportunidade para se pensar a cidade que queremos e desejamos para o futuro, na expectativa de que as práticas e os valores contemporâneos do património irão beneficiar dos seus processos, das suas leituras e opções. A UC não desperdiçou, em 2003, a oportunidade e o designio de pensar Coimbra de amanhã, ao perspetivar o seu papel de liderança neste processo dedicado à cultura, assim como ao assumir a responsabilidade e o compromisso de futuro assente na valorização do património universitário.

## Bibliografia

- AAEC. (1991). *A velha Alta... desaparecida. Álbum comemorativo das Bodas de Prata da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra.* (2.a Ed.). Coimbra: Almedina.
- AGUIAR, J., CORREIA, J., & SILVA, C. S. (2011, Fevereiro). “Conversas: Reitor Fernando Seabra Santos”. *Construção Magazine: Revista Técnico-científica de Engenharia Civil, Dossier: Intervenção no Património da Universidade de Coimbra* (41), 4–7.
- CABRAL, C. B. (2011). *Património cultural imaterial: convenção da Unesco e seus contextos.* Lisboa: Edições 70.
- Câmara Municipal de Coimbra, Gabinete para o Centro Histórico, Processo Património Mundial 2014/CH.chDCH/3, GCH: *Documento Preliminar de Candidatura a Património Mundial – Coimbra, 1997; Pasta 3/8; Pasta 4/8.*
- CAPELA DE CAMPOS, J. (2019). *Candidatura a Património Mundial como operador de desenvolvimento urbano: o caso da Universidade de Coimbra - Alta e Sofia.* (*Doutoramento em Arquitetura, DARQ-FCTUC*). <http://hdl.handle.net/10316/87094> (consultado em 15 de novembro de 2019).
- CAPELA DE CAMPOS, J., & MURTINHO, V. (2018). “Segundo o fio de Ariadne: a Cidade Universitária de Coimbra como património glocal”. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, (XXXI), 163–187. [https://doi.org/10.14195/2182-7974\\_31\\_1\\_6](https://doi.org/10.14195/2182-7974_31_1_6) (consultado em 10 de novembro de 2019).
- CAPELA DE CAMPOS, J.; MURTINHO, V. (2020). “Redesenhando os limites do património: o novo contorno da área Património Mundial da Universidade de Coimbra – Alta e Sofia”, in Rui Jacinto (coord.), *As Novas Geografias dos Países de Língua Portuguesa: Cooperação e Desenvolvimento. Coleção Iberografias* 38, 385-400. Guarda/Lisboa: CEI-Centro de Estudos Ibéricos/Âncora Editora.

- DARQ (ed.). (1997). *A Alta de Volta: concurso de ideias para o plano de reconversão dos espaços dos colégios de S. Jerónimo, das Artes, Laboratório químico e área envolvente*. Coimbra: EDARQ – DARQ-FCTUC.
- FILIPE, S., ALCOFORADO, A., FERNANDES, M., & MURTINHO, V. (2019, Janeiro). *Modifications to World Heritage Properties – Annex 11: Minor Modifications to the Boundaries of World Heritage Properties*. (V. Murtinho, ed.). Universidade de Coimbra.
- FRANCO, M. de S. (1983). *O programa «Coimbra antiga e a vivificação dos centros históricos» promovido pelo Museu Nacional de Machado de Castro em 1981-1983*. Coimbra: MNMC.
- FRANCO, M. de S. (1984). *Quatro anos na direcção do Museu Nacional de Machado de Castro*. Coimbra: MNMC.
- GAAC - Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (ed.). (1988). *Alta de Coimbra: história - arte - tradição. Actas do 1º Encontro sobre a Alta de Coimbra, de 23 a 28 de Outubro de 1987*. (1.a Ed.). Coimbra: GAAC.
- GAAC - Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (ed.). (1995). *A Alta de Coimbra que futuro para o passado? 2º Encontro sobre a Alta de Coimbra. Exposição documental, Arquivo da Universidade, 22 de Outubro a 5 de Novembro de 1994*. Coimbra: Arquivo da Universidade.
- GRANDE, N., & LOBO, R. P. (eds.). (2005). *CidadeSofia: cidades universitárias em debate*. (Actas do Seminário Internacional CidadeSofia, Coimbra, 2003). Coimbra: EDARQ – DARQ-FCTUC.
- LOBO, R. P. (1999). *Santa Cruz e a rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. (Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica). DARQ-FCTUC, Coimbra.
- LOBO, R. P. (2006, Setembro). “Os colégios universitários de Coimbra - enquadramento na arquitectura universitária europeia e seriação tipológica”. *Monumentos 25 - Dossier Coimbra, da Rua da Sofia à Baixa*, (25), 32–45.
- LOBO, R. P. (2010). *A Universidade na cidade: urbanismo e arquitectura universitários na Península Ibérica da Idade Média e da Primeira Idade Moderna* (Doutoramento em Arquitetura, DARQ-FCTUC). <http://hdl.handle.net/10316/14585> (consultado em 20 de novembro de 2019).
- LOPES, N. R. (2012, Dezembro). “O porquê da candidatura”. *Rua Larga: Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra*, (36), 30–31.
- PIMENTEL, A. F. (1998, Março). “*Domus Sapientiae O Paço das Escolas*”. *Monumentos 8 - Dossier Universidade de Coimbra*, (8), 34–39.
- PIMENTEL, A. F. (2005). *A morada da sabedoria: o Paço Real de Coimbra – das origens ao estabelecimento da Universidade*. Coimbra: Almedina.
- ROSMANINHO, N. (1996). *O princípio de uma «revolução urbanística» no estado novo os primeiros programas da Cidade Universitária de Coimbra, 1934-1940*. Coimbra: Minerva.
- ROSMANINHO, N. (2002). *O poder da arte : o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra* (Doutoramento, Universidade de Coimbra). <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/636> (consultado em 15 de novembro de 2019).

- ROSMANINHO, N. (2006). *O poder da arte: o estado novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- SANTOS, F. S., & ALMEIDA FILHO, N. de. (2012). *A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento*. Coimbra; Brasília: Imprensa da Universidade de Coimbra; Editora UnB.
- SANTOS, F. S., SERRA, C., OLIVEIRA, A. R. de, ANTUNES, J., MAIA, C., & PIMENTEL, A. F. (2003, Julho). *Universidade de Coimbra, Património Mundial*. (J. G. Monteiro, ed.). Universidade de Coimbra.
- SILVA, J. M. A. e. (1988). “Os salatinas da Alta, fundadores forçados do Bairro de Celas”, in GAAC (ed.), *Alta de Coimbra: história - arte - tradição* (Actas do 1º Encontro sobre a Alta de Coimbra, de 23 a 28 de Outubro de 1987), 135–142. Coimbra: GAAC.
- UNESCO Intangible Cultural Heritage Section. (2016). *Basic Texts of the 2003 Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage*. [https://ich.unesco.org/doc/src/2003\\_Convention\\_Basic\\_Texts-\\_2016\\_version-EN.pdf](https://ich.unesco.org/doc/src/2003_Convention_Basic_Texts-_2016_version-EN.pdf) (consultado em 21 de novembro de 2019).
- UNESCO World Heritage Centre. (2016). *Basic Texts of the 1972 World Heritage Convention*. <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002449/244911e.pdf> (consultado em 21 de novembro de 2019).
- Universidade de Coimbra, Gabinete para as Novas Instalações, Arquivo do Gabinete de Candidatura à UNESCO, Processo Universidade de Coimbra – Alta e Sofia, Candidatura a Património Mundial [digital].
- Universidade de Coimbra, Gabinete para as Novas Instalações, Arquivo do Gabinete de Candidatura à UNESCO, Processo Universidade de Coimbra – Alta e Sofia, Candidatura a Património Mundial [documental]: Pasta Informações 2004|2005 2006|2007; Pasta Património | Textos diversos; Pasta Programação da Candidatura.
- UNIVERSIDADE DE COIMBRA. (2005). *Projeto de Candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- VÍTOR, A. F. (1999). “A edificação das novas instalações do Arquivo”. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, XVII e XVIII (1997-1998), 171–225.

# **RECENSÕES**



**CALLEJA PUERTA, Miguel e DOMÍNGUEZ GUERRERO, María Luisa (coords).** (2018). *Escritura, notariado y espacio urbano en la Corona de Castilla y Portugal (siglos XII-XVII)*. Gijón, Trea. 429 pp., ISBN: 978-84-17140-99-1.

A obra *Escritura, notariado y espacio urbano en la Corona de Castilla y Portugal (siglos XII-XVII)*, dirigida por Miguel Calleja-Puerta e María Luisa Domínguez-Guerrero, apresenta os mais importantes resultados de um projeto de investigação, com o mesmo título, que se desenvolveu entre 2016 e 2018, com a participação de diversas universidades espanholas e uma universidade portuguesa. Foi precisamente neste último ano que teve lugar um encontro científico de todos os investigadores desse projeto na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sendo, em grande medida, o volume em apreço o resultado dessa iniciativa. As vinte contribuições de especialistas castelhanos e portugueses versam sobre as dinâmicas de implantação e consolidação do notariado (agentes e *praxis documental*), bem como dos demais agentes e práticas de escrita em cidades e em alguns meios rurais dos reinos de Castela e Portugal, e ainda em espaços ibero-americanos, entre o século XII e o século XVII. Tratando-se de um tema já com largo espectro de investigação, sobretudo em Espanha, a relevância desta obra reside na perspetiva comparada que encerra, quer no interior do reino de Castela, quer na relação com o caso português, incidindo sobre espaços urbanos e espaços rurais, e na longa duração que abarca. Na verdade, o facto de se terem ultrapassado as fronteiras clássicas do período medieval e de se terem incluído os primeiros séculos da Idade Moderna, possibilitou espreitar a transferência e adaptação das práticas notariais em territórios extra peninsulares, nomeadamente em espaço ibero-americano. Este olhar geográfico e cronologicamente abrangente constitui uma novidade e um desafio para este e outros trabalhos historiográficos.

A obra, dedicada a María Josefa Sanz Fuentes pelo seu papel nos estudos em Diplomática, é constituída por uma apresentação introdutória, da autoria de Pilar Ostos-Salcedo, à qual se seguem os contributos dos autores, um capítulo de encerramento com as mais importantes conclusões de cada artigo e da obra em geral, redigido pelos seus coordenadores, e, finalmente, uma muito útil compilação de todas as obras citadas ao longo do livro, tornando-se, assim, porventura, a mais atualizada e completa recolha bibliográfica de que dispomos hoje sobre o tema da obra.

Os artigos encontram-se organizados segundo uma ordem que é maioritariamente cronológica, sem qualquer divisão por subtemas ou capítulos. Esta opção privilegia uma perspetiva evolutiva de longa duração do tema (que é, de resto, o objetivo da obra), mas secundariza o enfoque a problemáticas específicas que,

assim, se encontram dispersas por diferentes artigos. Considerando o arco cronológico que esta obra contempla, podemos afirmar que diversos artigos tendem a abranger intervalos cronológicos superiores a um século, sendo preponderante o enfoque em torno dos séculos XIV e XVI (sete e seis estudos, respectivamente), e menos estudados os séculos XII e XVII, ambos com apenas um estudo. Os séculos XIII e XV são abordados em cerca de quatro artigos cada. Este simples exercício permite entrever, por um lado, manchas cronológicas onde tendemos a saber mais sobre notariado peninsular (muito provavelmente por via de fontes de informação mais ricas e mais bem conservadas, e pelo renovado interesse dos seus estudiosos) e fatias de tempo em que nos falta, literalmente, percorrer muito caminho, como no caso do século XVII e dos espaços extra peninsulares. Uma agradável surpresa, nesta obra, é o conjunto de trabalhos sobre o século XVI, um período pós-medieval *stricto sensu*, que aqui se comprova amplamente desafiante sob o olhar de diplomatas e de medievalistas.

Procurando identificar os principais assuntos tratados ao longo desta obra, podemos afirmar que se destacam, pelo menos, cinco perspetivas de estudo da escrita e do notariado castelhano e português. Em primeiro lugar, as reflexões em torno das origens do notariado e das suas dinâmicas de implantação em diferentes contextos jurisdicionais, como nos artigos de Miguel Calleja-Puerta (*Institución notarial y transferencias culturales en los reinos de Castilla y León antes de 1250*), Carmen Guerrero-Congregado (*La implantación del notariado público en Córdoba, 1242-1299*), Roberto Antuña Castro (*La implantación del notariado público en el señorío episcopal oventense: el Occidente de Asturias*) e Néstor Vigil Montes (*El notariado público en los señoríos eclesiásticos y laicos en el Reino de Portugal, siglos XIII-XIV*). Noutro conjunto de artigos, os autores procuraram analisar e caracterizar a produção escrita notarial, quer do ponto de vista da sua vertente jurídica, como em Antonio J. López Gutiérrez (*Génesis y tradición del documento notarial castellano a través de las fuentes legales afonsinas*) e Elena Albarrán-Fernández (*La evolución de las cláusulas penales en la praxis notarial asturiana de los siglos XIII y XIV: inercias y câmbios*), quer da sua vocação de registo documental, como em Maria João Oliveira e Silva (*Os mais antigos livros de notas dos tabeliães do Porto, séc. XVI*) e María Luisa Domínguez-Guerrero (*Los primeros escribanos en Perú: el Libro Becerro de los Conquistadores*). Um terceiro grupo de artigos parece centrar-se em torno da caracterização do ofício notarial no que concerne a sua nomeação, regulamentação e perfil sócio-político, uma vez mais em contextos jurisdicionais diferenciados e em espaços de atuação urbanos e rurais. São disso exemplo os estudos de Pilar Ostos-Salcedo (*Aproximación a los escribanos públicos de Sevilla durante la segunda mitad del siglo XIV*), Maria Cristina Cunha (*Notariado público no*

nordeste de Portugal: o caso de Torre de Moncorvo, séc. XIV), Federico Ortega Flores (Los escribanos públicos de Moguer (Huelva) en el siglo XVI) e Juan M. de la Obra Sierra y María José Osorio Pérez (Una aproximación a los escribanos de las Alpujarras tras da explosión de los moriscos). Um outro conjunto de artigos privilegiou o estudo de casos particulares, fornecendo o retrato profissional de destacados e/ou bem documentados notários públicos, como nos artigos de Ricardo Seabra (Rodrigo Aires, tabelião na cidade e termo do Porto e criado do rei de Portugal (1469-1500): um estudo de caso), Sebastián Guerrero Gómez-Pimpollo (Cristóbal de la Becerra, escribano público en la Sevilla del siglo XVI) e Guillermo Fernández Ortiz (Actuación rural del notariado en la Asturias del Antiguo Régimen: Bartolomé García de Somines, escribano público en el alfoz de la puebla de Grado, 1606-1634), e ainda uma reflexão sobre a relação entre tipos gráficos de génesis documental e a produção livresca, em Carmen del Camino Martínez (Notarios, escritura y libros jurídicos. Algunas consideraciones). Finalmente, um último leque de artigos parece congregar as reflexões em torno de escrita e espaço urbano, ou, dito de outro modo, em torno do campo da Diplomática municipal. É o caso dos artigos de José Miguel López Villalba (Evolución político-diplomática de la potestad normativa en los concejos medievales. ?Del Derecho foral-consuetudinario al individualismo legislativo?), Marcos Fernández Gómez (Las cuentas del concejo. El mayordomazgo mayor de Sevilla, siglos XIV-XVI), María Josefa Sanz Fuentes (Las cuentas del concejo. Una aproximación desde la Diplomática) e Rocío Postigo-Ruiz (Análisis diplomático y edición de algunos de los más antiguos padrones de la tierra de Sevilla, 1407-1408).

Coordenada por dois reconhecidos diplomatistas e medievalistas espanhóis e redigida pelos mais reputados especialistas peninsulares, esta obra constitui um marco fundamental na atualização dos estudos sobre escrita, cidades e notariado, num período cronológico e numa geografia invulgaramente amplos. Dois desafios parecem desenhar-se com a edição desta obra: aos autores e editores, trata-se de procurar persistir neste filão de pesquisa comparativa; à historiografia portuguesa e, muito especialmente, à Diplomática, trata-se de promover o desenvolvimento sustentado dos estudos sobre o notariado em todo o reino de Portugal, e estender esse olhar para o seu território ultramarino, a fim de que a comparação entre reinos peninsulares se possa cumprir.

FILIPA ROLDÃO

Universidade de Lisboa, Centro de História, Faculdade de Letras

anaroldao@campus.ul.pt

<https://orcid.org/0000-0001-8760-6133>



DÁVILA, Maria Barreto (2019). *A Mulher dos Descobrimentos: D. Beatriz, Infanta de Portugal*. Prefácio de João Paulo Oliveira e Costa. Lisboa: A Esfera dos Livros, 303 pp., ISBN: 978-989-626-869-5.

Este livro de Maria Barreto Dávila corresponde à sua tese de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, intitulada *Governar o Atlântico: A infanta D. Beatriz e a Casa de Viseu (1470-1485)* e apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2016). A Autora é, atualmente, bolsista de pós-doutoramento no CHAM – Centro de Humanidades, onde desenvolve um projeto de investigação sobre “Género, Espaços e Poder: representações da autoridade feminina na corte portuguesa (1438-1521)”, continuando a estudar a relação entre as mulheres e o poder no crepúsculo da Idade Média.

Inserida no campo dos estudos de género, esta obra tem a particularidade de se focar na participação de uma mulher, a infanta D. Beatriz, nos Descobrimentos, que a Autora define como sendo um “processo de conhecimento global, que permitiu a descompartmentalização do mundo” (p. 9). Assume, todavia, uma dimensão biográfica, avaliando-se diversos momentos da vida de D. Beatriz ou episódios da História de Portugal em que a infanta desempenhou um papel preponderante. Além do prefácio do orientador da Autora e da introdução da obra, na qual se discute a produção historiográfica sobre os estudos de género em Portugal e onde se enuncia o objetivo da investigação – nomeadamente “como é que a élite feminina exercia o seu poder político em Portugal no século XV –, o livro” (p. 12) encontra-se organizado cronologicamente e compõe-se de três partes distintas.

Em *Beatriz: Uma Infanta de Avis*, abordam-se os antecedentes familiares da infanta. A Autora começa por apresentar a vinculação da biografada à Dinastia de Avis e à Casa de Bragança e prossegue com a dotação e instituição da casa do infante D. João, seu pai. Aqui sente-se a falta de algum tipo de auxiliar (um genograma a ilustrar a imbricada teia relacional dos membros da referida dinastia, muitos dos quais homónimos) que facilitasse a leitura de uma narrativa que, não obstante, é muito bem desenvolvida.

Depois é conferida atenção ao casamento de D. Beatriz com o infante D. Fernando, filho do rei D. Duarte, filho adotivo do infante D. Henrique e seu sucessor no ducado de Viseu e na ordem de Cristo. Aqui seria igualmente interessante aprofundar-se mais sobre *todo* o património da Casa de Viseu-Beja administrado pela biografada, comparando-o porventura com o da Casa de Bragança. Compreende-se, porém, a opção da Autora, cuja intenção foi estudar D. Beatriz.

As últimas páginas da primeira parte iniciam-se com a Batalha de Alfarro-

beira. Discute-se, depois, o falecimento do duque de Viseu-Beja, esposo de D. Beatriz, em 1470, que resultou na entrega do comando da Casa de Viseu-Beja à infanta e, principalmente, no protagonismo desta senhora no espaço atlântico e na vida política portuguesa, no contexto da morte e menoridade dos seus três filhos, D. João, D. Diogo e D. Manuel – um protagonismo, em todo o caso, dependente até 1478 da autoridade de D. Fernando, segundo duque de Bragança e seu tio, a quem sucedeu como “defensora das Casas de Viseu e Bragança junto de D. João II” (p. 56).

A segunda parte ocupa-se da administração dos bens que os filhos de D. Beatriz herdaram do pai – *A Duquesa de Viseu e de Beja*. Começa por estudar a sua intervenção na Madeira, Açores e Cabo Verde, que coincidiu com a entrega do comércio da Guiné a Fernão Gomes, a condução da Expansão pelo príncipe D. João e a guerra com Castela, consolidando as práticas administrativas de D. Henrique e D. Fernando (instituição de capitarias e concessão de terra em sesmarias). No que diz respeito às ordens militares, deteta uma interferência da Coroa no sentido de evitar a concentração dos mestrados de Santiago e Cristo num único titular.

O nono capítulo do livro é bastante interessante porque responde à seguinte questão: “Uma mulher à frente dos Descobrimentos?”. A Autora considera que o fim do monopólio da Casa de Viseu-Beja na costa africana, quando D. Afonso V doou o direito de navegação a Fernão Gomes, propiciou a exploração do Atlântico em busca de ilhas. Este redirecionamento, porém, foi iniciado ao tempo de D. Fernando e continuado após a sua morte, não havendo indicações de que D. Beatriz o tenha promovido.

Nos últimos capítulos da segunda parte, Maria Barreto Dávila avalia o impacto da guerra entre Portugal e Castela nos territórios insulares da Casa de Viseu-Beja. Justamente pelo facto de a sua casa ser afetada e também em virtude das relações de parentesco com as coroas portuguesa e castelhana, D. Beatriz foi mandatada para negociar a paz com a sua sobrinha e rainha de Castela, Isabel – daqui resultou o Tratado de Alcáçovas-Toledo, que dividiu o espaço atlântico, salvaguardando os interesses da casa, e as Terçarias de Moura, vila do ducado de Beja onde ficaram sob custódia de D. Beatriz, enquanto não casaram, o infante D. Afonso e Isabel, filha dos Reis Católicos.

Por fim, *Madre D'El Rei* ocupa-se dos últimos anos de vida da infanta D. Beatriz e da sua derradeira participação na vida política portuguesa. Debatem-se o princípio do reinado de D. João II e as circunstâncias que logo depois levaram à execução do terceiro duque de Bragança, D. Fernando, e ao assassinato do duque de Viseu e Beja, D. Diogo. Se, nesta ocasião e, depois, com a entrega da Casa de Viseu-Beja a D. Manuel, a participação de D. Beatriz foi pouco expressiva, limitando-se, tanto quanto parece, ao auxílio à

administração do património do filho, diferente seria o período que se seguiu.

Em “D. Manuel, o Venturoso”, Maria Barreto Dávila discute a sucessão de D. João II e o projeto que colocou o seu filho bastardo, D. Jorge, na linha de sucessão no trono após morte do infante D. Afonso, em 1491. Infelizmente, este capítulo limita-se a resumir a sucessão dos acontecimentos, faltando-lhe uma tentativa de interpretação sobre qual teria sido o papel de D. Beatriz, que, juntamente com D. Leonor e Isabel, a Católica, protagonizou mais ativamente a oposição àquele projeto. Os últimos capítulos dedicam-se à sua presença na corte do filho; à sua transferência para Beja; e, em jeito de conclusão, à “Construção da Memória Familiar” e à morte de D. Beatriz.

As conclusões às quais se chega são bem sustentadas e apresentadas de forma clara. O protagonismo da infanta D. Beatriz foi possibilitado pelo falecimento do seu marido, D. Fernando, na medida em que foi enquanto tutora e administradora do património dos seus filhos que assumiu um papel de relevo nos grandes acontecimentos do século XV. Não se podendo dissociar o seu papel da importância da Casa de Viseu-Beja, naturalmente que o declínio da sua família, nos princípios do reinado de D. João II, implicou a cessação da sua atividade política, sendo depois retomada aquando da coroação do seu filho.

Num primeiro momento, assumiu-se como administradora de uma das principais casas senhoriais portuguesas do século XV. Em função dos seus interesses no Atlântico e devido às suas relações familiares com Isabel, a Católica, as negociações de paz com Castela começaram por ser conduzidas pela duquesa de Beja. Foi também neste contexto que lhe foi confiada a tutela dos infantes de Portugal e Castela e que, no segundo caso, articulou a sua posição com a dos monarcas vizinhos aquando da sucessão de D. João II. Depois de 1495, a sua atividade circunscreveu-se à vida familiar.

Assim, relativamente ao exercício do poder político pela élite feminina portuguesa, a Autora apresenta um trabalho muito bem conseguido, demonstrando as várias dimensões de uma aristocrata medieval: como filha, mulher e mãe da aristocracia, mas também como administradora de um vasto património, diplomata, negociadora e cortesã – enfim, como mulher dotada de um poder político que não se coíbe de exercer. Por isso, este livro constitui um importante contributo para a historiografia nacional e para o estudo da nobreza medieval, recuperando a relevância do género biográfico.

CRISTÓVÃO MATA

Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura

cristovaomat@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3682-0700>



GARCÍA HURTADO, Manuel-Reyes (ed.) (2019). *Soltando amarras. La costa noratlántica ibérica en la Edad Moderna*. Coruña: Universidade da Coruña, 2019, 398 pp., ISBN 978-84-9749-750-3.

Centésima sexagésima segunda publicação da secção de monografias do serviço de publicações da Universidade da Corunha, este livro de edição colectiva é composto por 13 textos, redigidos maioritariamente por investigadores espanhóis, professores e doutorandos em diversas universidades europeias, com a colaboração de dois portugueses, docentes na Universidade do Porto. Ainda que a introdução o não explice, a obra reúne o conjunto das comunicações apresentadas ao colóquio internacional realizado, com título semelhante, na Universidade da Corunha, entre os dias 30 de maio e 1 de junho de 2018. Foi organizado, este evento, no âmbito do projeto com a referência HAR2015-64014-C3-2-R, intitulado “Culturas urbanas: Dinámicas en ciudades y villas del litoral noroccidental ibérico”, financiado pelo Ministerio de Economía y Competitividad do governo de Espanha.

O principal objetivo deste livro é compreender as dinâmicas socioeconómicas da costa noroeste da Península Ibérica, desde a foz do Douro às Astúrias. Na resenha historiográfica exarada na introdução, o editor defende a necessidade de esmiuçar os contactos e os intercâmbios que em tempo de guerra ou em períodos de maior acalmia as comunidades, designadamente portuguesas e galegas, estabeleceram entre si. Não apenas através de relações comerciais, como também do corso e do contrabando, assuntos tão pertinentes quanto inexplorados. Se é verdade que a história marítima é parte inerente da identidade da Galiza, não menos verdade é que a identidade de Portugal tem ligação umbilical ao mar. Daí que talvez seja exagerada a propensão avassaladora do livro para o estudo das vilas e cidades do litoral galego, o que se perceberá melhor ao sobrevoar de forma sinóptica os vários textos que o compõem.

Apoiada nas descrições de roteiros, instruções náuticas e croquis legados por diversos cartógrafos e hidrógrafos, Olivier Chaline oferece uma abordagem sobre como os marinheiros do norte viam as costas da Galiza, salientando a importância conferida aos cabos Ortegal e Finisterra, especialmente relevantes em tempo de guerra, ora servindo como pontos de apoio, ora encarados como posições a bloquear ou atacar.

Segue-se o estudo de Paz Romero Portilla sobre o período áureo do porto da Corunha, a Idade Média. A partir de um vasto espólio de fontes primárias, depositadas em diversos arquivos, explica a importância do sal na dinamização económica do porto e cidade da Corunha, importante entreposto de carga e

descarga de mercadorias transacionáveis provenientes de vários territórios europeus, e cidade conectada às principais zonas do comércio internacional. Elucida o processo de monopolização régia dos direitos das salinas; analisa os privilégios e franquias concedidos às cidades galegas que estavam obrigadas a importar sal de Portugal; e examina a importância económica da chegada de navios de peregrinos à Corunha com destino a Santiago de Compostela.

O sal é também o tema do texto de Inês Amorim, reputada especialista no tema, que aqui estuda de que forma as relações transfronteiriças do noroeste peninsular ibérico condicionaram e foram condicionadas pelo comércio do sal aveirense, no período compreendido entre 1692 e 1714. Num primeiro momento esclarece como foi difícil estabelecer e normalizar os processos de medição do sal e explicita os factores que influíam na organização dos seus circuitos comerciais a partir da zona produtora aveirense. Num segundo momento analisa as rotas, agentes e volumes de sal saído do porto de Aveiro, medindo os impactos das convulsões políticas no âmbito da geografia das relações comerciais. Conclui que o porto de Aveiro era bastante dinâmico; dele saíam mais embarcações do que entravam; o sal, produto dominador dos circuitos, era alvo de rigoroso controlo administrativo, fiscal e alfandegário; e existia equilíbrio entre a quantidade do mineral que era transportada para portos portugueses e estrangeiros, notando-se, entre estes, o noroeste espanhol como destino preferencial.

Segue-se o estudo de Tomás Mantecón Movellán sobre o contrabando de moeda e metais preciosos durante a centúria de Seiscentos, período de agonia económica para os territórios espanhóis. Conhecido especialista no estudo da criminalidade nas cidades da Europa Atlântica, o autor proporciona ao leitor uma análise do contrabando respaldado nos agentes da governança; a envolvência na atividade contrabandista por parte dos agentes encarregados de velar ou custodiar a licitude das transações e mercancias; os agentes do tráfego ilegal; as relações de dependência criadas pelos vários protagonistas de negócios ilícitos e as penas impostas pelos tribunais seculares aos que caíam nas malhas da justiça. Demonstra-se, de forma segura, que no negócio o interesse se sobreponha à lei. Mais forte nas áreas portuárias e nas zonas de fronteira, este contrabando tanto era reprimido como social e institucionalmente tolerado, enquistando-se e fazendo-se enquistar em redes interpessoais complexas permeadas por interesses e interdependências.

As capitarias dos portos marítimos do norte peninsular é o tema subsequente. Marta Garralón empreende uma análise acerca de como elas apareceram em 1793, concebidas pela Secretaria da Marinha para a rede de portos da Monarquia hispânica, e como uma nova reforma, adotada em 1820, as

extinguiu. Na explicação para este ímpeto criativo, a autora realça as estratégias de colaboração entre instituições e profissionais do mar e a implementação de políticas centralizadoras que visavam uma administração mais racional, ordenada, homogénea e eficaz.

O livro prossegue com o texto de Pablo de la Fuente de Pablo, sobre a construção naval na Galiza em meados do século XVIII. O autor estuda a expansão industrial ferrolana, inserindo-a no contexto do aumento exponencial de importações de equipamentos navais do Báltico por parte da Marinha espanhola. Conclui que em Ferrol a construção de navios era muito significativa e que o abastecimento de madeira se deveu à capacidade de penetração dos agentes espanhóis nas redes comerciais holandesas. A criação de um consulado espanhol em Gdańsk foi decisiva para esse desfecho.

Seguidamente José Manuel Lijó procura captar a evolução da comunidade piscatória do Porto do Son no século XVIII, sobretudo a partir do momento em que incorporando boa parte dos fregueses da paróquia se constituiu como grémio ou corporação de mareantes. A dinâmica que aqui se estuda é a criação desta agremiação como forma de ação coletiva e resistência a conflitos surgidos em torno de limites geográfico-territoriais, questões de precedência em celebrações religiosas, ações de restauro da doca, realização de feiras e situações fiscais.

Por seu turno, tomando como exemplo os portos pesqueiros asturianos de Cudillero e Lastres, Manuel-Reyes Hurtado reconstitui as peripécias burocráticas e a complexidade do contexto em que surgiram os projetos de engenharia hidráulica aí levados a cabo, durante o século XVIII, para restauro das docas. Dá nota dos problemas e obstáculos enfrentados e a dinâmica das populações em busca de auxílio junto das autoridades. O que aqui se conclui é que, durante a Época Moderna, devido à burocracia, ao desinteresse modernizador da Coroa e à sua incapacidade de gestão, a estrutura portuária manteve-se estável, embora em situação de precariedade e vulnerabilidade ao nível defensivo.

Proteção e defesa também se faziam através de políticas de corso, como elucida o texto de Jorge Ribeiro. Detendo-se nos navios que zarpavam rumo à costa portuguesa com o objetivo de dar caça aos piratas e/ou navios mercantes inimigos, o autor reconstitui com foco incisivo o âmbito e estratégias de atuação da atividade corsária galega nas zonas de fronteira durante o século XIX, que eram viabilizadas, sobretudo, pela cumplicidade das populações portuguesas, uma espécie de prolongamento das atividades de contrabando.

O livro também explora temas religiosos. Anxo Lemos examina a devoção marcadamente mariana das gentes do mar nos santuários da Galiza barroca, ao passo que Pablo Bello averigua a importância dos ceremoniais públicos no período compreendido entre o último terço do século XVII e os finais do

século seguinte. De acordo com o primeiro, as práticas devocionais fizeram proliferar objetos de arte popular como os ex-votos que, associados à crença em aparições e milagres, fizeram aparecer novos lugares de culto. Para o segundo, as manifestações socioculturais mais importantes da religiosidade e imaginário populares da Galiza moderna, como a festa, a cerimónia e a liturgia, foram transcendendo o carácter estético, lúdico e solene para se conformarem numa pedagogia de doutrinação e disciplinamento. Um figurino assumido sobretudo pelas procissões que a Venerável Ordem Terceira da Penitência levava a efeito em várias urbes marítimas.

Álvaro Sancho é autor do penúltimo contributo do livro. Aí se analisa a evolução do “despacho de veredas”, sistema de comunicação com raízes medievais que consistia em fazer circular disposições oficiais através de um mensageiro particular que, calcorreando os diversos territórios, as publicava oralmente perante as autoridades locais e/ou vizinhos. Essencial para a ação de governo, assumiu características próprias na Galiza e vigorou até em 20 de abril de 1833, altura em que apareceram os boletins de província.

A obra encerra com o estudo de Ofélia Castelao e Iago Táboas sobre o sistema de apadrinhamento na Corunha durante os séculos XVIII e XIX. Através de dados estatísticos construídos a partir de fontes seriais, demonstra-se a heterogeneidade da população da Corunha. A maioria dos indivíduos que residia na cidade não era daí natural e parte importante não provinha sequer da Galiza. Os autores destacam a abundância de pessoal ligado aos correios marítimos e ao exército, cuja condição forânea e residência temporária não raro os levava a procurar padrinhos para os seus descendentes fora do círculo familiar.

O que se propõe, em suma, com este livro, é a elaboração de uma história marítima concebida fora do jargão tradicional, isto é, preocupada com abordagens que extravasam o campo militar da história naval e dos descobrimentos geográficos, estendendo-se por outros horizontes temáticos como as atividades económicas, as mentalidades, a história urbana, a história cultural e a história social. Neste sentido, ao considerar que o mar determinou as circunstâncias de vida, influiu no desenvolvimento económico e demográfico, influenciou a administração burocrática e militar, e possibilitou o desenvolvimento industrial das comunidades costeiras, esta obra assume-se como uma renovação da historiografia.

Evidentemente que os livros coletivos têm os seus fios condutores, implementam opções metodológicas, temáticas e cronológicas, deixando, quase sempre, campos a descoberto. Salientam-se os seguintes: no âmbito da história religiosa, o estudo do impacto das instituições de vigilância e disciplinamento no tráfego marítimo realizado entre os territórios galegos e portugueses; no domínio da

história dos impérios, a investigação sobre a intensidade dos contactos entre a Galiza e os territórios não europeus; e no campo da história cultural, a análise do impacto social do trânsito de galegos para Portugal e de portugueses para a Galiza.

O livro evidencia critérios de arrumação temática e cronológica, detetando-se uma lógica na narrativa. Nota-se, contudo, que a contribuição de Mantecón Movellán, apesar de cientificamente relevante encontra-se deslocada, já que, muito embora sugira, pelo título, uma abordagem genérica, incidente sobre a totalidade do espaço espanhol, foca-se sobretudo em Sevilha, território bem a jusante da costa norte-atlântica ibérica que é escopo geográfico-temático do livro.

Percebe-se, também, um cuidado de uniformização na estrutura e na forma dos textos. Apenas um deles, o redigido por José Lijó, ao não apresentar conclusão, parece ter escapado a esse controlo, ao que acresce o de Manuel-Reyes Hurtado se afastar também, pela sua prolixidade (totaliza 64 páginas), do padrão adotado pelos demais. É de salientar ainda, do ponto de vista formal, a padronização dos critérios de citação nas referências a fontes e bibliografia, constituindo exceção o facto de algumas das longas citações presentes no estudo de Manuel-Reyes Hurtado não estarem acompanhadas pela competente remissão à fonte.

Deteta-se, por fim, um compreensível desequilíbrio no tipo de abordagens, já que o serem mais iniciáticas, ou resultantes de pesquisas mais consolidadas, é reflexo das distintas fases em que se encontram as carreiras dos autores.

Dir-se-á, a terminar, que o livro tanto percorre trilhos já conhecidos como outros ignorados. Apresenta contributos descritivos mas também problematizadores. É diverso nas perspetivas como nas abordagens. Um conjunto de narrativas, em suma, com afinidades temáticas que conferem ao leitor a possibilidade de aprofundar o seu conhecimento acerca da história da relação que as comunidades costeiras do norte peninsular desenvolveram com o mar, uma das suas matrizes culturais, porventura a mais forte. Nesse sentido é um estudo coletivo que, ao “soltar amarras”, faz bem jus ao título.

JAIME RICARDO GOUVEIA

U. Coimbra, CHSC

jaim.ricardo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2435-7384>



CÂNDIDO, Guida; PERROLAS, Margarida (Coordenação) (2019). *II Encontro de Cultura e Património na Figueira da Foz. Visita Real de 1882*. Figueira da Foz: Município da Figueira da Foz, Cadernos Municipais, 353 pp., ISBN: 978-989-8903-13-6.

Na génese deste livro encontram-se as comunicações apresentadas no *II Encontro de Cultura e Património na Figueira da Foz. Visita Real de 1882*, realizado em 2018. Enquadrada pelas comemorações do Ano Europeu do Património, a iniciativa científica teve como mote a visita dos monarcas, D. Luís e D. Maria Pia, para a inauguração da linha férrea da Beira Alta, a 3 de Agosto de 1882. Considerada ao tempo a via férrea de ligação à Europa, a Linha da Beira Alta ajudou a desenvolver o turismo local e contribuiu para conferir prestígio à Figueira da Foz como estância balnear. O tema, pela sua relevância e interesse, mobilizou investigadores de várias áreas do saber em torno do impacto social desse acontecimento.

Com cerca de 350 páginas, o livro *II Encontro de Cultura e Património na Figueira da Foz. Visita Real de 1882* foi coordenado pelas técnicas superiores da edilidade figueirense, Margarida Perrolas e Guida Cândido. Este é constituído por um conjunto de onze textos, nos quais se abordam questões políticas, socioeconómicas e culturais da vida da cidade, em meados de Oitocentos, tendo-se recorrido à interdisciplinaridade, à multiplicidade de fontes historiográficas, às diacronias alargadas.

O livro divide-se em quatro partes, precedidas por um texto introdutório da autoria do Presidente da Câmara figueirense. “A vida política, económica, social e cultural na Figueira da Foz no último quartel do século XIX”, “A importância turística e comercial da Linha de Caminho-de-ferro da Beira Alta”, “Comunicação e imprensa na Figueira da Foz durante a visita real de 1882” e “Festas, banquetes e manifestações alimentares na Figueira da Foz no último quartel do século XIX” são os grandes temas que segmentam a obra.

No primeiro eixo temático, o mais longo, abordam-se várias questões que enquadram o período em causa, entendido como um tempo de modernidade, de inovação científica e tecnológica, de que a via férrea constitui um expoente.

Este abre com um texto de Bruno S. Lobo sobre a arquitetura do Bairro Novo de Santa Catarina, desde o ano de 1861, data da fundação da sua empresa construtora, até 1918, ano em que se regulamenta a utilização do betão armado na construção civil (pp. 17-53). Com base, sobretudo, em documentos do Arquivo de Obras Camarário, o autor caracteriza o comprador tipo e a arquitetura do edificado. Define-a como corrente, o que a distancia da arquitetura

de veraneio de outras estâncias balneares da época, nacionais ou estrangeiras, de *chalets* e palacetes, sendo a exceção representada pelo Castelo Engenheiro Silva, sobre o qual discorre. Conclui apelando ao reforço do estudo arquitectónico do Bairro Novo, em particular “no que concerne aos espaços interiores e decorativos” (p. 49).

Irene Vaquinhas aborda a Figueira da Foz da *belle époque*, expressão que se aplica aos últimos anos do século XIX até ao início da I Grande Guerra, associados a uma “certa docura e alegria de viver”, pelo menos para as elites (pp. 87-109). Reconstitui o dia-a-dia na época balnear e percorre os locais frequentados, as atividades realizadas ou as músicas escutadas, analisando o ambiente recreativo da cidade, muito polarizado em torno do Grande Casino Peninsular, inaugurado em 1895 e divulgado como o “*rendez vous da sociedade elegante*”. Conclui que “[...] a cidade garantia, nos últimos anos do século XIX e inícios do século XX, condições de requinte e de distinção a quem nela veraneava, o que contribuiu para a projetar internacionalmente” (p. 105).

Um dia de verão na Figueira da Foz em 1888, contado através de um relato de viagem do romancista Alberto Pimentel, é o tema do texto de Francisco J. C. Velho da Costa (pp. 111-141). Os fragmentos memorialistas selecionados descrevem espaços, o clima e o quotidiano, detendo-se o autor na *movida* da cidade, ou seja, na agitação noturna dos seus “clubes magníficos”, proporcionando um observatório da cidade num momento muito preciso. Pela sua riqueza informativa, o autor deste texto enaltece os diários de viagem como fonte historiográfica, sugerindo uma leitura comparada com relatos similares para se compreender as metamorfoses do “*genius loci*” figueirense (p. 139).

A biografia política do rei D. Luís e do seu reinado (1861-1889) é o tema desenvolvido por Paulo J. Fernandes (pp. 143-165), no qual se analisa o papel do monarca na “definição da modernidade política do nosso país” (p. 144). Nesse sentido, examinam-se os principais eventos do período pós-Regeneração, enquadrando-se a ação do monarca à luz dos poderes constitucionais, concluindo que “D. Luís não se limitou a reinar nem a ser um espetador anónimo do quotidiano político [...]”, tendo sido um personagem com convicções e deixou-as expressas em atos” (p. 165).

Dois dos textos que completam esta parte da obra abordam as filarmónicas locais. O primeiro texto, de Inês M. Jordão e de Carlos E. Batista, traça a biografia de José Augusto Ferreira da Silva, mestre da Filarmónica Figueirense ao tempo da inauguração da Linha da Beira Alta. Através de vários tipos de fontes, os autores reconstituem o seu percurso biográfico e profissional, a atividade como professor de música, em particular como mestre da Filarmónica Figueirense, concluindo pela “necessidade de avançar no estudo da sua obra

e manuscritos” (p. 81).

O texto de Ricardo M. Santos analisa a relação existente entre a fundação da Sociedade Filarmónica 10 de Agosto e o Caminho-de-Ferro da Figueira (pp. 167-197), e traça o quadro de confrontação política existente ao tempo na Filarmónica Figueirense e que conduziu à fundação da Sociedade Filarmónica 10 de Agosto no ano de 1880. Polarizadas entre regeneradores e progressistas, as duas filarmónicas foram palco de conflitos, politicamente aproveitados, mas com impacto cultural e cívico, “consolidando o seu papel ao serviço da comunidade” (p. 194).

O segundo eixo temático do volume é constituído por um texto de Hugo Silveira Pereira sobre “A visão do outro sobre a Visita Real de 1882” (pp. 201-225). Trata-se do polaco Bronislaw Wolowski que integrou o séquito dos monarcas e que deixou registo escrito dos acontecimentos, dos locais, das pessoas e dos costumes por onde passou ou que conheceu, conciliando elementos informativos com impressões subjetivas. O acolhimento popular aos monarcas singulariza-se, na opinião de Hugo S. Pereira, pelo facto de “fornecer uma visão externa dos acontecimentos” (p. 208), pouco coincidente com as descrições críticas da imprensa do tempo, balizadas pelo prisma ideológico e político.

No 3º núcleo da obra, Guida Cândido reflete sobre a fotografia como fonte histórica e os potenciais riscos da sua instrumentalização. Interroga as fronteiras entre história e ficção e entre veracidade e falsidade na construção do saber histórico, tomando como estudo de caso fotografias da inauguração da Linha da Beira Alta, disponíveis no Arquivo Fotográfico Municipal (pp. 229-251). As comemorações desse evento permitiram revisitá-lo e desfazer “um equívoco histórico” (p. 247) associado a uma foto identificada como retratando a chegada da família real à estação de caminho de ferro da Figueira da Foz.

A última parte desta obra é constituída por três textos sobre a gastronomia e as artes da mesa. O primeiro, da autoria de Ana Marques Pereira, aborda a divulgação do serviço à russa no reinado de D. Luís (pp. 255-289). Partindo da definição do conceito de “serviço à russa”, o qual se aplica, *grosso modo*, à apresentação sequencial das iguarias à mesa, por oposição ao “serviço à francesa” que impunha a visualização simultânea de todos os pratos, a autora discorre sobre as alterações que implicou no serviço à mesa e nos hábitos alimentares, em particular na exigência de menus. Considerado pela autora “uma revolução na arte da cozinha e da mesa” (p. 287), o serviço à russa divulgou-se, no nosso país, nos anos 1880, primeiro na casa real e depois em hotéis e restaurantes.

O segundo texto, de Guida Cândido, versa as refeições da família real, detendo-se no almoço oferecido pela edilidade figueirense, aquando da inauguração

da linha da Beira Alta. Os alimentos consumidos, as influências gastronómicas internacionais, tanto a francesa como a italiana, o gosto pelas *pastas e pelas charlottes*, os menus dos banquetes... O próprio *lunch* na Casa do Paço reflete esses gostos, estando a cozinha local reduzida às “sardinhas da costa”.

O estudo intitulado “A restauração ferroviária na inauguração da Linha da Beira Alta” (pp. 313-350), da autoria de Isabel Drumond Braga, fecha o volume. As estações de caminho de ferro estão no centro da modernidade oitocentista, associadas ao desenvolvimento das comunicações e ao aumento das práticas turísticas, sendo os seus restaurantes geralmente entregues a *buffetiers* estrangeiros, executantes de uma cozinha de matriz francesa. Acompanhando o percurso da linha da Beira Alta, a autora analisa e contextualiza, em termos históricos, os menus, a influência da cozinha internacional versus cozinha local, a disposição dos convivas à mesa, as regras do protocolo. Na sua opinião, uma das “mais significativas alterações no campo da hotelaria deu-se com a criação da restauração ferroviária” (p. 341), espaço de afirmação da cozinha regional.

Em suma: trata-se de uma obra sólida, densa de informação, original e inspiradora de outras tantas leituras e pistas para a continuidade de um debate que está longe de estar encerrado. Será lida com prazer e proveito por todos quantos se interessam pelo desenvolvimento local e a sua fundamentação histórica, pela história do município figueirense, da cultura e, no fundo, pela história global.

IRENE VAQUINHAS  
CHSC, Universidade de Coimbra  
irenemcv@fl.uc.pt  
<https://orcid.org/0000-0003-1889-165X>

Dumitru, Diana (2016). *The State, Antisemitism and Collaboration in the Holocaust. The Borderlands of Romania and the Soviet Union.* Cambridge University Press. 268 pp., ISBN 9781107131965.

The last of the three monographs written by Diana Dumitru, in five years from its initial publication remains a capital input to the politically uncomfortable topic of antisemitism in Romania, Bessarabia, and Transnistria before and during the Second World War. The book brings forth the antisemitic nature of the nation-building process in the Eastern European states in the interwar period. Diana Dumitru obtained her Ph.D. from the State University of Moldova “Ion Creanga”, where she is now an associate professor, and benefited from prestigious grants at the United States Holocaust Memorial Museum and at the International Institute for Holocaust Research. Much of the documentation for the current book originates from her research in these institutions.

In six chapters the book follows the metamorphoses in the anti-Jewish feelings in the Romanian Kingdom and in the Soviet Union (specifically in Ukraine and Transnistria, republics inhabited by 90% the Russian Jewry) since the beginning of the long twentieth century. The study is remarkable through the comparative dimension allowed by its topic. Both regions, once part of the Russian Empire with its discriminatory ethnic and religious policies and state-supported anti-Semitism, reflected by frequent pogroms, interdictions for Jews to engage in multiple professions, to own land, or even displace from the “pale of settlement” have shown a quantifiably different code of civil behavior during the holocaust. Secondly, it represents a considerable contribution to the research of the potential of a political administration to influence inter-ethnic relations within a society. Its sources are outstanding in their liveliness. The main sources of information are the interviews with the survivors, autobiographical material, NKVD arrest protocols, and Romanian police reports as well as on reports of the advancing German army. The sources allow the author to introduce hundreds of concrete examples of social relationships shaping the character of that time, giving a human dimension to the research on these tragic events. In conducting quantitative research, Dr. Dumitru made use of statistic methods and of qualitative research to integrate the experiences of the survivors on a steep grading scale. The biggest methodological achievement of this book, however, is the scrupulous and doubting analysis of all sources, taking into account the fallacies of the interviewees’ memories, and the political engagement of police investigations and protocols.

As mentioned above, the focal point of the book is the fact that the inter-

action between the Jewish and the non-Jewish population (neighbors, co-villagers) has been different in regions previously subject to Soviet rule and those under other administration. Based on a vast amount of research, the author argues that “the Soviet civilians generally did not participate in anti-Jewish violence, unlike the populations of neighboring Eastern European territories” (DUMITRU 2016: 2). The goal is the research of the *de facto* egalitarian Soviet system as a successful mechanism for the integration of Russian Jewry. The focus on civilians’ behavior guarantees the fact that the study is not an ordinary political history, and rather a horizontal than a vertical history. The comparison between the ethnic policies of the Soviet Union and of Romania proves the constructible nature of antisemitism.

A critique that can be brought upon the monograph is the scarceness of the attempt to integrate and contextualize this phenomenon within the Eastern European picture. Integration is however not entirely absent, a comparison with the Lithuanian situation is being made, and the study itself echoing the transregional research of J. Kopstein and J. Wittenberg proving the increased degree of tolerance on behalf of Eastern European communist communities (KOPSTEIN & WITTENBERG 2011).

In her chronological narrative, the author shows great awareness of the Romanian interwar realities, at the same time making incursions into the Russian culture, displaying the stereotypes regarding the Jewish people in the writings of Gogol and Dostoevsky. The antisemitism of Romanian intellectuals was rooted in eugenics popular in a generation “lost” to the ethnic cleansing and nationalism of the 1930s. The author convincingly shows the importance of the intellectuals’ fascist tendencies as the instigator of social opinion, as opposed to the role of politicians’ antisemitism (DUMITRU 2016: 60). Other listed sources for Romanian antisemitism are the perception of social inequality and based on the interviews, the peasantry’s discontent with the discrepancy between the urbanized Jewish bourgeoisie and the hardships of traditional lifestyle.

In Romania, the universities and high schools were places where antisemitism was propagated by the supporters of the “Cuzist” party—the National Christian Party lead by A. C. Cuza and Octavian Goga party. The pre-War process of national consolidation in Romania was fearful of national minorities, and the national press was highly xenophobic (DUMITRU 2016: 55). Organized banditry was then excused by the “Cuzists”. The book offers remarkable details concerning the gradual consolidation of Jewish self-defense and “exclusion of Jews from the mental map of the community”, and the legitimization of mass antisemitism, which leads to the consequent aggression on behalf of the civil

population during the Holocaust. Bessarabia, the territory in the discussion, represents a separate case in the history of the Romanian Holocaust since it was inhabited by almost double as many Jews as in the rest of Romania (7,2%/4%), despite its smaller territory.

The means and subject of propaganda in both regions are considered of the highest importance in the search for the explanation of different mentalities. Soviet methods of propaganda among the rural population included the construction of lecture houses, the institution of workers' clubs, of Marxist circles with the purpose to eradicate illiteracy, and where lectures aimed specifically against antisemitism were held. As of 1927, repressive methods of struggle against the instigators of pogroms were applied, with archival evidence of the population's awareness of the punishment available. Another instrument of directed political propaganda was the introduction in the political sphere of Yiddish, spoken by many members of the Central Committee. Although not the topic of the current book, the high participation rate of Russian Jews in the Revolutionary movement and its consequent high rate of inclusion in the administrative apparatus is mentioned as further stimuli for the eradication of antisemitism. Already in the 1920s, as a result of the inclusion of Jews in the social, economic and political life of the country, their complete integration into the educational system, and the impending secularization of the Jewish community, the percentage of intermarriage of ethnic Jews with representatives of other communities reached 40%. Due to this fact, antisemitism transitioned from an ethnic to a political category (DUMITRU 2016: 104-106). The ethnic or national issue was reduced to almost a non-existent one.

The soviet propaganda mechanism included targeted publication activity which lowered anti-Jewish feelings and the anti-Judaic rhetoric through contesting and ridiculing, cinematographic representations of the proletarian Jews. The Soviet national policy of the first decade promoted "compensatory nation-building" for previously discriminated national minorities.<sup>1</sup> The chapters of the book polemicize with various explanations of the different civil behavior, one of which is the relative economic homogeneity of the Soviet population. The explanation is immediately deemed blatantly insufficient, just as the explanation of pogroms as "socially sanctioned violence" becoming the norm under German or Romanian administration does not explain the different reaction of civilians to the German call for actions. At the same time, the nationalistic policy of the occupational administration in Transnistria was significantly less effective in the multiethnic Soviet society, as opposed to the already Romanized Bessarabia with a lesser percentage of ethnic minorities (DUMITRU 2016: 185). Besides,

<sup>1</sup> As per Yuri Slezkine (1994).

proof of pre-War organized sabotage actions, which envisaged the possibility of spreading through recruited locals the “idea of collective defense against the Judaic danger” by the secret service of Romania in Bessarabia is shown based on archival materials (DUMITRU 2016: 157). In Transnistria, however, the public display of the atrocities of the occupational German and Romanian armies made the population turn against them and show solidarity with the persecuted, despite the severity of the punishment. The argument of the book itself is shaky in explaining the stance of the Soviet-German population, which quickly went under German command. This topic is briefly discussed by the author herself and obviously requires further research.

The definitive conclusion and the most important analytic outcome of the book are asserting in a highly convincing manner the significance and effectiveness of “policies of integration, affirmative action and negative sanctions” in eradicating antisemitism, and as mentioned above, the constructible nature of anti-Semitic prejudices (DUMITRU 2016: 235).

## Bibliography

- DUMITRU, Diana (2016). *The State, Antisemitism and Collaboration in the Holocaust. The Borderlands of Romania and the Soviet Union*. Cambridge University Press.
- KOPSTEIN, Jeffrey & WITTENBERG, Jason (2011). “Deadly Communities: Local Political Milieus and the Persecution of Jews in Occupied Poland”. *Comparative Political Studies* 44, 259-283.
- SLEZKINE, Yuri (1994). “The USSR as a Communal Apartment, or How a Socialist State Promoted Ethnic Particularism”. *Slavic Review*, vol. 53, no. 2, 414–452.

ANNA GUBOGLO

CEI-IUL/ISUCIC

University of Vienna, PhD student at the Institute for East European History

anna.gub31@mail.ru

<https://orcid.org/0000-0001-8265-3010>

ZIZEK, Slavoj (2016). *A Europa à deriva. A verdade sobre a crise de refugiados e o terrorismo*. Lisboa: Objectiva, 150 pp., ISBN 978-989-665-073-5.

As inúmeras interrogações que a maioria dos cidadãos do mundo, com destaque para os europeus e os africanos, têm atualmente sobre a questão dos refugiados que assolam diariamente o continente europeu tendo como porta de entrada o norte do continente africano podem encontrar respostas na presente obra de Slavoj Zizek<sup>1</sup>, um dos filósofos europeus mais controversos da atualidade, que se propõe a uma reflexão crítica sobre aquilo que o próprio defende ser a verdade sobre a *crise de refugiados e o terrorismo*, que ameaça a Europa, continente e instituição. Com tradução de Jorge Pereira Pires, embarcamos numa viagem que visa, acima de tudo, mostrar a real causa do continente estar numa condição, considerada pelo autor de “deriva”, ou seja, num processo de deslocação não controlada que, a continuar, corre o risco de naufragar.

A condição de docente universitário, académico e pesquisador não coibiu o autor de contornar o formalismo académico e ortodoxo que caracteriza essas instituições, e optar por uma linguagem mais fluida, porém cuidada, de modo a que a obra possa ser lida pelo público em geral, opção que não retira a sua qualidade e científicidade, dado o apurado trabalho de análise apresentado estar assente em bibliografia especializada. Frontal e sem rodeios, Zizek procura assim, através do presente ensaio político-ideológico, “despertar” os europeus no geral, e os líderes em particular, para o perigo da realidade que o ocidente, numa perspetiva macro, a Europa numa perspetiva meso e os europeus numa perspetiva micro, estão a viver.

O autor começa por refletir sobre o conceito de violência, estabelecendo um dualismo entre aquela que é imposta à Europa pelo extremismo islâmico, bem como pelo afluxo descontrolado de refugiados à procura da “terra prometida”, e aquela que grassa pela maioria dos países do Terceiro Mundo, no qual cita como exemplos a República Democrática do Congo (RDC), o Afeganistão, a Síria, o Iraque e o Líbano. A designação Terceiro Mundo, em detrimento de países em desenvolvimento reforça a posição do autor em relação à real situação que se vive naqueles países: pobreza, miséria extrema,

<sup>1</sup> Slavoj Zizek nasceu em 21 de Março de 1949. É psicanalista, filósofo, professor e investigador do Instituto de Sociologia e Filosofia da Universidade de Liubliana, na Eslovénia. É professor visitante na New School for Social Research, em Nova York. Em língua portuguesa publicou *Bem-Vindo ao Deserto do Real, Elogio da Intolerância, As Metástases do Gozo, A Subjectividade por Vir, A Monstruosidade de Cristo, o Sujeito Incômodo, Violência, A Europa à Deriva* para citar apenas estes.

exclusão, desigualdades, corrupção, violência..., mantendo as suas populações em condições de vida desumanas, das quais tentam escapar, em busca do “sonho europeu”.

E o que o continente, de um modo geral, tem feito, não só pela salvaguarda e garantia dos Direitos Humanos, mas sobretudo porque não sabe como lidar com a situação, é acolher esses refugiados, sem refletir e debater sobre as causas reais que levam estes imigrantes a calcorrear terra e mar em busca de um sonho que, para a maioria, não se irá realizar, resultando em sentimentos generalizados de frustração. Daí que, defende o autor, “é preciso mais do que o patético espetáculo da solidariedade de todos nós” (p. 9) para resolver o problema.

Para Zizek, a questão e o perigo não estão na imigração muçulmana ou de outra parte do mundo. O principal responsável que todos tentam acobertar é o capitalismo feroz que se apoderou dos humanos e que “triunfou em todo o planeta” (p. 23) e cuja dinâmica está a ameaçar os modos de vida na sua globalidade. Para o enfrentar, o autor defende a reinvenção do comunismo. De igual modo, identifica quatro antagonismos fortes que podem ajudar a travar a sua reprodução indefinida, nomeadamente: 1) Catástrofe ecológica; 2) Inadequação da propriedade privada para a propriedade intelectual; 3) Novos desenvolvimentos técnico-científicos; 4) Novas formas de *Apartheid*, os novos muros e bairros de lata, “o fosso que separa os excluídos dos incluídos” (p. 132). A característica dos três primeiros reside na partilha do nosso ser social “comum”: da cultura, natureza exterior, natureza interna (herança biogenética da humanidade), ou seja, questões de sobrevivência da humanidade. E é essa referência ao “comum” que justifica o ressurgimento da noção de comunismo, por se tratar de uma “questão de justiça” (p. 136).

O autor advoga que os intelectuais da esquerda têm estado à espera de um “novo agente revolucionário” (p. 136) porém, defende que apenas “a nossa livre decisão de agir contra a necessidade histórica” (p. 137), ou por outras palavras, o “puro voluntarismo”, o pode fazer. Para o efeito, “há toda uma série de tabus de esquerda que terão que ser abandonados” (p. 21) pelo continente, nomeadamente: 1) o discurso de vitimização por parte dos imigrantes; 2) o reconhecimento da responsabilidade do continente pela situação de que os refugiados tentam escapar; 3) defesa, sem imposições, do modo de vida europeu; 4) o “medo patológico” (p. 25) do islão; 5) representação dos islamitas como fanáticos irracionais pré-modernos.

Intervenientes que lidam com a questão, de uma forma geral (políticos, serviços públicos, militares, proteção civil...), têm aqui mais um leque de propostas para serem, pelo menos, debatidas, pois, ainda que pareçam utó-

icas, não deixam de ser propostas e, como todas, devem igualmente ser tidas em consideração. Em que medida estas fazem sentido ou despertam a atenção? Isso depende da própria abertura e consciência dos europeus em geral, na aceitação da sua responsabilidade para com o problema, bem como a disposição para abdicarem de certos privilégios que são sustentados em detrimento dos outros. Ao mesmo tempo, o livro ainda pode influenciar, de um modo geral, os cidadãos dos países em desenvolvimento, com destaque para aqueles mencionados na obra, de onde são originários grande parte dos refugiados, no sentido de se unirem numa espécie de luta global contra o capitalismo total, fortalecendo deste modo, as fileiras da oposição.

Face a uma situação de crise económica, de rutura social iminente, aumento do extremismo (da direita), vácuo ideológico, é preciso entender que o ocidente também tem direito a preservar os seus valores e modos de vida e a sua identidade, daí a sua preocupação para com o futuro próximo que se avizinha. O autor não é ingênuo e sabe que se não ocorrer uma união de esforços generalizada em prol de uma “luta universal” (p. 127) que se apresenta com consequências não só ideológicas, mas sobretudo económicas, sociais e políticas “então estamos realmente perdidos e merecemos estar perdidos” (p. 142). E Zizek acredita que é possível se houver “uma coordenação e organização em larga escala” (p. 122), em que os militares se apresentam como os únicos capazes de o fazer, dada a sua característica organizada e coerente de trabalhar.

Em suma, este livro oferece uma provocativa contribuição para se compreender, analisar, interpretar e apresentar possíveis propostas para a resolução da questão dos refugiados que tem afetado a sociedade europeia, sendo igualmente responsabilizada pela desordem e o caos instalado. A partir desta, outras preocupações podem igualmente ser colocadas em cima da mesa, debatidas e analisadas, tais como a situação económica e social dos países em desenvolvimento, a dependência pós-colonial destes países, as novas formas de escravatura e de *Apartheid* instaladas, a sustentabilidade do planeta, entre outras. Quer estejamos ou não de acordo com as propostas apresentadas pelo autor, podemos sempre debatê-las, argumentar e propor alternativas que nos pareçam mais viáveis e menos utópicas, mais pragmáticas e menos teóricas, e acima de tudo, sustentáveis. Uma leitura mais do que necessária na construção de novos alicerces para o futuro.

ERMELINDA LIBERATO

CEI-IUL/ISUCIC

ermelinda.liberato@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9857-4269>



# **NOTÍCIAS**



## **Workshop Os Mesteres na Cidade Medieval Portuguesa**

### **6 de maio de 2020**

Na manhã de 6 de maio de 2020, realizou-se o Workshop *Os Mesteres na Cidade Medieval Portuguesa*, organizado por Maria Amélia Campos, no âmbito da disciplina de Seminário de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, numa parceria entre o Centro de História da Sociedade e da Cultura (CHSC), o Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes (DHEEAA) e o Projeto de Investigação MEDCRAFTS – *A Regulamentação dos Mesteres em Portugal na Baixa Idade Média* (PTDC/HAR-HIS/031427/2017). Esta reunião científica, pensada para decorrer presencialmente na Faculdade de Letras de Coimbra, perante o contexto de pandemia por COVID-19 e as medidas de confinamento domiciliário, foi convertida em videoconferência e transmitida, em direto, no canal *Youtube* do referido projeto.

Na abertura das atividades, participaram a organizadora e o Prof. Doutor João Gouveia Monteiro, na condição de professores da disciplina de Seminário de História (turma S3), a Prof.<sup>a</sup> Doutora Irene Vaquinhas, coordenadora científica do CHSC e o Prof. Doutor João Paulo Avelãs Nunes, diretor do DHEEAA.

Em representação do núcleo de investigação de Coimbra do projeto MEDCRAFTS, a sua coordenadora, a Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena da Cruz Coelho deu as boas vindas a todos e apresentou a Prof.<sup>a</sup> Doutora Amélia Aguiar Andrade (U. Nova de Lisboa, IEM) que proferiu a conferência inaugural subordinada ao tema “Lisboa, cidade de muitos e desvairados mesteres”.

Os trabalhos prosseguiram com a dinamização de uma Mesa Redonda, moderada pelo Prof. Doutor Arnaldo Melo (U. Minho, Lab2PT), investigador responsável pelo projeto MEDCRAFTS, na qual foram apresentadas comunicações sobre cidades de Norte a Sul de Portugal, vocacionadas para o estudo dos mesteirais portugueses nas diferentes dimensões da sua atuação na cidade. Na primeira parte, Raquel Oliveira Martins (U. Minho, Lab2PT) dedicou-se ao estudo d’ “Os mesteirais e os seus representantes nas vereações concelhias bracarenses no século XV” e Joana Sequeira (U. Porto, CITCEM) ocupou-se d’ “A regulamentação dos ofícios do setor têxtil nas cidades medievais portuguesas”. Já na segunda parte, Ana Rita Rocha (U. Coimbra, CHSC) expôs a sua análise em torno d’ “As confrarias de mesteres no contexto assistencial de Coimbra (séculos XII a XV)”, Rodolfo Feio (U. Coimbra, CHSC) apresentou a sua comunicação intitulada “Porque lhes foy querrellado que os meesteiraees: algumas considerações sobre mesteres nas Posturas Antigas de Évora” e, concentrando-se no território algarvio, Gonçalo Melo da Silva (U.

Nova de Lisboa, IEM) apresentou o estudo “Os mesteres nas vilas e cidades portuárias do Algarve nos finais da Idade Média: uma primeira abordagem”.

A assistir ao evento, a organização contou com 20 participantes permanentes na videoconferência Colibri-Zoom, em que se reuniram os alunos da disciplina e alguns dos investigadores do projeto. A acompanhar o direto transmitido no Youtube, a organização identificou uma média de cerca de 55 assistentes permanentes, entre as 9.30 e as 13.30 horas. No final da Mesa Redonda, de ambos os lados da assistência, foram colocadas questões que permitiram animar um profícuo debate e diálogo científico, fundamental para a valorização de todo o trabalho realizado e para o aprofundamento de alguns dos temas abordados.

Num contexto tão triste como o da pandemia que atravessamos neste ano de 2020, marcado pelo quotidiano de teletrabalho, a possibilidade de disfrutar de uma manhã tão estimulante como a deste 6 de maio, transformou-se numa grata satisfação. Por isso, a organização agradece muito a todas as instituições e pessoas que o permitiram!

MARIA AMÉLIA ÁLVARO DE CAMPOS

Universidade de Coimbra, CHSC

[melicampos@gmail.com](mailto:melicampos@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-3131-7356>

**Congresso Internacional Salvador da Baía *O governo dos Bispos nas dioceses do Império Ultramarino Português*. Universidade Federal de Salvador da Bahia, 24 e 25 de outubro de 2019**

Nos dias 24 e 25 de outubro de 2019 decorreu na Universidade Federal de Salvador da Bahia o congresso internacional “O governo dos Bispos nas dioceses do Império Ultramarino Português, da Ásia à América 1514-1750”, que reuniu investigadores pertencentes ao projeto ReligionAGE, além de outros contributos, como os de Juliana Torres (Universidade Federal da Baía), Anna Karolina Siqueira (Universidade Federal de Minas Gerais), Luiz Lopes (Instituto Federal de Brasília) e Vanessa Cerqueira Teixeira (Universidade Federal de Ouro Preto).

O projeto ReligionAJE congrega dezanove investigadores, filiados em universidades do Brasil e Europa, com o propósito de estudar a ação episcopal no Império Ultramarino Português que neste encontro puderam apresentar e debater propostas em três simpósios temáticos: a) dinâmicas de atuação episcopal; b) administração episcopal: estruturas e rede de agentes; c) relações de impacto com as populações e com outros poderes responsáveis pela difusão e vigilância do catolicismo.

No simpósio “Dinâmicas de atuação episcopal” houve uma maior incidência em estudos de caso sobre a atuação de algumas figuras do episcopólogo ultramarino. José Pedro Paiva (Universidade de Coimbra) falou sobre “o primeiro bispo católico a governar uma diocese na Ásia: D. Juan de Albuquerque, bispo de Goa (1537-1553)”; Juliana Torres (Universidade Federal da Baía) apresentou “conversão e correção na obra do arcebispo de Goa Gaspar de Leão (1558-1576)”; Bruno Costa (Universidade da Madeira) apresentou um estudo sobre o episcopado de D. Jerónimo Fernando, bispo do Funchal (1619-1650); Gabriela Nóbrega (Universidade de Coimbra) debruçou-se sobre “D. Frei Francisco dos Mártires (1636-1652): um arcebispo em tempo de mudança”; Matilde Santos proferiu a comunicação intitulada “Vigiar e disciplinar os fiéis: o governo episcopal da diocese de Cabo Verde por D. Frei Vitoriano Portuense”; Pollyana Muniz (Universidade Federal do Maranhão) abordou o tema “D. Fr. Timóteo do Sacramento e o Juízo da Coroa: administração diocesana, reforma de costumes e conflito de jurisdições no bispado do Maranhão (1697-1714)”; Ellen Luz (École Nationale des Chartes/ENS-Paris) dissipou sobre “D. Luís Álvares de Figueiredo (1725-1735): um arcebispo jacobeu na Bahia colonial?”; e Anna Karolina Siqueira afrontou o tópico “Religiosidade, política e educação na diocese de Mariana”.

No segundo simpósio, “Administração episcopal: estruturas e rede de agentes”, procurou-se compreender a forma como se foram impondo, no espaço e no tempo, as estruturas que garantiram a efetivação do controlo social e religioso e do poder episcopal. Esta parte abriu com a comunicação de Jaime Gouveia (Universidade de Coimbra): “*Cujus regio, ejus religio*. A criação de uma diocese portuguesa nos reinos do Congo e Angola e a acção dos primeiros bispos, 1596-1642”. Seguiram-se as intervenções de Daniel Norte Giebels (Universidade de Coimbra): “A presença portuguesa da Igreja nas praças portuguesas no Magrebe (1537-1769)”; Jairzinho Pereira (Universidade de Lovaina): “Trento protelado: o governo episcopal e os projetos de fundação do seminário diocesano em Cabo Verde (1570-1866)”; Luiz Lopes (Instituto Federal de Brasília): “Ascensão no clero, obstrução na Inquisição: membros de cabidos e de vigararias-gerais reprovados no Tribunal do Santo Ofício português”; Gustavo Santos (Universidade Federal de Pernambuco): “Vigararias da Vara: funcionamento e localização de um importante órgão da justiça eclesiástica na diocese de Pernambuco (1676-1750)”; Aldair Rodrigues (UNICAMP): “Dinâmicas de interação entre visitas pastorais e auditórios eclesiásticos nos bispados do centro-sul do Brasil (Século XVIII)”; Kevin Carreira Soares (Instituto de Ciências Sociais/UL): “As implicações da privação de côngruas para o governo e provimento dos bispos asiáticos (c.1558-1668)”; e Vanessa Cerqueira Teixeira (Universidade Federal de Ouro Preto): “O fenômeno confrarial no bispado de Mariana: dinâmicas e conflitos nas Minas setecentistas”.

No terceiro e último Simpósio procurou-se fornecer um enquadramento das relações dos bispos com outros centros de poder com os quais agiam em complementaridade ou conflito. Foram oradores Evergton Sales de Souza (Universidade Federal da Bahia): “Sobre o padroado na América portuguesa”; Ediana Mendes (Universidade Federal da Baía): “O exercício do poder episcopal nas Juntas das Missões. os casos da Bahia, de Pernambuco e do Rio de Janeiro (séculos XVII-XVIII)”; Michelle Brito (Universidade Federal de São Paulo): “Um bispo missionário para São Paulo: política episcopal e as missões indígenas do clero secular na comarca diocesana paulista (1680-1700)”; Ana Ruas Alves: “Diplomacia ou conflito? Relações entre o arcebispo de Goa e o rei (1721-1750)”; Miguel Rodrigues Lourenço (Universidade Nova de Lisboa/CHAM): “Episcopado, distância e conversão. Na raiz da especificidade dos comissários do Santo Ofício no Estado da Índia”; e António Vitor Ribeiro (Universidade de Coimbra): “O escravo como cristão: os bispos e a doutrinação dos escravos (1680-1750)”.

Tratando-se de uma área ainda largamente inexplorada, com investigações

com grande originalidade, as conclusões apresentadas foram naturalmente alvo de um alargado debate por parte de todos os investigadores presentes.

ANTONIO VITOR RIBEIRO

Universidade de Coimbra

avs.ribeiro@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6584-4149/>



## Colóquio e Exposição Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz.

Decorreu em 2019 a celebração dos 125 anos de existência do Museu Municipal Santos Rocha. Para comemorar este aniversário o Município da Figueira da Foz<sup>1</sup> desenvolveu um conjunto de iniciativas durante o ano, entre as quais um colóquio e uma exposição.

Através da exposição pretendeu-se refletir sobre a ação do fundador e patrono do Museu Municipal, nomeadamente no que diz respeito às realidades arqueológicas e aos territórios da Figueira da Foz, desde as origens até à época contemporânea.

O colóquio realizou-se nos dias 21 e 22 de novembro, com a parceria do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, e colaboração de diversas entidades. Teve lugar uma conferência proferida por orador convidado: Gonzalo Ruiz Zapatero<sup>2</sup> e foi enriquecido com comunicações e pósteres. De seguida, apresenta-se o programa completo do evento.

**Painel I – Santos Rocha, vida e obra.** Inclui a Sociedade Arqueológica da Figueira.

- Hacer arqueología hoy: investigación, difusión y defensa del rigor e independencia disciplinar. Gonzalo Ruiz Zapatero;
- Santos Rocha, um arqueólogo de corpo inteiro. Monumentos megalíticos da Figueira e sua protecção. Raquel Vilaça e Ana Ferreira;
- Entre cortesia e partilha científica: as moldagens arqueológicas oferecidas por Nery Delgado ao Museu Municipal Santos Rocha (1894). José M. Brandão;
- Considerações sobre o papel da Geologia e seus atores no universo arqueológico figueirense de António dos Santos Rocha. Pedro M. Callapez, José M. Brandão, Miguel de Carvalho, Pedro Dinis, Ricardo Pimentel, José Soares Pinto, Rodrigo Pinto, P. Santarém Andrade, Luís Simões.
- Visita às exposições temporárias *Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz* e *Fragmentos da história do carvão e do cimento no Cabo Mondego*.

<sup>1</sup> Departamento de Cultura e Turismo – Divisão de Cultura, com coordenação de Margarida Perrolas e Ana Margarida Ferreira.

<sup>2</sup> Gonzalo Ruiz Zapatero, Catedrático de Pré-história na Universidade Complutense de Madrid, onde ensina Arqueologia e Pré-História desde 1978. Preside à Sociedade Espanhola de História da Arqueologia (SEHA).

**Painel II – Sítios e materiais arqueológicos representados nas coleções do Museu Municipal Santos Rocha, provenientes do concelho da Figueira da Foz, de qualquer parte de Portugal ou do estrangeiro.**

- Os ocupantes dos monumentos megalíticos da região da Figueira da Foz escavados por Santos Rocha: o que os seus restos ósseos nos revelam. Ana Maria Silva;
- Santos Rocha e a Anta da Capela de Santo Amaro. A calote com evidências de trepanação. Carlos Didelet;
- O Dólmen do Cabeço dos Moinhos (Serra da Boa Viagem, Figueira a Foz): contributos para o estudo das práticas funerárias pré-históricas. Ana M. S. Bettencourt, Ana Maria Silva;
- Os cacos, sempre os cacos... Notas sobre a produção cerâmica em Santa Olaia na Idade do Ferro. Sara Oliveira Almeida, Maria Isabel Prudêncio, Rosa Marques, M. Isabel Dias, Dulce Russo;
- Sobre as mais antigas mós circulares rotativas no Ocidente da Península Ibérica: os trabalhos de Santos Rocha nos sítios do baixo Mondego (Santa Olaia e Crasto de Tavarede). Carlos Fabião;
- Os textos clássicos e a faixa costeira da Lusitânia Setentrional: um tópico revisitado. Amílcar Guerra;
- Um farol romano na Foz do Mondego?. Vasco Mantas.

**Painel III – Arqueologia e património industrial do concelho da Figueira da Foz.**

- Materiais (Arqueológicos) para a História da Figueira nos séculos XVIII e XIX. José Ricardo Nóbrega;
- A exploração da Mina Cabo Mondego: breve apontamento sobre um património degradado. José Soares Pinto, Pedro M. Callapez, José M. Brandão e Rodrigo Pinto;
- The attempted introduction of pumping technology at the Buarcos coal mine: an ambition of the superintendent, and travelled mineralogist, Bonifácio de Andrade (Portugal, early 19th century). José M. Brandão, Robert Vernon;
- Sobre a importância da ocorrência de celestite no Cabo Mondego: singularidade, importância científica e implicações materiais. José Soares Pinto, Ricardo Pimentel.

## Pósteres

- Contributos para o estudo do depósito metálico de Espite (Ourém). Pietro Musso Mack, Xosé-Lois Armada e Raquel Vilaça;
- Um punhal de cobre esquecido, um sítio (re)encontrado: Loriga (Alhadas de Baixo, Figueira da Foz). Ana Rita dos Santos Pereira, Carlo Bottaini e Raquel Vilaça;
- Contributo para o estudo da ocupação pré-histórica da Figueira da Foz: "A estação humana do Arneiro". Carlos Batista;
- Elementos para o estudo da ocupação romana na foz do Mondego. Marco Penajoia;
- A Fauna de Santa Olaia. Rodrigo Pinto;
- O Contributo da Fotogrametria no Registo Arqueológico: o caso de estudo da muralha Nascente do Forte de St.<sup>a</sup> Catarina (Figueira da Foz). Bruno Freitas e Marco Penajoia;
- Do Cabo Mondego à Estação da CP – António da Silva Guimarães e a Linha do Americano. Inês Pinto e Ana Domingues;
- R. Laidlaw & Son, Glasgow – O contributo direto da diversificação dos investimentos britânicos no estrangeiro, a partir de 1880, para a modernização urbana da Figueira da Foz. José Ricardo Nóbrega e Cláudia Figueira.

## Excursão científica

- Santa Olaia – Visita guiada por Marco Penajoia;
- Dólmen das Carniçosas – Visita guiada por Carlos Batista;
- Cabo Mondego – Visita guiada por Pedro Callapez e José M. Soares Pinto.

## Comissão de Honra

Adília Alarcão, António Ferreira Soares, Isabel Pereira, Jorge de Alarcão, Jorge Paiva, José Manuel Brandão, José Morais Arnaud e Luís Raposo.

## Comissão Científica

António Campar de Almeida, Amílcar Guerra, Carlos Fabião, Helena Catarino, Pedro Callapez, Raquel Vilaça, José Manuel Soares Pinto, Rui Parreira, Teresa Gonçalves e Thierry Aubry.

Ficou patente com estes dois eventos a importância da ação de Santos Rocha na Arqueologia portuguesa, através de uma caracterização mais atua-

lizada do território figueirense. Esta passou por estudar a sua evolução em tempos pré-históricos e históricos, abrangendo a geologia e a geomorfologia, nomeadamente a evolução do estuário do rio Mondego. Neste sentido foi possível reunir na exposição e incorporar no acervo do Museu, espólios pertencentes ao território do Município, que se encontram dispersos, como aqueles que resultaram dos acompanhamentos arqueológicos das grandes obras públicas. E ainda dar a conhecer os novos espólios e as novas descobertas da arqueologia figueirense.

A Carta Arqueológica Municipal foi e é um instrumento crucial para a revisão do PDM e que deu o mote para as novas descobertas. Não foi esquecida a valência da arqueologia industrial, nomeadamente o complexo industrial do Cabo Mondego. Neste caso recorreu-se ao filme, à fotografia, ao documento de arquivo, à pesquisa na imprensa, recolha de paisagens sonoras e testemunhos orais. Finalmente, pretendeu-se dar um cunho digital à exposição e ao museu por via de uma maqueta interativa, que resume e dá um amplo espectro de entendimento da arqueologia figueirense ao visitante.

No decorrer de 2020 será publicado o Livro do Colóquio e o Catálogo da Exposição.

MARCO PENAJOIA

MMSR | Universidade de Coimbra, CHSC

arqueologia.museu@cm-figfoz.pt | penajoia@fl.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0001-9898-2062>

**Provas de Qualificação, Teses de Doutoramento  
e/ou 3º Ciclo e Dissertações / Relatórios de Mestrado  
e /ou de 2º Ciclo orientadas ou coorientadas  
por investigadores do CHSC em 2019-2020**

Esta rúbrica tem por objetivo disponibilizar informação relativa a Provas de Qualificação, Teses de Doutoramento e/ou de 3º Ciclo e Dissertações/ Relatórios de Mestrado e/ou de 2º Ciclo orientadas ou coorientadas por investigadores do Centro de História da Sociedade e da Cultura, apresentadas e aprovadas no período compreendido entre 1 de Setembro de 2019 e 31 de Julho de 2020.

As referências vão ordenadas, dentro de cada tipo de prova, pela data da sua realização.

***Teses de Doutoramento (3º Ciclo)***

**Doutoramento (3º Ciclo) em: História**

Autor: Ana Rita Saraiva da Rocha

Título: *A assistência em Coimbra na Idade Média. Dimensão urbana, religiosa e socioeconómica (sécs. XII a XVI)*

Especialidade: História Medieval

Data das provas: 16 de setembro de 2019

Instituição: Universidade de Coimbra

Orientador: Maria Helena da Cruz Coelho

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

URL: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/88788>

**Doutoramento (3º Ciclo) em: História**

Autor: Cristóvão José da Silva da Mata

Título: *A Casa de Aveiro na Constelação dos Poderes Senhoriais: Estruturas de Domínio e Redes Clientelares*

Especialidade: História Moderna

Data das provas: 25 de novembro de 2019

Instituição: Universidade de Coimbra

Orientador: Maria Margarida Sobral da Silva Neto

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**Doutoramento (3º Ciclo) em: História**

Autor: Dina Catarina Alves

Título: *Violência, criminalidade e justiça em sociedades rurais na Época Moderna: o concelho de Óbidos, 1736-1806*

Especialidade: História Moderna

Data das provas: 6 de fevereiro de 2020

Instituição: Universidade de Coimbra

Orientador: Maria Margarida Sobral da Silva Neto

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**Doutoramento (3º Ciclo) em: História**

Autor: Maristela Piva

Título: *"A dissolução da conjugalidade no Rio Grande do Sul (1965-2015): a transição histórica do "até que a morte os separe" para "até que o mal-estar os divorcie"*

Especialidade: Relações Sociais

Data das provas: 22 de julho de 2020

Orientador: Janaína Rigo Santin

Instituição: Universidade de Passo Fundo (Brasil)

Coorientador: Irene Vaquinhas

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**Doutoramento (3º Ciclo) em: História**

Autor: Priscilla Pinheiro Quintino

Título: *Das brumas de além-mar. A influência do mito identitário português na construção sociocultural do sertão nordestino*

Especialidade: História da Idade Média

Data das provas: 27 de julho de 2020

Orientador: Maria Alegria Fernandes Marques

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coorientador: Ana Paula Torres Megiani

Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Brasil)

### ***Provas de Qualificação (3º Ciclo)***

#### **Provas de Qualificação de Doutorado em História da Educação**

Autor: Mariana Vieira Sarache

Título: *Os conceitos de representação e cultura presentes no conto de Chaucer e sua relação com a formação digital e escolar*

Especialidade: História da Educação Medieval

Data das provas: 11 de setembro de 2019

Orientador: Terezinha Oliveira

Instituição: Universidade Estadual de Maringá (UEM) (Brasil)

#### **Provas de Qualificação de Doutorado em História da Educação**

Autor: Viviane de Oliveira

Título: *Sensus communis: uma concepção de educação em Leonardo da Vinci*

Especialidade: História da Educação Medieval

Data das provas: 11 de setembro de 2019

Orientador: Terezinha Oliveira

Instituição: Universidade Estadual de Maringá (UEM) (Brasil)

#### **Provas de Qualificação de Doutorado em História**

Autor: Maristela Piva

Título: *A dissolução da conjugalidade (1965-2015): Análise histórica sobre a reconfiguração da família no Rio Grande do Sul*

Especialidade: Relações Sociais

Data das provas: 23 de outubro de 2019

Orientador: Janaína Rigo Santin

Instituição: Universidade de Passo Fundo (Brasil)

Coorientador: Irene Vaquinhas

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

#### **Provas de Qualificação (3º Ciclo) em: História**

Autor: Mariana Ramos Fonseca

Título: *O Colégio das Artes de Coimbra: a instituição, as pessoas e o meio (1710-1837)*

Especialidade: História Moderna

Data das provas: 4 de fevereiro de 2020

Orientador: Maria Antónia Lopes

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**Provas de Qualificação (3º Ciclo) em: História**

Autor: Carolina de Moraes Souza

Título: *Os discursos antilusitanistas na formação da identidade nacional brasileira (1890-1930)*

Especialidade: História Contemporânea

Data das provas: 4 de fevereiro de 2020

Orientador: Maria Antónia Lopes

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**Provas de Qualificação (3º Ciclo) em: História**

Autor: José Luís Barbosa

Título: *O modelo de financiamento da Universidade de Coimbra (1772 - 1836)*

Especialidade: História Moderna

Data das provas: 6 de fevereiro de 2020

Orientador: Maria Margarida Sobral da Silva Neto

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**Provas de Qualificação (3º Ciclo) em: História**

Autor: João Pedro Gomes Paiva

Título: *Corpos Militares de elite durante a Idade Média. Um estudo comparativo*

Especialidade: História da Idade Média

Data das provas: 10 de fevereiro de 2020

Orientador: João Gouveia Monteiro

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**Provas de Qualificação de Doutorado em História da Educação**

Autor: Cláudia Justus Torres

Título: *O intelecto humano como condição de civilidade: Tomás de Aquino e o ensino*

Especialidade: História da Educação Medieval

Data das provas: 30 de abril de 2020

Orientador: Terezinha Oliveira

Instituição: Universidade Estadual de Maringá (UEM) (Brasil)

## **Mestrado (e/ou de 2º Ciclo)**

### **2º Ciclo (Mestrado): Relações Internacionais**

Autor: Katsiaryna Fedatsenka

Título: *A organização e atividade das Nações Unidas na manutenção da paz e da segurança: cooperação e competição com a UE*

Especialidade: Relações Internacionais

Data das provas: 10 de setembro de 2019

Orientador: António Manuel Fernandes da Silva Ribeiro

Instituição: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

### **2º Ciclo (Mestrado): Ensino de História no 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário**

Autor: Valério Nuno Silva Santos

Título: *Viagens pela minha terra. As visitas de estudo no contexto da História Local e Regional*

Especialidade: Ensino de História/Formação de professores

Data das provas: 30 de setembro de 2019

Orientador: Ana Isabel Sampaio Ribeiro

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coorientador: Sara Dias Trindade

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

### **2º Ciclo (Mestrado): Ensino de História no 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário**

Autor: Pedro Miguel Soares Gomes Semedo

Título: *A Google Drive como plataforma educativa*

Data das provas: 8 de outubro de 2019

Orientador: Ana Isabel Sampaio Ribeiro

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coorientador: Sara Dias Trindade

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

### **2º Ciclo (Mestrado): 2º Ciclo em Património Cultural e Museologia**

Autor: Vera Margarida Coimbra de Matos

Título: *O Museu do Caramulo. Constituição do núcleo original da Coleção*

Data das provas: 9 de outubro de 2019

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Orientador: Irene Vaquinhas

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**2º Ciclo (Mestrado): Ensino de História no 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário**

Autor: Cristiana Salomé Teixeira Almeida

Título: *O desenvolvimento da empatia histórica em alunos do 7º ano do 3º ciclo do Ensino Básico*

Data das provas: 14 de outubro de 2019

Orientador: Ana Isabel Sampaio Ribeiro

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coorientador: Sara Dias-Trindade

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**2º Ciclo (Mestrado): Alimentação: Fontes, Cultura e Sociedade**

Autor: Maria João Lagoa

Título: *Alimentação no mosteiro da Batalha no século XIX*

Data das provas: 21 de outubro de 2019

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Orientador: Maria José Azevedo Santos

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**2º Ciclo (Mestrado): Alimentação: Fontes, Cultura e Sociedade**

Autor: Marcela Lima Martins

Título: *A gastronomia. Ensino em Portugal e no Brasil*

Data das provas: 22 de outubro de 2019

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Orientador: Maria José Azevedo Santos

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coorientador: Adília Rita Cabral

Instituição: Escola Superior de Educação de Coimbra / Instituto Politécnico de Coimbra

**2º Ciclo (Mestrado): em Património Europeu e Multimédia e Sociedade de Informação**

Autor: Helena Maria Morgado

Título: *Coimbra e as suas Histórias. Narrativas, Códigos QR e Turismo Cultural Alternativo*

Data das provas: 22 de outubro de 2019

Orientador: Joaquim Ramos de Carvalho

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coorientador: Ana Isabel Sampaio Ribeiro

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

### **2º Ciclo (Mestrado): História Militar**

Autor: Ana Laura de Oliveira Duarte Martins

Título: *Organização militar carolíngia. O exercício da guerra ao tempo de Carlos Magno (768 - 814)*

Especialidade: História Militar

Data das provas: 23 de outubro de 2019

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Orientador: João Gouveia Monteiro

### **2º Ciclo (Mestrado): Ensino da História**

Autor: Pedro Filipe Fernandes Sebastião

Título: *Os conflitos militares no ensino da História portuguesa no 3º ciclo do Ensino Básico – a batalha de S. Mamede (1128), o Cercado de Lisboa (1147) e a Batalha de Aljubarrota (1385)*

Especialidade: Formação de Professores

Data das provas: 25 de outubro de 2019

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Orientador: Ana Isabel Sampaio Ribeiro

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coorientador: João Manuel Filipe de Gouveia Monteiro

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

### **2º Ciclo (Mestrado): 2º Ciclo em Património Cultural e Museologia**

Autor: Ana Filipa Gama Barroso

Título: *Os Jesuítas e a Ciência em Portugal nos Séculos XIX e XX. A História das Coleções do Colégio de São Fiel no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra*

Data das provas: 30 de outubro de 2019

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Orientador: Pedro Casaleiro

Instituição: Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

Coorientador: Irene Vaquinhas

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**2º Ciclo (Mestrado): Ensino de História no 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário**

Autor: Rúben Cardoso Amado Gomes

Título: *Cidadania e o Ensino de História*

Data das provas: 31 de outubro de 2019

Orientador: Ana Isabel Sampaio Ribeiro

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coorientador: Sara Dias-Trindade

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**2º Ciclo (Mestrado): Prova de Qualificação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História**

Autor: Samuel Tolentino da Silva

Título: *As Representações de Saladino na obra de BAHĀ AL-DĪN IBN SHADDĀD (Século XIII)*

Especialidade: História Medieval

Data das provas: novembro de 2019

Instituição: Universidade Federal de Goiás (Brasil)

Orientador: Armênia Maria de Souza

**2º Ciclo (Mestrado): Relações Internacionais**

Autor: Maquilo Jamanca

Título: *Processo de Elaboração do Conceito Estratégico Nacional: o Caso da Guiné Bissau*

Especialidade: Estratégia

Data das provas: 13 de janeiro de 2020

Orientador: António Manuel Fernandes da Silva Ribeiro

Instituição: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

URL: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/19679>

**2º Ciclo (Mestrado): Relações Internacionais**

Autor: Bárbara Sofia Pranto Leão

Título: *O Hoshin Kanri como ferramenta de alinhamento e execução estratégica: o caso da Marinha Portuguesa*

Especialidade: Estratégia

Data das provas: 18 de fevereiro de 2020

Orientador: António Manuel Fernandes da Silva Ribeiro

Instituição: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

de de Lisboa

URL: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/19894>

**2º Ciclo (Mestrado): História**

Autor: Larissa Lais Coelho

Título: *Guilherme de Ockham e o debate sobre a separação dos poderes laico e eclesiástico: reflexões sobre a liberdade do século XIII e XIV*

Especialidade: História da Educação Medieval

Data das provas: 31 de março de 2020

Orientador: Terezinha Oliveira

Instituição: Universidade Estadual de Maringá (UEM) (Brasil)

**2º Ciclo (Mestrado): Relações Internacionais**

Autor: Sara Costa Araújo

Título: *Miopia Estratégica na Corporate Governance*

Especialidade: Estratégia

Data das provas: 5 de maio de 2020

Orientador: António Manuel Fernandes da Silva Ribeiro

Instituição: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

Coorientador: Duarte Manuel Ivens Pitta Ferraz

URL: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/20158>

**2º Ciclo (Mestrado): História**

Autor: Maria Laura Almirão

Título: *Um estudo sobre as raízes da universidade para compreender a UEM: memória e história da educação*

Especialidade: História da Educação Medieval

Data das provas: 29 de abril de 2020

Orientador: Terezinha Oliveira

Instituição: Universidade Estadual de Maringá (UEM) (Brasil)

**2º Ciclo (Mestrado): História**

Autor: Beatriz de Souza Oliveira

Título: *Princípios educativos e formação humana em 'O leal conselheiro': um modelo de espelho de príncipe em Dom Duarte, no século XV português*

Especialidade: História da Educação Medieval

Data das provas: 15 de junho de 2020

Orientador: Terezinha Oliveira

Instituição: Universidade Estadual de Maringá (UEM) (Brasil)

**2º Ciclo (Mestrado): História**

Autor: Patricia Carolina Leprique Torquato

Título: *O reinado de D. Afonso IV (1325-1357) e o desenvolvimento da universidade portuguesa no século XIV: um estudo no Chartularium Universitatis Portugalensis*

Especialidade: História da Educação Medieval

Data das provas: 20 de julho de 2020

Orientador: Terezinha Oliveira

Instituição: Universidade Estadual de Maringá (UEM) (Brasil)

**2º Ciclo (Mestrado): História**

Autor: Marco António Guedes Cosme

Título: *Elites e poder local em Macau (1750-1848). Os Provedores da Santa Casa da Misericórdia*

Especialidade: História Moderna

Data das provas: 29 de julho de 2020

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Orientador: Maria Antónia Lopes

**2º Ciclo (Mestrado): História**

Autor: Joana Rita dos Anjos Costa

Título: *Subsídios de lactação e Assistência aos Expostos no Distrito de Coimbra nos anos de 1884 a 1899*

Especialidade: História Contemporânea

Data das provas: 7 de fevereiro de 2020

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Orientador: Irene Vaquinhas

**2º Ciclo (Mestrado): integrado em Ciências Policiais**

Autor: Nuno Fabrício Catanho Mendonça

Título: *Da actividade das Polícias Municipais: a solicitação para o desempenho de funções exclusivas dos órgãos de Polícia Criminal no COMETLIS*

Especialidade: Ciências Policiais

Data das provas: 03 de junho de 2020

Instituição: ISCPsi – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna [Lisboa]

Orientador: Eurico José Gomes Dias

**2º Ciclo (Mestrado): integrado em Ciências Policiais**

Autor: Ricardo Filipe de Assunção Silva

Título: *A (des)ordem pública na Primeira República (1910-1923): a sobrevivência da Polícia Cívica*

Especialidade: Ciências Policiais

Data das provas: 05 de junho de 2020

Instituição: ISCPSI – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna [Lisboa]

Orientador: Eurico José Gomes Dias

**2º Ciclo (Mestrado): integrado em Ciências Policiais**

Autor: Esmael dos Ramos da Trindade

Título: *A importância das Relações Públicas na promoção da imagem e da identidade na Polícia Nacional de São Tomé e Príncipe: um estudo exploratório*

Especialidade: Ciências Policiais

Data das provas: 05 de junho de 2020

Instituição: ISCPSI – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna [Lisboa]

Orientador: Eurico José Gomes Dias

**2º Ciclo (Mestrado): integrado em Ciências Policiais**

Autor: Crimildo Caetano Damas

Título: *Polícia de Fronteira de Moçambique: o seu contributo para a segurança interna*

Especialidade: Ciências Policiais

Data das provas: 08 de junho de 2020

Instituição: ISCPSI – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna [Lisboa]

Orientador: Eurico José Gomes Dias

**2º Ciclo (Mestrado): Política Cultural Autárquica**

Autor: Alexandre Maximino Oliveira

Título: *Cultura em Condeixa - Estágio na Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova*

Data das provas: 29 de julho de 2020

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Orientador: Maria do Rosário Barbosa Morujão

## Artigos

Como un pollo de golondrina: vejez y masculinidad en la Antigua Roma

SARA CASAMAYOR MANCISIDOR

Colonización y emigración en Pax Iulia

JOSÉ ORTIZ CÓRDOBA

A carreira da Índia e o problema da entrada na barra do rio Tejo: perigos à navegação durante os séculos XVI-XVII

MARCO OLIVEIRA BORGES

Los puertos asturianos en el siglo Ilustrado: el combate contra una debilidad crónica

MANUEL-REYES GARCIA HURTADO

Viúva Mallen e Companhia(s): Mariana Bourgeois, mulher e editora no século XVIII

JOÃO FARIA-FERREIRA

Los mecanismos de la emblemática en Portugal: el camino al Cielo a través de los azulejos de la Igreja de São Salvador de Coimbra

CARMÉ LOPEZ CALDERÓN

Partidos políticos e opinião pública: a luta entre aparelho partidário e caciquismo dentro do Partido Regenerador (1870-1910)

PATRÍCIA GOMES LUCAS

Visões do Império: a coleção fotográfica da brigada de estudo e construção do caminho de ferro de Moçâmedes (c. 1907 – c. 1914)

HUGO SILVEIRA PEREIRA

As condições de vida do operariado bracarense segundo a imprensa (1910-1926)

DÉBORA VAL ESCADAS

Refugiados espanhóis em Castro Laboreiro (1936-1939)

FÁBIO ALEXANDRE FARIA E MARIA JOÃO VAZ

A Arte (Nacional) ao Serviço do Império nas Grandes Exposições do século XX

MARIA JOÃO CASTRO

"Funcionários independentes, honestos e prestigiados, porque assim o exige uma sã burocacia". A situação do funcionalismo e a eficiência da Administração Pública em debate (1945-1967)

ANA CARINA AZEVEDO

A geometria que Almada leu. Fontes bibliográficas para a compreensão do vocabulário geométrico tardio de Almada Negreiros

SIMÃO PALMEIRIM E PEDRO FREITAS

Jornais e lutas políticas na Revolução de Abril

PEDRO MARQUES GOMES

Caderno temático

Introdução. História das Universidades

ARMANDO NORTE

Modus faciendo librum. Escritores, compiladores, traductores y autores del libro manuscrito en la Baja Edad Media e inicios de la Edad Moderna

PABLO ALBERTO MESTRE NAVAS E MARÍA DEL CARMEN ÁLVAREZ MÁRQUEZ

O Rei, a universidade e o "bom regimento dos regnos". A normatização moral do oficialato académico nos estatutos universitários manuelinos (c. 1503)

RUI MIGUEL ROCHA

"Todos os textos de canones...": From the book inventories of the Portuguese studium generale library to the identification of some civil and canon law books

ANDRÉ DE OLIVEIRA LEITÃO

O ensino do Hebraico em Portugal e o seu lugar na humanitas universitária

SOFIA CARDETAS BEATO

A Real Mesa Censória e o Colégio Real dos Nobres da Corte: revisão e censura de um projeto civil, literário e educativo

ANA CRISTINA ARAÚJO

Estudo sobre o modelo de formação dos tradutores do Seminário de S. José de Macau

MINFEN ZHANG

Mobilidade e expertise na contratação dos primeiros professores do Instituto Superior Técnico

ANA CARDOSO DE MATOS E MARIA DA LUZ SAMPAIO

Moral and civism in higher education: a teaching programs analysis of the discipline Brazilian Problems Study at UFPR (1971-1984)

RUDIMAR GOMES BERTOTTI E GISELE RIETOW BERTOTTI

Candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial: processo, protagonistas e princípios

JOANA CAPELA DE CAMPOS



CENTRO DE HISTÓRIA  
DA SOCIEDADE  
E DA CULTURA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

UID/HIS/00311/2020



Governo da República  
Portuguesa

